UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MÁRCIA MONALISA DE MORAIS SOUSA GARCIA

PEDAGOGIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA: UMA ETNOGRAFIA INSTITUCIONAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FORTALEZA
2025

MÁRCIA MONALISA DE MORAIS SOUSA GARCIA

PEDAGOGIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA: UMA ETNOGRAFIA INSTITUCIONAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação. Área de Concentração: Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Alcides Fernando Gussi.

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G21p Garcia, Márcia Monalisa de Morais Sousa.
Pedagogias de Internacionalização Universitária : uma etnografia institucional na Unievrsidade Federal do Ceará / Márcia Monalisa de Morais Sousa Garcia. – 2025.
482 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2025.
Orientação: Prof. Dr. Alcides Fernando Gussi.

1. Educação Superior. 2. Internacionalização. 3. (De)Colonialidade. 4. Etnografia Institucional. I. Título.
CDD 370

MÁRCIA MONALISA DE MORAIS SOUSA GARCIA

PEDAGOGIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA: UMA ETNOGRAFIA INSTITUCIONAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação. Área de Concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em 24/11/2025.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Alcides Fernando Gussi (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

_____

Profª. Drª. Carla Susana Alem Abrantes
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

_____

Profª Drª. Daniela Vanesa Perrota
Universidad Nacional de las Artes de Buenos Aires (UNA)

_____

Prof. Dr. João Colares da Mota Neto
Universidade do Estado do Pará (UEPA)

_____

Profª. Drª. Regina Claudia Laisner
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

À minha família, em especial às minhas meninas, Sophia e Liz, para que saibam que podem chegar a lugares altos.

A todos os povos e culturas que estão imersos na colonialidade do poder, do saber e do ser. Que encontrem coragem e meios de (re)existir e construir outros mundos possíveis.

A todos (as) que acreditam que é possível construir um mundo mais solidário e justo por meio da Educação.

AGRADECIMENTOS

Todas as palavras são insuficientes para demonstrar a gratidão que sinto por todos que me acolheram e tornaram possível a realização desta pesquisa. Apesar de a pesquisa etnográfica ser marcada como uma produção individual, autoral e solitária, eu posso garantir que não construí esta pesquisa sozinha.

Por isso, resgato, aqui, a filosofia africana do "ubuntu", que, em suma, significa "sou o que sou pelo que nós somos", pois eu não poderia realizar este trabalho sem a união, o trabalho conjunto, o apoio e a solidariedade de todos (as) a quem eu imensamente agradeço:

A Deus, que sempre colocou as pessoas certas no meu caminho, que me fortalece e me dá saúde e forças para alcançar os meus sonhos.

Ao meu marido, que ao longo de minha trajetória acadêmica e profissional não somente me apoia, mas me dá todo o suporte necessário para que eu me realize e faça o que eu amo: pesquisar!

Às minhas filhas, por toda a compreensão nos momentos em que eu não pude estar presente, que não pude colocá-las para dormir, que não pude levá-las para passear. Tempo que não volta, mas com a certeza de que contribuí para aprenderem que nós, mulheres, também temos lugar na ciência e podemos chegar a lugares altos.

Aos meus pais, meus irmãos e meu sogros, que foram uma rede de apoio fundamental, me dando o suporte diário para que eu pudesse desenvolver a pesquisa.

Aos meus professores, da vida inteira, que um dia acreditaram em mim e me impulsionaram a crescer, dizendo "essa menina vai longe"! Em especial e de todo meu coração, agradeço ao meu orientador e mentor, Prof. Alcides Fernando Gussi, quem nunca me deixou sentir só ao longo da pesquisa, mesmo estando de licença ou afastado, quem sempre acreditou mais em mim do que eu mesma.

Aos professores, membros da banca, que, com acolhimento e respeito, contribuíram significativamente para o desenvolvimento da pesquisa: a Profª Carla Susana Alem Abrantes, que, por sua experiência na área de Antropologia e de internacionalização no âmbito da UNILAB, contribuiu com essa pesquisa com muita sabedoria, delicadeza, sensibilidade e paciência com essa neófita na área da Antropologia; a Profª Regina Claudia Laisner, pelo conhecimento partilhado na área de políticas públicas e internacionalização regional e por ter me incentivado a fazer o curso de Gestão da Internacionalização das Universidades Latino-Americanas, o qual ampliou os horizontes teóricos da minha pesquisa; o Prof. João Colares da Mota Neto, educador popular, amigo querido desde a UFPA, por toda a sua colaboração,

parceria acadêmica, contribuições sobre gestão da internacionalização e sobre a pedagogia de Paulo Freire; a Profª Daniela Vanesa Perrotta, uma referência nos estudos sobre internacionalização universitária latino-americana e que prontamente se disponibilizou a colaborar com minha pesquisa; e os professores Sylvio de Sousa Gadelha Costa e Rodrigo Otávio Citó César Rego, a quem agradeço por toda partilha e atenção ao longo dessa jornada acadêmica.

Agradeço imensamente ao Prof. Ciro Nogueira Filho, quem verdadeiramente me olhou no meio da correria do dia a dia e se preocupou com minhas multitarefas em meio a um doutorado; quem pegou na minha mão e me coorientou nesta pesquisa.

Aos meus chefes imediatos Carlos Almir Monteiro de Holanda e Fernando Henrique Monteiro Carvalho, que sempre me apoiaram, deram todo o suporte necessário e torceram para que uma servidora técnico-administrativa alcançasse o título de doutorado.

Não posso deixar de mencionar Maria Lúcia Moreira Colaço e Carmen Suzana Lima, que também foram minhas chefes ao longo desse percurso e acompanharam minha trajetória acadêmica desde o mestrado. Devo-lhes profunda gratidão por todo incentivo e apoio.

Aos(às) amigos(as) do trabalho, que sempre me compreenderam, apoiaram e se alegraram com minhas conquistas, especialmente Aline Rodrigues, Débora Ximenes, Jéssica Castro e Pedro Thiago. Obrigada por estarem ao meu lado diante dos desafios cotidianos.

Agradeço também a todos os(as) amigos(as) e vizinhos(as) queridos(as) que, incontáveis vezes, cuidaram das minhas filhas enquanto eu estudava.

Ao amigo Igor Moaco Guerreiro, quem me abriu as portas do Grupo de Pesquisa em Telecomunicações (GTEL).

Expresso minha profunda gratidão ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) pelo acolhimento e formação sólida que me proporcionou ao longo dessa jornada; aos professores do Programa, por todos os ensinamentos que ampliaram meu olhar sobre a educação e a pesquisa; e aos servidores técnico-administrativos do PPGE, a quem dedico todo o meu reconhecimento pela atenção, disponibilidade e apoio constantes, fundamentais para o bom andamento das atividades acadêmicas e administrativas, em especial à minha amiga de longas datas, Ariadina Torres, a quem sou imensamente grata por todo apoio e parcerias acadêmicas, que tanto contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Agradeço ao Memorial da UFC, especialmente à Marcela Teixeira e ao Rafael Vieira, que me acolheram e me ajudaram a desvelar a história da UFC. Gratidão!

Agradeço, de todo coração, a todos(as) que se disponibilizaram a participar desta pesquisa: gestores com quem eu tenho a honra de partilhar o dia a dia da Universidade,

professores e pesquisadores admiráveis, técnicos administrativos em educação e alunos com histórias de vida de lutas e superações, com quem aprendi muito (alguns até se tornaram amigos). Agradeço a coragem de compartilharem suas trajetórias de vida, abrindo seus corações e colaborando para a construção coletiva de políticas de internacionalização mais solidárias.

Ubuntu!

“Enquanto presença na história e no mundo, esperançadamente luto pelo sonho, pela utopia, pela esperança, na perspectiva de uma Pedagogia crítica. E esta não é uma luta vã” (Freire, 2000, p. 116).

RESUMO

Esta pesquisa é resultado de vivências e reflexões coletivas com a comunidade acadêmica da Universidade Federal do Ceará (UFC) sobre seus modos de pensar e fazer internacionalização universitária. A partir de minha inserção como servidora técnico-administrativa no *locus* institucional da Universidade, analiso as trajetórias institucionais da política de internacionalização da UFC, considerando discursos, práticas e experiências de gestores, docentes, técnicos administrativos em educação e discentes envolvidos com esse processo na Universidade por meio de uma etnografia institucional, buscando especificamente: i) investigar os fundamentos epistemológicos e as dinâmicas políticas que orientam a internacionalização da educação superior brasileira; ii) analisar como a política de internacionalização é instituída em distintos contextos políticos-institucionais; iii) compreender como a política de internacionalização é interpretada e ressignificada pelos sujeitos na UFC; e iv) apresentar proposições para o processo de internacionalização da UFC, incluindo possibilidades de uma internacionalização própria e decolonial. Orientada pelas lentes epistemológicas da (de)colonialidade e em referências do Sul Global, e sobretudo na pedagogia de Paulo Freire, realizei a análise de situações sociais em eventos promovidos pela Administração Superior e por dois programas de pós-graduação de diferentes áreas de conhecimento, os quais participaram do CAPES-PrInt, além de análise documental e entrevistas semiestruturadas com sujeitos envolvidos com esse processo na Universidade, as quais resultaram em construções de histórias de vida. Nesse percurso etnográfico, permeado por barreiras, estratégias e sentimentos diversos, identificamos que a internacionalização se constitui em um campo, no sentido bourdesiano, circunscrito por disputas simbólicas e relações de poder que transcendem a Universidade. Nesse campo, coexistem diversos significados e múltiplas pedagogias de internacionalização, resultados de distintas trajetórias político-institucionais, ensejando aprendizagens e novas formas de aprender sobre a universidade, entre a UFC e seus sujeitos e suas relações com o mundo. O trabalho aponta, ainda, possibilidades de se construir pedagogias outras de internacionalização, mais solidárias, horizontais, plurais, simétricas, inclusivas e democráticas, que afirmem a função social da educação pública e produzam ciência a partir do Sul, com o Sul e para o mundo.

Palavras-Chave: educação superior; internacionalização; (de)colonialidade; etnografia institucional.

ABSTRACT

This research is the result of collective experiences and reflections with the academic community of the Federal University of Ceará (UFC) on its ways of thinking and practicing university internationalization. Based on my position as a technical-administrative staff member within the institutional locus of the UFC, I analyze the institutional trajectories of the university's internationalization policy, considering the discourses, practices, and experiences of administrators, professors, technical-administrative staff, and students involved in this process through an institutional ethnography. Specifically, the study seeks to: i) investigate the epistemological foundations and political dynamics that guide the internationalization of Brazilian higher education; ii) analyze how the internationalization policy is instituted in different political and institutional contexts; iii) understand how the policy of internationalization is interpreted and re-signified by actors at UFC; and iv) propose pathways for the internationalization process at UFC, including possibilities for an endogenous and decolonial internationalization. Guided by the epistemological lenses of (de)coloniality, theoretical references from the Global South, and above all, by Paulo Freire's pedagogy, I conducted an analysis of social situations in events promoted by the University Administration and by two graduate programs from different fields of knowledge that participated in the CAPES-PrInt program. This was complemented by document analysis and semi-structured interviews with participants involved in the process, which resulted in the construction of life histories. Throughout this ethnographic Journey, marked by barriers, strategies, and a range of emoticons, we identified that internationalization constitutes a *field*, in the Bourdieusian sense, shaped by symbolic disputes and power relations that transcend the University itself. Within this field, multiple meanings and pedagogies of internationalization coexist, stemming from distinct political and institutional trajectories, generating learning processes and new ways of understanding the university, between UFC, its subjects, and their relations with the world. The study also points to the possibility of constructing alternative pedagogies of internationalization more solidary, horizontal, plural, symmetrical, inclusive, and democratic, that affirm the social function of public education and produce science *from* the South, *with* the South, and *for* the world.

Keywords: higher education; internationalization; (de)coloniality; institutional ethnography.

RESUMEN

Esta investigación es el resultado de vivencias y reflexiones colectivas con la comunidad académica de la Universidad Federal de Ceará (UFC) sobre sus modos de pensar y hacer la internacionalización universitaria. A partir de mi inserción como servidora técnico-administrativa en el locus institucional de la UFC, analizo las trayectorias institucionales de la política de internacionalización de la universidad, considerando los discursos, las prácticas y las experiencias de gestores, docentes, técnicos administrativos en educación y estudiantes involucrados en este proceso mediante una etnografía institucional. En particular, el estudio busca: i) investigar los fundamentos epistemológicos y las dinámicas políticas que orientan la internacionalización de la educación superior brasileña; ii) analizar cómo la política de internacionalización se instituye en distintos contextos político-institucionales; iii) comprender cómo la política de internacionalización es interpretada y resignificada por los sujetos en la UFC; y iv) presentar propuestas para el proceso de internacionalización de la UFC, incluyendo posibilidades de una internacionalización propia y decolonial. Orientada por los lentes epistemológicos de la (de)colonialidad, por referencias del Sur Global y, sobre todo, por la pedagogía de Paulo Freire, realicé el análisis de situaciones sociales en eventos promovidos por la Administración Superior y por dos programas de posgrado de diferentes áreas del conocimiento que participaron en el CAPES-PrInt. Esta investigación se complementó con análisis documental y entrevistas semiestructuradas con sujetos involucrados en este proceso en la Universidad, que resultaron en la construcción de historias de vida. En este recorrido etnográfico, atravesado por barreras, estrategias y diversos sentimientos, identificamos que la internacionalización se constituye en un *campo*, en el sentido bourdieusiano, circunscrito por disputas simbólicas y relaciones de poder que trascienden la Universidad. En dicho campo coexisten múltiples significados y pedagogías de internacionalización, resultantes de distintas trayectorias político-institucionales, generando aprendizajes y nuevas formas de comprender la universidad, entre la UFC, sus sujetos y sus relaciones con el mundo. El trabajo señala, además, las posibilidades de construir otras pedagogías de internacionalización, más solidarias, horizontales, plurales, simétricas, inclusivas y democráticas, que afiancen la función social de la educación pública y produzcan ciencia *desde* el Sur, *con* el Sur y *para* el mundo.

Palabras clave: educación superior; internacionalización; (de)colonialidad; etnografía institucional.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização do Estado do Ceará 40
Figura 2 - Trajetória institucional de uma política 44
Figura 3 - Organograma da UFC 52
Figura 4 - Dimensões da internacionalização na UFC 53
Figura 5 - Caracterização da pesquisa etnográfica 71
Figura 6 - América Invertida 92
Figura 7- Alunos da UFC no Programa Ciência sem Fronteiras (2012-2017). 100
Figura 8 - Rede de colaboração do CAPES-PrInt na UFC 105
Figura 9- Discurso do Ministro da Educação do Brasil durante a abertura da CRES+5 123
Figura 10- Palestra: Oportunidade de estudos nos Estados Unidos 142
Figura 11- Palestra: Oportunidade de estudos no Canadá 143
Figura 12- Europe Road Show 149
Figura 13- Cerimônia de celebração do Acordo de Cooperação entre UFC e Estados Unidos para instalação do escritório Education USA. 161
Figura 14-Assinatura de Convênio entre a UFC e a Embaixada dos Estados Unidos 164
Figura 15- Visita da cônsul-geral da China em Recife à UFC 183
Figura 16- Comentários sobre a inclusão dos TAEs na política de internacionalização. 194
Figura 17- Visita do embaixador de Portugal à UFC 208
Figura 18- Intercâmbio cultural. 209
Figura 19- Estudantes sul-americanos para a Universidade. 209
Figura 20- Viagem do reitor ao estrangeiro. 210
Figura 21- Viajou para os Estados Unidos o Professor Valnir Chagas. 211
Figura 22- Viagem do Magnífico Reitor ao estrangeiro. 211
Figura 23- Curso de línguas. 212
Figura 24- Assinatura do Acordo UFC/MEC/USAID. 213
Figura 25- Visita de professores da Universidade do Arizona após assinatura do convênio em 1963. 214
Figura 26- Bolsas no exterior 217
Figura 27- Cursos de pós-graduação patrocinados pela UNESCO. 217
Figura 28- Reunião do Conselho Universitário que aprovou o Plano de Internacionalização e a criação do Comitê de Internacionalização da UFC 226
Figura 29- Marcos da internacionalização da UFC. 234

Figura 30- Estrutura do GTEL.....245
Figura 31- Ações de extensão com parcerias internacionais em 2025. 294
Figura 32- Interlocutores da pesquisa.....311

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Eventos da Administração Superior 53
Quadro 2 - Evento internacional 55
Quadro 3 - Eventos das unidades acadêmicas 57
Quadro 4 - Documentos analisados 59
Quadro 5 - Relação de sujeitos entrevistados 62
Quadro 6 - Interlocutores e suas histórias de vida. 65
Quadro 7- Estruturação da análise dos dados 68
Quadro 8 - Organização das seções conforme os objetivos da pesquisa 70
Quadro 9 - Características da internacionalização hegemônica e da contra hegemônica 87
Quadro 10- Fundamentos epistemológicos e dinâmicas políticas que orientam a internacionalização universitária brasileira 116
Quadro 11- Eixos temáticos da CRES+5 120
Quadro 12- Gestão da internacionalização da UFC (2019-2025) 200
Quadro 13- Síntese do processo histórico de internacionalização da UFC. 230
Quadro 14-Trajetória histórica da política de internacionalização da UFC. 235
Quadro 15- Práticas de internacionalização do GTEL 268
Quadro 16- Práticas de internacionalização do PPGS 290
Quadro 17- Trajetórias pessoais e experiência com ações de internacionalização. 312
Quadro 18- Concepções sobre a política de internacionalização universitária 323
Quadro 19- Percepções acerca do processo de internacionalização da UFC 347
Quadro 20- Síntese das narrativas dos interlocutores 364
Quadro 21- Síntese da trajetória institucional da política de internacionalização da UFC 371
Quadro 22- Características de uma internacionalização decolonial 388

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPOCS	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
CAFP-BA	Programa de Cooperação Acadêmica Brasil-Argentina
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPES-Global.Edu	Programa Redes para Internacionalização Institucional
CAPES-PrInt	Programa Institucional de Internacionalização da CAPES
CAPES-COFECUB	Programa de Cooperação Franco-Brasileira
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CsF	Programa Ciência sem Fronteiras
DAAD	Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (Deutscher Akademischer Austauschdienst)
DCE	Diretório Central dos Estudantes
DETI	Departamento de Teleinformática
DFATD	Department of Foreign Affairs, Trade and Development (Canadá)
EUA	Estados Unidos
FCT	Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal)
FUNCAP	Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
GTEL	Grupo de Pesquisa em Telecomunicações
IES	Instituições de Ensino Superior
IP	Instituto de Pesquisa
IsF	Programa Idiomas sem Fronteiras
MEC	Ministério da Educação
MINCYT	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação Produtiva (Argentina)
OEA	Organização dos Estados Americanos
OMC	Organização Mundial do Comércio
PAF	Programa ANPOCS-FULBRIGHT
PAI	Programa de Apoio ao Intercambista
PEC-G	Programa de Estudantes-Convênio de Graduação
PEC-PG	Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação
PDIs	Planos de Desenvolvimento Institucional

PPG	Programa de Pós-Graduação
PPGS	Programa de Pós-Graduação em Sociologia
PPGETI	Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Teleinformática
PROGEP	Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação
PRPPG	Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
PROINTER	Pró-Reitoria de Inovação e Relações Interinstitucionais
STI	Superintendência de Tecnologia da Informação
STF	Supremo Tribunal Federal
TAE	Técnico Administrativo em Educação
UNE	União Nacional dos Estudantes
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFC Informa	Secretaria de Comunicação e Marketing Institucional
UFC Infra	Superintendência de Infraestrutura
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
USAID	United States Agency for International Development
UVA	Universidade Vale do Acaraú

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 25

2 CONSTRUINDO UMA ETNOGRAFIA INSTITUCIONAL DA INTERNACIONALIZAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ ... 35

2.1 Situando-me no campo: aproximações e vínculos institucionais 36

2.2 Deixando a comodidade do escritório: outros referenciais epistemológicos, teóricos e metodológicos de pesquisa 41

2.3 Etnografando na Universidade: a escolha do método 47

2.4 O trabalho da aprendiz de antropóloga: estratégias metodológicas 49

2.4.1 Análise de eventos 51

2.4.2 Análise de documentos 58

2.4.3 Diálogo com interlocutores-chave 60

2.4.4 Construção de histórias de vida 64

2.5 Análise e triangulação dos dados 66

3 A INTERNACIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA COMO UM CAMPO DE DISPUTAS SIMBÓLICAS E POLÍTICAS 71

3.1 Notas etnográficas: uma crise de paradigmas, entre a teoria e a empiria 72

3.2 Desvendando o campo de estudos em internacionalização nas universidades: uma revisão de literatura 76

3.3 Paradigmas hegemônicos de internacionalização e a emergência de um campo .. 81

3.4 A internacionalização da educação superior sob as lentes epistemológicas da (de)colonialidade. 88

3.5 Políticas públicas de internacionalização da educação superior no Brasil 94

3.5.1 Programa de Estudantes Convênio de Graduação (PEC-G) e Programa de Estudantes Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG) 95

3.5.2 Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) 97

3.5.3 Programa Idioma sem Fronteiras (IsF) 100

3.5.4 Programa Institucional de Internacionalização (CAPES – PrInt) 103

3.5.5 Programa Universidades e Institutos Empreendedores e Inovadores (Future-se) . 106

3.5.6 Programa Move la América 107

3.5.7 Programa Redes para Internacionalização Institucional (CAPES-Global.Edu) ... 110

3.6 Análise sobre os programas de internacionalização no Brasil à luz da colonialidade 114

3.7 (Re)pensando paradigmas outros para a formulação de políticas de internacionalização a partir da CRES+5 117
4 A GESTÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA DA UFC (2021-2025) 128
4.1 Notas etnográficas: "Vestida" de servidora ou de pesquisadora? Meu(s) lugare(s) na pesquisa. 129
4.2 Gestão da Internacionalização na UFC (2021-2023) 134
4.2.1 Vendendo sonhos 139
4.2.2 Uma internacionalização empreendedora 153
4.2.3 Um símbolo dos Estados Unidos na UFC 159
4.3 Gestão da Internacionalização na UFC (2023-2025) 168
4.3.1 Mapeando territórios 174
4.3.2 Um símbolo da China na UFC 180
4.3.3 A internacionalização da UFC como um processo liminar 184
4.3.4 Entre fortalezas e desafios institucionais: olhando para dentro 191
4.4 Diplomacias do saber: análise das situações sociais 195
5 "O UNIVERSAL PELO REGIONAL": A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ . 202
5.1 Notas etnográficas: Viajando no tempo por meio de documentos históricos..... 203
5.2 Um resgate histórico sobre a formação de um pensamento institucional voltado à internacionalização na Universidade Federal do Ceará (1954 a 1967)..... 205
5.3 A expansão da dimensão internacional na Universidade Federal do Ceará (1970 a 1990) 216
5.4 A consolidação de uma política de internacionalização na Universidade Federal do Ceará (2000 a 2025) 219
5.5 A trajetória histórica da política de internacionalização da Universidade Federal do Ceará 230
6 PEDAGOGIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ 236
6.1 Notas etnográficas: uma estrangeira em minha própria universidade 237
6.2 A experiência do Grupo de Pesquisa em Telecomunicações sem Fio (GTEL) ... 242
6.2.1 Existe um primeiro mundo no GTEL 244
6.2.2 Aprendendo como ser "um ponto fora da curva" 249
6.2.3 Experiências em internacionalização: aprendendo com os pesquisadores 254
6.2.4 Do GTEL para o mundo: a trajetória de Alex e o dilema da fuga de cérebros 258
6.2.5 Uma cultura de internacionalização estabelecida: análise das situações sociais ... 267
6.3 A experiência do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS)..... 270
6.3.1 Em busca da mobilidade acadêmica: aprendendo com Flávio 273
6.3.2 Linguagens de resistência: aprendendo com Andile 278

6.3.3 Construindo um currículo decolonial **285**
6.3.4 Movimentos de insurgência: análise das situações sociais **290**
6.4 A experiência do Programa de Apoio ao Intercambista (PAI) **292**
6.4.1 Pode o subalterno criar (uma política)? **295**
6.4.2 A construção coletiva de uma cultura de acolhimento na UFC **298**
6.4.3 Internacionalização de baixo para cima: a institucionalização do PAI como política contra hegemônica **304**
6.4.4 O que podemos aprender com o PAI? **305**
6.5 A internacionalização da UFC: pedagogias, diversidades e diferenças **307**
7 NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ **309**
7.1 Trajetórias pessoais e experiências com ações de internacionalização **312**
7.2 Concepções sobre a política de internacionalização universitária **322**
7.3 Percepções sobre o processo de internacionalização da UFC **347**
7.4 Entre narrativas e experiências: uma síntese da política de internacionalização e suas ressignificações **363**
8 ANÁLISE DA TRAJETÓRIA INSTITUCIONAL DA POLÍTICA DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFC **370**
9 CONSTRUINDO PEDAGOGIAS OUTRAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA **382**
9.1 Em busca de outras pedagogias de internacionalização a partir de um pensamento institucional crítico, decolonial e solidário. **383**
9.2 Como "sulear" a internacionalização universitária? **387**
9.3 Tecendo pedagogias outras para uma internacionalização própria e decolonial na Universidade Federal do Ceará **393**
9.3.1 Proposições para a estrutura administrativa da gestão da internacionalização da UFC **394**
9.3.2 Proposições para a insuficiência de recursos para financiamento de políticas de internacionalização. **397**
9.3.3 Proposições para o enfrentamento à hegemonia de relações e cooperações com instituições e países do Norte Global. **399**
9.3.4 Proposições para o enfrentamento da invisibilidade de cooperações com o Sul Global na UFC **403**
9.3.5 Proposições para a falta de reciprocidade nas relações internacionais. **405**
9.3.6 Proposições para a superação das dificuldades linguísticas **406**
9.3.7 Proposições para o enfrentamento das assimetrias no desenvolvimento de ações de internacionalização dos Programas de Pós-Graduação da UFC **410**
9.3.8 Proposições para a melhoria na infraestrutura da Universidade, sobretudo para um melhor acolhimento dos estrangeiros. **411**
9.3.9 Proposições para uma maior interlocução entre a PROINTER e a comunidade acadêmica. **414**

9.3.10 Proposições para a padronização dos processos de gestão da internacionalização da UFC **416**

9.4 Notas Finais: lições para o momento e o porvir **419**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **420**

REFERÊNCIAS **426**

APÊNDICE A – PESQUISAS SOBRE INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO **458**

APÊNDICE B – PESQUISAS SOBRE INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NA UFC **470**

APÊNDICE C – CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFC PARTICIPANTES DO CAPES-PRINT (2018 - 2024) **471**

APÊNDICE D – PROGRAMAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO COORDENADOS PELA CAPES VIGENTES ATÉ 2025 ..... **474**

APÊNDICE E – VAGAS OFERTADAS PELA UFC AO PROGRAMA MOVE LA AMÉRICA **480**

APÊNDICE F - EQUIPAMENTOS INSTITUCIONAIS VOLTADOS À INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFC ATÉ 2025 ..... **483**

APÊNDICE G – ROTEIRO DE ENTREVISTAS **485**

APRESENTAÇÃO

Escrever esta tese foi como uma viagem para mim, no sentido metafórico do termo. Uma viagem em busca de conhecimentos, do antes desconhecido, daquilo que eu entendia que precisava ser desvelado, experienciado, apreendido, vivido. Uma aventura antropológica pelo campo do saber, que exigiu desta pesquisadora neófita em Antropologia coragem para enfrentar riscos, resiliência para lidar com portas fechadas e com sentimentos diversos e, em um exercício de alteridade, para acolher as variadas experiências que cruzaram meu caminho.

A Universidade Federal do Ceará (UFC) é o ponto de partida e de chegada desta viagem. Criada em 16 de dezembro de 1954, situada no estado do Ceará, na região Nordeste do Brasil, a UFC é uma instituição pública que carrega sete décadas de história, composta por uma grande comunidade acadêmica formada por cerca de 45 mil pessoas entre estudantes, docentes, técnicos administrativos e terceirizados, e marcada por muitas conquistas, desafios e contradições. Nesse sentido, a UFC não aparece aqui apenas como objeto de estudo, mas como território vivo, tecido de histórias, memórias e, obviamente, de disputas políticas, onde o saber nunca é, está sempre sendo (Freire, 2001).

A escolha do tema "internacionalização universitária" foi construída a partir de observações e inquietações que me acompanham desde 2011, quando entrei na UFC como servidora técnico-administrativa. Essas inquietações me levaram a refletir, nesta tese, sobre os sentidos da internacionalização e sobre como ela se articula com processos históricos, políticos, culturais e relações de poder que ultrapassam as fronteiras institucionais.

Para empreender essa viagem, desci do Gabinete da Reitoria, onde trabalho desde 2012, para a sala de aula. Deixei "a comodidade do escritório", como diz Guber (2001, p. 4), a fim de desbravar esse *locus* institucional heterogêneo, plural e diverso que é a universidade. Nesse percurso, conheci realidades completamente diferentes dentro da mesma universidade; conheci pessoas diversas, com sotaques variados, de diferentes partes do Brasil e do mundo, cada qual trazendo consigo histórias singulares; vivenciei outras culturas universitárias, que me convidaram a rever meu próprio lugar dentro da

instituição. Retornei à minha realidade, ao meu dia a dia de servidora técnico-administrativa, com um novo olhar, "enriquecida", como diz Arias (2010, p. 359), seja pelos novos conhecimentos apreendidos, seja pela riqueza de aprendizados obtidos em variados encontros durante a pesquisa de campo.

Ao longo desse percurso, aprendi que a internacionalização, enquanto política universitária, não se desenvolve de modo único e linear. Pelo contrário, é atravessada por múltiplas concepções, tensionada por disputas e relações de poder que ultrapassam os limites da própria instituição, conformando o que Gussi (2008) denominou "trajetória institucional", isto é, o modo como uma política é incorporada e ressignificada à medida que é colocada em prática por distintos sujeitos e espaços institucionais.

Assim, ao longo dessa viagem, conheci diversos modos de se pensar e fazer internacionalização, o que denomino aqui de "pedagogias". A escolha do termo "pedagogias de internacionalização" para o título desta tese decorre do entendimento de que não existe uma única forma de se pensar e fazer a internacionalização universitária, mas uma diversidade de concepções, práticas e aprendizagens.

Para além disso, compreendemos que a internacionalização não se restringe a um meio utilizado para aumentar as notas dos programas de pós-graduação diante da política de avaliação da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) ou para elevar o desempenho das universidades no sistema de ranqueamento universitário mundial. O uso do termo "pedagogias" baseia-se na perspectiva freireana de uma educação como prática dialógica, crítica e libertadora, que entende a internacionalização como um conjunto de ações que contribuem para ampliar a formação humana e se constituem como possibilidade de ser uma prática libertadora das lógicas instituídas de poder (Freire, 2020).

Trata-se de "pedagogias" também porque a construção desta tese é resultado de inúmeros aprendizados obtidos tanto de minhas experiências em campo, quanto das experiências dos sujeitos; aprendizados entre o vivido e o narrado, como propõe Gussi (2005), evocando, portanto, uma série de conhecimentos sobre a internacionalização universitária, gerados a partir do diálogo com o outro, da partilha de suas trajetórias e histórias de vida, de suas lutas, vivências, pensamentos, sentimentos e de seus modos próprios de saber, ser, ensinar e aprender, constituindo-se em pedagogias.

A tese que segue é, portanto, resultado de reflexões coletivas, tecidas em encontros e construção de conhecimentos com a comunidade universitária, por meio das quais compartilho a experiência de conhecer distintas pedagogias de internacionalização existentes na UFC, as quais foram possíveis de desvelar por meio de uma pesquisa etnográfica que viabilizou construir e analisar as trajetórias da internacionalização na Universidade a partir das lentes epistemológicas da (de)colonialidade, um conceito fundante para compreendermos como se processam as relações internacionais em instituições de educação superior.

As análises e discussões desenvolvidas neste trabalho ensejam um desejo utópico de que haja uma transformação não somente nos modos de pensar, mas de se fazer internacionalização na UFC, que viabilizem construir pedagogias de solidariedade. E que essa utopia seja possível não somente na UFC, mas em outras universidades latino-americanas e no mundo.

1 INTRODUÇÃO

> "Quanto mais enraizado na minha localidade, tanto mais possibilidades tenho de me espraiar, me mundializar. Ninguém se torna local a partir do universal. O caminho existencial é inverso" (Freire, 2001, p. 25).

Inspirada em Freire (2001), para desenvolver esta tese, enraizei-me em minha localidade, mais especificamente em meu local de trabalho, em busca de compreender como ocorre o processo de internacionalização da Universidade Federal do Ceará (UFC), instituição pública, criada em 16 de dezembro de 1954, com sete décadas de história, situada no estado do Ceará, na região Nordeste do Brasil.

Por trabalhar como assessora executiva no Gabinete da Reitoria desde 2012, desde então, meu olhar sobre a Universidade estava, em grande medida, limitado ao universo da Administração Superior, responsável por gerir e definir a política universitária (UFC, 2024). Assim, desci do Gabinete para a sala de aula a fim de adentrar em outros espaços da Universidade e compreender como, de fato, a política de internacionalização acontece.

Nessa travessia, aprendi que a internacionalização universitária, tema desta tese, não é linear, mas sofre transformações de sentidos à medida que é colocada em prática por distintos sujeitos e em diferentes espaços institucionais, conformando o que Gussi (2008) denominou "trajetória institucional".

Por meio da trajetória institucional (Gussi, 2008), foi possível compreender que a política pode até ser planejada no Gabinete, mas é nos entremeios institucionais, nos centros e unidades acadêmicas, nos departamentos, na sala de aula e demais atividades acadêmicas cotidianas que ela realmente acontece, é colocada em prática, reinterpretada, ressignificada, modificada, transformada por distintos sujeitos, que compreendem a política a partir de suas próprias visões de mundo e experiências e, a partir disso, constroem seus modos próprios de ensinar, aprender e pesquisar, na sua relação com o mundo.

A partir dessas descobertas, parto da premissa de que a internacionalização universitária, como procuro demonstrar nesta tese, pode ser compreendida no marco do que Bourdieu (2004, p. 29) denomina de "campo", um espaço estruturado por posições de poder e disputas simbólicas, objeto de luta "tanto em sua representação, quanto em sua realidade", suscetível a sofrer transformação de sentidos pelos sujeitos envolvidos com essas políticas no âmbito universitário. Nessa perspectiva, a internacionalização não se apresenta como um processo linear ou consensual, mas como uma arena em constante movimento, na qual se disputam diferentes sentidos.

A fim de compreender se como esse campo se manifesta na UFC, meu olhar foi guiado pelas seguintes questões: Como a internacionalização da educação superior tem sido compreendida e praticada no *locus* institucional da UFC? Que fundamentos políticos e epistemológicos orientam a política de internacionalização da UFC? Como os sujeitos pensam, experienciam e instituem valores, conceitos e representações em torno da internacionalização na UFC em distintos contextos e espaços institucionais?

Assim, instigada a compreender, de forma mais aprofundada, os movimentos institucionais que tencionam tornar a Universidade internacionalizada, nesta tese**,** analiso as trajetórias da política de internacionalização da UFC a partir de discursos, práticas e experiências de gestores, pesquisadores, técnicos administrativos em educação e discentes envolvidos com esse processo na Universidade, por meio de uma etnografia institucional.

Especificamente, busco: i) investigar os fundamentos epistemológicos e as dinâmicas políticas que orientam a política de internacionalização da educação superior brasileira; ii) analisar como a política de internacionalização é instituída em distintos contextos político-institucionais; iii) compreender como a política de internacionalização é ressignificada por distintos sujeitos na UFC; e iv) apresentar proposições para o processo de internacionalização da UFC, incluindo possibilidades de uma internacionalização própria e decolonial.

Trata-se da construção de uma teia de significados, como propôs Geertz (1989), sobre a internacionalização da UFC a partir de seus próprios sujeitos, considerando os contextos e as especificidades onde a política se desenvolve, conectando

a ação, seja por meio de palavras ou de atos, a seus sentidos atribuídos pelos sujeitos (Peirano, 2002).

Pensar a internacionalização da educação superior a partir da UFC, uma universidade situada na periferia[1] do Brasil, é de significativa relevância para os estudos sobre internacionalização universitária. Isto porque a maioria das pesquisas no Brasil e as universidades que "mais se destacam" em internacionalização estão concentradas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil (Castro; Maués; Andrade, 2023). Além disso, em um nível macro, as múltiplas concepções acerca da internacionalização, bem como as políticas propostas sobre o tema são pensadas pelo e para o Norte Global, retratando, assim, a existência de uma assimetria no campo da internacionalização, o que compreendo ser resultado da perpetuação de um padrão, que remete, historicamente, à colonialidade de poderes e saberes (Quijano, 2005).

Por essas razões, esta tese configura-se, por si só, como um estudo na contra hegemonia geopolítica dos estudos sobre internacionalização. Desse modo, advogo[2] que não se pode compreender a internacionalização da educação superior sem considerar a perspectiva colonial em que o conhecimento produzido pelas universidades está circunscrito, fazendo como que a ciência e as instituições de ensino superior (IES) sejam tanto produtos quanto produtoras da colonialidade.

Seguindo um caminho diverso, problematizo a internacionalização a partir de uma perspectiva crítica e decolonial[3], um olhar que foi sendo construído ao longo da

[1] Ao discutirem os significados de "periferia", Latorre e Crăciun (2023) entendem que o termo situa lugares alijados do centro geográfico e/ou imaginário, a exemplo das cidades ou regiões que estão distantes dos centros de desenvolvimento e instituições distanciadas dos centros de produção de conhecimento, como no caso da UFC, universidade situada tanto na periferia do Brasil, quanto em relação ao mundo.

[2] Digo "advogo" porque em algum momento da pesquisa, como alertou Agier (2015), o etnólogo se torna advogado de uma causa, principalmente quando nos encontramos implicados na pesquisa.

[3] Faz-se necessário conceituar e justificar o uso do termo "decolonial" nesta tese, tendo em vista a existência de outros termos relacionados às formas de dominação colonial, como "contracolonial", "anticolonial" e "pós-colonial". O "decolonial" consiste em uma perspectiva teórica desenvolvida a partir dos anos 1980, especialmente por autores latino-americanos, como Aníbal Quijano, Edgardo Lander e Catherine Walsh, cujo foco não está apenas no colonialismo, mas na colonialidade, isto é, nos padrões de poder, saber e ser que, mesmo após as independências, continuam reproduzindo hierarquias eurocêntricas. Considerando que esta tese se sustenta na teoria antropológica, buscando a diversidade de discursos, saberes e práticas na universidade, compreende-se que o uso do termo "decolonial" é o mais apropriado, pois busca abrir espaço para outras formas de conhecimento. Por sua vez, o "contracolonial" refere-se às resistências ao processo de colonização, protagonizadas por povos indígenas e africanos desde o início da conquista, por meio de insurreições, fugas, quilombos e outras práticas de oposição (Santos, 2023). O "anticolonial" emerge sobretudo entre as décadas de 1930 e 1970, vinculado às lutas de libertação nacional e independência

pesquisa de campo, sobretudo após participar da "Diplomatura en Gestión de la Internacionalización Unieversitária Latinoamericana"[4], um curso de extensão realizado de agosto de 2023 a outubro de 2024 e organizado por três redes universitárias latino-americanas: a Red de Investigadores y Gestores de Internacionalización de la Educación Superior en América Latina (REDALINT)[5], a Red Internacional de Cooperación Académica (Red COMPA)[6] e a Red de Investigadoras y Gestoras en Internacionalización de la Educación Superior AbyaYala (RIGIES Abya-Yala)[7].

O curso teve como objetivo desenvolver atividades de promoção, formação e pesquisa sobre processos de internacionalização universitária a partir de uma perspectiva regional latino-americana. Para participar, submeti-me a um processo seletivo para o qual se inscreveram mais de 400 pessoas de diferentes países da América Latina, sendo selecionadas 208 pessoas. Do total de selecionados, 30 eram brasileiros situados principalmente no Sul e Sudeste do Brasil e 3 do Ceará, contando comigo. Entretanto, dos 30 brasileiros, apenas 9 concluíram o curso, sendo apenas eu do Ceará[8].

O curso possibilitou-me conhecer novos conceitos sobre a internacionalização; acessar toda uma bibliografia relacionada à temática produzida por autores latino-americanos; reconhecer as características de interculturalidade como

política nos territórios colonizados, tendo como representantes intelectuais como Frantz Fanon, Amílcar Cabral e outros que denunciaram a exploração, a racialização e as desigualdades impostas pelo colonialismo, enfatizando a necessidade de ruptura política, cultural e econômica com a dominação colonial. Já o "pós-colonial" surge no campo acadêmico anglófono, principalmente a partir dos estudos culturais, com autores como Edward Said e Gayatri Spivak e investiga os legados simbólicos e discursivos do colonialismo, mostrando como eles moldam representações, identidades e relações de poder no presente.

[4] As aulas ocorreram de forma remota, ministradas em língua espanhola, a cada quinze dias por meio da Plataforma Zoom, além de atividades assíncronas, realizadas por meio da Plataforma de Entorno Abierto (PLENA), em que tínhamos de realizar atividades voltadas à reflexão sobre a gestão da internacionalização a partir de nosso lugar de trabalho. Algumas das atividades assíncronas foram realizadas em grupo, possibilitando uma interação com pessoas de diferentes culturas.

[5] A REDALINT é composta pela Universidade Nacional de Comahue (Argentina), Universidade Nacional do Sul (Argentina), Universidade do Vale do Rio de Sinos (Brasil), Universidade de Caxias do Sul (Brasil) e Universidade da Fronteira (Chile).

[6] A COMPA é composta pela Universidade Nacional Arturo Jauretche (Argentina), Instituição Universitária Colegio Mayor de Antioquia (Colombia) e Universidade Tecnológica de Tlaxcala (México).

[7] A RIGIES Abya-Yala é composta pela Universidade da Frontera (Chile), Universidade de Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (Brasil), Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil), Universidade Federal de Espírito Santo (Brasil), Universidade Técnica Particular de Loja (Ecuador) e Tecnológico de Antioquia (Colombia).

[8] Esse dado evidencia como o tema da internacionalização ainda desperta pouco interesse nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.

primordiais para os processos de internacionalização universitária; conhecer como funcionam outros sistemas de educação superior na América Latina, bem como ferramentas de promoção de uma internacionalização regional, solidária e horizontal.

Assim, ao ampliar minha perspectiva contra hegemônica de internacionalização universitária, aprofundei-me em pensar a internacionalização a partir do meu "quintal", como propôs Freire (2001, p. 25), a partir da UFC, buscando contemplar a diversidade de saberes produzidos neste universo, as variadas experiências dos sujeitos, os contextos e, além disso, posicionando-me na afirmação da educação superior com um bem público e um direito. Foi no mergulho na realidade concreta, enraizada em meu lugar, que se abriram as possibilidades de compreender o universal.

Como horizonte teórico, utilizo-me preferencialmente de conhecimentos e referências de autores situados epistemologicamente no Sul Global, como Freire (2001; 2011; 2020; 2021a; 2021b), Fals Borda (1971), Heleta e Chasi (2023), Mbembe (2023), Perrota (2016), Quijano (2005), dentre outros, em busca de contribuir para o fortalecimento das bases teóricas de uma internacionalização própria e regionalizada.

Por estar na área da Educação Brasileira, dentro da linha de pesquisa "Humanidades e Educação", eixo "Filosofias e Antropologias da Diferença, Tecnocultura e Educação", a Antropologia emerge como mediadora desse processo, pois tem como contribuição disciplinar a capacidade de relativizar a compreensão dos processos homogeneizantes da ordem mundial, reivindicando singularidades ao mostrar que a diversidade e as diferenças são constitutivas das sociedades, contribuindo, assim, para a superação da cultura etnocêntrica que permeia nossa sociedade (Silva; Silva, 2022). Esta perspectiva antropológica é fundamental para a pesquisa que realizo, pois incide em análises sobre o processo de internacionalização da educação superior que reconhecem a heterogeneidade da instituição e dos sujeitos nela envolvidos, com suas múltiplas e diversas experiências e culturas.

Assim, olhar para a internacionalização da UFC com as lentes do conhecimento antropológico requer desconstruir modelos padronizados e lineares de se fazer internacionalização, na busca da diversidade de ideias e práticas; requer desvelar dinâmicas sociais que envolvem as trocas e os contatos com as diversas culturas, seus rituais, símbolos e seus valores, suas relações de poder a fim de compreender como

diferentes significados sobre a internacionalização são construídos, o que eles revelam sobre a cultura institucional, que mudanças institucionais eles produzem, bem como como sobre a própria universidade inserida em um sistema mundo.

Com esse olhar, tomo como horizonte a pesquisa etnográfica como forma de construção de conhecimento, envolvendo a análise das políticas de internacionalização e sua institucionalização em uma universidade federal. Portanto, desenvolvo, aqui, uma dimensão de análise sobre a internacionalização que se baseia em uma questão fundante para a antropologia: a alteridade na relação entre "eu" com o "Outro", entre a universidade e o mundo, pensadas aqui como relações historicamente assimétricas.

Por se tratar de uma pesquisa realizada em uma instituição científica, entendida como um campo permeado por disputas simbólicas e relações de poder, como propõe Bourdieu (2004), encontrei na etnografia institucional, proposta pela socióloga britânica Dorothy Smith (2005), a abordagem de investigação apropriada para compreender a internacionalização da UFC a partir de seus sujeitos, dos diferentes interesses que os movimentam, de suas práticas e estratégias de luta e dos dispositivos de poder que acionam em diferentes situações e contextos (Teixeira; Lobo; Abreu, 2019).

A fim apreender padrões nos discursos e ações voltados à internacionalização em contextos específicos, e buscando compreender como se constitui o *ethos* institucional, recorri ao referencial teórico da análise de situações sociais, desenvolvido pelo antropólogo Max Gluckman (1987), que se dedicou a compreender os impactos do processo de colonização africano por meio de etnografias situadas nas estruturas sociais e de poder, e os conflitos delas decorrentes, que esse processo encerrava.

Considerando que vivemos contemporaneamente dinâmicas político-sociais que reificam uma matriz de poder colonial (Leal, 2020), os referenciais epistemológicos, teóricos e metodológicos aqui adotados carregam consigo uma dose de ousadia, e quiçá de utopia, ao idealizarem um esforço de transformação de nossos modos de pensar e produzir conhecimento a partir da universidade. A escolha desse caminho exigiu de mim não somente um constante exercício de reflexividade, o que já é próprio do fazer etnográfico, mas também um elevado grau de vigilância epistêmica de meus discursos e práticas a fim de não reproduzir o pensamento colonial sobre o tema pesquisado.

A pesquisa foi desenvolvida no período de 2021 a 2025, em um contexto de grandes tensões nos níveis internacional, nacional e institucional, a exemplo da pandemia da COVID-19, iniciada na China em 2020; de crises democráticas e ascensão de governos autoritários de direita nos Estados Unidos, com Donald Trump; no Brasil, com Jair Bolsonaro; além do acirramento das guerras entre Rússia e Ucrânia e entre Israel e Palestina.

Nas universidades federais, vivenciamos as intervenções políticas, econômicas e culturais do governo negacionista e anticientífico de Jair Bolsonaro (2019-2022). No caso da UFC não foi diferente. Em 2019, o presidente Bolsonaro nomeou para reitor o candidato menos votado pela comunidade acadêmica, cuja gestão foi marcada por dificuldades de diálogo, perseguições políticas e um clima de apreensão institucional (ADUFC, 2023). E, quando pensei que estávamos voltando a uma normalidade democrática no Brasil em 2023 com o terceiro governo Lula (2023-2027), e na UFC em 2023, com a escolha para reitor do candidato escolhido pela comunidade acadêmica, vimos o retorno de Donald Trump ao poder nos Estados Unidos em 2025, o que representa uma ameaça à democracia no mundo (Lissardy, 2025), sobretudo em países em que ela não está tão consolidada, como é o caso do Brasil.

Mas qual a relação entre esses acontecimentos e a internacionalização da educação superior e, mais especificamente, com a escolha epistêmica, teórica e política aqui desenvolvida? Como se verá ao longo deste trabalho, a internacionalização é afetada por múltiplas dimensões (acadêmica, política, econômica, cultural, geopolítica etc), sendo perpassada por uma matriz de poder colonial, que se consolida com a expansão do capitalismo e se fortalece com a hegemonia do Norte Global, no qual os Estados Unidos e a Europa são as principais potências econômicas e ideológicas do mundo.

Um exemplo recente da manutenção do poder colonial sobre os países latino-americanos, e mais especificamente o Brasil, foi a decisão do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de impor uma tarifa de 50% sobre todos os produtos brasileiros a partir do mês de agosto de 2025[9]. O anúncio ocorreu logo após a reunião da cúpula dos

[9] Dentre as justificativas para a medida, a carta enviada pelo presidente estadunidense ao presidente Lula (2023-2027), datada de 09 de julho de 2025, cita o julgamento do Supremo Tribunal Federal (STF) sobre a tentativa de golpe, no qual está envolvido o ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, bem como o julgamento do STF sobre o Marco Civil da Internet, em que a Justiça brasileira exigiu que as plataformas de redes

BRICS[10] realizada entre os dias 06 e 07 de julho de 2025, na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. O Bloco representa quase a metade da população mundial e 40% da riqueza produzida globalmente e desafia a hegemonia política e monetária dos Estados Unidos (Braun, 2025).

Diante dessa conjuntura marcada por disputas e tensões políticas nas relações internacionais entre Brasil e Estados Unidos, o governo brasileiro criou o Plano Brasil Soberano (Brasil, 2025d), que, apesar de consistir em um programa de natureza econômica para apoio a empresas exportadoras afetadas pela decisão do presidente Trump, contribuiu para disseminar a ideia de soberania no país, alertando a nação para a importância de se reduzir a dependência e diversificar as parcerias internacionais, consistindo também em uma forma de resistência simbólica ao imperialismo estadunidense. Foi nessa conjuntura que a escrita desta tese foi finalizada.

Esta tese, permeada por sentimentos diversos, sobretudo pelo medo de retaliações por ser eu de dentro da instituição, constitui-se como forma de resistência. Uma resistência "ética, crítica e digna", como nos ensina Walsh (2017, p. 19), contra o autoritarismo interno e externo, em prol de uma universidade mais inclusiva e democrática.

Nesse contexto, abordar a internacionalização a partir de uma perspectiva crítica e decolonial torna-se ainda mais relevante não somente para fomentar a ideia de reciprocidade e autonomia a se estabelecer nas relações internacionais entre países do Norte e do Sul, mas também para se configurar como alternativa aos movimentos epistemológicos dominantes nos estudos sobre o tema, consistindo no que Maldonado-Torres (2005) denominou de "giro decolonial", que se refere ao movimento de resistência

sociais removam conteúdos ilegais publicados por usuários, ampliando a responsabilidade das plataformas de mídias sociais dos EUA (Nakamura, 2025).

[10] O BRICS constitui-se em um agrupamento formado por onze países membros: Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul, Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia, Indonésia e Irã. Serve como foro de articulação político-diplomática de países do Sul Global e de cooperação nas mais diversas áreas, cujos objetivos incluem fortalecer a cooperação econômica, política e social entre seus membros, bem como promover um aumento da influência dos países do Sul Global na governança internacional. O grupo busca melhorar a legitimidade, a equidade na participação e a eficiência das instituições globais, como a ONU, o FMI, o Banco Mundial e a OMC. Além disso, visa impulsionar o desenvolvimento socioeconômico sustentável e promover a inclusão social (BRICS, 2025).

teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade (Ballestrin, 2013).

Para uma melhor apresentação das ideias aqui propostas, o trabalho foi dividido em oito seções, além desta introdução e das considerações finais, as quais foram definidas a partir dos objetivos específicos. Na segunda seção intitulada "Construindo uma etnografia da internacionalização na Universidade Federal do Ceará", apresento a perspectiva epistemológica, teórica e metodológica adotada. Esclareço, com mais detalhe, porque escolhi realizar uma etnografia institucional na UFC e porque optei por seguir o método de análise de situações sociais desenvolvido pelo antropólogo Max Gluckman. Na sequência, mostro como coloquei em prática as técnicas de coleta de dados: a observação participante em eventos relacionados à internacionalização; a análise documental; as entrevistas com gestores da Administração Superior, docentes, servidores técnicos administrativos e discentes de dois programas de pós-graduação de áreas de conhecimento distintas; e a construção de histórias de vida. Por fim, apresento como realizei a triangulação na análise dos dados, construindo categorias e dimensões de análise a partir dos resultados da pesquisa.

Na terceira seção intitulada "A internacionalização universitária como um campo de disputas simbólicas e políticas", apresento, inicialmente, uma revisão de literatura, mostrando como a internacionalização tem sido estudada nos programas de pós-graduação das universidades. Em seguida, discorro sobre diferentes perspectivas analíticas de internacionalização desenvolvidas no Norte e no Sul Global, mostrando como a internacionalização é hegemonicamente orientada por uma matriz de poder colonial, configurando-se em um "campo" no sentido proposto por Bourdieu (2004). Para tanto, realizo uma breve descrição dos principais programas de internacionalização elaborados pelas agências de fomento brasileiras à luz da colonialidade e concluo repensando paradigmas outros de internacionalização a partir de eventos que colaboraram para ampliar os horizontes desta pesquisa.

Para uma melhor apresentação dos dados, nas seções 4 e 5, apresento o processo de gestão da política de internacionalização da universidade; enquanto na seção 6 mostro como a internacionalização é compreendida e ressignificada em duas unidades acadêmicas. Desse modo, na seção 4 intitulada "A Gestão da Internacionalização

Universitária da UFC (2021-2025)", a partir da análise de eventos promovidos pela Reitoria e pela atual Pró-Reitoria de Inovação e Relações Interinstitucionais (PROINTER), mostro como a internacionalização foi instituída na UFC durante dois reitorados diferentes, com agendas de gestão distintas no período de 2021 a 2025; na seção 5, intitulada "O Universal pelo Regional: a trajetória histórica da internacionalização da Universidade Federal do Ceará", realizo uma análise do processo histórico de instituição de uma política de internacionalização na Universidade.

Na seção 6, intitulada "Pedagogias de internacionalização na Universidade Federal do Ceará", mostro como a internacionalização atravessa o ensino, a pesquisa e a extensão da Universidade. Inicialmente, apresento como o tema é compreendido e praticado em duas áreas de conhecimento distintas: as Ciências Sociais, a partir do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e as Engenharias, a partir do Grupo de Pesquisa em Telecomunicações (GTEL), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Teleinformática (PPGETI). Por fim, apresento como a internacionalização ocorre no âmbito da extensão universitária, a partir da trajetória do Programa de Apoio à Internacionalização (PAI) na UFC.

Na seção 7, denominada "Narrativas e experiências de internacionalização na Universidade Federal do Ceará", apresento as diferentes perspectivas dos gestores da Administração Superior, docentes, técnicos administrativos e discentes acerca do processo de internacionalização da Universidade com base em três eixos analíticos: "trajetórias pessoais e experiências com ações de internacionalização", "concepções sobre a política de internacionalização universitária" e "percepções sobre o processo de internacionalização da UFC".

Na seção 8, intitulada "Análise das trajetórias da política de internacionalização da UFC (2021-2025)", realizo uma tessitura sobre as descobertas etnográficas apresentadas nas seções anteriores, relativas à gestão da internacionalização, ao processo histórico da política institucional, às experiências e práticas de internacionalização vivenciadas no PPGS e no GTEL e às narrativas e experiências de internacionalização, construindo, assim, as trajetórias da política na Universidade.

Na última seção, intitulada "Construindo pedagogias outras de internacionalização", apresento, como horizontes, outras possibilidades de

internacionalização universitária, novos modos de pensar e fazer internacionalização, bem como proposições para a implementação de uma perspectiva de internacionalização emancipatória, solidária, horizontal, simétrica, plural, inclusiva e democrática na UFC.

No início de cada seção, apresento notas etnográficas acerca do campo, descrevendo, como exercício de reflexividade, as barreiras encontradas mesmo eu sendo "de dentro" da instituição, as estratégias utilizadas para superar as dificuldades e os riscos envolvidos no fazer etnográfico, os múltiplos sentimentos envolvidos, as descobertas sobre diferentes concepções de internacionalização na Universidade. E no fim de cada seção, apresento uma análise sintética das subseções anteriores com a finalidade de organizar e destacar os pontos mais relevantes abordados, que, como se verá, conduzirá às sínteses analíticas finais do trabalho.

Por fim, no marco dos 70 anos de existência da Universidade Federal do Ceará, esta tese é um convite para (re)pensarmos não somente as trajetórias das políticas de internacionalização da UFC, mas, para além disso, os próprios caminhos traçados pela Universidade ao longo de sua história, possibilitando-nos olhar para "dentro", encontrar o lugar do "regional no universal", vislumbrar outros horizontes possíveis de serem construídos e construir novas pedagogias de internacionalização a partir da experiência daqueles que cotidianamente fazem a política. Mais que pensar a UFC, acredito que a pesquisa nos conduz a pensar os rumos da própria universidade, e que conhecimentos estamos produzindo para o mundo.

2 CONSTRUINDO UMA ETNOGRAFIA INSTITUCIONAL DA INTERNACIONALIZAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

> "Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade." (Freire, 2021c, p. 31).

Nesta seção, apresento como se deu minha entrada no campo e como construí uma etnografia institucional da internacionalização na UFC. Inicialmente, na seção "2.1 Situando-me no campo: aproximações e vínculos institucionais", apresento como se deu

meu interesse pela internacionalização da educação superior a partir de minha inserção como servidora técnico-administrativa na UFC, vinculada à Administração Superior desde 2012.

Na seção "2.2 Deixando a comodidade do escritório: outros referenciais epistemológicos, teóricos e metodológicos de pesquisa", discorro sobre as principais formulações epistêmicas que orientaram minha pesquisa, a exemplo da teoria da institucionalização de Mary Douglas (1998) e a noção de trajetória institucional desenvolvida por Gussi (2008);

Na seção "2.3 O trabalho da aprendiz de antropóloga: estratégias metodológicas", apresento o percurso metodológico da pesquisa, como escolhi as unidades de análise, as técnicas para coleta de dados escolhidas, os sujeitos da pesquisa e como realizei a análise dos dados.

Ressalto que os referenciais adotados se diferenciam das pesquisas tradicionais realizadas sobre a internacionalização, pois, por meio da etnografia, realizo, como se verá ao longo da tese, um esforço de transformação de nossos modos de pensar e produzir conhecimento sobre o tema. Esse caminho teórico-metodológico viabilizou a construção e análise das trajetórias da política de internacionalização da UFC.

2.1 Situando-me no campo: aproximações e vínculos institucionais

O interesse em realizar uma etnografia sobre a política de internacionalização da UFC surgiu a partir da minha vivência nessa dinâmica institucional desde 2011, quando ingressei como servidora técnica administrativa em educação, no cargo de Secretária Executiva na Universidade, no mesmo ano de criação do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), durante o Governo Dilma Rousseff (2011-2016). Assim, acompanhei com atenção e curiosidade a implementação desse Programa, uma política pública criada com a finalidade de impulsionar a internacionalização das instituições de ensino superior brasileiras (Brasil, 2011).

Como eu havia trabalhado como professora de inglês entre 2004 e 2007, sempre tive interesse em aprimorar o conhecimento do idioma e de ter uma experiência internacional. Contudo, por ser algo extremamente caro, realizar um intercâmbio em

minha época de estudante, entre 2002 e 2005, era impossível para um (a) jovem de minha classe social. Então, quando soube que o governo brasileiro tinha como meta conceder mais de 101 mil bolsas de estudo no exterior, sendo 64.000 a alunos da graduação, passei a acompanhar com atenção a implementação do Programa CsF na UFC.

O CsF começou a ser implementado na UFC em 2012, na gestão do Reitor Jesualdo Pereira Farias (2008-2015), um período em que o país estava vivenciando a expansão, a interiorização da educação superior, bem como a inclusão com políticas de permanência e de fortalecimento da qualidade do ensino, da pesquisa e da pós-graduação, políticas pensadas durante os governos petistas de Lula (2002 – 2010) e Dilma Rousseff (2011-2016).

Nesse mesmo ano, em 2012, fui removida para o Gabinete da Reitoria, onde tive a oportunidade de assessorar reuniões do reitor com os diretores das unidades acadêmicas, que discutiam as informações pertinentes à implementação do CsF. No Gabinete, também fazia parte da rotina administrativa a tramitação de convênios de cooperação com instituições estrangeiras, o que me motivou a buscar compreender como se dava esse processo de relações internacionais da instituição.

Em 2015, após a saída do então reitor para assumir a função de Secretário da Educação Superior no Ministério da Educação (MEC), assumiu a Reitoria o vice-reitor, Prof. Henry de Holanda Campos (2015-2019), cuja trajetória profissional, marcada por uma ampla experiência internacional, influenciou na implementação de ações de internacionalização mais articuladas e estratégicas na Universidade.

Nessa inserção no campo, mesmo sem ter consciência dela, comecei a observar que, mesmo com a extinção do Programa CsF em 2016 pelo Governo Temer (2016-2018)[11], o processo de internacionalização da UFC assumiu uma dinâmica própria. Em 2017, a Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI), que esteve nessa condição administrativa de coordenação por 30 anos, foi transformada em Pró-Reitoria de Relações

[11] Logo após o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (2011-2016), em julho de 2016, no Governo do presidente interino Michel Temer, a Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) anunciou, por meio de nota oficial, a suspensão da concessão de bolsas a alunos da graduação, alegando o alto custo do programa (CAPES, 2016), resultando posteriormente na extinção do Programa e na formulação de um novo programa de internacionalização para as universidades, o CAPES-PrInt, restrito à pós-graduação.

Internacionais (PROINTER), ganhando maior autonomia administrativa e orçamentária para a elaboração e execução das políticas de internacionalização. Além disso, nessa gestão, em um curto período, foram desenvolvidas várias ações de internacionalização, como a elaboração de um Plano Institucional de Internacionalização da UFC e criação de um Comitê de Internacionalização (COMINTER), envolvendo a participação de membros internos e externos à UFC (UFC, 2017).

Nesse mesmo ano, em 2017, fui selecionada para o Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas da UFC (MAPP), onde desenvolvi uma pesquisa avaliativa sobre o Programa CsF na UFC a partir de uma perspectiva de avaliação que dialoga com a antropologia (Rodrigues, 2008; Gussi, 2008), buscando compreender como se deu a experiência dessa política na Universidade e quais seus desdobramentos para a institucionalização da internacionalização a partir da perspectiva de gestores universitários.

Os resultados da pesquisa, concluída em março de 2020, mostraram que o Programa CsF contribuiu para impulsionar o processo de institucionalização da política de internacionalização da Universidade (Garcia, 2020), o que me instigou a investigar mais profundamente como a internacionalização, enquanto política pública, passou a ser movimentada e praticada na UFC.

Em 2018, foi iniciada a implementação do Programa Institucional de Internacionalização (PrInt), criado pelo Governo Temer (2016-2018), em substituição ao Programa CsF, tendo como enfoque a pós-graduação[12], com a finalidade de consolidar a internacionalização das universidades (Brasil, 2017).

Em 2020, a PROINTER ganhou novas atribuições, passando a se chamar "Pró-Reitoria de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional", assumindo a competência de desenvolver, além da internacionalização, o empreendedorismo e a inovação na Universidade (UFC, 2020).

O que podemos observar, ao longo de distintos espaços e tempos, é que o processo de internacionalização da UFC passou por sucessivas transformações

[12] A UFC foi umas das 36 universidades brasileiras selecionadas para o PrInt, dentre as 109 que participaram do processo seletivo, para receber recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para o fomento de pesquisas a nível internacional.

ocasionadas tanto por aspectos internos à instituição, como mudança de gestores, diferentes agendas de gestão e motivações políticas, quanto por agentes externos, como demandas de organismos internacionais, mudanças de governos, globalização da economia etc.

Isso nos faz compreender que a internacionalização da educação superior consiste em um movimento não somente acadêmico, mas acima de tudo, político, uma vez que essas ações são orientadas por uma ideia de internacionalização e de educação superior que varia, como afirmam Carvalho e Gussi (2011), ao considerar a avaliação de uma política pública, conforme a configuração de Estado, os jogos de interesses sociais no âmbito das relações de poder, os universos culturais e as agendas políticas dos distintos agentes institucionais responsáveis por pensar e colocar em prática essas políticas na Universidade.

Minha vivência dentro dessa dinâmica institucional levou-me a buscar compreender os rumos da política de internacionalização da UFC em distintas conjunturas político-econômicas, mais especificamente, entre 2021 e 2025, períodos que envolvem as gestões de dois reitores. O mandato do primeiro foi de 2019 a 2023[13] e o do segundo foi de 2023 a 2027. Assim, por "estar lá", como diz Geertz (2005), resolvi desenvolver minhas habilidades exploratórias e tornar-me aprendiz de antropóloga.

Logo, em 2021, submeti-me ao processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (PPGE/UFC), universidade onde trabalho. Nesse período, estávamos em meio à pandemia da COVID-19[14] e em um contexto nacional e institucional tenso, marcado por disputas de poder e por uma crise política, econômica e institucional, provocada pelo Governo Bolsonaro (2019-2022), que envolveu cortes orçamentários, ameaças à autonomia universitária, negacionismo e perseguição às universidades federais (Mendes, 2020).

---

[13] No período de 2019 a 2023, a Reitoria foi marcada por muita tensão institucional, uma vez na consulta acadêmica para escolha de Reitor realizada em 2019, o candidato que obteve 4,61% dos votos, ficando em terceiro lugar na lista tríplice, foi nomeado Reitor pelo presidente Bolsonaro (2019-2022).

[14] A COVID-19, causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2), iniciou em dezembro de 2019 na China e logo se espalhou pelo mundo, sendo declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 11 de março de 2020 como pandemia, ainda em curso, levando mais de 6 milhões de pessoas à morte no mundo todo, sendo mais de 700 mil no Brasil. (Brasil, 2023a).

Dentro desse novo cenário, em que o conhecimento científico deveria ser um instrumento em busca de soluções para o bem comum mundial, sobretudo diante do contexto da pandemia de COVID-19, estudar os significados e as novas trajetórias da política de internacionalização da UFC, de forma mais aprofundada e a partir de uma perspectiva crítica, tornou-se ainda mais relevante.

Ao ser selecionada para o PPGE, para a linha de Filosofia e Sociologia da Educação, eixo Antropologia da Educação[15], aproveitei-me de minha inserção profissional no cotidiano da instituição para construir novos conhecimentos sobre a internacionalização universitária por meio da construção de uma etnografia institucional na UFC, buscando analisar a universidade como uma instituição que é parte de um processo sócio-histórico, constituída em espaços e tempos específicos a partir de disputas e relações de poder evidenciadas pelas ação dos distintos sujeitos que nela transitam.

As observações dessas práticas institucionais levaram-me a questionar que novas trajetórias a política de internacionalização da UFC assumiria diante de outras conjunturas político-econômicas, sobretudo se considerarmos que o estado do Ceará possui uma localização estratégica no cenário global, pois Fortaleza é a cidade brasileira mais próxima da Europa, facilitando assim o fluxo aéreo e marítimo entre o Brasil e países de outros continentes, como mostra a Figura 1.

Figura 1- Localização do Estado do Ceará

Fonte: SEDET (2019).

[15] Em 2025, houve mudança no nome da linha e do eixo de pesquisa, passando a linha de pesquisa a se chamar “Humanidades e Educação” e o eixo “Filosofias e Antropologias da Diferença, Tecnocultura e Educação” (PPGE, 2025).

Essa localização considerada estratégica aliada à produção de conhecimento faz com que a UFC atraia interesses de instituições de ensino estrangeiras, além de governos e empresas, dando maior centralidade à internacionalização da educação dentro da geopolítica do conhecimento.

Assim, por eu ser de "dentro", precisei treinar meu olhar ingênuo, como diria Cardoso de Oliveira (2000), a fim de desvendar o campo da internacionalização da UFC, buscando apreender como se constitui esse *ethos* institucional à luz, como se verá, da perspectiva da (de)colonialidade e em diálogo com a teoria antropológica.

2.2 Deixando a comodidade do escritório: outros referenciais epistemológicos, teóricos e metodológicos de pesquisa

Por trabalhar desde 2012 assessorando gestores da Reitoria, meu conhecimento sobre o funcionamento da Universidade sempre esteve restrito aos discursos e práticas da Administração Superior, instância responsável por traçar a política universitária, por planejar, organizar, conduzir e operacionalizar as políticas públicas no âmbito universitário (UFC, 2025). Desse modo, meu olhar sempre esteve voltado aos processos de instituição das políticas na Universidade, sobretudo os programas de internacionalização propostos pelo governo federal. Contudo, com o campo, fui me aproximando de outros referenciais que me distanciaram, criticamente, dos discursos da Administração Superior.

A antropóloga Mary Douglas (1998, p.58), em sua obra "Como pensam as instituições", define instituição como "um agrupamento social legitimado", isto é, formas de classificação e ordenação compartilhadas que orientam os indivíduos. Douglas (1998) entende que os indivíduos não tomam decisões sozinhos, mas são conduzidos pela existência de um pensamento institucional que os orienta em suas percepções e ações.

É como se existisse uma base compartilhada de conhecimento que faz com que os indivíduos tomem decisões institucionalmente orientadas, pois, segundo Douglas (1998, p. 132), "a instituição propicia as categorias dos pensamentos de seus membros" e "fixa identidades". Sob esse ponto de vista, a Administração Superior, ao conduzir o

processo de implementação de políticas públicas ou institucionais, contribui para a produção de sentidos, de valores, práticas e lógicas compartilhadas.

As proposições de Douglas (1998) são importantes para entendermos como se dá o processo de institucionalização de uma política, o que nos possibilita compreender de que forma um conjunto de categorias de ideias e modos de agir relacionados à internacionalização são partilhados, configurando um pensamento institucional, e como são instituídas as bases comuns de conhecimento em torno da internacionalização pela Administração Superior da UFC.

No entanto, uma universidade que é composta por oito *campi*[16], sendo quatro Centros, cinco Faculdades, cinco Institutos[17] e formada por uma grande comunidade composta por 2.172 docentes, 3.106 técnicos administrativos, 1202 terceirizados, 30.377 alunos de graduação e 8.338 alunos de pós-graduação (UFC, 2024h) não pode ser uma instituição homogênea, que possui um sistema cultural integrado.

Nesse sentido, para conhecer outros discursos e práticas de internacionalização existentes na Universidade, distanciados do pensamento institucional, "deixei a comodidade do escritório e meti os pés no barro", como diz Guber (2001, p. 4), em busca de conhecer mais profundamente essa instituição diversa, construída por um sistema de crenças variados, que coexistem e podem ser ativados em diferentes situações sociais (Van Velsen, 1987).

Descer do Gabinete da Reitoria para a Universidade, desvencilhar-me do conhecimento pré-moldado sobre a dinâmica institucional e vivenciar a política na prática, conhecendo como ela é reformulada pelos sujeitos em seus cotidianos e contextos possibilitou-me compreender não somente a política de internacionalização, mas também a Universidade de novas maneiras.

---

[16] Campus do Benfica, Campus do Pici e Campus do Porangabuçu, todos localizados no município de Fortaleza (sede da UFC), além do Campus de Sobral, Campus de Quixadá, Campus de Crateús, Campus de Russas e Campus de Itapajé.

[17] Centro de Ciências, Centro de Ciências Agrárias, Centro de Humanidades, Centro de Tecnologia, Faculdade de Direito, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Faculdade de Educação, Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Faculdade de Medicina, Instituto de Ciências do Mar, Instituto de Cultura e Arte, Instituto de Educação Física e Esportes, Instituto Universidade Virtual e Instituto de Arquitetura e Urbanismo e Design.

A partir desse olhar, encontro na trajetória institucional da política[18], desenvolvida por Gussi (2008), o referencial teórico-metodológico proposto aqui para analisar a política de internacionalização da UFC. Gussi (2008) defende a necessidade de se percorrer a trajetória cumprida pela política, observando como essa se desenvolve na prática, levando em conta as transformações a que está submetida à medida que perpassa os mais diversos espaços institucionais.

A trajetória institucional proposta por Gussi (2008) viabiliza conhecer o percurso da política de internacionalização desde a Administração Superior da UFC até chegar aos beneficiários da política, possibilitando encontrar elementos que evidenciem como a política tem sido incorporada na UFC, considerando toda sua dinâmica institucional, bem como as relações de poder que se processam nos espaços institucionais e como os sujeitos envolvidos representam, vivenciam e atuam diante das práticas institucionais.

Isto porque uma política de internacionalização formulada na esfera federal, ao ser implementada na UFC, ou em qualquer outra instituição de ensino superior (IES), vai se deparar com o sistema de governança existente, com a especificidades cotidianas do lugar, o que significa que uma mesma política não será percebida e implementada de forma idêntica nos diversos espaços institucionais existentes, gerando, o que Lejano (2012, p. 229) denominou de "polimorfismos", isto é, diferenças, mesmo que sutis, no modo que essas políticas são colocadas em prática em diferentes contextos.

Dessa forma, para conhecer de forma mais aprofundada como uma política reflete o contexto institucional, como ela é vivida na prática, quais os significados são atribuídos à política (alguns explícitos, outros ocultos), faz-se necessário percorrer, no âmbito da pesquisa, toda sua trajetória institucional, como ilustra a Figura 2:

[18] A noção de trajetória das políticas públicas apresentada por Gussi (2008) foi inspirada na obra "Ilusão Biográfica", de Bourdieu (2006), que trata de trajetória biográfica, entendendo-a como um processo complexo e não linear, que sofre constantes alterações, assumindo diversos significados. Da mesma forma, ocorre com as políticas públicas quando adentram os espaços institucionais: elas estão circunscritas a ressignificações e vão se modificando à medida que vão sendo implementadas, de acordo com a ação dos agentes sociais.

Figura 2– Trajetória institucional de uma política

Fonte: Elaboração própria (2025).

Assim, tal qual os antropólogos fazem em suas pesquisas de campo, busquei refletir sobre meu próprio universo profissional, o que Velho (1985) chamou de "estranhar o familiar". Decidi-me utilizar da minha inserção profissional no cotidiano da instituição para construir novos conhecimentos sobre a internacionalização da UFC por meio de uma pesquisa etnográfica.

Por se tratar de observação e análise de práticas institucionais de uma universidade e por ser esta uma instituição científica constituída por disputa de capital simbólico, como propõe Bourdieu (2004), e permeada por relações de poder, busquei aporte teórico na etnografia institucional com a finalidade de entender a internacionalização da UFC a partir de seus agentes, dos diferentes interesses que os movimentam, de suas práticas e estratégias de luta e dos dispositivos de poder que esses agentes acionam em diferentes situações e contextos (Teixeira; Lobo; Abreu, 2019).

A etnografia institucional (EI), proposta pela socióloga britânica radicada no Canadá, Dorothy Smith, sustenta-se em bases teórico-conceituais que a distanciam do paradigma científico da Modernidade, e pressupõe construir conhecimentos não somente a partir da perspectiva e da experiência dos sujeitos envolvidos nos acontecimentos,

possibilitando-lhes compreender suas práticas cotidianas como parte das relações sociais mais amplas nas quais se inserem (Smith, 2005; Veras, 2014).

Desse modo, a etnografia institucional não foca somente nas experiências dos sujeitos ou na cultura. Para além disso, seu interesse se volta para os processos de organização social, para a exploração e a descrição das várias forças sociais e institucionais que modelam, limitam e organizam o mundo cotidiano das pessoas (Veras, 2011). Na etnografia institucional, o olhar do pesquisador não é voltado somente ao que as pessoas fazem e como fazem, mas busca-se compreender como textos, documentos, políticas, normas e discursos institucionais estruturam essas práticas.

Nesse processo, a linguagem exerce um papel fundamental, pois, como parte da cultura, é mediadora das relações sociais. De acordo com Veras (2014, p. 19), "nossa voz, como sujeito falante, produz enunciados que são perpassados por nosso horizonte cultural, nossa visão de mundo, nossa intenção e o momento concreto da interação em curso". Assim, palavras e atos se articulam, sendo relevante analisar os discursos e as práticas, como propôs Peirano (2002, p. 11), o dito e o feito, uma vez que "o dito também é feito".

Smith (2005) defende, ainda, que a etnografia institucional tem duas finalidades simultâneas e complementares, que são: mapear as relações normatizadoras e os complexos institucionais nos quais os sujeitos participam, relacionando suas ações com as ordens institucionais e construir conhecimentos que possibilitem os desvelamentos das instituições.

Com base nessas ideias, o desenvolvimento de uma pesquisa etnográfica sobre a internacionalização da UFC configura-se, de certa forma, uma inovação nos estudos sobre esse tema, pois são raras as etnografias nas universidades, sobretudo no Brasil, sendo necessário adentrar no mundo universitário, o qual, além de ser uma instituição vinculada ao Estado, também representa um microcosmo da sociedade, composta por uma população de docentes, técnicos e estudantes diversa, com suas hierarquias, hábitos e sentidos que moldam suas práticas cotidianas.

Além disso, a realização da etnografia em instituições é um meio para se investigar elites, o que Nader (2020) denominou de "estudar os de cima". Desse modo, por estar inserida nessa universidade pública, em meio a uma elite intelectual, e mais

ainda administrativa, como no caso das instâncias de poder e decisão da Universidade, que, além de formar cidadãos para o mundo, também tem a atribuição de pensar e buscar soluções para os problemas da sociedade, incumbi-me da tarefa de compreender como a instituição "pensa" a internacionalização, nos termos de Douglas (1998), e desvelar os valores, as práticas, os comportamentos, os sistemas simbólicos, entre diversos outros aspectos que moldam o comportamento da instituição e afetam nossas vidas.

Orientada por esses referenciais teóricos e metodológicos, minhas primeiras aproximações com o campo ocorreram em outubro de 2021 para observar eventos que envolviam ações de internacionalização promovidos pela Administração Superior da UFC. Como resultado dessas primeiras incursões, o campo revelou uma nova categoria analítica que considero fundamental para ampliarmos a compreensão sobre as relações internacionais da universidade: a colonialidade do saber, definida como uma forma de dominação de padrões de investigação e de conhecimento que nega outros espaços para o desenvolvimento de outras formas de saber e ser no mundo, causando uma subordinação e uma dependência não somente político-econômica, mas sobretudo epistêmica e cultural (Quijano, 2005; Lander, 2005).

Assim, como continuidade do colonialismo a que os países latino-americanos foram submetidos, a colonialidade do saber refere-se à forma como o conhecimento é produzido, legitimado e difundido sustentado em um modelo eurocêntrico e colonial que tende a hierarquizar e marginalizar outras formas de conhecimento, dificultando a compreensão e a valorização de saberes locais e de diferentes culturas.

A partir disso, entendo que a colonialidade é uma categoria analítica fundante para uma compreensão aprofundada da internacionalização, pois não é possível analisarmos a relação estabelecida entre a universidade na América Latina e instituições estrangeiras sem situar-nos na história colonial, uma vez que todo o processo de constituição histórica da América se dá como resultado do colonialismo e da expansão do capitalismo com a finalidade de produzir mercadorias para o mercado mundial (Quijano, 2005), resultando em uma relação de dominação e exploração não somente política e econômica, mas também epistemológica.

Dessa forma, à luz do referencial epistemológico da colonialidade e dos referenciais teóricos da trajetória e etnografia institucionais, busco romper com os

discursos de verdade única e criar um diálogo de saberes a partir de diferentes discursos, práticas e experiências de internacionalização, a partir do cotidiano institucional, a fim de dar visibilidade a sujeitos, conhecimentos, práticas e saberes, e, por conseguinte, à diversidade, à diferença e à "pluriversidade" que somos.

2.3 Etnografando na Universidade: a escolha do método

Como abordado anteriormente, a UFC é uma instituição grande e complexa, composta por diferentes *campi* localizados na capital, Fortaleza, e no interior do Estado, diferentes Centros, Faculdades e Institutos, cada um com suas estruturas próprias, histórias, hierarquias, hábitos e relações de poder que moldam suas práticas cotidianas. Além de uma comunidade de cerca de 45 mil pessoas, entre servidores, alunos e pessoal terceirizado, com suas concepções, valores, interesses diversos e culturas próprias.

Desse modo, considerando toda essa diversidade e pluralidade, por onde começar a etnografar uma universidade que desenvolve uma multiplicidade de ações a fim de se internacionalizar, como celebração de convênios e acordos de cooperação, projetos de pesquisas e implementação de variados programas de mobilidades acadêmicas? Como construir a trajetória de uma política abrangente desde seu mais alto nível hierárquico até chegar aos beneficiários da política? Como delimitar a(s) unidade(s) de análise?

Diante dessas questões, busquei fundamentação no referencial empírico da "análise situacional" ou "estudo de caso detalhado", elaborada por Max Gluckman (1987), antropólogo[19] que se dedicou a estudar a mudança e o conflito social provocado pelo impacto do processo de colonização da África pela Europa.

Gluckman (1987) compreende que as situações sociais são a matéria-prima do antropólogo, pois são os eventos que observa. Para ele:

---

[19] Feldman-Bianco (1987) mostra como Gluckman (1987) desenvolveu, juntamente com outros antropólogos da Escola de Manchester, uma perspectiva metodológica que se constitui em uma alternativa aos impasses teórico-metodológicos do enfoque estrutural-funcionalista, que ignorava os processos de mudança social ou atribuíam a eles um papel desintegrador. Ao fazer uma crítica ao colonialismo e ao modelo clássico da antropologia social britânica, Gluckman (1987) desenvolveu instrumentais de pesquisa que possibilitam captar o conflito, a contradição, a variação e o fluxo social, modificando assim a questão que orientava a antropologia de "Como a sociedade se mantém?" para "Como a sociedade se transforma?".

> A partir das situações sociais e de suas inter-relações numa sociedade particular, podem-se abstrair a estrutura social, as relações sociais, as instituições, etc. daquela sociedade. Através destas e de novas situações, o antropólogo deve verificar a validade de suas generalizações (Gluckman, 1987, p. 228).

Assim, a partir da análise de uma situação social, que têm por premissa entender como um conjunto de significados são transmitidos e desenvolvidos e como a ação humana é mediada por um projeto cultural no contexto das complexidades dos processos sociais, Gluckman (1987) analisa como os grupos vão se (re)posicionando a partir de diferentes objetivos e distintas configurações políticas dentro de um contexto sócio-histórico mais amplo.

Foi a partir de sua vivência na Zululândia, na África do Sul, e utilizando-se da análise da inauguração de uma ponte, que Gluckman (1987) construiu o argumento de que as comunidades africanas e europeias formavam um único campo social, cuja separação em dois grupos raciais forma a base de sua unidade estrutural.

De acordo com Lopes (2022), Gluckman, por meio da etnografia, mostra que há uma presença europeia afetando os modos de vida daquelas populações e como essa relação conflituosa afeta a vida das pessoas, apontando, ainda, como as distintas concepções de tempo e história são relevantes para a compreensão de como as populações "manuseiam" e lidam com o tempo e a mudança social.

Na perspectiva de Gluckman (1987), as relações sociais têm dois aspectos: a divisão e a fusão, os quais são inerentes à natureza de uma estrutura social. Na divisão, interesses divergentes tendem a romper com a relação, enquanto na fusão, os interesses divergentes tendem a ser reconciliados por meio de laços comuns em sistema de coesão social.

Van Velsen (1987) amplia o método de Gluckman (1987) ao propor que o antropólogo faça uma análise sequencial de situações sociais a fim de apreender processos, ações e sequências de desenvolvimento em contextos específicos. A ideia, segundo Feldman-Bianco (1987), é observar pessoas através de um período adequado de mudanças sociais para que se possam detectar padrões em suas relações, suas ideias e suas instituições. Assim, leva em consideração gente, lugar e tempo.

A partir dessas ideias, entendo que a “análise de situações sociais” ou “estudo de caso detalhado” consiste no método apropriado para a análise dos discursos e práticas de internacionalização da UFC, sobretudo se considerarmos o contexto de mudanças e tensões internacionais, nacionais e institucionais em que esta tese está sendo desenvolvida, o qual tende a afetar as relações internacionais universitárias, como se verá ao longo da pesquisa.

Além disso, o campo da internacionalização, no sentido bourdesiano do termo, também pressupõe confronto, tomada de posição, luta, tensão, poder, já que, para Bourdieu (2004, p. 22), todo campo “é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças”.

Por essas razões, a análise de eventos, como palestras, reuniões, seminários, dentre outras situações sociais, consiste na estratégia apropriada para a realização desta pesquisa etnográfica, cuja finalidade é compreender como a ideia de internacionalização é transmitida e desenvolvida por distintos sujeitos institucionais em diferentes contextos político-institucionais na UFC.

2.4 O trabalho da aprendiz de antropóloga: estratégias metodológicas

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará, sob o parecer nº 7.896.664. Assim, com base nos procedimentos e instrumentos propostos na etnografia institucional, para coletar os dados no período de 2021 e 2025, realizei: i) revisão de literatura a fim de compreender como a temática tem sido investigada e buscar embasamento teórico que oriente o trabalho de campo; ii) observação participante em eventos relacionados à internacionalização com a finalidade de apreender quais os discursos e práticas medeiam as relações internacionais da UFC; iii) análise de documentos oficiais a fim de compreender como se forma o pensamento institucional (Douglas, 1998) em torno da internacionalização na Universidade; iv) entrevistas semiestruturadas com sujeitos envolvidos com o processo de internacionalização, com a finalidade de conhecer como os sujeitos compreendem e ressignificam a internacionalização na UFC; v) construção de histórias de vida a partir das experiências e vivências dos sujeitos.

Na etnografia institucional aqui desenvolvida, esse percurso metodológico foi sendo construído a partir de minhas reflexões sobre o campo da internacionalização. A revisão de literatura constitui-se, na concepção de Veras (2014), como o primeiro passo de uma pesquisa, pois capacita o pesquisador a refletir sobre a temática e a construir sua própria forma de pensar sobre o problema.

Veras (2014, p. 44) ressalta que o (a) pesquisador (a) "deve ir a campo sem concepções formadas sobre determinada cultura ou sociedade, apenas com o conhecimento geral que possui dela através da pesquisa bibliográfica prévia". Foi a partir dessa compreensão que, ao adentrar em campo para realizar a observação participante, fui construindo a perspectiva epistemológica que orienta esta tese.

A observação participante é a técnica de coleta de dados em que o pesquisador busca compreender uma cultura a partir da vivência concreta nela, como diz Gomes (2019, p. 56), sentindo "o drama de ser de outra cultura". Para o autor, "na Antropologia, a diferença de ser e não ser antropólogo depende de sua capacidade de se valer desse método".

De acordo com Geertz (1989, p. 27), é através do fluxo do comportamento, ou mais precisamente, da ação social que as formas culturais encontram articulação". Desse modo, partindo de minha posição específica no *locus* institucional da UFC, passei a observar e participar de eventos, atividades, reuniões voltadas à internacionalização na Universidade a fim de compreender como se reverbera esse *ethos* institucional no cotidiano da Universidade. Como relato ao longo deste trabalho, mesmo eu sendo "de dentro", não deixei de encontrar barreiras e dificuldades próprias do fazer etnográfico.

Ao final de cada evento, as observações eram registradas em um diário de campo. Essas anotações são fundamentais no trabalho de campo, pois registram memórias, descrevem acontecimentos e integram percepções e interpretações associadas a variados momentos da pesquisa, sobretudo se considerarmos que o trabalho de campo durou de 2021 a 2025. Em muitos momentos, eu mais observei do que participei, possibilitando que eu tomasse nota de todas as falas dos sujeitos, o que faz com que muitas das transcrições aqui apresentadas entre aspas são informações verbais, reproduzidas pelos sujeitos.

Outra técnica utilizada para coleta de dados foi a análise de documentos. Como produtora de documentos no meu dia a dia na instituição, sei que os documentos não são representações transparentes das rotinas organizacionais, dos processos de tomada de decisões ou diagnósticos institucionais (Veras, 2014). No entanto, a análise documental consiste em uma relevante técnica de abordagem da etnografia institucional como uma forma de complementação das informações obtidas por meio dos outros instrumentos. Assim, utilizei-me da análise de documentos com a finalidade de compreender a fundamentação do pensamento institucional acerca da internacionalização da UFC e que discursos permeiam a política.

Além disso, com a finalidade de conhecer como os sujeitos envolvidos com esse processo na Universidade compreendem e ressignificam a internacionalização em seus cotidianos, realizei entrevistas semiestruturadas com interlocutores-chave participantes desse processo nas unidades de investigação selecionadas. O diálogo com os interlocutores possibilitou conhecermos melhor suas trajetórias de vida e experiências e construirmos suas histórias de vida.

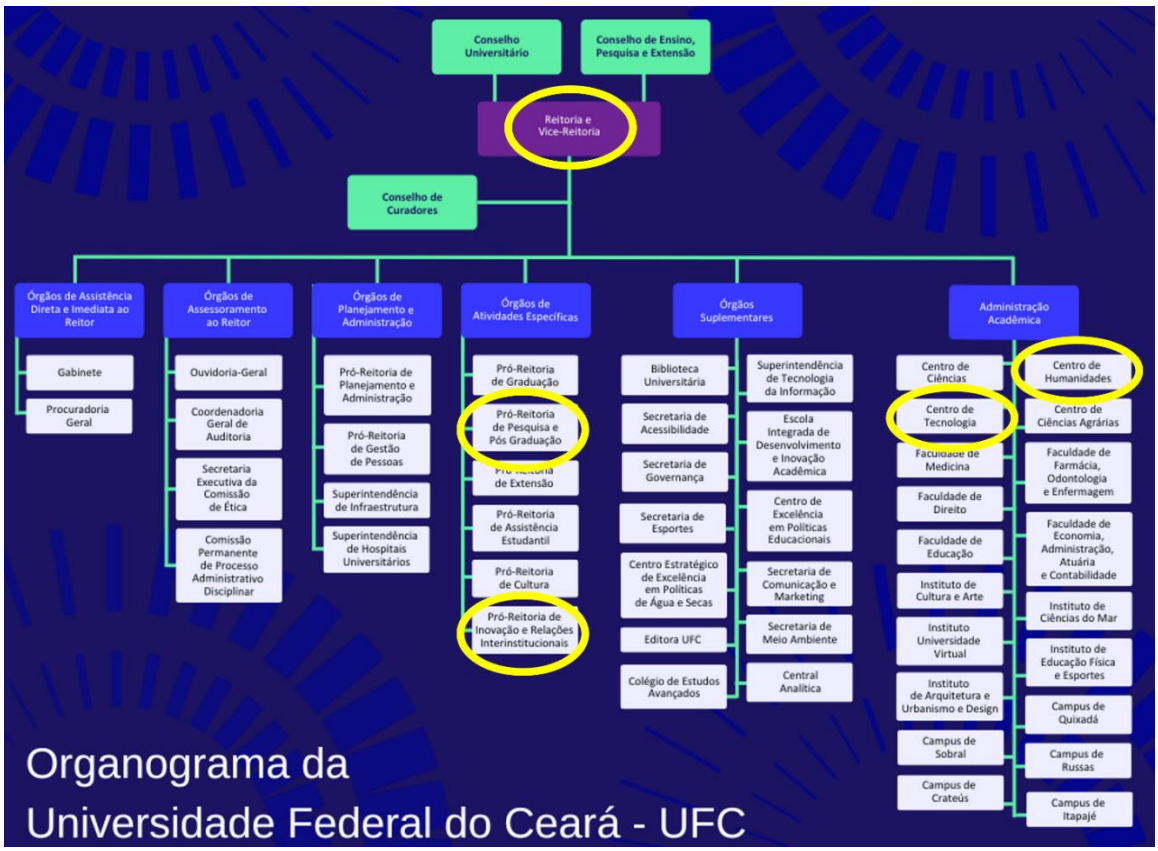
Os discursos obtidos por meio do diálogo com os interlocutores são reveladores das relações de poder que modelam as experiências de internacionalização na Universidade, sendo fundamentais para analisarmos a trajetória institucional da política de internacionalização da UFC e, a partir dessa troca, construirmos novas pedagogias de internacionalização.

2.4.1 Análise de eventos

As atividades universitárias ocorrem em dois níveis: Administração Superior e Administração Acadêmica. A Administração Superior é exercida pelos Conselhos Superiores e pela Reitoria e seus órgãos de assistência direta, assessoramento, suplementares, planejamento e administração e atividades específicas, como a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) e a Pró-Reitoria de Inovação e Relações Interinstitucionais (PROINTER). Essas unidades são responsáveis por planejar, organizar, coordenar, dirigir e controlar as atividades universitárias, além de traçar a política da Universidade.

A Administração Acadêmica, por sua vez, é composta pelas unidades acadêmicas formadas por quatro Centros, cinco Faculdades, cinco Institutos e cinco *campi* no interior (UFC, 2025a), como ilustra seu organograma, Figura 3:

Figura 3 – Organograma da UFC

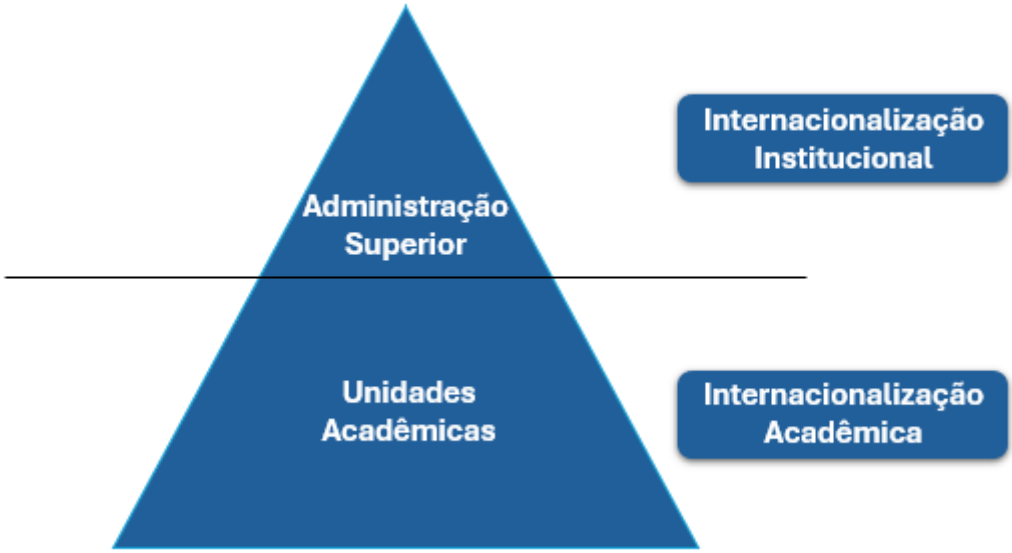


Fonte: UFC (2025a).

As unidades circuladas são as unidades administrativas e acadêmicas selecionadas para a análise etnográfica.

Com base nessa estrutura organizacional, para analisar as trajetórias, dividi a internacionalização em duas dimensões: “internacionalização institucional”, aquela instituída e praticada pela gestão da Universidade e “internacionalização acadêmica”, aquela relativa às experiências e práticas que ocorrem em diferentes unidades acadêmicas, como ilustra a Figura 4:

Figura 4– Dimensões da internacionalização na UFC



Fonte: Elaboração própria (2025).

Desse modo, no âmbito da Administração Superior, realizei análise de eventos voltados à internacionalização universitária promovidos pela Reitoria e pelas Pró-Reitorias de Inovação e Relações Interinstitucionais (PROINTER) e Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG), responsáveis pela definição e implementação da política institucional na Universidade, como mostra a relação constante no Quadro 1:

Quadro 1- Eventos da Administração Superior

(continua)

Unidades de análise	**Eventos**	**Datas**
Gestão Reitor (2019-2023)	Palestra “Oportunidades de estudos nos Estados Unidos” nos Encontros Universitários.	01/12/2021
	Palestra “Oportunidades de estudos no Canadá” nos Encontros Universitários.	02/12/2021
	Lançamento do Condomínio do Empreendedorismo e Inovação.	14/12/2021
	Study in Europe Road Show	05/05/2022
	Celebração de Acordo entre UFC e Estados Unidos para instalação do *Education USA*	06/05/2022

Quadro 1 - Eventos das Administração Superior

(conclusão)

Unidades de análise	Eventos	Datas
Gestão Reitor (2023-2025)	Visita do Cônsul da França	28/02/2024
	Acolhida de Estrangeiros na UFC	05/03/2024 12/06/2025
	Visita do Embaixador da Itália	21/03/2024
	Visita da Cônsul da China em Recife	16/04/2024
	I Seminário de Internacionalização da UFC	13 e 14/08/2024
	Café em Casa – Políticas de Internacionalização para Graduação e Pós-Graduação	27/08/2025

Fonte: Elaboração própria (2025).

A análise desses eventos teve como finalidade compreender como ideia de internacionalização é instituída, nos termos de Douglas (1998), e praticada pela gestão nos contextos institucionais que envolvem dois reitorados, sendo um de 2019 a 2023 e outro de 2023 a 2025, sendo este o último ano da pesquisa.

Ressalto, contudo, que outros eventos, dos quais não pude participar presencialmente, também contribuíram para subsidiar a análise sobre a internacionalização da UFC, sobretudo no período de 2019 a 2023, quando a portas estavam "fechadas"[20], inviabilizando minha participação nas atividades, a exemplo da viagem do reitor e do pró-reitor de Relações Internacionais à Espanha de 06 a 08/10/2021; a reunião com o cônsul-geral da França em Recife em 18/11/2021; a reunião com o embaixador da União Europeia no Brasil em 26/11/2021; e a viagem do reitor e do pró-reitor de Relações Internacionais à Cabo Verde para participação no XXII Encontro da Rede de Estudos Ambientais de Países de Língua Portuguesa (REALP) de 29 e 30/11/2021.

[20] Na seção 4, mostro os desafios de se fazer uma pesquisa etnográfica, de acessar o campo em determinado contexto institucional mesmo eu sendo de dentro do *loc*us da pesquisa.

Além da análise de eventos institucionais, tive a oportunidade de participar de um evento de natureza internacional, que contribuiu para ampliar os horizontes deste trabalho, como mostra o Quadro 2:

Quadro 2- Evento internacional

Evento internacional	Data
Reunião de acompanhamento da III Conferência Regional de Educação Superior (CRES+5) em Brasília/DF.	13 a 15/03/2024

Fonte: Elaboração própria (2025).

A Reunião de acompanhamento da III Conferência Regional de Educação Superior (CRES+5), ocorrida em março de 2024 em Brasília/DF, foi um evento fundamental para ampliar a compreensão sobre como a internacionalização é pensada por organismos internacionais como a UNESCO e a Enlaces, e por organismos nacionais como a Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), instituições responsáveis por propor, formular e orientar as políticas de educação superior, incluindo a política de internacionalização universitária.

O evento reuniu cerca de 1.200 pessoas de diversas nacionalidades latino-americanas e caribenhas, dentre elas ministros de Estado, reitores, gestores da internacionalização da educação superior, docentes, técnicos-administrativos e discentes, constituindo-se em um evento relevante para praticarmos o que Nader (2020) denominou "estudar os de cima". Além disso, a CRES+5 trouxe inúmeras discussões que contribuíram para pensarmos outros caminhos de internacionalização da educação superior, como se verá na seção 3.7.

Em relação à internacionalização acadêmica, foram definidas como unidades de análise duas áreas distintas, porém não antagônicas[21], sendo:

i) o Centro de Tecnologia (CT)[22], pelo fato de a estrutura da PROINTER ter sido copiada dessa unidade; porque os dois pró-reitores da PROINTER das gestões

[21] Entendemos que a Ciência e a Tecnologia, juntamente com as Humanidades e as Artes são motores para o desenvolvimento humano, social e econômico de nossa região.

[22] Comporta 10 cursos de graduação em: Engenharia Ambiental e Sanitária, Engenharia Civil, Engenharia de Computação, Engenharia de Energias Renováveis, Engenharia de Petróleo, Engenharia de Produção,

analisadas são vinculados a essa unidade; e, sobretudo, pelo fato dessa unidade dispor de programas de internacionalização desde a graduação, a exemplo do Duplo Diploma e do BRAFITEC, responsáveis pelo envio de centenas de estudantes anualmente para a França;

ii) o Centro de Humanidades (CH)[23], por ter vinculadas à sua estrutura as Casas de Cultura Estrangeiras[24], um relevante equipamento de internacionalização da UFC, criado na década de 1960, durante a gestão do primeiro reitor da UFC, Prof. Antônio Martins Filho.

Além dessas razões, busquei analisar unidades que tiveram cursos contemplados no programa de internacionalização vigente nas universidades no momento da pesquisa, no caso o Programa Institucional de Internacionalização (CAPES-PrInt). Assim, busquei na relação de programas de pós-graduação contemplados no PrInt, conforme apêndice C, cursos vinculados a essas duas unidades acadêmicas: o Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Teleinformática (PPGETI) e o Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS).

Após a definição sobre as unidades de análise, a partir de 2023, passei a observar e participar de eventos promovidos por pesquisadores (as) de duas unidades acadêmicas, sendo uma docente vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia

---

Engenharia de Telecomunicações, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica e Engenharia Metalúrgica, bem como oito cursos de pós-graduação em: Engenharia Civil: Estruturas e Construção Civil, Engenharia Civil: Recursos Hídricos, Saneamento Ambiental e Geotecnia, Engenharia de Teleinformática, Engenharia de Transportes, Engenharia e Ciência de Materiais, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica e Engenharia Química.

23 Comporta nove cursos de graduação em: Ciências da Informação, Ciências Sociais, Licenciatura Interculturais Indígenas, História, Letras, Letras Inglês, Letras Espanhol, Letras Libras e Psicologia, além de 9 cursos de pós-graduação: Mestrado Profissional em História (PROFHistória), Mestrado Profissional em Letras (PROFLetras), Mestrado Profissional em Sociologia (PROFSocio), Pós-Graduação em Antropologia, Pós-Graduação em Ciências da Informação, Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Pós-Graduação em História, Pós-Graduação em Letras, Pós-Graduação em Linguística e Pós-Graduação em Psicologia.

24 As Casas de Cultura Estrangeiras foram criadas na década de 1960 e têm como finalidade promover a difusão de conhecimentos e a divulgação dos valores artísticos e culturais, bem como a internacionalização da instituição. Atualmente, são vinculadas ao Centro de Humanidades e funcionam como um projeto de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão, desenvolvendo ações junto à comunidade sob a forma de programas, projetos, cursos e eventos. Atualmente, é composta Casa de Cultura Hispânica (1961), Alemã (1962), Italiana (1963), Britânica (1964), Portuguesa (1964) e Francesa (1968). Além dos Cursos de Esperanto (1965) e Russo (1987), que está com suas atividades paralisadas.

(PPGS), e um docente vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Teleinformática (PPGETI),

No âmbito do PPGETI, acompanhei atividades de pesquisa desenvolvidas por um docente no Grupo de Pesquisa em Telecomunicações (GTEL), que, dentre outras colaborações internacionais, desenvolve tecnologias para a empresa sueca de telecomunicações Ericsson; no PPGS, acompanhei atividades de ensino desenvolvidas por uma docente, que desenvolve pesquisas na área de racismo e branquitude e teve um projeto de pesquisa aprovado pela Comissão Fulbright, como mostra o Quadro 3:

Quadro 3- Eventos das unidades acadêmicas

Unidade de análise	**Eventos**	**Datas**
Grupo de Pesquisa em Teleinformática (GTEL)	Seminário com Prof. Lee Swindlerhust, da *University of California Irvine*	26/02/2024
	Reuniões do Grupo de Pesquisa em Teleinformática com a empresa Ericsson	12/04/2024 24/05/2024 30/08/2024 13/09/2024 27/09/2024 11/11/2024
Programa de Pós-Graduação em Sociologia	Aulas na disciplina "Racismo e espaço urbano", ministrada por docente responsável pelo Projeto Fulbright na UFC.	13/09/2023 04/10/2023 11/10/2023 29/11/2023 06/12/2023
	Aula com o Prof. Hugo Cerón Anaya (Projeto Fulbright)	22/11/2023
	Curso sobre Elites na América Latina, ministrado pela Profª Carmen Martínez Novo (Projeto Fulbrigth)	02 a 31/05/2024

Fonte: Elaboração própria (2025).

A observação dos eventos desenvolvidos nessas unidades teve como finalidade analisar como a ideia de internacionalização é compreendida e ressignificada a partir das práticas e experiências de sujeitos de distintas áreas acadêmicas, o que foi fundamental tanto para a construção e delimitação do objeto da tese, quanto para as análises aqui desenvolvidas, pois possibilitaram conhecer os discursos, tanto oficiais, quanto extraoficiais, em torno da internacionalização, além de revelarem processos

existentes no cotidiano que nos possibilitaram examinar, detectar e confrontar estruturas elementares da vida social (Peirano, 2022).

Minha vivência em ambos os grupos possibilitou conhecer outros docentes, técnicos administrativos em educação e jovens pesquisadores que, diante de desafios e contradições inerentes ao campo universitário, fazem a internacionalização da UFC acontecer.

Trata-se, portanto, de um processo de análise em escalas, tanto em nível macro, passando por instâncias que pensam e formulam políticas de internacionalização como a UNESCO, o MEC, a Administração Superior da UFC, quanto em nível micro, em diferentes espaços institucionais, na vida cotidiana, onde a política acontece.

Além disso, no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, conheci a história de um programa de internacionalização existente na UFC, o Programa de Apoio à Internacionalização (PAI), criado em 2007 por um ex-aluno de graduação e institucionalizado em 2023 na Universidade. Apesar de não ter acompanhado e participado das atividades do PAI, considerei relevante apresentar, não somente a trajetória dessa política, que supriu uma lacuna institucional na UFC no acolhimento a estudantes estrangeiros, mas sobretudo, a trajetória do estudante e os desafios enfrentados no processo de institucionalização do PAI.

Desse modo, a partir da análise das situações sociais identificadas nos eventos foi possível compreender como a internacionalização atravessa o tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão.

2.4.2 Análise de documentos

Integrada à observação de eventos, para ampliar a compreensão sobre a internacionalização da UFC, debrucei-me sobre documentos produzidos tanto por organismos internacionais e nacionais, quanto institucionais, pois segundo Smith (2005), as instituições são “organizações sociais textualmente mediadas”, em que todo registro textual é capaz de delinear cadeias de ação, uma vez que se constituem em ordenamentos organizacionais, sendo fundamental para a construção da trajetória da política de internacionalização da UFC.

A pesquisa documental foi uma peça etnográfica fundamental, pois possibilitou desvelar como foram sendo construídos os sentidos, as intencionalidades em torno da política em distintos contextos. Debrucei-me, então, sobre os registros textuais, considerados por Teixeira (2020) como definidores do próprio universo institucional.

Mesmo com suas pretensões de universalidade, impessoalidade e objetividade, os documentos institucionais são capazes de revelar os processos de institucionalização de uma política. Esses documentos, na concepção de Teixeira, Lobo e Abreu (2019), precisam ser relacionados aos sujeitos que os produzem, põem em circulação, interpretam e atuam em relações de poder específicas.

Tal qual Gluckman (1987) fez em seu estudo de caso detalhado recorrendo aos processos históricos que produziram a estrutura social da Zululândia, também recorri à história da UFC a fim de compreender como, quando, porque e em que circunstâncias históricas se formou esse pensamento institucional (Douglas, 1998) acerca da internacionalização identificado na análise das situações sociais observadas nos eventos.

Com base nisso, analisei documentos produzidos por organismos internacionais, pelo governo federal e pela UFC com a finalidade de compreender como os discursos de internacionalização são instituídos e vão se modificando ao longo do tempo. O Quadro 4 relaciona os principais documentos analisados:

Quadro 4- Documentos analisados

(continua)

Internacionais	Federais	Institucionais
• Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI (1998); • Conferência Mundial de Ensino Superior da UNESCO (2022); • Declaração da CRES+5 (2024).	• Decreto nº 11.923, de 15 de fevereiro de 2024 (PEC-G e PEC-PG); • Decreto nº 7642, de 13 de dezembro de 2011 (CsF); • Portaria Interministerial nº 01, de 09 de janeiro de 2013 (CsF); • Portal da transparência da Controladoria-Geral da União (CGU); • Portaria nº 1.466, de 18 de dezembro de 2012 (IsF);	• Boletins informativos emitidos entre 1956 e 1970; • Planos de Desenvolvimento Institucional (2007 a 2011; 2012; 2013-2017; 2018-2022, 2023-2027); • Provimento nº 01, de 20 de janeiro de 2017 - cria a PROINTER; • Resolução nº 46/CONSUNI, de 11 de setembro de 2017 – cria o Comitê de Internacionalização da UFC (COMINTER);

Quadro 4 - Documentos analisados

(conclusão)

Internacionais	Federais	Institucionais
-	• Portaria nº 973, de 14 de novembro de 2014 (IsF); • Portaria nº 220, de 03 de novembro de 2017 (CAPES-PrInt); • PL 3076/2020 (Future-se); • Portaria nº 84, de 19 de março de 2024 (Move La América); • Edital n° 07/2024, do Programa (Move La América); • Chamada Pública MCTI/CNPq nº 16/2024; Notícias veiculadas na página institucional da Secretaria de Comunicação da Presidência da República, do MEC, da CAPES e do CNPq; • Portaria nº 74, de em 28 de março de 2025 (CAPES-Global.Edu); • Edital nº 13/2025 (CAPES-Global.Edu).	• Provimento nº 01/CONSUNI, de 07 de fevereiro de 2020 – atribui novas competências à PROINTER; • Resolução nº 37/CONSUNI, de 23 de agosto de 2023 – modifica estrutura da PROINTER; • Painel e Internacionalização da UFC; • Plano de Internacionalização da UFC 2017; • Proposta da UFC no CAPES-PrInt; • Plano de Internacionalização da UFC 2025-2030; • Materiais institucionais produzidos para divulgar ações de internacionalização; • Notícias veiculadas na página institucional da UFC.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Esses documentos, na perspectiva de Vianna (2014, p. 47), "fabricam um 'processo' como sequência de atos no tempo, ocorrendo em condições específicas e com múltiplos e desiguais atores e autores", auxiliando a rastrear discursos, conexões, interações, tensões institucionais e jogando luz sobre o movimento da internacionalização na UFC.

A análise dos eventos e dos documentos viabilizou compreender os discursos e práticas de internacionalização de organismos internacionais como a UNESCO, de agências de fomento, como a CAPES e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e da UFC.

2.4.3 Diálogo com interlocutores-chave

Tendo como base a pedagogia freireana que propõe que o diálogo e a aprendizagem com o "outro" (outra cultura, outro país, outro saber) deve se dar a partir

do reconhecimento da diferença e da horizontalidade, além das análises de eventos e de documentos, realizei diálogos com interlocutores-chave envolvidos no processo de internacionalização da UFC por meio de entrevistas semiestruturadas.

As entrevistas, para mim, foram um exercício de alteridade, de escutar o outro, respeitando nossas diferenças. No entendimento de Arias (2010, p. 387), uma entrevista é como

> un encuentro interhumano que busca suscitar un discurso sobre los horizontes de sentido de la cultura de los interlocutores, es un encuentro humano, cara a cara, entre dos actores con experiencias de vida, visiones de la realidad, con tramas simbólicas distintas, que establecen, un encuentro dialogal simétrico a fin de poder conocer y compreender un poco más sus propias realidades, por ello debemos considerar que la calidad de la entrevista, dependerá de la calidad humana de esse encuentro, y que el mismo exige de una profunda sensibilidad y afectividad, que nos permita estar abiertos para aprender del otro, para que el otro nos enseñe y nos transforme.

Mas como estabelecer um encontro dialógico e simétrico sendo eu uma pesquisadora neófita, pesquisando pesquisadores altamente qualificados e renomados? A fim de tentar reduzir essa assimetria, optei por realizar as entrevistas no final da realização da pesquisa de campo, durante o primeiro semestre de 2025, após um período de convivência com a maioria dos sujeitos entrevistados e o estabelecimento de uma relação mínima de empatia e confiança com os interlocutores para que pudessem fluir em seus discursos.

O roteiro da entrevista foi dividido em três eixos, isto é, um conjunto de títulos, construídos a partir do referencial teórico, que visam abranger os fins e objetivos deste trabalho, sendo: a) Trajetórias pessoais e experiências com ações de internacionalização; b) Concepções sobre as políticas de internacionalização universitária; e c) Percepções sobre o processo de internacionalização da UFC, conforme Apêndice G. Contudo, mesmo sendo guiada por um roteiro de questões previamente formulado, optei por deixar os interlocutores falarem livremente. Busquei respeitar o fluxo da interação, deixando-os livres para conduzirem o tema de acordo com o que consideravam relevante. Em momentos oportunos, levantava outras questões, quando necessário, a fim de compreender melhor suas experiências. Busquei construir, assim, uma pesquisa participativa e dialógica.

Nesse processo dialógico, conversei com gestores da Administração Superior, vinculados à Reitoria, Pró-Reitoria de Inovação e Relações Interinstitucionais (PROINTER) e à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) com a finalidade de compreender como pensam e instituem políticas de internacionalização na Universidade.

Além deles, seguindo a hierarquia institucional, conversei com coordenadores dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e em Engenharia de Teleinformática (PPGETI); docentes/pesquisadores de nacionalidades brasileira e estrangeira; técnicos administrativos em educação (TAEs); e discentes vinculados a ambos os Programas, com a finalidade de compreender o que pensam, como praticam a internacionalização e quais suas experiências na área.

Conversei, ainda, com outros sujeitos considerados relevantes para a pesquisa, como: o diretor de Avaliação da CAPES, que é docente da UFC e foi pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação entre 2016 e 2019, tendo colaborado para a elaboração do projeto institucional para o CAPES-PrInt; um ex-aluno do PPGETI e ex-pesquisador do GTEL, que atualmente trabalha na empresa Ericsson, na Suécia; e um ex-aluno da UFC, responsável pela criação do Programa de Apoio à Internacionalização (PAI).

Para preservar o anonimato dos interlocutores, todos foram identificados por nomes fictícios a fim de garantir a proteção de suas identidades, respeitando os princípios éticos da pesquisa etnográfica, conforme detalha o Quadro 5:

Quadro 5- Relação de sujeitos entrevistados

(continua)

Nível	**Interlocutores**	**Nome Fictício**	**Data da entrevista**
Gestores da Administração Superior	Reitor (2019-2023)	Prof. Cláudio	12/03/2025
	Reitor (2023-2027)	Prof. Vitório	09/05/2025
	Pró-Reitor da PROINTER (2019-2023)	Prof. Antônio	26/02/2025
	Vice-Reitora da UFC e Pró-Reitora da PROINTER (2023-2027)	Profª Ana	26/02/2025
	Pró-Reitor da PRPPG (2019-2023) e Coordenador-Geral do GTEL	Prof. Rogério	14/04/2025

Quadro 5 - Relação de sujeitos entrevistados

(conclusão)

Nível	Interlocutores	Nome Fictício	Data da entrevista
Gestores da Administração Superior	Pró-Reitora da PRPPG (2023-2027)	Profª Cristina	29/04/2025
	Coordenador de Internacionalização da PROINTER (2019-2027)	Prof. Jorge	20/03/2025
	Diretor de Avaliação da CAPES (2024-2027) e ex-Pró-Reitor da PRPPG (2016-2019)	Prof. Paulo	15/04/2025
Coordenadores /docentes	Coordenador do PPGETI e pesquisador do GTEL	Prof. Anderson	11/03/2025
	Pesquisador do GTEL/Dir. Relações Interinstitucionais CT	Prof. Wilmar	26/03/2025
	Professor Estrangeiro do PPGETI/pesquisador do GTEL	Prof. Jamal	16/04/2025
	Coordenador do PPGS	Prof. Otávio	10/04/2025
	Professora do PPGS/coordenadora do Projeto Fulbright	Prof ª Gecilda	12/03/2025
	Professor Estrangeiro do PPGS	Prof. Jahad	29/04/2025
TAEs[25]	Servidora técnico-administrativa da PROINTER	Paula	17/07/2025
	Servidor técnico-administrativo do PPGETI*	Rafael	14/07/2025
	Servidora técnico-administrativa do PPGS	Lourdes	11/07/2025
Discentes	Aluno de Doutorado no PPGS / ex-aluno do PEC-G	Andile	07/03/2025
	Aluno de Doutorado no PPGS	Flávio	20/03/2025
	Aluno de Doutorado no PPGETI/pesquisador no GTEL	Yago	12/03/2025
	Aluno de Doutorado no PPGETI/pesquisador no GTEL	Kaio	20/03/2025
	Ex-aluno do PPGETI e atual diretor na Ericsson	Alex	08/04/2025
	Ex-aluno da UFC e criador e mentor do Programa de Apoio à Internacionalização (PAI)	Ivo	17/04/2025

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

[25] Considerando que não há TAEs lotados no GTEL, optei por entrevistar o servidor do PPGETI, unidade a qual o GTEL é vinculado, com a finalidade de garantir a representatividade da categoria, bem como manter a coerência com o universo da pesquisa e os critérios éticos e metodológicos.

A realização de entrevistas com diferentes sujeitos e representantes de instituições envolvidos na implementação de uma política consiste em uma etapa fundamental para a apreensão da trajetória institucional da internacionalização da UFC, pois viabiliza que compreendamos suas experiências, concepções de educação, e por conseguinte, de internacionalização

Todos os entrevistados autorizaram o uso dos seus dados por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ao todo, foram 23 interlocutores, sendo apenas cinco mulheres, dado que também é constitutivo da colonialidade, pois mesmo com avanços quanto à inserção e à participação das mulheres no campo científico, ainda enfrentamos desigualdades de gênero na Academia, sobretudo em cargos administrativos e no nível mais elevado da carreira universitária, como a de professor (a) titular (Silva; Ribeiro, 2014).

No caso da UFC, em seus 70 anos de existência, somente em 2023 elegemos a primeira mulher vice-reitora. Essa desigualdade de gênero fica mais acentuada quando se fala em mobilidade acadêmica, uma vez que muitas mulheres enfrentam o conflito da maternidade, da atenção e obrigação com a família e as exigências da vida acadêmica (Velho, 2006).

Após a realização das entrevistas, todas foram transcritas por meio da ferramenta *Transkriptor*, revisadas e integradas ao conjunto de dados sistematicamente analisados. Por meio do diálogo com os interlocutores, foi possível conhecer as trajetórias acadêmica e profissional dos sujeitos, além de questões voltadas ao entendimento dos sentidos atribuídos à internacionalização, bem como suas práticas e experiências.

2.4.4 Construção de histórias de vida

Ao longo do diálogo com os interlocutores sobre o processo de internacionalização da Universidade, foi possível identificar que as trajetórias acadêmicas e profissionais dos sujeitos se entrelaçam com suas histórias de vida. Desse modo, utilizamo-nos dessa estratégia na construção da etnografia para conhecer não somente a trajetória de vida dos sujeitos, mas sobretudo suas experiências, vivências, perspectivas,

saberes e visões de mundo. Trata-se, como afirma Gussi (2005, p. 186), “de compreender a experiência do Outro e aprender com ela”.

Esse processo de adentrar na vida do outro requereu, de certo modo, o estabelecimento de um vínculo de confiança mútua construído ao longo do tempo de convivência durante a pesquisa etnográfica. Além de uma escuta atenta e respeito às singularidades e experiências pessoais e únicas de cada pessoa.

No entendimento de Gomes (2019, p. 62), essas experiências individuais “podem representar grupos maiores, situações sociais que podem ser consideradas típicas ou atípicas”. E, de fato, essas experiências contribuíram para aprendermos como a política de internacionalização da UFC se desenvolve na realidade e analisarmos as trajetórias da política de internacionalização da UFC.

Dentre as muitas histórias narradas, buscamos, nesta tese, compartilhar, de forma mais detalhada, as trajetórias dos interlocutores discriminados no Quadro 6:

Quadro 6 – Interlocutores e suas histórias de vida.

Interlocutores	Descrição	Seção
Alex	Ex-estudante do Programa de Pós-Graduação em de Engenharia de Teleinformática da UFC e pesquisador no GTEL, que, ao narrar sua trajetória de vida e sua escolha por trabalhar em uma multinacional na Suécia, contribuiu para compreendermos, dentre outras questões, sobre o processo denominado “fuga de cérebros”.	6.2.4
Flávio	Estudante de doutorado no PPGS, que ao relatar sua saga para vivenciar uma experiência internacional contribuiu para compreendermos, dentre outras questões, sobre as dificuldades dos alunos de humanidades para realizar uma mobilidade acadêmica.	6.3.1
Andile	Ex-PEC-G e estudante de doutorado no PPGS, que, ao relatar sobre sua vinda para o Brasil, sua adaptação à cultura brasileira, ensinou-nos sobre as tensões oriundas do encontro entre diferentes culturas, sobre a necessidade do diálogo intercultural, dentre outras.	6.3.2
Ivo	Ex-estudante da UFC, que, ao narrar sobre a criação do Programa de Apoio à Internacionalização (PAI) da UFC, ensinou-nos sobre os meandros institucionais e as dificuldades para institucionalização de uma política.	6.4

Fonte: Elaboração própria (2025).

Os relatos de vida, que evocam as memórias individuais e institucionais desses interlocutores, geraram novos aprendizados sobre a internacionalização universitária, possibilitando-nos esboçar, de forma coletiva, novos modos de pensar e

fazer internacionalização a partir deles. Sobre essa questão, Bosi (1987, p. 17) compreende que “lembrar não é reviver, é refazer, reconstruir, repensar com ideias de hoje, as experiências do passado". Nesse sentido, as histórias de vida dos interlocutores funcionaram como “matéria-prima”, nos termos de Chauí (1987, p. 21), para a produção de conhecimento sobre a internacionalização universitária.

2.5 Análise e triangulação dos dados

Depois de olhar e ouvir chegou o momento de escrever, compreendido por Oliveira (1996, p. 22) como “o ato exercitado por excelência no gabinete”, mas que se constituiu em um verdadeiro desafio para mim, pois em meu exercício profissional no Gabinete da Reitoria, minha escrita sempre foi marcada por um posicionamento institucional e pelo zelo com a imagem da instituição. Contudo, a textualização do apreendido durante o trabalho de campo, envolve descrever e relatar o que os discursos e as práticas, de fato, significam.

Por essa razão, diante desse meu experimento antropológico, senti o tal “nervosismo amplamente difundido”, que Geertz (1998, p. 221) descreve sobre

> toda essa coisa que envolve a reivindicação de explicar-se outros enigmáticos como base no fato de que você conviveu com eles no seu hábitat nativo ou pesquisou os escritos daqueles que os fizeram.

Então, passei a me perguntar: Como traduzir em palavras o que vi e ouvi nesse tempo de trabalho de campo? Como definir o que posso ou não relatar? Como expor como a internacionalização é pensada e praticada na UFC, considerando todos os riscos que envolvem o fazer etnográfico em meu próprio *locus* de trabalho?

Eis o que Geertz (1998) intitulou como o dilema do antropólogo entre o “estar lá” no trabalho de campo e o “estar aqui”, no momento da escrita. “O que é a prova, como ela foi coletada? O que ela indica?” são questões que Geertz (1998, p. 224) coloca sobre o desafio de atestar aquilo que foi coletado em campo, mesmo diante de minha autoridade etnográfica (Clifford, 1998).

A fim de legitimar meu discurso sobre a realidade, fui construindo pontes que me levaram da ontologia para a epistemologia e para a metodologia (Retamozo, 2006).

Nesse sentido, em consonância com os objetivos e orientações epistemológicas deste trabalho, a análise dos dados teve como base a Análise do Discurso Crítica Latino-Americana (ACD-LA), proposta por Resende[26] (2019) como uma ressignificação da análise do discurso desenvolvida pelo linguista britânico e pioneiro na área, Norman Fairclough (2016).

Resende (2019) tece um diálogo entre teorias decoloniais e estudos críticos do discurso, trazendo importantes reflexões sobre a colonialidade no âmbito dos estudos discursivos e na academia, bem como a necessidade de reivindicarmos a construção de um conhecimento que não se pretenda universal. A ACD-LA configura-se, portanto, na abordagem metodológica apropriada a este trabalho etnográfico, que tem como objetivo analisar a trajetória institucional da política de internacionalização da UFC a partir de discursos, práticas e experiências de gestores, professores e discentes envolvidos com esse processo na Universidade, por meio de uma etnografia institucional e à luz da colonialidade. Isto porque Resende (2008, p. 96) entende que:

> Para análises discursivas lograrem críticas explanatórias, é indispensável um conhecimento contextual capaz de possibilitar o estabelecimento das relações entre representações discursivas e práticas sociais. Isso endossa a relação desejável entre ADC e etnografia. O reconhecimento de que a realidade social é apenas parcialmente discursiva e de que, portanto, as representações das práticas/eventos carregam lacunas inevitáveis, sugere que os documentos etnográficos gerados/coletados em campo sejam complementados por estratégias observacionais na construção do objeto de pesquisa.

Trata-se, portanto, de uma metodologia de análise de dados de pesquisas qualitativas que tem relação transdisciplinar com a etnografia. Assim, ao enfatizar o discurso em relação à ideologia, ao poder e à hegemonia, buscamos, por meio da ACD-LA, compreender os discursos a partir de três dimensões: o discurso como texto (por meio da análise de documentos), como prática discursiva (por meio de falas e discursos) e como prática social. Nesse sentido, analisamos como a colonialidade se manifesta nos discursos, práticas e experiências de internacionalização dos sujeitos institucionais; como

[26] Viviane Resende de Melo é Doutora em Linguística (Linguagem e Sociedade) pela Universidade de Brasília (UnB) e professora associada do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP/UnB). Escreveu em 2019 o livro "Decolonizar os estudos críticos do discurso", contribuindo para o desenvolvimento de estudos discursivos e às epistemologias do sul.

esses discursos e práticas são utilizados para manter ou transformar a realidade; como e se discursos instituídos entram em conflito com práticas de internacionalização.

Assim, para análise dos dados, previamente à etapa da escrita, realizei uma análise prévia de todo o material descrito acerca dos eventos analisados, de minhas reflexões teóricas e sentimentos envolvidos no trabalho de campo, a fim de selecionar as situações sociais que se relacionavam e quais era mais pertinentes a serem trabalhadas na tese. Em seguida, o material selecionado foi analisado e separado em categorias de acordo com os objetivos da pesquisa e a análise pretendida. A partir da análise dos dados, estruturei categorias e dimensões de análise, as quais busquei atestar por meio das evidências observadas nos discursos e práticas, como mostra o Quadro 7:

Quadro 7- Estruturação da análise dos dados

(continua)

Categorias	**Dimensões de análise**
Fundamentos epistemológicos e dinâmicas políticas	Orientações epistemológicas
	Dinâmicas políticas
Gestão da internacionalização institucional	Percurso histórico
	Estrutura Administrativa
	Aspectos da internacionalização institucional
Práticas acadêmicas de internacionalização	Aspectos da internacionalização acadêmica
	Práticas linguísticas
Trajetórias pessoais e experiências com ações de internacionalização	Trajetórias acadêmicas e profissionais
	Vivências com ações de internacionalização
Concepções de internacionalização	Concepções sobre a Universidade
	Concepções sobre internacionalização
	Motivações para internacionalizar
	Relações com países e instituições estrangeiras

Quadro 7 - Estruturação da análise dos dados

(conclusão)

Categorias	Dimensões de análise
Concepções de internacionalização	Papel das agências de fomento
Fundamentos epistemológicos e dinâmicas políticas	Orientações epistemológicas
	Dinâmicas políticas
Gestão da internacionalização institucional	Percurso histórico
	Estrutura Administrativa
	Aspectos da internacionalização institucional
Práticas acadêmicas de internacionalização	Aspectos da internacionalização acadêmica
	Práticas linguísticas
Trajetórias pessoais e experiências com ações de internacionalização	Trajetórias acadêmicas e profissionais
	Vivências com ações de internacionalização
Concepções de internacionalização	Concepções sobre a Universidade
	Concepções sobre internacionalização
	Motivações para internacionalizar
	Relações com países e instituições estrangeiras
	Papel das agências de fomento
Percepções sobre a política de internacionalização da UFC	Atuação da UFC nos cenários global, nacional e local
	Marcos no processo de internacionalização da UFC
	Desafios para a internacionalização da UFC

Fonte: Elaboração própria (2025).

Assim, ao dividir o material coletado em categorias, organizei as seções da tese de modo a contemplarem os objetivos da pesquisa, como mostra o Quadro 8:

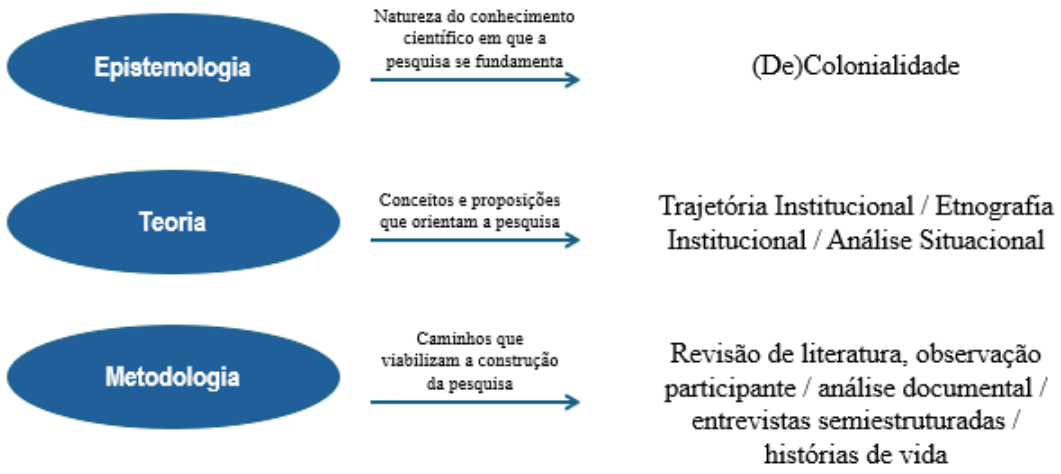
Quadro 8- Organização das seções conforme os objetivos da pesquisa

Seção da Tese	Objetivos
Seção 8	Objetivo Geral: Analisar a trajetória institucional da política de internacionalização da UFC, a partir dos discursos, práticas e experiências de gestores, pesquisadores e discentes envolvidos com esse processo na Universidade por meio de uma etnografia institucional.
Seção 3	Objetivo Específico 1: Investigar os fundamentos epistemológicos e as dinâmicas políticas que orientam a política de internacionalização da educação superior brasileira
Seções 4 e 5	Objetivo Específico 2: Analisar como a política de internacionalização é instituída em distintos contextos políticos-institucionais
Seções 6 e 7	Objetivo Específico 3: Compreender como a política de internacionalização é compreendida e ressignificada pelos sujeitos na UFC
Seção 9	Objetivo Específico 4: Apresentar proposições para o processo de internacionalização da UFC, incluindo possibilidades de uma internacionalização decolonial.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Diante do exposto, vemos que a construção e análise da trajetória institucional da política de internacionalização da UFC requereu a definição de um caminho metodológico multidimensional, em que utilizamos variados instrumentos para coleta de dados alinhados às escolhas epistemológicas e teóricas do trabalho, como ilustra a Figura 5:

Figura 5– Caracterização da pesquisa etnográfica



Fonte: Elaboração própria (2024).

Na prática, a fim de compreender como se constitui esse campo de discursos e práticas da internacionalização da UFC por meio da etnografia institucional, assumi a posição de uma intérprete de reuniões, eventos, memórias, documentos e histórias de pessoas que fizeram e fazem a internacionalização acontecer na Universidade. A partir desse arcabouço epistemológico, teórico e metodológico foi possível analisar como a UFC se internacionaliza, conforme veremos nas próximas seções.

3 A INTERNACIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA COMO UM CAMPO DE DISPUTAS SIMBÓLICAS E POLÍTICAS

> "A educação é um evento político" (Freire, 2021b, p. 38).

Nesta seção, investigo os fundamentos epistemológicos e as dinâmicas políticas que orientam a política de internacionalização da educação superior brasileira. Inicialmente, apresento as concepções sobre a internacionalização da educação superior, tanto na perspectiva de estudiosos sobre o tema, quanto dos organismos internacionais, responsáveis por orientar as políticas públicas voltadas à internacionalização. Além disso, busco compreender como as marcas coloniais afetam o ensino superior e as políticas de internacionalização no contexto da geopolítica do conhecimento.

Com base nisso, esta seção está dividida em quatro subseções. Na seção “3.1 Notas etnográficas: uma crise de paradigmas, entre a teoria e a empiria”, discorro sobre o sentimento de frustração que senti ao realizar o trabalho de campo e não encontrar elementos de decolonialidade na internacionalização da UFC. Mostro as estratégias escolhidas para superar esse sentimento e desenvolver o trabalho de campo.

Na seção “3.2 Desvendando o campo da internacionalização nas universidades”, apresento como a internacionalização tem sido estudada nas universidades brasileiras; na sequência, em “3.3 Paradigmas hegemônicos de internacionalização e a emergência de um campo”, trago uma discussão conceitual sobre a internacionalização, mostrando a tensão existente em torno da temática que coloca a educação superior em disputa entre a mercantilização e o bem comum, sobretudo nas universidades da América Latina.

Na seção “3.4 A internacionalização da educação superior sob as lentes epistemológicas da (de)colonialidade”, abordo a perspectiva de internacionalização à luz da (de)colonialidade; em “3.5 Políticas públicas de internacionalização da educação superior no Brasil, mostro como as marcas da colonialidade aparecem no conteúdo das políticas públicas formuladas pelo governo brasileiro.

Por fim, em “3.6 (Re)pensando paradigmas outros para a formulação de políticas públicas a partir da CRES+5” descrevo sobre as principais discussões ocorridas durante a CRES+5, que contribuíram para a formulação de políticas de internacionalização sustentadas em outros paradigmas de educação superior.

Nesse sentido, por considerar, nesta tese, que o debate sobre a colonialidade é fundante para a problematização da internacionalização da educação superior, buscamos nas obras de autores situados epistemologicamente no Sul Global elementos constitutivos de um pensamento decolonial que contribuam para pensarmos internacionalizações outras.

3.1 Notas etnográficas: uma crise de paradigmas, entre a teoria e a empiria

Em outubro de 2021, parti para uma incursão exploratória no campo universitário em busca de desvelar os sentidos atribuídos à internacionalização, sobretudo

no âmbito da Administração Superior. Ao observar a predominância de discursos e práticas de internacionalização euro norte referenciados, despertei para uma categoria analítica fundante para ampliarmos a compreensão sobre a internacionalização da educação superior: a colonialidade do poder, do ser e do saber, uma forma de dominação originada no colonialismo, que nega espaço para o desenvolvimento de outras formas de saber e ser no mundo, causando uma subordinação e uma dependência não somente político-econômica, mas sobretudo epistêmica e cultural (Quijano, 2005; Lander, 2005).

Por ser a UFC uma instituição de Estado, cujas políticas são definidas, em parte, no âmbito do governo federal, passei a analisar também os principais programas de internacionalização propostos pelo Ministério da Educação do Brasil entre 2011 e 2025, os quais funcionam como fio condutor da internacionalização das universidades brasileiras. A análise do conteúdo dessas políticas também revelou indícios de colonialidade, como mostramos em Garcia e Gussi (2023). Isso ocorre porque o Estado brasileiro viveu muitos anos sob o jugo do colonialismo, resultando na predominância de uma racionalidade colonial nas políticas públicas.

Como contraponto, em meados do trabalho de campo, entre 2023 e 2024, tive a oportunidade de vivenciar dois eventos que contribuíram significativamente para ampliar os horizontes epistemológicos deste trabalho, ratificando minha concepção anticolonial sobre a internacionalização universitária. O primeiro foi o Curso de Extensão em Gestão da Internacionalização Universitária Latino-Americana, que realizei entre agosto de 2023 e novembro de 2024, promovido pela *Universidad Nacional del Comahue*, da Argentina, que contribuiu para o desenvolvimento de uma perspectiva de internacionalização regional latino-americana.

O segundo evento que me instigou a pensar em outros paradigmas de internacionalização foi a CRES+5, uma reunião de acompanhamento da Conferência Regional de Educação Superior, que ocorreu de 13 a 15 de março de 2024 em Brasília/DF, organizada pelo Instituto Internacional da Unesco para a Educação Superior na América Latina e Caribe (Unesco/IESALC), pelo Espaço Latinoamericano e Caribenho de Educação Superior (Enlaces) e pelo Ministério da Educação do Brasil (MEC), mais especificamente pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

(CAPES), cujas palestras e discussões centraram-se na importância de se descolonizar as políticas educacionais e, por conseguinte, as de internacionalização.

Durante a CRES+5, o Ministro da Educação do Brasil, Camilo Santana, lançou um novo programa de internacionalização, chamado Move La América, com a finalidade de fazer internacionalização em casa, por meio da atração de estudantes latino-americanos para as universidades brasileiras. Além disso, foram celebrados acordos de cooperação com associações e países latino-americanos, reforçando a cooperação Sul-Sul.

Ambos os eventos contribuíram para afirmar minha concepção de internacionalização mais solidária e menos mercadológica. Teoricamente, passei a me orientar por essa perspectiva de internacionalização mais regionalizada e voltada para a solidariedade entre as instituições, sobretudo com o Sul Global. Assim, comecei a buscar, no campo empírico, ações ou colaborações com instituições do Sul Global, que se posicionassem na contra hegemonia do que vinha sendo dito e feito na instituição. Entretanto, senti-me profundamente frustrada, pois eu não encontrava esse tipo de prática de internacionalização na UFC.

Sobre esse sentimento intruso que atravessou meu trabalho de campo, Coelho (2019, p. 285) descreve três maneiras de lidar com as emoções no trabalho etnográfico:

> como intrusas indesejáveis a serem escondidas dos olhos do público, uma vez que conspurcariam a "objetividade científica"; como maneira de entender a natureza da pesquisa etnográfica em si; e como forma de conhecimento da experiência do outro por meio do contraste com a vivência do pesquisador (via "conhecimento posicionado", via "intersubjetividade" ou via "deixar-se afetar").

Escolhi a terceira opção: conhecer a experiência do outro. E foi exatamente nessa crise paradigmática acerca da internacionalização, na tensão entre disputas de poderes simbólicos que fui tendo alguns discernimentos antropológicos. A partir desses desvelamentos, em vez de buscar indícios de decolonialidade, passei a buscar compreender como a colonialidade se manifesta nos discursos e práticas de internacionalização da UFC, quais suas origens e fundamentos para, a partir dessa compreensão, construir aprendizados e propostas de políticas próprias de

internacionalização. Encontrei, assim, uma oportunidade para confrontar a herança colonial na educação superior.

Além disso, foi por meio do sentimento de frustração epistemológica que tive clareza sobre um conceito que se encontra no âmago do fazer etnográfico: a alteridade, o reconhecimento das diferenças e da subjetividade do "outro". A frustração de não encontrar, a princípio, elementos decoloniais nas ações e práticas de internacionalização da UFC pavimentou o caminho para a compreensão de distintas experiências e práticas de internacionalização na Universidade, possibilitando-me compreender a complexidade e a diversidade da cultura institucional.

Para compreender um determinado fenômeno ou mesmo as relações entre os indivíduos e instituições é necessário não somente observar os acontecimentos em um determinado contexto, mas explorar o espaço social onde essas interações ocorrem. Assim, à medida que fui me aprofundando no trabalho de campo a fim de compreender o *ethos* institucional, ocorreu o que Da Matta (1978, p. 8) chamou de "descoberta etnográfica", aquele despertar antropológico, quando você consegue descobrir o funcionamento de uma instituição e finalmente compreende a operação de algo que antes era obscuro. Foi quando eu pude perceber que a internacionalização não é nem só isso, nem só aquilo, não é nem só mercadológica, nem só solidária.

Por estar imiscuída em relações de poder e domínio de conhecimento entre intelectuais, cientistas e instituições, a internacionalização vem se constituindo, na verdade, no que Bourdieu (2004) compreende como "campo", um espaço social em que alguns agentes ou grupos exercem dominação sobre outros, reproduzindo hierarquias e desigualdades existentes, influenciando a forma como os indivíduos se posicionam e se relacionam.

A compreensão sobre "campo" de Bourdieu nos possibilita analisar a complexidade das relações de poder, as dinâmicas de disputas políticas e a influência do contexto nas instituições. Por meio da noção de campo, é possível compreender como os agentes se posicionam, atuam e lutam dentro dele, e como suas ações e escolhas são influenciadas pelo contexto social, pois de acordo com Bourdieu (2004, p. 29), "os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégias que dependem, elas próprias, em grande parte, dessas posições,

nos limites de suas disposições". Essas estratégias podem ser orientadas tanto para a conservação da estrutura quanto para a sua transformação. No campo da internacionalização, permeado por dimensões políticas, geopolíticas, econômicas, sociais, culturais, territoriais etc., veremos que a competição não exclui a solidariedade e vice-versa, como mostraremos ao longo desta tese.

3.2 Desvendando o campo de estudos em internacionalização nas universidades: uma revisão de literatura

Com a finalidade de compreender como a internacionalização tem sido abordada nos cursos de pós-graduação das universidades brasileiras, realizei uma busca, utilizando o termo "internacionalização da educação superior", no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e localizei 100 pesquisas relacionadas à internacionalização, realizadas entre 2012 e 2025, sendo 34 teses e 66 dissertações, a maioria centrada na análise de programas de mobilidade acadêmica, como o Programa Estudantes Convênio de Graduação (PEC-G) e de Pós-Graduação (PEC-PG) e, principalmente, sobre o Programa CsF.

Essas pesquisas também estão relacionadas a políticas específicas de internacionalização das universidades e ao processo de internacionalização dessas instituições, com enfoque, sobretudo, nos aspectos formais institucionais, no grau de internacionalização e na influência da internacionalização na qualidade da educação superior e no desempenho universitário, como mostra o quadro no apêndice A.

O que podemos observar, a partir da análise dessas pesquisas *strictu sensu*, é que o campo teórico-empírico sobre a internacionalização da educação superior é marcado hegemonicamente por uma perspectiva positivista, resultado não somente da racionalidade científica moderna e dominante (Sousa Santos, 2008), mas também pela exigência de agências de fomento e órgãos de financiamento, como o Banco Mundial, que exigem das políticas públicas resultados objetivos e práticos (Leal, 2020).

A partir da análise dessas pesquisas *strictu sensu*, observamos também que a maior parte das publicações se fundamenta em referências e modelos de internacionalização estadunidense e europeu, com reduzidas análises e referências na

América Latina. No contexto brasileiro, observamos um predomínio de pesquisas sobre internacionalização voltadas a contextos universitários do Sul e Sudeste do país e poucos estudos desenvolvidos em universidades do Norte e do Nordeste, sendo necessário conhecer mais profundamente como essas ações se processam em contextos brasileiros periféricos, como no caso do Ceará[27].

Além disso, essas pesquisas apontam apenas para os resultados práticos da internacionalização, revelando a necessidade de se compreender a internacionalização como um campo, no sentido de Bourdieu (2004), suscetível a uma disputa de sentidos e significados, que orientam essas políticas na universidade.

Isso posto, buscamos contribuir para uma perspectiva crítica por meio de estudos que problematizem o campo de estudos e práticas da internacionalização, assim como Leal (2020), que em sua tese intitulada "Bases epistemológicas dos discursos dominantes de internacionalização da educação superior no Brasil", analisou os discursos de internacionalização na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A tese de Leal (2020), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Santa Catarina, tem como objetivo compreender as bases epistemológicas dos discursos dominantes de internacionalização da educação superior no Brasil a partir do contexto específico da UFSC. Os resultados da pesquisa revelaram a existência de uma narrativa hegemônica, de ordem política e acadêmica, em torno do que significa 'internacionalizar'.

A autora sustenta que: a) os discursos e estratégias de 'internacionalização' nos contextos em evidência são altamente funcionais ao avanço do capitalismo universitário/acadêmico global em curso; b) uma das bases em que essa lógica colonial se ampara é nos pressupostos estruturais da literatura funcionalista sobre o tema, que neutraliza tensões e contradições do fenômeno e a estabelece zonas de 'não ser' ao universalizar o que é situado; c) desnaturalizar a ideia dominante de 'internacionalização' – no sentido de possibilitar a concepção de outras formas de fazer, pensar, vivenciar e ser nas relações internacionais e interculturais universitárias/acadêmicas – implica em

27 Retomo, aqui, o entendimento de "periferia" de Latorre e Crăciun (2023) ao se referirem a lugares alijados do centro geográfico e/ou imaginário, como é o caso do Estado do Ceará, distante de centros considerados mais desenvolvidos, como Estados situados nas regiões Sul e Sudeste do Brasil.

distanciar-se dos discursos político e acadêmico contemporaneamente enfatizados sobre o fenômeno e amplamente adotados por instituições e atores envolvidos com a educação superior; d) a epistemologia decolonial, os conceitos de ‘epistemologias do Sul’ e ‘redução sociológica’, o legado do Movimento de Córdoba e as lutas pela democratização da universidade pública fornecem pistas para ‘habitar a fronteira’ e pensar em outras internacionalizações da educação superior no Brasil, que, em referência a Frantz Fanon, se associam a uma agenda de ‘total desordem’.

Outro estudo que me interessou foi a tese de Martinez (2017), intitulada “Entre fios, pistas e rastros: os sentidos emaranhados da internacionalização da Educação Superior”, que também traz aportes teóricos sobre o campo da internacionalização ao investigar e problematizar o emaranhado de sentidos que constituem o cenário da internacionalização da Educação Superior, em duas universidades públicas brasileiras, uma federal e outra estadual, as quais não foram identificadas na pesquisa.

A pesquisa de Martinez (2017) tem como objetivos investigar e discutir o papel que a internacionalização desempenha na educação superior brasileira e problematizar e ressignificar os sentidos de ética, justiça social, cidadania global e democracia que emergem nos discursos, práticas e políticas de internacionalização no contexto da educação superior no Brasil. A tese, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade de São Paulo, apontou: a) uma mudança de base epistemológica na relação entre Sul e Norte Global, desafiando formas histórico-sociais de subserviência; b) uma preocupação das instituições brasileiras com a internacionalização local, distanciando-se assim dos entendimentos de internacionalização mais comuns no Norte Global; c) a necessidade de mais atenção, por parte das universidades, na questão da interculturalidade como aspecto central da internacionalização.

Ambas as teses incidem luzes sobre o fenômeno da internacionalização ao adotarem uma perspectiva crítica e decolonial, contribuindo para fundamentar estudos contra hegemônicos de internacionalização, aos quais se filia este trabalho.

Nesse levantamento bibliográfico, observamos também uma escassez de estudos etnográficos, localizando apenas a dissertação de Santos (2017) que se utiliza da etnografia institucional como abordagem teórico-metodológica. Santos (2017), na

pesquisa intitulada “Os Caminhos da Internacionalização Universitária: o caso da UFRB”, realiza uma etnografia institucional a fim de mapear os caminhos da internacionalização da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB).

A pesquisa, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade da Universidade Federal da Bahia, tem como objetivos compreender os sentidos atribuídos ao processo de internacionalização universitária pelos membros da comunidade acadêmica da UFRB no período de 2006 a 2016, buscando analisar a percepção da dimensão internacional para a comunidade acadêmica da UFRB e identificar os avanços e limitações do processo de institucionalização da internacionalização na sua década de fundação e consolidação. Os resultados da pesquisa de Santos (2017) apontam que as fragilidades da dimensão internacional na instituição perpassam a ausência de conscientização, planejamento e envolvimento da comunidade acadêmica, carecendo de uma política institucionalizada, e que a gestão da internacionalização da UFRB deve ser estruturada de forma sistêmica e pensado a longo prazo.

A autora, que entende a etnografia institucional como “abordagem que busca um entendimento dos elementos institucionais com base na realidade dos envolvidos e suas concepções acerca do contexto em estudo” (Santos, 2017, p. 22), realizou uma descrição detalhada do processo de internacionalização da UFRB, contudo, carecendo de uma análise mais densa (Geertz, 1989) e de uma maior exploração das relações normatizadoras e dos complexos institucionais dos quais os agentes institucionais participam (Veras, 2014), o que caracteriza uma etnografia institucional nos termos de Smith (2005), a precursora da abordagem, cujas ideias serão abordadas em uma seção posterior.

No âmbito da UFC, no repositório institucional, não foram encontradas pesquisas etnográficas relacionadas à internacionalização. Ao todo foram localizados doze estudos, sendo: dois artigos de evento, um artigo de periódico, dois trabalhos de conclusão de curso, seis dissertações e uma tese[28].

28 Ver apêndice B.

Dentre esses estudos, a única pesquisa que se debruçou sobre o construto da internacionalização foi a dissertação de Nunes (2018), que teve como objetivo analisar o processo de internacionalização da UFC a partir do modelo de internacionalização elaborado por Knight (1994), que possui nove etapas: contexto, consciência, comprometimento, planejamento, operacionalização, implementação, revisão, reforço e efeito de integração.

Em seu estudo de caso, Nunes (2018), que também é servidora da UFC, lotada no momento da pesquisa na Pró-Reitoria de Relações Internacionais (PROINTER), descreveu o contexto, a consciência e o comprometimento da internacionalização universitária na UFC; identificou as principais políticas, objetivos e estratégias de internacionalização da educação superior, bem como as ações estratégicas de operacionalização e de implementação na UFC e analisou as ações institucionais de revisão referentes ao processo de internacionalização universitária, assim como seu reforço e efeitos de integração para manter o compromisso da comunidade com a internacionalização universitária.

Baseado no modelo de Knight (1994), Nunes apontou os pontos fortes e os pontos frágeis do processo de internacionalização da Universidade e concluiu que:

> (...) a UFC não se baseia em nenhum modelo de internacionalização de IES citado nesse trabalho; no entanto, conforme UFC (2017b), a universidade segue um modelo próprio de gestão. No modelo próprio de internacionalização da UFC, instituições como MEC, CAPES, CNPq, FINEP e entre outros são considerados como atores importantes para o planejamento da internacionalização de IES bem como para o fortalecimento das políticas nacionais ou regionais, para o investimento financeiro e para a avaliação dos cursos de graduação e de pós-graduação que almejam internacionalizarem-se. (Nunes, 2018, p. 133).

A pesquisa de Nunes foi desenvolvida em um contexto político-institucional favorável a ações de internacionalização da UFC, na gestão do Reitor Henry de Holanda Campos (2015-2019), cuja prioridade mencionada em seu discurso de posse era "intensificar o processo de internacionalização e contribuir para melhorar ainda mais os cursos de graduação e de pós-graduação" (UFC, 2015).

Consciente de que ainda há outros aspectos da internacionalização da UFC a serem desvendados durante a presente pesquisa, esta incursão etnográfica soma-se aos

demais estudos, contribuindo para ampliar a compreensão sobre a dinâmica da institucionalização da política na Universidade por meio de uma etnografia institucional.

3.3 Paradigmas hegemônicos de internacionalização e a emergência de um campo

A "internacionalização da educação superior" é um termo que passou a ser difundido a partir da década de 1990 pela canadense Jane Knight, autora referência na temática, para designar "o processo de integração de uma dimensão internacional e intercultural no ensino, pesquisa e serviços prestados pela instituição" (Knight, 1994, p. 7). Desde então, o termo vem sendo constantemente repensado e reelaborado como uma recomendação da própria Knight (2004), por entender que a internacionalização deve refletir a realidade vivenciada pela sociedade. Assim, em 2004, a autora atualizou seu conceito, definindo a internacionalização como "o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global aos propósitos, funções ou prestação da educação pós-secundária" (Knight, 2004, p.11).

Além de Jane Knight, outros autores do Norte Global têm sido referenciados nos estudos e conceituações sobre internacionalização, a exemplo de Van der Wende (1997), Altbach (2004), Hudzik (2011), De Wit (2019), dentre outros. Contudo, essas definições são formuladas a partir de suas próprias realidades e tendem a orientar a compreensão sobre a internacionalização do restante do mundo, o que nos faz questionar em que medida essa concepção de internacionalização, formulada pelo e para o Norte Global, dá conta das variadas realidades existentes no mundo, mais especificamente a do Sul Global, com toda a sua diversidade e complexidade.

Nos últimos anos, tem sido construída, no Sul Global, uma perspectiva própria de internacionalização, a partir de nossa própria realidade, mais crítica e autônoma, por meio de estudos de estudiosos como Perrota (2016), Abba (2018), Gacel-Ávila (2018), Leal (2020), Korsunsky e Pattacine (2022), Laisner e Pavarina (2022), Latorre (2023), Heleta e Chasi (2023), dentre outros pesquisadores, que propõem uma internacionalização distanciada da lógica mercantil e que promova uma maior integração dos Estados, povos e culturas dos países do Sul a fim de diminuir as desigualdades sociais.

Compreender essas variadas definições de internacionalização é importante, pois elas moldam e legitimam visões de mundo, estratégias, políticas e práticas. Por essa razão, meu olhar sobre a internacionalização da educação superior, nesta tese, orienta-se pela visão de Heleta e Chasi (2023, p. 1), autoras sul-africanas, que a definem como

> um processo crítico e comparativo de estudo do mundo e suas complexidades, desigualdades e injustiças passado e presente, e as possibilidades de um futuro mais equitativo e justo para todos. Através do ensino, aprendizagem, pesquisa e ligação, a internacionalização incentiva pluralidade epistêmica e integra aprendizagem crítica, anti-racista e anti-hegemônica em todo o mundo desde diversas perspectivas globais para melhorar a qualidade e a relevância da educação.

Essa definição de internacionalização reconhece o mundo como um lugar complexo, injusto, desigual e dividido, e propõe um engajamento crítico com essa realidade por meio dos papéis que a universidade desempenha na sociedade. De acordo com Heleta e Chasi (2023, p. 1), essa nova definição permite levantar questões críticas, éticas e políticas sobre porque, em nome de quem, para benefício de quem e com qual objetivo as universidades, no caso das autoras, as sul-africanas, deveriam se internacionalizar.

Apesar dos diversos conceitos utilizados para direcionar a internacionalização universitária, observa-se que as políticas de internacionalização, sobretudo na América Latina, têm sido orientadas, principalmente, por organismos internacionais e mesmo entre essas instituições, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO), o Banco Mundial (BM), a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a Organização Mundial do Comércio (OMC), encontram-se tensões em torno da noção de internacionalização (Garcia, 2020).

Em 1995, a Organização Mundial do Comércio (OMC), a fim de eliminar barreiras ao comércio na área educacional, incluiu a educação superior no rol de serviços, compreendendo-a como uma mercadoria, combinando o acesso à universidade com lucratividade (World Trade Organization, 1998).

Em um sentido contrário, a Organização das Nações Unidas para a Educação,

a Ciência e Cultura (UNESCO) realizou, em 1998, em sua sede em Paris, a primeira Conferência Mundial de Ensino Superior (CMES), quando foi elaborada a Declaração Mundial sobre Educação superior no Século XXI: Visão e Ação, que reconhece a educação como um bem público e estabelece que a relação entre os países deve estar alicerçada no princípio da solidariedade, como mostra o item "b" do Artigo 15º:

> b) Os princípios de cooperação internacional com base na solidariedade, no reconhecimento e apoio mútuo, na autêntica parceria que resulte, de modo equitativo, em benefício mútuo, e a importância de compartilhar conhecimentos teóricos e práticos em nível internacional devem guiar as relações entre instituições de educação superior em países desenvolvidos, em países em desenvolvimento, e devem beneficiar particularmente os países menos desenvolvidos. Deve-se ter em conta a necessidade de salvaguardar as capacidades institucionais em matéria de educação superior nas regiões em situações de conflito ou submetidas a desastres naturais. Por conseguinte, a dimensão internacional deve estar presente nos planos curriculares e nos processos de ensino e aprendizagem. (UNESCO, 1998).

Essa Conferência ocorre a cada dez anos e tem como finalidade definir o papel da Educação Superior para os países membros da UNESCO para o decênio seguinte. A segunda Conferência ocorrida em 2009, dentro de um contexto de crise mundial, teve como tema central "As novas dinâmicas do ensino superior e pesquisas para a mudança e o desenvolvimento social".

Nessa segunda Conferência, foi discutida a proposta de países do hemisfério norte de caracterizar a educação superior como um serviço, conforme declarado pela da Organização Mundial do Comércio (OMC) em 1995, e foi ratificada a compreensão da Educação como um bem público e social, em que a internacionalização deve ser basear na cooperação mútua, como mostram os itens 24 e 25:

> 24. Cooperação internacional na educação superior deve ser baseada na solidariedade e no respeito mútuo, além de na promoção de valores humanísticos e diálogo intercultural. Como tal, pode ser estimulada apesar da crise econômica. 25. Instituições de educação superior ao redor do mundo têm uma responsabilidade social de ajudar no desenvolvimento, por meio da crescente transferência de conhecimentos cruzando fronteiras, especialmente nos países subdesenvolvidos, e trabalhando para encontrar soluções comuns

> para promover a circulação do saber e aliviar o impacto negativo da fuga de cérebros. (UNESCO, 2009).

Em 2022, foi realizada a terceira Conferência Mundial da Educação Superior em Barcelona, com o tema "A reinvenção da educação superior para um futuro sustentável". Tendo em vista a crise sanitária mundial ocasionada pela pandemia da COVID-19, que aprofundou as desigualdades entre e nos países, a Conferência discutiu o papel e a responsabilidade da educação superior para o encaminhamento de soluções para questões mundiais com vistas ao desenvolvimento sustentável.

Dentre os temas discutidos, estavam a colaboração entre as instituições e a mercantilização da educação, sobretudo em países da América Latina, Caribe e África. Contudo, nessa terceira Conferência, não foi gerado nenhum documento final, que consolida as discussões como foi feito nas duas Conferências anteriores. A UNESCO propôs a elaboração de um plano de ação a partir das reflexões ocorridas, a ser consolidado após uma consulta pública.

Para discutir a educação superior dos países sul-americanos e caribenhos, a UNESCO organiza a cada dez anos uma Conferência Regional de Educação Superior (CRES). A primeira CRES ocorreu em 1996 em Cuba; o segundo encontro regional ocorreu em junho de 2008, em Cartagena de Índias, na Colômbia, com o apoio do Instituto Internacional da UNESCO para a Educação Superior na América Latina e no Caribe (IESALC-UNESCO) e o Ministério de Educação Nacional da Colômbia, contando com a colaboração dos governos do Brasil, Espanha, México e da República Bolivariana da Venezuela.

Já a terceira CRES ocorreu em 2018 na cidade de Córdoba, na Argentina, 100 anos após a Reforma de Córdoba, um importante movimento estudantil ocorrido em 1918 na Universidade Nacional de Córdoba, na Argentina, que resultou em mudanças no ensino superior latino-americano e deixou princípios fundamentais, os quais orientam as

universidades até os dias de hoje em termos de autonomia universitária, co-governo, acesso universal e compromisso com a sociedade.

A Reforma de Córdoba é um marco na história das universidades latino-americanas por ser pioneira na construção de um modelo institucional que atribuiu uma identidade e um modelo de atuação renovado no ensino superior. Um dos desafios da Reforma era pensar e construir uma universidade a partir da América Latina, já que nossas universidades foram criadas pautadas em modelos europeus (Freitas Neto, 2011).

A terceira CRES priorizou a análise da realidade local e a discussão de mudanças estratégicas na educação superior da região, adequando-a aos desafios do compromisso social, da pesquisa estratégica, da educação para todos e da integração regional. A Conferência adotou uma Declaração e um Plano de Ação 2018 – 2028 e assumiu o compromisso de realizar uma reunião de acompanhamento cinco anos depois, chamada CRES+5, a fim de promover um processo participativo para destacar o progresso alcançado.

Assim, em março de 2024, cinco anos após a CRES 2018, foi realizada a CRES+5 na cidade de Brasília, no Brasil, sob organização da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação do Brasil e do Instituto Internacional da UNESCO para a Educação Superior na América Latina e Caribe (IESALC), e envolveu a participação de gestores universitários, professores, pesquisadores, estudantes, servidores técnicos administrativos, representantes de governos e de organismos nacionais, regionais e internacionais, de associações e redes e outros interessados na Educação Superior, como veremos na seção 3.6.

Em todas essas Conferências Regionais são discutidas a importância da internacionalização para a integração dos países latino-americanos e caribenhos e a educação superior é reconhecida como um bem público social, um direito humano e universal e um dever do Estado, em contraposição ao avanço de políticas neoliberais nas

universidades.

Ao analisarmos os conceitos de internacionalização elaborados tanto por estudiosos, quanto pelos organismos internacionais, observamos que há uma tensão em torno da concepção sobre internacionalização da educação superior. Essa tensão nos leva a compreender a internacionalização como um "campo de disputas", no sentido de Bourdieu (2004, p. 29), permeado por relações de força, de luta e dominação, suscetível a sofrer transformação de sentidos pelos sujeitos institucionais envolvidos com essas políticas.

Ainda, no sentido de Bourdieu (2004), essas disputas ocorrem em torno da apropriação, seja de um capital[29] específico do campo (político, econômico, cultural etc.), seja pela redefinição desse capital, como se verá ao longo desta pesquisa. Desse modo, compreendemos que, por ser um fenômeno recente, que ganhou centralidade nas políticas de educação superior a partir de 1990 com o advento da globalização econômica, a internacionalização constitui um campo em construção, permeado por tensões que afetam suas formas, imiscuído em relações de poder, em que agentes e instituições jogam simbolicamente a partir de seus interesses, valores e cultura.

Essa dualidade de sentidos, levou Perrota (2016) a categorizar a internacionalização em dois tipos: "internacionalização hegemônica ou fenícia" e "internacionalização contra hegemônica ou solidária", as quais apresentam algumas características, como mostra o Quadro 9:

[29] O conceito de capital é central na teoria sociológica de Bourdieu. Em suma, Bourdieu (1986) entende capital como qualquer recurso passível de ser acumulado, transmitido (herdado ou adquirido) e mobilizado para obter vantagens dentro de um campo social. Para o autor, existem diferentes tipos de capital que estruturam as relações sociais e determinam posições e poderes dentro dos campos sociais, como o capital econômico (relacionado a dinheiro, bens, propriedades, ativos financeiros), o cultural (relacionado a conhecimentos, habilidades, gostos refinados, títulos acadêmicos), o social (relacionado a rede de contatos e relacionamentos mútuos) e o simbólico (relacionado a reconhecimento e prestígio social de um indivíduo). O capital opera dentro de campos e é moldado pelo "hábitus", isto é, disposições internalizadas pelos sujeitos, que orientam seu pensar, agir e sentir. Embora esses conceitos sejam pertinentes para o entendimento sobre o campo da internacionalização universitária, tais categorias não constituem o eixo analítico central nesta tese, podendo ser aprofundado posteriormente em produções futuras, de modo coerente com a densidade teórica requerida pelo autor.

Quadro 9 – Características da internacionalização hegemônica e da contra hegemônica

Internacionalização hegemônica/fenícia	**Internacionalização contra hegemônica/solidária**
A educação superior é vista como uma mercadoria	A educação superior é um bem público
É orientada ao mercado de maneira heterônoma.	É orientada para a resolução de problemas do desenvolvimento a partir de sua autonomia.
A agenda de pesquisa se orienta às agendas centrais, cientificista	A pesquisa se vincula ao desenvolvimento de local-nacional-regional em um contexto periférico, politizada
Assimétrica, prioriza relações Norte-Sul, não buscando reduzir essas assimetrias	Simétrica, prioriza relações Sul-Sul e busca reduzir as assimetrias que surgem
Orienta-se por critérios de relações hierárquicas, em que as decisões são tomadas pelos que têm maiores capacidades	Orienta-se por critérios horizontais de relacionamento. As decisões são baseadas no diálogo e na reciprocidade
Fuga de cérebros	Recuperação de cérebros
Os currículos tendem a seguir modelos padronizados internacionais	Os currículos mantêm relação com o entorno local-regional e busca a complementariedade das propostas
Impõe o inglês como língua franca	Busca manter a comunicação a partir das diferentes línguas
A qualidade é avaliada pela produção dos docentes e pesquisadores e pelos índices de citação de seus trabalhos	A qualidade é compreendida de maneira integral, sem separar as diferentes atividades dos atores (docência, pesquisa, extensão), e é priorizada a articulação com outros atores e com o contexto local.
Promove um modelo de universidade: “universidades de classe mundial”, “modelo global emergente”	É constitutiva de um modelo de universidade integral, com um compromisso social inerente e em articulação com atores universitários e pluriversitários.

Fonte: Perrota (2016, p. 52 e 53).

Diante desse campo de disputas que coloca a educação superior entre a mercantilização e o bem comum, circunscrito por relações de poder em que diferentes grupos disputam e se enfrentam pelo estabelecimento de um poder simbólico,

ponderamos em que medida as políticas de internacionalização orientadas pelos organismos internacionais contribuem para o enfrentamento das assimetrias subjacentes, de modo situado, ao continente americano? Como as instituições no Norte podem estabelecer cooperações mútuas com instituições do Sul diante das dependências que estes têm daqueles?

Diante dessas questões, consideramos que não é possível problematizar as políticas de internacionalização da educação superior a partir do Sul sem uma compreensão mais ampla das condições sócio-históricas de dependência a que a região está submetida e que, consequentemente, tem desdobramentos nas práticas acadêmicas e institucionais.

Segundo Pavarina et al (2021, p. 16), esses desdobramentos podem ser verificados:

> no fluxo desigual da mobilidade acadêmica, com um número significativamente maior de estudantes, professores e pesquisadores latino-americanos se mudando para países do "centro"; na valorização de teorias do conhecimento "de fora" em detrimento de saberes considerados locais e regionais; na falta de políticas de aprendizagem de línguas estrangeiras que possibilitem um efetivo intercâmbio acadêmico, entre outros aspectos muito visíveis desse fenômeno.

Após as sucessivas aproximações com o campo empírico, pude identificar esses desdobramentos e outros, o que me levaram a entender que uma compreensão aprofundada da internacionalização universitária requer um desvelamento dos processos históricos de colonização a que a América Latina foi (e é) submetida. Desse modo, não é possível olhar para a internacionalização da educação superior sem compreender as marcas da herança colonial na região, bem como os processos de resistência que aqui se originaram.

3.4 A internacionalização da educação superior sob as lentes epistemológicas da (de)colonialidade.

Diferentemente dos países anglo-saxões, em que predominou uma colonização de povoamento com interesses voltados à ocupação e ao desenvolvimento da região, os países latino-americanos foram marcados por um modelo de colonização europeu baseado na exploração de suas riquezas a fim de produzir mercadorias para o mercado mundial (Quijano, 2005).

Esse modelo extrativista resultou não somente em uma relação de dominação e exploração de caráter político-econômico, mas também em uma dominação cultural e epistemológica (Sousa Santos, 2010) a partir da imposição de valores e de modos de ser e pensar ocidentais. Assim, mesmo com o fim do colonialismo, os países latino-americanos estão historicamente implicados em uma relação de dependência e desigualdade, marcada por um padrão de poder que hierarquiza, domina, explora e subordina povos e nações, o que Quijano (2005) denominou de "colonialidade".

No entendimento de Quijano (2005), um dos eixos fundamentais desse padrão de poder consiste na classificação social da população mundial a partir da ideia de raça, dando origem a novas identidades (índios, mestiços, negros), e que possivelmente se originou nas diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, contribuindo para o estabelecimento de uma visão etnocêntrica, que resulta na construção de hierarquias nas relações sociais e, por conseguinte, em relações de dominação e articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos com vistas a atender as necessidades do capital.

Como parte dessa herança colonial, nossas universidades tendem a ser marcadas por um modelo de educação baseado na epistemologia europeia e pela imposição de um saber considerado universal, desconsiderando a pluralidade e diversidade de culturas e saberes existentes em nossa região. Isso ocorre porque, nas colônias, as universidades foram fundadas por instituições europeias que estabeleceram um sistema de conhecimento e legitimaram princípios e práticas ligadas à lógica colonial (Mignolo, 2017).

No bojo dessa dominação epistemológica, a ciência e a universidade, enquanto instituição, configuram-se tanto como produtos quanto produtoras da perpetuação de um padrão de poder colonial iniciado pela Europa a partir da constituição da América (Leal, 2020). Essa perspectiva de conhecimento é denominada por Quijano (2005) como eurocentrismo, definido pelo autor como:

> o nome de uma perspectiva de conhecimento cuja elaboração sistemática começou na Europa Ocidental antes de mediados do século XVII, ainda que algumas de suas raízes são sem dúvida mais velhas, ou mesmo antigas, e que nos séculos seguintes se tornou mundialmente hegemônica percorrendo o mesmo fluxo do domínio da Europa burguesa. Sua constituição ocorreu associada à específica secularização burguesa do pensamento europeu e à experiência e às necessidades do padrão mundial de poder capitalista, colonial/moderno, eurocentrado, estabelecido a partir da América (Quijano, 2005, p. 9).

O eurocentrismo é uma categoria analítica fundamental para compreendermos como se dá o processo de internacionalização das universidades, sobretudo nos países da América Latina, pois contribui para a reprodução do que Mignolo (2003) denominou de "colonialidade do saber". Sob essa lógica, os países colonizados, subordinados a esse padrão de poder, são posicionados em situação de inferioridade, tendo seus saberes, suas culturas, seus modos de pensar e ser subjugados pelo poder colonizador, evidenciando uma violência epistêmica (Quijano, 2005; Stein, 2017; Spivak, 2010).

Grosfoguel (2016) alerta que a produção de conhecimento limitada às teorias científicas, às experiências e visão de mundo de somente cinco países do mundo (França, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e Itália) são provincianas e carregam uma pretensão de "universalidade", uma vez que suas teorias são supostamente suficientes para explicar as realidades sócio-históricas do restante do mundo. Como resultado, o trabalho dos pesquisadores e cientistas das universidades do Sul reduz-se a aprender as teorias oriundas da experiência e dos problemas de uma região particular do mundo e "aplicá-las" em outras localizações geográficas, desconsiderando suas diferenças (espaciais, temporais, culturais, sociais etc.), culminando em uma relação de superioridade/inferioridade epistêmica.

Por todas essas questões, não podemos compreender a relação estabelecida entre a universidade e instituições estrangeiras, elemento fundante da internacionalização, sem situar-nos na história colonial, pois, segundo Lander (2005, p. 4), "existe uma ordem geopolítica mundial que é conformada por uma clivagem estruturante moderno colonial e que só pode ser compreendida a partir dessa tensão que a habita".

Em contraposição a essa lógica dominante, no século XIX, já havia na América Latina um movimento não linear de pensadores que propunham encontrar um caminho próprio para a região e interpelavam as premissas e estruturas dessa ordem colonial que nos relegava (e relega) a uma condição de dependência e subalternidade política, econômica, cultural e epistêmica.

Em 1881, por exemplo, o cubano José Martí, considerado um dos intelectuais latino-americanos de maior repercussão no continente americano, escreveu o ensaio-crônica "*Nuestra América"*, um clássico do pensamento social latino-americano. Ao dar voz aos povos colonizados e periféricos, Martí manifestou-se contra o pensamento dominante do século XIX, de que a cultura latino-americana é um ramo derivado da árvore europeia. De acordo com Veloso (2011), Martí foi incansável ao defender a necessidade de conhecer, pesquisar e valorizar a realidade latino-americana.

Na década de 1920, o peruano José Carlos Mariátegui foi uma figura-chave para a construção de um pensamento crítico latino-americano ao recusar a pretensa validade universal das etapas de desenvolvimento histórico europeu para compreensão da realidade latino-americana e propor a adaptação do marxismo para a América-Latina (Forte, 2017).

Em 1935, o artista uruguaio Joaquin Torres García escreveu um manifesto defendendo a Escola do Sul.

> He dicho Escuela del Sur; porque en realidad nuestro norte es el Sur. No debe de haber norte, para nosotros, sino por oposicion a nuestro Sur. Por eso ahora ponemos el mapa al reves, y entonces ya tenemos justa idea de nuestra posicion, y no como quieren en el resto del mundo. La punta de America, desde ahora, prolongandose, senala insistentemente el Sur, nuestro norte. Igualmente nuestra brujula: se inclina irremisiblemente siempre hacia el Sur, hacia nuestro polo. Los buques, cuando se van de aqui, bajan, no suben, como antes, para irse hacia el norte. Porque el norte ahora esta abajo. Y levante, poniendonos frente a nuestro Sur, esta a nuestra izquierda Esta rectificacion era necesaria; por esto ahora sabemos donde estamos (Torres Garcia, 1935, p. 213).

Em 1943, para ilustrar seu argumento, ele desenhou a América Invertida, que representa a América do Sul de forma invertida, com o sul na parte superior, como mostra a Figura 6.

Figura 6 - América Invertida

Fonte: História das Américas (2024).

Segundo Costa (2011), o gesto simbólico de Torres García por meio do desenho é uma crítica à hegemonia do Norte sobre o Sul e um apelo à região para valorização de seu legado e da busca por caminhos próprios.

Na década de 1970, o sociólogo colombiano Orlando Fals Borda também advogou pelo desenvolvimento de uma ciência própria latino-americana e criticou o que ele denominou de “colonialismo intelectual”, isto é, a imitação de modelos e temas concebidos em outros lugares e realidades.

Ainda nesse período, Paulo Freire, educador brasileiro mundialmente reconhecido, já apresentava em suas obras elementos constitutivos de um pensamento decolonial, conforme mostramos em Garcia, Gussi e Mota Neto (2025), ao defender uma educação verdadeiramente emancipatória, a construção de um conhecimento coletivo e não imposto, ao defender o multilinguismo e a afirmação de nosso lugar de pertencimento e ao criticar o imperialismo dos países do Norte sobre os dos Sul Global.

Especialmente, Mota Neto (2018) defende que as obras de Paulo Freire antecedem o debate da decolonialidade na América Latina e que suas contribuições pedagógicas, políticas, epistemológicas e sociológicas fortalecem a constituição de uma pedagogia decolonial em nossa região.

No final da década de 1990, foi constituído o Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), formado por intelectuais latino-americanos, como Aníbal Quijano, Edgard Lander, Walter Mignolo, Enrique Dussel, Ramón Grosfóguel, citados anteriormente, que atuavam, em sua maioria, em universidades norte-americanas. De acordo com Ballestrin (2013), o Grupo ampliou o entendimento sobre a decolonialidade, realizando um movimento epistemológico fundamental para a renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina no século XXI, problematizando velhas e novas questões para o continente.

Nesse período, o mundo vivia a globalização econômica[30] e o avanço do neoliberalismo na América Latina. Nesse contexto, a dimensão internacional das universidades passa a ser reconhecida como "internacionalização", adquirindo novos sentidos a fim de atender às demandas econômicas da chamada "sociedade do conhecimento", fazendo do saber um novo mecanismo de dominação e exploração e fortalecendo a colonialidade do saber.

No entendimento de Maldonado-Torres (2007, p. 131), respiramos a colonialidade cotidianamente, pois ela sobrevive ao colonialismo e se mantém viva "em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna".

Diante do exposto, por considerar que o debate sobre a decolonialidade é fundante para a problematização do campo da internacionalização da educação superior, desenvolvemos, nesta tese, uma perspectiva crítica sobre a internacionalização a partir das lentes epistemológicas da colonialidade do saber, um tipo de poder que perdura e se

[30] Quijano (2005, p. 107) entende que a globalização é "a culminação de um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder mundial". Nessa mesma perspectiva, Nayar (2015) compreende a globalização como uma versão do imperialismo, uma forma de neocolonização, uma vez que o apagamento das fronteiras representa uma forma de dominação, exploração e imposição dos países do Norte sobre os do Sul.

impõe de forma hegemônica e simbólica, manifestando-se no campo universitário por meio da produção e reprodução de um projeto cultural[31] que tem raízes no colonialismo.

Na próxima seção, ilustremos essa análise com a descrição de experiências de políticas nacionais representativas a fim de compreender como a colonialidade se manifesta na educação superior, nas relações internacionais da Universidade e nas políticas de internacionalização formuladas e implementadas no país.

3.5 Políticas públicas de internacionalização da educação superior no Brasil

As políticas de internacionalização nas universidades podem ser elaboradas de múltiplas formas, tais quais: mobilidade acadêmica de estudantes de graduação, pós-graduação, docentes, técnicos administrativos; colaboração ou desenvolvimento conjunto de pesquisas ou de projetos internacionais; internacionalização do currículo; cooperação interinstitucional etc.

Essas políticas têm sido orientadas, sobretudo, por organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO), o Banco Mundial (BM), a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a Organização Mundial do Comércio (OMC), movidas por interesses subjacentes a essas relações de poder, além de órgãos governamentais, como a Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), vinculadas ao governo federal.

No Estado do Ceará, a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) também desenvolve programas de estímulo à internacionalização universitária por meio do financiamento da mobilidade de cientistas e pesquisadores com atuação em projetos conjuntos de pesquisa científica, tecnológica e de inovação, no âmbito de acordos bilaterais de cooperação científica e tecnológica (FUNCAP, 2025).

---

[31] Ao me referir a um projeto cultural, adoto o conceito de cultura proposto por Geertz (1989, p. 66), que define a cultura como "um padrão historicamente transmitido de significados encarnados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio dos quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e atitudes em relação à vida"

Desde a década de 1960, as agências de fomento, principalmente a CAPES, têm estimulado a institucionalização de programas de internacionalização nas universidades, a exemplo do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), do Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), destinados a apoiar estudantes de países latino-americanos e africanos em cursos de graduação e pós-graduação. E mais recentemente, o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), o Programa Institucional de Internacionalização de Instituições de Ensino Superior e de Institutos de Pesquisa do Brasil (PrInt) e a proposta do Future-se, dentre outros[32].

Diante dessas políticas, questionamo-nos: em que medida os programas de internacionalização nacionais têm contribuído para a construção de redes de conhecimento com interesses comuns? Como eles contribuem para a integração dos países do Sul?

Em busca de compreender essas questões, nesta seção, apresentamos, de forma breve, os principais programas de internacionalização propostos pela CAPES em distintos contextos políticos, buscando desvelar os sentidos intrínsecos a essas políticas.

3.5.1 Programa de Estudantes Convênio de Graduação (PEC-G) e Programa de Estudantes Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG)

O Programa de Estudantes Convênio de Graduação (PEC-G) foi criado em 1965 e o Programa de Estudantes Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG) foi criado em 1981 a partir da criação dos primeiros cursos de pós-graduação no Brasil. Atualmente, ambos os programas são regidos pelo Decreto nº 11.923, de 15 de fevereiro de 2024, constituindo-se, nos termos de seu art. 1º, como

> ferramenta de política externa e de apoio à internacionalização em casa das instituições de educação superior participantes, destinado a ampliar o horizonte cultural dos brasileiros e a fomentar as relações bilaterais com os países com os quais a República Federativa do Brasil tenha firmado acordo de cooperação educacional, cultural ou científico e tecnológico. (Brasil, 2024, p. 1).

[32] Ver relação dos programas de internacionalização promovidos pela CAPES até 2025 no apêndice D.

São oferecidas aos contemplados vagas em IES brasileiras recomendadas pela CAPES, sem custos de matrícula; bolsa mensal no mesmo valor que a oferecida aos estudantes brasileiros, com duração máxima de 24 meses (no caso de mestrados) e 48 meses (no caso de doutorados); e retorno ao país do estudante estrangeiro (Brasil, 2024).

Tanto o PEC-G, quanto o PEC-PG foram criados por iniciativa do Ministério das Relações Exteriores (MRE) com o Ministério da Educação (MEC) com a finalidade de fortalecer laços acadêmicos com países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais.

Em 2023, em consulta à página do PEC-G vinculada ao MRE, o entendimento era de que o Programa oferece a estudantes estrangeiros a oportunidade de realizar graduação em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, tendo como objetivos "a internacionalização das instituições participantes" e para "a difusão das perspectivas brasileiras pelo mundo" (Brasil, 2023b, local. 1). Em 2025, em nova consulta à página do MRE, observa-se uma atualização desses termos. De acordo com o MRE, o PEC-G tem como objetivos:

> Fortalecer laços com as nações amigas;
> Cooperar para a formação de recursos humanos nos países participantes;
> Contribuir para a internacionalização do ensino superior brasileiro;
> Expandir o horizonte cultural dos estudantes brasileiros (Brasil, 2025a, local 1).

Observa-se, assim, que a mudança de contextos políticos afeta os significados atribuídos às políticas a depender das agendas de governo.

Ainda segundo dados do MRE, atualmente, 74 países participam do Programa, sendo: 29 países da África, 28 da América Latina e Caribe, 10 da Ásia e 7 da Europa (Brasil, 2025a).

No âmbito da UFC, dados do Painel de Internacionalização[33] mostram que entre 2010 e 2023, a Universidade teve 367 alunos matriculados no PEC-G, a maioria oriunda de países africanos, principalmente de Cabo Verde e Guiné Bissau. Em relação ao Programa PEC-PG, o Painel e Internacionalização mostra que, entre 2010 e 2023, a

[33] Os dados do Painel de Internacionalização estão atualizados até 22 de junho de 2023, ou seja, ainda não foram atualizados na gestão (2023-2027). Além disso, ainda consta o nome anterior da PROINTER da gestão (2019-2023), Pró-Reitoria de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional.

Universidade teve 27 alunos matriculados no PEC-PG, sendo a maioria oriunda de Cabo Verde e Moçambique (UFC, 2023c).

A questão que nos instiga à reflexão com relação ao PEC-G e PEC-PG é: em que medida esses programas promovem a aproximação entre os povos brasileiros e africanos por meio do estreitamento de laços baseados na solidariedade, na cooperação mútua e na troca de experiências?

No entendimento de Pedrosa (2016), os Programas PEC-G e PEC-PG são permeados pela dinâmica das relações e tensões étnico-raciais subjacentes às relações históricas de dominação e exploração entre Brasil e África. Mesmo que as políticas de internacionalização prevejam uma suposta troca de conhecimento e intercâmbio cultural, existe uma lógica de superioridade/inferioridade, resultante da história colonial, que afeta essas políticas. No caso do PEC-G e PEC-PG, a mobilidade estrita da África para o Brasil indica que é a África aprendendo com o Brasil e não o contrário. Nesse sentido, não há cooperação mútua.

Na obra "A África ensinando a gente", Paulo Freire e Sérgio Guimarães ponderam que para resolver solidariamente os problemas internos africanos é necessário a colaboração não assistencialista para que se façam parceiros iguais pelas diferenças de todos os povos e nações do mundo (Freire, 2021). Esse deve ser o sentido da colaboração.

3.5.2 Programa Ciência sem Fronteiras (CsF)

O Programa CsF foi criado em 2011, por meio do Decreto nº 7642, de 13 de dezembro de 2011, durante o Governo Dilma Rousseff (2011-2016) a partir de uma aproximação com o governo dos Estados Unidos, tendo como objetivo geral, conforme art. 1º:

> propiciar a formação e capacitação de pessoas com elevada qualificação em universidades, instituições de educação profissional e tecnológica, e centros de pesquisa estrangeiros de excelência, além de atrair para o Brasil jovens talentos e pesquisadores estrangeiros de elevada qualificação, em áreas de conhecimento definidas como prioritárias (Brasil, 2011, p.1).

Assim, visando impulsionar a internacionalização das universidades brasileiras, o Programa tinha como meta conceder 101 mil bolsas de estudo no exterior a alunos de graduação e pós-graduação em centros considerados de excelência, além de:

> I - Promover, por meio da concessão de bolsas de estudos, a formação de estudantes brasileiros, conferindo-lhes a oportunidade de novas experiências educacionais e profissionais voltadas para a qualidade, o empreendedorismo, a competitividade e a inovação em áreas prioritárias e estratégicas para o Brasil;
> II - Ampliar a participação e a mobilidade internacional de estudantes de cursos técnicos, graduação e pós-graduação, docentes, pesquisadores, especialistas, técnicos, tecnólogos e engenheiros, pessoal técnico-científico de empresas e centros de pesquisa e de inovação tecnológica brasileiros, para o desenvolvimento de projetos de pesquisa, estudos, treinamentos e capacitação em instituições de excelência no exterior;
> III - Criar oportunidade de cooperação entre grupos de pesquisa brasileiros e estrangeiros de universidades, instituições de educação profissional e tecnológica e centros de pesquisa de reconhecido padrão internacional;
> IV - Promover a cooperação técnico-científica entre pesquisadores brasileiros e pesquisadores de reconhecida liderança científica residentes no exterior por meio de projetos de cooperação bilateral e programas para fixação no País, na condição de pesquisadores visitantes ou em caráter permanente;
> V - Promover a cooperação internacional na área de ciência, tecnologia e inovação;
> VI - Contribuir para o processo de internacionalização das instituições de ensino superior e dos centros de pesquisa brasileiros;
> VII - Propiciar maior visibilidade internacional à pesquisa acadêmica e científica realizada no Brasil;
> VIII - Contribuir para o aumento da competitividade das empresas brasileiras; e
> IX – Estimular e aperfeiçoar as pesquisas aplicadas no País, visando ao desenvolvimento científico e tecnológico e à inovação (Brasil, 2011, p.1).

Contudo, a concessão de bolsas de estudos era restrita a áreas consideradas prioritárias, definidas pela Portaria Interministerial nº 01, de 09 de janeiro de 2013, voltadas para as ciências exatas, engenharias e tecnológicas, que dialogam mais diretamente com a produção industrial e a economia do país (Brasil, 2013).

Em discurso durante a cerimônia de regulamentação do Programa CsF, a presidente Dilma Rousseff (2011-2016) disse que a finalidade da política era reduzir a "diferença que a história excludente e não muito soberana do nosso país nos conduziu" perante os países desenvolvidos e "enfrentar nossas dívidas históricas, como a extrema pobreza e a garantia da elevação da competitividade da nossa sociedade, da nossa economia, por meio da ciência, da tecnologia e da inovação" (Brasil, 2011a. local. 1).

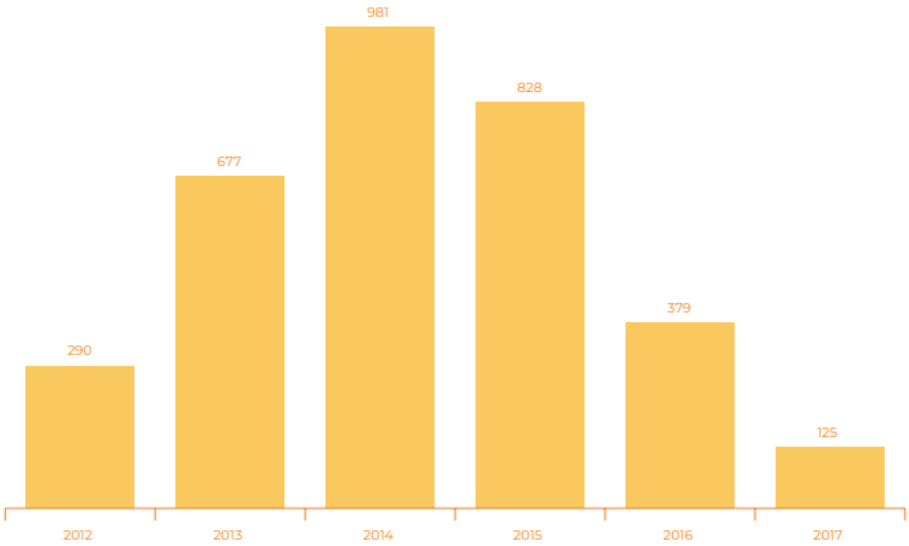
Para tanto, a ideia era enviar estudantes para centros de excelência em países do Norte, como disse a então presidente em seu discurso: “Anunciamos também as 54.200 oportunidades que temos para os próximos três anos, de estudantes que irão para os Estados Unidos, para o Reino Unido, para a França, para a Itália e para o Canadá” (Brasil, 2011a. local. 1).

Cumprindo esse intuito, os Estados Unidos foram o país que mais recebeu alunos do Programa CsF, seguido por países europeus, legitimando, assim, as cooperações Norte-Sul e reforçando a lógica colonial, de um projeto dominante e universalizante que tem os países como referência (Garcia, 2020).

Dados do portal da transparência da Controladoria-Geral da União (CGU) mostram que foram executados mais de R$ 20 milhões de reais na implementação do Programa (Brasil, 2018), sendo 75 mil bolsas financiadas pelo Governo Federal e 26 mil bolsas financiadas por empresas privadas, a exemplo da Tim, Hyundai, Shell e Natura, além de bancos e estatais, como Banco do Brasil, Caixa Econômica e Petrobrás, como mostra o Relatório elaborado pela Comissão de Ciência e Tecnologia do Senado em 2015 (Brasil, 2015). Isso ocorre porque o Programa CsF tinha dentre seus objetivos específicos “contribuir para o aumento da competitividade das empresas brasileiras”, com vistas ao desenvolvimento científico e tecnológico e à inovação (Brasil, 2011b, local. 1).

A UFC foi uma das 10 universidades brasileiras que mais enviou alunos para o Programa CsF, sendo a 2º do Nordeste, ficando atrás somente da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE). Dados do Anuário Estatístico 2018 mostram que durante o período de implementação do Programa, entre 2012 e 2017, 3.280 alunos participaram do CsF na UFC, como mostra a Figura 7:

Figura 7- Alunos da UFC no Programa Ciência sem Fronteiras (2012-2017).



Fonte: Anuário Estatístico (UFC, 2018).

O Programa foi encerrado em 2017, sob alegação da necessidade de ajuste fiscal (G1, 2017), resultado da conjuntura político-econômica brasileira, quando a presidenta Dilma Rousseff sofreu um golpe político e assumiu a presidência seu vice, Michel Temer (2016-2018).

Apesar de se constituir em um programa inovador ao financiar bolsas de estudos a alunos da graduação de diferentes classes sociais, observa-se que o CsF foi formulado com o propósito de reduzir as desigualdades históricas por meio da capacitação de estudantes e pesquisadores em "centros de excelência" estrangeiros localizados no Norte Global. Desse modo, manteve o fluxo de mobilidade Sul-Norte, principalmente do Brasil para os EUA, e constituiu-se em uma forma de transferência de recursos do Estado brasileiro, que financiava o Programa, para instituições e governos de países do Norte, mantendo-nos clientes dos serviços educacionais oferecidos pelas universidades estrangeiras. Sobre essa questão, Fanon (2005, p. 83) já alertava que as colônias se tornaram um mercado, pois "a população colonial é uma clientela que compra".

3.5.3 Programa Idioma sem Fronteiras (IsF)

Como desdobramento do Programa CsF, a Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC) criou, por meio da Portaria nº 1.466, de 18 de dezembro de 2012, o Programa "Inglês sem Fronteiras" a fim de auxiliar estudantes que à época do Programa CsF que apresentavam dificuldades em atingir os níveis de proficiência exigidos pelas universidades anglófonas (MEC, 2012).

Em 2014, o Programa foi ampliado a fim de abranger outros idiomas, como alemão, espanhol, francês, italiano e japonês, passando a ser chamado Programa Idioma sem Fronteiras (IsF), tendo como objetivos, nos termos do art. 2º da Portaria nº 973, de 14 de novembro de 2014, do MEC:

> I - Promover, por meio da capacitação em diferentes idiomas, a formação presencial e virtual de estudantes, professores e corpo técnico-administrativo das IES e de professores de idiomas da rede pública de educação básica, conferindo-lhes a oportunidade de novas experiências educacionais e profissionais voltadas para a qualidade, o empreendedorismo, a competitividade e a inovação;
> II - Ampliar a participação e a mobilidade internacional para o desenvolvimento de projetos de pesquisa, estudos, treinamentos e capacitação em instituições de excelência no exterior;
> III - contribuir para o processo de internacionalização das IES e dos centros de pesquisa;
> IV - Contribuir para o aperfeiçoamento linguístico do conjunto dos estudantes das IES; V - contribuir para a criação, o desenvolvimento e a institucionalização dos centros de línguas nas IES, ampliando a oferta de vagas; e
> VI - Fortalecer o ensino de idiomas no país, incluindo o da língua portuguesa, e, no exterior, o da língua portuguesa e da cultura brasileira (MEC, 2014, local. 1).

Logo, em complementação ao Programa CsF e a outras políticas de internacionalização, o IsF se tornou mais uma política linguística para a internacionalização do ensino superior brasileiro, compreendendo atividades como: a) formação de professores de língua estrangeira; b) capacitação de estudantes, professores e técnicos-administrativos em língua estrangeira; c) capacitação de estrangeiros quanto à proficiência em língua portuguesa; d) aplicação de testes de nivelamento e de proficiência em língua estrangeira; e) oferta de cursos online; f) oferta de cursos presenciais por meio de um Núcleo de Línguas (NucLi) do Programa (IsF, 2023).

Todas as ações do Programa IsF são estabelecidas mediante parcerias entre: a) as Instituições de Ensino Superior (IES) credenciadas; b) os países parceiros,

responsáveis por ofertar cursos online, tutorias com profissionais de língua estrangeira, além de trazerem professores visitantes ao Brasil com a finalidade de estreitar relações entre ensino e pesquisa nos NucLis e nas universidades; e c) empresas e organizações especializadas na aplicação dos testes de proficiência e cursos online, como a *Fullbright* Brasil (EUA), o DAAD (Alemanha), a *Agence Universitaire de la Francophonie* (França) e a *Japan Foundation* (Japão) (ISF, 2023).

A participação das IES no Programa IsF é facultativa, sendo condicionada ao seu credenciamento realizado por meio de edital ou de carta-convite, publicado pelo MEC. As IES credenciadas atuam como um Núcleo de Línguas do Programa Idiomas sem Fronteiras (NucLi-IsF), cabendo a elas:

> I - Promover e incentivar a participação de estudantes, professores e corpo técnico-administrativo no Programa;
> II - Disponibilizar à SESu os dados necessários à implementação, ao acompanhamento e à supervisão do Programa;
> III - selecionar os bolsistas que participarão do programa para atender aos critérios estabelecidos pela CAPES ou SESu, por meio de indicações da reitoria, no caso dos coordenadores, e por meio de edital de seleção, no caso dos professores.
> IV - Aplicar testes de nivelamento ou de proficiência aos potenciais participantes de programas de mobilidade acadêmica, em articulação com a SESu;
> V - Ofertar formação presencial em diferentes idiomas à comunidade acadêmica selecionada entre os potenciais participantes de programas de mobilidade acadêmica, por meio de seu centro, núcleo de línguas ou estrutura congênere;
> VI - Divulgar e dar suporte à formação virtual de estudantes oferecida pelo Programa;
> VII - Disponibilizar sua infraestrutura às ações do Programa; e
> VIII - Implementar uma política de ensino de idiomas no âmbito de sua instituição, valorizando as ações do Programa. (MEC, 2014, p. 1)

Na UFC, o NucLi desenvolve atividades voltadas para a língua inglesa, o que evidencia a tendência de posicionar o inglês como língua hegemônica no campo científico e no contexto da internacionalização. Além disso, por estar vinculado ao Centro de Humanidades, o NucLi desenvolve ações independentes das implementadas pela PROINTER.

Indubitavelmente, o conhecimento de outras línguas viabiliza a interação entre os povos e o conhecimento de outras culturas. Contudo, observa-se que o Programa IsF se restringe a idiomas de países situados no Norte Global, principalmente a língua inglesa, e prioriza empresas e organizações desses países.

Sobre a hegemonia da língua inglesa, para Ortiz (2008), o inglês se apresenta, como uma língua franca para a atividade científica, que se estabelece como um meio para alcançar a universalidade. Mignolo (2000), por sua vez, afirma que há uma hierarquia linguística entre as línguas europeias e não-europeias, que é parte da estrutura de poder do sistema-mundo moderno-colonial e que, além de privilegiar a comunicação e a produção de conhecimento e de teorias da primeira, subalterniza as últimas exclusivamente como produtoras de folclore e de cultura.

3.5.4 Programa Institucional de Internacionalização (CAPES – PrInt)

Com o fim do Programa CsF em 2017, a Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) lançou, durante o Governo Temer (2016-2018), o Programa Institucional de Internacionalização (PrInt), através da Portaria nº 220, de 03 de novembro de 2017, com foco apenas na pós-graduação, e que tinha como objetivos, nos termos do art. 1º:

> I - Fomentar a construção, a implementação e a consolidação de planos estratégicos de internacionalização das instituições contempladas nas áreas do conhecimento por elas priorizadas;
> II - Estimular a formação de redes de pesquisas internacionais com vistas a aprimorar a qualidade da produção acadêmica vinculadas à pós-graduação;
> III - Ampliar as ações de apoio à internacionalização na pós-graduação das instituições contempladas, inclusive projetos de pesquisa em cooperação;
> IV - Promover a mobilidade de docentes e de discentes, com ênfase em doutorandos, pós-doutorandos e docentes, do Brasil para o exterior e do exterior para o Brasil, vinculados a Programas de PósGraduação stricto sensu;
> V - Fomentar a transformação das instituições participantes em um ambiente internacional;
> VI - Integrar outras ações de fomento da Capes ao esforço de internacionalização. (Brasil, 2017, p. 1).

Com previsão de implementação de 2018 a 2022, a CAPES selecionou 36 instituições de educação superior (IES), entre 109 que se inscreveram, para receberem recursos anuais na ordem de R$ 300 milhões a fim de fomentar:

> I - Projetos de cooperação;
> II - Missões de trabalho de curta duração;

> III - Bolsas no país para beneficiários relevantes às propostas de internacionalização
> IV - Bolsas no exterior para docentes e discentes das IES e dos Institutos de Pesquisa brasileiros;
> V - Outras ações de custeio propostas pelas instituições, além das enumeradas acima e aprovadas pela Capes. (Brasil, 2017, p. 1)

Para participar, as IES precisavam atender a alguns critérios apontados no art. 4º da referida Portaria, tais quais: ter ao menos quatro Programas de Pós-Graduação (PPG) *stricto sensu* recomendados pela CAPES na Avaliação Trienal de 2013 e na Avaliação Quadrienal de 2017, entre os quais deveria haver, pelo menos, dois cursos de doutorado e possuir um Plano Institucional de Internacionalização. Além disso, as IES deveriam ter, no mínimo nota 4 em conceitos que variam de 3 a 7 em suas avaliações do MEC.

Ao selecionar universidades e adotar critérios de produtividade acadêmica, o PrInt evidencia a lógica capitalista que permeia as políticas de educação superior, reforçando a competitividade entre as universidades, os programas de pós-graduação e os pesquisadores. Além disso, tal qual o Programa CsF, o PrInt também tinha como pressuposto o envio de brasileiros para universidades do Norte Global, além da formação de parcerias não somente com universidades estrangeiras, mas também com empresas.

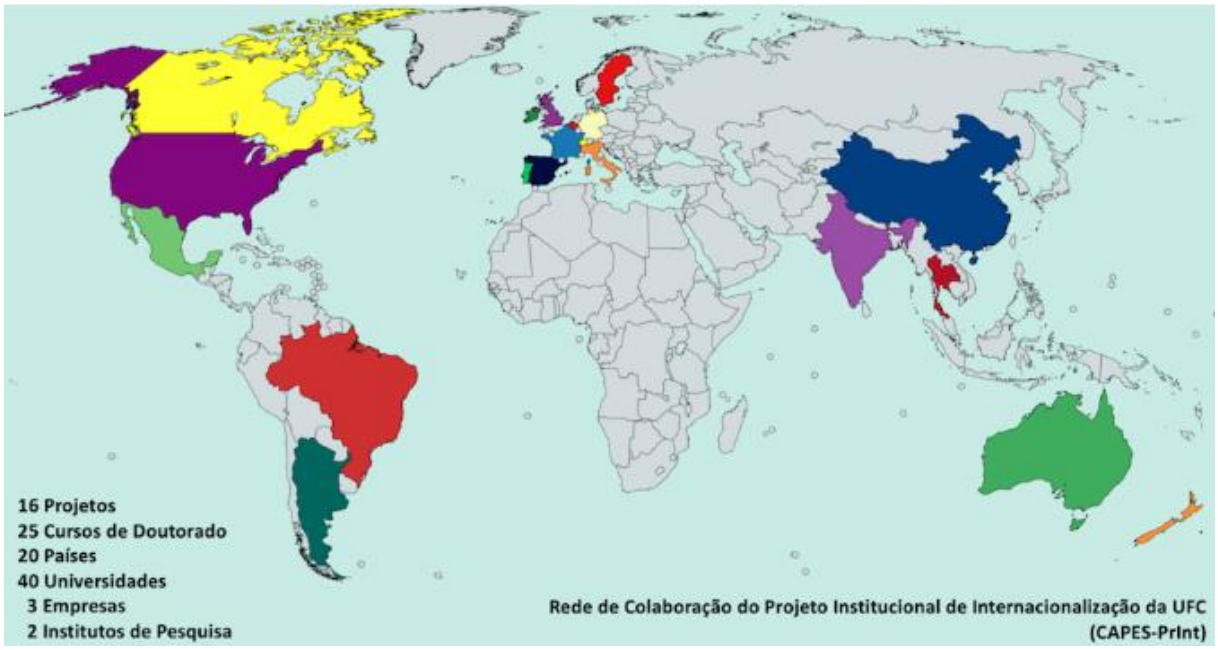
No âmbito da UFC, a PROINTER e a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) elaboraram em 2017 o projeto institucional que foi submetido à CAPES. O projeto foi estruturado em torno de 10 programas de pós-graduação avaliados pela CAPES como cursos de excelência internacional, sendo três deles com o conceito 7, nas áreas de Engenharia Civil/Recursos Hídricos, Física, Matemática (nota 7); e Química, Enfermagem, Engenharia Química, Engenharia de Teleinformática, Farmacologia, Geografia e Ciências Médicas (nota 6) (UFC, 2018).

O projeto da UFC para o CAPES-PrInt foi estruturado em torno de temáticas de consideradas pela instituição como de "relevo mundial, estratégicas para o desenvolvimento do País e do Estado", a saber: i) materiais e fenômenos em nanoescala, ii) geometria e métodos não-lineares; iii) ciência de dados e sistemas complexos, iv) tecnologias sociais, v) novos produtos químicos, vi) biológicos e suas aplicações, vii) doenças infecciosas, imunoinflamatórias e crônicodegenerativas, viii) gestão e Segurança hídrica frente às mudanças climáticas (UFC, 2018, p.10).

Segundo o projeto institucional, os cursos têm cooperações internacionais formalizadas por projetos de pesquisa financiados tanto por programas como CAPES-COFECUB (França), DAAD (Alemanha), AmSud (França), CAFP-BA (Argentina), FCT (Portugal), MINCYT (Argentina), DFATD (Canadá), quanto por recursos estrangeiros, como Fundo Newton, Melinda-Gates e União Europeia ou de empresas multinacionais de alta tecnologia, como Ericson, LG, Petrogal, SinoChem, Bayer, dentre outras. Essas cooperações respondem por uma grande parcela da produção científica da UFC, principalmente com as publicações mais relevantes[34].

A Figura 8 ilustra as regiões onde a UFC desenvolveu colaborações durante o PrInt, centradas principalmente em países do Norte Global.

Figura 8- Rede de colaboração do CAPES-PrInt na UFC



Fonte: PRPPG (2025).

Ao selecionar instituições e cursos de pós-graduação por meio de critérios de produtividade, o PrInt evidencia um regime competitivo para alocação de recursos, além de manutenção das relações do Sul para o Norte.

[34] Os cursos de pós-graduação da UFC partricipantes do CAPES-PrInt podem ser verificados no Apêndice C.

No planejamento da CAPES, a vigência do Programa estava prevista para 4 (quatro) anos, isto é, de 2018 a 2022. Contudo, o Programa ficou vigente até outubro de 2024. Em substituição ao CAPES-PrInt foi lançado o Programa de Redes para Internacionalização Institucional (CAPES-Global.Edu), o qual será analisado na subseção 3.5.7.

3.5.5 Programa Universidades e Institutos Empreendedores e Inovadores (Future-se)

Aprofundando-se na lógica do capitalismo acadêmico[35], durante o Governo Bolsonaro (2019-2022), o Ministério da Educação (MEC) lançou, em julho de 2019, uma proposta de adesão voluntária das Instituições de Educação Superior (IES) denominado "Programa Universidades e Institutos Empreendedores e Inovadores", o Future-se, cujo nome já evidencia a concepção de educação superior que orienta o Programa (MEC, 2019).

O Future-se pretendia ser o programa da Educação do governo e contemplava três eixos, sendo: 1) Gestão, Governança e Empreendedorismo, 2) Pesquisa e Inovação e 3) Internacionalização, tendo como objetivo dar maior autonomia financeira a universidades e institutos por meio do fomento à captação de recursos próprios e ao empreendedorismo (MEC, 2019).

Durante o lançamento do Future-se, o então Ministro da Educação, Abraam Weintraub, disse que o Programa "coloca o Brasil no mesmo patamar de países desenvolvidos".

De acordo com o Projeto de Lei nº 3076, de 02/06/2020, que instituiu o Future-se, a participação das IES se daria por meio da celebração de um "contrato de resultado" entre a universidade ou o instituto federal, por intermédio do Ministério da Educação, com organizações sociais responsáveis por gerir os recursos repassados pela União, cujo recebimento estaria condicionado ao atingimento de metas estabelecidas por indicadores de desempenho desenvolvidos pelos Ministérios da Educação e da Ciência,

[35] Capitalismo acadêmico é uma expressão criada por Slaughter e Rhoades (2004) para designar práticas e estruturas universitárias que se aproximam das do mercado e aponta a lógica econômica como norteadora das práticas acadêmicas.

Tecnologia, Inovações e Comunicações, de forma "a contemplar incrementos de eficiência e economicidade" (Brasil, 2020, p. 1).

A proposta do programa surgiu em um contexto em que as IES enfrentavam cortes orçamentários por parte do MEC. Portanto, a ideia de "autonomia" proposta pelo Programa refere-se "ao gerenciamento empresarial da instituição e prevê que, para cumprir as metas e alcançar os indicadores impostos pelo contrato de gestão a universidade tem 'autonomia' para captar recursos de outras fontes" (Chauí, 1999, p. 5). Nesse sentido, o MEC, nos termos de Chauí (1999), passa a pensar a universidade pública como um órgão gerador de receitas e captador de recursos externos.

Mesmo não tendo sido implementado, o Future-se representou a perda de prioridade da educação superior por parte do Estado, resultando na emergência de um mercado universitário como alternativa, tornando a internacionalização um caminho (Sousa Santos, 2011).

Para Sguissardi (2020), o Future-se, como tantas outras propostas no campo das políticas públicas, apresenta uma série de elementos econômicos, políticos e jurídicos que conformam, de modo gradativo e crescente, instituições federais de educação superior heterônomas submissas, cada vez mais, às normas e regras do mercado, em que se sobressai a competição e a concorrência, significando "um passo a mais rumo a sua privado-mercantilização" (Sguissardi, 2020, p. 191).

3.5.6 Programa Move la América

Em seu discurso de posse em 01 de janeiro de 2023, o presidente Lula se comprometeu em retomar esforços para uma maior a integração sul-americana e reconstruir o diálogo com os Estados Unidos, com a Comunidade Europeia, com a China e com países do Oriente, além de fortalecer os BRICS, a cooperação com os países da África, rompendo o isolamento internacional a que o país foi relegado durante o Governo Bolsonaro (Câmara dos Deputados, 2023).

Logo, em dia 5 de janeiro de 2023, como um passo do governo federal para a recomposição do patrimônio diplomático brasileiro e para a reinserção do Brasil ao convívio internacional, o Brasil retornou oficialmente à Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC), instituição que tem como objetivo promover o

diálogo político, a concertação e a cooperação regional em um conjunto amplo de temas, como segurança alimentar e energética, saúde, inclusão social, desenvolvimento sustentável, transformação digital e infraestrutura para a integração regional (SECOM, 2023).

Sob essa nova perspectiva, as agências de fomento como a CAPES e o CNPq passaram a formular políticas voltadas a estimular a cooperação Sul-Sul. A CAPES (2024) tem afirmado que uma das principais linhas de atuação da gestão atual é o fortalecimento das relações com o Sul global, incluindo países da África, América Latina e Caribe.

Nesse intuito, no dia 13 de março de 2024, o Ministro da Educação, Camilo Santana, durante a Reunião de Acompanhamento da III Conferência Regional da Educação Superior da América Latina e Caribe, a CRES+5, ocorrida em Brasília/DF, anunciou algumas ações voltadas à cooperação Sul-Sul, como: a) a assinatura de acordo de cooperação com Cuba; b) uma parceria com a Associação de Universidades do Grupo de Montevidéu (AUGM), para apoio a projetos conjuntos de pesquisa em um período de oito anos em instituições que fazem parte da AUGM, um grupo que reúne 41 universidades do Brasil, da Argentina, da Bolívia, do Chile, do Uruguai e do Paraguai; e c) o lançamento do Programa "Move La América, que tem como finalidade ofertar bolsas de mestrado e doutorado para estudantes latino-americanos fazerem estágios em instituições federais brasileiras.

O Programa Move La América foi criado por meio da Portaria nº 84, de 19 de março de 2024, com a finalidade de

> complementar os esforços de internacionalização das Instituições de Ensino Superior brasileiras por meio da atração de discentes vinculados a instituições de ensino e pesquisa estrangeiras da América Latina e Caribe, permitindo-se o fortalecimento dos Programas de Pós-Graduação (PPG) e a criação de um ambiente institucional internacional (CAPES, 2024, p. 62).

O Programa tem como objetivos específicos:

> I - Complementar os esforços de internacionalização das IES brasileiras por meio da atração de discentes estrangeiros, permitindo o fortalecimento dos PPGs e a criação de um ambiente institucional internacional;
> II - Estimular iniciativas de internacionalização das Instituições de Ensino Superior brasileiras;
> III - Apoiar a criação e o fortalecimento de programas de cooperação e de intercâmbio entre Instituições de Ensino Superior do Brasil e do exterior;

> IV - Incentivar a criação de parcerias e o início ou consolidação de redes internacionais de pesquisa;
> V - Ampliar o nível de colaboração e de publicações conjuntas entre a comunidade acadêmica que atua no Brasil e no exterior;
> VI - Proporcionar maior visibilidade internacional à produção científica, tecnológica e cultural brasileira; e
> VII- Permitir o contato dos discentes e docentes brasileiros com pesquisadores atuantes no exterior (CAPES, 2024, p. 62).

Em 2024, o Programa ofertou 1463 bolsas a pesquisadores da América Latina e do Caribe. No âmbito da UFC, cursos de mestrado e doutorado de distintas áreas acadêmicas ofertaram um total de 240 vagas, conforme apêndice E, sendo a Universidade contemplada com 38 bolsas, conforme resultado dos aprovados no Edital n° 07/2024, do Programa (CAPES, 2024). De acordo com o Relatório de Gestão 2024 da UFC, esses alunos, oriundos de países como Colômbia, Equador, Chile, Argentina, Espanha, México e Peru, realizarão seus estágios em 30 programas de pós-graduação da UFC no ano de 2025 (UFC, 2025e).

Além da CAPES, o CNPq também passou a priorizar em suas chamadas públicas para apoio a projetos internacionais de pesquisa científica, tecnológica e de inovação, por exemplo, a "participação de pesquisadores brasileiros em projetos de cooperação com grupos e/ou redes de pesquisa de países latino-americanos, caribenhos e africanos" e o estímulo à "participação em projetos internacionais de pesquisadores brasileiros vinculados a instituições sediadas nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste" (CNPq, 2024).

Desse modo, observa-se que as agências de fomento do governo Lula (2023-2027) têm desenvolvido uma agenda de internacionalização ampla, com ênfase no fortalecimento da cooperação com o Sul Global, sendo relevante acompanhar o processo de implementação da política a fim de compreender se ela supera ou reproduz a matriz de poder colonial.

Por serem indutores da política de internacionalização das IES brasileiras, é importante acompanharmos em que medida essas novas ações têm sido compreendidas e ressignificadas pelos sujeitos envolvidos com o processo de internacionalização da UFC.

3.5.7 Programa Redes para Internacionalização Institucional (CAPES-Global.Edu)

No contexto das políticas de internacionalização universitária do governo Lula (2023-2027), após o lançamento do Programa Move La América, foi instituído, por meio da Portaria nº 74, de em 28 de março de 2025, um novo programa de internacionalização em substituição ao CAPES-PrInt, denominado Programa Redes para Internacionalização Institucional (CAPES-Global.Edu).

O programa é voltado a programas de pós-graduação de Instituições de Educação Superior (IES) públicas e privadas, bem como de Instituições de Pesquisa Brasileiras (IP) e tem como finalidade fomentar a criação de redes de cooperação entre instituições nacionais com estágios de internacionalização diversos para promover, por meio da cooperação internacional, o desenvolvimento de atividades estratégicas de pesquisa e pós-graduação dos participantes (Brasil, 2025c, p.24)

De acordo com o art. 2º da referida Portaria, o CAPES-Global.Edu tem como objetivo geral "contribuir para o fortalecimento do protagonismo internacional do Brasil e consolidar sua posição como parceiro estratégico em iniciativas globais, além de promover a cooperação mútua, o diálogo intercultural e o desenvolvimento sustentável" (Brasil, 2025c, p. 24).

Os objetivos específicos, conforme estabelecido no art. 3º, incluem:

> I - promover parcerias entre instituições nacionais, **de diferentes regiões do País e com diferentes estágios de internacionalização, visando a cooperação internacional e o processo mútuo de ensino-aprendizagem com instituições do Norte e do Sul Global**; (Redação dada pela Portaria nº 79, de 3 de Abril de 2025);
>
> II - incentivar a construção, a implementação e a consolidação de planos estratégicos de internacionalização das instituições participantes, articulados com os respectivos Planos de Desenvolvimento Institucional - PDI;
>
> III - estimular a colaboração com organizações da sociedade civil, visando ampliar a relevância institucional em seu contexto. Este objetivo engloba ações com foco no ensino, pesquisa, extensão, **inovação**, liderança, **empreendedorismo**, economia criativa, sustentabilidade econômica, consciência social e ambiental;
> IV - promover oportunidades de experiência internacional, no Brasil e no Exterior, para pós-graduandos, pesquisadores, docentes e técnicos, visando a qualificação de profissionais de nível superior e o aumento da cooperação no ensino, na pesquisa, extensão e inovação nos cenários nacional e internacional;

> V - **promover a cultura para a internacionalização que seja diversa, inclusiva e acolhedora nas Instituições participantes das redes**; e
> VI - estimular o aprimoramento da governança da internacionalização nas IES/IP, assim como a formação de profissionais para a gestão internacional. (Brasil, 2025c, p. 24 **grifo nosso**)

Ao analisarmos a Portaria que institui o CAPES-Global.Edu, observa-se há a inclusão de servidores técnicos no inciso IV, do art. 3º, uma mudança relevante e inclusiva em relação a programas de internacionalização anteriores que não dispunham de oportunidades para servidores TAES.

Além disso, observa-se uma preocupação da CAPES em reduzir as assimetrias não somente entre as regiões do país, mas também entre os programas de internacionalização dentro das IES. Para dirimir essas disparidades, Garcia e Gussi (2024) alertam para a necessidade de se pensar em políticas de internacionalização que busquem reduzir as assimetrias e desigualdades dentro de nosso próprio país, em nossas instituições de ensino e em nossos programas de graduação e pós-graduação. Nesse sentido, a proposta da CAPES é que as redes sejam formadas por quatro a seis instituições, estruturadas em instituições coordenadora e instituições associadas, em um trabalho de cooperação entre elas.

A instituição coordenadora de cada rede deve ter programa de pós-graduação (PPG) avaliado com notas 5, 6 ou 7, em áreas do conhecimento relacionadas aos temas definidos pela rede, além de possuir parcerias internacionais consolidadas. Já as instituições associadas deverão possuir PPGs recomendados pela CAPES com nota igual ou superior a 3, alinhados aos temas definidos pela rede, além de ter parcerias internacionais em andamento ou em prospecção. Além disso, é necessário que as participantes estejam localizadas em diferentes regiões do Brasil, estando pelo menos uma nas regiões Norte, Nordeste ou Centro-Oeste (CAPES, 2025e).

Dentre as atribuições da instituição coordenadora regulamentadas no edital destacam-se: assessorar as instituições participantes da rede na construção, implementação ou consolidação dos Planos Estratégicos de Internacionalização; compartilhar a infraestrutura de internacionalização para apoiar as ações da rede; e demonstrar compromisso com a inclusão e a diversidade, garantindo que suas atividades

dentro da rede promovam a igualdade de oportunidades e considerem as diversas necessidades e perspectivas dos participantes (CAPES, 2025e).

Trata-se, portanto, de um programa de incentivo à cooperação não somente com instituições estrangeiras, mas entre instituições nacionais e entre os próprios PPGs. Sobre essa questão, a presidente da CAPES, Profª Denise Pires de Carvalho, entende que "o programa é inovador e possibilitará ainda mais a mobilidade intranacional e a relação entre instituições do país" (CAPES, 2025d, local.1). Essa concepção amplia os sentidos atribuídos à internacionalização, ao reconhecer o valor da cooperação interna como estratégia para seu fortalecimento.

A análise do conteúdo do Programa revela também o interesse da CAPES em promover uma cultura de internacionalização que seja "diversa, inclusiva e acolhedora", nos termos do inciso V, do art. 3º, da Portaria nº 74, de em 28 de março de 2025. Segundo o Coordenador de Internacionalização da CAPES, Prof. Rui Opperman, a internacionalização deve ser compreendida como uma dimensão transversal que permeia toda a cultura institucional. Em suas palavras:

> a melhor maneira de assegurar que esse trabalho seja feito é pela formação de redes, com a cooperação institucional, compartilhamento de experiências e conhecimentos entre as Instituições participantes envolvendo suas áreas de ensino, pesquisa e extensão (CAPES, 2025d, local 3).

Observa-se, ainda, o estímulo a ações voltadas à inovação e ao empreendedorismo, em consonância com tendências contemporâneas de aproximação das universidades com o setor produtivo, o que nos leva a questionar o quanto governos considerados progressistas estão comprometidos em romper com valores de mercado.

Em relação a essa questão, ao ler a obra "La internacionalización de la educación superior en América Latina: transitar de lo exógeno a lo endógeno", de Didou Aupetit (2017)[36], fui levada a refletir sobre a cultura empreendedora nas universidades

[36] Nessa obra, Sylvie Didou Aupetit, pesquisadora em tempo integral do Centro de Pesquisa e de Estudos Avançados (Cinvestav) no México, coordenadora geral da RIMAC e responsável pela Cátedra UNESCO sobre Garantia da Qualidade e novos provedores de educação superior na América Latina, discorre sobre as mudanças nas políticas de internacionalização na América Latina e Caribe desde a realização da segunda CRES, ocorrida em 2008, até 2017.

públicas, que requer um olhar crítico para os riscos envolvidos na transferência de conhecimento e de tecnologia das universidades para empresas e indústrias sem contrapartidas claras, o que pode comprometer os princípios de reciprocidade e justiça social no âmbito da pesquisa nas universidades públicas.

O lançamento oficial do programa ocorreu no dia 14 de julho de 2025, com a publicação do Edital nº 13/2025, que estipula o prazo de inscrição das instituições interessadas até 30 de outubro de 2025. A implementação do programa está prevista para iniciar em 2026, com vigência de cinco anos, e previsão de investimento anual de até R$ 350.000.000,00 (trezentos e cinquenta milhões de reais), totalizando até R$ 1.400.000.000,00 (um bilhão e quatrocentos milhões de reais), conforme disponibilidade orçamentária e financeira da CAPES (CAPES, 2025e).

Esses recursos são destinados a investimentos em custeio de missões de trabalho internacionais e manutenção de projetos de pesquisa em cooperação internacional; bolsas no exterior, nas modalidades de Doutorado Sanduíche, Professor Visitante Junior, Professor Visitante Sênior, Capacitação e em bolsas no país para Doutorado Sanduíche para Estrangeiros no Brasil, Jovem Talento, Professor Visitante e Pós-Doutorado (CAPES, 2025e).

No âmbito da UFC, a fim de atender ao disposto no art. 3º, inciso II, da Portaria nº 74, de em 28 de março de 2025, que diz que um dos objetivos específicos do Programa é "incentivar a construção, a implementação e a consolidação de planos estratégicos de internacionalização das instituições participantes, articulados com os respectivos Planos de Desenvolvimento Institucional – PDI", observou-se um movimento institucional para elaborar um novo Plano de Internacionalização para a Universidade para o período 2025-2030[37].

Além disso, a informação sobre o novo programa de internacionalização da CAPES foi publicada no sítio institucional da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG), que lançou um edital interno para seleção de projetos temáticos[38], sendo a UFC

[37] Para tanto, foi formada uma Comissão responsável pela elaboração do novo Plano, composta por 13 pessoas, sendo 12 docentes de distintas áreas acadêmicas e uma servidora técnico-administrativa, vinculada à PROINTER.

[38] Os temas prioritários da rede coordenada pela UFC para elaboração dos projetos são: 1) Ciências de Dados e Sistemas Complexos; 2) Inteligência Artificial; 3) Energia, Tecnologias Verdes e Transição Sustentável; 4) Soluções Sustentáveis Integradas para a Conservação e Valorização da Biodiversidade; 5)

a instituição coordenadora e a Universidade Federal do Piauí (UFPI), a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e a Universidade Federal de Roraima (UFRR), as instituições associadas (UFC, 2025g).

Ressalta-se, contudo, que a implementação do Programa iniciará em 2026, e, por isso, ainda não há evidências acerca da aderência da UFC a essa nova política e seus desdobramentos no processo de internacionalização da Universidade.

3.6 Análise sobre os programas de internacionalização no Brasil à luz da colonialidade

O que podemos observar a partir dessa breve análise sobre as políticas de internacionalização elaboradas pelo Estado brasileiro, sobretudo a partir dos anos 2000, é que elas são pautadas em uma perspectiva desenvolvimentista, cujos exemplos de progresso são os países compreendidos como "mais desenvolvidos", estejam eles situados no Norte ou no Sul Global, como no caso da relação entre o Brasil e a África.

Além disso, se analisarmos a relação de programas de internacionalização fomentados pela CAPES, constante no apêndice D, verificaremos que dos 36 programas, apenas 5 envolvem projetos e parcerias com países do Sul Global, como o Programa CAPES MATH-AMSUD, o Programa CAPES STIC-AMSUD, o Projeto de fortalecimento da cooperação internacional sul-sul (COOPBRAS), e mais recentemente, o Programa *Move la América* e o Programa Caminhos Amefricanos.

Destacam-se, ainda, o Acordo entre a CAPES e a Associação de Universidades do Grupo de Montevidéu (AUGM)[39] e o Acordo com Cuba, assinados em

Mudanças Climáticas e Sustentabilidade; 6) Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC); 7) Saúde e Bem-Estar; 8) Pesquisa em Epidemiologia Molecular e Desenvolvimento de Soluções Inovadoras para Saúde; 9) Materiais e Fenômenos em Nanoescala; 10) Novos Produtos Químicos, Biotecnológicos e Suas Aplicações; 11) Segurança Alimentar; 12) Biodiversidade, Regeneração e Saúde dos Oceanos e Zonas Costeiras; 13) Cidadania, Linguagem, Cultura, Educação e Novas Tecnologias; e 14) Geometria e Métodos Não-Lineares.

[39] A Associação de Universidades do Grupo de Montevidéu (AUGM) é uma rede de universidades públicas, autônomas e autogovernadas da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai que, por suas similaridades, compartilham suas vocações, seu caráter público, suas similaridades em estruturas acadêmicas e a equivalência dos níveis de seus serviços; características que os colocam em condições de

março de 2024 durante a reunião de acompanhamento da CRES+5 em Brasília/DF, sendo necessária uma análise mais aprofundada do conteúdo dessas políticas e colaborações a fim de verificar se elas refletem indícios de colonialidade ou não

A análise dos programas destacados mostra que a internacionalização é hegemonicamente permeada por uma racionalidade eurocêntrica e, ao ser usada como uma estratégia para uma suposta redução das desigualdades entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, tende a manter e reproduzir relações coloniais.

Para Grosfoguel (2008), a teoria desenvolvimentista privilegia o "Ocidente" enquanto modelo de desenvolvimento, pois oferece uma fórmula colonial de como se assemelhar ao "Ocidente". Para o autor,

> A postulação de zonas periféricas, como a África ou a América Latina, como "regiões com problemas" ou com "um atrasado nível de desenvolvimento" dissimulou a responsabilidade europeia euro-americana na exploração destes continentes. A postulação de regiões "patológicas" na periferia, por oposição aos chamados padrões "normais" de desenvolvimento do "Ocidente", justificou uma intervenção política e econômica ainda mais intensa por parte das potências imperiais. Devido ao tratamento do "Outro" como "subdesenvolvido" e "atrasado", a exploração e a dominação por parte das metrópoles tornaram-se justificáveis em nome da "missão civilizadora" (Grosfoguel, 2008, p. 405).

Assim, observa-se que as políticas de internacionalização implementadas nas últimas décadas, embora apresentem discursos modernizadores e projetos de superação do "atraso" brasileiro, elas acabam por reforçar as desigualdades que buscam combater. A intenção de reduzir o subdesenvolvimento por meio da formação de capital humano qualificado no exterior, como no Programa Ciência sem Fronteiras (CsF); de transformar as universidades em ambientes competitivos globalmente, como no CAPES-PrInt; ou de promover uma suposta autonomia universitária, como no Future-se, está ancorada em uma compreensão de internacionalização alinhada aos imperativos neoliberais e eurocêntricos.

Nessa perspectiva, enquanto o discurso oficial sugere que a internacionalização é um caminho para romper o ciclo de dependência, na prática ela

---

desenvolver atividades de cooperação com certas perspectivas de viabilidade (AUGM, 2025). Importa ressaltar que a UFC não faz parte da AUGM.

funciona como um mecanismo de reprodução das estruturas dominantes, privilegiando universidades com maior acúmulo prévio de capital científico, cultural e financeiro, e reforçando a centralidade epistemológica do Norte Global.

Entretanto, a partir do governo Lula (2023-2027), observa-se o surgimento de um outro paradigma de internacionalização, a partir de políticas como o Move la América e o CAPES Global.Edu, que sinalizam uma tentativa de construir processos mais regionais, horizontais e sustentados por princípios de reciprocidade e solidariedade. Ao fomentar a cooperação Sul-Sul, esses programas deslocam o foco do eixo tradicional Norte-Sul e buscam valorizar saberes, práticas e trajetórias acadêmicas latino-americanas, africanas e caribenhas.

A análise do escopo dessas políticas de internacionalização possibilita-nos realizar algumas análises, como mostra o Quadro 10:

Quadro 10- Fundamentos epistemológicos e dinâmicas políticas que orientam a internacionalização universitária brasileira

(continua)

Dimensões de análise	**Evidências observadas**
Orientações epistemológicas	• Fundamentadas em um paradigma científico moderno e capitalista, constituído basicamente no domínio das Ciências Naturais e na ideia de progresso advindo das ciências e tecnologias ao conceder maiores oportunidades de bolsas à área de tecnologia e engenharias, a exemplo do Programa CsF; • Racionalidade eurocêntrica, ao priorizar relações com o Norte Global, sobretudo com Europa e Estados Unidos, observado nos Programas CsF, CAPES-PrInt e Future-se; • Modelo de desenvolvimento ocidental; • Fundamenta-se em princípios capitalistas e neoliberais, voltados ao empreendedorismo, à competitividade e ao cumprimento de metas e critérios de produtividade, revelando dimensões do sistema-mundo capitalista, a exemplo do CAPES-PrInt e do Future-se; • Orientam-se pela oferta de "ajuda" nas colaborações, revelando uma relação de superioridade/inferioridade epistêmica, a exemplo do PEC-G e Move la América; • Surgimento de uma perspectiva regionalizada de internacionalização, com a criação do Move la América e do CAPES Global.Edu.

Quadro 10- Fundamentos epistemológicos e dinâmicas políticas que orientam a internacionalização universitária brasileira

(conclusão)

Dimensões de análise	Evidências observadas
Dinâmicas políticas	• Alternâncias de governos nacionais e internacionais afetam a continuidade das políticas; • As políticas elaboradas pelas agências de fomento induzem a visão de internacionalização das universidades.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Observa-se, portanto, que as políticas de internacionalização promovidas pelo Estado brasileiro ao longo dos anos 2000 têm sido, em grande medida, orientadas por um paradigma dominante, associado a uma racionalidade científica de base moderna e capitalista (Sousa Santos, 2008), que se vincula a dimensões históricas da colonialidade. Entretanto, nos últimos anos, vêm sendo formuladas iniciativas voltadas à ampliação da cooperação com o Sul Global e à redução das assimetrias regionais entre os programas de pós-graduação, o que evidencia que a configuração de um campo de internacionalização, no sentido bourdieusiano, ou seja, um espaço simbólico de disputas e negociações que se reconfigura ao longo do tempo.

Na próxima seção, analisaremos como emerge a possibilidade de se construir um outro paradigma de internacionalização da educação superior no Brasil a partir da análise da reunião de acompanhamento da Conferência Regional de Educação Superior, a CRES+5, ocorrida em Brasília/DF em março de 2024.

3.7 (Re)pensando paradigmas outros para a formulação de políticas de internacionalização a partir da CRES+5

Como se observa, até aqui, as políticas para a educação superior são elaboradas em múltiplos níveis e escalas, envolvendo tanto as recomendações de organismos internacionais, quanto políticas públicas propostas por governos e políticas instituídas pelas instituições de ensino superior.

Essas políticas têm sido marcadas hegemonicamente por uma perspectiva euro norte centrada, sendo tensionadas por práticas ora hegemônicas, ora contra hegemônicas (Perrota, 2016), induzidas principalmente pelas políticas públicas das agências de fomento e de organismos internacionais.

No processo de reflexividade acerca dos achados no trabalho de campo, parte constituinte da pesquisa etnográfica, comecei a me questionar: como construir um outro pensamento, nos termos de Douglas (1998), acerca da internacionalização, se as estruturas de nossas universidades, como um micro espaço da sociedade, são marcadas historicamente por um paradigma euro norte centrado? Como construir outros paradigmas de internacionalização?

Ao longo do trabalho de campo, além de participar do curso de extensão em Gestão da Internacionalização Universitária Latino-americana entre agosto de 2023 e outubro de 2024, citado na introdução, tive a oportunidade de participar da reunião de acompanhamento da Conferência Regional de Educação Superior (CRES 2018)[40], a CRES+5, que teve como objetivo realizar uma avaliação das metas definidas para a educação superior para o período 2018-2028, bem como destacar os avanços e desafios da educação superior na região, sobretudo após a pandemia da COVID-19, por meio de um processo participativo e coletivo (CRES+5, 2024).

A CRES+5 ocorreu entre 13 e 15 de março de 2024 na cidade de Brasília/DF, sendo organizada pelo Instituto Internacional da Unesco para a Educação Superior na América Latina e Caribe (Unesco/IESALC), pelo Espaço Latino-americano e Caribenho de Educação Superior (Enlaces) e pelo Ministério da Educação do Brasil (MEC), mais especificamente pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior

[40] A Conferência Regional de Educação Superior (CRES) de 2018 foi realizada em Córdoba, Argentina, de 11 a 15 de junho, marcando os 100 anos da Reforma Universitária de Córdoba, teve como tema central a missão, o sentido e o futuro da educação superior.

(CAPES), sob coordenação do diretor de Relações Internacionais, Prof. Rui Opperman[41], quem articulou os doze eixos temáticos[42] da Conferência (CRES+5, 2024).

Foi a primeira vez que esse evento, de ordem internacional, aconteceu no Brasil, marcando a retomada do país como protagonista no diálogo internacional sobre a importância da educação superior como instrumento de redução das desigualdades regionais, de criação de sociedades mais justas e de fortalecimento da democracia.

Participaram da reunião de acompanhamento cerca de 1.200 pessoas dentre ministros de estado, reitores, gestores universitários, docentes, estudantes, técnicos administrativos, além de redes de ensino superior, associações, centros de pesquisa, sindicatos, representantes de organizações governamentais e não governamentais e interessados na educação superior, pessoas diversas de 26 países da América Latina e do Caribe (CRES+5, 2024).

Em meio aos participantes, estava eu, servidora técnico-administrativa da UFC, em busca de compreender de que forma instituições responsáveis por pensar políticas públicas têm instituído discursos e ideias sobre a internacionalização. Em Garcia e Gussi (2024), realizamos uma análise detalhada das propostas para a internacionalização das universidades apresentadas durante a CRES+5.

O evento foi dividido em palestras e discussões de 12 eixos temáticos, tendo como enfoque principal a integração regional, como mostra o Quadro 11:

[41] O Prof. Rui Opperman é Professor Titular da UFRGS desde 1983 e atua como professor e orientador do Programa de Pós-Graduação em Odontologia - Periodontia. Foi reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul de 2016 a 2020. Coordenou a participação das Instituições Públicas Brasileiras de Educação Superior na Conferência Regional de Educação Superior, CRES-2018. É membro do Espaço Latino-Americano e Caribenho de Educação Superior. Participa da Frente Nacional dos Reitores Eleitos e Não Empossados e de redes regionais em defesa da Autonomia Universitária e Liberdade de Cátedra.

Quadro 11: Eixos temáticos da CRES+5

Eixo	Tema
1	A educação superior como parte do sistema educacional na América Latina e Caribe
2	Educação Superior, diversidade cultural e interculturalidade na América Latina e Caribe
3	Educação Superior, internacionalização e integração regional da América Latina Caribe
4	O papel da educação superior diante dos desafios sociais da América Latina e Caribe
5	Pesquisa científica e tecnológica e inovação como motores do desenvolvimento humano, social e econômico para a América Latina e o Caribe
6	O papel estratégico da educação superior no desenvolvimento sustentável da América Latina e Caribe
7	Trabalho decente e condições de vida dos atores da Educação Superior
8	O Impacto da COVID-19 na Educação Superior
9	Inclusão, diversidade e o papel da mulher na Educação Superior
10	Financiamento e Governança
11	A autonomia das Instituições de Educação Superior
12	O futuro da Educação Superior na América Latina e Caribe

Fonte: CRES+5 (2024).

A integração regional é definida por Paikin, Perrota e Porcelli (2016, p. 52), como "una política gravitante para consolidar la democracia y fortalecer uma zona de paz y amistad así como para promover la inserción internacional de nuestros países em uma economia política globalizada". Os autores compreendem que pensar uma unidade latino-americana tem sido não apenas um desafio teórico, mas também uma definição política por se tratar de uma inserção internacional oposta à das potências centrais, uma forma de melhorar as condições de vida dos nossos povos e para evitar que nossos recursos naturais sejam explorados.

Diante dessa arena política, minha participação na CRES+5 possibilitou conhecer como a internacionalização da educação superior tem sido compreendida e instituída por gestores de organismos internacionais como a UNESCO e o Enlaces, bem como por representantes do Estado brasileiro, cujas ações e decisões políticas possuem

causas e consequências que afetam as políticas implementadas nas instituições de ensino[43].

Durante a abertura da CRES+5, no dia 13 de março de 2024, estavam presentes o Ministro da Educação do Brasil, o cearense Camilo Santana; o Ministro da Educação de Cuba, Walter Baluja García; a Ministra de Ciência e Tecnologia, Luciana Santos; outros integrantes do MEC, como a então Secretária Executiva Isolda Cela e a então Secretária de Educação Superior (Sesu), Denise Pires de Carvalho; representantes de organismos internacionais como a presidente da Unesco no Brasil, Marlova Noleto, o presidente da Unesco IESALC, Francesc Pedró, e o presidente do Enlaces, Oscar Domingues; e representantes do movimento estudantil do Brasil e da América Latina, como a União Nacional dos Estudantes (UNE), a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação (ANPG) e a Organização Continental Latino-Americana e Caribenha de Estudantes (OCLAE), cujos discursos foram marcados por palavras
como "inclusão", "diversidade", "equidade" e "democracia".

Importa ressaltar o discurso do Ministro da Educação do Brasil, o cearense Camilo Santana, que relembrou que a primeira universidade brasileira foi criada em 1920, muito depois dos demais países latino-americanos. Na fala do Ministro, "a ideia de universidade sempre esteve, para nós, ligada à ideia de independência, pois na divisão internacional do trabalho o lugar que guardavam para nós é de uma terra sem valor agregado e, consequentemente, uma terra de desigualdades estruturais". Diante dos desafios atuais, Camilo Santana ressaltou que o MEC está engajado na luta pela equidade de acesso à educação, sem distinção de gênero, origem, raça, etnia ou de região e que "a única resposta possível para os problemas do mundo contemporâneo é o aprofundamento da nossa integração regional".

---

[43] Sobre essa questão, Laura Nader (2020) alerta para as contribuições de estudos antropológicos de segmentos e organizações detentoras de alta posição em nossa sociedade, daqueles que moldam e controlam as estruturas institucionais. A autora destaca três razões para estudarmos "os de cima": a indignação (como um efeito estimulante) diante de problemas que afetam nossas vidas e nosso futuro; a existência de poucos trabalhos sobre as classes superiores, as elites; e a relevância democrática de acessarmos os tomadores de decisão, instituições governamentais etc. Atenta a essa relevância, observei com atenção discursos e percepções de representantes governamentais e institucionais para compreender como suas ideias ressoam nas políticas de internacionalização.

Na ocasião, por entender que “internacionalização começa em casa”, o Ministro anunciou a criação de dois novos programas com foco na internacionalização da educação, na igualdade de gênero e diversidade entre os países da América Latina e do Caribe, com investimento total de R$ 122 milhões nos próximos 8 anos.

O primeiro programa anunciado consiste em uma parceria com a Associação de Universidades do Grupo de Montevidéu (AUGM), para apoiar projetos conjuntos de pesquisa, o qual prevê investimentos em torno de R$ 102 milhões, ao longo de oito anos, em instituições que fazem parte da AUGM, grupo que reúne 41 universidades do Brasil, da Argentina, da Bolívia, do Chile, do Uruguai e do Paraguai; o outro programa, chamado “Move La América”, com investimentos de cerca de R$ 20 milhões, tem como finalidade ofertar bolsas de mestrado e doutorado para estudantes latino-americanos fazerem estágios em instituições federais brasileiras.

Por fim, o Ministro afirmou que a intenção do MEC é que “a implementação desses dois programas seja marcada pelo princípio da cooperação solidária em que todas as partes se respeitam de maneira horizontal” e concluiu seu discurso dizendo que

> o conhecimento é bem valioso, mas só cumpre seu papel para o bem viver da nossa sociedade se as instituições e as políticas públicas permitirem que o conhecimento não se torne ele mesmo produtor de novas desigualdades. Daí a importância de democratização dos espaços de produção e de reprodução do conhecimento e do seu papel central como bem público na garantia dos direitos humanos e do exercício da cidadania (Camilo Santana, durante a CRES+5).

A Figura 9 ilustra o discurso do Ministro durante a abertura da CRES+5:

Figura 9 – Discurso do Ministro da Educação do Brasil durante a abertura da CRES+5

Fonte: Autoria própria (2024).

Considerando que os discursos e políticas de internacionalização são marcados por uma tensão entre a cooperação solidária, conforme preconiza a UNESCO, e a mercantilização da educação superior, conforme orienta a OMC, a criação de ambos os programas aponta para a construção de outros caminhos de internacionalização nas políticas fomentadas pela CAPES, diferente dos programas propostos nos últimos anos, como o Ciência sem Fronteiras (CsF) e o Programa Institucional de Internacionalização (PrInt), cuja mobilidade e parcerias eram predominantemente orientados para países do Norte Global, como mostraram Garcia e Gussi (2021).

Na tarde do dia 13 de março de 2024, participei das discussões do eixo 3, intitulado “Educação Superior, Internacionalização e Integração Regional da América Latina e Caribe”, cuja mesa foi composta por um coordenador, o professor Nicolas Maillard, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil), que conduziu as discussões, e por três palestrantes: Álvaro Rico, secretário executivo da Associação de Universidades Grupo Montevidéu (AUGM, Uruguai); Miguel Ángel Machado Rojas, estudante e presidente da Organização Continental Latino-Americana e Caribenha de Estudantes (OCLAE, Cuba); Victor Moriñigo, membro do Espaço Latino-Americano e Caribenho de Educação Superior (ENLACES, Argentina).

O eixo discutiu propostas de políticas para a internacionalização das universidades latino-americanas e caribenhas, dentre elas:

a) o reconhecimento de estudos e diplomas: as universidades devem ter processos de melhores práticas para o reconhecimento de créditos estudados no estrangeiro;

b) a criação de uma agência de conhecimento, que atue no nível de pesquisa, ensino e extensão para gestão do conhecimento na América Latina e no Caribe;

c) a criação de um programa de mobilidade integrado, inclusivo e ampliado que tenha como principal objetivo a integração social, a inclusão e a promoção da cidadania regional;

d) a ampliação do uso de tecnologia, do acesso à internet em banda larga e do intercâmbio virtual como forma de ampliar as oportunidades de mobilidade; e

e) a criação de um programa interinstitucional de pós-graduação dirigido a todos os trabalhadores da educação, com o objetivo de internacionalizar o dia a dia das universidades.

Além dessas propostas, os membros da mesa fizeram as seguintes ponderações:

a) a importância de se recontextualizar o conceito de internacionalização da América Latina, diferente dos conceitos clássicos de formação de um "cidadão global", uma vez que o conceito de internacionalização sempre foi orientado pelo Norte, sendo necessário encontrar uma definição própria para a América Latina, que englobe a integração regional e a cooperação solidária entre instituições baseadas nas nossas diversidades;

b) a importância da cooperação Sul-Sul que se afasta da internacionalização comercial, privatizada e orientada por *rankings*;

c) a importância de uma internacionalização integrativa, que vai além da mobilidade, mas envolve o currículo, a presença de professores visitantes, ou seja, um conjunto de ações denominadas "internacionalização integral";

d) a necessidade de desenvolver políticas de internacionalização que promovam a paz e a democracia;

e) a possibilidade de as universidades criarem as suas próprias políticas, procurando aprofundar as relações com os países latino-americanos através de redes de cooperação;

f) a importância de se criar mecanismos para evitar a fuga de cérebros, como um problema derivado da internacionalização.

g) a importância de se desenvolver ações de internacionalização desde a graduação e não apenas na pós-graduação.

Após as considerações dos palestrantes, o debate foi aberto aos participantes do eixo. Assim, professores, pesquisadores, estudantes, técnicos administrativos de universidades de países como Brasil, Cuba, Peru, Colômbia, Uruguai, Chile e Panamá puderam dar suas contribuições para a elaboração de políticas para a internacionalização da educação superior.

Dentre as principais propostas dos participantes destacam-se: a necessidade de incluir na discussão a cooperação com outros blocos regionais, desde que a cooperação seja solidária e emancipatória, envolvendo questões de interesse de ambas as partes, distanciando-se de uma internacionalização predatória que resulta em fuga de cérebros; a necessidade de as pessoas colaborarem com a sua instituição de origem no regresso à mobilidade; a inclusão dos trabalhadores do ensino técnico nas políticas de internacionalização; a necessidade de garantir não só o acesso às políticas, mas também a permanência e que as políticas não sejam políticas de governo, mas políticas de Estado; a necessidade de garantir condições estruturais aos estudantes migrantes.

Concluídas as discussões desta reunião do eixo temático, os organizadores passaram a incluir as propostas na elaboração da declaração final do CRES+5. Assim, no encerramento da CRES+5, no dia 15 de março de 2024, cada coordenador de eixo temático leu as conclusões dos trabalhos de cada grupo para todos os participantes do evento.

No que diz respeito à internacionalização do ensino superior, a declaração final da CRES+5 contém o seguinte:

> As políticas de internacionalização das universidades e os programas de mobilidade, em particular, são fundamentais para a integração dos países da região e os vínculos internacionais, para promover o intercâmbio de conhecimentos acadêmicos, científicos e tecnológicos e a construção de laços culturais profundos entre a América Latina e o Caribe. comunidades, adquirindo uma compreensão mais ampla da diversidade cultural que define a América Latina e o Caribe. Uma integração regional emancipatória deve ser promovida através de acordos interinstitucionais, mobilidade e intercâmbio de estudantes, docentes e técnico-administrativos e cientistas, programas de

> internacionalização no país e outras estratégias de internacionalização intrarregional e com outras regiões do mundo. Portanto, solicitamos que os nossos Estados ratifiquem tanto a Convenção Regional como a Convenção Mundial sobre o Reconhecimento de Qualificações de Ensino Superior. (CRES+5, 2024, p. 5).

Observa-se, no texto final da Declaração CRES+5, a citação das principais recomendações propostas no eixo temático, como uma integração regional emancipatória e não predatória, a inclusão de técnicos administrativos em educação nas políticas de internacionalização e a ampliação da cooperação com outros países do mundo, além dos países da América Latina e do Caribe.

Ao analisar as discussões propostas na CRES+5, Garcia e Gussi (2024) apontaram que a integração entre os países latino-americanos e caribenhos passa pelo entendimento sobre as marcas da colonialidade em nossa região, que se manifesta no campo universitário por meio da produção e reprodução de um conhecimento sustentado em relações de poder colonial, que repercute nas políticas de internacionalização.

Os autores também observaram a falta de representatividade de debatedores, coordenadores de eixos temáticos, de conferencistas e pesquisadores oriundos do Norte e do Nordeste do Brasil, revelando assimetrias entre as próprias regiões brasileiras nas discussões sobre internacionalização, bem como a falta de propostas que busquem reduzir as assimetrias de internacionalização dentro dos próprios programas de pós-graduação, pois nos últimos anos os programas, a exemplo do CAPES-PrInt, eram voltados a cursos com notas no mínimo nota 4 nas avaliações da CAPES, deixando às margens os cursos com nota 3, aumentando, assim, as desigualdades entre os programas, o que pode ser dirimido com a implementação do novo programa, o CAPES-Global.Edu.

Em suma, compreendo que a CRES+5 representou um importante espaço de diálogo e reflexão sobre os rumos da educação superior na América Latina e no Caribe, reafirmando a necessidade de políticas de internacionalização que enfrentem as assimetrias históricas e regionais. Constituiu-se, assim, em um marco importante para a reavaliação das diretrizes da UNESCO e do MEC para a educação superior na América Latina e no Caribe, especialmente diante dos novos desafios impostos pela pandemia e

pelas crescentes desigualdades sociais, econômicas e educacionais que assolam nossa região.

As propostas e reflexões apresentadas durante os debates, especialmente no eixo sobre internacionalização, demonstraram um movimento consciente de reconfigurar os modelos hegemônicos de internacionalização orientados primordialmente pelo Norte Global, em prol de uma integração regional emancipatória, que valorize as especificidades culturais, sociais e políticas da América Latina e do Caribe.

A presença ativa de representantes de diferentes setores, ministros de Estado, gestores, docentes, estudantes e técnicos administrativos, fortaleceu o caráter democrático do evento e contribuiu para o delineamento de políticas mais plurais, inclusivas e sensíveis às desigualdades históricas da região. A inclusão de recomendações como a cooperação Sul-Sul, o reconhecimento de diplomas, a criação de programas de mobilidade integrados e a valorização da internacionalização integral no texto final da Declaração da CRES+5 evidencia que há espaço para construir um novo paradigma de internacionalização, mais justo, horizontal e comprometido com o bem viver coletivo.

Contudo, o desafio permanece: transformar essas recomendações em políticas de Estado concretas, que garantam acesso, permanência e participação equitativa de todos os sujeitos da educação superior, especialmente aqueles historicamente marginalizados, no cenário internacional.

Assim, a CRES+5 não apenas revisitou compromissos anteriores, mas reafirmou a urgência de uma internacionalização fundamentada na solidariedade, na integração regional e na superação das desigualdades estruturais que ainda marcam o ensino superior latino-americano e caribenho.

Nesse sentido, minha participação na CRES+5 contribuiu para ampliar os horizontes desta pesquisa e para pensarmos em outros paradigmas de internacionalização, sustentados na solidariedade, que viabilizem a superação das marcas da colonialidade na Educação Superior.

Sobre essa questão, Garcia e Gussi (2024, p. 273) compreendem que:

> pensar um paradigma outro de internacionalização, voltado à integração dos países latino-americanos, passa, antes de tudo, pelo olhar de nossos problemas internos, sendo necessário elaborar políticas que busquem

> reduzir as assimetrias e desigualdades dentro do nosso próprio país, em nossas instituições de ensino e em nossos programas de graduação e pós-graduação.

Diante desse campo emergente, faz-se necessário conhecer como esses novos paradigmas de internacionalização propostos pela UNESCO e pela CAPES serão assimilados e/ou ressignificados por sujeitos institucionais e quais suas repercussões no *locus* institucional da UFC, como veremos nas próximas seções.

4 A GESTÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA DA UFC (2021-2025)

> "Para que estamos educando: para a democracia ou para a preservação das estruturas injustas ou perversas?" (Freire, 2021b, p. 60).

Esta seção abre a primeira parte da pesquisa voltada à internacionalização institucional da UFC, em que, com base na teoria dos processos de institucionalização desenvolvida por Douglas (1998), analiso como a política de internacionalização é instituída na UFC em distintos contextos políticos-institucionais com a finalidade de compreender como foi e é criado "um padrão historicamente transmitido de significados encarnados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio dos quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem conhecimento e atitudes" em relação à internacionalização, o que Geertz (1989, p.66) definiu como cultura.

A ideia é compreender como se forma o pensamento institucional, isto é, como a ideia de internacionalização é compartilhada pela Administração Superior, responsável por institucionalizar a política na Universidade entre a comunidade acadêmica. Trata-se de sucessivas aproximações com esse objeto de estudo, primeiramente por meio da análise de eventos promovidos pela Administração Superior da UFC, depois por meio da análise de documentos históricos e oficiais produzidos pela instituição, uma vez que a compreensão da história é parte constituinte da análise de

situações sociais. E, por fim, por meio de entrevistas com gestores envolvidos nesse processo.

Para uma melhor organização, esta seção está dividida em quatro subseções. Na primeira intitulada “Vestida’ de servidora ou de pesquisadora? Meu(s) lugar(es) na pesquisa”, problematizo o fazer etnográfico, sendo eu de dentro da instituição; na segunda, “Gestão da Internacionalização da UFC (2021-2023)”, descrevo e analiso eventos que observei entre 2021 e 2023; na terceira, “Gestão da Internacionalização da UFC (2023-2025)”, trato de eventos observados entre 2023 e 2025. Por fim, na quarta subseção intitulada “Diplomacias do saber: análise das situações sociais”, realizo uma análise de ambos os períodos à luz do método de análise situacional de Gluckman (1987).

Foi essa imersão no campo, permeada por desafios e sucessivos exercícios de reflexividade sobre o(s) meu(s) lugar(es) na pesquisa, que me possibilitou apreender de que forma a gestão da Universidade consegue modelar e conformar uma ideia de internacionalização por meio de seus discursos e práticas.

4.1 Notas etnográficas: “Vestida” de servidora ou de pesquisadora? Meu(s) lugare(s) na pesquisa.

Comecei a pensar mais detidamente sobre o(s) meu(s) lugar(es) na pesquisa no dia em que eu precisei pedir autorização ao meu chefe para assistir à cerimônia de assinatura do Acordo de Cooperação celebrado entre a UFC e a embaixada dos Estados Unidos para instalação de um escritório do *Education USA* na Universidade.

O evento iria acontecer no dia 06 de maio de 2022 na sala do Conselho Universitário e estariam presentes dirigentes da Universidade como reitor, vice-reitor, pró-reitores, diretores de unidades acadêmicas, bem como representantes do governo estadunidense, contando, por conseguinte, com um forte esquema de segurança.

Inicialmente, tive meu acesso negado ao evento. Inconformada e ciente da importância de “estar lá”, nos termos de Geertz (2005), onde as coisas acontecem, estrategicamente, recorri às atribuições do cargo de secretária e me ofereci para elaborar a ata do evento, o que justificaria minha presença na solenidade.

Autorizada a participar da cerimônia com a finalidade de elaborar a ata, fui orientada a vestir uma roupa apropriada para a ocasião. Diante dessas barreiras de acesso ao campo, comecei a refletir sobre os meus lugares na pesquisa: deveria eu ir "vestida" de secretária ou de pesquisadora? Como construir uma objetividade em uma experiência de pesquisa marcada por subjetividades advindas da minha inserção profissional no campo? Como fazer pesquisa etnográfica em um contexto político-institucional tenso, em um campo complexo, dotado de poder simbólico como a universidade, sendo eu servidora técnico-administrativa, em uma relação assimétrica de poder?[44]

Considerando que uma das questões centrais na etnografia institucional é a reflexão sobre contextos e as relações de poder (Teixeira; Lobo, 2018), nesta seção busco refletir sobre o(s) meu(s) lugar(es) e os dilemas metodológicos que envolvem fazer etnografias "em casa", tanto em um contexto de tensão institucional como no quadriênio 2019-2023, quanto em um contexto de normalidade democrática, como no quadriênio 2023-2027.

Segundo Teixeira (2014), todos, ou quase todos, que fazem pesquisa em instituições prestigiosas deparam-se com dificuldades objetivas de acesso, como portas fechadas, espaços e normas restritas, com quem se está autorizado a conversar e por quanto tempo. Porém, eu sendo "de dentro" não imaginava encontrar dificuldades para acessar o campo e para obter determinadas informações, que deveriam ser públicas, a exemplo da agenda de reuniões com representantes de governos estrangeiros[45] (Brasil, 2021).

Em alguns momentos da pesquisa, eu senti, como dizem os antropólogos, como se "o campo não se abrisse" (Oliveira, 2013, p.76), como se eu não fosse conseguir adentrar no campo pelas dificuldades em acessar os dados. Em outros momentos, precisei aprender a lidar com as portas abertas e aproveitá-las.

Como secretária executiva assessorando gestores na Universidade desde 2011, sinto-me familiarizada com a gestão. Contudo, como observou Velho (1978), o meu conhecimento estava comprometido pela minha rotina, hábitos, hierarquias e

[44] Na cultura universitária da UFC, o servidor técnico-administrativo tem baixa representatividade diante dos docentes.

[45] De acordo com o Decreto nº 10.889, de 09 de dezembro de 2021, é obrigatória a publicização das agendas de agentes públicos, as quais devem ser divulgadas no portal e-agendas (Brasil, 2021).

distribuições de poder que são inerentes a minha função na Universidade. Assim, ao me deparar em alguns períodos com as portas fechadas e em outros com as portas abertas, precisei exercitar o estranhamento do familiar a fim de compreender a complexidade e a lógica das relações não somente entre a UFC e os países, mas principalmente entre a UFC e a servidora-pesquisadora.

Face ao desafio de refletir sobre a especificidade dessa relação de poder e do meu posicionamento nela, comecei a perceber que estava pisando em "campo minado", como bem expressaram Lavergne e Beserra (2012, p.18), uma vez que estudar os de cima (sendo eu de baixo) implica em assumir riscos, principalmente o de sofrer retaliações.

Apesar do medo, fui encorajada pelo pensamento de Freire (2021b, p. 43), quando diz que

> Se nós queremos analisar o significado da educação, o que acontece com a educação, o que está acontecendo em nossas sociedades, nós não podemos ignorar o caráter político de nossa existência, o caráter político da educação, o caráter político da vida social. E apesar de tudo, muitas vezes nós evitamos discutir o caráter político da educação porque é arriscado, pode até mesmo colocar nosso emprego em perigo, repito. O medo, neste caso, nos impõe o silêncio sobre estes e também sobre muitos outros temas.

Por eu ser "de dentro" e sobretudo em uma posição hierárquica inferior, precisei de algum modo, um certo cuidado com o que escrever, como escrever, que dados publicar, o que me gerou o receio de mascarar minhas interpretações ou apresentar uma descrição superficial, colocando em xeque o meu compromisso com o dito e comprometendo a apresentação dos dados e produção de novos conhecimentos que uma pesquisa antropológica se propõe a gerar.

Além do caráter político da educação, compreendo que há uma relevância democrática em estudar os de cima e desvelar seus sistemas de valores e os mecanismos usados para pensar e colocar em prática políticas que afetam nossas instituições e nossas vidas.

Sobre essa questão, Laura Nader questiona:

> e se, ao reinventar a antropologia, os antropólogos estudassem os colonizadores em vez dos colonizados, a cultura do poder em vez da cultura do onipotente, a cultura da influência e não aquela cultura da pobreza? (Nader, 2020, p. 334).

A autora defende que estudar os de cima tem implicações mais amplas para a espécie humana e para as teorias da mudança do que estudar os de baixo. Para Nader (2020), é necessário entender o funcionamento da sociedade e das instituições a partir dos de cima. Nesse sentido, argumentamos que a pesquisa em contextos de elite se faz necessária.

Além das barreiras de acessibilidade e dos riscos envolvidos em fazer pesquisa em universos conhecidos como de elite (Castilho; Souza Lima; Teixeira, 2014), ainda mais se tratando de uma elite intelectual*,* outro desafio encontrado consiste em um elemento fundamental para a teoria antropológica nessa minha relação com o outro: o exercício da alteridade. Como compreender o ponto de vista nativo sobre internacionalização quando esse ponto de vista confronta com a minha perspectiva de internacionalização e de educação superior? Que partido devo tomar? Como devo me posicionar?

Sobre o posicionamento do pesquisador, Becker (1977) entende que não é possível fazer uma pesquisa que não seja contaminada por simpatias pessoais e políticas. Para o autor, a questão não é se devemos tomar ou não partido, pois inevitavelmente o faremos, mas sim de que lado estamos. Trata-se de ponderar:

> Irá a pesquisa, perguntamo-nos, ser afetada por essa simpatia? Será ela útil na construção da teoria científica ou na aplicação do conhecimento científico aos problemas práticos da sociedade? Ou o *bias* introduzido pela tomada de posição a tornará inútil para estes fins? (Becker, 1977, p. 123)

Se consideramos que uma das ambições desta pesquisa etnografia é construir novos conhecimentos sobre a internacionalização nas universidades, que contribuam para se pensar e até "gestar", no sentido de Souza Lima (2002)[46], políticas contra hegemônicas[47] na área, que afirmem uma educação superior pública, gratuita,

[46] Souza Lima (2002, p. 16), em uma coletânea sobre a antropologia na Administração Pública, diferencia "gestar" e "gerir", entendendo que "gestar" uma política é como "formar e sustentar (um filho) no próprio ventre", enquanto "gerir" significa "exercer gerência sobre; administrar, dirigir, gerenciar". São dois termos de mesma etimologia latina, mas que permitem "recortar e descrever nuances nos exercícios de poder".

[47] Digo "contra hegemônicas" não no sentido de oposição ao modelo hegemônico que vem sendo desenvolvido dentro da Universidade, mas no sentido de apontar outros caminhos possíveis, de expor outras práticas diferentes da perspectiva hegemônica.

democrática e inclusiva, essa tomada de posição torna-se útil e fundamental para a construção desta pesquisa.

Para contornar os desafios impostos aos meus lugares na pesquisa, busquei adotar o que Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2015) denominaram de "vigilância epistemológica", que corresponde à necessidade de os dados, as análises, as escolhas e a teoria serem "vigiados" em relação à sua coerência com a proposta do estudo. Para além da vigilância epistemológica, recorri também ao que Teixeira (2014) chama de "política epistemológica", que se refere às subjetividades em que o pesquisador está imerso, às tensões e efeitos de poder.

Por essa razão, encontro na (de)colonialidade e na construção da etnografia institucional, que supõe o exercício constante da reflexividade, as bases epistemológicas, teóricas e metodológicas, capazes de dar conta dos desafios encontrados nesta pesquisa etnográfica, que, nos termos de Peirano (2008, p. 3), consiste em "uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar", viabilizando o estranhamento do familiar a que me propus.

Retomando as ideias de Velho (1978, p. 132) para refletir sobre os meus lugares na pesquisa, saliento que o processo de estranhar o familiar se torna possível quando

> somos capazes de confrontar intelectualmente e, mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações. O estudo de conflitos, disputas, acusações, momentos de descontinuidade em geral é particularmente útil, pois ao se focalizarem situações de dramas sociais, podem-se registrar os contornos de diferentes grupos, ideologias, interesses, subculturas etc., permitindo remapeamentos da sociedade.

É dentro dessa perspectiva que apresento, nas próximas seções, os discursos, as práticas institucionais e as relações de poder mobilizadas no processo de internacionalização da Universidade, confrontando-as com as diversas interpretações existentes, possibilitando a análise das distintas trajetórias institucionais de internacionalização na UFC.

As descobertas iniciais acerca de um pensamento institucional da internacionalização da UFC, circunstanciadas intrinsecamente ao exercício constante da reflexividade quanto aos meus lugares no campo, serão compartilhadas a seguir.

4.2 Gestão da Internacionalização na UFC (2021-2023)

Iniciei o doutorado em Educação em 2021, em meio à pandemia da COVID-19[48], cujo primeiro caso foi identificado no Brasil em março de 2020. Era um momento de grave crise sanitária em que a colaboração internacional ganhou destaque no debate científico mundial com os esforços conjuntos para desenvolver uma vacina contra o vírus SARS-CoV-2.

Aliada à crise sanitária, o Brasil também atravessava uma crise, não somente político-econômica, ocasionada, de acordo com Saad-Filho (2020), pelo "neoliberalismo autoritário" do governo Bolsonaro (2019-2021), que resultou em cortes no orçamento da Educação, da Ciência e da Tecnologia, além de uma grave crise democrática, um desdobramento do golpe de 2016[49], que se aprofundou com a política bolsonarista e tem repercussões na sociedade brasileira até os dias de hoje.

Após o golpe de 2016, de forma gradual, o que se viu foi a regressão contínua de direitos e desmonte de inúmeros programas sociais em todas as áreas, a exemplo do fim do Programa Mais Médicos, do Programa Bolsa Família, do Programa Minha Casa, Minha Vida, dentre outras políticas nas áreas da saúde, ambiental e cultural, fragilizando ainda mais a democracia brasileira.

Esse projeto de desfazimento do Estado, como denominou Aguiar (2022), afetou significativamente os Ministérios da Educação e das Relações Exteriores, comprometendo a sustentabilidade das políticas institucionais de internacionalização, além de outras políticas, que ainda têm sido pouco priorizadas como políticas de Estado. No âmbito das relações exteriores, o governo Bolsonaro adotou um distanciamento diplomático de países como China, Venezuela e Cuba e uma política de subserviência e alinhamento aos EUA (Scherer, 2022).

---

[48] Nesse período, o mundo vivenciava uma grave crise sanitária, que vitimou mais de 6 milhões de vidas, sendo mais de 700 mil só no Brasil, segundo dados do Painel Coronavírus (Brasil, 2022), a segunda maior taxa de mortalidade no mundo, devido à necropolítica (Mbembe, 2016) adotada pelo Governo Bolsonaro.

[49] O golpe de 2016 consistiu na destituição da presidente Dilma Rousseff por meio de um processo de *impeachment*, resultado de insatisfações populares e o receio político de serem atingidos por denúncias judiciais. O golpe de 2016 consistiu em um marco para o início da deformação do Estado brasileiro e de fragilidade da democracia, dando origem ao que foi denominado por Saad-Filho (2020) por neoliberalismo autoritário.

.

Nesse processo de desconstrução do Estado, as universidades públicas estavam no centro da "guerra cultural" do Governo Bolsonaro. Isto porque, segundo Leher (2021. p. 2),

> As universidades, nos discursos governamentais, estão associadas à defesa da igualdade (democracia econômica, direitos sociais), que sacrificaria a liberdade dos indivíduos no mercado e, sobretudo, o direito do patrão de explorar livremente os "seus" trabalhadores; à explicitação da existência de classes sociais e de segmentos oprimidos e explorados (frente ao povo uno e indivisível); às causas antirracistas (negando as diferentes naturezas humanas e comprometendo a supremacia branca cristã); e às lutas contra as opressões (difundindo, assim, a denominada "ideologia de gênero").

Durante os quatro anos do Governo Bolsonaro, o Ministério da Educação (MEC), além dos cortes orçamentários, protagonizou uma ofensiva ideológica contra a educação superior, protagonizada pelo então ministro Abraham Weintraub, que acusava as universidades de fazerem "balbúrdia" e "arruaças", atribuindo a docentes e discentes, sobretudo da área de ciências sociais e humanidades, a prática ou conivência com a prática, de atos criminosos, como plantio, consumo e comércio de drogas no âmbito das universidades (Agostini, 2019)

Nesse período, a educação superior brasileira vivenciou o maior número de abstenções no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e uma crise institucional no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o que resultou em pedido de demissão de um elevado número de servidores, alegando falta de gestão, assédio moral e ingerência de Ministro, além de graves denúncias de corrupção, envolvendo pastores que pediam propina em troca de liberação de recursos para prefeitos ligados a eles (Santos, 2021).

Na análise de Duprat (2022), o Ministério da Educação foi liderado por chefias claramente contrárias a seus objetivos e comprometidas com o projeto de desmonte das universidades públicas brasileiras. Como um efeito, houve o enfraquecimento das universidades, que foram severamente afetadas, tanto em relação aos cortes orçamentários quanto politicamente, sendo atacadas sobretudo em sua autonomia universitária, assegurada pelo art. 207, da Constituição de 1988.

Em seus quatro anos de governo, o presidente Bolsonaro nomeou 40% de reitores, os quais não foram os mais votados nas eleições realizadas junto à comunidade acadêmica, rompendo com a tradição que vigorava desde o final dos anos 1990 e ferindo

a autonomia universitária, o que resultou em conflitos e cisões nas universidades brasileiras (Saldaña, 2021).

A UFC foi uma dessas instituições. Em 2019, após consulta à comunidade acadêmica, que escolheu com 56,4% um dos candidatos para reitor da UFC, o presidente Bolsonaro designou para o cargo o candidato que havia recebido 4,61% dos votos[50]. Em decorrência dessa designação, entre 2019 e 2023, a UFC enfrentou um ambiente de muita tensão institucional, marcada por muitos embates entre a Reitoria e a comunidade acadêmica em geral (Diário do Nordeste, 2019).

Nesse período, observou-se na UFC um alinhamento da Administração Superior aos valores e ideias do governo Bolsonaro, e mais especificamente aos princípios do Programa Universidades e Institutos Empreendedores e Inovadores (Future-se), discutido na seção 3.5.5, o qual foi proposto pelo então Ministro da Educação (2019-2020), Abraham Weintraub.

A proposta do Programa Future-se abrangia três eixos, sendo: 1) Gestão, Governança e Empreendedorismo, 2) Pesquisa e Inovação e 3) Internacionalização, e tinha como objetivo, de acordo com o MEC, dar maior autonomia financeira a universidades e institutos por meio do fomento à captação de recursos próprios e ao empreendedorismo (MEC, 2019).

A participação das IES se daria por meio da celebração de um "contrato de resultado" entre a universidade ou o instituto federal, por intermédio do Ministério da Educação, com organizações sociais responsáveis por gerir os recursos repassados pela União, cujo recebimento estaria condicionado ao atingimento de metas estabelecidas por indicadores de desempenho desenvolvidos pelos Ministérios da Educação e da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, de forma "a contemplar incrementos de eficiência e economicidade" (Brasil, 2020).

A proposta do Future-se surgiu em um contexto em que as IES enfrentavam significativos cortes orçamentários por parte do governo, o que no entendimento de

[50]O candidato escolhido era empresário, professor e então diretor da Faculdade de Direito. A designação de um candidato menos votado só aconteceu na história da UFC em 1991, com a escolha do Prof. Antônio Albuquerque de Sousa Filho para reitor, durante a redemocratização, quando o País ainda vivia sob a ambiência de uma cultura e um regime ditatorial que perdurou por 21 anos.

Sguissardi (2020, p. 192), representa, de modo gradativo e crescente, a submissão de instituições federais de educação superior, cada vez mais, às normas e regras do mercado, em que se sobressai a competição e a concorrência, significando “um passo a mais rumo a sua privado-mercantilização”.

Mesmo tendo sido rejeitado por boa parte da comunidade acadêmica e não tendo sido implementado, a proposta do Future-se representou a perda de prioridade da educação superior por parte do Estado, resultando na emergência de um mercado universitário como alternativa, tornando a internacionalização um caminho, como ocorreu no caso da UFC.

Seguindo a perspectiva do Future-se, entre 2019 e 2023, a gestão da Reitoria da UFC foi orientada pelos eixos empreendedorismo, inovação e internacionalização, considerados pelo então reitor, Prof. Cláudio, fundamentais para o crescimento da Universidade (UFC, 2019). Durante entrevista, realizada em 12 de março de 2025, ele reitera seu entendimento ao dizer que

> No tripe da educação: ensino, pesquisa, extensão, eu adicionaria empreendedorismo e inovação. Então pra mim a universidade tem quatro vertentes fundamentais: ensino, pesquisa, extensão, empreendedorismo e inovação. Você tem que ensinar o aluno a ser empreendedor. Ele tem que saber que inovar é fundamental. Então, ele tem que usar o ensino e a pesquisa que ele faz para empreender, para inovar, porque aí você estabelece uma relação muito próxima entre a sociedade (Prof. Cláudio, 2025).

Assim, nesse período, foi possível observar um aprofundamento das relações entre a UFC e o setor produtivo, pois, na concepção do Prof. Cláudio, era necessário “fortalecer os vínculos entre os setores produtivos e a academia” (FIEC, 2020, p. 48). O entendimento do reitor era de que é preciso tratar a gestão da Universidade como se trata a gestão de uma empresa. “Passei a cobrar resultados como cobrava no meu escritório de advocacia, a tratar a gestão da Universidade como se faz em uma empresa privada”, disse ele em entrevista ao Sistema FIEC em setembro de 2020 (FIEC, 2020, p. 49).

Assim, em 2020 foi inaugurado na UFC o Condomínio de Empreendedorismo e Inovação com a finalidade, segundo o reitor, “de disseminar a cultura do empreendedorismo e da inovação dentro da UFC” (FIEC, 2020, p. 49), cujo evento de lançamento só ocorreu em dezembro de 2021. Para ele, foi um marco simbólico para a UFC ao reunir a Universidade e representantes do governo e do setor produtivo:

> Então, lembre-se que, no meio da pandemia, nós reformamos um prédio dentro do Pici e criamos o Centro de Empreendedorismo e Inovação. A simbologia daquela inauguração foi fundamental, porque a FIEC estava lá, a Fecomércio estava lá, o Governo do Estado estava lá, tanto que logo depois nós firmamos aquele convênio, Governo do Estado, FIEC e UFC para o desenvolvimento do Ceará, inclusive do Hidrogênio Verde (Prof. Cláudio, 2025).

Ainda em 2020, durante a gestão do Prof. Cláudio (2019-2023), a Pró-Reitoria de Relações Internacionais, criada em 2017, passou a se chamar Pró-Reitoria de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional, assumindo novas competências com a finalidade, conforme o Provimento nº 01/CONSUNI, de 07 de fevereiro de 2020,

> a) de institucionalizar as atividades de empreendedorismo; b) de prospectar e implementar a inovação; c) de buscar parcerias para a inovação social e tecnológica, em estreita parceria com a agência de inovação; d) de direcionar ações para o desenvolvimento da Instituição baseado nos eixos da Internacionalização, do Empreendedorismo e da Inovação (UFC, 2020, local. 1).

Ao fundir internacionalização com empreendedorismo e inovação, observou-se uma modificação nas práticas da PROINTER, voltadas, cada vez mais, à disseminação da cultura do empreendedorismo na Universidade, sob o pressuposto da internacionalização. Nesse contexto, as relações internacionais eram desenvolvidas por uma Coordenadoria de Convênios Internacionais e uma Coordenadoria de Mobilidade Acadêmica.

Nesse período, realizar observação de eventos, mesmo eu sendo "de dentro", não foi uma tarefa fácil. Pressupõe-se que fazer etnografia em casa envolve facilidades como o acesso ao local da pesquisa ou às relações com colegas de trabalho, mas em contextos pouco transparentes e sobretudo de elites, a etnografia encontra barreiras e dificuldades, uma vez que as informações não estão postas, dificultando o discernimento em torno das piscadelas[51] (Geertz, 1989). Informações como pautas de reuniões e

[51] Geertz (1989) usa o termo "piscadela" ao citar uma história de dois garotos piscando rapidamente o olho direito. Num deles, o piscar é um tique involuntário; no outro, é uma piscadela conspiratória a um amigo. Como movimentos, os dois são idênticos, sendo difícil discernir um tique nervoso de uma piscadela. Contudo, por meio da etnografia, ao conhecer as complexidades e os códigos de uma cultura é possível, em vez de realizar uma "descrição superficial" do que o garoto está fazendo, isto é, contraindo rapidamente

agendas não eram publicizadas pela gestão, conforme determinado pela Controladoria-Geral da União por meio do sistema e-Agendas, instituído pelo Decreto nº 10.889, de 9 de dezembro de 2021. Então, tive dificuldade em obter informações prévias que viabilizassem minhas participações em eventos da Reitoria e da PROINTER.

A fim de superar essas barreiras do campo, buscava acompanhar o material institucional divulgado na página institucional da UFC relativos às ações da Administração Superior, como viagens internacionais e recepção de representantes governamentais internacionais. Além disso, realizei observação participante em eventos públicos, promovidos pela PROINTER, sendo duas palestras sobre oportunidades de estudos nos Estados Unidos e no Canadá, realizadas nos Encontros Universitários 2021, e o lançamento do Condomínio de Empreendedorismo e Inovação, os quais ocorreram em formato virtual devido à pandemia do coronavírus, bem como o *Study in Europe Road Show* e a celebração de um Acordo de Cooperação com a Embaixada dos Estados Unidos para implantação do *Education USA* na UFC, realizados em formato presencial, os quais foram categorizados e descritos a seguir.

4.2.1 Vendendo sonhos

Uma das razões que me instigou a pesquisar sobre o Programa CsF durante o mestrado foi a oportunidade que os alunos de graduação estavam tendo de realizar uma mobilidade acadêmica financiada pelo Estado, algo que na minha época de estudante de graduação era um sonho inalcançável para minha realidade socioeconômica. Vivenciar outra cultura, conhecer outras realidades, aprender um novo idioma, abrir-se para o mundo, superar o próprio etnocentrismo são experiências proporcionadas por um intercâmbio, que vão além de uma formação técnica, mas implicam em uma transformação profunda de mentalidade, uma maior compreensão de si e do mundo, como mostraram Garcia, Cordeiro e Gussi (2023).

---

sua pálpebra direita, realizar uma “descrição densa” do que ele realmente está fazendo ou seja, praticando a farsa de um amigo, imitando uma piscadela para levar um inocente a pensar que existe uma conspiração em andamento". Assim, a “piscadela” refere-se à interpretação dos significados de uma cultura.

Ao assistir às palestras sobre como estudar nos Estados Unidos e no Canadá e ao *Study in Europe Road Show,* pude observar inúmeros estudantes curiosos em busca de oportunidades de estudos no exterior. Foi como reviver meu próprio sonho.

Nesses eventos, os palestrantes, representantes de organismos internacionais dos países, apresentavam informações como as vantagens de se estudar no exterior, como ter acesso a novas culturas, possibilidade de novas amizades e contatos, aquisição de fluência em outros idiomas, saída da zona de conforto, crescimento pessoal, independência e liberdade e, principalmente, como uma experiência internacional abre portas no mercado de trabalho.

Nessas palestras surgiram inúmeras questões que envolvem a internacionalização da educação superior como financiamento de bolsas pelo Estado brasileiro, disparidade na distribuição de bolsas para as áreas de Ciências Exatas e Humanas, "fuga de cérebros", dentre outras questões.

A palestra sobre "Oportunidades de estudos nos Estados Unidos", realizada no formato virtual no dia 01 de dezembro de 2021 nos Encontros Universitários, iniciou com um vídeo sobre a UFC, apresentado por uma jovem branca, loira, que falou sobre os *campi* da Universidade, seus cursos, números de alunos, projetos de extensão etc. Toda a fala era legendada em inglês, compreendida como a língua franca para a atividade científica, que se estabelece como um meio para alcançar a universalidade (Ortiz, 2008).

Sobre a hegemonia da língua inglesa, Mignolo (2003) entende que há uma hierarquia linguística entre as línguas europeias e não-europeias, que é parte da estrutura de poder do sistema-mundo moderno-colonial e que, além de privilegiar a comunicação e a produção de conhecimento e de teorias da primeira, subalterniza as últimas exclusivamente como produtoras de folclore e de cultura.

O texto narrado pela jovem loira fez questão de reforçar que o "ponto importante que tem dado o tom das ações da Universidade é a inovação", destacando o Condomínio de Empreendedorismo da UFC, o Parque Tecnológico e os laboratórios de pesquisa especializada. O texto também reforçava as parcerias internacionais e as aulas remotas como exemplos de inovações da UFC. Ao mencionar os 169 convênios internacionais assinados com 26 países em 2021, o vídeo consistia em um convite a outros estudantes para estudarem na UFC.

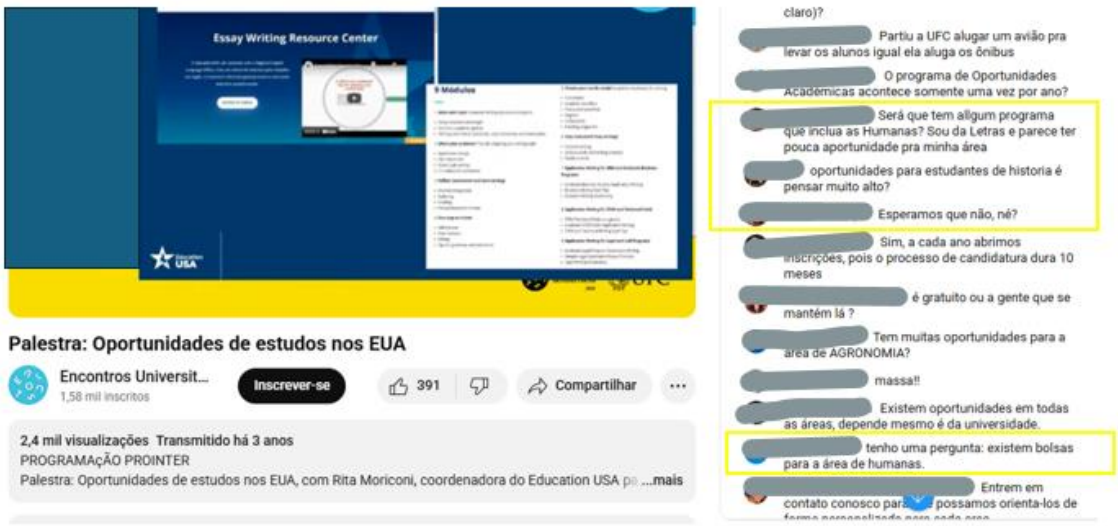
Após o vídeo de apresentação, o evento iniciou com a presença do Coordenador de Convênios Internacionais, da Coordenadora de Mobilidade Acadêmica e da Palestrante, que era Coordenadora Regional do *Education USA*, um órgão oficial do governo americano, que presta informações às instituições de ensino superior sobre estudos nos Estados Unidos (EUA), a quem chamarei de "palestrante dos Estados Unidos".

A palestrante dos Estados Unidos iniciou a apresentação com informações sobre o *Education USA,* que, segundo ela, tem como missão promover o ensino superior dos Estados Unidos oferecendo informações sobre graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado, cursos de extensão, cursos de pequena duração, parcerias entre universidades brasileiras e universidades americanas. Ela informou que a *Education USA* possui 170 escritórios no mundo todo, sendo 20 no Brasil e, em seguida, apresentou os programas de intercâmbio.

Ao final da apresentação, os alunos puderam fazer perguntas e dentre as questões, a que chamou atenção foi sobre o financiamento de estudos a alunos da graduação. A palestrante dos Estados Unidos comentou que antes havia no Brasil o Programa CsF, que concedia bolsas de estudos a alunos de graduação e pós-graduação com financiamento do governo brasileiro. Entretanto, com o fim do Programa, a única possibilidade para alunos da graduação é ir estudar nos EUA sem bolsas, "a não ser que a UFC tenha parceria com universidades americanas", ressaltou ela.

A palestrante também destacou a quantidade de bolsas disponíveis para alunos da área de Ciências Exatas, que têm a possibilidade de ir da graduação direto para o doutorado, uma vez que "as universidades americanas precisam de gente em seus laboratórios", o que não ocorre nos cursos de Ciências Humanas. Os alunos de Ciências Humanas fizeram algumas perguntas, como: "Será que tem algum programa que inclua as Humanas?", "Sou da Letras e parece ter pouca oportunidade pra minha área", "oportunidades para estudantes de história é pensar muito alto?", "tenho uma pergunta: existem bolsas para a área de humanas", como se observa na Figura 10:

Figura 10 – Palestra: Oportunidade de estudos nos Estados Unidos



Fonte: Encontros Universitários UFC (2021).

A exclusão das Ciências Humanas das políticas de internacionalização foi uma crítica pertinente ao Programa CsF, que restringiu a concessão de bolsas a cursos na área de Engenharias e Tecnológicas, conforme Portaria Interministerial nº 01, de 09 de janeiro de 2013 (Brasil, 2013). Sobre essa questão, Chauí (2001, p. 20) faz uma crítica dizendo que

> A ciência e a tecnologia tornaram-se forças produtivas, deixando de ser mero suporte do capital para se converter em agentes de sua acumulação. Consequentemente, mudou o modo de inserção dos cientistas e técnicos na sociedade porque se tornaram econômicos diretos, e a força e o poder capitalistas encontram-se no monopólio dos conhecimentos e da informação.

Trata-se de uma ideia tecnicista de educação, que tem como finalidade formar mão de obra para o mercado de trabalho.

As mesmas questões foram observadas na palestra sobre oportunidades de estudos no Canadá, realizada no dia 02 de dezembro de 2021, em formato virtual, no âmbito dos Encontros Universitários.

A palestrante do Canadá começou contando que o governo do Canadá tem escritórios em seis estados do Brasil, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife, e tem como finalidade promover a Educação no Canadá por meio do relacionamento com as unidades de Relações Internacionais das

universidades brasileiras. Ela ressaltou que fez muitas parcerias no período do Programa CsF, mas que no momento tem enfrentado novos desafios.

Em seguida, a palestrante do Canadá apresentou as vantagens de se estudar no exterior. Segundo ela, no Brasil costuma-se valorizar muito o que vem de fora e uma experiência internacional abre portas no mercado de trabalho. Ela também comentou que a situação atual no Brasil não está muito boa, citou que tem havido uma fuga de cérebros no Brasil, que os cientistas estão deixando o país, "o que é uma coisa muito triste". Em seguida, apresentou o "melhor país" para se ter uma experiência internacional: o Canadá.

A palestrante apresentou motivos para se estudar no Canadá, além de dados sobre o país, como extensão territorial, número populacional e idiomas falados, arte, cultura, estilo de vida, diversidade para o povo canadense, qualidade de vida do país. A exposição da palestrante mobilizou os sonhos dos estudantes em ter uma experiência internacional em um país aparentemente "perfeito". Nesse momento, eles demonstraram entusiasmo por meio de seus comentários: "já me vejo lá", "meu sonho eterno", "Canadá é um sonho de consumo", "país sensacional", "que máximo", "Já quero ir", como mostra a Figura 11:

Figura 11 – Palestra: Oportunidade de estudos no Canadá

Fonte: Encontros Universitários UFC (2021).

O discurso da palestrante foi permeado por comparações entre o Brasil e o Canadá, com enfoque no enaltecimento da cultura canadense em detrimento da brasileira.

> algo muito importante a ser considerado… uma das coisas que o Canadá oferece quando você está lá é a possibilidade de você imigrar, pois, uma das coisas que tá falando aí, é que aqui no Brasil é uma das sociedades mais corruptas do mundo. É muito triste você viver num país que tem recursos maravilhosos, mas que a corrupção tá entranhada em tanta coisa, que às vezes me pego superchateada, pois furar a fila de um caixa…são poucas coisas que vão minando a gente, de uma forma geral. E o Canadá é um país tranquilo. É muito bom viver lá. (Palestrante do Canadá, 2021)

> O PD&I lá é uma coisa que é levado bem a sério, é bem acima da média de vários países, inclusive do Brasil. É muito difícil ser cientista no Brasil, pesquisar no Brasil... Já no Canadá há um incentivo muito grande. Só pra ilustrar pra vocês é essa questão do Nobel. O Canadá está no top ten com 23 laureados (...), e só pra comparar, sem querer desmoralizar, o Brasil tem zero Nobel. (Palestrante do Canadá, 2021)

Esse fato foi percebido por um aluno que comentou: “Sem desmoralizar mas já desmoralizando”, provocando risos de outros alunos.

Esse enaltecimento da cultura do outro em detrimento da sua própria, uma espécie de “etnocentrismo às avessas”, nos termos de Peirano (1983), está relacionado ao sentimento de inferioridade existente na cultura brasileira em relação aos povos de países desenvolvidos, um processo de inferiorização de povos, culturas e saberes, que alarga a questão da diferença entre “conquistadores” e “conquistados”, o que na compreensão de Quijano (2005) é elemento constitutivo das relações de dominação, que nós tendemos a reproduzir nesse contexto sistema-mundo moderno-colonial.

Sobre essa questão, Lander (2005) entende que há um legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias e que nos faz olhar para o outro como superior a nós mesmos.

Assim como na palestra sobre os Estados Unidos, na palestra sobre o Canadá, foi recorrente o uso com naturalidade da língua inglesa, como “os estudantes pagam uma *fee*”, “estudei em Londres *many many years ago*”, “alguns brasileiros têm optado por estudar nos *colleges* por causa da imigração”, como se todos compreendessem o idioma. Sobre essa última fala uma aluna questionou: “Qual seria a diferença entre o *college* e a universidade que a senhora fala?”.

Em sua fala, a palestrante do Canadá ressaltou a capacidade de empreendedorismo e inovação no Canadá, temática que era eixo de gestão na UFC no período de 2019 a 2023. Na percepção dela, as universidades brasileiras não falam muito

em empreendedorismo. No entendimento da palestrante, as inovações globais são a chave para encontrar as soluções para os problemas globais. “Nós não vamos a nenhum lugar sem cooperação”, disse ela.

Para a palestrante, uma das coisas mais interessantes sobre a Educação no Canadá é que as pessoas que entram nas universidades do Canadá, entram com o interesse em empreender.

> As pessoas que concluem o doutorado no Canadá não concluem para prestar um concurso. Concluem para empreender. É altíssimo o índice de pessoas que saem do doutorado, e empreendem e abrem suas próprias empresas. E eu acho que isso é o mais interessante em termos de mindset porque muitas vezes a gente faz o doutorado, rala pra caramba… e agora, o que eu vou fazer? (Palestrante do Canadá, 2021)

Ao longo da palestra, alguns comentários de alunos chamaram atenção, como “gente, mas não tem bolsa?”, “Eu não tenho orçamento para estudar fora”, “Meu sonho, só falta verba”, “UFC pegar umas bolsinhas pra gente”, “gente, vcs sabem se a UFC oferece alguma bolsa de mestrado/doutorado internacional? não né?”, “Pois quero ir pro college, preferência se for de graça”, “Boa noite, em relação a bolsas integrais e oportunidades como são?”, “tenho dinheiro não moça”, “Sonho de Natal hahaha”.

Como a palestra foi muito centrada na área de tecnologia, alguns alunos também perguntaram sobre a possibilidade de intercâmbio nas áreas de humanidades: “Tem bolsas para o povo de humanas?” “E pra área de humanas?”

No final, a palestrante mostrou como estudar no Canadá, dizendo:

> Primeira coisa... Eu já sei que vocês têm um excelente ‘internacional office’ na UFC, que já pode dar mais informações sobre as parcerias que foram estabelecidas. Não tem só o Canadá, tem vários outros países. Na verdade, eu falo isso não como brasileira e não como funcionária. O que a gente quer no final do dia é que vocês tenham sucesso, que alcancem o sonho de vocês, o potencial máximo, né, independente se vai ser no Canadá ou não. Porém, caso venha a ser no Canadá, primeira coisa que eu gostaria de convidá-los a fazer é visitarem o nosso portal educanada.ca e encontrar o lugar perfeito... é um portal que você pode encontrar universidades, cursos. Infelizmente, como eu falei, paga, mas um valor bem mais barato do que na Inglaterra (Palestrante do Canadá, 2021).

Apesar disso, ela informou que há algumas bolsas de estudos no Canadá, mas que após a pandemia da COVID-19 tem havido restrições na concessão de bolsas. Na

oportunidade, ela informou que a concessão de bolsas está vinculada à celebração de convênios entre as instituições, fazendo um alerta ao coordenador de Convênios.

O coordenador de Convênios Internacionais, por sua vez, aproveitou a oportunidade para informar as universidades com as quais a UFC possui convênios. Ele também mencionou que, de acordo com um levantamento feito pela PROINTER de 2015 a 2021, o país mais procurado pelos docentes para pós-graduação foram os EUA. Em segundo lugar, Portugal e em terceiro, Espanha, França e Canadá. Em sua fala, reforçou a necessidade de os alunos se prepararem para o intercâmbio por meio do aprendizado de línguas estrangeiras e a realização de testes de proficiência e informou que todos os acordos internacionais da UFC estão disponíveis no sistema SIGAA da UFC.

A palestrante do Canadá mencionou que existe tanto nos EUA quanto no Canadá cursos como Medicina, por exemplo, que são chamados "reserva de mercado", isto é, uma espécie de captação de força de trabalho qualificada nos países em desenvolvimento a fim de atender às demandas profissionais de seus países. A palestrante mencionou que 10 anos atrás, havia uma escassez de enfermeiros no Canadá, então, eles vieram ao Brasil e fizeram ações para imigração, inclusive de pessoas que não sabiam falar o idioma. Entretanto, no momento, está mais difícil. Atualmente, o Canadá tem buscado *"talentos"* na área de Tecnologia da Informação.

Essa prática denominada "reserva de mercado" é outro aspecto comum em ambas as palestras sobre estudos nos Estados Unidos e no Canadá, e que nos traz elementos para pensarmos na mercantilização da educação por meio da internacionalização. Lima e Contel (2011, p. 16) alertam para a tendência de países do Sul Global seguirem "o comando ativo dos países centrais, fornecendo cérebros, recursos financeiros e comprando produtos educacionais ali produzidos", tornando-se suscetíveis aos interesses econômicos externos. Assim, a gente observa a configuração de um sistema em que o saber produzido em nossas universidades e nossa força de trabalho intelectual tornam-se objeto de exploração e dominação.

Ainda sobre a questão do idioma, o coordenador de Convênios Internacionais reforçou o trabalho das Casas de Cultura Estrangeiras e o Programa Idioma sem

Fronteiras[52], como um desdobramento do Programa CsF. Sobre a fala do coordenador, um aluno comentou: “Casa de Cultura só existe em Fortaleza”, o que representa que as Casas de Cultura não abrangem os *campi* do interior. Por fim, a palestrante do Canadá estimulou os alunos a correrem atrás e sonhar com os estudos no Canadá.

Nota-se que o formato virtual das palestras sobre oportunidades de estudo nos Estados Unidos e no Canadá viabilizou que os alunos se expressassem espontânea e livremente por meio da escrita, o que certamente não ocorreria em um evento presencial, onde eles teriam de fazer perguntas de forma verbal. Ao longo das palestras, alguns comentários de alunos chamaram atenção, como “Eu não tenho orçamento para estudar fora” e “Meu sonho, só falta verba”, “UFC pegar umas bolsinhas pra gente”, “gente, vcs sabem se a ufc oferece alguma bolsa de mestrado/doutorado internacional? não né?”, “Pois quero ir pro *college*, preferência se for de graça”, “Boa noite, em relação a bolsas integrais e oportunidades como são?”, “tenho dinheiro não moça”, “Sonho de Natal hahaha”.

Esses comentários, alguns marcados por deboches e ironias, revelam uma distância significativa entre as propostas apresentadas nas palestras e a realidade vivenciada por grande parte dos estudantes, especialmente no que se refere ao contexto socioeconômico e às condições da educação brasileira. As sugestões de oportunidades internacionais nem sempre consideram as limitações enfrentadas por muitos alunos, como a ausência de políticas públicas consolidadas, a exemplo da descontinuação do Programa Ciência sem Fronteiras, o câmbio desfavorável, os cortes orçamentários na educação, o desafio da inserção no mercado de trabalho mesmo após a formação, e as dificuldades em alcançar proficiência em línguas estrangeiras. Além disso, mencionou-se a limitação do acesso às Casas de Cultura Estrangeira, cujas vagas são restritas à capital, como destacou um estudante ao afirmar: “Casa de Cultura só existe em Fortaleza”.

No ano de 2022, com a diminuição dos casos de COVID-19, a UFC foi aos poucos retomando os eventos presenciais. Assim, no dia 05 de maio de 2022, de 14h às

[52] O Programa Idioma sem Fronteiras foi criado como desdobramento do Programa CsF, por meio da Portaria nº 1.466, de 18 de dezembro de 2012, a fim de auxiliar estudantes que à época do Programa CsF apresentavam dificuldades em atingir os níveis de proficiência exigidos pelas universidades anglófonas. (MEC, 2012).

18h, a PROINTER realizou um evento presencial intitulado *Study in Europe Road Show*, em que agências de fomento vinculadas a governos europeus, especificamente França, Alemanha e Suíça, ministraram palestra a fim de atrair estudantes da UFC para suas respectivas universidades. Depois de participar apenas de eventos virtuais, encontrei nesse evento a oportunidade de adentrar, de fato, no mundo dos "nativos", os alunos, e vivenciar as atividades como eles vivenciavam.

Ao chegar no auditório da Reitoria por volta das 14h, deparei-me com uma fila enorme para entrar no evento. Fiquei impressionada com o interesse de tantos alunos em estudar no exterior, ao mesmo tempo, fiquei preocupada de não conseguir entrar no Auditório. Eu precisava estar lá, pois era o primeiro evento público e presencial promovido pela PROINTER que eu conseguiria me misturar em meio aos alunos para observar.

Como servidora, eu tinha a opção de entrar no auditório pela porta dos fundos, a mesma utilizada pelos organizadores do evento e palestrantes. Entretanto, achei que não seria ético da minha parte me utilizar dos ofícios do cargo para "furar a fila" de tal forma. Então, optei por me misturar em meio aos alunos e sentir como eles sentiam.

Antes do início do evento, havia tido uma pane no ar-condicionado do auditório, deixando o ambiente mais quente do que o usual, sem contar a superlotação. O auditório, que tem capacidade para 154 pessoas sentadas, tinha alunos em pé em todas as fileiras de corredor, além dos que estavam na fila para entrar. Fui me achegando até que consegui entrar e me posicionar nos fundos do auditório, em meio a inúmeros estudantes que estavam curiosos para conhecer as possibilidades de estudo na França, na Alemanha e na Suíça.

Com a superlotação do auditório, como mostra a Figura 12, bem como a dificuldade de locomoção, a melhor posição que encontrei foi ficar de lado com meu diário de campo apoiado na cintura. Então, comecei a observar e descrever o evento.

Figura 12- *Europe Road Show*

Fonte: Autoria própria (2022).

Compunham a mesa o coordenador de Convênios Internacionais e a coordenadora de Mobilidade Acadêmica. Em sua fala, a coordenadora falou brevemente sobre os trabalhos desenvolvidos pela PROINTER, sobre os 10 alunos que vieram da Alemanha recentemente para estudar no curso de Administração e sobre os 4 estudantes que irão para a Suíça. Recomendou que os alunos seguissem a página do Programa de Apoio ao Intercambista (PAI) nas redes sociais para começarem "a sonhar com a mobilidade".

O coordenador de Convênios Internacionais, por sua vez, pediu que os alunos ficassem atentos às novidades da PROINTER e seguissem a página da *Education USA* nas redes sociais. Na oportunidade, ressaltou que a UFC "tem dificuldades com mobilidade acadêmica de estudantes de graduação" e que a universidade instalaria um escritório da *Education USA*.

Em seguida, os representantes da *Campus France* (França), do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico, o DAAD (Alemanha), e do Swissnex (Suíça), agências de fomento vinculadas a esses países, apresentaram aos presentes as oportunidades e vantagens de estudar em suas universidades.

A representante da *Campus France* começou sua apresentação com o seguinte convite: "Estude na França!". Inicialmente, ela informou que a *Campus France* não é uma

agência de intercâmbio, mas que seu papel é ser “uma ponte entre o Brasil e a França” e se ocupa do futuro profissional dos alunos. Em seguida, ela apresentou as vantagens, benefícios, investimentos necessários para estudar em universidades francesas, a estrutura do ensino superior francês, os custos de se estudar fora, bolsas oferecidas, a qualidade de vida e a cultura da França.

A representante da *Campus France* informou que o governo do presidente Emmanuel Marcron lançou o Programa *Bienvenue em France* a fim de abrir o país a estudantes estrangeiros e que 42% dos estudantes de doutorado na França são estrangeiros. Em seguida, destacou as empresas francesas localizadas no Brasil, como Leroy Merlim, Hotel Mercure, que podem empregar os estudantes após o retorno do intercâmbio. Por fim, apresentou como funciona a assessoria do *Campus France,* que custa R$ 570 (quinhentos e setenta reais) e culmina com a concessão do visto. Ao final de sua apresentação, ao mostrar os contatos, a maioria dos alunos registrou com os celulares.

Após a apresentação sobre a França, alguns alunos começaram a deixar o auditório. Em seguida, a representante do DAAD (Alemanha) começou apresentando cinco motivos para se estudar na Alemanha, sendo: oportunidades de trabalho para estudantes estrangeiros; possibilidade de estudar em inglês ou alemão; universidades no topo do *ranking*; taxas baixas/sem taxas (90% das universidades alemãs são públicas, mas não são totalmente gratuitas); e programas de estudo reconhecidos globalmente.

Ela apresentou os ranqueamentos internacionais e um mapa do ensino superior alemão. Disse para os alunos buscarem as universidades do interior, pois são menos concorridas Apesar de não ter sido uma piada, os alunos riram. Ficou claro aos presentes que ela estava indicando, por meio dessa fala, uma provável dificuldade que os alunos teriam em acessar as universidades alemãs.

Em seguida, ela apresentou a rede DAAD, os números de bolsistas DAAD no exterior e na Alemanha; falou sobre o curso intensivo de alemão e cultura alemã, um curso de seis semanas para aperfeiçoamento, pois para estudar na Alemanha é necessário, no mínimo, proficiência intermediária na língua. A representante da DAAD apresentou os cursos e programas oferecidos, sobretudo a alunos de pós-graduação. Fez questão de enfatizar que fazer graduação na Alemanha é complicado, mas não impossível.

Por sua vez, o representante da Swissnex (Suíça), começou falando que, apesar de a Suíça não oferecer a mesma quantidade de bolsas de estudo que a França e a Alemanha, o país é referência em inovação e patentes. Em seguida, apresentou os caminhos para se estudar na Suíça. "Não tenham medo de tentar", disse ele, tentando encorajar os alunos. Explicou que a Swissnex é uma agência de apoio na área de tecnologia do governo suíço. Mostrou um mapa onde a Suíça tem maiores colaborações no mundo. No Brasil, é centrada em Brasília, RJ e SP.

O representante da Swissnex apresentou um acordo bilateral entre Brasil e Suíça na área de ciência e tecnologia, que iniciou em 1968, com foco na relação com indústrias e *startups*. Ele também reforçou que "iniciar a graduação do zero é complicado" na Suíça. Para finalizar, passou um vídeo em língua inglesa e sem tradução sobre o porquê de se estudar na Suíça. Em um trecho do vídeo, a apresentadora fala *"How do you think that Einstein has been Einstein?"* (Como você acha que Einstein se tornou Einstein?)[53]. Alguns alunos riram. O vídeo termina com uma mulher convidando: *"So, come to Switzerland!"* (Então, venha para a Suíça!).

O representante da Swissnex disse que a ideia é "atrair estudantes de fora". Segundo ele, 25% dos estudantes e 50% dos professores da Suíça são estrangeiros. "A Suíça é um espaço aberto à internacionalização", disse ele.

Ao final de cada apresentação os alunos tinham cinco minutos para fazer perguntas aos palestrantes. A maioria das perguntas foi relativa à concessão de visto, equivalência de diplomas e opções de trabalho após o intercâmbio. Diferentemente do evento virtual realizado nos Encontros Universitários, os alunos não perguntaram ou fizeram piadas sobre a questão financeira ou sobre os custos de se estudar fora. As perguntas foram pertinentes a suas áreas de pesquisa. Havia muitos alunos interessados em fazer a graduação sanduíche, mas todos os representantes dessas agências governamentais disseram ser mais complicado fazer graduação nesses países, sobretudo pela barreira da língua e dificuldades em conseguir entrar nos cursos de graduação.

No final do evento, conversei com alguns alunos, buscando saber de onde eram e o que havia motivado eles a estar ali. Percebi que havia alunos que nem na

[53] O físico alemão Albert Einstein se formou na Suíça, onde se tornou professor da Escola Politécnica de Zurique.

universidade estavam ainda e outros que já haviam saído. Conversei com um aluno de 16 anos, estudante de uma escola estadual de Messejana, que soube do evento por meio da página institucional da UFC e se interessou em saber como estudar no exterior. Outra aluna, que havia concluído o curso de gastronomia, estava ali para saber como fazer uma pós-graduação no exterior.

Um aluno do 3º semestre do curso de Arquitetura disse que pretendia cursar mestrado no exterior. E que tinha levado uma colega ao evento com ele para assistir às palestras. Outro aluno do curso de Direito disse estar lá pois tem muita vontade de se aprofundar na área de sexualidade na Alemanha. Ele disse que já está estudando alemão, mas desconhece os custos de se estudar fora. Outra aluna, do curso de Publicidade, disse que tem vontade de estudar na França, mas falta-lhe coragem por ser muito apegada à família. Após as palestras, os alunos puderam tirar dúvidas e conhecer mais sobre os países em estandes montados na área externa do Auditório da Reitoria.

Tanto as palestras sobre oportunidades de estudos nos Estados Unidos e no Canadá, quanto o *Study in Europe Road Show* consistiram, na verdade, em formas de se vender educação internacional. Em várias dessas situações sociais foi possível observar a mobilização de sentimentos e emoções dos estudantes, a exemplo da abertura da palestra sobre oportunidade de estudos nos Estados Unidos, quando a Coordenadora de Mobilidade Acadêmica da UFC recomendou que os alunos seguissem o Programa de Apoio ao Intercambista (PAI) para começarem "a sonhar com a mobilidade" e da apresentação do representante da Swissnex (Suíça) durante o *Study in Europe Road Show*, quando ele incentivou os estudantes a estudarem na Suíça, dizendo "não tenham medo de tentar". Os alunos correspondiam, dizendo: "meu sonho eterno", "meu sonho, só falta verba".

Além disso, foi possível observar alguns tensionamentos nesses eventos. Enquanto os (as) representantes governamentais estavam interessados (as) em "vender seus países" aos estudantes, estes estavam interessados em aprimorar a formação por meio da mobilidade acadêmica. Essas tensões, para Gluckman (1987), são construtivas e inerentes às relações sociais, e não um fenômeno disruptivo.

Nos eventos virtuais, essas tensões ficaram mais evidentes a partir das manifestações dos alunos, quando diziam: "Eu não tenho orçamento para estudar fora",

“UFC pegar umas bolsinhas pra gente”, “gente, vcs sabem se a ufc oferece alguma bolsa de mestrado/doutorado internacional? não né?”, “Pois quero ir pro college, preferência se for de graça”, “tenho dinheiro não moça”, “Sonho de Natal hahaha”. Já no evento presencial, essas tensões ocorreram por meio de risos, quando a representante do DAAD disse aos alunos para estudarem nas universidades do interior da Alemanha por serem menos concorridas e os alunos riram e quando o vídeo da Swissnex indaga “Como você acha que Einstein se tornou Einstein?”, provocando risada nos expectadores.

A partir desses eventos, observa-se a predominância de alguns padrões apreendidos a partir dos discursos dos sujeitos, que contribuem para pensarmos sobre as políticas de internacionalização no Brasil, como a compreensão de uma formação voltada ao mercado; a hegemonia da língua inglesa; a priorização de bolsas para as áreas de tecnologia e ciências exatas; a falta de financiamento de políticas pelo Estado brasileiro; e a nostalgia em relação ao Programa CsF.

4.2.2 Uma internacionalização empreendedora

Um dos aspectos a se destacar nessa gestão foi a aderência de competências como empreendedorismo e inovação à gestão da internacionalização universitária, realizada por meio do Provimento nº 01/CONSUNI, de 07 de fevereiro de 2020, o qual modificou a estrutura da PROINTER, que passou a se chamar Pró-Reitoria de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional, assumindo novas competências com a finalidade de

> a) institucionalizar as atividades de empreendedorismo; b) de prospectar e implementar a inovação; c) de buscar parcerias para a inovação social e tecnológica, em estreita parceria com a agência de inovação; d) de direcionar ações para o desenvolvimento da Instituição baseado nos eixos da Internacionalização, do Empreendedorismo e da Inovação. (UFC, 2020, local. 1).

Nessa mesma teia, no dia 14 de dezembro de 2021 foi realizado o lançamento oficial do Condomínio do Empreendedorismo e Inovação (CEI) da UFC, unidade criada com a finalidade de promover, fomentar e articular ações de empreendedorismo e inovação na Universidade em parceria com o setor produtivo, representado pela

Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e Fecomércio.

Ao analisar dados da plataforma do CEI, verificamos que a unidade reúne o ecossistema de *startups* da UFC, estimulado por bolsas de inovação e por áreas de *coworking*, a diretoria do Parque Tecnológico, responsável por incubar *startups* inovadoras, a Escola Integrada de Desenvolvimento e Inovação Acadêmica (EIDEIA), a Pró-Reitoria de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional (PROINTER), a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG), o Centro de Empreendedorismo da UFC (CEMP), a Inove Quixadá. E, ainda, no último andar do prédio, funcionará o futuro Centro de Referência à Inteligência Artificial (CRIA) da UFC, que tem sido motivo de parcerias da UFC com a Universidade de Nankai, na China.

Em decorrência dos riscos de transmissão da COVID-19, o evento foi realizado em formato virtual e contou com a presença do reitor, Prof. Cláudio, do Pró-Reitor de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional, do pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e da então diretora do Campus de Quixadá, que desenvolve um projeto intitulado "Inove Quixadá".

A abertura foi conduzida pelo pró-reitor da PROINTER, que agradeceu ao reitor pela oportunidade de desenvolver o CEI. Em seguida, o reitor fez um discurso afirmando que "essa é a universidade que sempre sonhei" ao se referir à aproximação da UFC com o setor produtivo. Fez, ainda, um comparativo do CEI da UFC com o CEI da Espanha, criado doze anos atrás para mostrar que a UFC, em suas palavras, está no "caminho certo".

Em seu discurso, o reitor enfatizou que a universidade está unida e que hoje, em vez de uma universidade consumidora, a UFC é uma universidade produtora porque produz suas próprias plataformas, a exemplo da plataforma de diploma digital, que será concedida ao Ministério da Educação (MEC). Para ele, faltava na universidade vontade política de fazer. Segundo ele, o CEI e o Parque Tecnológico apontam para um futuro promissor da universidade.

Após a fala do reitor, uma servidora apresentou a página do CEI. O coordenador de Inovação Institucional da PROINTER fez agradecimentos e leituras de

comentários dos ouvintes da plataforma de transmissão. O pró-reitor da PROINTER, por sua vez, fez o convite à comunidade acadêmica que procure o CEI e encerrou o evento.

Antes do lançamento do CEI na UFC, o reitor, juntamente com o pró-reitor de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional realizaram viagens internacionais em busca de formalizar parcerias com instituições estrangeiras. Em outubro de 2021, os dois viajaram à Espanha juntamente com uma comitiva do Governo do Estado, da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC) e do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP) para visitar empreendimentos relativos à cadeia produtiva do hidrogênio verde (H2V) na Espanha. Paralelamente, visitaram a Universidade Complutense de Madri (UCM), onde se reuniram com o vice-reitor de Relações Internacionais e Cooperação da UCM, para dialogar sobre possibilidades de futuras cooperações entre ambas as universidades, como disciplinas conjuntas a distância e intercâmbio mútuo (UFC, 2021b)

Além disso, conheceram a sede do programa CompluEmprende, no Parque Científico de Madri, também associado à UCM, um espaço que fomenta a atividade empreendedora na universidade espanhola. Segundo o reitor,

> Estamos mesmo no caminho certo. Incentivar que os alunos coloquem as ideias no papel e desenvolvam-nas com a estrutura que a universidade fornece, a partir de seu espaço de empreendedorismo, é o caminho. A comunidade quer inovar, e um lugar como nosso Condomínio do Empreendedorismo é o ideal. Estivemos com a coordenação do CompluEmprende e já estamos pensando em formas de intercâmbio (UFC, 2021b, p. 1).

Esses projetos têm envolvido a Universidade, o Governo do Estado e busca atrair investidores estrangeiros. Para o reitor, a UFC será o “cérebro do HUB”. Em reunião com os pesquisadores da UFC, o reitor disse que “é a oportunidade de colocar a Universidade e os senhores como referências mundiais nessa tecnologia combustível. Por isso, a ideia é que agarremos o protagonismo científico desta iniciativa". Acrescentou ainda não ter dúvidas de que "os investidores ficarão encantados com o que a Instituição tem a oferecer” (UFC, 2021a, p. 1).

Uma viagem do reitor a Cabo Verde, na África, no mês de novembro de 2021, a fim de participar do XXII Encontro da Rede de Estudos Ambientais de Países de Língua Portuguesa (REALP), instigou-me a compreender que elementos estavam nas entrelinhas

da ída ao continente africano, uma vez que o próprio reitor já havia mencionado que o foco de relações internacionais da UFC era com a Europa.

Tal evento envolveu diferentes instituições governamentais e universitárias de Portugal, Brasil, Cabo Verde, Angola e Moçambique e teve como tema "Desafios da investigação ambiental em países de língua portuguesa: estratégias de resiliência em contexto de crise", o que pode de alguma forma explicar o interesse da UFC em participar do evento já que inovações em questões ambientais, a exemplo da pesquisa na área de hidrogênio verde, tem sido o foco do reitor na gestão (UFC, 2021e).

De acordo com a matéria divulgada no site da UFC, a pauta do encontro teve como objetivo principal a elaboração de um convênio entre a UFC e a Uni-CV para que médicos do país insular africano possam realizar seus cursos de residência médica na UFC (UFC, 2021). Segundo a matéria, a Reitora da Uni-CV, afirmou ser a formatura dos médicos um sonho da comunidade acadêmica e da própria nação, ressaltando ainda a excelência da formação dos graduados. "Não queremos médicos só para Cabo Verde. Vamos, sim, preparar profissionais que possam vir a exercer medicina em qualquer país", assegurou a reitora (UFC, 2021e, p. 1).

Segundo dados do portal da UFC, os representantes da Administração Superior da UFC aproveitaram a ida ao continente africano para retornar por Portugal, onde visitaram o Taguspark – Cidade do Conhecimento, considerado o maior parque de ciência e tecnologia de Portugal por se tratar de um complexo com área total de 360 hectares, que abriga 160 empresas e recebe diariamente cerca de 16 mil profissionais em trânsito (UFC, 2021e).

O reitor e o pró-reitor foram conhecer o modelo de gestão do parque, que é articulado com os setores industriais do país. E já existe uma articulação para receber na UFC o CEO do Parque a fim de fazer uma série de apresentações para a comunidade acadêmica da UFC. "Será uma chance de fazer a internacionalização do nosso parque tecnológico", explicou o pró-reitor (UFC, 2021e, p.1).

Segundo a matéria da UFC, outra atividade também acordada foi a realização de reuniões online onde lideranças de *startups* da UFC farão *pitchs* (sessões curtas de apresentação) sobre seus negócios para grupos de Portugal; em contrapartida, os

empreendedores portugueses farão da mesma forma apresentações das *startups* lá incubadas para mentores e investidores brasileiros (UFC, 2021e).

Além disso, foi realizada uma visita à Universidade Nova de Lisboa (UNL), instituição estrangeira que individualmente tem o maior volume de parcerias com pesquisadores da UFC no tocante à produção científica. O reitor e o pró-reitor reuniram-se com pró-reitora de Inovação e Criação de Valor da UNL e negociaram a celebração de dois acordos de cooperação, um para realização de intercâmbio virtual e outro entre os Condomínios de Empreendedorismo e Inovação (CEI) das duas instituições para mentoria da universidade portuguesa junto à UFC. Segundo o pró-reitor, "será valioso para a UFC fortalecer seu ecossistema empreendedor a partir de opiniões de um país com outro cenário econômico, construindo uma visão global da potencialidade dos negócios locais" (UFC, 2021e, p.1).

A pauta do hidrogênio verde também esteve presente em outra reunião do reitor com o cônsul-geral da França em Recife (PE), Hugues Fantou, e sua comitiva, realizada no dia 18 de novembro de 2021, para tratar dos convênios entre a UFC e o governo e as universidades francesas, com foco na ampliação das iniciativas de cooperação já existentes e na implementação de novas ações de relacionamento.

Nessa reunião, estiveram presentes o reitor; o vice-reitor; o pró-reitor de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional, o coordenador de Convênios Internacionais da PROINTER; a coordenadora de Mobilidade Acadêmica da PROINTER; o coordenador da Casa de Cultura Francesa da UFC; e docentes da Casa de cultura Francesa e do Departamento de Letras Estrangeiras do Centro de Humanidades.

O pró-reitor de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional fez questão de ressaltar que no período de 2018 a 2021 houve mais de 160 publicações científicas conjuntas de pesquisadores da UFC com pesquisadores franceses, bem como os tradicionais projetos de dupla diplomação Brasil-França nas áreas de tecnologia (BRAFITEC) e ciências agrárias (BRAFAGRI), liderados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O pró-reitor também reforçou que "há uma parceria antiga na área cultural e linguística, exemplificada pela Casa de Cultura Francesa" (UFC, 2021c).

O cônsul comentou que o objetivo da reunião era reforçar a cooperação nas áreas de meio ambiente e desenvolvimento sustentável, um ponto central para o governo francês, disse o diplomata, salientando que, com relação a financiamento de projetos, têm sido privilegiadas parcerias público-privadas (UFC, 2021c).

O reitor ressaltou: "Essa é uma área em que nós temos total interesse, pois a Universidade tem tido muito protagonismo nas discussões científicas acerca de energias limpas e renováveis, em especial em torno da implantação do hub de hidrogênio verde no Complexo do Pecém" (UFC, 2021c, p. 1). Sobre a parceria, o diplomata ressaltou que o consulado pode ser um facilitador para essas relações, pois haverá eleições em breve na França (previstas para abril de 2022) e as questões ambientais e a transição energética estão no foco dos debates.

Em seguida, o cônsul ressaltou que o consulado pretende ajudar os professores e pesquisadores com a questão da língua francesa. Nesse momento, o pró-reitor citou a contribuição do Curso de Português para Estrangeiros, ofertado pela Casa de Cultura Portuguesa da UFC e ressaltou a importância das Casas de Cultura Estrangeiras e do Programa Idiomas sem Fronteiras, do Governo Federal, que dá suporte ao tema com a oferta de cursos presenciais e a distância e com aplicação de testes de proficiência (UFC, 2021c).

Sobre a Casa de Cultura Francesa, seu coordenador, fez menção ao intercâmbio cultural e linguístico promovido pela instituição, que já teve professores visitantes, é o maior centro formador de professores de francês e movimenta a cena cultural francófona da cidade com eventos como a Fête de la Musique e o 14 Juillet (festa nacional francesa ou Dia da Bastilha) (UFC, 2021c).

Ainda em novembro de 2021, no dia 26, o embaixador da União Europeia no Brasil visitou a UFC, em que foi servido um almoço. A pauta da reunião não foi divulgada, nem secretárias, nem o Cerimonial da UFC conheciam a pauta da reunião, o que me trouxe um certo incômodo por não conseguir adentrar no campo, como escrevi no diário de campo:

> Hoje, o reitor teve um encontro com o embaixador da Espanha no Brasil. Fizeram outro almoço. A agenda mais uma vez foi secreta. As secretárias, o cerimonial não sabiam a pauta. Possivelmente, a reunião é um desdobramento

> do Fórum Internacional de Hidrogênio que ocorreu nos dias 24 e 25 na Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC), envolvendo o Governo do Estado e o setor produtivo. Apesar de estar tão perto, me sinto tão longe de conseguir adentrar no campo, de entender as estruturas de significados estabelecidas em torno da internacionalização. É como um enigma completo para mim. Preciso encontrar um caminho que permita que eu me situe no campo. De fato, como pontuou Geertz (1989, p. 23), "situar-nos, um negócio enervante que só é bem-sucedido parcialmente, eis no que consiste a pesquisa etnográfica como experiência pessoal". (Diário de Campo, 26 de novembro de 2021).

O encontro, divulgado posteriormente na página da UFC, teve como objetivo debater propostas de parcerias entre a Universidade e o bloco europeu (UFC, 2021d). Segundo o reitor, "nosso foco de relação é a Europa. E queremos ampliar essas parcerias" (UFC, 2021d, p. 1). De acordo com a matéria, um dos pontos discutidos no encontro foram as pesquisas na área de hidrogênio verde. O reitor fez um resumo da proposta de construção de um *hub* para produção do combustível no Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP).

Observa-se, portanto, que a construção de parcerias internacionais, uma das ações da internacionalização, tem como finalidade fomentar a atividade empreendedora na Universidade. Esse tipo de internacionalização foi denominado por Perrota (2016, p. 52) como "internacionalização hegemônica", um modelo de internacionalização competitivo, que apresenta algumas características, dentre elas: considera a educação como uma mercadoria; orienta-se ao mercado; a agenda de pesquisa se orienta a agendas centrais, cientificistas; assimétrica, pois é voltada prioritariamente a países do Norte, sem buscar reduzir essas assimetrias e promove um modelo de universidade de classe mundial.

4.2.3 Um símbolo dos Estados Unidos na UFC

Soube que no dia 06 de maio de 2022, o embaixador interino da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil estaria na UFC para assinatura de um Acordo de Cooperação para instalação do Escritório *Education USA* dentro da PROINTER. Aproveitei-me de minha função para negociar minha participação neste evento, uma vez que as secretárias não costumam participar de tais atividades a não ser que fossem solicitadas pelo reitor a fim de elaborar a ata da reunião.

Ao falar com o então chefe de gabinete, expliquei que minha participação nesse evento seria importante para a realização de minha pesquisa. Entretanto, houve resistência em liberar minha participação. Como estratégia, ofereci-me para fazer o relatório da reunião, afinal ele precisava justificar ao reitor minha presença naquele ambiente restrito aos dirigentes da Universidade. Autorizada a participar da solenidade, recebi a orientação de que deveria trajar roupa apropriada para a ocasião.

Seguindo a orientação, vesti-me de pesquisadora. No dia 06, logo cedo, ao chegar ao Gabinete, observei que um segurança da Embaixada pediu ao chefe de gabinete para averiguar todos os lugares em que o embaixador iria passar. Havia um esquema de segurança montado que definia que ninguém poderia entrar na sala do Conselho Universitário, o local da solenidade, após a entrada do embaixador. Contudo, ao longo do evento, houve um constante entra e sai de servidores da PROINTER.

Cheguei mais cedo do que o usual à sala do Conselho Universitário a fim de organizar meu material de pesquisa, verificar onde eu me sentaria, se havia tomada próximo para carregar o notebook etc. Eu precisava, de alguma forma, demonstrar que eu estava realizando meu ofício de secretariar a cerimônia. Apesar de ser de dentro, eu me sentia uma estranha naquele ambiente.

A sala do Conselho Universitário é uma sala pomposa, composta por uma grande mesa arredondada que circunda a sala inteira, datada da década de 1950. Quantas decisões, disputas de poder e alinhamentos políticos esse espaço institucional guarda em sua história. Os assentos estavam todos marcados com os nomes dos convidados oficiais, ao lado esquerdo estavam as bandeiras do Brasil, dos Estados Unidos e da UFC e do lado direito do salão, um banner do *Education USA*, que depois foi colocado em uma das portarias da Reitoria, demarcando o território.

A Figura 13 ilustra toda a geopolítica simbólica da cerimônia:

Figura 13- Cerimônia de celebração do Acordo de Cooperação entre UFC e Estados Unidos para instalação do escritório *Education USA*.

Fonte: Ribamar Neto (2022).

Na verdade, o evento iniciou no dia anterior com um coquetel para os representantes da embaixada dos Estados Unidos, realizado no Hotel Gran Marquise. No dia 06, na UFC, a visita da Comitiva dos EUA teve quatro momentos solenes. O primeiro foi uma recepção à Comitiva estadunidense no Gabinete do Reitor; o segundo foi a realização da Cerimônia de assinatura do Acordo de Cooperação, ocorrida na sala do Conselho Universitário na presença de pró-reitores, alguns diretores de unidades acadêmicas e a comitiva estadunidense, momento do qual participei secretariando; o terceiro momento consistiu na inauguração do Escritório *Education USA*, na sala da PROINTER, em que participaram apenas reitor, vice-reitor, gestores da PROINTER e comitiva estadunidense para o descerramento da placa; e, por fim, ocorreu uma visita ao Condomínio de Empreendedorismo e Inovação da UFC, momento organizado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) para que os 10 (dez) programas de pós-graduação de excelência (conceitos 6 e 7) apresentassem suas linhas de pesquisa, colaborações, infraestrutura e outras informações que julgassem relevantes.

Tive a oportunidade de assistir à cerimônia de assinatura do Acordo de Cooperação, em que estavam presentes representantes do governo estadunidense e da

UFC. A comitiva estadunidense era composta pelo embaixador interino da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, pela cônsul-geral dos Estados Unidos, pelo cônsul de Relações Institucionais, pelo cônsul de Política e Economia do Consulado Geral dos Estados Unidos em Recife, pela assistente de Política e Economia do Consulado Geral dos Estados Unidos em Recife, por representantes do Governo dos Estados Unidos, pelo especialista em Educação do Consulado dos Estados Unidos em Recife, e por fim, pela coordenadora regional de Orientação Educacional do *Education USA* para o Cone Sul.

Representando a UFC, estavam presentes o reitor, o vice-reitor, o pró-reitor de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional e demais pró-reitores, o diretor da Faculdade de Economia, Administração, Atuárias e Contabilidade, o diretor da Faculdade de Medicina, o diretor da Faculdade de Direito, a diretora do Centro de Ciências Agrárias, o diretor do Campus de Russas, o coordenador de Convênios Internacionais, a coordenadora de Mobilidade Acadêmica.

A solenidade, permeada por rituais, foi aberta pela cerimonialista da UFC que apresentou a finalidade do Acordo de Cooperação entre a UFC e o *Education USA*, bem como os representantes da Embaixada dos Estados Unidos (EUA) e da UFC presentes no evento. Em seguida, ela passou a palavra ao pró-reitor de Relações Internacionais, que saudou o reitor e o embaixador interino da Embaixada dos EUA.

Em seu discurso, o pró-reitor reiterou a relevância da parceria histórica da UFC com os EUA, que iniciou em 1963, por meio do Acordo de Cooperação com a Universidade do Arizona, por intermédio do Centro de Ciências Agrárias da UFC, e que foi retomado em 2022, devido aos esforços do reitor, possibilitando que docentes e discentes estudem nos EUA.

Para mostrar a importância da tradicional parceria entre UFC e EUA, ele informou que nos últimos anos a UFC assinou mais de 340 convênios com universidades estadunidenses; lembrou também que dos 7 pró-reitores da Administração Superior (2019-2013), 5 realizaram seus cursos de pós-graduação nos EUA. Além disso, em seu discurso, enfatizou a importância do convênio entre Harvard e o Brasil, coordenado pela Profª Márcia Machado, da área da saúde. E, por fim, agradeceu ao coordenador de Convênios Internacionais e aos representantes da UFC presentes no evento.

Em seguida, a chefe do Cerimonial passou a palavra à coordenadora regional de Orientação Educacional do *Education USA* para o Cone Sul, que após cumprimentar as autoridades, parabenizou a UFC pelos esforços na celebração do Acordo, que ocorreu em tempo recorde (três semanas). Ela fez questão de afirmar que dos 42 escritórios do *Education USA* existentes no Brasil (são 65 no Cone Sul), em nenhum deles houve tal celeridade. Agradeceu ao reitor por ser uma ponte entre o *Education USA* e reitores de outras universidades do Nordeste, contribuindo com a expansão do escritório. Segundo ela, o "reitor funcionou com uma ponte. O reitor é muito rápido e ágil em nos passar os contatos, contribuindo para expandir o *Education USA*. Esse é o primeiro escritório em uma universidade federal do Nordeste"[54].

Além disso, a coordenadora agradeceu pelo trabalho desempenhado pelas representantes do *Education USA* na UFC e na UNIFOR e também pelos "padrinhos" do *Education USA* na UFC, referindo-se ao pró-reitor de Relações Internacionais e ao coordenador de Convênios Internacionais. Por fim, ela agradeceu a todos que "contribuem para levar estudantes brasileiros às universidades dos EUA".

Em seguida, o embaixador interino dos EUA no Brasil iniciou sua fala, dizendo ser um prazer estar na UFC para firmar o Acordo e a inauguração do escritório do *Education USA*. Agradeceu ao reitor, ao vice-reitor e ao pró-reitor de Relações Internacionais pelos esforços na ampliação da mobilidade de estudantes do Nordeste para os EUA. Além disso, ele informou que o *Education USA* está presente em 181 países do mundo e que, a partir dessa data, serão 43 escritórios no Brasil, 6 no Nordeste brasileiro e o primeiro em uma universidade pública cearense.

Na oportunidade, parabenizou a equipe da UFC por sua dedicação para a internacionalização das universidades públicas. Para ele, "estamos ampliando nossos esforços na mobilidade entre nossos estudantes do Nordeste e os Estados Unidos". Disse também que um dos objetivos da parceria é nivelar o número de estudantes em mobilidade entre os dois países, pois há 14 mil estudantes brasileiros estudando em universidades estadunidenses e 2.070 alunos estadunidenses estudando em universidades brasileiras.

[54] Todas as citações desta subseção, 4.2.3, são informações coletadas verbalmente durante a observação do evento e transcritas de forma literal.

Concluiu reiterando a importância da parceria entre universidades, empresas e governos para tornar “os sonhos acadêmicos possíveis a milhares de estudantes”.

Após a fala, o reitor e o embaixador interino assinaram o Acordo de Cooperação, cumprimentaram-se com um aperto de mão e posaram para foto, segurando as vias do Acordo, como mostra a Figura 14:

Figura 14 – Assinatura de Convênio entre a UFC e a Embaixada dos Estados Unidos

Fonte: Flirck UFC (2022).

Em seguida, houve o pronunciamento do reitor, que cumprimentou os representantes dos EUA e os dirigentes da UFC. O reitor falou sobre a importância de se criar oportunidades de “novos saberes, novos conteúdos e novas tecnologias na universidade”, enalteceu a qualificação dos professores, da estrutura física da universidade e o potencial que a UFC tem para se tornar uma das melhores universidades do mundo e, para isso, “é necessário construir parcerias”. Na concepção do reitor, a implantação do *Education USA* na UFC configura-se em “mais uma porta para a comunidade acadêmica e para a internacionalização da UFC, tornando-a mais internacional”.

Assim como o pró-reitor de Relações Internacionais, o reitor também relembrou o Acordo com a Universidade do Arizona, por meio do Centro de Ciências Agrárias (CCA), realizado em 1963, que, no entendimento dele, foi um propulsor da internacionalização da UFC, resultando em 162 titulações e 27 patentes do CCA, oriundas de parcerias firmadas com a Universidade do Arizona.

Essa recordação nos remete a Douglas (1998), que diz que as instituições têm a capacidade de fazer lembrar e fazer esquecer. Nesse sentido, para se instituir um novo discurso sobre a internacionalização foi preciso "lembrar" de fatos conectados a esta prática, nesse caso o Convênio com a Universidade do Arizona.

Em seu discurso, o reitor destacou, ainda, o papel da UFC na produção de energias renováveis e mencionou a importância do projeto do hidrogênio verde, desenvolvido na UFC, e sua contribuição para o mundo. Para o reitor, "não se conta a história do estado do Ceará sem a participação da UFC. O escritório do *Education USA* será mais uma porta para a comunidade acadêmica e para a internacionalização da UFC, tornando-a mais internacional".

Após a fala do reitor, um pequeno grupo composto por representantes da Embaixada dos EUA, juntamente com o reitor, o vice-reitor e o pró-reitor de Relações Internacionais seguiram para a inauguração do escritório do *Education USA*, localizado em uma sala dentro da PROINTER, onde realizaram o ato de descerramento da placa.

Após o evento, a comitiva dos Estados Unidos seguiu para o Condomínio de Empreendedorismo e Inovação (CEI) da UFC, um momento organizado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) para que os 10 (dez) programas de pós-graduação de excelência (conceitos 6 e 7) apresentassem suas linhas de pesquisa, colaborações, infraestrutura e/ou quaisquer informações que julgassem relevantes, consistindo em uma forma de vender os "cérebros" da UFC, como citou o reitor durante a visita do cônsul de Cultura, Educação e Imprensa dos Estados Unidos no dia 15 de dezembro de 2021.

Importante ressaltar que antes da instalação do escritório da *Education USA* na UFC em 2022, no ano anterior, houve a palestra sobre "Oportunidades de Estudos nos Estados Unidos", realizada no dia 01 de dezembro de 2021, ministrada por uma representante do governo estadunidense e no dia 15 de dezembro de 2021, o reitor recebeu

a visita do cônsul de Cultura, Educação e Imprensa dos Estados Unidos, ambos presentes na cerimônia de celebração do Acordo entre a UFC e o dos Estados Unidos.

A visita do cônsul à UFC teve como finalidade, segundo matéria divulgada na página da UFC, “a ampliação das colaborações extensionistas e de pesquisas existentes entre UFC e universidades americanas, além de oportunidades de intercâmbio linguístico e cultural, segundo matéria do site da UFC” (UFC, 2021, p.1).

Participaram desse encontro o reitor, o vice-reitor, o pró-reitor de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional, a coordenadora de Pesquisa da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG), o coordenador de Convênios Internacionais da Pró-Reitoria de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional (PROINTER), a coordenadora de Mobilidade Acadêmica da PROINTER, e a docente do Departamento de Estudos de Língua Inglesa, suas Literaturas e Tradução (DELIUT) e coordenadora do Projeto Letrare PRPPG/PROINTER.

Nesse encontro, inicialmente, o pró-reitor fez uma apresentação sobre a UFC, tratando de temas como: *campi* instalados em Fortaleza e no interior; posicionamento da Universidade em ranqueamentos nacionais e internacionais; atividades de ensino, pesquisa e extensão; dados de internacionalização e iniciativas inovadoras recentes. Ele trouxe a informação de que a UFC já tem relação estabelecida, seja por via institucional ou através de seus pesquisadores, com cerca de 70 universidades americanas.

O cônsul salientou que ultrapassa 4 mil o número de universidades norte-americanas, entre privadas, estaduais e filantrópicas. Segundo o cônsul, só se fala em Harvard, Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), mas existem muitas outras excelentes no interior que anseiam por colaboração. Para ele, “Precisamos de mais diversidade de ideias e de conversas para estender essas parcerias. O Consulado está aqui para ajudar", disse, citando ainda o programa de bolsas de estudo *Fulbright*, patrocinado pelo Escritório de Assuntos Educacionais e Culturais do Departamento de Estado dos Estados Unidos, por governos de outros países e pelo setor privado. Segundo ele, a UFC ainda está pouco presente no programa.

Em contrapartida, o pró-reitor justificou a incipiente presença de estudantes brasileiros nas universidades estadunidenses nos últimos anos com a desvalorização do real frente ao dólar e a cobrança de taxas pelas universidades dos Estados Unidos, que

têm dificultado a viabilização de candidaturas de estudantes e pesquisadores brasileiros da UFC a estudos no território estadunidense. "Seria bom se pudéssemos contar com o apoio do Consulado ou de algum outro organismo para custear algumas bolsas ou isentar nossos candidatos das taxas acadêmicas. Seria um grande estímulo à mobilidade", sugeriu o pró-reitor.

O reitor encerrou a agenda fazendo convite oficial ao cônsul para uma das próximas atividades de internacionalização da UFC, o Curso Colaborativo Brasil-Harvard de Saúde Pública, realizado em janeiro de 2022 na UFC pela Profª Márcia Castro, docente da Escola de Saúde Pública T. H. Chan da Universidade de Harvard.

Retornando à solenidade de instalação do *Education USA* na UFC, foi possível observar nesse evento que as partes, mesmo que em situações de assimetrias, estavam reunidas em prol de um mesmo objetivo: a celebração de um Acordo de Cooperação, o que Gluckman (1987) denomina de “fusão”. Assim, tal qual a situação social descrita por Gluckman (1987), em que a ponte inaugurada na Zululândia era o centro dos interesses de europeus e zulus, unindo-os em uma cerimônia comum, o *Education USA* consistiu no centro de interesse de gestores da UFC e de representantes do governo estadunidense, modulando o comportamento dos indivíduos presentes na cerimônia. Isso ocorre porque, na perspectiva de Gluckman (1987, p. 279), “nessa situação de cooperação, o poder do governo e a base cultural de seus representantes organizam as ações de grupos e indivíduos dentro de um padrão que exclui o conflito”, ocorrendo, portanto, uma fusão de interesses.

Além disso, foi possível observar padrões que contribuem para problematizarmos as políticas de internacionalização na instituição, como o fluxo desigual de mobilidade entre os países citado pelo embaixador interino dos EUA no Brasil, quando ressaltou que há 14 mil estudantes brasileiros estudando em universidades dos Estados Unidos e 2.070 alunos estadunidenses estudando em universidades brasileiras; a falta de reciprocidade na relação entre Brasil e EUA, evidenciada quando o pró-reitor de Relações Internacionais tenta negociar o custeio de bolsas e isenção de taxas com o cônsul dos EUA; e a tentativa de venda dos “cérebros” da UFC ao apresentar as pesquisas aos representantes do governo dos Estados Unidos.

4.3 Gestão da Internacionalização na UFC (2023-2025)

Em 2023, a partir do início do terceiro governo Lula (2023-2026), o Brasil adotou nova diplomacia em sua relação com o mundo. Em seu discurso de posse, o Presidente se comprometeu em retomar a integração sul-americana e reconstruir o diálogo com os Estados Unidos, com a Comunidade Europeia, com a China e com países do Oriente, além de fortalecer os BRICS, a cooperação com os países da África, rompendo o isolamento internacional a que o país foi relegado durante o Governo Bolsonaro (Câmara dos Deputados, 2023).

Com esse intuito, as agências de fomento como a CAPES e o CNPq passaram a formular políticas voltadas a estimular a cooperação Sul-Sul. A CAPES (2024) tem afirmado que uma das principais linhas de atuação da gestão atual é o fortalecimento das relações com o Sul Global, incluindo países da África, América Latina e Caribe. Nesse intuito, foi criado o Programa Move La América, por meio da Portaria nº 84, de 19 de março de 2024, com a finalidade de

> complementar os esforços de internacionalização das Instituições de Ensino Superior brasileiras por meio da atração de discentes vinculados a instituições de ensino e pesquisa estrangeiras da América Latina e Caribe, permitindo-se o fortalecimento dos Programas de Pós-Graduação (PPG) e a criação de um ambiente institucional internacional (CAPES, 2024a, cap. I, art. 1º).

Em 2024, o Programa ofertou quase 1500 bolsas a pesquisadores da América Latina e do Caribe a fim de atraí-los para estudar no Brasil. O CNPq, por sua vez, a fim de reduzir assimetrias intra e inter-regionais, passou a priorizar em suas chamadas públicas para apoio a projetos internacionais de pesquisa científica, tecnológica e de inovação, por exemplo, a "participação de pesquisadores brasileiros em projetos de cooperação com grupos e/ou redes de pesquisa de países latino-americanos, caribenhos e africanos" e o estímulo à "participação em projetos internacionais de pesquisadores brasileiros vinculados a instituições sediadas nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste" (CNPq, 2024, p. 1).

No âmbito da UFC, o segundo semestre de 2023 marcou a retomada de um ambiente institucional democrático com a nomeação de um novo reitor pelo presidente Lula, após a realização da consulta à comunidade acadêmica que o escolheu com 83,11%

dos votos seu representante (UFC, 2023d). Sob o lema “UFC Viva e Democrática”, o reitor iniciou sua gestão no dia 21 de agosto de 2023, sendo recebido sob aplausos na Reitoria por gestores designados na nova gestão e membros da comunidade universitária. Após um breve discurso nos corredores da Reitoria, ele convidou os presentes, em seus termos, a “ocuparem o Gabinete do Reitor”, gesto que simboliza o retorno das portas abertas da Reitoria à Universidade, evidenciando o diálogo e a participação de todos na construção da UFC.

O primeiro dia de trabalho do novo reitor da UFC foi marcado por muitos simbolismos que demarcaram o retorno de um ambiente democrático na gestão da UFC. A disposição dos móveis[55] da sala do reitor foi modificada como símbolo desse novo tempo. A mesa de reuniões, que antes ficava no centro da sala, agora estava centralizada e juntada à mesa do reitor, formando um grande T e indicando que as decisões ali tomadas seriam coletivas e não de um homem só.

O reitor fez um discurso, apresentando seus projetos iniciais para a Universidade, a exemplo do projeto de criação da Casa de Cultura Africana, de um Memorial da Cultura Indígena e da criação de uma Pró-Reitoria de Cultura (PROCULT), um discurso marcado pela promoção da inclusão e da diversidade. Contudo, em relação à política de internacionalização, não se observou uma ruptura em relação à política institucional que vinha sendo realizada.

A gestão da internacionalização da Universidade foi delegada, inicialmente, à vice-reitora, que acumulou a função de pró-reitora de Relações Internacionais, juntamente com o pró-reitor adjunto, ambos engenheiros, vinculados ao Centro de Tecnologia da UFC (CT), que, a partir de suas experiências como gestores no CT, trouxeram a estrutura organizacional do CT para a Pró-Reitoria de Relações Internacionais.

Assim, no dia 23 de agosto de 2023, dois dias após o início da nova gestão, foi aprovada pelo Conselho Universitário a Resolução nº 37/CONSUNI, que alterou o nome da “Pró-Reitoria de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional” para “Pró-Reitoria de Relações Interinstitucionais”, sendo composta pela seguinte estrutura:

[55] Móveis amadeirados e rústicos, da década de 1950, originalmente pertencentes à Casa da família Gentil, proprietária do imóvel onde funciona o Gabinete e usados pelo primeiro reitor da UFC.

> Art. 12. À Pró-Reitoria de Relações Interinstitucionais compete promover, coordenar e articular ações para o desenvolvimento da Instituição com base nos eixos da Internacionalização, do Empreendedorismo e da Inovação, com a seguinte estrutura administrativa: Secretaria Administrativa Divisão de Apoio Administrativo ao Instituto Confúcio Coordenadoria de Internacionalização Coordenadoria de Empreendedorismo e Inovação Coordenadoria de Relações Interinstitucionais Coordenadoria de Projetos e Parcerias Parque Tecnológico." (UFC, 2023f, local. 1).

A alteração do nome da Pró-Reitoria foi uma proposta inspirada na estrutura do Centro de Tecnologia da UFC, onde há uma Diretoria de Relações Interinstitucionais, unidade responsável pelas relações entre instituições e o Centro. Em relação à internacionalização, houve a redução da Coordenadoria de Convênios Internacionais e Coordenadoria de Mobilidade Acadêmica a uma Coordenadoria de Internacionalização. Em relação ao empreendedorismo e à inovação, foi mantida a estrutura anterior, sendo, ainda, juntado o Parque Tecnológico da UFC à PROINTER.

Sobre a estrutura de setores de Relações Internacionais nas universidades, a Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI) emitiu, em julho de 2021, uma carta aberta aos reitores e aos responsáveis pela internacionalização das universidades associadas, manifestando preocupação com o tratamento dado, em alguns casos, ao setor de Relações Internacionais e, consequentemente, ao papel da internacionalização nas Instituições de Ensino Superior. Para a FAUBAI,

> As melhores práticas, no Brasil e no exterior, indicam a necessidade das Relações Internacionais estarem integradas à Reitoria ou gestão superior da IES, garantindo a prioridade institucional e a dimensão transversal da internacionalização, que atinge as várias áreas de atuação da instituição, todos os cursos, departamentos, níveis de ensino, alunos, professores, pesquisadores e técnicos administrativos, em prol do aprimoramento e desenvolvimento da instituição. É temerário desprezar o papel estratégico de um setor de Relações Internacionais na dinâmica da administração de uma Instituição de Ensino Superior. O/a gestor/a de Relações Internacionais, no constante diálogo com instituições e organizações no exterior e no país, representa não apenas seu Reitor ou sua Reitora, mas toda a comunidade acadêmica. (FAUBAI, 2021, p. 1)

O enfoque da PROINTER em empreendedorismo, inovação e maior aproximação com o setor produtivo justifica-se, de certo modo, porque desde a gestão anterior a unidade tem sido gerida por docentes vinculados às Engenharias, área de

conhecimento que desenvolve ciência aplicada, voltada à busca de soluções para as demandas do setor produtivo e à inovação.

Sobre essa questão, Lejano (2012) compreende que as instituições são como ideias que os grupos detentores de poder ou partes interessadas sustentam, mantém e promovem. Por essa razão, a ideia de internacionalização instituída aproxima-se de uma perspectiva mais voltada ao atendimento das demandas do mercado.

Cerca de um ano depois, em 30 de setembro de 2024, o Conselho Universitário aprovou nova alteração na estrutura da PROINTER, que passou a ser nominada "Pró-Reitoria de Inovação e Relações Interinstitucionais", com a finalidade de fortalecer a estrutura de inovação na UFC, e diminuir a distância entre a academia e o setor empresarial (UFC, 2024m).

Em conversa com Paula, servidora da PROINTER que já trabalhou na Coordenadoria de Inovação durante a gestão 2019-2023 e, atualmente, na gestão 2023-2027, trabalha na Coordenadoria de Internacionalização, ela comentou que essa alteração na estrutura administrativa foi meramente formal:

> Eu acredito que foi mais uma ênfase formal sabe porque já havia Coordenadoria de Inovação quando a Pró-Reitoria era a Pró-Reitoria de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional, um nome bem comprido. Mas já havia essa parte de desenvolvimento institucional que englobava a Coordenadoria de Inovação e Empreendedorismo. Com essa mudança de gestão, houve a integração dessas duas coordenadorias, que virou a Coordenadoria de Empreendedorismo, que englobou essa função da inovação, mas todas as coordenadorias trabalham de forma tangencial com essa temática. Então, eu acredito que foi a maior valorização, podemos dizer, mas já havia, já tinha essa Coordenadoria antes. Então, é algo assim, trazendo mais ênfase à inovação para a PROINTER e para a UFC (Paula, 2025).

Desse modo, ao dar centralidade à "inovação", a internacionalização institucional, que era o motor principal da Pró-Reitoria, tende a perder o protagonismo na política institucional.

Nesse processo de mudança de sentidos na gestão da internacionalização da UFC, importa destacar a criação da Agência UFC Inova, vinculada à PROINTER, com a finalidade de "acelerar" a inovação e o empreendedorismo na Universidade (UFC, 2025i). Nesse processo, em abril de 2025, a vice-reitora da UFC deixou a função de pró-reitora

de inovação e relações interinstitucionais, que passou a ser desempenhada por seu adjunto, docente vinculado ao Centro de Tecnologia com formação em Engenharia Civil, passando o coordenador de internacionalização a ser o adjunto da Pró-Reitoria.

Outro evento que aponta para uma continuidade da política de internacionalização desenvolvida pela gestão anterior consiste na primeira viagem da pró-reitora de Relações Interinstitucionais para Israel, ocorrida entre os 1º e 10 de setembro de 2023, com o objetivo de prospectar parcerias estratégicas e de fomentar o intercâmbio Brasil-Israel nos âmbitos científico e tecnológico. A parceria com a Universidade de Ben-Gurion, em Israel, foi iniciada na gestão anterior, em 2022, a partir de uma visita do então reitor e do pró-reitor de Relações Internacionais ao país, resultando na assinatura de um Acordo de Cooperação para estabelecimento de um programa de intercâmbio acadêmico e de cooperação entre as duas instituições (UFC, 2022d).

Na missão de 2023, além da UFC, participaram membros da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC), do Governo do Estado, da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) e de outras universidades cearenses (UFC, 2023g). De acordo com a pró-reitora:

> O desafio de inovação é, ao mesmo tempo, um *hackathon* e um curso on-line de formação de empreendedores, com o objetivo de dar ferramentas às equipes que possibilitem buscar soluções de baixa tecnologia para problemas comuns a Israel e ao Ceará. A participação da FUNCAP e de outros formuladores de políticas públicas na missão ensejará a oportunidade de implementação dessas soluções em pequenos negócios, através de editais e linhas de financiamento para a abertura de *startups*. (UFC, 2023g, p.1).

Como desdobramento dessa missão internacional, foi lançado o edital 2º *Innovation Challenge* Brasil-Israel, uma parceria entre a UFC e a Universidade de Ben-Gurion, com o objetivo de estimular a inovação entre alunos brasileiros e israelenses, auxiliando no enfrentamento de desafios críticos orientados pela ONU, como a segurança alimentar, a sustentabilidade e a eficiência.

Contudo, logo após o lançamento do edital do *Innovation Challenge* Brasil-Israel, a UFC passou a enfrentar duras críticas nas redes sociais por realizar parceria com uma universidade de Israel em meio ao conflito entre esse país e a Palestina, retomado após a invasão de Israel pelo Hamas em 07 de outubro de 2023, o que resultou na

revogação do edital. Em nota à comunidade acadêmica, a instituição admitiu que "houve um erro de avaliação na manutenção do calendário, diante da conjuntura política na Faixa de Gaza", reconheceu a gravidade do conflito, posicionando-se contra a guerra e defendendo a garantia dos direitos humanos das populações atingidas pela guerra na região (UFC, 2024a, p. 1).

Somente em 06 de outubro de 2025, dois anos após o início dos conflitos na região do Oriente Médio, em meio ao processo de deportação de Israel da professora licenciada da UFC, a deputada federal Luizianne Lins (PT)[56] e após pressão de estudantes vinculados ao Diretório Central dos Estudantes (DCE) e à União Nacional dos Estudantes (UNE), o Conselho Universitário (Consuni) da UFC anunciou o rompimento da cooperação Universidade Ben-Gurion (G1, 2025). Em nota, a Reitoria informou que:

> O Conselho Universitário da UFC repudia veementemente o genocídio em curso, solidariza-se com o Povo Palestino que resiste às agressões, cancela o Acordo para Programa de Intercâmbio e Cooperação Acadêmica com a Universidade Ben-Gurion, manifesta que não mantém quaisquer relações acadêmicas de colaboração com instituições israelenses, em consonância com outras entidades brasileiras e internacionais (G1, 2025, local).

Esse imbróglio institucional evidencia que a internacionalização da educação superior apresenta variadas dimensões, como política e geopolítica, as quais não podem ser desconsideradas no processo de colaborações internacionais, constituindo-se em um instrumento que pode tanto aproximar nações e instituições, quanto distanciar a depender dos valores e princípios em que a política está alicerçada, contribuindo, por conseguinte, para a projeção da imagem de uma instituição e seu posicionamento frente a conflitos de ordem mundial.

Ao longo do tempo, apesar das mudanças ocorridas na estrutura da PROINTER, que indicam mudanças de sentidos atribuídas pelos gestores da PROINTER à internacionalização da UFC, foi possível observar que, de forma concomitante, a Universidade foi aderindo às políticas de internacionalização desenvolvidas pelas agências de fomento do atual governo Lula, mais voltadas à cooperação Sul-Sul, a

[56] A professora da UFC e deputada federal, juntamente com ativistas de vários países, estava na Flotilha Global Sumud, participando do transporte de ajuda humanitária para Gaza, quando a embarcação foi interceptada por forças israelenses no dia 2 de outubro de 2025 (G1, 2025).

exemplo da adesão à Rede de Universidades do BRICS (BRICS NU), fomentada pela CAPES, e à participação da UFC no Fórum de Reitores das Universidades do Brics+[57], realizado nos dias 06 e 07 de junho de 2025 no Rio de Janeiro/RJ, Brasil, onde foram celebrados memorandos de entendimento e articuladas parcerias com instituições de países do Sul Global, fortalecendo os vínculos entre instituições de ensino superior dos países do grupo e promovendo ações de cooperação e intercâmbio (UFC, 2025j; 2025k). Esses movimentos institucionais são relevantes, pois contribuem para ampliar as cooperações Sul-Sul no âmbito da internacionalização institucional da UFC, diminuindo as assimetrias existentes entre países e regiões.

No tocante a essa dimensão geopolítica, além desses eventos, uma das atividades de internacionalização institucional que mais se destaca, até o momento, na gestão da internacionalização da UFC, no período 2023 a 2025, é a visita de representantes de governos e instituições internacionais, denominadas "visitas de cortesia". Desde o início da gestão em agosto de 2023, a UFC recebeu visitas de inúmeros representantes governamentais, a exemplo do embaixador da Ucrânia, do cônsul da França, do embaixador, cônsul e consulesa da Itália e da Cônsul da China (UFC, 2023h, 2024c, 2024f, 2024g), além de visitas de gestores de universidades estrangeiras em busca de parcerias.

Instigada a desvendar os interesses que envolvem as relações internacionais entre a UFC e esses países e instituições, aproveitei-me do novo contexto político-institucional "de portas abertas" para acompanhar alguns desses encontros, como veremos na próxima seção.

4.3.1 Mapeando territórios

[57] Como resultado, no Fórum de Reitores das Universidades do Brics+, foram assinados dois memorandos de entendimento, sendo um com a *Saint Petersburg State University of Economics*, da Rússia, e outro com a Universidade da Indonésia. Além disso, foram articuladas parcerias com a *University of Western Cape*, da África do Sul, e com a *National Research University Higher School of Economics* e a *Peter the Great Saint Petersburg Polytechnic University*, da Rússia (UFC, 2025k).

Na manhã do dia 28 de fevereiro de 2024, eu seguia minha rotina administrativa, quando observei que um dos secretários do Gabinete começou a organizar cadeiras na sala do reitor. Logo, a vice-reitora entrou na sala apressada. Ao perceber o movimento, perguntei ao chefe de Gabinete quem ela iria receber. Ele respondeu, com muita naturalidade, ser o cônsul da França. Pensei que aquela seria uma oportunidade de compreender como a Reitoria faz relações internacionais e compreender processos de cooperação, pois não tem sido frequentes eventos voltados à internacionalização nesta gestão.

Na oportunidade, guardei o medo de receber um "não", como ocorria na gestão anterior, e pedi ao chefe de Gabinete para assistir o encontro com o cônsul francês. Ele perguntou: "é importante para sua pesquisa?". Eu disse "sim". Então, ele se dirigiu à sala do reitor para pedir permissão à vice-reitora. Para a minha surpresa, ela respondeu "é claro!". Eu não estava acostumada a lidar com as portas abertas...Logo, peguei meu diário de campo e, tentando ser discreta, sentei-me no sofá vermelho sobressalente na decoração da sala do reitor, composta principalmente por móveis históricos, de cor amarronzada.

Estavam presentes no encontro o cônsul da França, a vice-reitora e pró-reitora de Inovação e Relações Interinstitucionais, o pró-reitor Adjunto de Extensão e ex-diretor de Relações Interinstitucionais do Centro de Tecnologia (CT), o então diretor de Relações Interinstitucionais do CT, uma docente do Centro de Ciências Agrárias (CCA), uma docente da Faculdade de Direito (FADIR), um docente do Instituto de Ciências do Mar (Labomar), uma docente do Departamento de Línguas Estrangeiras, a coordenadora da Casa de Cultura Francesa, o coordenador Geral da Casa de Cultura Francesa, uma docente da Casa de Cultura Francesa e o diretor brasileiro do Instituto Confúcio e também coordenador da Política Linguística na Universidade (UFC, 2024c).

A França é um país que se destaca nas relações internacionais da UFC, pois é lá que estão mais da metade dos estudantes de graduação da UFC em mobilidade internacional, proporcionado sobretudo pelos seguintes programas financiados pela CAPES:

a) Brasil France Ingénieur Technologie" (Brafitec), programa de graduação sanduíche, que envolve projetos conjuntos de pesquisa em parcerias universitárias na área de Engenharia para fomentar o intercâmbio em ambos os países e estimular a

aproximação das estruturas curriculares, inclusive a equivalência e o reconhecimento mútuo de créditos (CAPES, 2019). O Programa concede bolsas e passagens aéreas internacionais para estudantes brasileiros nos termos vigentes na Capes; passagens aéreas internacionais e diárias para docentes brasileiros em missão na França, além de custeio de atividades correntes para a equipe brasileira, tem duração de dois anos, podendo ser prorrogado por mais dois e, no âmbito da UFC é conduzido pelo Centro de Tecnologia, que lança editais com a finalidade de selecionar os alunos. O CT possui parcerias com 26 escolas de ensino superior na França, sob coordenação de diferentes pesquisadores, os quais possuem cooperações com instituições específicas;

b) Brasil França Agricultura (Brafagri), programa de graduação sanduíche, que envolve projetos de parcerias universitárias nas áreas de ciências agronômicas, agroalimentares e veterinária, disciplinas correlatas para fomentar o intercâmbio em ambos os países e estimular a aproximação das estruturas curriculares, inclusive a equivalência e o reconhecimento mútuo de créditos obtidos nas instituições participantes (CAPES, 2014). O Programa concede bolsa, auxílio instalação, seguro saúde, adicional localidade e auxílio deslocamento. Na UFC, é conduzido pelo Centro de Ciências Agrárias, que lança editais para selecionar os estudantes, sob coordenação de um (a) docente;

c) Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil (Cofecub), que tem por objeto a seleção de projetos conjuntos de pesquisa Brasil-França divididos em 2 (duas) chamadas, para fomentar a pesquisa e a formação de recursos humanos de alto nível por meio do intercâmbio científico e da mobilidade acadêmica entre Instituições de Ensino Superior (IES) ou de Pesquisas brasileiras e Instituições similares sediadas na França, nos termos do Acordo de Cooperação Técnica e Científica assinado em 16 de janeiro de 1967, entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Francesa (CAPES, 2014).

No encontro com o cônsul, a vice-reitora iniciou sua fala dizendo estar muito feliz em recebê-los no ano em que a Universidade celebra seus 70 anos; fez referência ao resultado da edição de 2024 do *AD Scientific Index*, ranqueamento internacional que se baseia no desempenho e no valor agregado da produtividade científica de pesquisadores

individuais. Nesse ranqueamento, a UFC atingiu a 10ª colocação do Brasil e na 13ª da América Latina (UFC, 2024).

O cônsul, que falava bem baixinho, apresentou-se e disse ser casado com uma cearense, que foi sua professora de português. Ressaltou que o objetivo da visita à UFC era ajudar a "melhorar" a relação da UFC com a França.

Em seguida, o coordenador de Internacionalização apresentou dados sobre a cooperação com a França, disse que entre 2014 e 2023 foram produzidas 214 publicações de pesquisadores da UFC em parceria com pesquisadores franceses, mencionou a importância dos programas BRAFITEC e do BRAFAGRI e brincou dizendo que "a UFC foi a 1ª universidade do Sul Global a assinar acordo de cooperação de duplo diploma com a França. Antes da USP [risos]. Isso porque eles [os franceses] passaram antes por aqui, antes de ir pra São Paulo"[58]. Os presentes riram.

Além disso, o coordenador ressaltou a existência do Programa de Leitorado em Língua Francesa, viabilizado por meio de parceria entre o Departamento de Letras Estrangeiras da UFC e instituições francesas, que se constitui em um programa relevante sobretudo para os alunos do CT, que aprendem a língua antes do intercâmbio. Citou, ainda, a inclusão de programações do calendário francófono mundial no Calendário Universitário, como o Dia Internacional da Francofonia em 20 de março, a Semana da Europa de 6 a 10 de maio e a *Fête de la Musique*, a Festa da Música, realizada anualmente, em junho.

Em seguida, cada docente falou sobre seus estudos, parcerias com instituições francesas e quantidades de alunos de suas unidades acadêmicas estudando na França. O docente do Labomar entregou ao cônsul o projeto da Estação Científica do Instituto que será criada em Jericoacoara, no Ceará.

Na oportunidade, o cônsul citou que o presidente da França, Emannuel Macron, teria uma visita agendada ao Brasil em março de 2024 para discutir acordos do Mercosul com a União Europeia e que se a UFC tivesse projetos a assinar, renovar e quisesse aproveitar a oportunidade para enviar uma mensagem. Outra fala interessante foi ele perguntar sobre o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF): "conversando com uma

[58] Informação verbal coletada durante a observação participante.

pessoa no Porto do Pecém, ela falou sobre o Programa Ciência sem Fronteiras. Ainda existe esse Programa?", perguntou ele.

A vice-reitora explicou o que foi o CsF e que o Programa foi descontinuado, restando o BRAFITEC e o BRAFAGRI. O diretor do Instituto Confúcio aproveitou o ensejo do CsF para dizer que mesmo o Programa tendo sido descontinuado, o Programa Idioma sem Fronteiras (IsF) persiste, constituindo-se em uma relevante política linguística juntamente com a Casas de Culturas Estrangeiras. Logo, o encontro foi encerrado, pois o cônsul tinha outro compromisso.

Quase um mês depois, em 21 de março de 2024, ocorreu a visita do embaixador, do cônsul e da consulesa da Itália (UFC, 2024f). Nesse encontro, estavam presentes docentes do Instituto de Ciências do Mar, do Centro de Tecnologia e da Casa de Cultura Italiana. A vice-reitora começou apresentando a história da UFC, como a universidade começou, quantidade de alunos da UFC e mencionou sobre os 15 cursos de pós-graduação com notas 6 e 7. Alguns docentes foram convidados a se apresentar e falar sobre suas pesquisas.

Destaca-se, nesse encontro, a fala do diretor do Centro de Humanidades que ressaltou "a visão inovadora" do Prof. Martins Filho, primeiro reitor da UFC, ao criar as Casas de Cultura.

As Casas de Cultura Estrangeiras foram criadas na década de 1960, muito antes da criação dos cursos de Letras na UFC, e tinham, naquela época, a função de promover as culturas dos países, uma forma de aproximar a UFC da cultura europeia. Atualmente, as Casas de Cultura Estrangeiras constituem-se em um importante equipamento de internacionalização da Universidade, tendo como finalidade promover "[...] a difusão de conhecimentos e a divulgação dos valores artísticos e culturais, bem como a internacionalização da instituição" (UFC, 2024m, p. 1). Além de serem responsáveis pela elaboração e aplicação de exames de proficiência para candidatos das seleções para os cursos de pós-graduação local e nacionalmente.

Ao acompanhar as reuniões com representantes de governos internacionais, foi possível observar um padrão nesses encontros. Normalmente, esses representantes eram recebidos pela vice-reitora e pró-reitora de Inovação e Relações Interinstitucionais juntamente com docentes detentores de parcerias com instituições do país estrangeiro. Os

encontros normalmente ocorriam ou no Salão Dourado da Reitoria, espaço de relevância histórica para a UFC e para a cidade de Fortaleza, reformado e reinaugurado em 2023 durante a gestão do reitor (2019-2023)[59], ou na sala do reitor ou em ambos os espaços.

Na maioria das vezes, a vice-reitora, após dar as boas-vindas, explicava sobre a UFC, contava a história do prédio da Reitoria, explicava como funciona o acesso às universidades públicas no Brasil, abordando políticas públicas relevantes para o ensino superior, como o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), implantado em 2007, que proporcionou o crescimento da UFC e sua interiorização, e a política de cotas, implantada em 2012, que democratizou o acesso às universidades públicas.

Na visita com o embaixador da Ucrânia, ela fez questão de ressaltar que durante muito tempo a UFC, como outras universidades públicas, foi elitista.

> Quando meu pai fez parte da primeira turma de Engenharia Mecânica, a UFC era uma Universidade elitista. As pessoas se sentiam excluídas só de olhar para os alunos e professores. Isso mudou muito e tem mudado a vida de muitas pessoas. Hoje, vemos aqui muitos jovens brilhantes, em muitos casos as primeiras pessoas de suas famílias a entrar na Universidade (UFC, 2023h, p. 1).

Na maioria das vezes, eram apresentados dados sobre a Universidade, como quantidades de *campi*, faculdades, centros e institutos, quantidades de alunos etc. Depois, cada gestor ou docente apresentava suas pesquisas, os representantes ouviam atentamente e aproveitavam oportunidades de fazer perguntas. Em todas as visitas observadas, o Programa CsF foi citado ou pelos representantes governamentais ou pela vice-reitora. O interesse no CsF justifica-se pelo volume de recursos do Estado brasileiro que era transferido para as universidades estrangeiras, interessadas em angariar recursos.

Observa-se que essas visitas de cortesia eram como um mapeamento do território do outro, tal qual os colonizadores faziam ao chegar em território desconhecido. Nesses encontros, a UFC normalmente apresentava seus dados, seus cientistas, seu

[59] Esse salão era a sala da família Gentil, a proprietária do imóvel onde funciona a Reitoria. Entre as décadas de 1960 e 1990, foi onde autoridades, intelectuais e comitivas importantes foram recepcionados pelos Reitores da UFC (UFC, 2023e). Seguindo a tradição, o Salão Dourado, com seus mobiliários e espelhos com detalhes em folhas de ouro, tem sido a porta de entrada de ilustres visitantes na UFC.

potencial conhecimento, seus projetos, suas pesquisas etc., sem receber nem uma promessa em troca. Esse comportamento indica que a "cooperação" não é estabelecida de forma mútua, recíproca. É como um mecanismo para a colonialidade do saber, em que os pesquisadores "ufceanos" se colocam em uma posição de subserviência em relação aos países, ofertando sua força de trabalho.

4.3.2 Um símbolo da China na UFC

No dia 26 de abril de 2024, a UFC recebeu a visita da cônsul-geral da China em Recife, a Sr.ª Lan Heping, que assumiu a função em 26 de fevereiro de 2024 (UFC, 2024g). Sua visita à UFC teve como objetivo estreitar a relação sino-brasileira que completou 50 anos em 2024. Além disso, a visita inaugurou um ciclo de palestras sobre a China, promovido pelo Instituto Confúcio (IC) na UFC.

O Instituto Confúcio consiste em uma instituição educacional sem fins lucrativos, vinculado ao Ministério da Educação da China, e tem como objetivos "apoiar e promover o ensino da língua e cultura chinesas, assim como melhorar a compreensão bilateral e a amizade entre os povos, intensificar a cooperação e intercâmbio na área educacional e cultural, desenvolver as relações amigáveis entre a China e os países estrangeiros e estimular a multiculturalidade" (UFC, 2025d, p. 1).

A UFC é a décima no país e segunda universidade federal do Norte-Nordeste a abrigar um Instituto Confúcio, resultado de um convênio celebrado em 2018 entre a Universidade e a Sede Central do Instituto Confúcio (Hanban), em parceria com a Universidade de Nankai, em Tianjin-China, que resultou na instalação do Instituto em 2019 na UFC (UFC, 2019).

A visita da cônsul-geral começou pelo Instituto Confúcio às 8h30 da manhã, onde estiveram presentes, além da cônsul, dois vice-cônsules, o diretor brasileiro do Instituto, o diretor Chinês do Instituto, dois professores chineses, um professor brasileiro, uma servidora técnico-administrativa do Instituto, o professor de Tai Chi Chuan do Instituto e alunos de mandarim.

Inicialmente, o grupo conheceu as instalações do Instituto, localizado no Campus do Pici, e, em seguida, reuniram-se para um diálogo com os presentes. A

conversa com a cônsul, que ainda não falava português, contou com a interpretação de professores do Instituto Confúcio.

O diretor brasileiro do Instituto disse que era motivo de muita alegria recebê-los no mês em que o Instituto completa 5 anos de instalação. Como uma forma de prestar contas, disse que o IC tem ampliado a oferta de cursos de mandarim e de cultura chinesa. Além disso, ressaltou duas inovações: a primeira, uma parceria com o governo do Estado do Ceará para o ensino do mandarim em uma escola pública e a segunda, a oferta de mandarim como disciplina optativa em um curso de graduação do Centro de Humanidades.

O diretor mencionou, ainda, que o IC também oferece o curso de Tai Chi Chuan e de Kung Fu como forma de disseminar a cultura chinesa na UFC, e que em abril a UFC abriu um ciclo de palestras sobre a China e um curso de introdução à cultura chinesa à comunidade universitária. Finalizou dizendo que "nosso papel é fortalecer as relações com a China".

A cônsul agradeceu ao diretor brasileiro do Instituto pela apresentação e aos presentes pelo interesse em conhecer sua língua e país. Disse que a civilização e os caracteres chineses são milenares, sobreviveram ao tempo e continuam a ser usados na cultura contemporânea, nunca foram extintos. "Hoje, vocês podem aprender a língua chinesa, aprender com os filósofos chineses da antiguidade, conhecer uma cultura de harmonia, que deseja estabelecer uma sociedade comum para todos", disse ela.

Ao se referir aos 50 anos de relações sino-brasileiras, a cônsul disse ser uma "boa ocasião para os dois povos firmarem cooperação mútua e promover trocas culturais de amizade entre os dois países". Por fim, reforçou seu interesse por aprender a língua portuguesa.

O diretor chinês do Instituto Confúcio, por sua vez, disse que o Instituto na UFC foi pensado pelo presidente chinês Xi Jiping durante uma reunião dos BRICS em Fortaleza em 2014, sendo inaugurado na UFC em 2019. Disse que em seu primeiro semestre de instalação já tinha mais de 400 alunos e que as relações entre a China e o Ceará têm crescido, pois têm se expandido a partir da UFC para a Prefeitura e o Governo do Estado. Para isso, ressaltou que o apoio do Consulado é de extrema importância para a expansão do curso de línguas.

Após as falas, o diretor brasileiro do IC entregou à cônsul uma bolsa de praia de Fortaleza com artesanatos regionais. Contudo, a cônsul doou o presente ao Instituto, o que gerou estranheza nos presentes. No final, ocorreu uma apresentação de Tai Chi Chuan e foi oferecido um lanche aos presentes. Entretanto, a Cônsul e sua equipe não participaram da recepção e dirigiram-se à Reitoria para um encontro com o reitor. Além da recusa do presente, a Cônsul e sua equipe rejeitaram carona oferecida pelo diretor brasileiro do Instituto à Reitoria, utilizando-se de um carro por aplicativo para o trajeto do Campus do Pici para o bairro do Benfica, onde fica localizada a Reitoria.

A recusa ao presente e à carona, bem como a ausência no momento do lanche justificam-se, possivelmente, pelo código diplomático chinês, que preza por neutralidade, institucionalidade e rigor no protocolo, mantendo-se, assim, a independência e a neutralidade. Tais gestos, portanto, não devem ser interpretados como sinal de descortesia, mas como adequação às práticas diplomáticas chinesas, que prezam por rigor, neutralidade e institucionalidade nas interações oficiais.

Na Reitoria, a reunião com o reitor estava agendada para 10h. A equipe chinesa chegou por volta das 9h40 e foi recebida pela vice-reitora no Salão Dourado, onde puderam conhecer sobre a história da UFC e as Casas de Cultura Estrangeiras.

A cônsul agradeceu a apresentação e reforçou que não basta aprender a língua, é necessário aprender a cultura também. Ao falar sobre os 50 anos de relações diplomáticas com o Brasil e os 5 anos do IC na UFC, a cônsul citou um ditado chinês que diz “o jovem sempre prevalece”.

Pontualmente às 10h, observei que a cônsul olhou no relógio. Logo, a chefe do Cerimonial convidou os presentes a se dirigirem à sala do reitor. No encontro, o reitor disse que a UFC quer continuar investindo na relação com a China e com o IC. Em sua fala, mencionou o crescente interesse dos estudantes da UFC em conhecer mais sobre a cultura chinesa e ressaltou que a UFC é uma das poucas universidades brasileiras que tem a tradição no ensino de línguas estrangeiras por meio das Casas de Cultura.

A cônsul disse que espera que os alunos que estão aprendendo mandarim continuem a ensinar a língua. “Acredito que com a formação no IC, os alunos vão dominar o básico e poder futuramente dar continuidade à amizade entre os dois países”, disse ela.

Além disso, convidou a UFC a visitar a Universidade de Nankai na China e colocou o Consulado à disposição para viabilizar a ida, simbolizando um processo de troca.

A cônsul pediu o apoio do reitor para ampliar a oferta de cursos de mandarim. O reitor, por sua vez, disse que a tendência é que aumente o interesse dos alunos em conhecer mais a língua e a cultura chinesa. Nas palavras dele, "uma característica da universidade é que ela não se desinstala e essa parceria vai ser para sempre". No final, a cônsul entregou dois livros sobre a educação da China ao Reitor e ele entregou a ela o livro "Viva UFC" e uma bolsa com itens cearenses. Nesse momento, não houve recusa ao presente.

A Figura 15 registra a visita da cônsul-geral chinesa à UFC:

Figura 15– Visita da cônsul-geral da China em Recife à UFC

Fonte: Álvaro Graça Jr (2024).

Diferentemente das outras visitas, observa-se no discurso da cônsul a predominância de uma ênfase na colaboração cultural, o que nos traz elementos para pensar no ensino da língua e da cultura como forma de dominação cultural. Na compreensão dos chineses, a cultura engloba também valores políticos e ideologias. Desse modo, segundo Menechelli Filho (2018), a expansão dos Institutos Confúcios pelo mundo é parte da estratégia global de fortalecimento da cultura como parte do chamado "poder brando" do país, sobretudo por ser gerido pelo Ministério da Educação da China.

Inspirado nas experiências semelhantes de outros institutos transnacionais como o *British Council*, a *Alliance Française* e o *Goethe-Institut*, o primeiro IC foi

instalado em Seul, na Coreia do Sul, em 2004. Apesar de sua implantação tardia em relação a outros institutos, dados de 2017 apontam que já existem mais de 500 Institutos Confúcio e mais de 1000 Salas de Aula Confúcio, espalhados por 140 países e regiões, além de mais de 2 milhões inscritos e cerca de 46 mil professores (Diário do Povo Online, 2017).

Além da expansão dos Institutos Confúcios, destaca-se que outra estratégia da China para estabelecimento do poder brando é o investimento em mobilidade estudantil. De acordo com Brito (2020), a China possui cerca de 110 mil estudantes em universidades estadunidenses, contra 13 mil brasileiros. Inclusive, foi diante do questionamento dessa diferença pelo então presidente Barack Obama em um encontro com a presidente brasileira Dilma Rousseff em março de 2011, que o Brasil foi induzido a criar o Programa CsF (Martins, 2015), em busca de aumentar o número de estudantes brasileiros nas universidades estadunidenses, o que se constitui em uma forma de transferência de recursos dos países do Sul aos do Norte.

Como se vê, o estabelecimento do Instituto Confúcio na UFC desde 2019, bem como do *Education USA* em 2022, e em 2025 do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD)[60], representam um mecanismo transnacional de oferta de serviços educativos, configurando-se, de certa forma, na manutenção da colonialidade em novos contextos geopolíticos.

4.3.3 A internacionalização da UFC como um processo liminar

Depois de observar alguns eventos realizados pela Administração Superior da UFC, um deles me fez colocar os sentidos atribuídos à internacionalização (mais voltados a uma perspectiva mercadológica), pela gestão da Universidade em estado de suspensão. Foi o I Seminário de Internacionalização da UFC, realizado nos dias 13 e 14 de agosto de 2024, um importante evento aberto à comunidade acadêmica, que contou com a

[60] O Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) consiste em uma organização de fomento ao intercâmbio de estudantes, professores e pesquisadores com atuação em mais de 60 países. No Brasil, o dispõe de um escritório localizado no Rio de Janeiro, além de atendimento em São Paulo e uma rede de professores visitantes em diversas universidades federais. Na UFC, foi instalado em 15 de maio de 2025 no Condomínio de Empreendedorismo e Inovação da UFC (UFC, 2025h).

participação de representantes das agências de fomento, como a CAPES, o CNPq e a FUNCAP, além de gestores envolvidos internacionalização de outras instituições (UFC, 2024j).

Os discursos sobre internacionalização proferidos durante o Seminário, voltados a uma internacionalização solidária e mais próximos do Sul, trouxeram-me esperança ao imaginar que estávamos na iminência de fazer uma conversão de 180 graus nos rumos dados à gestão da internacionalização da UFC. É como se o Seminário representasse um estado de liminaridade, isto é, algo que não está aqui, nem ali, mas em um grau intermediário, nas fronteiras entre uma internacionalização hegemônica e contra hegemônica, justificada pela mudança de gestão da Universidade.

O evento foi organizado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) em conjunto com a PROINTER, com a finalidade discutir as oportunidades e desafios da internacionalização da UFC, o que possibilitou conhecer os discursos e ideias de internacionalização instituídos por gestores de diferentes instituições tanto da UFC, quanto de agências de fomento como CAPES, o CNPQ e aa FUNCAP.

Ambas as unidades, vinculadas à Administração Superior, são responsáveis por gerir processos de internacionalização da Universidade, sendo responsabilidade da PRPPG a gestão de Programas da CAPES, como o PrInt e mais recente a elaboração do projeto do CAPES-Global.Edu, enquanto a PROINTER é responsável pela política de internacionalização de modo geral, como celebração de acordos, recepção de estudantes e pesquisadores estrangeiros, elaboração da política linguística e outras atividades burocráticas.

No dia 13 de agosto de 2024, o Seminário ocorreu no auditório da Reitoria e teve a participação de gestores da UFC, como o reitor; a vice-reitora e pró-reitora de Inovação e Relações Interinstitucionais; o pró-reitor Adjunto de Inovação e Relações Interinstitucionais; a pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação; representantes de órgãos de fomento como a CAPES, o CNPq e a FUNCAP; presidente da Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI), outros gestores envolvidos com internacionalização e a comunidade acadêmica.

No evento, tanto a pró-reitora de Inovação e Relações Interinstitucionais quanto o reitor ressaltaram, em seus discursos, a importância da cooperação com o Sul Global. De acordo com a pró-reitora,

> internacionalização não é uma via de mão única, mas uma via de mão dupla. Não é só enviar, mas também receber; não é só parceria com o Norte, mas parceria com países que não estamos tão acostumados, como a África e outros países do Sul Global (Profª Ana, no I Seminário de Internacionalização da UFC, 2024).

O reitor, por sua vez, compreende que internacionalizar significa ter a capacidade de dialogar com o mundo para a resolução de seus problemas. Segundo ele,

> É por isso que a gente precisa se internacionalizar, não é só para ter notas melhores da CAPES, não [risos]. É pra gente ser capaz de encontrar soluções para os nossos problemas e ajudar o mundo na solução de seus problemas. (Prof. Vitório, no I Seminário de Internacionalização da UFC, 2024).

Contudo, no entendimento do reitor, para nós, que estamos no Sul Global, é muito mais difícil fazer internacionalização, pois o fluxo, em geral, é pensado Sul-Norte. Segundo ele:

> Em geral, as pessoas acham que o que tem de bom está no Norte. Há poucos dias, eu fui corrigido por alguém porque eu usei o verbo "nortear". "Nortear?" por que… qual o verbo que se usa para "sudear", né? Hoje, a gente já tem essa crítica…E é interessante porque, de fato, a gente precisa se reconhecer como um lugar onde as pessoas podem aprender também com a gente. E eu não diria nem do ponto de vista estritamente teórico, mas teórico e especialmente experiencial, vivencial. Nós temos experiências no Sul absurdamente interessantes para a construção do futuro, a resolução de problemas... No Ceará, até pouco tempo sol e vento eram nossos principais problemas porque castigam, porque trazem seca. Hoje, são as maiores soluções. Isto é ciência, isto é tecnologia, mas precisa de substrato de investimento. (Prof. Vitório, no I Seminário de Internacionalização da UFC, 2024).

O diretor de Relações Internacionais da CAPES, Prof. Rui Opperman, em sua palestra intitulada "Panorama e Oportunidades de Internacionalização fomentadas pela CAPES", apresentou dados da agência, como programas, recursos, principais parcerias, dando destaque às parcerias latino-americanas. Ao abordar os significados de internacionalização para a atual gestão da CAPES, o diretor de RI da CAPES disse que:

> as relações internacionais constituem-se em uma política e não só uma mobilidade de gente. E como política, deve trabalhar junto com todas as esferas do Estado na construção do desenvolvimento sustentável do país. É uma

> responsabilidade que a Capes sempre teve, que de certa forma se perdeu um pouco pelo seu tamanho e pela visão muito reducionista do que é internacionalização, confundindo com mobilidade, mas que agora, inclusive no Plano Nacional de Pós-Graduação, essa visão da internacionalização como política de desenvolvimento institucional está firmada e eu ouço muito do que vem da Universidade Federal do Ceará e creio que isso também é parte integrante da gestão da universidade. E até por um pouco de referência nossa, elas também começaram a incluir o que nós chamamos de parceria Sul-Sul até por conta da própria história, nós tínhamos um fluxo muito com o Norte Global, com Europa e países anglo-saxônicos. (Rui Opperman, no I Seminário de Internacionalização da UFC, 2024).

Dentre os desafios e oportunidades para a internacionalização, ele destacou: a formação de redes (cooperação); o estímulo à interiorização da internacionalização, visando a redução de assimetrias; a criação de polos de desenvolvimento (promover maior articulação com setores da economia); o aumento da produção científica e disseminação do conhecimento e melhor aproveitamento dos recursos do governo.

Na oportunidade, o Prof. Rui Opperman fez críticas ao Programa CAPES-PrInt, uma vez que o Programa não contemplou todas as universidades. Além disso, sua implementação foi afetada pela pandemia, o que impossibilitou a realização de uma avaliação mais quantitativa. Ele informou, ainda, que a CAPES planeja criar um novo programa de internacionalização em substituição ao PrInt, que busque reduzir as assimetrias entre os programas de pós-graduação (PPGs)[61]. De acordo com o diretor, a distribuição de PPGs notas 6 e 7 estão concentradas no Sul e Sudeste do Brasil. Entretanto, ressaltou que o número de universidades que não possuem notas 6 e 7 são muito maiores. Para superar essas assimetrias, ele afirmou que a CAPES quer olhar para esses programas com "olhar de cooperação".

Da mesma forma, a diretora de Cooperação Institucional, Internacional e Inovação (DCOI) do CNPq, Dalila Andrade Oliveira, apresentou os programas da agência para a internacionalização, a exemplo do PEC-PG, do Programa Academia Mundial de Ciências (TWAS), o Programa de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento (CYTED), o Programa Atlânticas, voltado para mulheres negras, quilombolas, indígenas e ciganas.

[61] Trata-se do Programa CAPES-Global.Edu, descrito na seção 3.5.7.

No entendimento da diretora, “a gente não se internacionaliza para melhorar a nota na CAPES. Internacionalizar é fundamental para dialogar e trocar experiências com o mundo. Para desenvolver ciência e tecnologia”. Nesse sentido, em consonância com a política da CAPES, o CNPq tem buscado atrair estudantes e pesquisadores para o Brasil, pois, segundo Dalila, desde o governo Temer (2016-2018), houve uma redução de recursos para internacionalização e que muitos programas de mobilidade ficaram estagnados durante o governo Bolsonaro, pois o entendimento da gestão era de que estudar fora não é investimento.

Assim, a fim de estimular as cooperações Sul-Sul, os editais do CNPq passaram a conceder pontuações maiores para parcerias com países do Sul Global e para programas dos estados do Norte, Nordeste e Centro Oeste a fim de reduzir assimetrias.

O diretor de Avaliação da CAPES, que é docente vinculado ao Centro de Ciências da UFC e foi pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação entre 2016 e 2019, iniciou sua fala dizendo que em 2018 participou da elaboração do Projeto da UFC para submissão ao CAPES-PrInt, juntamente com o então pró-reitor de Relações Internacionais. E que é interessante estar falando hoje em um seminário similar sobre o mesmo tema, mas com perspectiva e posição diferente, já que ele está como diretor de Avaliação da CAPES.

No entendimento do diretor, “a pós-graduação brasileira precisa ser internacionalizada, interiorizada, inovadora e inclusiva”, sendo necessário refletir sobre esses aspectos. Sobre o próximo ciclo avaliativo dos programas de pós-graduação (2025-2028), ele adiantou que haverá mudanças. A internacionalização será avaliada de maneira transversal. Segundo ele,

> Para o próximo ciclo, a internacionalização será considerada como uma estratégia que a instituição adota para, a partir de todos os seus processos e suas atividades, incorporar essa dimensão. Então, ela está no corpo docente, no corpo discente, nos processos… A internacionalização da instituição só acontece quando essa dimensão é contemplada em todas as dimensões, passando, de forma muito firme, pela gestão. O ambiente institucional precisa ter essa dimensão bem consolidada no dia a dia da instituição. Caso isso não aconteça, a gente consegue nuclear grupos, consegue nuclear programas de pós-graduação, consegue nuclear pesquisadores todos esses com muita inserção internacional, mas a instituição não é internacionalizada (Prof. Paulo, no I Seminário de Internacionalização da UFC, 2024).

A fala do diretor aponta para a necessidade de a instituição assumir o protagonismo do processo de internacionalização da universidade.

Além de representantes das agências de fomento do governo federal, também foi possível conhecer as contribuições da FUNCAP, agência de fomento do Estado do Ceará, para a internacionalização universitária, por meio da apresentação do diretor de Inovação da Fundação, docente da UFC vinculado ao Centro de Tecnologia.

Após o intervalo para o almoço, houve uma mesa redonda com os palestrantes em que os participantes puderam fazer perguntas. Em seguida, o coordenador de Internacionalização da UFC fez uma apresentação sobre as atividades da PROINTER, abordando número de convênios, quantidade de estudantes estrangeiros na UFC e de estudantes da UFC no exterior, número de mobilidade de professores e sobre o Programa de Apoio à Internacionalização (PAI).

No Seminário, também foi possível conhecer a experiência de outros gestores como a do Prof. José Celso Freire Jr, Presidente da Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI) e gestor de Relações Internacionais da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Na percepção dele, o responsável por impulsionar a internacionalização é o setor de Relações Internacionais das universidades, que deve ter orçamento próprio e pensar na institucionalização da estrutura de internacionalização. Dentre os desafios da internacionalização, ele destacou: mudar paradigmas, vencer a burocracia, buscar fontes de financiamento, saber dizer não, vencer a barreira da língua e integrar o setor de internacionalização aos demais setores da universidade.

No dia 14 de agosto de 2024, o Seminário ocorreu no Condomínio de Empreendedorismo e Inovação da UFC, onde fica localizada a PROINTER, sendo conduzido pela pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Na ocasião, foram compartilhadas diferentes experiências do PrInt na UFC. Pude observar que o Prof. Rui Opperman fazia anotações em um caderno em busca de compreender as forças e fragilidades do Programa a fim de aperfeiçoar o novo Programa de Internacionalização da CAPES.

Considerando que o Seminário foi organizado e conduzido tanto pela PRPPG, quanto pela PROINTER, em conversa com a pró-reitora da PRPPG, questionei como funciona a divisão de atividades entre as duas unidades, ela respondeu que o trabalho é

interdependente. A PRPPG fica responsável pela implementação de programas propostos pelas agências de fomento, a exemplo do CAPES-PrInt, enquanto a PROINTER é responsável por toda a parte burocrática que envolve as relações internacionais, conforme relato a seguir:

> A PRPPG, na parte da internacionalização, ela trabalha na parte de projetos, por exemplo, o CAPES-Global será uma atribuição preferencial da PRPG, que envolve pesquisa e formação de recursos humanos etc. Mas para eu ter isso, eu tenho que ter a política de internacionalização da UFC, que envolve muito mais que isso. A política de internacionalização, os acordos com as universidades estrangeiras, por exemplo, acordo para o duplo diploma, acordo para universidades. Isso tudo é feito pela PROINTER. A PRPPG não tem um papel crucial. Eu posso ter um papel de consultoria em relação ao acordo, mas não a questão de formalização de toda essa coisa é a PROINTER, tá? A questão de validação de documentos também que precisam ser feitos é com a PROINTER. Por exemplo, a... como é que eu chamo? A política linguística é com a PROINTER. a PROINTER também nos ajuda no sentido de recebimento desses estudantes, por exemplo, os alunos do GCUB é feito em parceria com a PROINTER. A PROINTER recebe esses alunos, orienta como é que ele tem que fazer com a documentação, como é que tem que fazer com a matrícula, né, junto com a PRPPG. A PROINTER também cuida dos alunos que vêm para graduação, fazer graduação aqui. Então, essa parte de política e de apoio dos estudos é com a PROINTER (Profª Cristina, 2025).

O I Seminário de Internacionalização da UFC representou um marco importante para a UFC, possibilitando-nos compreender mais de perto as perspectivas das agências de fomento, como a CAPES, o CNPq e a FUNCAP no atual contexto e viabilizando uma reflexão crítica sobre a política institucional. A presença de representantes das agências de fomento ao lado de gestores da própria universidade possibilitou não apenas a troca de experiências, mas também a identificação de caminhos possíveis para o aprimoramento de políticas futuras, mais sensíveis às realidades regionais e comprometidas com uma internacionalização que contribua para o desenvolvimento científico e social do país.

As falas dos participantes convergiram na compreensão de que a internacionalização consiste em uma estratégia de desenvolvimento institucional, que deve ser transversal e integrada ao cotidiano das universidades. As discussões reforçaram a necessidade de redes de cooperação sul-sul, de valorização das experiências locais e da inclusão efetiva de regiões e programas historicamente marginalizados pelas políticas tradicionais.

Ao analisar os discursos dos gestores da UFC no I Seminário de Internacionalização, ponderei: Seria o Seminário um marco institucional de conversão da política de internacionalização da UFC para a contra hegemonia? Naquele momento, por entender que não era possível avaliar seu porvir, coloquei as ideias de internacionalização discutidas no Seminário em suspensão. É como se o Seminário representasse um estado de passagem do processo de internacionalização da UFC, uma fase liminar, um período de exame dos valores e axiomas centrais que orientam a política de internacionalização universitária.

Desse modo, o I Seminário de Internacionalização da UFC consistiu em um movimento institucional de olhar para si, para a instituição, uma base para se pensar nos próximos passos, de olhar para o que fizemos e o que queremos fazer, possibilitando, caso haja interesse institucional, traçar os próximos caminhos da política de internacionalização da UFC.

4.3.4 Entre fortalezas e desafios institucionais: olhando para dentro

No dia 27 de agosto de 2025, participei, de forma virtual, do evento intitulado "Café em CASa[62] – Políticas de Internacionalização para Graduação e Pós-Graduação", promovido pela Escola Integrada de Desenvolvimento e Inovação Acadêmica (EIDEIA), órgão suplementar vinculado à Reitoria, cuja finalidade consiste em partilhar diferentes abordagens educacionais e discussões sobre os desafios na construção de novos olhares para questões pedagógicas.

A mesa redonda contou com a presença da diretora da EIDEIA, que foi uma das primeiras gestoras da antiga Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI); da

[62] O CASa (Comunidade de Cooperação e Aprendizagem Significativa) consiste em um programa institucional de formação docente, promovido pela Escola Integrada de Desenvolvimento e Inovação Acadêmica (EIDEIA), Órgão Suplementar subordinado à Reitoria da Universidade Federal do Ceará (UFC). Esse programa realiza atividades periódicas, como o Café em CASa, que tem como finalidade a partilha de diferentes abordagens educacionais e discussões sobre os desafios na construção de novos olhares para questões pedagógicas.

representante do *Education USA* na UFC; do pró-reitor da PROINTER; e do coordenador de Internacionalização e atual pró-reitor adjunto da PROINTER[63].

A proposta inicial do encontro consistia em apresentar aos docentes as principais políticas de internacionalização da UFC. Contudo, a análise dos discursos revelou que as falas se concentraram nas potencialidades e nos desafios enfrentados pela instituição no processo de internacionalização.

O pró-reitor da PROINTER destacou que as universidades brasileiras ainda apresentam um baixo nível de internacionalização quando comparadas a instituições estrangeiras. Como exemplo, citou a Universidade de Toulouse, na França, onde o estágio internacional constitui requisito obrigatório para a formação discente. No caso da UFC, apontou a escassez de recursos, a insuficiente sensibilização da comunidade acadêmica quanto à relevância da internacionalização e os baixos índices de proficiência linguística, sobretudo em inglês, como obstáculos a serem superados. Ressaltou, entretanto, que, em termos de conteúdo e produção acadêmica, as universidades brasileiras "não deixam nada a desejar", citando o Centro de Tecnologia (CT) da UFC como exemplo de unidade que dispõe de laboratórios de ponta, comparáveis e, em alguns casos, superiores aos de universidades estrangeiras.

O gestor também defendeu a necessidade de fortalecer a internacionalização "de lá para cá", enfatizando que, embora a UFC receba um número expressivo de estudantes estrangeiros, ainda carece de estruturas e protocolos adequados para sua plena integração. Apontou, ainda, como desafio a ampliação da oferta de atividades acadêmicas à distância voltadas aos *campi* do interior.

Nesse contexto, fez referência ao legado do primeiro reitor da UFC, Prof. Antônio Martins Filho, ao criar, em 1960, as Casas de Cultura Estrangeiras, consideradas por ele a "joia da coroa" da instituição. Em sua fala, também estabeleceu um elo entre internacionalização e inovação, defendendo que "o que produzimos no Ceará pode ser levado para o mundo", dando como exemplo tecnologias e soluções desenvolvidas localmente para problemas globais.

[63] Importa relembrar que no início da gestão (2023-2027), a vice-reitora da UFC acumulou a função de pró-reitora da PROINTER. Contudo, em abril de 2025, meados do mandato, ela deixou a função de pró-reitora, que passou a ser exercida pelo pró-reitor adjunto. Nesse processo, o coordenador de internacionalização passou a acumular a função de adjunto da PROINTER.

O coordenador de Internacionalização, por sua vez, destacou a existência, na UFC, de políticas que visam à substituição de docentes afastados para cursar programas de pós-graduação, o que representa, em sua avaliação, uma ação estratégica para o fortalecimento da internacionalização ao garantir a continuidade das atividades acadêmicas. Ressaltou ainda que a UFC ocupa posição de destaque nos *rankings* da CAPES, liderando em número de programas de pós-graduação avaliados com conceitos 6 e 7, fator que repercute positivamente na política de internacionalização institucional.

O coordenador salientou também a relevância da participação de servidores técnico-administrativos nas ações de internacionalização, citando como exemplo local o Instituto de Ciências do Mar (Labomar) e, em nível nacional, o Programa Global.Edu, da CAPES, que contempla a inclusão dessa categoria profissional. Ademais, enalteceu a qualidade das Casas de Cultura Estrangeiras, que contam com professores altamente qualificados, muitos com doutorado, e relembrou a experiência do Programa CsF, cujos desdobramentos permanecem evidentes anos após sua implementação, uma vez que diversos participantes do Programa se tornaram docentes e pesquisadores da UFC.

Dentre os desafios, o coordenador mencionou a falta de financiamento, considerando que a universidade não dispõe de recursos próprios para sustentar iniciativas de internacionalização. Citou, como alternativas, programas como o UFC Mundo, programa próprio da UFC, voltado ao intercâmbio de alunos da graduação, e os programas BRAFITEC e BRAFRAGRI, financiados pela CAPES e direcionados à graduação.

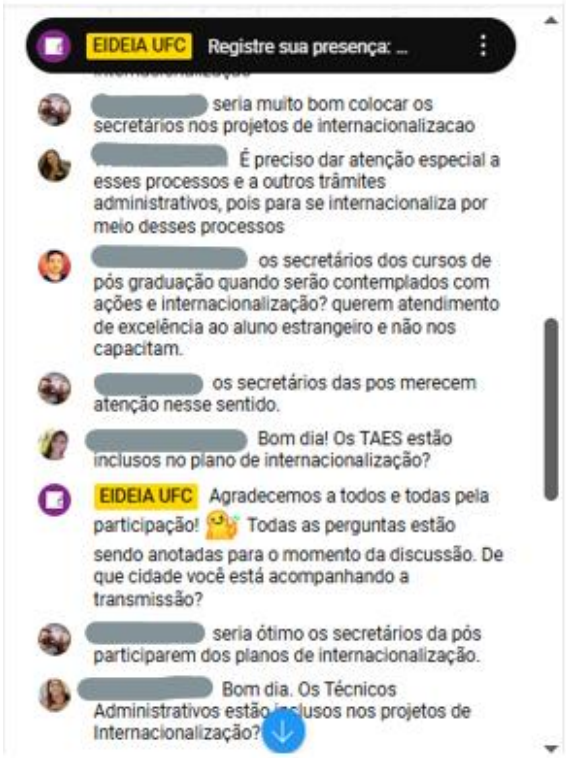
Ao final do evento, abriu-se espaço para perguntas e comentários, tanto dos participantes presenciais quanto dos virtuais. Nesse momento, a diretora da EIDEIA questionou sobre o quantitativo de docentes da UFC que realizaram doutorado e pós-doutorado no exterior. O coordenador de Internacionalização esclareceu, contudo, que a PROINTER dispõe de dados atualizados apenas até 2020, evidenciando uma lacuna de cinco anos nas estatísticas institucionais de internacionalização.

Essa falta de dados atualizados sobre a internacionalização da UFC pode dificultar a realização de diagnósticos sobre o processo de internacionalização da Universidade, comprometem a tomada de decisão baseada em evidências, bem como um melhor planejamento de definição de ações estratégicas. Dessa forma, a coleta sistemática

e a atualização contínua de indicadores são elementos essenciais para a formulação de políticas de internacionalização alinhadas à realidade institucional.

Dentre as intervenções dos participantes virtuais, destacou-se o questionamento sobre a inclusão e a capacitação de servidores técnico-administrativos nas políticas de internacionalização, conforme ilustrado na Figura 16:

Figura 16 – Comentários sobre a inclusão dos TAEs na política de internacionalização.



Fonte: Café em CASa – 7ª Atividade (2025)

Esse evento evidenciou que a internacionalização da UFC se constrói em meio a um campo de tensões político-institucionais, entre novas possibilidades, e desafios. Se, por um lado, emergem limites estruturais, como a escassez de recursos financeiros, as lacunas na proficiência linguística e a necessidade de maior integração de práticas e dados institucionais, por outro, aparecem elementos que reafirmam a força da Universidade, como os laboratórios de ponta, programas de excelência, políticas de apoio à mobilidade docente e o legado histórico das Casas de Cultura Estrangeiras.

Assim, o que era para ser uma apresentação sobre as políticas de internacionalização aos docentes, tornou-se, para mim, um campo de análises a partir de um olhar "para dentro", que me permitiu considerar que há possibilidades, nesse embate político-institucional de se constituírem trajetórias de internacionalização mais plurais, inclusivas e democráticas na UFC.

4.4 Diplomacias do saber: análise das situações sociais

Seguindo o método de análise de situações sociais, proposto por Gluckman (1987), apresentei nas seções anteriores uma amostra de dados coletados em eventos ocorridos entre 2021 e 2025 e promovidos pela Administração Superior, quem tem o "poder governamental", nos termos de Gluckman (1987), de dar forma à estrutura da internacionalização da UFC. Embora ocorridos em duas gestões distintas e envolvendo diferentes pessoas, esses eventos estão interligados pela minha presença como observadora.

O objetivo dessa análise foi compreender de que forma são instituídos discursos e práticas institucionais em torno da internacionalização, como se forma um pensamento institucional em torno da internacionalização, no sentido de Douglas (1998). O que se pode observar, inicialmente, é que os eventos analisados são reveladores de como se processam as relações entre a UFC e os países e essas relações não podem ser analisadas sem se refletir sobre as relações desiguais existentes entre o Norte e o Sul Global, originadas historicamente no período colonial (Quijano, 2005).

Sobre a gestão da internacionalização no período de 2021 a 2023, observa-se que a política institucional de internacionalização da Universidade foi operacionalizada por meio do estabelecimento de relações subservientes, seja pela oferta da força de trabalho intelectual de países do Sul aos países do Norte, como vimos no caso do hub de hidrogênio verde, em que os pesquisadores da UFC são considerados os "cérebros do hub", seja pela atração de estudantes do Sul para fazer intercâmbio em países do Norte, como vimos no caso das palestras sobre oportunidades de estudo nos Estados Unidos e no Canadá e no *Europe Road Show*.

Essa situação social remete-nos à análise de Gluckman sobre a integração forçada entre africanos e europeus na Zululândia. Assim como os zulus eram incorporados ao sistema colonial sem controle real sobre os mecanismos políticos e econômicos, a Universidade encontra-se inserida em um sistema de cooperação acadêmica que tende a beneficiar mais os países e instituições do Norte Global do que a própria instituição.

Essas relações evidenciam a presença de uma lógica ainda marcada por traços coloniais na internacionalização da UFC, uma vez que os acordos se concentram, em grande parte, em países do Norte Global, percebidos como mais desenvolvidos. Nesse cenário, os países do Sul acabam sendo posicionados em papéis mais próximos ao de "clientes", na medida em que representantes governamentais e instituições internacionais buscam difundir seus produtos e serviços educacionais. Tal perspectiva dialoga com a análise de Fanon (2005, p. 83), ao afirmar que "as colônias se tornaram um mercado. A população colonial é uma clientela que compra".

Esse movimento tornou-se mais perceptível, em termos institucionais, a partir de 2020, quando a PROINTER passou a incorporar também a responsabilidade pelo desenvolvimento da cultura empreendedora na Universidade. A partir da proposta de promoção do empreendedorismo e da inovação, observa-se que as ações no campo das relações internacionais vêm sendo gradualmente alinhadas a estratégias que aproximam a universidade de dinâmicas de mercado, em que o conhecimento passa a ocupar um lugar central como ativo de valor nas trocas e parcerias institucionais.

Segundo Didou Aupetit (2017), muitos pesquisadores têm denunciado essas interações entre as políticas de educação superior e as lógicas de mercado e de dominação que sustentam o modelo neoliberal de globalização, as quais ameaçam o caráter de bem público da educação superior.

Entendemos, a partir da análise situacional sobre a internacionalização institucionalizada pela gestão da UFC, que tanto a mercantilização da educação superior quanto o eurocentrismo acadêmico estão estreitamente imbricados e são constitutivos da colonialidade do saber. Como afirmou Lander (2005), o eurocentrismo e o colonialismo são como cebolas de múltiplas camadas em que é possível reconhecer aspectos e dimensões que não tinham sido identificadas anteriormente. A internacionalização é uma

dessas camadas ocultas, que está sendo desvelada no contexto da globalização neoliberal da universidade.

A análise dos eventos também evidencia que, apesar de a Universidade se constituir em uma única comunidade, há diferentes interesses e motivos que envolvem as relações internacionais, revelando as contradições e tensões existentes nesse processo. Na reunião com o cônsul geral da França, foi possível observar que, enquanto a Administração Superior estava interessada em atrair investimentos estrangeiros para a Universidade, os representantes da Casa de Cultura Francesa estavam interessados em formar parcerias de cunho linguístico cultural.

Outro ponto de tensão é encontrado durante as palestras sobre oportunidades de estudo nos Estados Unidos e Canadá. Enquanto as representantes governamentais estavam interessadas em "vender seus países" aos estudantes, estes estavam interessados em aprimorar a formação por meio da mobilidade acadêmica. Essas tensões ficaram mais evidentes nos eventos que ocorreram em formato virtual do que nos eventos presenciais.

O formato virtual dos eventos viabilizou as expressões espontâneas dos expectadores, que podiam se expressar livremente por meio da escrita, o que não foi observado nos eventos presenciais. Ao longo das palestras realizadas virtualmente, alguns comentários de alunos chamaram atenção, como "Eu não tenho orçamento para estudar fora" e "Meu sonho, só falta verba", "UFC pegar umas bolsinhas pra gente", "gente, vcs sabem se a ufc oferece alguma bolsa de mestrado/doutorado internacional? não né?", "Pois quero ir pro *college*, preferência se for de graça", "Boa noite, em relação a bolsas integrais e oportunidades como são?", "tenho dinheiro não moça", "Sonho de Natal hahaha".

Esses comentários, alguns inclusive em tom de ironia, evidenciam a existência de divisões na posição da Administração Superior e dos alunos, tal qual na cerimônia de inauguração da ponte descrita por Gluckman (1987)[64]. Apesar do evento envolver uma única comunidade, reunida com o mesmo objetivo, a acadêmica, observam-se diferentes modos de comportamento em relação à mobilidade.

[64] Durante a cerimônia de inauguração da ponte, descrita por Gluckman (1987), apesar de os presentes estarem reunidos em prol de um objetivo comum, eles se dividiram em dois grupos: zulus (que construíram a ponte) e europeus (que planejaram a ponte).

A PROINTER recomenda que os alunos se preparem para o intercâmbio, realizando as provas de proficiência, estudando idiomas, desconsiderando, assim, toda uma realidade socioeconômica, como a ausência de políticas educacionais, a exemplo do Programa CsF que foi extinto no Governo Temer, o dólar alto, o corte nos investimentos em educação, o alto número de jovens formados e desempregados, a falta de proficiência em línguas estrangeiras, o alcance das Casas de Cultura, que não tem número de vagas suficientes para contemplar os estudantes da capital e do interior. Por sua vez, os alunos manifestam-se perguntando sobre as bolsas de estudo, dizendo que não possuem recursos financeiros que possibilitem a realização da mobilidade. Essas contradições revelam valores e colocam os conflitos em evidência.

Além disso, em várias situações sociais foram observadas a mobilização de sentimentos e emoções dos expectadores, a exemplo da abertura da palestra sobre "Oportunidade de estudos nos Estados Unidos", quando a coordenadora de Mobilidade Acadêmica da UFC recomendou que os alunos seguissem o Programa de Apoio ao Intercambista (PAI) para começarem "a sonhar com a mobilidade"; e da apresentação do representante da Swissnex (Suíça) durante o *Europe Road Show*, quando ele incentivou os estudantes a estudarem na Suíça, dizendo "não tenham medo de tentar". Os alunos correspondiam, dizendo: "meu sonho eterno", "meu sonho, só falta verba".

Sobre esse aspecto, Douglas (1998, p. 109) mostra que as instituições canalizam nossas percepções e suscitam emoções ao afirmar que

> As instituições dirigem sistematicamente a memória individual e canalizam nossas percepções para formas compatíveis com as relações que elas autorizam. Elas fixam processos que são essencialmente dinâmicos, ocultam as influências que eles exercem e suscitam emoções relativas a questões padronizadas e que alcançam um diapasão igualmente padronizado.

Esses conflitos e tensões não foram observados, por exemplo, durante a cerimônia de celebração de Acordo de Cooperação entre UFC e a embaixada dos Estados Unidos para instalação do escritório do *Education USA* na UFC, nem durante as visitas de cortesia dos representantes governamentais à Reitoria. Isso pode ser explicado, em parte, pelo fato de que essas ocasiões envolveram interesses convergentes entre as partes, voltados à viabilização de iniciativas estratégicas e à captação de recursos institucionais.

Tal qual na situação social descrita por Gluckman (1987), em que a ponte inaugurada na Zululândia era o centro dos interesses de europeus e zulus, unindo-os em uma cerimônia comum, no caso da UFC, os encontros com representantes governamentais também envolvia interesses comuns, o que contribuiu para modular o comportamento dos indivíduos presentes nos eventos. Isso ocorre porque, na perspectiva de Gluckman (1987, p. 279), "nessa situação de cooperação, o poder do governo e a base cultural de seus representantes organizam as ações de grupos e indivíduos dentro de um padrão que exclui o conflito", ocorrendo, portanto, uma fusão de interesses.

Durante a gestão da internacionalização no período de 2023 a 2025, podemos destacar um aspecto simbólico, que consiste no uso dos espaços físicos durante as visitas diplomáticas. Normalmente, os encontros com representantes governamentais ocorriam em locais de importância institucional e histórica para a UFC, como o Salão Dourado e a Sala do reitor, reforçando a institucionalidade e o *status* da Universidade. Gluckman faz um paralelo semelhante ao descrever como a cerimônia de inauguração da ponte ocorreu dentro de um contexto planejado para reforçar as relações de poder entre africanos e europeus.

O posicionamento físico dos participantes durante as reuniões sugere uma coreografia social estruturada: os diplomatas estrangeiros são recebidos com honras, os docentes apresentam suas pesquisas de forma ordenada, e há um momento protocolar para entrega de presentes e trocas simbólicas. Sobre esse aspecto, Gluckman (1987) enfatiza que pequenos gestos e interações formais podem revelar estruturas sociais mais amplas.

Na perspectiva de Gluckman (1987), as relações sociais têm dois aspectos: a divisão (como vimos nas palestras) e a fusão (como vimos nos eventos com representantes governamentais), os quais são inerentes à natureza de uma estrutura social. Na divisão, interesses divergentes tendem a romper com a relação, enquanto na fusão, os interesses divergentes tendem a ser reconciliados por meio de laços comuns em sistema de coesão social.

Outro aspecto relevante a ressaltar é que mesmo com a mudança da Administração Superior em 2023, não ocorre mudança no padrão de gestão da internacionalização, o que Gluckman (1987, p. 309) denominaria de "sistema social repetitivo", isto é, mesmo que indivíduos membros do grupo tenham mudado, não houve

mudança no caráter ou no padrão das relações.

Mesmo com a realização do I Seminário de Internacionalização da UFC, ocorrido em agosto de 2024, que parecia ser uma fase liminar do processo de internacionalização da Universidade, um estado de passagem, nos termos de Turner (1976), é possível observar que a política de internacionalização segue de forma gradual, enquanto ocorre uma ampliação das ações de empreendedorismo e inovação. Logo após a realização do Seminário, em 30 de setembro de 2024, a Pró-Reitoria passou por nova mudança em sua estrutura, passando a se chamar "Pró-Reitoria de Inovação e Relações Interinstitucionais", com a finalidade de fortalecer a estrutura de inovação na UFC, e diminuir o hiato entre a academia e o setor empresarial (UFC, 2024m).

Tal qual Gluckman (1987) utilizou a inauguração de uma ponte para evidenciar as hierarquias coloniais na África do Sul, os eventos aqui descritos e analisados revelam dinâmicas de poder, cooperação e dependência acadêmica na UFC, que nos levam a compreender a internacionalização institucional como hegemônica, nos termos de Perrota (2016). A partir desses eventos, observam-se algumas características predominantes na gestão da internacionalização da UFC, como mostra o Quadro 12:

Quadro 12- Gestão da internacionalização da UFC (2019-2025)

Dimensões de análise	**Evidências observadas**
Aspectos da internacionalização institucional	• Instrumentalização da internacionalização para atendimento de demandas de mercado; • Insuficiência de financiamento de políticas pelo Estado brasileiro, o que induz a UFC a buscar outras fontes de recursos; • Conformação da política de internacionalização à das agências de fomento; • Promoção de eventos de divulgação de oportunidades de mobilidade acadêmica; • Recepção de representantes de instituições acadêmicas e governamentais estrangeiras; • Falta de reciprocidade nas relações internacionais; • UFC como cliente das instituições internacionais; • Hegemonia da língua inglesa; • Ensino da língua e da cultura como forma de dominação cultural; • Uso da "cooperação" como um instrumento da colonialidade do saber.

Fonte: Elaboração própria (2025).

As evidências apresentadas no Quadro 12 mostram que as situações sociais aqui analisadas ratificam que a internacionalização da UFC não pode ser compreendida fora da matriz de poder que conforma a modernidade/colonialidade (Quijano, 2005; Mignolo, 2003).

A subserviência nas parcerias com países do Norte Global, a instrumentalização da cooperação acadêmica como mecanismo de mercado e a hegemonia da língua inglesa são expressões da colonialidade do saber, que mantém o eurocentrismo como parâmetro de excelência e legitimação. Do mesmo modo, a dependência de recursos externos e a busca por legitimação junto a universidades estrangeiras refletem a colonialidade do poder, que posiciona instituições do Sul em papéis periféricos no sistema internacional de produção de conhecimento.

Por fim, os comentários dos estudantes durante os eventos virtuais revelam a dimensão subjetiva da colonialidade, o que Maldonado-Torres (2007) denomina colonialidade do ser, marcada pela experiência cotidiana de exclusão, pela frustração diante da impossibilidade material de realizar a mobilidade acadêmica e pelo sentimento de inferioridade frente a um modelo inalcançável de internacionalização.

Diante desse *ethos* institucional, tal qual Gluckman (1987) fez em seu estudo de caso detalhado recorrendo aos processos históricos que produziram a estrutura social da Zululândia[65], recorri à história da UFC para compreender como foi se formando esse projeto de internacionalização, buscando analisar como, quando, por que e em que circunstâncias históricas surgiu esse pensamento institucional (Douglas, 1998) acerca da internacionalização identificado na análise das situações sociais observadas nos eventos.

Esa trajetória histórica é fundamental para compreendermos a instituição como um todo, bem como os conflitos em disputa acerca da internacionalização no período contemporâneo. Trata-se, portanto, de apreender a historicidade da dimensão internacional e como se dá a produção de sentidos a ela na UFC, como será visto na seção seguinte.

---

[65] A análise da dimensão histórica, pressuposto da análise de situações sociais de Gluckman (1987), associada à descrição etnográfica possibilita conectarmos tudo "em um tapete de achados", nos termos de Abrantes (2022, p. 19), pois tanto reforça quanto revela dados que não poderiam ser compreendidos baseados exclusivamente no tempo presente.

5 “O UNIVERSAL PELO REGIONAL”: A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

> “...a educação se desenvolve na História, nasce na História e se transforma historicamente, assim como nós nos construímos historicamente” (Freire, 2021b, p. 28).

Neste capítulo, a partir da análise de documentos históricos e institucionais, apresento como se deu a construção da dimensão internacional da internacionalização na UFC desde a fundação da Universidade até os anos 2025, dividindo-o em três momentos históricos.

Na primeira seção, intitulada “Notas etnográficas: Viajando no tempo por meio de documentos históricos”, relato minha experiência etnográfica com a análise de documentos históricos.

Na segunda seção, intitulada “Um resgate histórico sobre a formação de um pensamento institucional voltado à internacionalização na Universidade Federal do Ceará (1954 a 1967)”, apresento como se deu a formação da dimensão internacional durante os doze anos da gestão do primeiro Reitor da UFC, Prof. Antônio Martins Filho, cujas ideias têm forte sedimentação na Administração Superior da Universidade até os dias atuais.

Na terceira seção, intitulada “A expansão da dimensão internacional na Universidade Federal do Ceará (1970 a 1990)”, mostro como ocorreu a difusão da internacionalização sobretudo a partir do surgimento dos primeiros cursos de pós-graduação.

Na quarta seção, intitulada “A consolidação de uma política de internacionalização na Universidade Federal do Ceará (2000 a 2025)”, mostro como foi sendo institucionalizada a política de internacionalização da Universidade, principalmente a partir da implementação do Programa CsF.

Por fim, na última seção, intitulada “O percurso da política de internacionalização da Universidade Federal do Ceará”, sintetizo a trajetória histórica da internacionalização na UFC.

5.1 Notas etnográficas: Viajando no tempo por meio de documentos históricos.

Ao saber sobre a retomada do Convênio com a Universidade do Arizona ocorrido em 2022 (UFC, 2022a), por sua relevância histórica para o fomento à internacionalização da Universidade, fui instigada a buscar compreender como se deu o processo de instituição de uma política de internacionalização na Universidade.

Assim, tal qual Gluckman (1987) fez ao analisar os processos históricos que produziram as relações interdependentes entre europeus e zulus na Zululândia, recorri aos documentos históricos da Universidade a fim de compreender como foram produzidas as relações entre a UFC e o mundo em diferentes períodos da história da Universidade.

Para resgatar esse processo histórico, realizei visitas ao Memorial da UFC a fim de acessar e analisar boletins produzidos pelo Departamento de Educação e Cultura (DEC), unidade, àquela época, vinculada à Reitoria e responsável pelas relações internacionais da UFC, cujo gestor era o docente Valnir Chagas[66]. As visitas tinham como finalidade encontrar elementos que mostrassem como a Universidade despertou para a dimensão internacional, quais os discursos e práticas produzidos desde então e como foram se transformando (ou não) ao longo do tempo.

Na primeira visita ao Memorial, no dia 16 de setembro de 2022, pisei no mesmo espaço onde funcionava o Departamento de Educação e Cultura (DEC), onde se desenvolvia a política de internacionalização da Universidade. Fui recebida pelo historiador do Memorial, quem me ofereceu luvas e máscaras para analisar os boletins históricos produzidos no período de 1956 a 1971, documentos que compunham o acervo particular do Prof. Antônio Martins Filho.

Os escritos, com suas folhas amareladas, constituíram-se em uma relevante fonte documental. Lê-los foi como realizar uma verdadeira viagem no tempo, pois revelam como se deu o processo de construção da Universidade, além de conter memórias

[66] De acordo com Silva (2021), Valnir Chagas pode ser considerado um intelectual orgânico da ditadura, pois contribuiu para a formulação, difusão e implementação de um projeto educacional e cultural autoritário no país. O docente protagonizou a materialização dos fundamentos e diretrizes da chamada Pedagogia Tecnicista, que incorporara nas políticas educacionais e instituições de ensino, princípios, valores e técnicas próprias da dinâmica empresarial, como a produtividade, o controle da atividade docente, a meritocracia e a eficiência. Esse processo de "modernização" da educação brasileira, segundo Silva (2021), foi orientado pela lógica dos acordos MEC-USAID, parcerias e cooperações entre o Ministério da Educação e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, como veremos adiante.

sobre o início das relações internacionais na UFC. Eles traziam um texto introdutório escrito e assinado pelo Reitor, os quais expressavam as ideias e os planos sobre a Universidade. Em seguida, eram registradas notícias, deliberações do Conselho Universitário, execução orçamentária e publicações de portarias de atos administrativos.

Foi interessante encontrar nos escritos acontecimentos que ocorrem até hoje, a exemplo do "Portas Abertas", evento que ocorre no final do ano, quando as portas do Gabinete do Reitor são abertas à comunidade universitária. Além disso, foi possível identificar sobrenomes tradicionais de docentes, cujas gerações ainda compõem o quadro de gestores da Universidade, o que revela o quanto a UFC tende a ser institucionalmente conservadora e patrimonialista.

Ao analisar os documentos, inicialmente, senti-me como uma antropóloga de Gabinete, tentando compreender uma cultura institucional debruçada sobre narrativas de terceiros. Esse sentimento me levou a questionar quão antropológica era de fato minha pesquisa, já que diferentemente da observação participante, a leitura de documentos não possibilita discernir as "piscadelas" (Geertz, 1989).

Além disso, pelo exercício da minha função, em que parte da minha rotina de trabalho é escrever documentos oficiais, eu sabia que nem sempre o discurso corresponde à prática, o que me levava a questionar se as ideias postas naqueles boletins expressavam de fato a realidade da instituição naquele momento histórico. Contudo, compreendo, da mesma forma que Abrantes (2023, p. 132), que esse processo de

> investigar o passado no presente pode ser desconfortável para todos os participantes e os envolvidos no cenário pós-colonial, mas, por outro lado, pode também ser um caminho para criarmos elos de convívio e práticas democráticas.

Ao longo da pesquisa, foi possível compreender o quanto esses registros expressam e materializam disputas, classificações e discursos que constroem um pensamento institucional em torno da internacionalização em determinado tempo. Ademais, ao conjugar a leitura dos relatos históricos, com a observação dos eventos na atualidade, fui percebendo que o que parecem ser novos, na verdade são velhos problemas da Universidade, a exemplo dos cortes orçamentários relatados pelo Reitor Antônio Martins Filho em seu livro intitulado "História Abreviada da UFC", de 1996.

> Na realidade, a situação das Universidades Federais, de dia para dia, ia se tornando muito difícil. As medidas restritivas na distribuição e liberação de verbas se acentuavam, tornando praticamente inexequível o planejamento aprovado no início do exercício, com base nas dotações orçamentárias e oriundos do Fundo Patrimonial. (Martins Filho, 1996, p. 194).

Essas restrições orçamentárias, desde então, induzem a Universidade a buscar no mercado parcerias nacionais e internacionais a fim de conseguir outras fontes de recursos.

Por meio da análise dos documentos históricos foi possível observar elementos relacionados ao processo de internacionalização da UFC que se mantém e outros que se transformam ao longo da história da Universidade, o que nos remete a Turner (2008, p. 12) quando diz que "a cultura, em qualquer sociedade, em qualquer momento, é mais o despojo ou o resíduo de sistemas ideológicos anteriores do que um sistema em si mesmo, um todo coerente", como veremos nas próximas seções.

5.2 Um resgate histórico sobre a formação de um pensamento institucional voltado à internacionalização na Universidade Federal do Ceará (1954 a 1967)

A UFC foi criada pela Lei nº 2.373 em 16 de dezembro de 1954 e instalada em 25 de junho de 1955 (UFC, 2023j), dentro de um contexto desenvolvimentista pós-Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O Prof. Antônio Martins Filho, o primeiro reitor da UFC entre 1955 e 1967, entendia que a Universidade tinha um compromisso com questões coletivas com vistas a contribuir para o desenvolvimento regional como um meio de se atingir o universal. No boletim nº 11, de 1958, o então reitor compreende que

> a missão que incumbe à Universidade moderna de, assimilando o espírito da época em que vivemos, cooperar com o Poder Público, na solução de problemas da coletividade. Essa missão, na nossa hipótese, deve constituir-se o substrato de todas as atividades universitárias, imprimindo características e conteúdo regionais ao estudo das diversas especializações. É que, situada numa área geográfica ainda subdesenvolvida, a Universidade do Ceará tem para com o meio os mais sérios compromissos, cabendo-lhe influir decisivamente na recuperação econômica e social do Nordeste. (UFC, 1958b, p.2).

O entendimento do Prof. Martins Filho era de que a Universidade deveria buscar a universalidade dos conhecimentos a fim de equacionar os problemas regionais. Foi a partir dessa perspectiva desenvolvimentista, durante o I Seminário Anual de Professores realizado em 1959, que surgiu a filosofia que conduz a política educacional da UFC até os dias atuais: "o universal pelo regional" (UFC, 1959c). O Seminário, segundo o então reitor, Prof. Martins Filho, teve como objetivo fazer a Universidade "voltar-se para si mesma, procurando saber o que ela própria é, porque foi criada e para que existe" (UFC, 1965, p. 88).

Na visita ao Memorial da UFC, fui recebida por um historiador, quem me apresentou o acervo e me deu informações relevantes sobre essa Universidade que já começou querendo ser internacional a partir da realização da Embaixada Clóvis Beviláqua, que consistiu em uma excursão de cinco bacharelandos da Faculdade de Direito, realizada em 1949, antes da fundação da UFC, e liderada pelo Prof. Antônio Martins Filho, com destino a países europeus como Portugal, Espanha, França, Suíça e Itália, com a finalidade de realizar uma "visita de cordialidade e de intercâmbio cultural à nobre e veneranda Universidade de Coimbra e bem assim a outros Centros Universitários do Velho Mundo", segundo consta nos registros da Revista da Faculdade de Direito do Ceará (1949, p. 308).

A ideia de realizar um intercâmbio cultural pela Europa parecia, a princípio, "irrealizável", devido à falta de recursos orçamentários. Contudo, de acordo com a Revista da Faculdade de Direito do Ceará (1949, p. 308), o Prof. Martins Filho "assumiu pessoalmente inteira responsabilidade quanto à parte financeira da viagem". Assim, no dia 19 de julho de 1949, os estudantes partiram a bordo do navio nacional Mauá, do Porto de Recife com destino à Europa, onde tiveram a oportunidade de conhecer universidades, museus, embaixadas, importantes equipamentos culturais e históricos do Velho Mundo, além de experimentarem a cultura de cada lugar.

A excursão, considerada à época um empreendimento "arrojado" e um "luxo", logo ganhou destaque no noticiário da imprensa do Rio de Janeiro e de Portugal, como mostra o registro a seguir:

> PARIS, 16 (A.F.P.) - Pela primeira vez nos anais das relações universitárias internacionais, uma delegação de um Estado do norte do Brasil visita a Europa. Trata-se de uma delegação da Faculdade de Direito de Fortaleza, do Estado do

> Ceará, que, sob a direção do Professor Antônio Martins Filho, se encontra atualmente em Paris, depois de ter visitado sucessivamente Portugal e Espanha, onde os jovens estudantes passaram nove dias (Faculdade de Direito do Ceará, 1949, p. 320).

Como vemos, a Universidade do Ceará, como era chamada a UFC, desde antes de sua fundação, já tinha a ideia de que uma universidade se realiza internacionalmente. Além disso, mesmo que nesse período houvesse universidades consolidadas na América Latina[67], a referência de universidade era a europeia[68] e, posteriormente, como veremos, a estadunidense.

Minhas visitas ao Memorial envolveram análise de documentos históricos, que contam a história oficial da Universidade. A principal fonte documental constituiu-se nos boletins produzidos entre 1956 e 1971. Entre as décadas de 1970 a 1990, segundo o historiador, há poucos registros documentais sobre a Universidade. Quando questionado se essa falta de registro teria de algum modo relação com o período da Ditadura Militar no Brasil, quando havia censura e supressão de informações, ele informou que está mais relacionada à própria dinâmica da Universidade, à falta de interesse institucional em realizar esse arquivo.

Os boletins imortalizam as ideias e ações que deram início à UFC e revelam como se deram as primeiras políticas de internacionalização da Universidade. A análise dessa fonte documental mostra que a primeira visita recebida foi do embaixador de Portugal em 15 de julho 1956, conforme Figura 17[69]:

---

[67] Segundo Pereira (2011), a primeira universidade latino-americana foi a de Santo Domingo, instalada pelos espanhóis em 1538 na República Dominicana. Depois, a de San Marcos, em Lima, no Peru, e a da Cidade do México, no México, fundadas no ano de 1551. Essas universidades foram criadas com o objetivo de difundir, principalmente, o pensamento cristão e impedir a divulgação do protestantismo que ocorria na Europa.

[68] As universidades do Sul Global foram, desde o início, moldadas por um projeto civilizatório ocidental, que tinha na ciência moderna seu paradigma de progresso e razão (Sousa Santos, 1988). Esse projeto trouxe (e traz) consigo um modo de produzir conhecimento eurocêntrico e culmina em uma dependência epistemológica que faz do conhecimento, nos termos de Mignolo (2017), uma mercadoria de exportação da modernização.

[69] As imagens apresentadas, extraídas dos boletins históricos, foram registradas por meio de celular e recortadas para apresentação nesta pesquisa.

Figura 17- Visita do embaixador de Portugal à UFC

O EMBAIXADOR DE PORTUGAL VISITA A REITORIA

Quando de sua estada em Fortaleza, onde se demorou alguns dias, o Exmo. Sr. Embaixador de Portugal, Dr. Antônio de Faria, visitou a sede da Reitoria da Universidade, às 11 horas do dia 15 de julho corrente. S. Exª. se fêz acompanhar do Cônsul português no Ceará, Sr. Alexandre Vidal, e de membros da Colônia Portuguêsa. Por ocasião do coquitel que lhe foi oferecido, usou da palavra o Magnífico Reitor, Prof. Antônio Martins Filho, que, em brilhante improviso, saudou o ilustre visitante, ressaltando as afinidades culturais luso-brasileiras.

Agradecendo as palavras que lhe foram dirigidas, o Dr. Antônio de Faria salientou a necessidade de mais estreitas relações entre o Brasil e Portugal, acrescentando que, nesse sentido, muito poderia fazer a Universidade do Ceará. Sugeriu, para tanto, um entendimento posterior entre a Reitoria e a Embaixada de Portugal no Rio, visando à concessão de bôlsas de estudo em Universidades Portuguêsas, à realização de cursos de extensão por intelectuais lusitanos no Ceará e a outras providências de iniciativa cultural.

Durante sua permanência na capital cearense, o Exmo. Sr.

8

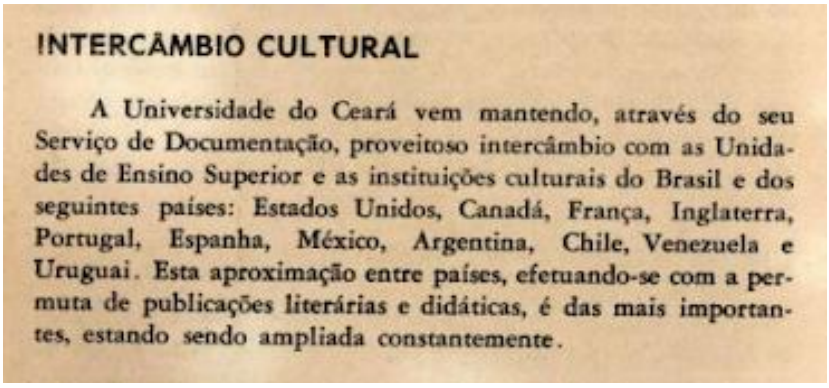
O Embaixador de Portugal, Doutor Antônio de Faria, em palestra com o Magnífico Reitor, Prof. Antônio Martins Filho, por ocasião de sua visita à Reitoria.

Fonte: Boletim nº 01, julho de 1956, p. 8 (UFC, 1956).

Observamos que a inserção da dimensão internacional na UFC ocorreu logo no início da implantação da Universidade, sendo marcada em 1957 pela criação da Divisão de Intercâmbio e Expansão Cultural, vinculada ao Departamento de Educação e Cultura (DEC). Nesse período, as relações internacionais da UFC envolviam, principalmente, a visita de representantes governamentais estrangeiros, como embaixadores, cônsules, professores estrangeiros, bem como por viagens do reitor e alguns docentes ao exterior em busca de estabelecer cooperações.

Encontramos nos escritos intercâmbios estabelecidos tanto com países europeus, quanto latino-americanos, como mostra a Figura 18:

Figura 18– Intercâmbio cultural.



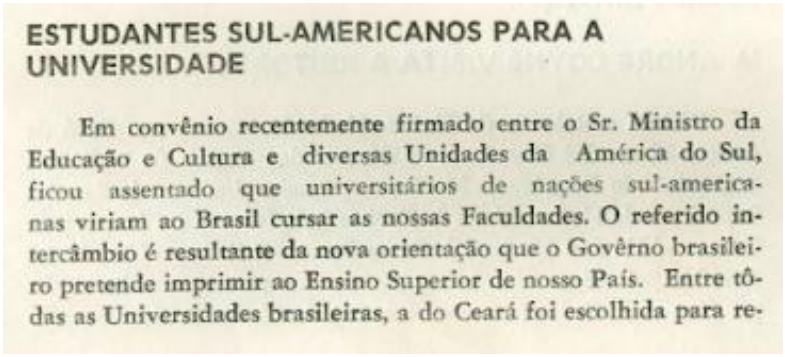
INTERCÂMBIO CULTURAL

A Universidade do Ceará vem mantendo, através do seu Serviço de Documentação, proveitoso intercâmbio com as Unidades de Ensino Superior e as instituições culturais do Brasil e dos seguintes países: Estados Unidos, Canadá, França, Inglaterra, Portugal, Espanha, México, Argentina, Chile, Venezuela e Uruguai. Esta aproximação entre países, efetuando-se com a permuta de publicações literárias e didáticas, é das mais importantes, estando sendo ampliada constantemente.

Fonte: Boletim nº 8, jan-fev, 1958, p. 13. (UFC, 1958a).

Na década de 1950, a Universidade também recebia alunos oriundos de países sul-americanos, como mostra a Figura 19:

Figura 19– Estudantes sul-americanos para a Universidade.



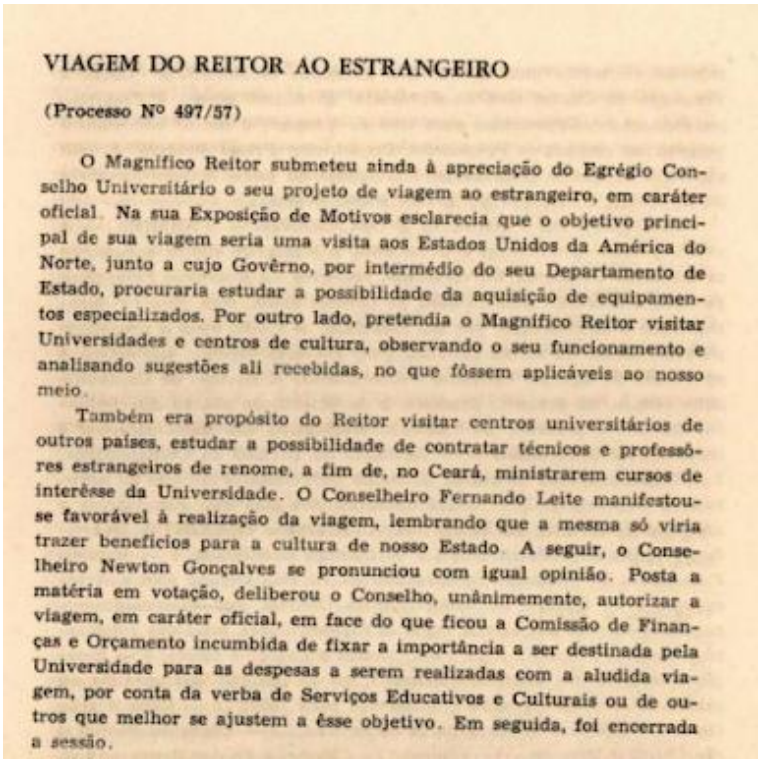
ESTUDANTES SUL-AMERICANOS PARA A UNIVERSIDADE

Em convênio recentemente firmado entre o Sr. Ministro da Educação e Cultura e diversas Unidades da América do Sul, ficou assentado que universitários de nações sul-americanas viriam ao Brasil cursar as nossas Faculdades. O referido intercâmbio é resultante da nova orientação que o Govêrno brasileiro pretende imprimir ao Ensino Superior de nosso País. Entre tôdas as Universidades brasileiras, a do Ceará foi escolhida para re-

Fonte: Boletim nº 11, mar-abr, 1958, p. 10-11. (UFC, 1958b).

A primeira missão ao exterior do então reitor Martins Filho, com o apoio de embaixadas e escritórios comerciais no Brasil, foi para os Estados Unidos para visita às Universidades e instituições oficiais. O reitor visitou também Canadá e México, como mostra o registro no boletim nº 5, constante na Figura 20:

Figura 20- Viagem do reitor ao estrangeiro.



VIAGEM DO REITOR AO ESTRANGEIRO

(Processo Nº 497/57)

O Magnífico Reitor submeteu ainda à apreciação do Egrégio Conselho Universitário o seu projeto de viagem ao estrangeiro, em caráter oficial. Na sua Exposição de Motivos esclarecia que o objetivo principal de sua viagem seria uma visita aos Estados Unidos da América do Norte, junto a cujo Govêrno, por intermédio do seu Departamento de Estado, procuraria estudar a possibilidade da aquisição de equipamentos especializados. Por outro lado, pretendia o Magnífico Reitor visitar Universidades e centros de cultura, observando o seu funcionamento e analisando sugestões ali recebidas, no que fôssem aplicáveis ao nosso meio.

Também era propósito do Reitor visitar centros universitários de outros países, estudar a possibilidade de contratar técnicos e professôres estrangeiros de renome, a fim de, no Ceará, ministrarem cursos de interêsse da Universidade. O Conselheiro Fernando Leite manifestou-se favorável à realização da viagem, lembrando que a mesma só viria trazer benefícios para a cultura de nosso Estado. A seguir, o Conselheiro Newton Gonçalves se pronunciou com igual opinião. Posta a matéria em votação, deliberou o Conselho, unânimemente, autorizar a viagem, em caráter oficial, em face do que ficou a Comissão de Finanças e Orçamento incumbida de fixar a importância a ser destinada pela Universidade para as despesas a serem realizadas com a aludida viagem, por conta da verba de Serviços Educativos e Culturais ou de outros que melhor se ajustem a êsse objetivo. Em seguida, foi encerrada a sessão.

Fonte: Boletim nº 5, mar-abr, 1957, p. 31. (UFC, 1957).

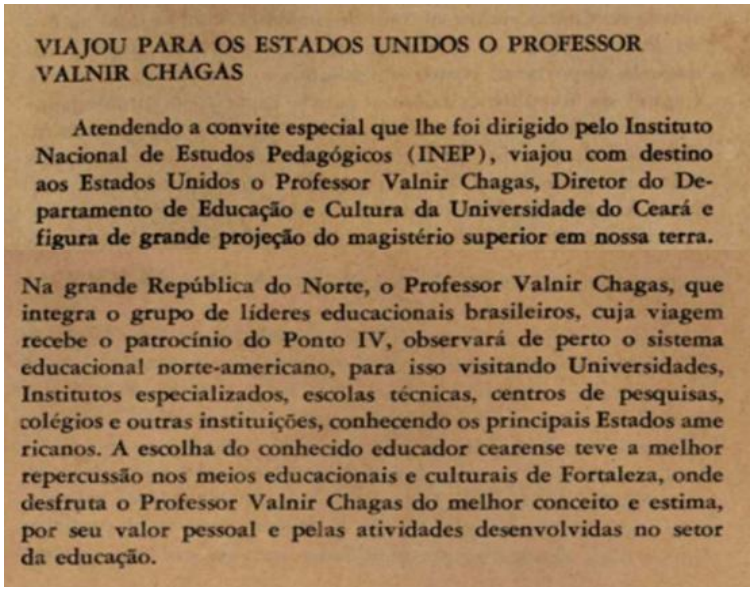
Maia (2005), em sua obra intitulada “Do Nacional-Desenvolvimentismo à Internacionalização no Brasil Subnacional: o caso do Ceará”, mostra que a UFC foi pioneira no Estado em buscar, por meio das relações internacionais, recursos para complementar o financiamento de programas.

Assim, em 1959, já apareciam no planejamento da UFC, objetivos voltados à educação internacional. Entre os objetivos, descritos no Boletim nº 17, de 1959, constavam a “intensificação dos serviços de intercâmbio com Universidades e outras instituições culturais, nacionais e estrangeiras” e “estágios de Professores em outros centros universitários, instituições científicas e culturais do País e do estrangeiro” (UFC, 1959a, p. 132).

Nesse mesmo ano, o Prof. Valnir Chagas, diretor do Departamento de Educação e Cultura (DEC), docente da Faculdade de Educação e um dos principais autores da Reforma Universitária de 1968, viajou aos Estados Unidos para conhecer o sistema educacional estadunidense, possivelmente o início de um trabalho de campo a

fim de incorporar nas políticas educacionais e instituições de ensino brasileiras a pedagogia tecnicista, que culminou em 1968 na Reforma Universitária, como atesta a Figura 21:

Figura 21- Viajou para os Estados Unidos o Professor Valnir Chagas.



VIAJOU PARA OS ESTADOS UNIDOS O PROFESSOR VALNIR CHAGAS

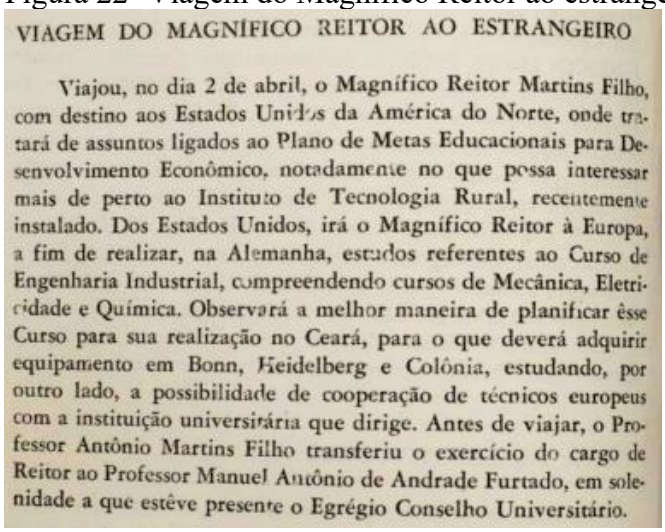
Atendendo a convite especial que lhe foi dirigido pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), viajou com destino aos Estados Unidos o Professor Valnir Chagas, Diretor do Departamento de Educação e Cultura da Universidade do Ceará e figura de grande projeção do magistério superior em nossa terra.

Na grande República do Norte, o Professor Valnir Chagas, que integra o grupo de líderes educacionais brasileiros, cuja viagem recebe o patrocínio do Ponto IV, observará de perto o sistema educacional norte-americano, para isso visitando Universidades, Institutos especializados, escolas técnicas, centros de pesquisas, colégios e outras instituições, conhecendo os principais Estados americanos. A escolha do conhecido educador cearense teve a melhor repercussão nos meios educacionais e culturais de Fortaleza, onde desfruta o Professor Valnir Chagas do melhor conceito e estima, por seu valor pessoal e pelas atividades desenvolvidas no setor da educação.

Fonte: Boletim, nº 20, set-out, 1959, p. 403-404 (UFC, 1959b).

Ainda em 1959, dois anos depois da primeira viagem aos Estados Unidos, o reitor, Prof. Martins Filho realizou nova viagem aos Estados e à Europa com o objetivo de captar recursos para cooperação internacional, como mostra a Figura 22:

Figura 22- Viagem do Magnífico Reitor ao estrangeiro.



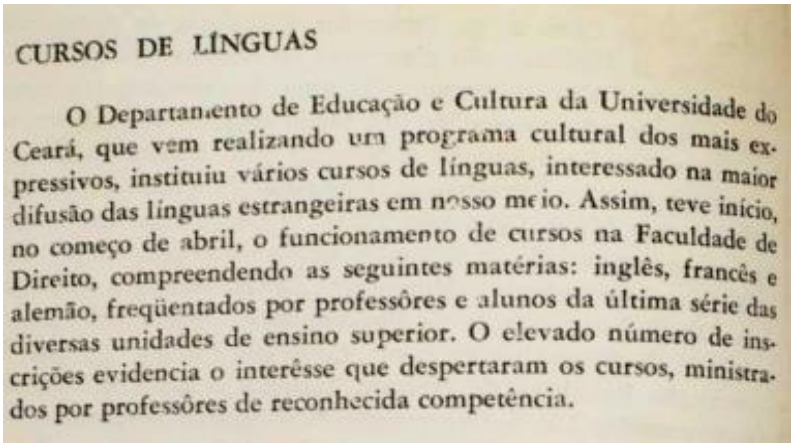
VIAGEM DO MAGNÍFICO REITOR AO ESTRANGEIRO

Viajou, no dia 2 de abril, o Magnífico Reitor Martins Filho, com destino aos Estados Unidos da América do Norte, onde tratará de assuntos ligados ao Plano de Metas Educacionais para Desenvolvimento Econômico, notadamente no que possa interessar mais de perto ao Instituto de Tecnologia Rural, recentemente instalado. Dos Estados Unidos, irá o Magnífico Reitor à Europa, a fim de realizar, na Alemanha, estudos referentes ao Curso de Engenharia Industrial, compreendendo cursos de Mecânica, Eletricidade e Química. Observará a melhor maneira de planificar êsse Curso para sua realização no Ceará, para o que deverá adquirir equipamento em Bonn, Heidelberg e Colônia, estudando, por outro lado, a possibilidade de cooperação de técnicos europeus com a instituição universitária que dirige. Antes de viajar, o Professor Antônio Martins Filho transferiu o exercício do cargo de Reitor ao Professor Manuel Antônio de Andrade Furtado, em solenidade a que estêve presente o Egrégio Conselho Universitário.

Fonte: Boletim, nº 17, mar-abr., 1959, p. 8 (UFC, 1959a).

Além da mobilidade de docentes e estudantes e a busca por parcerias internacionais, a educação internacional, naquele período, também envolvia o aprendizado de línguas estrangeiras, como mostra a Figura 23:

Figura 23-Curso de línguas



CURSOS DE LÍNGUAS

O Departamento de Educação e Cultura da Universidade do Ceará, que vem realizando um programa cultural dos mais expressivos, instituiu vários cursos de línguas, interessado na maior difusão das línguas estrangeiras em nosso meio. Assim, teve início, no começo de abril, o funcionamento de cursos na Faculdade de Direito, compreendendo as seguintes matérias: inglês, francês e alemão, freqüentados por professôres e alunos da última série das diversas unidades de ensino superior. O elevado número de inscrições evidencia o interêsse que despertaram os cursos, ministrados por professôres de reconhecida competência.

Fonte: Boletim nº 17, mar-abr., 1959, p. 8 (UFC, 1959a).

Foi na década de 1960, muito antes da criação dos cursos de Letras, que foram criadas as Casas de Cultura Estrangeiras[70], que tinham, naquela época, a função de promover as culturas dos países. Atualmente, as Casas de Cultura Estrangeiras constituem-se em um equipamento de internacionalização da Universidade, tendo como finalidade promover "a difusão de conhecimentos e a divulgação dos valores artísticos e culturais, bem como a internacionalização da instituição" (UFC, 2022, p. 1). Além de serem responsáveis pela elaboração e aplicação de exames de proficiência para candidatos das seleções para os cursos de pós-graduação local e nacionalmente.

Em 1961, o reitor realizou uma terceira viagem aos Estados Unidos a convite do Departamento de Estado a fim de visitar as Universidades da Flórida, Carolina do Norte, Duke e Richmond, além da agência *Tenessee Valley Authority* (TVA), que serviu de inspiração para a criação da SUDENE. Como resultado dessas missões aos Estados Unidos, consta no Boletim nº 41 que, em 1963, foi formalizado um importante convênio internacional entre a UFC, a SUDENE, a Agência para o Desenvolvimento Internacional

[70] As Casas de Cultura Estrangeiras, atualmente, estão sob responsabilidade da direção do Centro de Humanidades e da Pró-Reitoria de Extensão, sendo composta pelas Casa de Cultura Hispânica (1961), Alemã (1962), Italiana (1963), Britânica (1964), Portuguesa (1964) e Francesa (1968).

(USAID) e o Ministério da Educação e Cultura. Esse primeiro convênio com a Universidade do Arizona tinha como objetivo “dar condições técnicas e materiais para que sejam atingidos os fins que se encontram estreitamente ligados à sistemática que impede o desenvolvimento econômico e social do Brasil”, disse o vice-diretor da USAID no Nordeste, Sr. Arthur Byrnes, durante o ato de assinatura, ocorrido na sala do Conselho Universitário (UFC, 1963a, p. 130), como registra a Figura 24:

Figura 24- Assinatura do Acordo UFC/MEC/USAID.

Fonte: Boletim nº 41, mar/abr., 1963, p. 130. (UFC, 1963a)

Segundo dados do Boletim n° 41, a Universidade do Arizona auxiliou na formação de técnicos em questões de agricultura no âmbito da Escola de Agronomia da UFC, o atual Centro de Ciências Agrárias (CCA). Como contrapartida, a USAID financiou um contrato de até 800 mil dólares para ampliação da Escola de Agronomia, além de treinamento de técnicos no exterior (UFC, 1963). A Figura 25 registra o encontro de docentes da Universidade do Arizona e da UFC:

Figura 25- Visita de professores da Universidade do Arizona após assinatura do convênio em 1963.

Fonte: UFC (2022a).

O primeiro convênio internacional da UFC, assinado com a Universidade do Arizona, fazia parte de um contexto político mais complexo. Segundo Maia (2005), esse convênio contou com recursos do projeto político estadunidense "Aliança para o Progresso", um programa que pretendia aplicar, num período de dez anos (1961 a 1970), US$ 20 bilhões fornecidos pelo governo dos Estados Unidos para serem aplicados em programas de distribuição de renda, eliminação do analfabetismo, reforma agrária, industrialização, habitação popular e na integração de economias latino-americanas. O projeto tinha como finalidade conter o avanço soviético na América Latina, que se deu principalmente após a Revolução Cubana em 1959. Assim, a cooperação internacional entre Estados Unidos e países da América Latina tinha como finalidade manter a segurança nacional e o domínio político-econômico da região (Lage, 2001).

Ainda em 1963, no âmbito do "Aliança para o Progresso", foi celebrado outro Acordo de Cooperação, sob o argumento da solidariedade, entre a UFC, a Organização dos Estados Americanos (OEA), a Universidade da Califórnia (UCLA) para desenvolvimento do Projeto *Morris Asimow*[71], um projeto idealizado por um professor estadunidense de mesmo nome, que tinha como objetivo a realização de uma pesquisa

[71] Esse projeto estadunidense foi posteriormente denominado RITA, e segundo Gomes (2020), foi suporte para o golpe civil-militar, pois serviu para detectar e espionar possíveis suspeitas de subversão no Nordeste brasileiro.

social e econômica, aliada ao treinamento da tecnologia rural e industrial e a implantação de média e pequena indústria no interior do Ceará (UFC, 1963b).

Assim, utilizando a força de trabalho do povo cearense e a matéria-prima local, o projeto *Morris Asimow* previa a industrialização do interior cearense, o que, de acordo com Neto (2025) gerou conflitos com os pequenos artesãos do Cariri e com integrantes do Instituto de Antropologia[72] que participavam do projeto, uma vez que esses defendiam uma abordagem que considerasse não apenas o crescimento econômico, mas também a preservação da cultura local e a participação da comunidade.

Seguindo a linha do tempo, em 1966 foi elaborado um Plano Diretor para o Desenvolvimento da UFC para o quinquênio 1966-1970, assinado pelo então reitor, Prof. Martins Filho, com a finalidade de obter financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para melhorias e ampliação da Universidade (UFC, 1966). Nesse período, em decorrência da instalação do regime militar no Brasil em 1964, as universidades passavam por restrições orçamentárias severas que comprometiam seu funcionamento. Sobre essas dificuldades financeiras, o Prof. Martins Filho, conta em seu livro intitulado "História Abreviada da UFC", lançado em 1996, que:

> Antes da Revolução de 1964, Reitores ainda se aventuravam a reagir contra os reiterados cortes de verba, as proibições de admissão de pessoal (até mesmo nos casos de substituições) e também contra outras medidas atentatórias à autonomia universitária. Com a nova ordem político-administrativa instalada a partir de março de 1964, achamos prudente silenciar ou, pelo menos atenuar aquele ardor com que lutávamos anteriormente. Na realidade, a situação das Universidades Federais, de dia para dia, ia se tornando muito difícil. As medidas restritivas na distribuição e liberação de verbas se acentuavam, tornando praticamente inexequível o planejamento aprovado no início do exercício, com base nas dotações orçamentárias e oriundos do Fundo Patrimonial. (Martins Filho, 1996, p. 194).

Em decorrência dessas restrições orçamentárias impostas pelo governo federal, a fim de assegurar a continuidade da expansão da Universidade, o Prof. Martins Filho conta que recorreu a um empréstimo junto ao BID na ordem de vinte e seis bilhões

[72] O Instituto de Antropologia foi uma instituição de pesquisa, ensino e preservação, vinculada à Universidade do Ceará, atual UFC, que atuou entre os 1958 e 1968, desenvolvendo atividades ligadas ao campo da Antropologia (Vieira, 2012).

e quatrocentos milhões de cruzeiros para “construir obras, instalar laboratórios, adquirir equipamentos e enriquecer o acervo bibliográfico” (Martins Filho, 1996, p. 195).

Como se vê, as relações internacionais da UFC na década de 1960 foram marcadas por uma hegemonia estadunidense (assim como em toda a América Latina) exercida sobretudo por meio de acordos de cooperação como o “Aliança para o Progresso” e o convênio MEC-USAID, em que a celebração de convênios internacionais funcionava não somente como uma forma de superar as restrições orçamentárias impostas pelo governo federal, mas também como um exercício de um poder simbólico (Bourdieu, 1989)[73], a fim de conter a ascensão de governos de esquerda nos países latino-americanos (Neto, 2025).

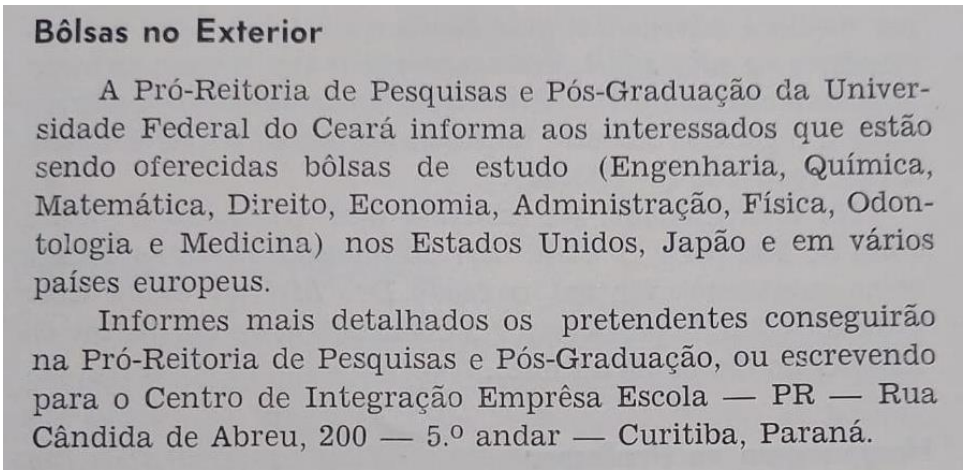
No tocante à gestão da UFC, ressalta-se que por ser o reitor que esteve à frente da gestão da UFC por mais tempo, de 1955 até 1967, suas ideias e práticas têm forte sedimentação na formação do pensamento institucional sobretudo no tocante à internacionalização, orientando a política educacional até os dias atuais.

5.3 A expansão da dimensão internacional na Universidade Federal do Ceará (1970 a 1990)

Na década de 1970, após os investimentos adquiridos no exterior para a expansão da UFC, foram criados os primeiros cursos de pós-graduação da Universidade, contribuindo para expandir a dimensão internacional. Nesse período, a análise dos boletins mostra que predominava a perspectiva sociocultural da internacionalização da UFC e que essa era marcada principalmente pela mobilidade de docentes e discentes, que recebiam bolsas para estudar no exterior, principalmente nos Estados Unidos e Europa, como mostram as Figuras 26 e 27:

[73] Bourdieu (1989) define poder simbólico como modo de dominação cultural e social, que opera de forma tácita e inconsciente, usando a linguagem, as instituições (especialmente a educação) e o capital simbólico para construir a realidade, impor classificações e obter o reconhecimento das pessoas.

Figura 26– Bolsas no exterior



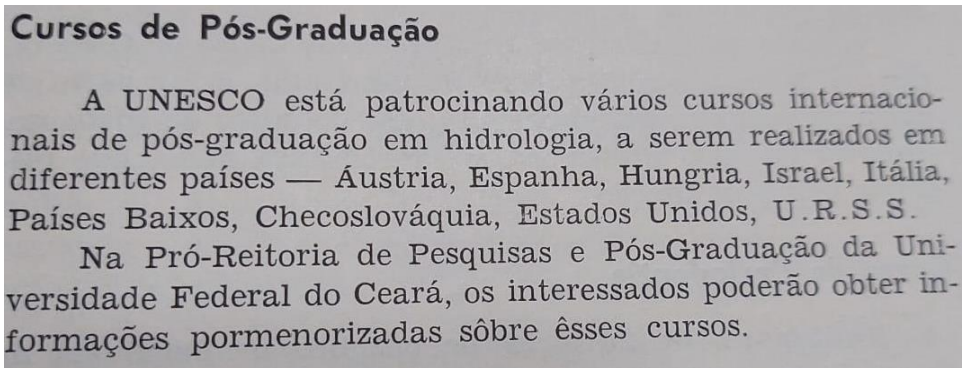
Bôlsas no Exterior

A Pró-Reitoria de Pesquisas e Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará informa aos interessados que estão sendo oferecidas bôlsas de estudo (Engenharia, Química, Matemática, Direito, Economia, Administração, Física, Odontologia e Medicina) nos Estados Unidos, Japão e em vários países europeus.

Informes mais detalhados os pretendentes conseguirão na Pró-Reitoria de Pesquisas e Pós-Graduação, ou escrevendo para o Centro de Integração Emprêsa Escola — PR — Rua Cândida de Abreu, 200 — 5.º andar — Curitiba, Paraná.

Fonte: Boletim, nº 86, set-out., 1970, p. 319 (UFC, 1970).

Figura 27– Cursos de pós-graduação patrocinados pela UNESCO.



Cursos de Pós-Graduação

A UNESCO está patrocinando vários cursos internacionais de pós-graduação em hidrologia, a serem realizados em diferentes países — Áustria, Espanha, Hungria, Israel, Itália, Países Baixos, Checoslováquia, Estados Unidos, U.R.S.S.

Na Pró-Reitoria de Pesquisas e Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará, os interessados poderão obter informações pormenorizadas sôbre êsses cursos.

Fonte: Boletim, nº 86, set-out., 1970, p. 331 (UFC, 1970).

Em 1974, a Divisão de Intercâmbio e Expansão Cultural tornou-se uma Comissão de Assuntos Internacionais, evoluindo em 1975 para Departamento de Assuntos Internacionais (DAI), que tinha como finalidade "oferecer o suporte necessário aos demais órgãos da Universidade no que se refere ao relacionamento com órgãos e entidades estrangeiras." (UFC, 1975, p. 135).

De acordo com o boletim datado de 15 de outubro de 1975, o DAI tinha as seguintes competências:

> 3 Contribuir para incrementar as relações da Universidade com instituições estrangeiras de educação, ciência e cultura, bem como com órgãos de intercâmbio acadêmico;
> 4 articular-se com a Comissão de Assuntos Internacionais do Ministério da Educação e Cultura e com o Departamento de Assistência Cultural do Itamaraty;

> 5 estabelecer intercâmbio cultural com o exterior, em consonância com a política do Governo e da Universidade;
> 6 contribuir para a intensificação do relacionamento cultural da Universidade com os demais países de língua portuguesa;
> 7 Promover, com regulamentação especial aprovada pelo conselho universitário a criação de casas de Cultura em cooperação com entidades culturais estrangeiras;
> 8 Coordenar programas multi universitários de visitas de professores estrangeiros comparecer sobre os objetivos da visita;
> 9 Encaminhar ao Reitor propostas de convites a professores estrangeiros comparecer sobre os objetivos da visita;
> 10 Acompanhar a execução dos planos e programas de atividades de professores estrangeiros na Universidade;
> 11 Adotar providências para que os professores estrangeiros sejam recebidos e assistidos durante sua permanência na Universidade;
> 12 Promover a intermediação da Universidade com as instituições estrangeiras que desejam receber professores ou alunos visitantes, bolsistas ou não;
> 13 Propor a afiliação da universidade ou de seus departamentos a instituições estrangeiras congêneres;
> 14 Promover contatos com adidos culturais das representações diplomáticas acreditadas no Brasil;
> 15 Manter assentamentos relativos ao afastamento de pessoal docente ou discente para o Exterior com fins culturais;
> 16 Fazer levantamento dos acordos culturais e de cooperação técnica em vigor no país;
> 17 Manter fichário do pessoal estrangeiro visitante com respectivo currículo abreviado e súmula dos relatórios de sua atividade durante a permanência na Universidade;
> 18 Manter fichário do pessoal da Universidade com experiência de viagens ao Exterior para visitas culturais, reuniões, congressos, bolsas, cursos ou estágios;
> 19 Exercer outras atribuições que se incluam no âmbito de sua competência. (UFC, 1975, p. 135)

Em 1987, o Departamento de Assuntos Internacionais foi transformado em Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI), que tinha como atribuições coordenar as relações da Universidade com instituições estrangeiras, por meio dos programas de mobilidade, especialmente o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e do estabelecimento de convênios com universidades estrangeiras.

Contextualmente, na década de 1990, com a globalização da economia e a abertura do País ao capital estrangeiro, exigiu-se da educação superior novas exigências de formação profissional. Além disso, com a introdução do neoliberalismo no Brasil, a educação superior brasileira passou por um processo acelerado de privatização e mercantilização. Nesse movimento, surge o termo “internacionalização”, que passa a ter

centralidade nas políticas educacionais por envolver o relacionamento entre as nações, os povos, as culturas, as instituições e os sistemas.

5.4 A consolidação de uma política de internacionalização na Universidade Federal do Ceará (2000 a 2025)

Nos anos 2000, no primeiro e no segundo mandatos do Governo Lula (2003-2010)[74], houve uma reconfiguração das relações internacionais, com o desenvolvimento de políticas para uma maior integração da América Latina e uma política comercial heterogênea e plural, sobressaindo o fomento à cooperação Sul-Sul, sobretudo com países como África do Sul, China e Índia (Ribeiro; Menezes, 2011).

Nessa perspectiva, dentre as 18 universidades criadas no Governo Lula (2003-2010), destacamos a Universidade Federal de Integração Latino-americana (UNILA) e a Universidade Federal de Integração Luso-afrobrasileira (UNILAB), criadas em 2010, ficando esta última sob a tutoria da UFC, com a finalidade de formar pessoas, contribuindo para a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos, promovendo, assim, o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional desses países.

No âmbito da UFC, para compreender o movimento institucional em torno da internacionalização nesse período, inicialmente, recorri à análise dos Relatórios de Gestão da Universidade no período de 2003 a 2024, buscando analisar o que foi realizado no âmbito da internacionalização, tal qual a análise dos boletins históricos. Contudo, identifiquei uma intermitência na apresentação dos dados, que poderia limitar a análise pretendida. Desse modo, optei por examinar os Planos de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFC, os quais só estão disponíveis na página da Universidade a partir de 2007,

[74] Nesse período, houve uma ampliação de políticas públicas de educação superior, a exemplo do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), instituído pelo Decreto nº 6.096/2007 e elaborado com base no discurso da UNESCO, que entende a educação superior como um bem público. O REUNI possibilitou a criação e reestruturação de universidades e institutos federais, o aumento do número de vagas e interiorização da Universidade.

com a finalidade de compreender a ideia de internacionalização vigente em diferentes gestões.

Ao analisarmos o PDI da UFC, de 2007 a 2011, relativo à gestão do reitor Jesualdo Pereira Farias[75] (2008-2015), é possível observar que a dimensão internacional da UFC era, ainda, restrita a dados sobre as Casas de Cultura Estrangeiras e menção à Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI) como unidade integrante do Gabinete da Reitoria, setor em que trabalho. Além de restritas possibilidades de mobilidade acadêmica, que era compreendida naquela gestão como uma forma de ampliar a formação dos estudantes a partir de uma perspectiva sociocultural, como mostra o trecho abaixo:

> A UFC também possibilita aos seus alunos uma formação mais ampla e uma visão mais abrangente da sociedade e do mundo de hoje, oferecendo-lhes a oportunidade de participar de vários programas de intercâmbio acadêmico ou de dupla diplomação em instituições de outros países. Os programas de intercâmbio, que podem durar um ou dois períodos letivos, permitem ao aluno cursar disciplinas em diversas universidades credenciadas e conveniadas, aproveitando os respectivos créditos conquistados em seu currículo – além da experiência sociocultural que isso representa para a formação do estudante. Ao mesmo tempo, a UFC recebe em seus campi, pelos mesmos convênios, alunos de vários continentes, aumentando assim a diversidade da comunidade acadêmica e enriquecendo-a. (UFC, 2007, p. 48).

Nesse período, a Universidade estava buscando fortalecer sua dimensão internacional, tendo como um dos seus princípios institucionais a consolidação da internacionalização, como mostra o trecho a seguir:

> A inserção internacional da universidade brasileira com participação de todos os setores acadêmicos torna-se obrigatória para enfrentar e vencer os desafios da contemporaneidade mundial. Essa preocupação é atualmente mais reforçada nas discussões sobre a Reforma do Ensino Superior, nas quais o tema da cooperação internacional tem importância indiscutível. A educação sempre foi absolutamente estratégica para o desenvolvimento das nações. Nos últimos anos, no contexto da chamada globalização, o valor da educação tornou-se mais evidente. Uma nação que não se compromete em sustentar um sistema de educação superior independente e qualificado, voltado para a formação de seu povo, para a geração e a disseminação do conhecimento, abdica, de fato, de sua soberania. A educação superior que associa ensino e pesquisa deve ser

[75] Possui graduação em Engenharia Mecânica pela Universidade de Fortaleza (1982), mestrado em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Santa Catarina (1985) e doutorado em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Santa Catarina (1993). Atuou na gestão universitária e, na UFC, já desempenhou as funções de chefe de Departamento, Coordenador de Curso de Pós-Graduação, Vice-Diretor de Centro, Diretor de Centro e Vice-Reitor. Foi Reitor da Universidade Federal do Ceará no período de abril de 2008 a abril de 2015 e foi Secretário de Educação Superior do MEC no período de abril de 2015 a maio de 2016. Foi Vice-Presidente e Presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior - ANDIFES. Foi Secretário das Cidades do Estado do Ceará.

> tratada, sem hesitação, como um dos mais preciosos e estratégicos investimentos na construção das nações contemporâneas. (UFC, 2007, p. 57).

Dentre as estratégias e ações inseridas no eixo de Planejamento e Gestão, encontram-se:

> 1. Consolidar a institucionalização da cooperação internacional.
> Ações: a. Fortalecer a estrutura de gestão da cooperação internacional; b. Criar mecanismos de apoio às ações dos coordenadores de projetos e convênios; c. Divulgar e aperfeiçoar os mecanismos de apoio aos estudantes de intercâmbio.
> 2. Fortalecer a atividade de internacional no ensino, pesquisa e extensão.
> Ações: b. Identificar demandas por cooperação internacional nas atividades de ensino, pesquisa e extensão; c. Articular com as Casas de Cultura o apoio à tradução de textos científicos para publicação internacional; d. Viabilizar condições operacionais nas instâncias acadêmicas; e. Identificar e disponibilizar informações sobre fontes de financiamento para a atividade internacional. (UFC, 2007, p. 75).

No PDI 2012, vigente na época em que ingressei na Universidade, essas estratégias e metas se repetem no eixo Planejamento e Gestão. Nos termos desse PDI, os grandes avanços da ciência e as importantes transformações econômicas ocorridas nas últimas décadas exigiam da UFC maior flexibilidade em suas ações em prol de uma educação democrática e de qualidade que contribuísse para a redução das desigualdades sociais e regionais. O ensinamento "o universal pelo regional", do reitor Martins Filho, era compreendido como "não se pode pretender ser universal sem que se conheça a própria aldeia" (UFC, 2012, p. 9).

Essas ressignificações atribuídas ao lema da UFC ratificam o entendimento de Smith (2005, p. 32) de que as instituições são "[...] organizações sociais textualmente mediadas [...]", pois os textos vão sendo utilizados tanto para informar quanto para legitimar o presente.

Já no PDI 2013-2017, observa-se uma mudança na definição das estratégias para a internacionalização. No eixo Gestão, com o objetivo de "fortalecer a política de inserção internacional da UFC", encontram-se as seguintes estratégias:

> a) Implementar e consolidar ações na área da celebração de convênios com universidades e demais instituições e/ou organizações estrangeiras;
> b) Consolidar e implementar projetos na área de mobilidade acadêmica para alunos brasileiros e estrangeiros;
> c) Fortalecer e consolidar os programas PEC-G e PEC-PG;
> d) Redesenhar e reestruturar o portal da Coordenadoria de Assuntos Internacionais;

> e) Estreitamento das relações da CAI com o setor de imigração da Polícia Federal e com os consulados honorários e vice-consulados estrangeiros locais (UFC, 2013, p. 145)

O que podemos observar é que, nesse período, as estratégias institucionais para internacionalizar a Universidade ainda ocorriam de forma passiva, com a finalidade de "orientar", "prestar apoio", "viabilizar", demonstrando que a UFC ainda estava organizando seus processos, levantando o número de convênios estabelecidos entre a universidade e instituições estrangeiras, atualizando o portal da CAI, buscando aproximações com o setor de imigração da Polícia Federal, estruturando-se para aplicar testes de proficiência etc.

Cabe ressaltar que no período de 2012 a 2017, além dos Programas PEC-G e PEC-PG, estava em processo de implementação o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF)[76], que aparece de forma tímida na estratégia "Consolidar e implementar projetos na área de mobilidade acadêmica para alunos brasileiros e estrangeiros" do PDI 2013-2017, tendo como meta "Consolidar, juntamente com outras assessorias, direções ou coordenações da UFC, o Programa Ciências sem Fronteiras dentro desta Universidade" (UFC, 2013, p. 146).

Apesar da inexpressiva relevância atribuída ao CsF no Plano de Desenvolvimento Institucional da UFC nesse período, Garcia (2020) considera que o Programa consistiu em um marco nas políticas de internacionalização elaborada pelo Estado brasileiro, tendo em vista o volume de bolsas concedidas e a inclusão de alunos da graduação no programa.

---

[76] Martins (2015) conta que em março de 2011, a partir de uma visita de Barack Obama ao Brasil, retomando a relação iniciada na 5ª Cúpula das Américas em 2009, foram estabelecidos dez acordos de relação bilateral entre Brasil e EUA em áreas relacionadas ao comércio exterior, eventos esportivos, energia e educação. Nesse encontro, foi assinado pelo EUA e Brasil o "Memorando de Entendimento para o estabelecimento do Programa Diálogos Estratégicos Brasil-EUA", celebrado entre a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/MEC) e a Comissão para o intercâmbio educacional entre os Estados Unidos da América e o Brasil (Comissão Fulbright), que tinha como objetivos aprofundar a cooperação entre acadêmicos de instituições brasileiras e estadunidenses em áreas que sejam mutuamente benéficas para as comunidades acadêmicas de ambos os países. e fomentar a cooperação acadêmica e o intercâmbio entre pesquisadores de alto nível brasileiros e estadunidenses em programas de pós-graduação stricto sensu, mediante a visita de docentes e pesquisadores de alto nível a programas de pós-graduação stricto sensu ministrados no Brasil e nos EUA (BRASIL, 2011).

Após o golpe político que culminou no *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff em 2016, muitos programas sociais e educacionais foram suspensos sob a justificativa da necessidade de ajuste fiscal, dentre eles o Programa CsF. Contudo, no âmbito da UFC, durante a gestão do reitor Henry de Holanda Campos (2015-2019), observa-se um aumento no desenvolvimento de ações próprias voltadas à internacionalização da Universidade.

Em 2017, a Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI), setor responsável por mediar as relações internacionais da UFC com outros países e instituições, passou por uma reestruturação organizacional. Após 30 anos na condição de coordenadoria, a CAI foi transformada em Pró-Reitoria de Relações Internacionais (PROINTER) por meio do Provimento nº 01, de 20 de janeiro de 2017, ganhando maior autonomia administrativa. (UFC, 2017a).

Ainda em 2017, foi elaborado o Plano de Internacionalização da UFC (PIN), aprovado pela Resolução nº 45/CONSUNI, de 11 de setembro de 2017 (UFC, 2017c), documento que define as políticas de internacionalização do ensino, da pesquisa, da extensão e da gestão e que viabilizou a participação da Universidade na seleção de instituições de ensino para o CAPES-PrInt, formulado no Governo Temer (2016-2018).

O PIN cita que a experiência internacional da UFC tem sido construída ao longo de vinte anos e intensificada nos últimos dez anos e atribui esse fortalecimento não somente à criação dos primeiros cursos de doutorado, avaliados com nota 6 na CAPES, trazendo forte inovação acadêmica, mas também à intensificação da mobilidade acadêmica, em especial com o Programa CsF.

> Recentemente, dado o intenso intercâmbio dos programas de duplo-diploma e do Programa Ciência sem Fronteiras, a UFC passou a redefinir suas graduações, sobretudo em Ciências Exatas e Engenharias, em moldes mais abertos à internacionalização. Além disso, a política de atração de estudantes estrangeiros é realizada através da participação em vários programas institucionais como Be-a-doc, Programa Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), Programa Estudantes Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação (PAEC) e outros acordos bilaterais que facilitam a participação de estudantes e pesquisadores do exterior. De forma semelhante, a atração de pesquisadores tem sido apoiada pelo programa de professores visitantes da UFC com foco em internacionalização e inovação (UFC, 2017b, p. 2).

O Plano de Internacionalização da UFC foi considerado pelo então reitor, Prof. Henry de Holanda Campos, como histórico para a formatação da Universidade, pois, em suas palavras, "é mais um avanço da Universidade quando explicitamos nossa política de internacionalização, porque temos, inclusive, aparecido e nos destacado nos *rankings* pelo avanço nessa área" (UFC, 2017e, p. 1).

Na concepção do então Pró-Reitor de Relações Internacionais, o Plano de Internacionalização, elaborado pela Pró-Reitoria de Relações Internacionais (PROINTER), Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) e com a contribuição do reitor, consiste em "um marco conceitual importante para a Universidade, determinando como a UFC vai se nortear daqui em diante nas ações de internacionalização" (UFC, 2017e, p. 1).

O primeiro parágrafo do seu texto introdutório reacende a discussão acerca do uso da internacionalização como cooperação mútua e como serviço educacional, quando diz que:

> A difusão e o intercâmbio internacionais de conhecimento são marcas inaugurais da instituição universitária como nos foi legada pela tradição histórica. Iniciada ainda no medievo, a internacionalização acadêmica precede, em muito, sua contraparte econômica. Todavia, as redes internacionais de ensino e pesquisa adensaram-se em escalas inéditas de complexidade com a globalização das trocas comerciais a partir de meados do século passado bem como com os empreendimentos científicos multinacionais, esses executados no modelo de grandes colaborações. **Desde então, o ambiente aberto e competitivo das academias e dos mercados afirmaram padrões mundiais de excelência e, ao mesmo tempo, promoveram bem-estar social e solidariedade entre os mais diversos povos e culturas.** É consensual que a busca de soluções comuns para graves ameaças à viabilidade futura da civilização requer o fortalecimento do consórcio científico e humanístico, sendo as universidades internacionais o ambiente mais favorável para essa integração. (UFC, 2017b, grifo da autora).

Não obstante, no segundo parágrafo, fica evidente a dimensão econômica da internacionalização, bem como o papel das universidades nesse processo:

> As universidades brasileiras têm hoje o desafio de tornar o Brasil participante definitivo do ambiente global de ciência e inovação, modo mais rápido e duradouro de superar nossas crônicas mazelas de subdesenvolvimento e desigualdade social. **Aumentar a dimensão internacional da universidade significa, em dois tempos, gerar riqueza, indo além do distributivismo e do isolacionismo econômico como soluções econômicas** (UFC, 2017b, grifo da autora)

No mesmo dia da aprovação do PIN pelo Conselho Universitário (CONSUNI), foi criado, por meio da Resolução nº 46/CONSUNI, de 11 de setembro de 2017, o Comitê de Internacionalização da UFC (COMINTER), com a finalidade de, nos termos do art. 1º da referida Resolução:

> I - acompanhar, avaliar e aprimorar a política institucional de internacionalização, no âmbito do Plano de Internacionalização da UFC, nas esferas de pesquisa, ensino, extensão e gestão; II - propor estratégias para estimular a internacionalização em todas as unidades da UFC, em todos os níveis, envolvendo discentes e servidores docentes e técnico-administrativos; III - articular o estabelecimento de contatos e convênios internacionais junto às unidades acadêmicas, centros e núcleos de estudos e pesquisas da UFC, bem como a promoção da difusão da Universidade no exterior; IV - propor normas e procedimentos com vistas ao aperfeiçoamento das atividades de cooperação e mobilidade internacional; V - ampliar a participação da UFC em associações e instituições nacionais e estrangeiras de caráter acadêmico, científico e cultural que objetivem promover relações deste tipo entre seus associados e parceiros internacionais, por meio de ações, projetos e programas de mobilidade acadêmica, cooperação internacional e difusão cultural; VI - exercitar outras competências não elencadas, desde que se enquadrem nas suas atribuições. (UFC, 2017d, p.1).

Composto por representantes internos e externos à comunidade acadêmica, o COMINTER é presidido pelo reitor, sendo o vice-presidente o pró-reitor de Relações Internacionais. São membros internos, ainda, os pró-reitores de Pesquisa e Pós-Graduação, de Extensão, de Assuntos Estudantis, de Gestão de Pessoas e de Planejamento e Administração e representantes de cada unidade acadêmica. Como membros externos à UFC, o COMINTER é composto por representantes da CAPES, da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) e da Sociedade Consular do Ceará.

A Figura 28 registra a reunião do Conselho Universitário, relativa ao dia da criação do COMINTER:

Figura 28- Reunião do Conselho Universitário que aprovou o Plano de Internacionalização e a criação do Comitê de Internacionalização da UFC

Fonte: UFC (2017e).

Em 2017, também foi inaugurado no Centro de Humanidades da UFC o Laboratório de Línguas do Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF), Núcleo de Línguas-Inglês, como resultado de uma parceria com a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e o Grupo Mais Unidos[77].

No âmbito nacional, nesse ano, a CAPES criou o Programa Institucional de Internacionalização de Instituições de Ensino Superior e de Institutos de Pesquisa do Brasil (CAPES-PrInt), por meio da Portaria nº 220, de 03 de novembro de 2017, com foco apenas na pós-graduação e com prazo de implementação de quatro anos.

De acordo com a referida Portaria, o CAPES-PrInt tinha como objetivos fomentar a implementação dos planos estratégicos de internacionalização nas áreas priorizadas pelas universidades, estimular a formação de redes de pesquisas internacionais, promover a mobilidade de docentes e discentes da pós-graduação e transformar as universidades em um ambiente internacional (Brasil, 2017, p. 1).

[77] Trata-se de um fundo de investimento social colaborativo, formado por multinacionais brasileiras, em parceria com a USAID (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional), cujo foco é a educação pública e a formação de jovens brasileiros, buscando alavancar projetos de educação e capacitação profissional para o mercado de trabalho do século XXI.

Para participar do PrInt, as universidades tinham de apresentar um planejamento com ações definidas para a Internacionalização. Para tanto, a UFC elaborou o PIN, que passou a integrar o PDI 2018-2022, e que define estratégias de internacionalização para o ensino, a pesquisa e a extensão. A UFC foi uma das 36 universidades selecionadas para participar do PrInt, que envolve 25 cursos de pós-graduação da Universidade.

Retomando a análise dos Planos de Desenvolvimento Institucional, no PDI 2018-2022 já se observa uma mudança significativa na visão e nos princípios institucionais que orientaram a gestão da instituição desde 2007, destacando-se o desejo de "ser reconhecida internacionalmente" e a inclusão da "internacionalização" como princípio institucional. Nesse período, o termo 'o universal pelo regional' foi ressignificado. O entendimento da gestão, descrito no PIN, era de que:

> [...] para atingirmos padrões internacionais, precisamos fomentar nossas contribuições já internacionalmente visíveis por sua excelência. Em outro sentido, cumpre buscar parcerias internacionais para desenvolver novos potenciais regionais gerando conhecimento de alto impacto e soluções para os problemas do Estado (UFC, 2017b, p. 2).

Observa-se que, ao longo do tempo, o lema da UFC vai ganhando novas significações nos discursos institucionais na tentativa de expressar o desejo institucional da UFC em se tornar cada vez mais internacionalizada.

Em 2020, em um novo reitorado que durou de 2019 a 2022, a Pró-Reitoria de Relações Internacionais agregou a função de desenvolvimento institucional, passando a se chamar "Pró-Reitoria de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional". Como dito anteriormente, a adesão dessa nova função, por meio do Provimento nº 01/CONSUNI, de 07 de fevereiro de 2020, acrescentou novas atribuições à PROINTER, tais quais:

> a) de institucionalizar as atividades de empreendedorismo; b) de prospectar e implementar a inovação; c) de buscar parcerias para a inovação social e tecnológica, em estreita parceria com a agência de inovação; d) de direcionar ações para o desenvolvimento da Instituição baseado nos eixos da Internacionalização, do Empreendedorismo e da Inovação (UFC, 2020, p. 1).

Com a função de "institucionalizar as atividades de empreendedorismo", passou-se a observar, nesse período, a incorporação de princípios de mercado à

internacionalização, um alinhamento ao Programa Future-se[78], proposto pelo Ministério da Educação (MEC) durante o Governo Bolsonaro (2019-2022), que tinha "[...] o objetivo de dar maior autonomia financeira a universidades e institutos por meio do fomento à captação de recursos próprios e ao empreendedorismo" (MEC, 2019, p.1).

Outro evento que se destaca nessa gestão foi a retomada do Convênio com a Universidade do Arizona em abril de 2022, o primeiro Acordo assinado pela UFC com uma universidade estrangeira durante a gestão do reitor Martins Filho. Sobre a importância desse convênio para a UFC, o então pró-reitor de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional comentou que:

> Mantivemos contato e identificamos algumas possibilidades nas áreas de Agronomia, Ciências Sociais, Empreendedorismo e Telemedicina. Além disso, será formado grupo disciplinar com o intuito de pesquisar tema global presente nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU). O objetivo é utilizar essa atuação para prospectar financiamentos em agências internacionais (UFC, 2022a, p.1).

É importante ressaltar que no contexto neoliberal, a internacionalização é utilizada como um instrumento para prospecção de recursos para as universidades (Garcia; Gussi, 2023).

Ainda nessa gestão, em maio de 2022, ocorreu a celebração de um Acordo de Cooperação entre a UFC e a Embaixada dos Estados Unidos para instalação de um escritório do *Education USA*, um órgão oficial do governo americano, que presta informações às instituições de ensino superior sobre estudos nos Estados Unidos (EUA) (UFC, 2022b).

Em 2023, no início da gestão do Prof. Vitório, reitor (2023-2027), ocorreu uma nova modificação na estrutura administrativa da Pró-Reitoria, que passou a se chamar Pró-Reitoria de Relações Interinstitucionais[79], mantendo as competências de antes, conforme a Resolução nº 37/CONSUNI, de 23 de agosto de 2023:

> Art. 12. À Pró-Reitoria de Relações Interinstitucionais compete promover, coordenar e articular ações para o desenvolvimento da Instituição com base

[78] O Programa Future-se envolvia três eixos: I – gestão, governança e empreendedorismo, II – pesquisa e inovação e III – internacionalização (Ministério da Educação [MEC], 2019).

[79] Na gestão de 2023 a 2027, a Pró-Reitora de Relações Interinstitucionais era também vice-reitora, com graduação, mestrado e doutorado em Engenharia Química, vinculada ao Departamento de Engenharia Química do Centro de Tecnologia da UFC.

> nos eixos da Internacionalização, do Empreendedorismo e da Inovação, com a seguinte estrutura administrativa: Secretaria Administrativa, Divisão de Apoio Administrativo ao Instituto Confúcio, Coordenadoria de Internacionalização, Coordenadoria de Empreendedorismo e Inovação, Coordenadoria de Relações Interinstitucionais, Coordenadoria de Projetos e Parcerias, Parque Tecnológico (UFC, 2023f, p. 1).

Com essa alteração, as ações de internacionalização voltam a ser restritas a uma Coordenadoria, agora vinculada a uma Pró-Reitoria. Além disso, passa a fazer parte da estrutura da PROINTER o Parque Tecnológico (PARTEC), que tem como finalidade estreitar as relações entre universidade, governos e empresas.

Pouco mais de um ano depois, em 30 de setembro de 2024, a Pró-Reitoria de Relações Interinstitucionais, passou por uma nova alteração, passando a se chamar Pró-Reitoria de Inovação e Relações Interinstitucionais, passando a integrar as coordenadorias de Inovação e Empreendedorismo, Projetos e Parcerias, Parque Tecnológico e a mais recente Coordenadoria de Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia, conforme Resolução nº 49/CONSUNI, de 30 de setembro de 2024 (UFC, 2024l). A mudança teve como finalidade fortalecer a estrutura de inovação da Universidade, tornando a inovação o motor da Pró-Reitoria, que foi originalmente criada em 2017 para gerir a política de internacionalização da Universidade.

Ao olharmos para as transformações ocorridas na PROINTER, identifica-se que, no âmbito da Administração Superior, o processo de internacionalização da Universidade vai perdendo força e a própria ideia de internacionalização vai se modificando, saindo de um princípio como forma de legitimação institucional para ser um instrumento de prospecção de recursos como "solução" orçamentária em tempos de austeridade fiscal. Nesse caminho, a internacionalização, no sentido de cooperação solidária, vai perdendo materialidade.

Cumpre ressaltar que ainda na gestão (2023-2027), foi elaborado um novo Plano de Internacionalização para a UFC para o período de 2025 a 2030, com a finalidade de viabilizar a participação da instituição no Programa CAPES *Global.Edu*, lançado em 2025. Tal qual o primeiro Plano de Internacionalização em 2017, que foi elaborado para viabilizar a participação da UFC no CAPES-PrInt, essa iniciativa evidencia que a internacionalização na UFC tem se estruturado de maneira reativa, uma vez que a

formulação de políticas e estratégias institucionais ocorre, em grande medida, como resposta a programas de internacionalização promovidos pelas agências de fomento.

Observa-se, com isso, que a UFC tende a agir, no tocante à internacionalização, quase sempre induzida por editais e diretrizes estabelecidas em âmbito nacional, o que limita a construção de uma estratégia institucional própria de longo prazo, ajustada às especificidades locais.

Por fim, a trajetória histórica aqui apresentada nos faz compreender que a internacionalização da educação superior não é somente um movimento acadêmico, mas, sobretudo, político. Isso ocorre porque essas ações são orientadas por uma ideia de internacionalização que varia de acordo com as configurações institucionais, os jogos de interesses no âmbito das relações de poder, os universos culturais e as agendas políticas dos distintos agentes institucionais responsáveis por pensar e colocar em prática (Carvalho; Gussi, 2011) as políticas públicas, como políticas de internacionalização na Universidade, reforçando a ideia de que essa se configura como um campo político, no sentido bourdesiano.

5.5 A trajetória histórica da política de internacionalização da Universidade Federal do Ceará

Para uma melhor compreensão dos eventos que marcaram a história da política de internacionalização da UFC, dividimos o processo de internacionalização em três fases históricas, conforme sintetiza o Quadro 13:

Quadro 13– Síntese do processo histórico de internacionalização da UFC.

(continua)

Fase histórica	Eventos
Formação do pensamento institucional voltado à internacionalização (1954-1967)	• Nasce fundamentada em uma perspectiva euro norte centrada a partir da Embaixada Clóvis Beviláqua; • Criação da Divisão de Intercâmbio e Expansão Cultural (DIEC) em 1957, vinculada ao Departamento de Educação e Cultura (DEC); • Primeiras visitas de embaixadores e intercâmbios com instituições europeias e latino-americanas; • Início do ensino de idiomas e culturas estrangeiras com a fundação das Casas de Cultura Estrangeiras a partir de 1960; • Forte aproximação com Estados Unidos e Europa, com visitas do reitor aos EUA e assinatura do primeiro convênio internacional com a Universidade do Arizona em 1963;

Quadro 14– Síntese do processo histórico de internacionalização da UFC.

(conclusão)

Fase histórica	Eventos
Formação do pensamento institucional voltado à internacionalização (1954-1967)	• Participação da UFC no programa Aliança para o Progresso, como forma de captação de recursos e alinhando-se ao projeto geopolítico dos EUA na América Latina.
Expansão da Internacionalização (1970-1990)	• Criação dos primeiros cursos de pós-graduação, o que impulsionou a cooperação acadêmica com o exterior; • Criação do Departamento de Assuntos Internacionais (DAI) em 1975, substituindo a Divisão de Intercâmbio e ampliando suas funções; • Predominância do modelo de mobilidade Sul-Norte, com professores e alunos da UFC indo estudar principalmente nos EUA e Europa; • Crescimento da hegemonia dos EUA na internacionalização da UFC, evidenciada pelo convênio MEC-USAID e pelo financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID); • O Departamento de Assuntos Internacionais (DAI) se torna a Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI) em 1987.
Consolidação da Política de Internacionalização (2000-2025)	• Expansão das políticas de internacionalização no Governo Lula (2003-2010), com destaque para a criação da UNILA e UNILAB; • Implementação do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) (2012-2017), aumentando significativamente a mobilidade acadêmica para EUA e Europa; • Em 2017, a internacionalização passa a ser um eixo estratégico na UFC, evidenciado na criação da PROINTER e na inclusão da internacionalização como princípio institucional no PDI 2018-2022; • Participação da UFC no CAPES-PrInt a partir de 2018, fortalecendo a cooperação acadêmica na pós-graduação; • Em 2020, a Pró-Reitoria passa a integrar funções de empreendedorismo e inovação, evidenciando a mercantilização da internacionalização; • Em 2023, a PROINTER se torna Pró-Reitoria de Relações Interinstitucionais, enfraquecendo a centralidade da internacionalização na UFC; • Em 2024, a internacionalização se torna um instrumento para a captação de recursos, com foco na inovação e no mercado.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Observa-se que o desejo de ser internacional surge muito antes da fundação da Universidade como se viu com a viagem realizada pela Embaixada Clóvis Beviláqua em 1949, quando alunos da Faculdade de Direito visitaram a Europa a fim de conhecer suas universidades e centros culturais. A partir disso, a formação da UFC teve como referência o ensino e a cultura europeia.

Em busca de alargar suas fronteiras, a UFC adotou como diretriz para sua política educacional a filosofia “o universal pelo regional”, instituída pelo primeiro reitor da UFC, Prof. Martins Filho, que, para ele, significava “dar prevalência ao estudo do

regional como meio de atingir o universal" (UFC, 1966). Esse lema da UFC, ao longo do tempo, vai apresentando ressignificações.

Apesar de ser orientada por um lema que expressa uma visão em que o regional prevalece sobre o universal, observa-se que a UFC, tal qual as demais universidades do Sul Global, nasceu dentro de uma perspectiva científica euro norte centrada, amparada no pressuposto da universalidade, isto é, aquilo que diz respeito a uma parte do mundo, a Europa, vale para todo o resto do mundo[80].

Na perspectiva de Mignolo (2003), isso ocorre porque o saber e as histórias locais europeias foram e são vistos como projetos globais a partir de uma narrativa que situou e situa a Europa como ponto de referência e de chegada. Dentro dessa perspectiva eurocentrada, foram criadas, na década de 1960, as Casas de Culturas Estrangeiras, que tinham como finalidade o ensino de idiomas e de culturas europeias na UFC.

No período que compreendeu o regime militar no Brasil, de 1964 a 1985, além da Reforma Universitária de 1968, que importou a educação tecnicista norte-americana para o Brasil, a UFC foi levada a buscar financiamentos em organismos internacionais a fim de cumprir seus planejamentos, recorrendo ao BID, gerando, assim, uma dependência econômica dos EUA.

A partir de 1990, com o processo de globalização e a adoção do neoliberalismo nos países da América Latina, a internacionalização ganhou destaque nas políticas educacionais por envolver a relação entre as universidades e os países. Contudo, nesse período, as relações internacionais da UFC coordenadas pela CAI eram voltadas às relações da Universidade com instituições estrangeiras, por meio dos programas de mobilidade, especialmente o PEC-G, e de convênios com universidades estrangeiras (Garcia, 2020).

Foi a partir dos anos 2000, quando o governo brasileiro elaborou políticas com a finalidade de impulsionar a internacionalização das IES, que as universidades foram induzidas a institucionalizá-las. Nesse período, as relações internacionais da UFC passaram por sucessivas e aceleradas transformações. A implementação do Programa CsF

[80] Tal qual Abrantes (2023), entendemos que esses paradigmas imperiais gestados no Norte tenderam, ao longo da história, a estruturar nossas posições e nossas identidades no Sul.

entre 2012 e 2017 elevou o índice de mobilidade acadêmica da UFC, sobretudo para os EUA e países europeus, e sensibilizou a comunidade acadêmica para a internacionalização, estimulando a UFC a se estruturar a fim de implementar as políticas propostas pelo Governo Federal (Garcia, 2020).

Em termos estruturais, logo após a criação da UFC, foi instituída a Divisão de Intercâmbio e Expansão Cultural (DIEC) em 1957, vinculada ao Departamento de Educação e Cultura (DEC). Em 1974, foi implementada a "Comissão de Assuntos Internacionais", vinculada à Pró-Reitoria de Extensão (PREX), que passou a adotar, no ano seguinte, a nomenclatura "Departamento de Assuntos Internacionais" (DAI). Em 1987, a DAI se torna Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI), vinculada ao Gabinete da Reitoria, ficando nessa condição por 30 anos, até que em 2017, foi transformada em Pró-Reitoria de Relações Internacionais (PROINTER), o que consistiu em um marco na institucionalização de uma política de internacionalização na Universidade por se tornar uma unidade com maior autonomia administrativa e com um centro de custo próprio.

Em 2020, a Pró-Reitoria incorporou novas competências voltadas ao empreendedorismo e à inovação. Em 2023, passou a denominar-se Pró-Reitoria de Relações Interinstitucionais e, já em 2024, foi reestruturada como Pró-Reitoria de Inovação e Relações Interinstitucionais, momento em que a internacionalização deixou de ocupar posição de prioridade na política institucional. A partir dessa mudança, as ações de internacionalização passaram a ser conduzidas por uma coordenadoria vinculada à Pró-Reitoria.

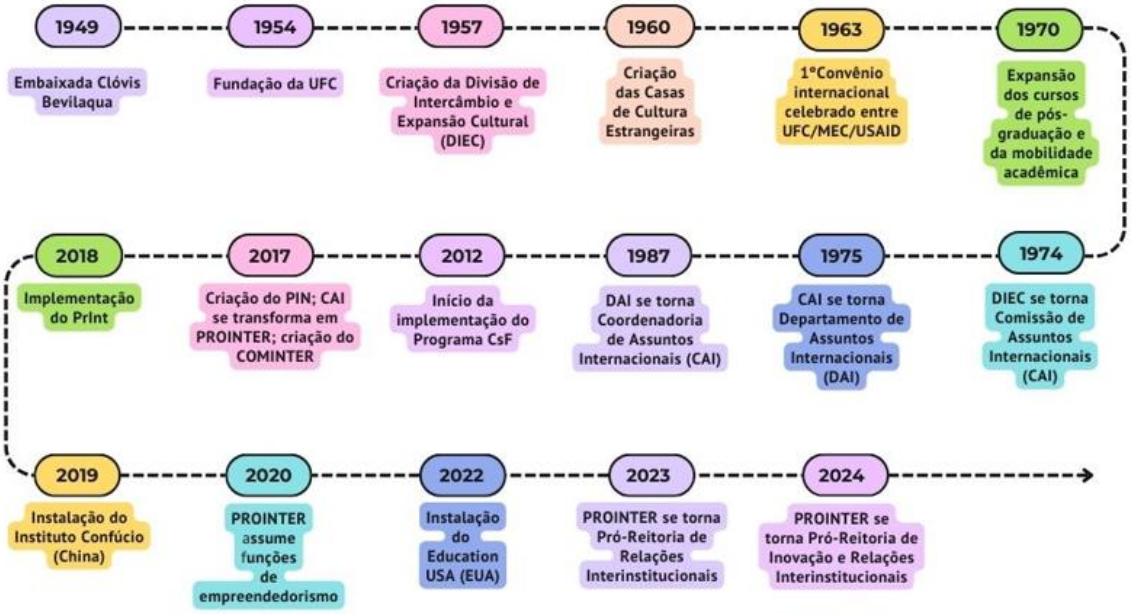
Essas modificações na estrutura administrativa encarregada de conduzir a política de internacionalização da Universidade evidenciam, em certa medida, os diferentes significados que a internacionalização assume em distintas gestões e contextos históricos. Trata-se de uma trajetória não linear, marcada por deslocamentos no espaço social e que não se vincula a um único sujeito, mas a sujeitos sociais e às próprias instituições (Gussi, 2008).

Nesse sentido, percebe-se que a internacionalização da UFC está profundamente condicionada pelos contextos políticos e econômicos, tanto nacionais quanto internacionais. Na primeira fase, entre as décadas de 1950 e 1970, consolidaram-

se cooperações científicas voltadas ao desenvolvimento do país e da região, sob forte influência dos Estados Unidos, que buscavam reafirmar sua hegemonia na América Latina. Entre os anos 1980 e 1990, o cenário foi marcado pela supressão democrática e pela escassez de registros documentais. Já entre 2000 e 2016, observa-se a expansão das políticas educacionais e de internacionalização do ensino superior, destacando-se a criação da UNILAB, da UNILA e a implementação do Programa CsF. A partir de 2017, com o aprofundamento do neoliberalismo no Brasil, verifica-se uma mudança de enfoque: a internacionalização passa a priorizar a captação de recursos, a inovação e o empreendedorismo, em detrimento de uma cooperação acadêmica mais solidária.

A linha do tempo apresentada na Figura 29 mostra os principais marcos do processo de internacionalização na UFC:

Figura 29– Marcos da internacionalização da UFC.



Fonte: Elaboração própria (2025).

A figura 29 ilustra que o processo de internacionalização da UFC passa por períodos de rápidas transformações e por períodos de estabilidade, o que demonstra que as políticas não possuem uma trajetória linear, mas estão submetidas a incessantes

transformações de acordo com seus distintos contextos e sujeitos institucionais (Gussi, 2008).

Diante do exposto, compreende-se que as dinâmicas e relações de poder estabelecidas ao longo de seus 70 anos produziram valores, lógicas e práticas compartilhadas na cultura da gestão, mostrando a existência de um *ethos* institucional compartilhado, em que predominam algumas categorias e dimensões de análise, como mostra o Quadro 14:

Quadro 15–Trajetória histórica da política de internacionalização da UFC.

Dimensões de análise	**Evidências observadas**
Percurso histórico	• Perspectiva euro norte centrada ao se inspirar em um modelo de universidade europeu e, posteriormente, estadunidense a partir da Embaixada Clóvis Beviláqua (1949); • Busca de financiamento e parcerias com os EUA, o que culminou no convênio MEC-USAID, na participação no programa Aliança para o Progresso, no Projeto *Morris Asimow*, no Programa CsF, na retomada do Convênio com o Arizona em 2022 e instalação do *Education USA* em 2022, desvelando o exercício de um poder simbólico de dominação; • "O universal pelo regional" revela a face epistêmica da colonialidade, a crença de que o conhecimento válido e legítimo é aquele produzido fora, devendo ser importado e aplicado ao contexto local; • Internacionalização como instrumento para captação de recursos, formação de professores no exterior e atração de investimentos para pesquisa e infraestrutura; • Internacionalização acadêmica com foco na mobilidade e na cooperação científica (até 1990); • A partir de 2017, com a criação da PROINTER, elaboração do Plano de Internacionalização (PIN) e a adesão ao CAPES-PrInt, a UFC passou a estruturar sua internacionalização dentro de um modelo estratégico institucional; • Com a incorporação do empreendedorismo e da inovação (2020), a internacionalização passou a ser vista como uma ferramenta para prospecção de recursos, alinhando-se a tendências neoliberais.
Estrutura Administrativa	• De um setor vinculado ao DEC (1957) para um Departamento de Assuntos Internacionais (1975). • Transformação em Coordenadoria de Assuntos Internacionais (1987), depois em Pró-Reitoria de Relações Internacionais (2017). • Mudança para Pró-Reitoria de Relações Interinstitucionais (2023), e depois para Pró-Reitoria de Inovação e Relações Interinstitucionais (2024), demonstrando a perda de protagonismo da internacionalização na política institucional.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Esse denso percurso pela história da UFC revela como a internacionalização tem sido utilizada como mecanismo de reprodução da colonialidade, em que a universidade se torna receptora de modelos e recursos, mas com limitada capacidade de

agência. Para além da compreensão sobre o processo de institucionalização da política, possibilita-nos conhecer suas conexões com o mundo e redes de relações, que não se esgota nos documentos. Esse trajeto constitui-se, na verdade, em um olhar para dentro, um voltar-se para si mesma, relembrando o que é a Universidade, para que foi criada e o que ela quer ser.

Contudo, considerando que a Administração Superior não se constitui no todo institucional, "desci" para as unidades acadêmicas para conhecer como a internacionalização é compreendida e praticada nesses espaços, como veremos na próxima seção.

6 PEDAGOGIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

> A boniteza do processo é exatamente esta possibilidade de reaprender, de trocar. Esta é a essência da educação democrática" (Freire, 2021b, p. 30).

Após desvelar como a internacionalização é instituída pela Administração Superior da UFC e como o processo histórico da UFC exerce influência no devir da política de internacionalização, fui em busca de conhecer como a internacionalização é compreendida e praticada nas unidades acadêmicas.

Assim, nesta seção, apresento análises de situações sociais desenvolvidas em dois programas de pós-graduação vinculados a unidades acadêmicas distintas: O Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), vinculado ao Centro de Humanidades (CH), e o Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Teleinformática (PPGETI), vinculado ao Centro de Tecnologia (CT), mais especificamente, o Grupo de Pesquisa em Telecomunicações, o GTEL.

A ideia não é realizar comparações entre ambos os programas, mas compreender como áreas distintas, porém não antagônicas, pensam e agem para se internacionalizar, isto é, como desenvolvem pedagogias de internacionalização. Assim, na primeira seção, intitulada "6.1 Notas etnográficas: uma estrangeira em minha própria universidade", compartilho sobre os desafios de se pesquisar entre pesquisadores, as

resistências encontradas, os sentimentos envolvidos e as estratégias desenvolvidas para a realização de um trabalho etnográfico na universidade.

Na segunda seção, "6.2 A experiência do Programa de Pós-Graduação em Sociologia", inicio fazendo uma contextualização sobre a unidade de análise. Em seguida, apresento análises sobre a internacionalização do grupo a partir de situações sociais observadas; na terceira seção, "6.3 A experiência do Grupo de Pesquisa em Telecomunicações sem Fio (GTEL)", situo o GTEL, relatando sobre sua instituição na UFC e relato situações observadas ao longo de um ano de acompanhamento das atividades do Grupo. Por fim, na quarta seção, "6.4 Culturas de Internacionalização: diversidades e diferenças", apresento uma análise sintética sobre as duas unidades de análise.

6.1 Notas etnográficas: uma estrangeira em minha própria universidade

A tradução de "estrangeiro" em espanhol é "extranjero", "exterior", "extraño", "diferente". A palavra carrega a carga semântica da convivência com a diferença, com o outro, aquele que é estranho para nós e expressa o sentimento que me guiou durante minha experiência etnográfica tanto no Centro de Humanidades, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), quanto no Centro de Tecnologia, no Grupo de Pesquisa em Telecomunicações sem Fio (GTEL).

Durante toda minha estada em campo, sentia-me como uma estrangeira nesse território aparentemente familiar, mas totalmente estranho para mim. Mesmo estando na universidade onde trabalho e estudo, deparei-me com atividades relativas a áreas de estudo totalmente diferentes da minha área de formação. Além disso, as práticas vivenciadas eram muito diferentes tanto das que experienciei como aluna de mestrado e doutorado na UFC, quanto da vivência no cotidiano administrativo da instituição.

Sempre que eu "descia" da Reitoria para a sala de aula era como se eu entrasse em uma outra universidade. O ato de atravessar a rua que separa a Reitoria e o Centro de Humanidades era como um ritual de passagem para mim. Eu saía da burocracia, da correria contra o tempo, das hierarquias, das formalidades da Administração Superior para a sala de aula, um lugar diverso, plural, em que a construção do conhecimento leva outro tempo. Eu vivenciava, assim, duas universidades: a da gestão e a da sala de aula.

A sala de aula possibilitou-me conhecer mais sobre a universidade onde trabalho, sua diversidade e pluralidade. Ao me deparar com os jovens produzindo conhecimento, expressando-se, afirmando seus lugares no mundo, formando novas mentalidades, levando consigo seus territórios, levou-me a refletir o quanto nossas pesquisas são fundamentais para a construção de políticas públicas e que estas não deveriam ser formuladas apenas por homens brancos, da elite, limitados a seus sistemas de gestão, mas deveriam nascer da experiência dos sujeitos subalternos, nos termos de Spivak (2010)[81].

As paredes pichadas do CH registravam as reivindicações dos alunos por melhores estruturas e condições para a Universidade: “Kd a água?”; No GTEL, a fórmulas matemáticas, letras, números e símbolos no quadro branco eram como uma língua estranha para mim. Eu era uma estrangeira fazendo pesquisa “em casa”. E esse estranhamento diante do novo, do diferente, fazia eu sentir como se ali começasse, de fato, meu trabalho de campo.

Para Arias (2010, p. 368), o campo consiste em

> una porción delimitada de la realidad que abarca ámbitos y actores, y que es construida en la interacción cotidiana entre el/la investigador/a y los interlocutores/as, que se expresan a través de una serie de prácticas, de conductas, de representaciones, a las que los actores otorgan determinados significados que son empíricamente observables, cuyos sentidos buscan ser conocidos e antropológico interpretados desde el Trabajo.

Nesse sentido, o campo se refere a uma parte da realidade a que o pesquisador encontra. No caso desta pesquisa, eu já havia delimitado meu campo de investigação da internacionalização acadêmica: o Centro de Humanidades (CH) e o Centro de Tecnologia (CT), duas unidades de áreas de conhecimento distintas, porém não antagônicas. Mas como adentrar nesses campos? Para acessá-los, busquei o que Arias (2010, p. 364) denomina de “pontes de entrada” a fim de estabelecer contatos iniciais.

[81] Spivak (2010, p. 12) usa o termo “subalterno” no mesmo sentido que Gramsci lhe atribui ao se referir ao "proletariado". Para a autora, subalterno é aquele cuja voz não pode ser ouvida., aquele pertencente às “camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante".

Para entrar no PPGS, recordei que havia recebido, no Gabinete da Reitoria, uma solicitação para concessão de passagens e diárias internacionais de uma professora vinculada ao PPGS, a qual foi negada, na época, por falta de recursos. Ao ler seu currículo, verifiquei que ela se destacava em ações de internacionalização e passei a acompanhar seu trabalho por meio de sua página profissional em uma rede social. Um dia, ela publicou sobre o início de uma atividade que tinha relação com minha pesquisa. Logo, enviei um e-mail, solicitando-lhe permissão para acompanhar suas aulas.

Apesar de seu aceite formal, de início, senti um certo desconforto da professora com a minha presença em sala de aula. Senti-me como Geertz (1989, p. 278) e sua esposa no relato sobre a briga de galos balinesa, como uma "não-pessoa, criatura invisível". Talvez, por ter experiência em pesquisas etnográficas, ela tenha sentido desconforto ao se perceber "objeto de pesquisa". Para amenizar os incômodos de minha presença, algo comum nas pesquisas etnográficas, posicionei-me não como pesquisadora, mas como aluna, aberta a aprender e a participar das atividades, interagindo com os alunos e com as questões propostas em sala de aula, pois, de acordo com Guber (2001), na observação participante, para se obter alguma informação significativa, faz-se necessário algum grau de participação, o que significa desempenhar algum tipo de papel e influenciar no comportamento dos informantes e reciprocamente do pesquisador.

Na primeira aula do PPGS, no dia 13 de setembro de 2023, senti-me como um peixe fora d'água diante das discussões sobre raça, tema que eu não tinha conhecimento em profundidade. A turma era composta, em sua maior parte por alunos negros, sendo a professora uma mulher branca que estuda questões raciais e a branquitude. Até aquele momento, eu nunca tinha parado para pensar em meus privilégios por ser branca.

Dentre os relatos, um aluno de Cabo Verde, na África, que veio para o Brasil pelo Programa de Internacionalização PEC-G, contou que vive em constante estado de tensão por ser negro. Ao caminhar na rua, sempre procura passar das pessoas em vez de andar atrás delas para não ser confundido com assaltante; outra aluna negra que estuda Arquitetura na UFC, um curso considerado de elite, contou que fazia serviços de manicure para conseguir se manter no curso e comprar material e que um dia uma colega de classe perguntou se ela estava roubando.

Os relatos dos estudantes sensibilizaram-me profundamente e instigaram-me a buscar me compreender racialmente. De alguma forma, fui afetada, como Favret-Saada (2005). Estava ali "me reaprendendo" e reaprendendo a olhar o mundo a partir de uma outra perspectiva. Apesar da minha trajetória, permeada por dificuldades de toda ordem (familiar, financeira etc.), eu nunca iria saber o que é sofrer racismo porque eu sou o que eles chamam de mulher branca padrão. Diante desse autorreconhecimento, percebo que o ser mulher branca foi o que me abriu muitas portas ao longo de minha trajetória acadêmica e profissional e foi o que me possibilitou acessar espaços de elites, sobretudo no âmbito desta pesquisa.

Outra estratégia utilizada para romper com as barreiras do trabalho de campo era vestir-me como aluna. Aprendi com Arias (2010) que a forma de se vestir em campo não deve ser intimidatória, pois pode construir uma assimetria social, que leva ao silenciamento dos interlocutores. E, por eu ser secretária executiva, faz parte do meu exercício profissional usar roupas formais que se conformem ao ambiente corporativo e institucional. Porém, nos dias em que eu ia a campo, procurava trajar roupas mais esportivas de modo a me camuflar em meio aos alunos.

A resistência a minha presença não foi percebida no Grupo de Pesquisa em Telecomunicações (GTEL), provavelmente pela minha forma de acesso ao campo. Ou seria pelo desconhecimento do que seria "a tal da etnografia"? Para entrar no GTEL, recorri a um amigo, vinculado ao Grupo, quem me apresentou o coordenador do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Teleinformática (PPGETI), um dos cursos participantes do CAPES-PrInt. Assim, quando entrei em contato, ele já sabia quem eu era e abriu as portas, apresentando-me aos alunos e outros pesquisadores. Certamente, esse tipo de entrada em campo me colocou em uma situação mais confortável, pois tive, desde o início, o engajamento intelectual dos pesquisadores.

Contudo, antes de iniciar a pesquisa, precisei conversar com o coordenador-geral do GTEL, explicar os objetivos e finalidades da pesquisa, e assinar um termo de confidencialidade, que garantisse que eu não exporia o conteúdo discutido nas reuniões. Esse controle era necessário por se tratar de pesquisas desenvolvidas para uma empresa multinacional na área de telecomunicações. Naquele momento, me vi em uma

encruzilhada metodológica. Como não discorrer sobre o que eu veria e ouviria em campo se essa é uma particularidade da pesquisa etnográfica?

Para superar esse obstáculo, o enfoque da observação não foi no conteúdo produzido, até mesmo porque sou totalmente leiga em engenharia de telecomunicações, mas ative-me à observação de como eles produziam o conhecimento e como se davam as relações entre os pesquisadores e os representantes da empresa multinacional.

O acolhimento que recebi dos pesquisadores do GTEL contribuiu para eu superar meu sentimento de não-pertencimento. Logo, fui me habituando com diferentes sotaques falando em inglês, isto porque os pesquisadores são de diferentes nacionalidades. E mesmo sem compreender o conteúdo da pesquisa, foquei em observar a dinâmica do grupo e a forma de produção do conhecimento.

Observa-se que, em certo grau, a pesquisa etnográfica causa um certo desconforto seja nos interlocutores, seja no (a) pesquisador (a). Isto porque eu também senti o receio sobre como o meu texto etnográfico seria compreendido pelos sujeitos institucionais, participantes ou não da pesquisa. Seriam os resultados da minha pesquisa validados por eles?

Essa inquietação foi objeto de reflexão por parte de Clifford (1998, p. 21):

> Se a etnografia produz interpretações culturais através de intensas experiências de pesquisa, como uma experiência incontrolável se transforma num relato escrito e legítimo? Como, exatamente, um encontro intercultural loquaz e sobre determinado, atravessado por relações de poder e propósitos pessoais, pode ser circunscrito a uma versão adequada de um "outro mundo" mais ou menos diferenciado, composta por um autor individual?

Como resposta, Clifford (1998) mostra que os modos de autoridade experiencial e interpretativo, os quais têm dado lugar ao dialógico e polifônico, garantem a autoridade etnográfica. Isso ocorre porque a etnografia é resultado de não somente de uma espécie de conhecimento tácito acumulado do pesquisador por meio de sua experiência em campo, mas sobretudo de uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois ou mais sujeitos, além de constituir-se em uma produção colaborativa, feita por múltiplas vozes e não somente a do etnógrafo (Clifford, 1998, p. 43).

Assim, nas próximas seções, conto com as experiências e as vozes de múltiplos sujeitos para desvelar a trama de sentidos atribuídos à internacionalização. Para

mostrar como as questões, aqui trazidas, apareceram em campo, apresento, ao longo do texto, alguns fragmentos reflexivos da experiência de campo, que possibilitam reconstituir minha trajetória de pesquisa, revisitando os aspectos destacados nesta seção.

6.2 A experiência do Grupo de Pesquisa em Telecomunicações sem Fio (GTEL)

O Grupo de Pesquisa em Telecomunicações sem Fio (GTEL) foi criado no ano 2000 com a finalidade de desenvolver tecnologia em comunicação sem fio, através da pesquisa acadêmica e aplicada, realizada por professores, alunos de graduação e de pós-graduação da UFC. Além disso, o GTEL funciona como um centro executor de projetos de pesquisa e desenvolvimento, atuando em parceria com empresas públicas e privadas e instituições de fomento (GTEL, 2025).

A implantação do GTEL na UFC ocorreu a partir de uma pesquisa de doutorado em Engenharia Elétrica de um pesquisador cearense da UFC desenvolvida na Universidade de Campinas (UNICAMP) sobre telefonia móvel 2G no final da década de 1990. O período de término da pesquisa coincidiu com um mapeamento que a Ericson estava fazendo no Brasil em áreas de seu interesse para fomentar pesquisas, como conta o Prof. Rogério, coordenador-geral do Grupo:

> Quando eu estava terminando a defesa da tese, a Ericsson iniciou uma atividade de mapeamento no Brasil, de área de interesses dela para fomentar pesquisa. E isso começou naturalmente no Sudeste, na USP, na UNICAMP, no RJ… e o fato de eu estar na UNICAMP, voltando pra UFC, mas ainda com pé na UNICAMP, o tema da minha tese acabou entrando e foi colocado em alta prioridade porque de fato havia muitos trabalhos de pesquisa em telecomunicações, mas, por acaso, o meu tema de tese, eu não sabia, mas a escolha que eu fiz de tema, coincidiu com o momento que a empresa entendeu que aquilo era extremamente prioritário. Então, eu disse "eu não vou ficar em outro canto, eu vou voltar para a UFC". Eu estava voltando como pós-doc, não tinha feito concurso ainda. Mas a empresa disse "você volta e a gente vai aportar recursos para você fomentar um grupo de pesquisa lá, pra desenvolver seu trabalho de tese adiante", usando a tecnologia que continua evoluindo muito para o 3G, 4G, 5G. Então, eles também apostaram. Foi uma aposta dos dois lados (Prof. Rogério, 2025).

Assim, o GTEL foi instituído na UFC muito antes da criação do Departamento de Engenharia Elétrica (DETI), do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Teleinformática (PPGETI), criado em 2005, e do Curso de Engenharia de Telecomunicações, iniciado em 2015. Atualmente, é vinculado ao DETI, subunidade

acadêmica do Centro de Tecnologia (CT), onde são ofertados dois cursos: Engenharia de Telecomunicações e Engenharia de Computação, os quais não somente formam engenheiros, mas também desenvolvem pesquisas junto a empresas da sociedade produtiva, com enfoque no desenvolvimento intelectual e industrial em diversos setores tais como: sistemas e redes de telefonia móvel, arquitetura de computadores, robótica, sistemas e dispositivos ópticos, dentre outros (UFC, 2025c). Além disso, o Grupo desenvolve suas pesquisas em consonância com o Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Teleinformática (PPGETI), composto pelos cursos de mestrado e doutorado, criado em 2005, cinco anos após a criação do GTEL (UFC, 2025d).

O coordenador-geral do GTEL, Prof. Rogério, entende que a implantação do grupo de pesquisa na UFC foi uma oportunidade única para o Ceará e para a UFC, pois todos os contratos que a Ericsson fez foram no Sudeste do Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro, em universidades como USP, UNICAMP, sendo a UFC um "ponto fora da curva".

> Pra nós aqui no Ceará era uma oportunidade única, pois todos os contratos que a Ericsson fez foram no Sudeste, USP, UNICAMP, Rio e outras universidades mais consolidadas. Então, nós éramos um ponto fora da curva mesmo. Mas eu acho que eles fizeram uma aposta, foi um contrato de dois anos, os alunos se dedicaram muito, houve um entusiasmo grande de toda a equipe, sob a minha liderança, e com isso a gente venceu o primeiro grande desafio que era motivá-los a renovar o contrato. E acabamos nos tornando um case porque dessa primeira leva de contratos, ficamos só nós… fomos o grupo que deu uma resposta em termos de resultado, de indicadores, né? (Prof. Rogério, 2025).

Desse modo, o GTEL é "um ponto fora da curva" como definiu o coordenador-geral do Grupo, constituindo-se em um interessante estudo de caso para se analisar a internacionalização universitária. Primeiro, por se tratar de uma parceria consolidada com uma empresa multinacional iniciada no final da década de 1990 e início de 2000, muito antes da criação do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Teleinformática (PPGETI) e quando o processo de internacionalização das universidades brasileiras ainda era incipiente; e, a segunda, por ser uma parceria que se iniciou muito antes de existir um centro de pesquisa da empresa no Brasil.

Por meio de suas atividades, o GTEL viabiliza o intercâmbio entre a Universidade e profissionais de outros centros de pesquisa em telefonia móvel no mundo, além de desenvolver pesquisas para empresas multinacionais na área de telecomunicações, tendo como principal e mais longeva parceira a empresa Ericsson, cujo centro mundial de pesquisas fica em Estocolmo, na Suécia, onde alunos de pós-graduação têm a possibilidade de realizar estágios de curta duração.

Para o Prof. Rogério, o Grupo é um marco na história do processo de internacionalização da UFC, pois

> a parceria com a Ericsson foi um divisor de águas no sentido da UFC estabelecer uma parceria com uma multinacional para desenvolver pesquisa aplicada, que é próprio da Engenharia. A Engenharia não trabalha somente com o conhecimento puro, mas com ciência aplicada. Então, a chegada dessa empresa foi um fator muito importante para o desenvolvimento dessa área. Quando a empresa chegou aqui no ano 2000, havia um grupo de pesquisa formado, o GTEL, ligado à Engenharia Elétrica. De lá pra cá, formou-se um Departamento de Engenharia de Teleinformática, depois a Pós em Teleinformática e depois o Curso de Engenharia em Telecomunicações. E a parceria com a Erickson foi muito importante, pois foi um fator de estímulo, aporte de recursos, de bolsas, de equipamentos..., estímulo pra gente reter e atrair bons estudantes para fazer pós-graduação e, obviamente, se tornarem bons professores aqui. É uma parceria muito singular (Prof. Rogério, 2025).

Desse modo, o GTEL constitui-se em uma parceria internacional pioneira, não somente em termos de UFC, mas em relação ao Ceará.

Minha vivência no Grupo levou-me a algumas reflexões: é possível estabelecer relações de cooperação mútua entre universidade e empresa? Que motivações e interesses movem essas relações? Por ser um "ponto fora da curva", que pedagogias o GTEL desenvolve em seu processo de internacionalização? O que podemos aprender com o GTEL? Reflexões acerca dessas questões serão desenvolvidas ao longo das próximas seções.

6.2.1 Existe um primeiro mundo no GTEL

A vivência no GTEL possibilitou-me conhecer uma outra universidade. Diferentemente de muitas unidades acadêmicas e administrativas da Universidade, o

GTEL possui um prédio exclusivo para suas atividades de pesquisa, muito organizado e equipado com móveis e equipamentos adquiridos com recursos oriundos das pesquisas desenvolvidas, como mostra a Figura 30:

Figura 30– Estrutura do GTEL.

Fonte: GTEL (2025).

De acordo com a página institucional do Grupo, a infraestrutura é “inspirada em centros de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) de referência” (GTEL, 2025). Cada pesquisador tem uma senha própria para acesso ao prédio, cuja porta de entrada dispõe de uma fechadura eletrônica. Na recepção, há um quadro que descreve a missão do Grupo: “Desenvolver tecnologia em comunicações sem fio através da pesquisa, formando profissionais qualificados e gerando soluções de qualidade para comunicar”, o que define sua razão de ser e orienta as ações do Grupo. Além disso, seguindo as mais modernas tendências organizacionais, o GTEL se propõe a criar um ambiente de trabalho “caracterizado pela descontração e flexibilidade em relação a horários, sendo a rotina de trabalho orientada aos resultados” (GTEL, 2025).

Minha primeira visita ocorreu no dia 19 de fevereiro de 2024, quando fui às instalações do GTEL no campus do Pici para conversar com o coordenador do PPGETI e um dos responsáveis por uma das pesquisas desenvolvidas com a Ericsson, o Prof. Anderson. Cheguei por volta das 10h30 e aguardei o professor, que estava participando de um ensaio de defesa de tese de um de seus orientandos. Na sala de espera, eu conseguia

ouvir o aluno fazendo sua apresentação toda em língua inglesa, o que foi uma surpresa para mim.

Ao terminar o ensaio, o Prof. Anderson me recebeu e me conduziu ao seu gabinete. Na sala dele, as portas dos armários planejados eram de vidro leitoso, que funcionavam como um quadro branco, onde estavam escritas longas e complexas fórmulas matemáticas, uma língua estranha para mim. Comecei perguntando sobre como eram as atividades do GTEL e ele, de forma muito didática, iniciou uma ampla explicação sobre o funcionamento do Grupo de Pesquisa, sobre todos os programas de internacionalização da CAPES voltados à graduação e à pós-graduação e sobre a parceria com a empresa Ericsson.

Sobre as atividades de seu grupo, ele informou que a cada quinze dias ocorrem reuniões tanto com técnicos da Ericsson, quanto reuniões internas, em que são discutidos os andamentos das pesquisas e o que vão apresentar à empresa. Assim, passei a acompanhar ao longo de 2024, quinzenalmente, as reuniões do Grupo com os representantes da Ericsson.

Além disso, é comum o PPGETI trazer renomados pesquisadores estrangeiros para as bancas de defesas de tese e para ministrarem palestras aos pesquisadores. Foi assim que no dia 26 de fevereiro de 2024, realizei minha primeira participação nas atividades do GTEL. Participei de um seminário sobre *Adversarial Reconfigurable Intelligence Surface (RIS)*, ministrado por um professor da Universidade da Califórnia, engenheiro elétrico, que tem contribuições relevantes para o processamento de sinais de matriz de sensores para comunicações sem fio e radar, tendo recebido muitos prêmios em sua área de estudo.

No pequeno auditório do GTEL, havia cerca de quinze participantes, sendo eu a única mulher presente. Depois de todo o ritual de apresentação do convidado pelo Prof. Anderson, o professor ministrou sua palestra. Nessa manhã, havia chovido intensamente em Fortaleza e, como ocorre frequentemente, havia faltado energia no campus do Pici, o que quase inviabilizou a realização do Seminário.

O professor iniciou sua apresentação de forma descontraída, brincando sobre a chuva em Fortaleza, comparando-a à sua cidade na Califórnia. Na oportunidade, apresentou uma foto de seu campus, um lugar florido e ensolarado. A palestra foi

ministrada em língua inglesa, sem interpretação para a língua portuguesa, o que demonstra que os presentes tinham o domínio do idioma. Ao final, alguns participantes fizeram perguntas também em inglês.

Nesse dia, senti-me uma estrangeira dentro da minha própria universidade por duas razões: primeiro, por ser a única mulher num ambiente totalmente masculino. Era como se eu fosse (e eu era) uma estranha na casa deles; segundo, por estar conhecendo uma universidade diferente da que estou habituada a trabalhar e estudar, em que o inglês é comumente utilizado como a segunda língua no cotidiano da pesquisa. Foi um choque cultural, algo comum quando nos encontramos com uma nova cultura.

Sobre a questão da língua, Yago, estudante de doutorado e pesquisador no GTEL, relata que estudou em uma das melhores escolas de idiomas de Fortaleza, e que quando entrou na UFC já tinha um bom nível de conhecimento da língua, o que foi um diferencial em sua trajetória acadêmica:

> E aí, quando eu entrei já na graduação, eu já tinha um bom nível de inglês, tanto que na época da graduação, o próprio professor R., quando eu estava na iniciação científica, ele pedia já pra eu tentar escrever alguns relatórios em inglês, fazer algumas apresentações em inglês. Nesse período, ele já viu que assim, ó, bacana, você tem um nível de inglês bom. Então, pelo menos pra mim, eu tive essa quantidade de cursos feitos aí, né, ao longo da vida. na graduação e na pós, o inglês pra mim não era um problema, não era uma dificuldade, eu sempre tive, consegui entender bem, conseguia me expressar bem em inglês, né? Pelo menos pra mim isso nunca foi um entrave (Yago, 2025).

Por sua vez, Kaio, também doutorando e pesquisador no GTEL, nunca estudou inglês antes de entrar no Grupo, mas com as reuniões da Ericsson foi aperfeiçoando o idioma, o que facilitou sua mobilidade nos Estados Unidos.

> A minha experiência de inglês eu já tinha desde o início do mestrado, porque eu integrava justamente nessa cooperação entre o GTEL e a Ericsson. Quando eu entrei no mestrado, foi quando eu comecei a interagir diretamente com os pesquisadores da Suécia. Então, o inglês teve que ser aperfeiçoado nesses dois anos, 2021 a 2023. Antes disso, eu não tive um estudo formal de inglês. Eu aprendi inglês lendo livros em inglês, vendo séries ou jogando jogos em inglês. Então, não foi um aprendizado formal. Tive na escola, mas na escola é aquela coisa mais básica (Kaio, 2025).

Todas as reuniões com os pesquisadores da Ericsson também ocorriam em inglês. Após participação em algumas delas, observei que os encontros seguiam um padrão específico: algum pesquisador brasileiro apresentava o andamento de sua pesquisa, cujo desdobramento é um artigo em parceria com os colegas participantes, e os demais faziam comentários, sugestões de melhorias e tiravam dúvidas. Do lado brasileiro, o Prof. Anderson sempre guiava as discussões e do lado da empresa Ericsson, havia sempre um ou dois pesquisadores presentes. E mesmo quando acabavam as reuniões virtuais, os membros do GTEL seguiam falando em inglês entre eles.

Outro aspecto recorrente que sempre chamava minha atenção é que os pesquisadores mantinham as câmeras de seus computadores sempre desligadas, não se viam, não havia interações, leituras de expressões faciais, o que demarcava um certo distanciamento relacional e dificultava compreender interações não verbais. Eram como pesquisadores sem rostos, cujo valor maior está no conhecimento.

A infraestrutura diferenciada, o uso do inglês como a linguagem do cotidiano e a parceria longeva com a Ericsson para desenvolvimento de pesquisas de ponta, de fato, tornam o GTEL "um ponto fora da curva" na realidade da UFC. Contudo, mesmo com essas características, o GTEL também enfrenta dificuldades em seu processo de internacionalização. Em algumas conversas, os pesquisadores relataram a instabilidade recorrente da internet no campus do Pici; a falta de salas nos cursos de pós-graduação notas 6 e 7 direcionadas a acolher professores visitantes estrangeiros; a falta de uma página institucional em língua inglesa e língua espanhola; a falta de outros idiomas nos formulários para professor visitante estrangeiro, viabilizando o preenchimento pelo docente; a falta de conhecimento de outros idiomas por parte do corpo técnico da Universidade; e a burocracia para contratação de professores visitantes.

Todas essas questões fizeram-me recordar de uma citação de Paulo Freire, que afirmava que existe um Primeiro Mundo dentro do Terceiro Mundo e um Terceiro Mundo dentro do Primeiro. Na obra "Ação cultural para a liberdade e outros escritos", Freire (2011, p. 141) diz que "o chamado Primeiro Mundo tem, dentro de si e em contradição consigo, o seu Terceiro Mundo, como este tem, dentro de si, o seu Primeiro, representado na ideologia da dominação e no poder das classes dominantes".

Assim, podemos interpretar a citação de Freire de duas formas: a primeira é que o GTEL se configura como um "Primeiro Mundo" dentro da realidade da UFC, em que há domínio e uso do inglês como a língua do cotidiano, uma estrutura tecnologizada e disponibilidade de recursos para internacionalização; a segunda, é que o Primeiro Mundo é representado pelo poder dominante, a Ericsson, que é exercido sobre o Terceiro Mundo e absorve o conhecimento deste, no caso o GTEL. Enquanto o Terceiro Mundo é a classe subordinada aos interesses do Primeiro Mundo, que tende a reproduzir seu estilo de vida.

Apesar dessa relação aparentemente "assimétrica", os pesquisadores do GTEL entendem a parceria como uma troca de interesses mútuos, uma espécie de "ganha-ganha", como disse o Prof. Wilmar, docente do PPGETI, pesquisador do GTEL e diretor de Relações Interinstitucionais do Centro de Tecnologia.

> Em geral, nos projetos com a Ericsson, em pesquisas, a gente sempre tenta amarrar essa experiência de mobilidade dos estudantes. A gente acha que é um ganha-ganha, tanto dentro da Ericsson, o estudante em si, em geral, quando ele trabalha lá. Então, assim, os resultados são até mais acelerados, porque a gente está lá no dia a dia da empresa e tal. Então, assim, a gente sempre fomentou isso (Prof. Wilmar, 2025).

Dessa forma, os pesquisadores produzem conhecimento para a empresa, recebem aportes de recursos, contribuindo para a manutenção da infraestrutura e das pesquisas, sobretudo em contextos político-econômicos de ajuste fiscal em que os recursos das universidades públicas são cada vez mais reduzidos, e, como contrapartida, os alunos do PPGETI têm a possibilidade de realizar estágios na sede da Ericsson, ampliando suas formações.

6.2.2 Aprendendo como ser "um ponto fora da curva"

Considerando que a dinâmica da produção de conhecimento é atravessada pela internacionalização da pesquisa, buscamos aprender, a partir das práticas dos pesquisadores do GTEL como eles fizeram para ser "o ponto fora da curva" da UFC.

De acordo com o coordenador-geral, as pesquisas desenvolvidas pelo Grupo possibilitam que os pesquisadores da área tenham acesso a uma agenda de pesquisa atualizada e de relevância internacional:

> Essa internacionalização que ocorreu lá atrás é interessante porque ela expõe os pesquisadores, por um lado, ao que tá ocorrendo de mais atual, né? a gente estabelece um canal de comunicação com essa empresa. Então a gente tem ali um canal de comunicação com a fronteira da tecnologia. Então, isso permite a gente estar muito atualizado e trazer para o grupo de pesquisa uma agenda que tem relevância internacional, que nessa área é importante. A tecnologia é globalizada então, via de regra, os temas são de relevância global. E a gente mantém essa agenda sempre atual em vez de ficar tateando, ou só isolado, acompanhando a literatura. Você sempre tem um atraso, o que está sendo publicado agora é uma coisa que já foi gestada há um tempo atrás. Então o fato de você ter uma conexão direta com uma empresa que está atual. A gente não tá sabendo por terceiros o que está acontecendo e sem dúvida isso é muito importante (Prof. Rogério, 2025).

Para se ter ideia, enquanto o mundo ainda está na telefonia 5G, o GTEL já está estudando a telefonia 6G. Contudo, é importante ressaltar que essa dinâmica de produção de conhecimento no âmbito da relação UFC-Ericsson ocorre dentro de um contexto internacional hierárquico entre centro e periferia, em que o centro (Ericsson) detém os recursos materiais e simbólicos destinados à produção de conhecimento e a periferia os provê com seus recursos cognitivos e humanos (Oregioni, 2017).

Esse modelo de parceria é diferente de parcerias com outras instituições de ensino estrangeiras, pois envolve a produção de tecnologias para a empresa. Sobre esse tipo de parceria o coordenador-geral do GTEL diz que “numa relação dessa você precisa se adaptar, entender que a empresa tem uma agenda, a empresa tem prazos… é preciso ter maleabilidade para a gente encontrar um ponto de equilíbrio de interesse comum”.

Um dos pesquisadores do GTEL, o Yago, relatou sobre as diferenças do fazer pesquisa na academia e fazer pesquisa para empresa, a partir de sua experiência de mobilidade na sede da empresa na Suécia:

> Então, o trabalho que foi levado lá é um pouco diferente da forma como a gente faz a pesquisa aqui na universidade, né? Porque aqui na universidade a gente tá tentando fazer um artigo, ter uma contribuição acadêmica mais significativa e geralmente envolve fazer artigos que mas posso dizer que tem que escorrer mais, aprofundar mais sobre um tema, né? E enquanto lá para você fazer uma patente, você não precisa, sei lá, fazer uma nova forma de fazer a mesma coisa

> que já foi feita, que já é feita de uma forma que está padronizada, que está bem entendido, que resolve o problema. É você tentar pensar em uma solução fora da caixa para tentar resolver talvez algum problema diferente e você não precisa dar tantos detalhes técnicos, escrever equações, modelos matemáticos, desenvolver soluções mirabolantes, algo desse sentido (Yago, 2025).

É importante ressaltar que todas as patentes desenvolvidas conjuntamente pelos pesquisadores do GTEL e da Ericsson têm suas propriedades intelectuais transferidas totalmente para a empresa, que dispõe de uma assessoria jurídica responsável por todo o processo. O inventor principal da patente recebe uma bonificação da empresa, como relata um dos pesquisadores:

> O principal inventor da patente... normalmente você tem o principal inventor e o segundo inventor...e o primeiro inventor é quem recebe uma bonificação da Ericsson. Só que essa bonificação é pra você passar a patente pra Ericsson, né? Então, você é o inventor da patente, mas a patente pertence à empresa. Acho que é até por isso que a gente não costuma entrar naquela lista de patentes reais que você faz, né? Porque, em geral, o grupo produz bastante patente... Chutando por cima, talvez, seis ou sete por ano, né? O grupo todo. (Kaio, 2025).

Apesar desse modelo de colaboração possibilitar que a UFC acesse recursos, insira-se em uma agenda de pesquisa atualizada e internacional e produza artigos com pesquisadores internacionais, observa-se que é gerada um tipo de cooperação, que Kreimer (2006, p. 200) denomina de “integração subordinada”, uma vez que as agendas de pesquisa local são negociadas como consequência das relações estabelecidas com a empresa multinacional.

Para além da parceria com a Ericsson, durante minhas participações no GTEL, pude observar que o Grupo desenvolve inúmeras outras atividades em prol de tornar a pesquisa mais internacionalizada. Em conversa com o Prof. Anderson, Coordenador do PPGETI e pesquisador do GTEL, ele relatou que, além da experiência com a empresa Ericsson, são os programas de internacionalização fomentados pela CAPES que contribuem para a internacionalização do PPGETI.

Dentre os programas, ele destaca: a) o Programa BRAFITEC, voltado a alunos de graduação em Engenharia a fim de fomentar o intercâmbio entre as instituições universitárias do Brasil e França e estimular a aproximação das estruturas curriculares, inclusive a equivalência e o reconhecimento mútuo de créditos (CAPES, 2019); b) o

Programa CAPES/PROBRAL, que tem por finalidade ampliar a cooperação entre programas de pós-graduação de Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil e da Alemanha, visando ao desenvolvimento e publicação de pesquisas de maior impacto acadêmico (CAPES, 2024d); c) o Programa CAPES/Cofecub, que tem por objeto a seleção de projetos conjuntos de pesquisa Brasil-França (CAPES, 2025); e d) Programa CAPES-PrInt, voltado a estimular a internacionalização da pós-graduação (CAPES, 2024b).

Sobre o BRAFITEC, uma das críticas que o professor faz ao programa consiste na fuga de cérebros, pois o aluno vai estudar na França, volta para concluir os estudos e depois retorna para a Europa. “Até que ponto esses programas são positivos para o Brasil?” questiona ele. Apesar disso, ele ressalta que “a UFC perde, mas o mundo ganha”.

Em relação ao CAPES-PrInt, para o professor, antes do Programa, as parcerias ocorriam por iniciativa dos professores. Então, de alguma forma o PrInt contribuiu para institucionalizar a internacionalização do PPGETI. Porém, segundo ele, o PrInt não fez tanta diferença em relação à qualidade da internacionalização, pois o Programa já realizava ações de internacionalização. Como resultado do PrInt, ele mencionou o envio de pesquisadores a um evento realizado com a Universidade de Munique, na Alemanha, e a vinda de professores estrangeiros, os quais resultaram em trocas de conhecimento com estudantes de diferentes nacionalidades e produção de artigos conjuntos.

Para o Prof. Anderson, os editais da CAPES e do CNPQ contribuem significativamente para a internacionalização da pesquisa do PPGETI. Segundo ele: “Não podemos reclamar que o Brasil fomenta as parcerias bilaterais, principalmente nesse último governo”, referindo-se ao governo Lula (2023-2027).

Como resultado de um dos editais do CNPq que buscam fomentar pesquisas com América Latina, África e Ásia, o Prof. Anderson disse que foi celebrada uma parceria recente com uma universidade do Chile, mas que as reuniões ainda iriam começar. Observa-se, portanto, que as políticas das agências de fomento têm um papel relevante na quebra da hegemonia de relações prioritárias com instituições do Norte Global.

Na perspectiva do Prof. Anderson, para internacionalizar é necessário “meter as caras”, participar de eventos internacionais, apresentar artigos em eventos internacionais, publicar trabalhos em eventos qualificados, fazer relacionamentos é muito importante. Nesse aspecto, foi possível observar que o Grupo aproveita as oportunidades. Nas reuniões, era possível observar que estavam sempre discutindo projetos a submeter aos editais das agências de fomento e artigos a serem publicados em revistas internacionais.

Todos esses esforços para internacionalização da pesquisa tornaram o Prof. Anderson um dos quinze pesquisadores da UFC que apareceram na lista de cientistas mais influentes do mundo, elaborada anualmente pela Universidade de Stanford (EUA) e publicada em 2024 no repositório de dados da Elsevier (UFC, 2024b).

Por outro lado, um dos pesquisadores do GTEL, o Kaio, relatou que, no Brasil, existe uma pressão para se produzir que não existe lá fora. Segundo ele:

> Existe uma pressão muito grande em cima da gente. Essa pressão é aqui, não é uma pressão que existe lá. Isso foi uma coisa que abriu meus olhos pra pesquisa fora do Brasil. Não existe uma pressão pra fazer publicação, existe um cuidado pra que você tenha um tempo pra se desenvolver. Sem precisar ir aos atropelhos, porque você tem que publicar no final do ano, porque você tem que fazer algum relatório pra algum órgão financiador. Não existe esse tipo de pressão lá. Então, eu achei isso muito bom, a experiência desse outro...essa outra vivência do lado acadêmico, né? E é interessante, porque lá pelo menos não existe essa pressão, mas as pessoas também trabalham muito, né? Mas é um trabalho que se desenvolve em um fluxo mais tranquilo, pelo menos pelo que eu entendo e até pelo meu trabalho mesmo lá. Se desenvolveu de uma forma mais tranquila, sem tanta pressão, né? Então isso foi muito bom (Kaio, 2025).

Essa pressão vem, na compreensão dele, dos órgãos financiadores das pesquisas.

> Então, a gente pode conseguir o financiamento de um projeto, mas se a gente não demonstrar um resultado volumoso, dificilmente a gente vai conseguir renovar o projeto. Então, a origem da pressão já está aí. E essa pressão é repassada pra gente pelos orientadores... Então, vai fazendo uma escala, né? O projeto vai pressionar os responsáveis pelo gerenciamento. Porque precisa ter muitas publicações se você quiser continuar tendo financiamento no futuro. E, em consequência, os responsáveis, que normalmente são os nossos orientadores também vão pressionar a gente por ter um volume baixo de publicações. Então é uma coisa muito sistemática, uma coisa muito sistemática. E no nosso grupo eu vejo que a gente ainda tem um pouco de respiro justamente porque a gente tem um volume grande de projetos sendo

> atualizados todo ano. Então a gente entende que é importante que a gente continue renovando esses projetos. Mas a consequência disso é que existe uma piora da sua qualidade de equilíbrio entre trabalho e vida (Kaio, 2025).

Desse modo, é possível apreender que existe uma divisão internacional do trabalho, em que a periferia produz conhecimento para o centro, o que se configura em hierarquias simbólicas de caráter colonial, as quais continuam enraizadas e enredadas na estrutura universitária.

6.2.3 Experiências em internacionalização: aprendendo com os pesquisadores

No dia 27 de setembro de 2024, após a tradicional reunião com a Ericsson, tive a oportunidade de conhecer distintas experiências de internacionalização dos pesquisadores. Estavam presentes 7 pesquisadores do GTEL, sendo o Prof. Anderson, um docente estrangeiro, a quem chamarei de Jamal, e cinco alunos de doutorado e pós-doutorado, aos quais farei referência utilizando pseudônimos.

Os alunos puderam falar livremente sobre suas experiências com internacionalização, o que envolve a participação no Grupo de Pesquisa, o desenvolvimento de projetos de pesquisa com instituições estrangeiras, a recepção de pesquisadores estrangeiros, a produção e publicação de artigos conjuntos em revistas internacionais, a participação em eventos e a mobilidade acadêmica. Dentre os 7 pesquisadores, apenas Paulo e Hilton não vivenciaram a mobilidade acadêmica. Segundo Paulo, “Nem sempre a vida permite viver a experiência internacional”. No caso dele, questões familiares não possibilitaram vivenciar uma mobilidade acadêmica.

Gil, que está participando de um processo seletivo de melhor tese pela Sociedade Brasileira de Telecomunicações, ressaltou que a vinda de docentes estrangeiros para participação em bancas de defesa de dissertação e tese são uma excelente oportunidade para a formalização de novas parcerias. Esses docentes, geralmente, são trazidos com recursos de programas disponibilizados pela CAPES.

Sobre essa questão, o Prof. Anderson partilhou sua própria experiência. Contou que apresentou sua dissertação de mestrado para um professor francês e que, por meio dessa relação, conseguiu uma bolsa da CAPES para estudar na França. Segundo ele,

no início dos anos 2000, o processo para aquisição de uma bolsa pelo órgão de fomento não era tão simples como hoje e não havia tantas oportunidades disponíveis como atualmente. Na época, era necessário ir a Brasília para realizar entrevista na CAPES, o que foi custeado com recursos próprios.

Outro professor de nacionalidade paquistanesa, o Jamal, compartilhou sobre sua vinda para o Brasil. Jamal vivia no Paquistão e submeteu seu projeto para estudar na Universidade de Munique, na Alemanha e em três universidades brasileiras: Universidade de Brasília (UnB), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC) e UFC.

Seu desejo era ir para Munique, na Alemanha, para realizar sua pesquisa junto a um professor que é referência em sua área de estudo. Contudo, o processo da UFC foi mais rápido. Então, ele decidiu vir para a UFC. Segundo ele, "todo mundo no nosso país pensa em Europa, EUA, eu escolhi o Brasil… Para mim, Brasil era tudo a mesma coisa, eu não sabia o que era RJ, Brasília…"

Coincidentemente, na gestão do reitor Henry de Holanda Campos (2015-2019), houve uma seleção para professor visitante e eles enviaram ousadamente a proposta ao professor alemão, reconhecido mundialmente por ser referência na área de estudo deles e docente da universidade onde o professor Jamal gostaria de ter ido inicialmente. Para a surpresa de todos, o professor alemão manifestou interesse na vaga, veio passar um período no Brasil e foi orientador do Prof. Jamal.

Sobre a vinda de professores visitantes estrangeiros para a UFC, o Prof. Anderson relata algumas dificuldades institucionais, como a falta de estrutura física para receber os professores, a falta de internet, que é um problema antigo do campus do Pici, e a falta de proficiência em línguas estrangeiras dos servidores do setor da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP), responsável pela contratação de professores visitantes. Para dirimir as dificuldades, os professores se transformaram em assistentes pessoais do professor alemão a fim de facilitar a vinda e estadia dele no Brasil.

Yago, por sua vez, havia retornado há duas semanas de um doutorado sanduíche na sede da Ericsson na Suécia, e manifestou sua preocupação com a falta de mercado de trabalho para cientistas no Brasil. Para ele, "Não adianta fazer doutorado e virar motorista de aplicativo no Brasil". Por isso, muitos pesquisadores, quando têm a

oportunidade, migram para outros países em busca de melhores oportunidades, como é o caso de ex-alunos do Programa que hoje estão na Ericsson.

O Prof. Anderson concorda com Yago e afirma que “nosso mercado não absorve os doutores”. Ele conta que nos Estados Unidos, 70% dos doutores são absorvidos pela indústria. Porém, o mesmo não acontece no Brasil, pois nossas empresas e indústrias não têm a cultura da pesquisa. Como exemplo, disse que todos os alunos presentes na sala viraram ou pretendem se tornar professores. Na oportunidade, Gil questionou: “a política foi formar, mas o que vamos fazer com esses doutores?”

Sobre a falta de mercado que absorva esses profissionais, importa ressaltar que desde a década de 1990, o Brasil tem vivido um processo de desindustrialização, que vem se agravando ao logo dos últimos dez anos. Dados da Agência de Notícias da Indústria apontam que em 2018, os Estados Unidos investiram cerca de 2,83% de seu Produto Interno Bruto (PIB) em pesquisa e desenvolvimento (P&D). No mesmo ano, a China investiu 2,14% do PIB, enquanto o Brasil caminhou na contramão do mundo, reduzindo seu investimento em P&D e, hoje, investe apenas 1,2% do PIB (Andrade, 2022).

No entendimento de Robson Braga de Andrade, presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), a premissa básica é de que não existe país forte e desenvolvido sem uma indústria dinâmica, competitiva e integrada ao mercado global. Desse modo, faz-se necessário que o Brasil adote medidas para reverter esse processo de desindustrialização, garantindo às indústrias nacionais igualdade de condições perante a acirrada competição do mercado internacional (Andrade, 2022). Dentre essas medidas estão políticas de valorização dos pesquisadores brasileiros para inserção desses doutores no setor industrial.

Inclusive a criação do Programa CsF durante o governo Dilma Rousseff (2011-2016) tinha como um de seus objetivos específicos “estimular e aperfeiçoar as pesquisas aplicadas no País, visando ao desenvolvimento científico e tecnológico e à inovação” (Brasil, 2011b, local. 1), tanto que parte do financiamento do Programa vinha de empresas como Hyundai, Posco, Shell, pois a ideia era que esses estudantes realizassem estágios nessas empresas, como mostrou Garcia (2020).

A discussão com o grupo trouxe à tona uma política do Governo Lula (2023-2027), criada por meio da Portaria CNPq nº 1708, de 09 de abril de 2024, pelo CNPq, intitulada “Programa de Repatriação de Talentos - Conhecimento Brasil”, um esforço do governo brasileiro para evitar a fuga de cérebros (CNPq, 2024).

O Programa apresenta duas chamadas, sendo uma denominada “Atração e Fixação de Talentos”, voltada a projetos de pesquisadores brasileiros que residam no exterior e queiram voltar a desenvolver pesquisas no país, com estimativa de investimento anual é de aproximadamente R$165 milhões, ao longo de 5 anos; e outra denominada “Apoio a Projetos em Rede com Pesquisadores Brasileiros no Exterior”, que visa apoiar a execução de projetos em instituições de ensino superior públicas ou privadas, institutos de ciência e tecnologia e empresas que desenvolvam pesquisas, sempre localizados no Brasil, em cooperação com brasileiros atuando em congêneres estrangeiras e tem estimativa de investimento em R$ 230 milhões, em dois anos (CNPq, 2024).

Sobre o Programa, Hilton comenta que o valor oferecido, em torno de R$13.000,00, é frustrante para doutores experientes, porém poderia ser motivador para jovens doutores e pesquisadores, que recebem bolsas entre R$ 3.000 a R$ 5.000,00 no Brasil.

Além das reflexões sobre as políticas de internacionalização no âmbito nacional, o Prof. Anderson também mencionou alguns desafios da política institucional, tais quais:

a) a exigência de tradução de cartas de aceite, pois na concepção dele, em uma universidade internacionalizada, não deveria existir;
b) a inexistência da página institucional da UFC em línguas estrangeiras, o que dificulta com que docentes e alunos estrangeiros conheçam mais sobre a UFC;
c) os formulários para professor visitante, que existem apenas em português, dificultando com que os próprios professores compreendam e preencham o documento;
d) a instabilidade da rede internacional de internet, *eduroam*, que não funciona e inviabiliza o acesso à internet de professores estrangeiros quando vêm à Universidade, o que acontece com frequência.

Esse encontro com os pesquisadores do GTEL possibilitou não somente conhecer variadas experiências de internacionalização, mas pensar sobre os desafios enfrentados na busca por parcerias e oportunidades no ambiente acadêmico global. As experiências compartilhadas evidenciam a importância de um olhar institucional mais atento às demandas dos pesquisadores, que viabilizem o desenvolvimento da internacionalização da pesquisa na UFC.

No âmbito nacional, embora iniciativas como o "Programa de Repatriação de Talentos - Conhecimento Brasil" mostrem um esforço para atrair e reter talentos no país, ainda há muito a ser feito para garantir que pesquisadores brasileiros tenham condições adequadas para desenvolver suas pesquisas e contribuir para o avanço do conhecimento em nosso país.

Sobre a "fuga de cérebros", questão que levou o CNPq a formular o Programa de Repatriação de Talentos, conversei com um ex-aluno do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Teleinformática (PPGETI) e pesquisador do GTEL, que saiu do Brasil para trabalhar na empresa Ericsson, cuja experiência será compartilhada a seguir.

6.2.4 Do GTEL para o mundo: a trajetória de Alex e o dilema da fuga de cérebros

A "fuga de cérebros" consiste em uma expressão utilizada para referir-se à migração de pesquisadores, cientistas e profissionais para outros países em busca de melhores condições de carreira, trabalho e qualidade de vida. Sobre esse movimento, o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), estima que, nos últimos anos, o Brasil perdeu cerca de 7 mil cientistas para o exterior, ocasionado pela falta de uma carreira estruturada para pesquisadores, baixa remuneração e poucas oportunidades no mercado de trabalho (Dourado, 2023)[82].

[82] Dourado (2023) atribui a diáspora dos cientistas brasileiros à falta de investimentos em ciência e tecnologia, aos cortes no custeio de universidades federais, e à redução do orçamento destinado a pesquisas científicas que, entre 2014 e 2022, teve uma redução de 60%. Além disso, as bolsas de mestrado e doutorado ficaram sem reajuste por 9 anos, registrando perdas de 66,6%. A fim de retomar os investimentos em educação, ciência e tecnologia, em 2023, o governo federal anunciou a retomada de investimentos, com aumento de 44% dos recursos para as agências de fomento, CNPq e Capes. No entanto, superar essa problemática requer tempo e investimento em políticas públicas.

Durante conversas com os pesquisadores do GTEL, tive a oportunidade de conhecer a história de um pesquisador do Grupo que encontrou melhores oportunidades de trabalho no exterior, a quem chamarei de Alex, cuja trajetória acadêmica e profissional nos ajudam a compreender as razões que levam cientistas brasileiros altamente qualificados para trabalhar no exterior.

Alex é um jovem de 35 anos, nasceu no interior do Ceará, em uma localidade chamada Catunda, zona rural de Sobral. Cursou graduação em Engenharia de Computação e mestrado em Engenharia de Teleinformática no campus de Sobral da UFC. Depois, veio para Fortaleza cursar o doutorado e desenvolveu pesquisas no GTEL. Atualmente, vive na cidade de Gotemburgo, na Suécia, e trabalha na empresa Ericsson.

Filho de agricultores, ele conta que seus pais tiveram 10 filhos e mesmo com recursos muito limitados, sua mãe queria muito que eles estudassem. Ele conta que cursou parte do ensino fundamental na fazenda e outra parte em uma escola municipal na zona urbana de Sobral. Sobre as dificuldades de seu processo de alfabetização, ele conta que:

> Eu acho que comparado com as outras crianças, eu comecei até um pouco tarde, porque eu lembro que sempre falavam que eu tinha perdido um ano, então era tipo, a galera que é da minha idade estava um ano atrasado. Mas, enfim, eu fiz o ensino fundamental naquela época de primeira, segunda, terceira e quarta série. Aí eu me alfabetizei lá, era basicamente o que tinha, processo de alfabetização. A gente sentava num banquinho, a professora dava os cadernos que vinham da rede pública pra gente, lápis, borracha... eu lembro bem disso, a gente escrevia até na perna, botava o caderninho na perna pra poder estudar, porque era o recurso que a gente tinha naquela época (Alex, 2025).

Os desafios ficaram maiores quando Alex foi cursar o ensino médio em uma escola de elite de Sobral, quando a família precisou fazer uma cota para pagar a mensalidade escolar, como ele relata:

> Aí depois da nona série foi o momento que as coisas começaram a se tornar bem mais desafiadoras para mim porque quando eu voltei de volta para Sobral, eu fui começar o primeiro ano de ensino médio, aí eu fui pro colégio de elite de lá. Os meus pais fizeram bastante esforço pra conseguir pagar o colégio. Na verdade, foi uma reunião familiar. Cada um pagava um pedacinho da parcela, porque era caro. E aí conseguia juntar o dinheiro e dava pra pagar mensalidade. O primeiro ano do ensino médio foi bem difícil, mas ao mesmo tempo foi uma

> experiência muito boa, porque é o momento que você leva aquela pancada na cara que você vê que você sabe muito pouco. Até então eu era sempre o melhor aluno, mas ali dentro da rede pública é fácil você ser o melhor aluno porque a galera não se esforça muito, não estuda muito. Então foi um momento bem desafiador pra mim (Alex, 2025).

Vemos que a infância de Alex na zona rural, permeada por limitações de recursos e dificuldades de acesso a uma educação básica de qualidade, evidencia as desigualdades sociais e educacionais da nossa sociedade, sobretudo das regiões periféricas do Brasil.

Quando chegou o momento de escolher o que queria fazer da vida, ele relata que ficou muito em dúvida, pois gostava muito da área de Física, mas essa opção só tinha na Universidade do Vale do Acaraú (UVA), universidade estadual, cujos recursos, segundo Alex, eram muito limitados. Foi quando ele escolheu cursar Engenharia de Computação no campus da UFC em Sobral, pois se identificava com a área de Exatas. Para além da identificação com a área, observamos, ao longo de sua trajetória, que a educação superior se constituiu em um marco de ascensão social em sua vida.

Durante a graduação, de 2010 a 2015, ele foi orientado por um docente que também é pesquisador do GTEL. Antes de concluir a graduação, ele começou a pesquisar sobre o mercado de trabalho e viu que tinha duas opções: “ou terminar a minha graduação, tentar arrumar um trabalho por mim mesmo, ou continuar aquilo que eu já sabia que daria certo, que era fazer um mestrado. A bolsa parecia suficiente, R$ 1.500,00 naquela época parecia muito dinheiro pra mim”. Ele entrou no mestrado em Engenharia de Telecomunicações em 2015 e terminou em 2017. Sobre sua formação na UFC, ele compartilha suas impressões:

> A formação que a UFC oferece, do meu ponto de vista, ela é uma formação que encoraja muito o aluno a seguir a vida acadêmica, pelo menos assim, a experiência que eu tive, o que eu vi do meu curso. Não posso generalizar isso para as outras áreas, é uma experiência pessoal, digamos assim, que eu acho que os colegas do meu curso também compartilhariam a mesma opinião que eu tenho. A UFC, naquela época pelo menos, ela não te prepara tanto, quando eu digo não te prepara, ela não te incentiva a ir para o mercado de trabalho, ela te incentiva a ser pesquisador. Você aprende a metodologia do trabalho científico e você se aprofunda nisso. Você aprende como escrever um artigo de revista, porque é isso que os professores também fazem, certo? Então, assim, é um direcionamento para a área acadêmica (Alex, 2025).

Nesse percurso acadêmico, Alex veio para Fortaleza cursar o doutorado, financiado pela CAPES, e desenvolveu uma pesquisa em um tema novo para a área, a modelagem de canal 5G. Ele conta que a experiência do doutorado foi muito desafiadora, pois além de pesquisar um tema novo, ele se cobrava muito, pois sentia como se precisasse dar um retorno ao investimento que os pais fizeram em sua educação.

> A experiência do doutorado foi bem maluca, pra ser sincero, porque logo que eu entrei no GTEL, eu me deparei com um tema que eles nunca haviam pesquisado. Então, era uma experiência que nem mesmo os próprios professores tinham. Então, foi muito desafiador pra mim. Porque o doutorado, pra mim, ele significava mais do que simplesmente o doutorado, era mais uma meta de vida por conta da dificuldade, tudo aquilo que os meus pais passaram, eu senti que eu tinha um dever de fazer um doutorado de excelência pra eu sentir que tudo aquele esforço que foi feito por mim, ele estava se pagando, entendeu? Então, assim, eu exigi muito de mim durante a época do doutorado. Foi um período muito puxado (Alex, 2025).

Para a banca de doutorado, cuja defesa foi em inglês, seu orientador, coordenador-geral do GTEL, convidou um professor estadunidense, referência na área, com mais de 70 mil citações, o que gerou ansiedade em Alex por medo de "não ser bom o suficiente para o padrão internacional dessas pessoas". Sobre esse sentimento, ele traz uma percepção importante que reforça a ideia de inferioridade cultural/epistêmica, alegada por Grosfoguel (2008), que afeta o brasileiro:

> Eu acho que aí que entra o ponto que nós brasileiros sofremos muito do complexo da inferioridade, infelizmente. A gente faz muita pesquisa de altíssima qualidade em diversas das nossas universidades, mas a gente vê a Europa como algo que está acima do nosso nível de modo geral. A gente vê o mundo externo, os Estados Unidos e a Europa como algo que está acima da gente. E a gente fica vivendo com esse complexo de inferioridade o tempo todo. com uma cabeça da gente que nós não somos bons o suficiente, que não é bom. Então, assim, eu fiquei muito feliz do professor [cita o nome do orientador] ter sugerido chamar alguém de tanto peso para a minha banca, porque isso mostra que a gente está no nível internacional. A nossa pesquisa do GTEL, ela realmente está no nível internacional, ela consegue competir de igual para igual. Infelizmente, em alguns aspectos, a gente não tem os mesmos recursos que as grandes universidades europeias, mas dados os recursos limitados que a gente tem, a gente faz uma pesquisa muito bem-feita. Então, assim, eu senti que o meu doutorado teve isso, de que embora a gente não tenha as mesmas condições que essas universidades grandes, internacionais têm, mas ainda assim a gente consegue fazer um trabalho que se equipara ao deles (Alex, 2025).

O medo de “não estar à altura” de uma banca de defesa de doutorado internacional evidencia como o imaginário colonial permanece vivo nas relações entre produção científica do Sul e do Norte. Apesar desse sentimento, ele percebeu que se saiu bem perante o professor internacional.

> A minha defesa foi cinco horas e alguma coisa, o homem passou mais de uma hora, uma hora e meia de pergunta vai, pergunta vem. O meu medo maior é que ele fizesse perguntas e eu não tivesse a base teórica de responder. Isso me assustava antes da defesa. Mas eles têm um jeito diferente de fazer as avaliações. Geralmente, os professores brasileiros, eles fazem perguntas mais específicas “Como é que você fez um cálculo disso?” Ou seja, é perguntar sobre como você fez coisa X na sua tese. Pô, você tá fazendo isso por 4 anos, é óbvio que você sabe a resposta. Esse professor bambambam, as perguntas dele eram bem mais filosóficas e difíceis de responder. Por exemplo, tinha um tema X, aí ele... o que você acha desse tema? E aí você fica... a pergunta é totalmente, mas assim, super abrangente, entendeu? Eles fazem umas perguntas que eu, sinceramente, não esperava, mas, na hora, eu consegui desenrolar e eu acho que eu respondi bem as perguntas dele. Mas enfim, assim, você percebe que ele tem um jeito diferente de fazer as avaliações. Aquilo me surpreendeu bastante na hora da defesa (Alex, 2025).

Durante o doutorado, Alex já sentia o desejo de ter uma experiência internacional, mas conta que seu conhecimento em língua inglesa não era tão bom, o que ele considera uma lacuna em sua formação.

> Durante o doutorado, eu esqueci de mencionar, eu queria ter essa experiência internacional, mas na época o meu inglês não era bom o suficiente, esse foi um erro que eu cometi durante a minha vida acadêmica, porque eu não investi cedo no aprendizado do inglês. Pra você ter uma noção, na minha graduação, um dos meus professores dava algumas aulas de probabilidade com livro em inglês. Ele, às vezes, passava com uma questão básica de probabilidade. Tipo, tinha duas, três linhas de enunciado, e eu não conseguia ler isso. Eu não conseguia ler aquilo e traduzir e saber o que ele estava dizendo, o que ele estava perguntando. Eu já era uma pessoa com 20, 22, 23, 24 anos. Eu tenho 35. Não foi muito longe, sabe? Tipo, não foi muito longe de agora. Então, esse foi um erro que eu cometi (Alex, 2025).

Observa-se que durante a graduação na área da Engenharia, os estudantes já eram expostos à língua inglesa. Mesmo assim, Alex só aprendeu inglês de forma consistente durante o mestrado. Durante o doutorado, surgiu uma oportunidade de mobilidade acadêmica na Europa, mas ele não conseguiu alcançar o nível mínimo de 6 na prova do *International English Language Testing System* (IELTS), tendo chegado

muito próximo do nível, mas não o suficiente. Sua única experiência internacional, antes de viver na Suécia, consistiu em uma participação em um Congresso Internacional realizado em 2019 na Finlândia para apresentação de um artigo.

Ao ser perguntado sobre como aprendeu inglês, Alex conta que “foi na marra mesmo”, jogando videogame com os “gringos”.

> Para você ter noção de como era limitado o meu nível de inglês naquela época, os gringos escreviam alguma coisa no chat. Eu não tinha capacidade de ler. Eu precisava copiar. Saca só, eu botava no tradutor, eu via a tradução em português, depois eu escrevia o que eu queria responder em português, eu botava no tradutor pra conseguir até voltar pra inglês, eu colava no chat e mandava pra pessoa. O interessante disso é que, à medida que o tempo foi passando, eu fui percebendo que menos frequentemente eu precisava usar o tradutor. Eu começava a entender o que estava sendo escrito, obviamente que eram conversas totalmente relacionadas ao jogo, Mas assim, eu conseguia perceber que eu estava melhorando [...] Isso lá, depois de um ano já jogando o jogo, já escrevia, já entendia o que as pessoas escreviam, mas eu falava quase nada. Só o básico. *How are you?* Esse tipo de coisas (Alex, 2025).

Foi quando, por meio dos jogos de videogame, ele conheceu uma senhora dinamarquesa aposentada, que o ensinou a falar inglês. Além disso, as reuniões com os pesquisadores da Ericsson e a convivência com o professor estrangeiro, o Jamal, que na época também era estudante de doutorado, contribuíram para a aquisição do conhecimento da língua, como ele relata:

> a gente tinha tido várias experiências internacionais, projetos do GTEL em parceria com a Ericsson. Eu já tinha entrado em várias reuniões em que eu via o pessoal da Ericsson falando inglês. Vez ou outra eu tinha a oportunidade de falar inglês. Alguns estudantes dentro do GTEL são internacionalizados, um deles é professor hoje em dia, o Jamal [pseudônimo usado para evitar a identificação], ele é do Paquistão. Por sinal, é meu amigo. Então, eu aprendi muito inglês com ele também. Apesar que ele tem um sotaque bem carregado, característico daquela região, mas eu aprendi muito inglês com ele. Muito mesmo. E eu conversava o dia todo. Eu ia pro GTEL oito da manhã e eu saía do GTEL onze e meia da noite, a pé, junto com o Jamal. Isso por três anos e meio de doutorado, junto com o Jamal pra andar até a saída do campus e aí lá a gente pegava um uber. Morria de medo de ser assaltado (Alex, 2025).

A trajetória de Alex também nos ensina sobre o conceito de capital cultural, especificamente em sua dimensão incorporada, isto é, aquela adquirida por meio da prática, da vivência cotidiana (Bourdieu, 2011). Ainda que Alex não tivesse, inicialmente, o domínio formal da língua inglesa, um requisito valorizado no campo científico, ele

mobiliza e acumula esse capital por vias não escolares de aprendizagem, muitas vezes desconsideradas pelas instituições, como o uso de videogames e interações virtuais.

Ao concluir o doutorado em 2021, Alex iniciou o pós-doutorado no GTEL no período da pandemia. Nessa ocasião, ele já estava fluente em inglês e ainda tinha o desejo de viver uma experiência internacional. Foi quando começou a submeter seu currículo para vagas de trabalho no exterior. Ele conta que três meses após concluir o doutorado, submeteu seu currículo às duas maiores empresas de Telecomunicações do mundo, a chinesa Huawei e a sueca Ericsson.

> Eu apliquei pra duas áreas de emprego, na verdade, eu apliquei pra uma área de emprego na Huawei. A Huawei, não sei se você conhece, a Huawei é a competidora número 1 da Ericsson. A Huawei e a Ericsson são as duas maiores empresas do mundo no setor de telecomunicações. A Huawei é chinesa, E a Ericsson é sueca. A Huawei tem todas as questões de treta com os Estados Unidos, confiança etc., que está espionando essa treta toda. Talvez você tenha ouvido falar a respeito em algum momento. Então, eu fiz essas duas aplicações. Eu fiz uma aplicação para a Huawei de Gotemburgo, na Suécia, que é onde eu estou atualmente, e também apliquei para outra vaga na Ericsson. Aí, assim, eu saí aplicando porque eu queria essa experiência internacional e o que eu tinha na cabeça era "o primeiro emprego que eu conseguir, eu vou" (Alex).

Quatro dias depois de ter submetido seu currículo para a Huawei, ele recebeu uma ligação para agendar uma entrevista de emprego, o que gerou nele certa desconfiança pela rapidez do contato. Ele pensava que era alguma espécie de trote.

Seu orientador ficou um pouco chateado por ele estar indo trabalhar na principal concorrente da Ericsson, mas compreendeu sua decisão. Apesar de que, quando seu orientador contou sua história para mim, parecia muito orgulhoso da trajetória de seu orientando. Alex diz que compreende o lado de seu orientador de "não quer perder o recurso que ele ajudou a formar para o competidor. Mas ele também entendeu o meu lado. Todo mundo procura melhorar e aprender coisas novas e progredir na vida. E aí eu vim".

Ele relata que o processo de contratação ocorreu de forma muito rápida. A Huawei financiou sua ida para a Suécia, auxiliou na retirada do visto e a conseguir um apartamento. Sua ida para o exterior foi motivada pela falta de perspectivas no Brasil, conforme ele relata:

> Primeiro que eu não via muito perspectiva de crescer no Brasil, eu não sentia que o Brasil naquela... até mesmo hoje, talvez tenha melhorado um pouco

> comparado com aquela época, ou ficado pior, eu não sei dizer, mas eu não sentia que dada a formação que eu tive, todo o processo pelo que você passa...o doutorado tem um altíssimo nível de desgaste, é um investimento de vida, e você quer sentir que em algum momento isso está sendo pago de volta pra você. E quando eu olhei para as opções disponíveis no Brasil... tem a vida de professor, a vida acadêmica, os salários são congelados por muitos anos, já você começa com R$ 9.500, só que é R$ 9.500 reais há mais de 15 anos, poxa, que você começa com esse valor. As inflações quase mal foram corrigidas. Então, eu sinto que havia uma grande desvalorização com relação ao professor. E era algo que no início da minha vida acadêmica, lá na graduação, eu queria ser professor, mas à medida que eu fui passando pelo processo, eu comecei a desapaixonar de que eu precisava ser professor (Alex, 2025).

Outro aspecto que Alex considera que motivou a sair do Brasil é a questão da segurança pública.

> É uma coisa que sempre me incomodou muito no Brasil, a parte da segurança. Eu me sinto muito mal quando eu tenho que andar dentro do... quando eu tenho que andar dentro de Fortaleza, andar nas avenidas, eu vou lá e compro um relógio meio caro ou… eu gosto de usar o cordão, enfim, algum item que realmente você vê que é algo que tem algum valor razoável. E aí eu me sinto muito mal, eu fico com medo de ser assaltado a todo momento, de aparecer um cara com uma arma, eu sempre tive isso na minha cabeça e eu me sinto muito mal. Esse foi um outro fator muito importante pra eu considerar ter que sair do Brasil. Aqui eu não penso nisso, não tenho essa preocupação referente à segurança (Alex, 2025).

Contudo, seu período de trabalho na Huawei também foi desafiador. Além da cultura chinesa ser reconhecida pelo excesso de trabalho, Alex relata que teve o mesmo impacto que sentiu durante seu ingresso no ensino médio e durante sua formação durante o doutorado: a sensação de que não sabia nada. Ele tinha muito conhecimento teórico, mas sentiu falta de conhecimento prático voltado para o mercado de trabalho, como ele conta:

> Então, quando eu entrei na Huawei, por que eu sofri esse impacto? O trabalho que a gente desenvolve no GTEL, embora de extrema relevância, ele é bem acadêmico, ele é voltado para a sua formação acadêmica, para você ser pesquisador de ponta, professor de altíssimo nível. Dependendo do emprego ou a empresa na qual você vai entrar, você vai começar a se aproximar mais da realidade, da realidade no sentido a nível de simulação, o que ocorre realmente numa torre de transmissão, por exemplo. [...] Tecnologia é uma coisa extremamente complexa, então você pode dedicar sua vida toda na parte teórica, acadêmica, que é o que a UFC te prepara pra isso ou você poderia focar na parte de realmente mexer nos componentes de abrir o roteador e etc., que é uma outra formação que eu acredito que a UFC não tem tanto preparo [...] Então, como eu não tinha tido esse aparato, embora eu tinha a parte teórica, eu

> tinha o conhecimento teórico, mas eu tive que dar esse passo adiante. Entrar na parte de ter que entender os detalhes técnicos dos componentes, como é que esse componente funciona... Nunca tinha visto, nem o componente na minha vida, nunca tinha olhado. Então, novamente, foi aquele tapa na cara que eu levei. Mas, naturalmente, tudo o que eu aprendi no GTEL, assim, é um background absurdo. Você entende toda a parte teórica. E aí eu comecei aquela parte prática. Esse foi o motivo que eu senti aquela dificuldade inicial (Alex, 2025).

Alex trabalhou por três anos e meio na Huawei como uma espécie de trabalhador terceirizado e, segundo ele, apesar de ganhar muito dinheiro, era um emprego de alto risco, sem estabilidade. Foi quando conseguiu uma oportunidade para trabalhar na Ericsson, cuja estabilidade ele compara a do servidor público no Brasil.

> O meu vínculo empregatício com a Ericsson é quase equivalente ao que a gente chamaria de ser um funcionário público no Brasil. A empresa não pode simplesmente decidir "estamos finalizando o contrato com você". Precisa ter um motivo maior, realmente precisa ser uma demissão de justa causa. Isso me surpreendeu muito. Eles não podem decidir te demitir. Você tem os seus direitos trabalhistas. Eles podem te demitir em situações excepcionais, a empresa está quebrando, por exemplo, aí tem que demitir funcionários. Mas mesmo nesses casos, eles têm que pagar um ano de salário pra ti. Emprego mais estável quando comparado com o que eu tinha anteriormente. E o tipo de conhecimento que eu uso para exercer as minhas atividades atuais, novamente, hoje elas são um pouco mais alinhadas com o tipo de pesquisa que eu fazia no GTEL. Novamente, todo aquele arcabouço teórico, da formação matemática, de problema de otimização etc., é mais útil agora do que quando eu estava na Huawei (Alex, 2025).

Na Ericsson, ele realiza um trabalho mais aproximado do que realizava no GTEL, como pesquisador. Além disso, o ritmo de trabalho é menos intenso, proporcionando-lhe maior qualidade de vida, como ele conta: "[...] a Ericsson, ela deixa livre pra você... Você quer trabalhar feito maluco? Tranquilo. Você quer trabalhar só o que você precisa e você quer viver sua vida, você quer ver seus amigos, se dedicar à sua família?"

Quando perguntado sobre a distância da família e a adaptação a uma nova cultura, Alex conta que a distância física não afeta suas relações familiares, já que mantém contatos diários por meio de mensagens de texto, e que se adaptou bem à cultura e ao clima. Mesmo no inverno, quando o sol ilumina a cidade somente por três horas, o clima

sombrio tende a gerar uma depressão nos nativos. No entanto, ele conta que não sentiu esse efeito.

O menino do interior do Ceará, que enfrentou inúmeros sacrifícios para estudar, conta que se sente feliz com as escolhas que fez ao longo da vida. Cheio de planos, ele confessa que não pretende voltar para o Brasil.

> Eu não tenho vontade de voltar. Eu não vejo como que eu me enquadraria de volta no Brasil, pra ser sincero. Eu estou feliz aqui, assim, não tenho plano de voltar. Estou satisfeito com as escolhas que eu fiz até agora. Eu já estou planejando comprar um apartamento pelo próximo ano, dar entrada num apartamento, escolher um lugar legal. Então, eu fiz já a minha cabeça de que eu quero viver aqui, eu quero morar aqui (Alex, 2025).

A escolha de Alex de ficar no exterior, depois de anos de investimentos e aprendizados científicos no Brasil, motivada pelas faltas de perspectivas no País e segurança pública, apontam para a necessidade de investimento do Estado em políticas públicas voltadas para profissionais que se dedicam exclusivamente à pesquisa, a necessidade de maior valorização da nossa ciência, de melhoria contínua das condições de trabalho e pesquisa, tanto no setor público, nas universidades e empresas públicas, quanto no setor privado, permitindo uma maior absorção de pós-graduados pelas empresas brasileiras.

Para além disso, a história de vida de Alex nos mostra que a educação, mesmo com todas as suas limitações, tem o poder transformador e emancipatório, sendo um meio para reconfiguração subjetiva de pertencimentos e de identidades. As memórias e narrativas de Alex nos mostram, que mesmo do outro lado do mundo, esse “ufceano” reconhece sua identidade, lembrando que antes de ser cidadão do mundo, ele é catundense, cearense e brasileiro (Freire, 2021a).

6.2.5 Uma cultura de internacionalização estabelecida: análise das situações sociais

A experiência do GTEL nos mostra que o Grupo possui uma cultura de internacionalização consolidada, marcada por inúmeras e variadas ações, com as quais podemos aprender.

Assim como Gluckman (1987) desvelou nas análises das situações sociais na Zululândia, a experiência do Grupo de Pesquisa em Telecomunicações sem Fio (GTEL) também é marcada por contradições e estruturas de poder que nos revelam dinâmicas sociais mais amplas que contribuem para pensarmos a internacionalização da educação superior, como sintetiza o Quadro 15:

Quadro 16- Práticas de internacionalização do GTEL

Dimensões de análise	Evidências observadas
Aspectos da Internacionalização do GTEL	• Parcerias com instituições de ensino estrangeiras e empresa; • Aproveitamento das oportunidades disponibilizadas pelas agências de fomento; • Maior quantidade de programas voltados à área de Ciência e Tecnologia, como BRAFITEC, PROBRAL, COFECUB, os quais viabilizam mobilidade acadêmica etc.; • O CT possui um Diretor de Relações Interinstitucionais na Unidade, responsável por orientar a comunidade do Centro sobre programas e ações de internacionalização. • Predomínio da Cooperação Sul-Norte; • Resulta, em alguns casos, em fuga de cérebros; • Grande quantidade de produção acadêmica com pesquisadores internacionais; • Presença de pesquisadores estrangeiros nas bancas de defesa; • Acesso a uma agenda de pesquisa atualizada, porém subordinada aos interesses da empresa; • Recorrem a diferentes fontes de financiamento de pesquisa.
Práticas linguísticas	• Uso do inglês como a língua do cotidiano; • Hegemonia da língua inglesa nas produções acadêmicas; • Apresentação de defesas de tese em inglês; • Ausência de página institucional em língua estrangeira; • Falta de formulários trilíngues para professores visitantes; • Baixa capacitação de servidores técnico-administrativos em línguas estrangeiras.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Além da parceria com a empresa sueca Ericsson, o GTEL desenvolve inúmeras outras atividades voltadas à internacionalização, como desenvolvimento de projetos fomentados pela CAPES, CNPq e FUNCAP, colaborações com instituições de ensino estrangeiras, publicação de artigos em parceria com pesquisadores estrangeiros, recepção de professores visitantes, realização de bancas de tese com membros internacionais, dentre outras. Essas parcerias ocorrem prioritariamente com países do Norte Global, como França e Estados Unidos.

O inglês é a linguagem usada cotidianamente na pesquisa. É comum que reuniões e defesas de tese ocorram em língua inglesa por ocasião da participação de algum

membro externo estrangeiro. Por outro lado, dentro da Universidade ainda há carência de pessoal técnico capacitado para dialogar com pesquisadores estrangeiros, a página institucional não dispõe de versão em língua inglesa e/ou espanhola e os formulários para contratação de professores estrangeiros também são exclusivamente em língua portuguesa até o momento, o que impede que esses profissionais preencham os documentos de forma autônoma.

Desde sua criação em 2000, o GTEL destacou-se como um "ponto fora da curva" na área da pesquisa, ao estabelecer uma parceria pioneira com uma empresa multinacional, a Ericsson. Essa articulação entre uma universidade pública e um setor produtivo internacional transformou a UFC em polo estratégico de produção de conhecimento aplicado em telecomunicações no Ceará, viabilizando que pós-graduandos de Engenharia de Telecomunicações desenvolvam estágios em uma empresa multinacional.

No entanto, como salienta Gluckman (1987), mesmo os casos de sucesso são atravessados por tensões que expõem a existência de um poder simbólico em que estruturas coloniais de dominação, subordinação e dependência aparecem. Assim, mesmo a lógica do "ganha-ganha", percebida pelos pesquisadores, não elimina as hierarquias globais da produção de conhecimento, em que a periferia produz conhecimento para o centro.

Essa moeda de troca nos mostra que a internacionalização não ocorre em um contexto neutro, mas envolve jogos de poder que disputam recursos e legitimidade para seus conhecimentos (Streck; Abba, 2018). Esse campo de forças marcado por relações assimétricas e desigualdades na produção do conhecimento, intrínsecos à colonialidade do saber, suscitam dilemas políticos e éticos que nos levam a refletir sobre nossos modos de produção de conhecimento e de fazer internacionalização.

A fuga de cérebros, problematizada por meio da trajetória de vida de Alex, aponta para a necessidade de valorização e investimento em nossa ciência e de formulação de políticas públicas que melhorem as condições de trabalho e pesquisas de nossos cientistas, tanto nas universidades, quanto no setor produtivo, políticas essas fundamentadas em uma concepção de educação emancipatória e transformadora, nos termos de Freire (2020).

6.3 A experiência do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS)

O Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da UFC é composto pelos cursos de Mestrado, implantado em 1976, e de Doutorado, implantado em 1996, tendo ambos como área de concentração a Sociologia e como áreas de domínio a Antropologia, a Ciência Política, a Filosofia e a História (UFC, 2025b). Por ter nota 5 na avaliação da CAPES, o PPGS foi o único programa de pós-graduação na área de humanidades da UFC a participar do CAPES-PrInt.

Instigada a conhecer como ocorrem as ações de internacionalização no âmbito do PPGS, comecei a acompanhar as atividades de ensino desenvolvidas por uma docente, a quem chamarei de Profª Gecilda, cujo projeto de pesquisa foi contemplado com recursos da Comissão para o Intercâmbio Educacional entre os Estados Unidos da América e o Brasil, Comissão Fulbright, uma organização internacional vinculada ao governo dos EUA, criada em 1946, por lei do Senador J. William Fulbright e instalada no Brasil em 1957.

A Comissão Fulbright está presente em mais de 140 países no mundo e desde 1984 atua junto à CAPES, oferecendo bolsas de estudos para o intercâmbio de estudantes de pós-graduação, professores e pesquisadores que queiram fazer a diferença em suas comunidades por meio da pesquisa e do conhecimento (Fulbright Brasil, 2025).

O Projeto intitulado “Elites em Cidades Latino-americanas” foi aprovado por meio de um edital da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais (ANPOCS), no âmbito do Programa ANPOCS-FULBRIGHT (PAF), que tinha como finalidade ampliar e aprofundar a cooperação acadêmica entre os EUA e o Brasil nas áreas de Antropologia, Ciência Política e Sociologia. O PAF envolveu apoio a nove programas de pós-graduação e centros de pesquisa selecionados, dentre eles o PPGS da UFC, para receberem visitas de pesquisadores estadunidenses por três anos consecutivos, entre agosto de 2022 e maio de 2025 (ANPOCS, 2021).

O Edital tinha os seguintes temas prioritários: Estado e Sociedade; Desigualdade Social e População; Democracia e Participação; Direitos Humanos; Teoria e Metodologia; Estudos Culturais; Meio Ambiente, Territórios (ANPOCS, 2021). Ao ser aprovado, o PPGS receberia a visita de três pesquisadores dos EUA entre 2023 e 2025, sendo em maio de 2023, o Professor Hugo Ceron-Anaya, mexicano radicado nos Estados

Unidos onde leciona na Universidade de Lehigh, na Pensilvânia, que ministrou curso sobre Estudos Críticos da Branquitude (UFC, 2023b); em maio de 2024, a Professora Carmen Martinez-Novo, professora de Estudos Latino-Americanos e Antropologia pela Universidade da Flórida (EUA), que ministrou curso sobre elites latino-americanas; e em 2025, a antropóloga e professora Ana Ramos-Zayas, da Universidade de Yale.

Contudo, em 2025, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, suspendeu o financiamento de vários projetos, inclusive o da Fulbright, que contemplassem termos como "direitos humanos", "promoção de justiça social", "gênero", "crise ecológica", sob a alegação de não serem de interesse nacional (Chade, 2025). Tal qual na obra de George Orwell, intitulada "1984", em que o Estado controla o vocabulário para restringir o pensamento crítico das pessoas, a continuidade dos projetos dependeria de uma revisão de palavras e a supressão de conceitos.

Esse fato evidencia como a dimensão político-ideológica afeta as políticas de internacionalização. Sobre essa questão, a Profª Gecilda questiona sobre o financiamento das pesquisas no Sul Global: "Mas quem financia essas pesquisas? Quem vai financiar? Se essas pesquisas não forem de interesse diretamente de instituições do Norte Global, como que eles vão financiar essas pesquisas?" No entendimento dela, é necessário que os governos latino-americanos busquem outras fontes de financiamento para além do Norte Global:

> É importante que governos locais, que os governos de esquerda, governos progressistas que agora estão no poder como Lula no Brasil, como a presidenta do México, como o presidente da Colômbia tenham em mente a importância estratégica de programas de internacionalização que valorizem a América Latina, que valorizem trocas entre os pesquisadores latino-americanos, porque é isso que vai levar à superação do racismo. O racismo está incutido na mentalidade da pesquisa, né? E durante muito tempo, nossa universidade foi voltada para a França, né? No nosso Programa existe uma valorização imensa da França, como um lugar... e os Estados Unidos também... como esses lugares de produção de conhecimento, como esses lugares colocados como ideais, né, de formação e tal. Então, toda a nossa formação, todos os nossos esforços de formar parcerias, eram com pesquisadores europeus ou estadunidenses, né? E muito pouco esforço foi feito em relação à América Latina. Então, acho que um ponto... um caminho importante para esse desmantelamento do racismo acadêmico, é pensar os caminhos do dinheiro. Para onde a gente consegue dinheiro, que financie pesquisas, para além desse Norte Global? Que outras fontes de recursos nós podemos ter? Porque esse é um ponto muito importante (Profª Gecilda, 2025).

Além dessa censura, outras medidas adotadas pelo governo de Donald Trump têm afetado a internacionalização universitária, a exemplo da proibição de recepção de estudantes estrangeiros pela Universidade de Harvard e a suspensão de vistos a estudantes estrangeiros divulgada em maio de 2025 até que o governo desenvolva novas diretrizes para expandir a triagem e verificação de rede social de todos os candidatos a vistos de estudante (G1, 2025). Como desdobramento dessa medida, segundo a CAPES, pelo menos 96 brasileiros desistiram de realizar o doutorado sanduíche nos Estados Unidos, optando a mudar o destino ou adiar a pesquisa (Tokarnia, 2025).

Com a finalidade de compreender como a internacionalização universitária é compreendida, ressignificada e praticada no âmbito do PPGS, participei de atividades desenvolvidas pela Profª Gecilda entre setembro de 2023 e junho de 2024. As discussões propostas na disciplina, voltada a questões raciais e espaços urbanos, foram muito pertinentes para ampliar a compreensão sobre a colonialidade, que, segundo Quijano (2005), nasce justamente na ideia de raça a partir da colonização das Américas.

Em alguns momentos, senti como se estivesse perdendo tempo nas aulas, pois as discussões pareciam não contribuir efetivamente para meu tema de pesquisa. Contudo, lembrei-me de Lobo e Teixeira (2020, p. 91) quando dizem que é necessário não somente estar ali, mas "adentrar as redes, os grupos, o universo dos comentários, rumores, informações que compõem, animam e constituem esse cotidiano no qual, apenas aparentemente, nada acontece." Assim, passei a investir tempo e paciência e comecei a interagir com os alunos e alunas nos intervalos e fora das aulas. Por meio dessa interação, conheci dois alunos, a quem chamarei pelos nomes fictícios de Andile e Flávio, cujas histórias de vida e trajetórias acadêmicas suscitaram inúmeras reflexões sobre a internacionalização universitária.

O encontro entre meu tema de pesquisa e as questões raciais despertou em mim uma série de questionamentos: Como nos conectamos com os povos latino-americanos, africanos? Como é possível nos integrarmos mais à América Latina, à África, à Ásia e a outras formas de ser e de pensar? Como a internacionalização se vincula a temas raciais ou de opressão social? Como podemos descolonizar nossos currículos? Reflexões acerca dessas questões serão desenvolvidas ao longo das próximas seções.

6.3.1 Em busca da mobilidade acadêmica: aprendendo com Flávio

Flávio é um jovem de 30 anos, nascido na cidade de Caucaia, região metropolitana de Fortaleza, com graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e mestrado em Sociologia pela UFC. Desde 2021, é aluno de doutorado em Sociologia, cuja pesquisa é voltada para a compreensão sobre esportes de elite. Seu plano era conseguir uma bolsa para fazer Doutorado Sanduíche na *Lehigh University*, na Pensilvânia, universidade onde o Prof. Hugo Cerón Anaya, seu co-orientador trabalha.

O professor o motivava a buscar uma oportunidade de estudos ou nos Estados Unidos ou na Inglaterra, pois, segundo ele, daria um *up* em sua formação. Entretanto, vários fatos, como a necessidade de emissão de visto em um curto período, a necessidade de ter proficiência em língua inglesa e a escassez de bolsas para a área de Humanas impediram Flávio de vivenciar sua experiência internacional nos Estados Unidos.

De fato, como vimos na análise dos eventos "Como estudar nos Estados Unidos e no Canadá", "*Europe Road Show*" e na análise sobre as políticas de internacionalização do Brasil, a maior parte das bolsas para mobilidade acadêmica contemplam principalmente os cursos nas áreas de Ciência e Tecnologia, sendo escassas as bolsas para as áreas de Ciências Sociais, Artes e Humanidades. Isso ocorre porque a internacionalização é hegemonicamente permeada por uma lógica tecnicista, em que a ciência e a tecnologia funcionam como agentes de acumulação do capital (Chauí, 2001).

Em outra ocasião, acompanhei Flávio à coordenação do curso para tirar dúvidas sobre o processo seletivo para o Doutorado Sanduíche da CAPES. Lamentavelmente, a secretária informou que ele não poderia participar da seleção, pois o curso de Sociologia era participante do PrInt[83].

Como dito anteriormente, o Programa de Pós-Graduação em Sociologia foi o único curso da área de Humanidades a participar do PrInt na UFC. Todavia, o que parecia

[83] A adesão do Programa de Pós-Graduação ao Capes-PrInt não impede a participação dos seus docentes e discentes nos Programas de Cooperação Internacional, no âmbito de acordos assinados e gerenciados pela Capes, a exemplo do Capes/Cofecub, Capes/DAAD Probral, entre outros, mas impede a indicação de estudantes ao Programa de Doutorado-Sanduíche no Exterior (PSDE) (Capes, 2024).

ser algo positivo para o curso, na verdade, trouxe uma limitação, pois o número de bolsas ofertadas pelo PrInt é significativamente inferior ao número de bolsas ofertadas pelo Programa Institucional de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE)[84].

Em 2023, a CAPES aumentou o número de bolsas ofertadas pelo PSDE em relação ao ano anterior. Em 2022, foram ofertadas 1.400 bolsas; em 2023, 1.518 bolsas e em 2024, 3.000 bolsas. Além disso, a CAPES reduziu para 4 a nota dos cursos que podem participar do PSDE e retirou a obrigatoriedade da prova de proficiência, exigindo apenas uma declaração de reconhecimento de fluência linguística assinada pelo coorientador no exterior e a declaração de reconhecimento de fluência linguística assinada pelo orientador no Brasil (CAPES, 2023), ampliando, assim, a possibilidade de acesso dos estudantes ao programa de bolsas no exterior.

Em outro encontro com Flávio, perguntei como estavam os preparativos para o Doutorado Sanduíche e ele respondeu que estava pensando em desistir, pois haviam sido disponibilizadas apenas 7 vagas para todos os cursos participantes do PrInt na UFC. E que, além disso, ele precisaria fazer o exame de proficiência TOEFL para concorrer às vagas, o que custaria cerca de US$ 200,00, valor que ele não dispunha naquele momento. Para ele, o PrInt dificultou a participação dos alunos em outros programas de mobilidade acadêmica da CAPES.

Felizmente, em 2024, o PPGS foi contemplado com bolsas de internacionalização pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), viabilizando que Flávio realizasse parte de seu doutorado no exterior. Em razão de seu conhecimento em espanhol, adquirido nos cursos promovidos pela Casa de Cultura Espanhola, Flávio sugeriu ao seu coorientador ir para um país latino-americano ou para a Espanha, como ele conta:

> Aí, eu falei com o Hugo e disse assim: “Hugo, que tal eu ir para um país latino-americano ou para a Espanha?” Aí ele disse assim: “Eu vou dar uma olhada aqui, vou pensar e vou te falar”. Aí ele entrou em contato comigo de novo e

[84] Criado em 2006, o PDSE permite que alunos matriculados em cursos de doutorado no Brasil cumpram parte de seus estudos em instituição estrangeira. Ao final da bolsa, que dura entre quatro e seis meses, eles devem retornar ao País para a defesa da tese. O PDSE complementa e aumenta as possibilidades de formação ofertadas no Brasil, expande a colaboração com cientistas do exterior, aumenta a visibilidade da produção científica do País e fortalece os programas de pós-graduação nacionais (Capes, 2025).

> disse assim: “Flávio, pensei, dei uma olhada e acho que você devia ir para Colômbia, porque lá a gente tem a Mara Viveiros, que é uma pessoa que você pode estar em contato e seria excelente. Eu acho que é um país latino-americano, mas tem universidades de excelência, onde estudam as elites e tudo (Flávio, 2025).

Em relação aos procedimentos burocráticos, a aquisição de visto para a Colômbia foi mais simples do que para os Estados Unidos. Segundo Flávio, o procedimento ocorre todo de forma eletrônica junto à Embaixada da Colômbia em São Paulo e custa em média US$100,00 (cem dólares). As custas com vistos e outras taxas são totalmente por conta do aluno, que recebe da agência de fomento, as passagens, o seguro saúde e uma bolsa que custa em torno de US$1.300,00 (um mil e trezentos dólares).

Sobre o valor da bolsa, Flávio relata que a FUNCAP, agência financiadora, não tinha um valor específico para países latino-americanos. Ele conta que precisou solicitar a tabela de valores do CNPq e enviar à FUNCAP para definição do valor da bolsa.

> Para você ter noção, a questão da vinda para a Colômbia foi tão interessante porque a Funcap não tinha um quadro de valor para pagar para o bolsista do sanduíche que vinha para a Colômbia. A Colômbia não estava na lista deles. Eles pediram que eu buscasse a tabela da Capes ou do CNPq que tivesse o valor que o bolsista recebia quando ia para um outro país latino-americano. Aí eu contactei o CNPq, que me mandou a tabela. Aí eu mandei para eles...e a tabela do CNPq é assim... todo país que não está lá é dolarizado. O valor é o mesmo que você recebe para ir para os Estados Unidos, que é 1.300 dólares a mensalidade. Ou seja, é uma dolarização das bolsas para outras regiões, e aí eles só colocam lá quando é um país muito específico, tipo assim: Alemanha, França, Inglaterra... que as moedas vão mudando. Estados Unidos, Coreia do Norte, aí eles têm Austrália, eles colocam porque a moeda é diferente, mas assim, os países latino-americanos não têm (Flávio, 2025).

Esse fato mostra que países da nossa própria região ainda tendem a ser invisibilizados pelas agências de fomento.

Nesse processo de preparação para a mobilidade, Flávio contou com o apoio da coordenação de seu curso de pós-graduação, mas sentiu falta de um maior suporte da Universidade em relação às informações necessárias. Ele sugeriu que cada curso de pós-graduação tivesse uma pessoa responsável por orientar os alunos, algo que ele observou na Colômbia.

> Porque, às vezes, ninguém sabe de nada, sabe? Você procura informação e ninguém sabe de nada, às vezes nem mesmo a coordenação do curso sabe. Primeiro que o seu orientador, ele te indica, ele te propõe, aí você tem que ver com a coordenação, com a instituição de fomento, né? Então, fica essa comunicação por e-mail, geralmente, mas você não tem uma informação bem detalhada, uma pessoa que te instrua, uma pessoa responsável. Eu acho que os programas de pós-graduação poderiam ter um técnico-administrativo responsável por esses assuntos de internacionalização, que soubessem dar esse script do passo a passo do processo, orientação, preparação, que é uma coisa que eu vi aqui na universidade na Colômbia. Eles têm um departamento específico de internacionalização e durante a semana eles colocam uma tenda no campus da universidade com uma pessoa responsável que dá as instruções do passo a passo de como os estudantes vão fazer a mobilidade, seja de doutorado sanduíche, seja da graduação, seja qual for. Então, é uma coisa que a gente não tem. Eu não vi isso ainda na UFC. Eu nunca tive contato. Eu sei que tem um departamento de internacionalização da universidade, né? Mas eu acho que os PPGS deviam ter uma pessoa responsável que pudesse fazer essa orientação do processo burocrático da saída, né? (Flávio, 2025).

Finalmente, entre outubro de 2024 e abril de 2025, Flávio cumpriu parte de seu doutorado na *Pontificia Universidad Javeriana*, uma universidade privada na Colômbia, uma experiência que ele descreve como:

> uma coisa maravilhosa, não só do ponto de vista acadêmico, mas pessoal, cultural. As amizades que você faz para além da universidade... claro que a maioria dos contatos são os contatos da universidade, os amigos que você faz na universidade, mas amigos fora da universidade também. Você tem essa chance de circular e eu circulei bastante aqui nas universidades. Eu não fiquei só na universidade que me recebeu, no Instituto que me recebeu. Eu estou no Instituto Pensar, que é o Instituto de Estudos Sociais e Culturais da Universidade Javeriana (Flávio, 2025).

A experiência internacional viabilizou que Flávio entrasse em contato com pesquisadores que ele só conhecia pelos livros, como a antropóloga Mara Viveiros Vigoya, docente da Universidade Nacional da Colômbia e pesquisadora sobre as intersecções de gênero, sexualidade, classe, raça e etnia nas dinâmicas sociais das sociedades latino-americanas. Além do contato com uma rede de pesquisadores latino-americanos, ele relata que gostou de vivenciar a cidade de Bogotá.

> Eu acertei muito nessa vinda para a Colômbia, para Bogotá. Gostei de Bogotá também. É uma cidade urbana, caótica. Eu gosto também um pouco desse lance mais caótico, mas é uma cidade que também tem suas belezas, tem seus parques, tem seus museus, tem uma vida cultural muito efervescente. Tem coisa para fazer todo dia da semana. Se você quiser ir para um concerto da Orquestra Filarmônica de Bogotá, você vai no meio da semana. Então, não é aquela cidade que só tem coisas para fazer no fim de semana. É uma cidade

> que, durante a semana, você tem uma vida cultural ativa. Então, eu acho que isso foi bacana (Flávio, 2025).

Quando questionado se enfrentou alguma dificuldade em seu processo de adaptação em Bogotá, ele citou a dificuldade em conseguir moradia, pois sua universidade ficava localizada em um bairro de elite e os aluguéis eram caros. Inicialmente, ele ficou em apartamentos alugados por temporada, mas depois conseguiu estadia em uma residência compartilhada por universitários. Outra dificuldade foi a adaptação com a língua falada no dia a dia, como ele relata:

> Quando eu cheguei em Bogotá, eu senti um pouco esse lance de você ter que adaptar o ouvido. Porque uma coisa é na universidade, onde os professores falam de forma formal, em espanhol mais devagar. E outra coisa é na rua, quando você precisa ir comprar algo, ir à padaria, enfim, resolver qualquer coisa. Então, o espanhol latino-americano, em especial colombiano, é totalmente diferente do espanhol que se fala em outras partes do mundo. E eu acho que eu demorei dois meses pra me sentir confiante, seguro de falar, sabe? Porque compreender, eu sempre compreendi, mas de falar de forma segura, sem ter medo, sabe? Aquela coisa... Porque eu acho que com dois meses eu já tava com o ouvido mais acostumado, você não é nativo, mas eu fui fazendo uma coisa assim, sabe aquela coisa que criança faz, que repete tudo que os outros falam? Eu fazia isso na rua, as expressões, os modos de falar, os acentos, as expressões locais, porque o espanhol colombiano tem muita expressão local, então foi isso (Flávio, 2025).

Outra observação que Flávio fez sobre sua vivência na Colômbia é que por ser estrangeiro em uma cultura marcada pela violência, ele andava sempre em estado de alerta pela cidade, principalmente porque é comum as pessoas serem revistadas ao entrarem em lojas. Ele relata que

> Aqui, na Colômbia, é uma prática comum. Eles suspeitam das pessoas. Então, você tem segurança e você tem que abrir a bolsa ou tem que mostrar a fatura da compra para eles revisarem. Ou então, nas ruas, ficam, geralmente, os policiais pedindo uma cédula, que é o documento daqui. No meu caso, é uma cédula de estrangeiro que você mostra. A primeira vez que aconteceu isso, eu disse assim “Poxa, o que é que acontece sempre? Eu fiz alguma coisa de errada?” Aí, quando ele viu que eu era brasileiro, ele disse “ah, não, brasileiro, ok”. Já mudou a abordagem, sabe? Mas parece que aqui suspeitam muito das pessoas, assim. Então, mesmo vindo de uma realidade latino-americana, aqui parece que a coisa é mais... tem uma obsessão maior em torno dessa questão da segurança (Flávio, 2025).

A trajetória acadêmica de Flávio evidencia os desafios enfrentados por estudantes, sobretudo da área de Humanidades, para a realização de uma mobilidade

acadêmica. Apesar de ter uma formação sólida em Ciências Sociais e da orientação de seu coorientador internacional, o aluno enfrentou entraves, como a exigência de proficiência em inglês, o curto prazo para emissão de visto, a baixa oferta de bolsas para áreas não prioritárias e as limitações impostas pelo Programa PrInt.

Esses obstáculos revelam uma tendência estrutural das políticas de internacionalização, que favorecem cursos de Ciência e Tecnologia em detrimento das Ciências Humanas, numa lógica mercantilista que associa conhecimento à produção de capital (Chauí, 2001), como vimos anteriormente na análise do conteúdo das políticas de internacionalização, especificamente o Programa CsF e nos discursos das palestras sobre como estudar nos Estados Unidos e no Canadá.

Entretanto, a conquista de uma bolsa da FUNCAP e a possibilidade de desenvolver parte de sua pesquisa na Colômbia, na *Pontifícia Universidad Javeriana*, configuraram, na perspectiva do aluno, uma experiência enriquecedora, tanto no campo acadêmico quanto pessoal e cultural. O contato com renomados pesquisadores latino-americanos, como a antropóloga Mara Viveiros Vigoya, além da imersão em uma vida universitária e cultural ativa em Bogotá, ampliaram sua visão de mundo e fortaleceram sua rede acadêmica.

As dificuldades enfrentadas, como a busca por moradia, a adaptação ao espanhol local, as diferenças culturais conseguiram ser superadas pelo aluno, ressaltando a importância de um maior suporte institucional aos estudantes em mobilidade. Flávio propõe, com pertinência, a presença de um profissional técnico-administrativo nos programas de pós-graduação para orientar os discentes em todo o processo de internacionalização, uma prática já adotada em universidades mundo a fora e que poderia ser implementada na UFC.

Dessa forma, a experiência de Flávio evidencia não apenas os desafios persistentes, mas também as oportunidades transformadoras que a mobilidade internacional pode proporcionar, desde que acompanhada por políticas inclusivas e apoio institucional.

6.3.2 Linguagens de resistência: aprendendo com Andile

Andile é um jovem de 36 anos, filho de mãe colombiana e pai caboverdiano. Ele nasceu em Moscou, na Rússia, mas cresceu em Cabo Verde, na África. Escolheu estudar no Brasil pela proximidade com a língua e pela possibilidade de conhecer a terra de sua mãe. Contudo, nunca conseguiu ir à Colômbia.

Veio estudar na UFC por meio do PEC-G no ano de 2007, quando fez graduação em Comunicação Social, um processo de formação que ele considera longo e difícil, em razão de sua adaptação à cultura brasileira. Apesar da proximidade com a língua e a relação histórica entre Brasil e África, Andile conta que sofreu um choque cultural, além de muitos casos de racismo, o que o levou a estudar, na graduação, sobre a representatividade do negro no mundo da propaganda e a intenção da publicidade em utilizar padrões estéticos de beleza europeus.

Naquela época, ele conta que teve dificuldade em encontrar um orientador para sua pesquisa na área da Comunicação Social, pois não eram comuns estudos sobre questões raciais.

> Eu tive dificuldade para achar um orientador da Comunicação. Não sei se era o tema que assustava. Eu acredito que era isso. Hoje, acho que, com certeza, as mesmas pessoas que não podiam na época, hoje vão querer. Porque eu acho que agora tá todo mundo tentando, de alguma forma, mostrar que é antirracista e decolonial, né? Todo mundo é decolonial. E aí, tudo é decolonial, na verdade, só as práticas é que não são. Na teoria, tudo é. Mas as práticas... As práticas não são, não. A gente ainda vive sob uma matriz colonial nas relações de trabalho, nas pesquisas, nas relações afetivas, né? Enfim, esse é outro assunto. Então, assim, eu consegui fazer minha monografia sobre isso, né? E quem me orientou foi uma professora lá da Educação. Ela me falou de não entender de comunicação, mas vamos lá, a gente ajuda (Andile, 2025).

Ele conta que a expectativa de todos os pais é que os filhos se formem e voltem com o diploma para sua terra natal, mas com Andile foi diferente. No Brasil, ele casou, teve uma filha e se naturalizou brasileiro. Em 2021, concluiu o mestrado na Universidade Estadual do Ceará (UECE), quando desenvolveu uma pesquisa sobre masculinidades negras. Em 2022, entrou no doutorado em História na UFC, onde tem estudado o ensino sobre a História da África no Brasil.

Um dia, durante o intervalo da aula do dia 06 de dezembro de 2023, Andile me convidou para comprar água com ele e continuarmos a conversa iniciada na aula anterior sobre sua trajetória na UFC. Andávamos pelos corredores do Centro de

Humanidades, quando ele encontrou outro aluno caboverdiano e os dois conversaram em seu próprio idioma, o criolo. Na ocasião, ele contou que ao chegar no Ceará, uma das coisas que mais estranhou foi as pessoas falarem o idioma do colonizador e não conhecerem o idioma dos seus ancestrais, dos povos originários. Ele disse algo que me trouxe inúmeras reflexões sobre a relação entre a língua, nossas identidades e a internacionalização da educação. Ele disse: "minha língua é minha identidade".

Apesar da língua crioula não ser a oficial nos países africanos, Andile conta que em seu país, as pessoas só falam português, a língua do colonizador, em situações formais. Para ele, a língua (portuguesa) é um legado colonial. "A língua nativa vem do coração. É na minha língua que consigo me expressar. Ela é a preservação da minha identidade", ensinou-me Andile. Da mesma forma, Paulo Freire compreendia que o uso da língua portuguesa, como língua oficial da África, não era neutro, pois a língua reproduz valores colonialistas (Romão, 2012).

Os povos africanos possuem centenas de línguas diferentes. Mesmo após mais de cinco séculos de colonização portuguesa, eles não perderam muitas de suas raízes culturais e linguísticas, como ocorreu no caso brasileiro. Tal como na África, quando os colonizadores chegaram ao Brasil, uma de suas primeiras tarefas foi o ensino da língua portuguesa aos povos nativos, apagando nossas identidades. Assim, considerando nossa semelhança histórica, mas todas as nossas diferenças culturais, o que podemos aprender com os povos africanos?

Recordo que, ao pegar o livro do Prof. Hugo Ceron-Anaya para leitura antes da aula, fiquei surpresa ao me deparar com o texto em língua inglesa. Por saber de suas pesquisas em seu país de origem, o México, fiquei me perguntando se ele ministraria a aula em inglês ou espanhol, se os alunos tinham conseguido ler o texto e se teriam conhecimento de outros idiomas. Para minha surpresa, o professor falava um portunhol compreensível.

Mesmo que o conhecimento de língua estrangeira seja critério para conclusão de um curso de mestrado e doutorado, verifiquei, ao longo da convivência com o grupo, que poucos alunos tinham habilidade de leitura em outros idiomas, principalmente em inglês. As aulas da Profª Carmen Martinez-Novo, por exemplo, foram todas ministradas em espanhol já que ela não falava nossa língua. Então, os alunos nos comunicávamos em

português e ela em espanhol. A bibliografia do curso também era toda em língua inglesa e espanhola, o que gerou reclamação por parte de alguns alunos que preferiam os textos em espanhol pela aparente proximidade com a língua portuguesa, viabilizando a compreensão e participação nas aulas, o que era critério de avaliação.

É unânime que a falta de domínio de outros idiomas por docentes, discentes e corpo técnico-administrativo consiste em uma das barreiras encontradas para o processo de internacionalização das universidades. Essa dificuldade ficou mais evidente durante a implementação do Programa CsF, quando o principal país de destino dos bolsistas, inicialmente, foi Portugal em razão da semelhança da língua. Ao reconhecer essa barreira, o Governo Federal criou o Programa Idioma sem Fronteiras, como vimos na seção 3.5.2.

No âmbito da UFC, desde a década de 1960, a comunidade acadêmica dispõe de um importante equipamento de internacionalização que são as Casas de Cultura Estrangeiras (CCEs). Porém, as vagas disponibilizadas pelas CCEs não são suficientes para atender a demanda e ainda não atendem os alunos do interior. Além disso, como citado anteriormente, em 2024, a Reitoria da UFC instituiu uma Comissão, por meio da Portaria nº 233, de 29 de julho de 2024, responsável pela elaboração e implantação de uma Política Linguística para a Universidade, com a finalidade de ampliar o ensino de línguas estrangeiras e indígenas, incentivando a diversidade linguística e cultural, dentre outras (UFC, 2024i).

Outro evento que contribuiu para pensarmos a relação entre a língua e a internacionalização da educação superior foi o *workshop* ministrado no dia 15 de maio de 2024 pela Profª Carmen Martinez-Novo sobre "Estratégias para publicar artigos nos Estados Unidos", a partir de sua experiência como editora-chefe da Revista da Associação de Estudos Latino-Americanos. O *workshop* tinha como finalidade, nos termos da professora, "tornar as pesquisas mais atraentes para um público mais amplo".

Segundo a Prof. Gecilda, durante seu pós-doutorado, ela foi orientada a buscar um país de língua anglófona, como Estados Unidos ou Inglaterra, pois esses países eram considerados lugares de excelência no mundo na Sociologia. Na percepção da professora,

> há uma supervalorização dentro da universidade de artigos, textos, né, publicados em inglês. Então, quem tem uma formação nos Estados Unidos ou

> na Inglaterra acaba tendo mais vantagens no campo de produção acadêmica, em termos de pontuação para o próprio Programa (Profª Gecilda, 2025).

Essa pressão acadêmica por publicar artigos nos Estados Unidos ou língua inglesa decorre da hierarquização de línguas e saberes existente no campo acadêmico, que induz os pesquisadores a publicarem em inglês, considerada a língua científica universal, como forma de dar maior visibilidade à sua produção científica.

Se é por meio da língua que nos comunicamos, pensamos, sentimos e vivemos, se nossa língua carrega nossos valores e concepções de mundo, constituindo-se em nossa identidade cultural, Finardi (2022) propõe que, para termos relações internacionais mais baseadas na colaboração mútua do que na competição, devemos priorizar as nossas línguas nativas, quando possível, em nossos intercâmbios, bem como na produção, avaliação e circulação do conhecimento. Isso não significa que não devemos conhecer outros idiomas que viabilizem nossa interação com o mundo, mas que devemos valorizar nossa língua como forma de afirmar nossa identidade, como nos ensinou Andile.

Para se ter uma ideia da hegemonia da língua inglesa na produção científica, Finardi (2022) apresentou um levantamento realizado por Hamel (2013) na base de citações da *Arts & Humanities Index* com a finalidade de mostrar o viés nos artigos aceitos/publicados segundo o país de origem e a língua da produção. A pesquisa mostrou que das 62.513 publicações em inglês, os Estados Unidos aparecem em primeiro lugar com 18.617 artigos publicados; a Inglaterra em segundo com 5.776; o Canadá em terceiro com 1.788; a Austrália em quarto com 970; a Escócia em quinto com 792; a Alemanha em sexto com 590; a Holanda em sétimo com 408; a França em oitavo com 356; o País de Gales em nono com 335; a Itália em décimo com 322; Israel na décima primeira posição com 276; Nova Zelândia na décima segunda posição com 251; Irlanda em 13º lugar com 209; e finalmente a Espanha em 14º lugar com 191.

Ao mudar a análise para artigos escritos em espanhol na mesma base e no mesmo recorte temporal para verificar se o viés linguístico permanecia, Hamel (2017) identificou que, no caso do espanhol, a distribuição de 1.384 artigos é significativamente menor do que a produção em inglês. Mesmo assim, os Estados Unidos aparecem em primeiro lugar com 245 artigos, seguido da Espanha com 205; o Chile em terceiro lugar com 45; a Argentina em quarto com 28; o México em quinto com 27; a França em sexto

com 22; o Canadá em sétimo com 7 artigos; a Inglaterra e Itália na oitava e nona posições com 6 produções cada e, por fim, o Peru em décima posição com 5 artigos apenas.

Tanto em língua inglesa, quanto em língua espanhola, os Estados Unidos aparecerem na frente em número de publicações, o que evidencia que o local onde esses trabalhos são produzidos também importa e, em muitos casos, determina a circulação, visibilidade, impacto e relevância que esses trabalhos terão. Tal fato constitui-se, assim, em mais uma camada da colonialidade do saber, uma vez que o sistema de *rankings* e métricas usados na produção científica internacional, os quais foram pensados por e para o Norte Global, colocam o Sul em uma condição de desigualdade, invisibilizando nossa produção científica.

Sobre essa questão, a professora concorda ao afirmar que

> tem uma visão colonialista da língua que faz com que a gente muitas vezes não valorize o espanhol, justamente porque ele nos permitiria estar mais em contato com países latino-americanos. E isso não é valorizado na academia (Profª Gecilda, 2025).

Para superar essa assimetria, Hamel (2017) propõe pensar em políticas científicas e linguísticas plurilíngues, fortalecendo as publicações em língua nacional e criando condições para a recepção e publicação em línguas estrangeiras. Além de uma maior integração latino-americana em torno das línguas portuguesa e espanhola.

Para além da linguagem verbal, Andile relatou que durante um jogo de futebol entre alunos brasileiros e estrangeiros ocorrido durante a VI Semana Cultural Africana, evento organizado pela PROINTER, no mês de maio de 2022, um aluno alemão fez um gesto imitando um macaco para outro aluno africano, o que gerou conflitos e agressão física entre os estudantes. Ao se sentir ameaçado, o aluno alemão recorreu à PROINTER, que intimou os demais a comparecerem à unidade para conversarem sobre o assunto. Segundo Andile, ao explicar o ocorrido, alegando tratar-se de um caso de racismo, a então coordenadora de Mobilidade Acadêmica disse que ele poderia ter se enganado, que aquele não era um caso de racismo.

Diante do relato, questionamo-nos em que medida a PROINTER e demais unidades administrativas e acadêmicas da UFC estão aptas para lidar com as tensões oriundas do encontro entre diferentes culturas e sua capacidade de promover o diálogo

intercultural, especificamente em relação a casos de racismo, um problema global. Para Restrepo Garcia (2022, p. 3),

> la internacionalización crea un lenguaje común que incorpora y pone en contacto — entre distintas culturas— palabras como solidaridad, cooperación, intercambio, movilidad, cultura, acuerdo, apertura, diálogo, flexibilidad, información, visibilidad, inclusión, calidad y gestión; todas ellas con profunda incidencia en las funciones sustantivas de docencia, investigación, extensión o proyección social y que enmarcan su accionar dentro de los parámetros de este fenómeno multifacético y omnipresente en los cuatro pilares fundamentales de la educación superior "aprender a conocer", "aprender a hacer", "aprender a vivir juntos" y "aprender a ser", dando, asimismo, cumplimiento al encargo social que requiere la cualificación integral de los ciudadanos para desempeñarse con idoneidad en entornos globales, multiculturales e interdependientes.

Ao relacionar a internacionalização da educação superior com questões raciais, compreendemos que o encontro com o "outro" deve ser baseado na criação de laços acadêmicos e humanos que promovam o diálogo intercultural, respeitoso e equitativo, como afirma Restrepo Garcia (2022, p. 4):

> uno de los fines más nobles que fundamentan la internacionalización, esto es, la creación de lazos académicos y humanos que promuevan el diálogo intercultural, abierto, respetuoso, honesto, equitativo y sincero que trascienda las fronteras de cada nación para crear alternativas conjuntas de solución a las problemáticas comunes, superando así los límites y las barreras que genera la desigualdad en el acceso al conocimiento, la exclusión que niega la diferencia como un valor, la injusticia social que exilia a muchos del progreso económico y profesional, así como la discriminación que ejercen las culturas hegemónicas sobre aquellos pueblos y regiones que se consideran de tercer orden —a quienes eliminan su legado histórico, apropiándose de sus riquezas materiales e inmateriales—.

Desse modo, a internacionalização universitária como um eixo transversal do ensino, da pesquisa e da extensão, deve apoiar-se em uma interculturalidade crítica, o que, no entendimento de Walsh (1999) não se trata apenas de se estabelecer uma boa convivência com o outro, mas consiste em um projeto político, ético e epistêmico que questiona a lógica capitalista e reverte a ideia de eurocentrismo e colonialidade do saber.

Nesse sentido, a trajetória de Andile contribui para desvelarmos as complexas interações entre língua, identidade e internacionalização acadêmica. Seu entendimento sobre a língua como um pilar de sua identidade cultural, bem como os relatos sobre

discriminação racial e as tensões interculturais compartilhadas pelo estudante revelam a necessidade urgente de que as instituições de ensino superior estejam preparadas para lidar com a diversidade cultural e promover um verdadeiro diálogo intercultural, inclusivo e respeitoso. Ademais, a necessidade de dominar e publicar em línguas estrangeiras, sobretudo em inglês reflete um sistema de hierarquização linguística que marginaliza outras línguas, contribuindo para a colonialidade do saber.

Assim, seja a linguagem um meio de comunicação, uma forma considerada para identificar um povo ou um meio para sua expressão cultural, ela pode constituir-se em uma forma de resistência à colonialidade e viabilizar práticas de internacionalização que, quando sustentadas na interculturalidade, podem contribuir para a afirmação de múltiplas identidades, criando um ambiente acadêmico mais justo e equitativo.

A experiência de Andile nos desafia a repensar e reestruturar a internacionalização universitária, garantindo que ela seja mais inclusiva, valorize a diversidade e promova a solidariedade entre os povos.

6.3.3 Construindo um currículo decolonial

Em todas as aulas, a Profª Gecilda fazia críticas ao estudo de autores europeus em detrimento de referências de nossa própria região. No entendimento dela, é necessário estudar autores locais que pensam o local. Foi a partir de sua experiência na Universidade de Yale, nos Estados Unidos, que ela despertou para a importância de se compreender melhor a América Latina a partir de autores da região.

A ideia de estudar autores latino-americanos para discutir as relações raciais originou-se a partir de uma parceria entre a Profª Gecilda e a Profª Ana Ramos-Zayas, antropóloga e professora da Universidade de Yale, nos Estados Unidos, que desenvolve pesquisas sobre a branquitude na América Latina. Além dessa parceria, destaca-se a colaboração com o Prof. Hugo Ceron-Anaya, sociólogo e docente na *Lehigh University*, na Pensilvânia, pesquisador visitante no Centro de Estudos Avançados da América Latina da Universidade de Guadalajara, no México, onde tem realizado estudos sobre escolas de elite locais.

Essas parcerias, segundo a professora, têm sido fundamentais para a ampliação do processo de ensino-aprendizagem que ela tem desenvolvido na UFC:

> Na minha experiência, eu acredito que toda essa expansão que eu tenho, que eu procurei transmitir nas minhas aulas, para os meus orientandos, nas minhas pesquisas, de pensar o racismo não só olhando para as vítimas, mas olhando para as elites, ela advém dessa minha experiência de internacionalização, advém de eu ter ido para os Estados Unidos, de eu ter tido a oportunidade de fazer o pós-doutorado lá, de ter continuado as trocas, essas parcerias, através desses professores, especialmente a Ana Ramos-Zayas, que foi minha grande mentora, mas também Hugo Cerón-Anaya, que foi de uma importância, tem sido, de uma importância tremenda, para a gente, do ponto de vista da compreensão das questões raciais associadas ao privilégio das elites. Tudo isso só foi possível por meio dessas trocas, né? A bibliografia que eu adquiri, que eles me mandaram, né? (Profª Gecilda, 2025).

Segundo a Profª Gecilda, a proposta de suas aulas é pensar o racismo a partir da branquitude, tendo como fundamentação teórica autores latino-americanos, o que, nos termos dela, consiste em uma inovação teórica para o curso, que costuma utilizar autores do Norte Global como referência. No entendimento dela, as Ciências Sociais costumam estudar os clássicos, cujos autores são de origem europeia, sendo necessário trazer inovações ao campo epistemológico dessa Ciência.

Uma das leituras da classe foi o livro *Privilege at Play: class, race, gender and Golf in Mexico*, escrito pelo Prof. Hugo Ceron-Anaya, que trata de uma pesquisa etnográfica que o professor realizou sobre pessoas ricas em clubes de golfe no México. No livro, ele conta como fez para conseguir adentrar no mundo da elite. Suas ideias foram discutidas na aula do dia 22 de novembro de 2023 que ocorreu em formato virtual.

Durante a aula virtual do Prof. Hugo Ceron-Anaya, os alunos estavam muito interessados em aprender sobre como o professor fazia suas pesquisas. Da mesma forma, ele também estava interessado em aprender como o grupo fazia pesquisa no Brasil, mais especificamente no Ceará. Era possível observar que de fato ocorria uma troca. Era uma via de mão dupla, o que Naidorf (2005, p. 3) denominou de "relações bilaterais", isto é, vínculos ou interações internacionais (entre equipes, instituições, acadêmicos, etc) sedimentadas no mútuo conhecimento e interesse recíproco, sustentado na capacidade da universidade de ser um espaço de reflexão a longo prazo com o objetivo de desenvolver

um pensamento crítico. A partir desse evento, compreendemos que internacionalizar não é ensinar ao outro, mas escutar, reconhecer, coconstruir.

Outra reflexão importante ocorreu na aula do dia 29 de novembro de 2023, quando a Profª Gecilda trouxe uma ex-aluna do curso de Ciências Sociais, para apresentar sua pesquisa e contar sobre sua experiência como intelectual negra na Universidade. A aluna trouxe questões interessantes para pensarmos o papel da Universidade na formação dos alunos. Um de suas falas contribui para pensarmos sobre a relação entre o universal e o regional: "o professor estudou fora, em tal país, mas ele nunca foi lá no meu bairro" ao se referir à formação internacional dos docentes que desconhecem a realidade local, sobretudo da periferia. "Como vamos formar professores sem discutir raça? Esse professor vai chegar lá na escola do Pirambu reproduzindo o racismo", disse ela ao criticar o currículo do curso.

Na sequência, a professora ponderou: "como construir um currículo anticolonial se continuamos estudando os clássicos Marx, Weber e Durkheim? Esses autores do século XIX dão conta das problemáticas do século XXI?". Sobre essa questão, o sociólogo colombiano Orlando Falls Borda já fazia proposições para uma sociologia libertadora em sua obra intitulada "Ciencia Propia y Colonialismo Intelectual", datada de 1971, quando reflete sobre a necessidade de adequação dos marcos de referência científicos aos contextos geográficos, culturais e históricos concretos, como forma de enfrentamento ao colonialismo intelectual, com vistas à construção de uma ciência própria latino-americana.

> Es tiempo de seguir un nuevo rumbo y marcar un nuevo passo en el desarollo de nuestros países. Lo primero a que esto induce sería descartar nuestro complejo de inferioridade, sin necessariamente llegar al chovinismo ni dejar de tomar nota del desarollo general de las ciências. Lo segundo sería crear grupos de referencia dentro de nuestro próprio médio, desplazando a nuestros antiguos colegas y maestros de otras latitudes, si fuera necessário; lo que habláramos más entre nosotros y para nosotros. Lo tercero sería trabajar arduamente com nuestros materiales y realidades, tratando de articular nuestras respuestas com fórmulas, conceptos y marcos de referencia de aqui mismo. (Fals Borda, 1971, p. 19).

Nesse sentido, ao longo das aulas, foi possível observar que a Profª Gecilda incorporava em suas práticas de ensino referenciais latino-americanos a fim de

compreender nossa realidade. Além de aderir, em suas práticas de ensino, às dimensões internacionais e interculturais ao trazer, por meio do Projeto Fulbright, pesquisadores estrangeiros para contribuírem com o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Fazer internacionalização em casa, sobretudo a internacionalização do currículo, consiste em uma alternativa aos estudantes que não podem se beneficiar da mobilidade estudantil. Leask (2015, p. 9) define a internacionalização do currículo como

> a incorporação de dimensões internacionais, interculturais e/ou globais no conteúdo do currículo, assim como os resultados de aprendizagem, tarefas de avaliação, métodos de ensino e serviços de apoio a um programa de estudo (Leask, 2015, p. 9, tradução nossa).

De acordo com Beneitone (2022), a internacionalização do currículo é uma alternativa para uma internacionalização mais inclusiva e que reduza as desigualdades existentes, uma vez que a mobilidade é restrita a alguns estudantes. Para internacionalizar o currículo, Leask y Bridge (2013) enfatizam a importância de interromper as forças hegemônicas (implícitas e explícitas) existentes nas disciplinas que restringem a inovação curricular. Assim, observa-se que a Profª Gecilda tem praticado não somente a internacionalização do currículo de sua disciplina, mas sobretudo a descolonização do currículo.

No entendimento de Arias (2010, p. 84), é urgente trabalhar pela descolonização epistêmica das perspectivas teóricas. Para o autor,

> Una tarea urgente que se le plantea a la antropología y al conjunto de las ciencias sociales hoy, es trabajar por la decolonización epistémica de sus perspectivas teóricas, de su praxis metodológica, de sus visiones éticas y políticas, eso implica la urgente necesidad de superar el epistemocéntrismo en el que se encuentran atrapadas actualmente, que es hegemónico en la academia, para empezar a mirar el potencial que tienen las sabidurías que están en la praxis vital de los actores sociales subalternizados, que han hecho de ella un instrumento insurgente para la lucha contra la dominación; ya es ho ra de empezar a mirar e incorporar en la acade mia todo el potencial, no sólo de conocimientos, sino de sentido, de referentes éticos y políticos que ofrecen las sabidurías, para la construcción de un horizonte diferente de vida.

Nesse sentido, compreendemos que a universidade, de modo geral, não pode deixar de ser tradicional sem uma verdadeira reforma do currículo (Gacel-Ávila, 2003).

Outro evento que contribuiu para a reflexão sobre a descolonização do currículo foi o curso ministrado pela Profª Carmen Martinez-Novo[85], sobre elites latino-americanas e movimentos indígenas, no período de 02 a 31 de maio de 2024. A partir desse curso, foi possível acessar uma bibliografia específica de autores latino-americanos sobre a cultura do poder e do privilégio na América Latina.

Mesmo reconhecendo as práticas da Profª Gecilda como insurgentes, passei a me questionar por que pesquisadores situados na América do Norte tendem a estudar as elites de países latino-americanos em vez de estudarem as elites de seus próprios países. Não seria essa uma forma de dominação intelectual simbólica, de manutenção da colonialidade do saber?

Para superar essa inquietação, ative-me às recomendações de Fals Borda (1971, p. 29), quando diz que "el estudiante debe ser capaz de manejar las técnicas de los países avanzados, y, al mismo tempo, debe tener suficiente ingeniosidad, sentido común y seriedade para diseñar sus própios instrumentos com el fin de 'llegar al nível de los hechos'". Desse modo, busquei aprender as técnicas de investigação sobre elites, buscando aplicá-las a minha realidade.

Assim, mesmo que as parcerias sejam com pesquisadores situados no Norte Global, a abordagem da professora reflete um esforço significativo para promover uma descolonização do currículo e uma transformação nas práticas acadêmicas, ao valorizar autores latino-americanos e discutir questões de racismo e branquitude a partir de perspectivas locais e regionais. A proposta de estudar as relações raciais, as elites e as dinâmicas de privilégio a partir da realidade latino-americana, em vez de seguir as tradicionais referências europeias, revela um compromisso com a inovação teórica e a superação da colonialidade do saber.

Além disso, a internacionalização do currículo promovida pela docente tem se mostrado uma relevante estratégia para garantir que os estudantes possam ter acesso a uma educação internacionalizada mais inclusiva e capaz de refletir sobre as especificidades culturais e sociais de suas realidades locais. A prática de incorporar vozes

[85] A docente é Doutora em Antropologia pela New School for Social Research, Nova York, editora-chefe da *Latin American Research Review*, a revista da Associação de Estudos Latino-Americanos, e Professora do Centro de Estudios Latinoamericanos, da Universidade da Flórida, escreveu vários livros sobre identidades e políticas indígenas e indigenistas no México e no Equador.

de diferentes partes do mundo, aliada ao reconhecimento da importância de uma ciência própria e adaptada aos contextos latino-americanos, contribui para a construção de novos paradigmas de internacionalização, desafiando os hegemônicos e promovendo uma reflexão crítica sobre as desigualdades no acesso ao conhecimento.

Observa-se que a professora busca por "novas coordenadas epistemológicas", nos termos de Mota Neto (2018, p. 10), por meio de uma reconfiguração do pensamento acadêmico construindo, assim, novas pedagogias de internacionalização no ensino, mais comprometidas com a nossa própria realidade.

6.3.4 Movimentos de insurgência: análise das situações sociais

Tal qual Gluckman (1987) buscou compreender processos coloniais a partir da análise da vida cotidiana dos zululandeses, nesta pesquisa desci da Reitoria para a sala de aula em busca de compreender como as políticas de internacionalização se apresentam e são ressignificadas no cotidiano e nas práticas de ensino na disciplina "Racismo e Espaços Urbanos" do PPGS.

A partir das situações sociais vivenciadas no âmbito do PPGS emergem algumas categorias que contribuem para analisarmos as políticas de internacionalização da educação superior, como mostra o Quadro 16:

Quadro 17– Práticas de internacionalização do PPGS

Dimensões de análise	Evidências observadas
Aspectos da internacionalização do PPGS	• Parcerias com pesquisadores estrangeiros situados no Norte Global; • Escassas oportunidades de mobilidade acadêmica; • Restrição de participação em programas de doutorado sanduíche em razão do PPGS participar do PrInt; • Falta de orientação institucional quanto ao processo da mobilidade; • Existência de tensões no encontro com culturas diferentes; • Currículos euro norte centrados; • Busca de alternativas para uma internacionalização mais inclusiva e democrática; • Invisibilidade das produções científicas do Sul Global.
Práticas linguísticas	• Baixo domínio de línguas estrangeiras; • Desconhecimento da língua dos povos originários; • Hegemonia da língua inglesa nas produções acadêmicas; • Falta de vagas nas Casas de Cultura Estrangeiras que atenda a comunidade acadêmica, principalmente dos *campi* do interior.

Fonte: Elaboração própria (2025).

A partir da experiência do aluno de doutorado da Sociologia, Flávio, foi possível compreender que a participação do PPGS no PrInt, em vez de contribuir para ampliar o acesso do curso às ações de internacionalização, restringiu a participação dos alunos, uma vez que a pequena quantidade de vagas tinha de ser distribuída entre os 25 cursos participantes do Programa na UFC. Além disso, são poucas as oportunidades de bolsas voltadas aos alunos dos cursos de Humanidades se comparado às bolsas ofertadas à área de Ciências Exatas.

Outras questões como necessidade de recursos financeiros para arcar com outras despesas relativas ao intercâmbio, como passaportes, exames de proficiência, aquisição de visto, e a falta de maior suporte institucional aos estudantes em mobilidade também se constituem em entraves aos alunos de mobilidade acadêmica. Desse modo, compreendemos que a mobilidade é "para poucos", como diz Restrepo Garcia (2022, p. 425).

No tocante à língua, foi possível observar um baixo domínio de idiomas estrangeiros por parte dos estudantes, além da identificação de uma hegemonia da língua inglesa nas produções acadêmicas, o que resulta na invisibilidade das produções do Sul Global, sendo necessário ampliar o conhecimento de línguas dos países do Sul Global, mais especificamente da América Latina, como o português e o espanhol como forma de resistência à colonialidade do saber.

Nesse sentido, a proposta de internacionalização do currículo, por meio da inclusão de dimensões internacionais e interculturais ao ensino, constitui-se em uma alternativa para ampliação das oportunidades de educação internacional a todos os estudantes, contribuindo para uma internacionalização mais inclusiva e democrática. Para além da internacionalização do currículo, que requer uma análise acerca da natureza do conhecimento, sobre quem o produz, como se ensina e como se aplica, bem como uma reflexão sobre as mudanças e reformas necessárias no sistema universitário, essa prática pode incidir luz sobre a necessidade de descolonizar o currículo, como ocorreu no caso da disciplina analisada no PPGS.

A análise das situações sociais observadas na disciplina de "Racismo e Espaços Urbanos" no âmbito do PPGS revela indícios de insurgências e resistências nas

práticas de internacionalização diante de um modelo hegemônico. Contudo, trata-se de uma ação pontual, não tendo a força política necessária para mudar a estrutura institucional. Apesar disso, observa-se o predomínio de relações pautadas na cooperação mútua, fundamentadas em uma educação superior comprometida com a descolonização do saber, caminhando na construção de pedagogias de internacionalização contra hegemônicas.

6.4 A experiência do Programa de Apoio ao Intercambista (PAI)

Foi no dia 05 de março de 2024, durante a cerimônia de acolhimento[86] a docentes e estudantes estrangeiros ingressantes no semestre 2024.1 realizada no auditório da Reitoria, que ouvi falar que o Programa de Apoio à Internacionalização (PAI) da UFC foi criado por um estudante da Universidade (UFC, 2024d).

Após falas importantes da vice-reitora e pró-reitora de Relações Interinstitucionais, do coordenador de Internacionalização, e do coordenador de Política Linguística da UFC e diretor brasileiro do Instituto Confúcio, houve o reconhecimento institucional do PAI por meio da entrega de um certificado de agradecimento ao estudante responsável pela criação dessa política institucional, voltada a

> ajudar e guiar estudantes de mobilidade acadêmica internacional na UFC nos seus primeiros momentos em Fortaleza, fornecendo apoio e incentivando trocas de experiências entre os acadêmicos estrangeiros e os da UFC (Aguiar *et al.*, 2018, p. 315).

A partir desse evento, fui instigada a conhecer mais sobre a criação e institucionalização de uma política institucional pensada e colocada em prática por um ex-estudante de graduação em Administração da UFC.

---

[86] Nesse evento, foram recepcionados 45 novos intercambistas oriundos de países como França (6), Moçambique (5), Alemanha (4), Colômbia (3), Angola (2), Cabo Verde (2), Peru (2), Gabão (2), Benin (1), Bolívia (1), Bangladesh (1), El Salvador (1), Iraque (1), Camarões (1), Quênia (1), Síria (1), Botsuana (1), Nigéria (1), Jamaica (1), Itália (1), Espanha (1), Equador (1), Argentina (1), Portugal (1), Timor-Leste (1), Guiné-Bissau (1) e República do Congo (1), os quais vieram cursar diferentes cursos na UFC, como Medicina, Odontologia, Enfermagem, Engenharia Química, Engenharia de Produção, Engenharia Elétrica, e Pós-Graduação em Saúde Pública, Ciências Farmacêuticas, Sociologia, Ecologia e Recursos Naturais, dentre outros (UFC, 2024).

Embora eu não tenha realizado observação participante das atividades desenvolvidas pelo PAI, considerei relevante para este trabalho resgatar a trajetória desse programa de extensão, que teve início de forma informal em 2007, a partir da iniciativa de um estudante de graduação, foi implementado oficialmente como programa de extensão em 2011 e somente em 2023 foi institucionalizado pela UFC.

A extensão universitária consiste, em suma, em uma aproximação entre universidade e sociedade por meio do ensino e da pesquisa. De acordo com Saraiva (2007), a extensão possibilita ao estudante vivências significativas que suscitam reflexões sobre os grandes desafios contemporâneos, ao mesmo tempo em que favorece uma formação comprometida com as necessidades nacionais, regionais e locais, considerando a realidade brasileira.

No que se refere à internacionalização no âmbito da extensão, Leal, Souza e Moraes (2023) realizaram uma pesquisa exploratória sobre a produção científica nacional e internacional a respeito do diálogo entre esses dois campos e constataram que essa relação ainda se apresenta de forma incipiente. Ademais, observa-se que a relação universidade-sociedade tem sido muitas vezes compreendida como sinônimo de colaboração universidade-indústria, sendo a internacionalização vista prioritariamente como estratégia para intensificar esse tipo de parceria.

No caso da UFC, o portal eletrônico da Pró-Reitoria de Extensão (PREX) dedica uma página específica ao tema da internacionalização da extensão, adotando a definição proposta por Rudzki (1998) para internacionalização universitária. Além disso, apresenta exemplos de atividades que podem ser desenvolvidas com vistas à internacionalização da extensão:

> A internacionalização das ações de extensão pode ocorrer de diversas formas, que vão desde a edição de jornais e periódicos em língua estrangeira até cursos com participação de palestrantes estrangeiros. Periódicos publicados em inglês, por exemplo, voltado para comunidades internacionais, aumenta a visibilidade da universidade no contexto mundial, sendo a porta de entrada para outras parcerias. [...] contato, discussão e compartilhamento de informações com pessoas vinculadas a instituições de ensino ao redor do globo, utilizando-se da internet e suas tecnologias; e também tem por objetivo proporcionar aos estudantes a oportunidade de desenvolver a compreensão do mundo e as competências interculturais para convivência neste cenário dentro de seu próprio campus. [...] Cursos de férias online, por exemplo, abertos para estudantes e docentes estrangeiros são uma forma de internacionalização das

> ações de extensão, uma vez que permite a troca de conhecimentos e experiências entre comunidades dos países envolvidos e enquadra-se nos critérios supracitados (PREX, 2025a, p. 1).

Em consulta à PREX por meio da Plataforma Integrada de Ouvidoria e Acesso à Informação (Fala.BR), solicitei uma relação atualizada com os nomes das instituições e seus países de vinculação que possuem ações de extensão cadastradas em 2025. A unidade informou que

> em geral, as ações cadastradas são da modalidade projeto, programa e curso e que o maior número de instituições internacionais com vínculos com ações de extensão na UFC é advindo de Instituições de Ensino Superior, públicas e europeias (PREX, 2025b).

A Figura 31 mostra a relação das ações de extensão da UFC que possuem parcerias com instituições internacionais em 2025.

Figura 31 – Ações de extensão com parcerias internacionais em 2025.

nome_instituicao	tipo_instituicao	estrangeiro	pais
ACIPOL	Pública	SIM	Moçambique
American Association of Petroleum Geologists	Economia Mista	SIM	Estados Unidos da Américi
American Chemical Society	O.N.G.	SIM	Estados Unidos da Américi
Associação Buscando Novos Caminhos	O.N.G.	SIM	Alemanha
Associação Unione Brasiliani Abitanti in Italia ? UBAI	O.N.G.	SIM	Itália
Boston Consulting Group LTDA	Privada	SIM	Estados Unidos da Américi
CESPU- Cooperativa de Ensino Superior Politécnico e Universitário	Privada	SIM	Portugal
Goethe Institut - Salvador	Pública	SIM	Alemanha
IEEE	O.N.G.	SIM	Estados Unidos da Américi
IGOT - Instituto de Geografia e Ordenamento do Território	Pública	SIM	Portugal
Imerys	Privada	SIM	França
Instituto de Iberoamerica de Salamanca	Pública	SIM	Espanha
International Study Association on Teachers and Teaching	Privada	SIM	Reino Unido
Meninas Digitais	Privada	SIM	Não se aplica
Pontificia Universidad Católica de Valparaíso	Economia Mista	SIM	Chile
Rede de Mulheres Solidárias - Colcha de retalhos	O.N.G.	SIM	
Society of Exploration Geophysicists	Economia Mista	SIM	Estados Unidos da Américi
South Carolina University	Pública	SIM	Estados Unidos da Américi
Tucum Italia-Brasil	O.N.G.	SIM	Itália
UNIVERSITÉ PARIS CITÉ	Pública	SIM	França
Universidad Pedagógica Nacional ? UPN	Pública	SIM	México
Universidade Nova de Lisboa	Pública	SIM	Portugal
Universidade da Corunha	Pública	SIM	Espanha
Universidade de Nankai	Pública	SIM	China
Universidade de Salamanca - USAL	Pública	SIM	Espanha
Universidade	Pública	SIM	França
University of Calgary	Pública	SIM	Canadá
University of North Carolina Wilmington	Economia Mista	SIM	Estados Unidos da Américi
University of North Carolina at Wilmington	Pública	SIM	Estados Unidos da Américi
University of Twenty	Pública	SIM	Holanda

Fonte: PREX (2025).

De fato, observa-se uma predominância de parcerias com instituições situadas na Europa e Estados Unidos.

No caso do Programa de Apoio ao Intercambista, atualmente denominado de Programa de Apoio à Internacionalização (PAI), a ação de extensão é de significativa relevância, pois proporciona aos estudantes a oportunidade de desenvolver suas competências interculturais por meio da interação e acompanhamento com estudantes estrangeiros, configurando-se como uma importante atividade que veio suprir a carência de uma política institucional, como veremos a seguir.

6.4.1 Pode o subalterno criar (uma política)?

Ao conversar com o criador do PAI, a quem chamarei de Ivo, lembrei-me de Spivak (2010, p. 12) que, em sua obra "Pode o subalterno falar?", utiliza-se do termo "subalterno" para descrever "as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante".

Ivo é esse subalterno, aquele cuja voz demorou para ser ouvida, mas que depois de 16 anos conseguiu institucionalizar uma política, iniciada a partir de sua vivência como estudante de graduação em Administração na Faculdade de Economia, Administração, Atuarias e Contabilidade (FEAAC) da UFC entre 2005 e 2011.

Durante sua formação, Ivo tinha o sonho de realizar um intercâmbio e foi a partir desse sonho, que o aluno, ao encontrar com estudantes estrangeiros na FEAAC, passou a observar as dificuldades que eles enfrentavam no dia a dia da Universidade. Ele conta que:

> No curso de graduação na Administração tinha um estrangeiro na minha turma que era um estudante de Guiné-Bissau, do Programa PEC-G, e para mim isso já foi muito interessante ter entrado na turma já com estudante internacional. E quando eu entrei na universidade eu tinha uma meta já de aprendizado de idiomas. Eu sabia que eu tinha que ir atrás de um diferencial. Eu estava estudando inglês, espanhol e alemão ao mesmo tempo, mas eu sabia que essa essa área de internacionalização sempre me chamou muita atenção. Eu sempre tinha um sonho de fazer um intercâmbio, alguma coisa… aí, desde o primeiro semestre, já tinha contato com o estudante de Guiné-Bissau e, conversando

> com ele, eu vi como era difícil chegar como estudante estrangeiro na UFC, em Fortaleza, sem nenhum tipo de suporte. Existia o suporte, mas ainda era cheio de lacunas. Ainda ao longo do curso, foram aparecendo estudantes da Alemanha na FEAAC e já estava no meu quarto no quinto semestre e eu vi que esses estudantes estavam perdidos dentro da instituição (Ivo, 2025).

Assim, a partir da sua convivência com os estudantes, estrangeiros, Ivo começou a oferecer-lhes ajuda. Nesse processo iniciado em 2007, Ivo anotava o que observava no dia a dia, o que precisava melhorar e, assim, passou a estruturar um processo de acolhimento aos estudantes estrangeiros na Universidade.

> Eu passava na cantina, havia um estudante lá. tentando se comunicar, tentando achar a sala de aula e era muito difícil. Então, eu cheguei para oferecer ajuda. Eu falei, eu posso fazer alguma coisa por eles. Aí eu comecei a ajudá-los… isso eu estava no quarto ou quinto semestre da universidade. A partir daí, foi um novo mundo que entrou é… eu descobri um novo mundo, essa parte de dar suporte a um estudante estrangeiro, porque eu vi como é difícil para eles conseguirem a informação e, tentando ajudá-los, eu vi como era difícil até para mim conseguir as informações. Então eu comecei a ajudá-los e comecei a anotar o que eu estava vendo, que não estava funcionando. Fiquei até um pouco envergonhado dessa situação. A universidade se propor a fazer um acordo internacional e o estudante chegar aqui e ter que se virar de uma maneira muito, muito, muito difícil. É muito frustrante porque eles não falavam bem o português, mas se comunicavam, mas mesmo assim não era suficiente. Se até pra mim que sou nativo, era difícil conseguir uma informação… aí, então o que aconteceu? eu começando a ajudar eles, eu vi como era difícil, tinha um "ping pong" de informação, tinha um ruído. A coordenação do curso mandava ir pro campus do Pici, já lá no campus do Pici mandava ir pra Reitoria, da Reitoria mandava ir pra coordenação do curso e ficava nisso. Então, eu comecei a estruturar um pouco o que eu estava fazendo. Falei, "não vamos pelo menos estruturar esses processos que para os próximos estudantes eu já consegui pelo menos saber o que fazer de antemão". (Ivo, 2025).

Em função de um convênio com a Alemanha, a FEAAC passou a receber anualmente cerca de quatro a cinco estudantes alemães. Então, Ivo começou a criar uma corrente de cooperação a pedido dos próprios alunos estrangeiros. Antes de eles chegarem, Ivo mandava e-mail se apresentando e se disponibilizando para recepcioná-los.

> Eles falavam "Você me ajudou tanto, pode ajudar os próximos que vão chegar?" E eu comecei a ajudá-los, aí esses eu comecei desde antes da chegada deles. Eu enviei um e-mail com meu e-mail pessoal mesmo os 5 contatos que me enviaram. Eu falei, "ó, eu sou e estudante da Universidade Federal do Ceará, de Administração, ajudei dois estudantes no mês passado e me ofereço

> a ajudá-los. Aqui é a situação é mais complicada como estudante estrangeiro, mas estou disposto a ajudá-los". Aí esses eu já tive uma preparação, eu já fui buscá-los todos no aeroporto… quando eles chegaram aqui, eu fui atrás também das residências pra eles morarem, fui atrás de mostrar também a Universidade, pegar ônibus e tudo. Tudo que os outros tiveram que aprender sozinho, porque quando eu encontrei eles na FEAAC, eles já estavam quase… eles já tinham chegado, já tinham encontrado tudo sozinho, ido à Polícia Federal sozinhos e tudo mais. Então esse eu já facilitei e fui aprendendo à medida que eu fui fazendo o processo inicial com esses estudantes alemães (Ivo, 2025).

Nesse período, mais especificamente em 2007 e 2008, as relações internacionais da UFC eram coordenadas pela Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI). Então, Ivo apresentou-se à CAI, pois, a seu ver "não fazia sentido UFC não se atentar para esse suporte ao estudante estrangeiro".

> E eu comecei a minha trajetória lá dentro da CAI, que era antes era Coordenadoria de Assuntos Internacionais. Cheguei lá e falei: "Olha, eu sou estudante da Administração. Eu percebi que era difícil ver esses estudantes estrangeiros e eles me receberam muito bem". A coordenadora era a doutora M. E. [nome suprimido para evitar a identificação]. Ela foi por, durante quase 8 anos, a Coordenadora de Assuntos Internacionais. Aí nessas idas e vindas à CAI, eu comecei a ver como funcionava, como realmente eles não estavam preparados para receber os estudantes estrangeiros. Assim eles passavam as informações, mas eram muito no "se vira". "Você vai ter que ir lá na Receita Federal, vai ter que ir à Polícia Federal..." Um estudante estrangeiro que chega não sabe o que é isso, não sabe como chegar, passar os documentos que precisa. Eu comecei a auxiliá-los. E dentro da instituição também, dentro da FEAAC também, em toda a parte da escolha das disciplinas, como era o curso de Administração deu pra auxiliar, mostrar os professores que eram mais flexíveis, alguns que falavam inglês para garantir a aprovação deles. Então, eu já consegui estruturar uma parte de… até eu ficava um pouco preocupado com a imagem institucional da UFC aqui fora. Os estudantes chegavam lá detonando a imagem, que não tinha suporte e eu já estava fazendo, tentando ajustar de alguma maneira (Ivo, 2025).

Além das orientações aos estudantes estrangeiros, Ivo também observou a necessidade de aprendizado de português pelos estrangeiros. Ele conta que começou a ensiná-los português por iniciativa própria até que a instituição passou a ofertar a disciplina aos estrangeiros:

> Na época não existia o curso de português para estrangeiros. Então eu ainda dei aula de português para estrangeiros por muito tempo lá dentro da FEAAC, como estudante de graduação em Administração, porque existia dentro do CH uma rixa interna entre Letras Vernáculas e outro departamento e acabava que não ofertavam mais a disciplina. Então, a gente começou a oferecer logo no

> primeiro ano do PAI, eu dava aula de português para estrangeiros. Passei quase 4 anos dando aulas de português. Aí o que aconteceu? A Professora [falou o nome da professora] começou a oferecer uma disciplina, eu acho que foi em 2012 ou 2013, e eu já tinha as minhas formadas lá do português pra estrangeiros. Eu aprendi a eu ensinar assim sem nenhuma metodologia de pedagogia.. Eu aprendi porque lá na Alemanha, durante o meu tempo, eu dei muito tempo pra aula de português e aos estudantes que vinham pra cá, mas eu criei meu método, eu continuei, porque a instituição não oferecia isso. Que era uma lacuna que eu vi.
> Aí teve uma época que a UFC começou a oferecer e a professora [falou o nome da professora] foi muito legal. Ela falou "Ah, você que é o famoso Ítalo e tal. Os alunos falam muito bem de você. Aí depois começaram a oferecer 2 cursos diferentes em português. Eu falei, "não, a minha missão está feita" (Ivo, 2025).

Outro ponto que ele destaca é a realização de eventos de boas-vindas aos alunos. Inclusive, ao longo de minha trajetória na UFC, em 2024 foi a primeira vez que vi a divulgação institucional de uma cerimônia de acolhida aos estrangeiros na Universidade, mas Ivo afirmou que essa era a 13ª edição do evento, que costumava acontecer por iniciativa e com financiamento dos próprios padrinhos e madrinhas do Programa.

> Cerimônia de boas-vindas era uma coisa que não existia na UFC do jeito que a gente fazia. Então, comecei a fazer. A gente começou a fazer de fazer cotinhas entre os padrinhos e as madrinhas pra gente fazer a cerimônia de boas-vindas. A gente fez por muito tempo lá no auditório da FEAAC. Então, a gente fazia tipo um lanche depois e tudo, mas saía do nosso bolso fazer toda essa organização e tudo. Depois a gente passou a fazer lá no auditório do CH. Aí lá a gente conseguiu uma verba da PROINTER para comprar uns salgadinhos e tudo. Aí depois 2019, começou a cerimônia oficial de boas-vindas no auditório da Reitoria. (Ivo, 2025).

Para além de um programa de extensão, o PAI é fruto de um projeto de vida que ultrapassou os limites de uma experiência pessoal de Ivo e foi se conformando como uma política institucional, marcada pela luta por reconhecimento e pela transformação das estruturas de acolhimento.

6.4.2 A construção coletiva de uma cultura de acolhimento na UFC

Retomando a trajetória de Ivo, um dia, ele soube, por meio de um colega estudante de Engenharia, que a Universidade de Munique, na Alemanha, estava ofertando

duas bolsas de estudo no âmbito do Programa *Erasmus Mundus*. Ele se candidatou e foi aprovado. Estudou na Universidade de Munique de 2009 a 2010, quando teve a oportunidade de receber ajuda também dos mesmos estudantes que ele havia orientado na FEAAC.

> Aí durante o tempo que eu fiquei lá, inverteu, porque esses estudantes que eu ajudei aqui, alguns saíram lá de Brémen para me ajudar lá em Munique e lá e lá em Munique eles tinham um suporte de ajuda ao estudante de excelência. Então, eu já fiz a minha monografia nessa pesquisa. Agora o papel estava invertido, eu estava sendo um intercambista que estava recebendo ajuda. Então, comecei a fazer a minha pesquisa lá em Munique sobre como uma universidade recebe um estudante estrangeiro. Então eu fiz na universidade de Munique, visitei a universidade de Bremén, que eu estava recebendo os estudantes estrangeiros. (Ivo, 2025).

Ao retornar para o Brasil, em 2011, Ivo aproveitou os aprendizados obtidos na Alemanha para apresentar à Diretoria da FEAAC um projeto de extensão, juntamente com dois alunos de seu curso, chamado "Projeto de Apoio ao Intercambista (PAI)". Com a aprovação do Projeto, o pequeno grupo, sob a supervisão de Ivo, passou a selecionar padrinhos e madrinhas para o PAI, alunos responsáveis por ajudar e orientar estudantes em mobilidade na UFC.

> Cada estudante estrangeiro ia ter dois padrinhos, estudantes para ajudar. No começo, o projeto ficou na FEAAC, só estudantes da FEAAC, mas a maioria dos intercambistas não tava lá na FEAAC, tava em outros campus da instituição. Mas mesmo assim o primeiro semestre foi só intercambistas da FEAAC. Eu usei isso também, até como uma motivação pros estudantes saírem da zona de conforto e conhecerem outros campus da UFC e eu digo pela minha experiência. Minha vida, meu mundo era a FEAAC. Ia para FEAAC, voltava e eu não conhecia nem ali pelo Benfica nem o Pici, nem o Porangabussu, porque eu ficava naquela de ir para aula, voltar da aula e não conhecia a UFC como um todo. Ajudando os intercambistas, acabei ampliando a visão da instituição como um todo. E eu queria muito passar isso para os estudantes da FEAAC também. Então, fizemos o processo seletivo, fizemos a seleção com entrevistas até em inglês e no semestre seguinte eu já nomeei os padrinhos para cada intercambista. (Ivo, 2025).

Ivo conta que o projeto foi crescendo e se expandiu para outras unidades acadêmicas da UFC, sendo necessário mudar o nome do Projeto para "Programa de Apoio ao Intercambista":

> Aí a gente em 2011, fez na FEAAC… aí em 2011 a gente abriu o processo seletivo e teve muita gente que quis se inscrever de outros cursos que não eram da FEAAC. Então, em 2012, a gente lançou o edital aberto a todos os cursos da UFC. Aí isso já ampliou o projeto. A gente foi lá no campus do Pici, foi no Porangabussu, foi na parte do Direito e a gente conseguiu selecionar mais padrinhos e isso agora de toda a instituição. Aí a gente alterou o nome, saiu de "Projeto de Apoio ao Intercambista" para o "Programa de Apoio ao Intercambista". Aí durante esse período a gente conseguiu os bolsistas, começou com 2 bolsistas da FEAAC, depois no outro ano, a gente conseguiu a terceira bolsa, então 3 bolsistas e eu era um supervisor de atividade, não era bolsista, mas eu estava a frente do projeto lá. Aí nesse período a CAI mudou de nome e virou PROINTER, até hoje é PROINTER. (Ivo, 2025).

Motivado com o sucesso do PAI, Ivo tinha outro sonho: trabalhar no setor de Relações Internacionais da UFC e continuar cuidando do Programa de forma institucional.

> E eu e eu tinha esse grande sonho de um dia estar lá dentro da CAI e tudo mais. Sabia que era muito difícil por não ser concursado da UFC. E eu já estava nos meus últimos semestres da Faculdade, nem bolsa eu conseguia ganhar, mas eu tinha muita essa empolgação de continuar com o Projeto de Apoio ao Intercambista. (Ivo, 2025).

Até então, todo o trabalho de Ivo era desenvolvido de forma voluntária, pois ele havia concluído a graduação em 2011 e não tinha mais vínculo como estudante universitário. Foi quando em 2014, ele foi aprovado no Mestrado em Administração e Controladoria da FEAAC e passou a receber uma bolsa da CAPES, o que, segundo ele, contribuiu para dar um "teor mais científico, mais acadêmico ao PAI".

> Quando eu consegui a bolsa do mestrado, aí pronto. Aí o que aconteceu? Tive essa vocação de realmente… vamos trabalhar na institucionalização do PAI. Então comecei a estudar teoria institucional. E consegui publicar o meu primeiro artigo sobre a institucionalização do Programa de Apoio ao Intercambista. A gente lançou, consegui publicar a nossa revista, foi muito bom pra instituição e dar mais visibilidade e tudo. E eu consigo ver dentro da teoria institucional em que etapa a gente tava na institucionalização do projeto. Aí o que aconteceu? Durante o meu mestrado, eu consegui negociar lá dentro com o meu orientador para fazer a pesquisa em competências interculturais, que é a opção de internacionalização do ensino superior. Então passei um tempo na Alemanha, fui entrevistar esses intercambistas que eu já tinha ajudado aqui na UFC, e consegui também publicar um artigo sobre a minha dissertação sobre as competências interculturais. (Ivo, 2025).

Ao longo de sua trajetória, Ivo tinha muito medo de que o Programa fosse descontinuado e se empenhou pela institucionalização da política. Segundo ele, faltava pouco para institucionalizar o Programa, quando houve nova mudança na gestão da PROINTER.

> Depois que eu acabei o mestrado, eu ainda fiz um segundo artigo sobre o avanço da institucionalização do PAI. Então acabou minha bolsa e a gente estava quase uma etapa já para institucionalizar. Aí o que aconteceu? Houve a mudança do professor T. para o professor S. Aí, eles conseguiram marcar uma reunião com o Reitor para me apresentar e falaram "a gente não pode perder o [falou seu nome] e tudo porque ele já acabou o mestrado. Não tem nenhum professor que queira assumir esse papel lá do PAI, porque já tinham que fazer muita coisa, essa parte de coordenação de assuntos internacionais. Isso geralmente era algumas horas que o professor tinha que fazer por semana e estava vinculada a alguma coordenação. Então, eu fiz essa reunião com o Reitor, eu fiquei até bem animado, talvez fosse uma proposta pra trabalhar lá e tudo e fiquei alimentando essa esperança. E acabou que teve a reunião aí, depois… não deu, não teve proposta, mas eu não queria que o projeto voltasse à estaca zero. Eu continuei fazendo, eu continuei fazendo… (Ivo, 2025).

Uma das falas de Ivo vai ao encontro do que Andile, estudante caboverdiano, que veio para o Brasil pelo PEC-G, contou sobre o acolhimento institucional aos estudantes do PEC-G. Andile relatou que os estudantes africanos não se sentiam assistidos pela antiga CAI, atual PROINTER. Ivo ratifica essa informação ao contar que:

> Quando eu comecei a ajudar os intercambistas… o que era o intercambista? era um estudante estrangeiro que vinha para mobilidade acadêmica e tinha um outro lado que era o PEC-G, que eram estudantes estrangeiros aqui, mas que não vinham para um ou dois semestres, eles vinham pro curso inteiro, tanto da graduação como na pós-graduação. E era uma lacuna imensa, porque eles eram desassistidos, porque quando eu pegava a lista de intercambistas, eles só me passavam a mobilidade acadêmica não passavam deles então. Eles criticavam não, o que é isso? É um programa que só atende europeus porque a grande maioria da mobilidade acadêmica é de europeus e eu me sentia até mal com essa forma. Assim, não, eu não sabia da existência desses que tem esses estudantes. Eu comecei a insistir e começaram a passar também PEC-G e OEA, que são os da pós-graduação, que é mestrado e doutorado que fazem aqui da África, América Central e América do Sul. E o PEC-G a maioria da África mesmo, mas também da América Central. Então, a partir de 2015, o projeto começou a dar assistência também a esses estudantes e são muitos, então precisava de muitos novos padrinhos. Então tem essa parte da gestão que eu não sei como é que está, o que que eles estão fazendo…Porque esses estudantes que vêm pelo PEC-G eles recebem bolsas da instituição, eles precisam também de informações antes de chegar aqui. Já teve caso de estudante que chegou aqui sem visto de estudante e não é permitido solicitar o visto de estudante aqui em território nacional. Então era horrível quando chegavam esses casos. O

> estudante tinha de ir pra Argentina pra conseguir o visto de estudante. Às vezes perdia o semestre inteiro. Então era muito ruim ver essa situação. (Ivo, 2025).

Assim, somente a partir de 2015, o PAI passou a dar assistência aos estudantes do PEC-G, PEC-PG e da Organização dos Estados Americanos (OEA), oriundos da América Latina e principalmente do continente africano.

Ao longo do tempo, o Programa foi se consolidando e vencendo as barreiras institucionais, mas baseado em muito trabalho voluntário. Em 2018, o PAI conseguiu sua primeira sala para realização de reuniões e atividades do Programa, como conta Ivo:

> Pra você ter uma ideia, tem um ponto muito importante. A gente não tinha sala do PAI, não tinha. As reuniões que a gente fazia eram na cantina da FEAAC, cantina do shopping Benfica, porque sábado e domingo não era aberto pra gente conseguir salas pra fazer o treinamento. E nesse treinamento, eu passava o passo a passo da Polícia Federal, quais eram as atitudes dos padrinhos com os intercambistas, que não eram para levar para dentro da casa era bem, tinha isso. Tudo a gente passava. Não tinha sala do PAI. A gente conseguiu a sala do pai em 2018, 2019. Aí a sala do PAI foi inaugurada na FEAAC. Foi na FEAAC que a gente conseguiu. Aí lá eu fazia as reuniões, era uma sala com computador, internet, a gente fazia as reuniões e tudo mais, mas quem apoiava sempre o PAI era mesmo a FEAAC. Aí lá, quando a gente conseguiu a sala, eles conseguiram uma mesa do PAI dentro do escritório da PROINTER que isso já assim, pronto, agora já vai institucionalizar, já está lá dentro da PROINTER e tudo mais. Mas era muito assim a parte de... era tudo meu bolso também, essa parte de deslocamento, de passagem, de ir buscar intercambista e tudo. A gente não tinha ajuda de custo pra isso não. A camisa do PAI, a primeira camisa a gente fez o nosso bolso também, os padrinhos compraram no próprio bolso. A logo do PAI, que é uma coisa institucional, a gente fez também com estudantes do jornalismo e publicidade, eles que fizeram. Então era muito trabalho assim, voluntário, voluntário mesmo. (Ivo, 2025).

Em 2019, em uma nova gestão na PROINTER, após reunião com a Pró-Reitoria, Ivo conseguiu maior apoio institucional, ampliando a quantidade de bolsas para oito, além das três que já tinha pela FEAAC. Contudo, Ivo não podia receber bolsa, pois não tinha mais vínculo com a Universidade.

Sobre as mudanças ocorridas na PROINTER, iniciadas em 2019, com a adesão do empreendedorismo e da inovação à internacionalização, Ivo compreende que essas alterações afetam a identidade da internacionalização da Universidade. Para ele:

> Agora é uma grande salada mista. A professora [falou o nome da Pró-Reitora da PROINTER] tá aí para assumir, mas é muito trabalho… tem o Instituto Confúcio, tem o português para estrangeiros, é muita coisa para ser

> administrada, e os padrinhos também, por quê? Para captar os padrinhos, a gente tinha que dar também uma moeda de troca, que era o reconhecimento das horas como atividades complementares. Mas como é que fazia essa gestão? Como é que fazia esse controle de atividades? Eu fazia isso para fazer essa frequência e tudo. Agora, quem faz isso são os bolsistas da PROINTER, mas os bolsistas também são estudantes, então é difícil delegar uma gestão de um Projeto tão grande só para estudantes. Eles vão ter que chegar numa conclusão, vão ter de focar em alguma coisa. Não sei como está ainda a gestão do PAI nessa parte. (Ivo, 2025).

Em 2020, a pandemia ocasionada pela COVID-19 afetou a vinda de estudantes e, por conseguinte, o trabalho desenvolvido pelo PAI. Esse foi um período que Ivo buscou registrar as atividades do Programa por meio de uma página em uma rede social, criada por ele. Contudo, com o tempo, Ivo precisava dar um rumo à sua carreira profissional, foi quando buscou uma oportunidade no mercado e foi contratado para trabalhar no setor de Relações Internacionais de uma faculdade particular de Fortaleza.

> Então, se você entrar no instagram do PAI mesmo pelo instagram… Não é o institucional, é o instagram que a gente criou, porque tem esse detalhe: tudo era da minha conta pessoal, não tinha nenhuma por outro, era no drive da minha conta pessoal, o Instagram do PAI também era da minha conta pessoal. Então, aí o que aconteceu em 2020, aí 2021 é também continuei com o projeto, 2022 também continuava, mas na naquela de ó, mas e agora? O que que eu vou fazer? Já estamos em 2022. E aí o que aconteceu? Eu comecei a enviar meu currículo também pra outras instituições. Eu falei "não na UFC não vai sair nada". E eu já tinha recebido um "não, não vai dar, faça o concurso público que talvez você consiga uma vaga". Então, me senti um pouco… assim, um pouco decepcionado, porque querendo ou não a gente cria…a gente tava tentando ser o mais altruísta possível, mas você tem contas a pagar. Então em 2022, mandei meu currículo para a Unichristus e no mesmo momento eu fui contratado e fiquei muito feliz, porque agora eu estava fazendo... Era uma profissão, era realmente um trabalho, não era trabalho mais voluntário e era e era assim, eu só fui contratado realmente falando porque ao longo desses 10 anos de PAI eu adquiri toda essa experiência em internacionalização. (Ivo, 2025).

Mesmo assim, Ivo seguiu cuidando do PAI até 2023, pois até então não havia quem quisesse dar continuidade ao Programa.

> E aí o que aconteceu? E eu continuei, ainda na gestão do PAI em 2022 e em 2023. Não tinha, por parte da UFC, alguém que quisesse ainda assumir o projeto. Eu falei, não, eu não posso deixar, já são mais de 10 anos de projeto. A gente começou isso em 2010 e já estão 13 anos de projeto e não pode ir tudo por água abaixo. Aí, em 2023, finalmente assumiu o novo Reitor, e veio essa parte de realmente trazer o PAI para dentro da instituição, uma conta institucional, com um e-mail institucional, com documentos institucionais. E isso isso foi em 2023. (Ivo, 2025).

Os relatos de Ivo mostram que a trajetória do PAI é resultado de uma construção coletiva, iniciada a partir de um sonho de um estudante. A insistência de Ivo e dos bolsistas do PAI em manter o Programa vivo, mesmo diante de inúmeros desafios, revela como a resistência de um subalterno e o trabalho coletivo podem operar mudanças dentro de uma instituição.

6.4.3 Internacionalização de baixo para cima: a institucionalização do PAI como política contra hegemônica

Após a PROINTER assumir o PAI em 2023, o nome do Programa mudou para "Programa de Apoio à Internacionalização". Ivo sentiu que sua missão estava cumprida. O PAI foi institucionalizado e vem sendo coordenado por um (a) servidor (a) da PROINTER. Seu maior medo era que o Programa acabasse...

> A minha missão estava feita, eu queria que o projeto ficasse na instituição, o meu medo era de acabar. Não era um projeto do [falou seu nome] era um programa da UFC, então basicamente isso. E agora fico acompanhando o projeto. Algumas vezes uns intercambistas entram em contato comigo e internamente tudo eu ajudo, falo ó, mas agora é lá na UFC essa pessoa responsável, mas eu continuo ajudando. Eu comecei a ajudar também intercambista da Unifor, do IFCE… (Ivo, 2025).

No entanto, esse processo de institucionalização não teve um desfecho tão feliz assim. Ivo conta que foi chateado com a forma como sua saída do Programa foi conduzida pela PROINTER em 2023.

> E eu e eu tinha saído do PAI com uma… tipo uma mágoa aberta, porque como foi que me comunicaram que eu ia sair? Eles criaram um grupo de whatsapp novo, colocaram todos os padrinhos e não me colocaram. E eu falei "é assim que vocês tratam quem cuidou do projeto ao longo de 10, mais de 10 anos?". E eu saí muito chateado "o que que está acontecendo?" E depois eu vi que tinha uma foto com todos os padrinhos, já tinham comunicado e eu não e não tinha sido comunicado. Depois recebi uma mensagem no whatsapp, falaram assim: "muito obrigado pelo seu tempo de contribuição, mas agora a instituição tem um novo Reitor, tem uma nova coordenação e a gente vai trazer o projeto pra gente, por favor, passe suas senhas e tudo." E eu e eu fiquei chateado, falei, "não é assim que deve ser desligado. É uma história que tem tudo aí". Mas eu respirei, não, eu falei, não, eu não vou passar as senhas. Mandei a mensagem para a pessoa que me solicitou, "eu quero conversar diretamente com o professor [falou o nome do Coordenador de Internacionalização]", se for para

> passar, passar realmente institucionalizado, não sei quais são os próximos passos. O professor [falou o nome do Coordenador de Internacionalização] falou "Desculpa, porque a gente está assumindo agora, tinha um monte de coisa…Não foi a melhor maneira de fazer isso é, eu reconheço, mas a gente quer te homenagear na cerimônia de boas-vindas". Aí, fiquei com o coração mais assim, menos magoado, mas eu não queria ter sido desligado daquela maneira pela mensagem do whatsapp, mas aí depois a cerimônia, fizeram reconhecimento. Fico feliz. Ele até passou a referência para você. Fiquei feliz porque foi muito trabalho fazer isso. (Ivo, 2025).

Felizmente, o PAI e o esforço e dedicação de Ivo foram reconhecidos institucionalmente em 2023. E, finalmente, Ivo pode seguir sua trajetória profissional, sabendo que sua missão foi cumprida e deixando seu legado para a instituição. Segundo ele, o PAI é fruto de sua gratidão por ter tido a oportunidade de obter uma educação pública de qualidade.

> Eu, realmente, eu queria de alguma maneira retribuir o estudo gratuito que eu tive na UFC, porque para mim, entrar numa universidade federal, como a UFC, sempre foi um sonho. E eu consegui. E eu recebi todas as possibilidades possíveis dentro do ensino de qualidade. E eu queria de alguma maneira retribuir. Então, eu consegui até uma bolsa na Alemanha e assim... a minha retribuição à UFC foi o Programa de Apoio ao Intercambista. (Ivo, 2025).

O PAI é um exemplo de uma política de internacionalização criada pela subalternidade, a partir da coragem de um estudante que, orientado pelo afeto e pelo altruísmo, ousou criar uma política e lutar por sua institucionalização. Sua única contrapartida, em seus próprios termos, foi a educação pública recebida na UFC. Entendemos o PAI consiste em um programa de extensão que possui um caráter político insurgente, fundado na contra hegemonia das políticas dos organismos internacionais ou dos governos e das instituições, as quais são criadas de cima para baixo, sem ouvir a voz dos subalternos.

Mais do que a história de uma política, o PAI é um exemplo de que a solidariedade pode ser um valor inerente à internacionalização e de que um sonho partilhado pode se tornar uma política institucional.

6.4.4 O que podemos aprender com o PAI?

A experiência do Programa de Apoio ao Intercambista (PAI) nos ensina que a internacionalização universitária vai além de mobilidades acadêmicas, cooperações internacionais e projetos de pesquisa conjuntos, mas demanda a construção de práticas cotidianas de internacionalização, que envolvem acolhimento, solidariedade e inclusão.

Ao nascer da iniciativa de um estudante e consolidar-se como uma política institucional, o PAI evidencia que ouvir a comunidade universitária, reconhecer a diversidade de trajetórias dos estudantes e investir na formação intercultural são caminhos fundamentais para uma internacionalização mais justa e solidária. A trajetória desse Programa reforça que a internacionalização pode ser construída de baixo para cima, como uma política viva e afetiva, comprometida tanto com a excelência acadêmica quanto com o respeito à diversidade.

Ao analisar a experiência do PAI, um programa institucional gerado por um subalterno, vemos que é possível desconstruir práticas hegemônicas e construir novas formas de se fazer internacionalização. Nesse sentido, compreendemos que a subalternidade pode ser utilizada como ponto de partida para uma análise crítica da realidade, como defende Maldonado-Torres (2006).

Além de tudo, o PAI revela o potencial que a extensão universitária apresenta para a internacionalização, pois ao oferecer apoio direto aos estudantes estrangeiros, promover integração cultural e estimular a participação ativa da comunidade acadêmica no acolhimento, o PAI amplia as fronteiras da extensão, não apenas no âmbito local, mas também no âmbito internacional. A prática extensionista aqui se traduz no compromisso ético e político de construir uma universidade mais aberta, democrática e humanizada, em que a internacionalização é vivida na prática, e não apenas registrada em relatórios ou *rankings.*

O PAI nos mostra que a extensão universitária pode ser um instrumento fundamental para democratizar o acesso aos processos internacionais, garantindo que estudantes de diferentes origens sociais, culturais e econômicas possam participar de uma experiência universitária internacionalizada. Mais do que expandir fronteiras, trata-se de criar pontes de conhecimento, de solidariedade e de transformação social.

A história do PAI, portanto, reforça que a internacionalização e a extensão universitária podem caminhar juntos, fortalecendo-se mutuamente. Ao fazer isso, a

universidade cumpre seu papel não apenas como produtora de ciência, mas como agente ativa na construção de uma sociedade mais justa, plural e solidária.

Ao fortalecer a formação intercultural de seus participantes, o Programa reafirma o papel social da universidade pública, apontando para a necessidade de que políticas de internacionalização e extensão sejam pensadas de maneira integrada, visando o desenvolvimento de saberes de fronteira, a inclusão social e a efetivação de uma universidade comprometida com a transformação social, que parte não do universal para o regional, mas do regional para o universal.

Por fim, o PAI nos inspira a (re)pensar a construção não somente de outros paradigmas, mas de novas pedagogias de internacionalização.

6.5 A internacionalização da UFC: pedagogias, diversidades e diferenças

Inspirada na etnografia de Gluckman (1987), que utilizou a inauguração de uma ponte da sociedade zululandesa, sob o regime colonial, para analisar estruturas sociais mais amplas, buscamos, nesta seção, analisar eventos cotidianos vivenciados em duas unidades acadêmicas de distintas áreas de conhecimento, o PPGS, vinculado ao Centro de Humanidades, e o GTEL, vinculado ao Centro de Tecnologia, para compreender, de forma mais aprofundada, como funciona a internacionalização universitária, tendo como lente epistemológica a colonialidade.

Tanto o PPGS quanto o GTEL, com todas as suas diversidades e diferenças, constituíram-se em espaços de aprendizagem não somente sobre a internacionalização da UFC, mas sobre as tensões e contradições que circunscrevem o campo da internacionalização, de modo geral. Enquanto no PPGS há escassas oportunidades de mobilidade acadêmica, no PPGETI há inúmeras oportunidades de mobilidade, tanto na graduação com os programas de duplo diploma, BRAFITEC, quanto na pós-graduação, além de contar com recursos da empresa Ericsson que financia as pesquisas. No PPGS, observa-se que os estudantes detêm pouco conhecimento de idiomas estrangeiros, enquanto no GTEL o inglês é a segunda língua do grupo, sendo amplamente utilizada em reuniões, defesas de teses, palestras etc.

Além disso, no PPGS faltam orientações à comunidade sobre os processos de cooperação e mobilidade, enquanto o GTEL, mais especificamente o CT, conta em sua

estrutura com uma Diretoria de Relações Interinstitucionais, responsável por orientar e conduzir processos de cooperação e mobilidade no âmbito da unidade acadêmica.

Apesar das diferenças mencionadas, ainda é possível verificar em ambas as unidades o predomínio de cooperações prioritárias com o Norte Global, sobretudo Estados Unidos e França, bem como a supremacia da língua inglesa em produções acadêmicas, evidenciando uma hegemonia simbólica de poder, resultado da colonialidade.

Nesse processo, começam a surgir, principalmente no PPGS, movimentos de insurgência, de busca de uma maior compreensão da realidade latino-americana e de referências do Sul Global, com a finalidade de afirmar identidades e de encontrar alternativas de parcerias mais regionais.

Nesse contexto de movimentos insurgentes dentro da internacionalização da UFC, destacamos o Programa de Apoio à Internacionalização (antigo Programa de Apoio ao Intercambista – PAI), criado inicialmente por iniciativa de um ex-estudante de Administração da UFC, a partir de práticas de acolhimento e solidariedade voltadas aos estudantes estrangeiros. Diferente dos programas de internacionalização tradicionais, geralmente implementados de cima para baixo e orientados por interesses estratégicos e mercantis, o PAI emerge de um projeto de internacionalização construído a partir da subalternidade, orientado não por princípios de mercado, mas por valores de cuidado, empatia e solidariedade.

O PAI revela uma perspectiva de internacionalização contra hegemônica, insurgente, que reconhece a importância da afetividade e da inclusão como dimensões constitutivas da formação universitária. Ao priorizar o acolhimento dos estudantes de mobilidade e dos participantes do PEC-G e do PEC-PG, oriundos do Sul Global, o PAI contribui para questionar e tensionar a lógica hierárquica das relações internacionais universitárias, propondo um modelo que valoriza a diversidade, a solidariedade e o reconhecimento das identidades.

Assim, mesmo em um campo dominado por relações assimétricas de poder, o PAI demonstra que é possível desenvolver práticas de internacionalização mais sensíveis, plurais e comprometidas com uma educação transformadora, reafirmando o

papel da universidade pública como espaço de produção de novos sentidos de pertencimento e cooperação internacional.

Portanto, a análise das situações sociais do PPGS e do GTEL, aliada à trajetória do PAI, mostra que a internacionalização universitária é atravessada por inúmeras tensões, disputas de recursos, disputas de poder e lógicas mercantis, mas também por resistências e criações coletivas, onde o sonho de um estudante, quando partilhado, pode tornar-se um programa institucional de referência.

Os diferentes modos de pensar e fazer internacionalização identificados nas duas unidades de análise, bem como no PAI, constituem pedagogias de internacionalização na medida em que o diálogo com o outro, baseado no reconhecimento da diferença, eixo fundante da Antropologia, viabiliza criarmos um processo colaborativo na instituição a fim de reduzirmos as disparidades institucionais e, para além disso, possibilita-nos repensar e aprimorar as políticas de internacionalização, tanto em nível institucional quanto governamental, visando desenvolver saberes de fronteiras por meio de um ambiente mais inclusivo e propício ao crescimento tanto da ciência, da tecnologia, quanto das humanidades e demais áreas da educação no Brasil.

7 NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

> "Que todos se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros" (Freire, 2020, p. 166).

Após a realização de observação participante em eventos e atividades desenvolvidas pela Administração Superior, pelo PPGS e pelo GTEL, e de análise de documentos produzidos pela Universidade, dialoguei com interlocutores envolvidos com o processo de internacionalização da Universidade em busca de ampliar as análises obtidas nas fases anteriores da pesquisa.

Assim, nesta seção, buscamos conhecer como sujeitos de distintos níveis hierárquicos e diferentes áreas de conhecimento compreendem e atribuem significados à internacionalização a partir de suas experiências e contextos.

Os relatos das entrevistas possibilitaram conhecer as trajetórias acadêmicas e profissionais dos sujeitos, suas experiências com ações de internacionalização, suas concepções sobre internacionalização universitária e percepções sobre o processo de internacionalização da Universidade, o que nos possibilitou compreender como esses sujeitos vivenciam e atuam diante das práticas institucionais.

Ao todo, conversei com 23 sujeitos envolvidos com o processo de internacionalização da UFC. Foram entrevistados gestores da Administração Superior no período de 2021 a 2025, sendo dois reitores, dois pró-reitores de Relações Internacionais, dois pró-reitores de Pesquisa e Pós-Graduação, e um coordenador de Internacionalização. Além desses, consideramos importante entrevistar o pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação no período de 2015 a 2019, que está como diretor de Avaliação da CAPES e tem ampla experiência com ações de internacionalização, consistindo em um interlocutor-chave para esta pesquisa. Assim, no âmbito da Administração Superior foram entrevistados oito gestores.

Em relação aos coordenadores e pesquisadores, foram entrevistados o coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (2021-2025), o coordenador do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Teleinformática (2022-2026), com quem tive a oportunidade de conviver ao longo de 2024, além de dois docentes, vinculados a cada curso, totalizando seis pesquisadores. Já em relação aos técnicos administrativos em educação, entrevistei três servidores, sendo um da PROINTER, um do PPGETI/GTEL e um do PPGS.

Quanto aos alunos, foram entrevistados dois alunos do PPGS e dois alunos do PPGETI. Além disso, consideramos importante conhecer a experiência de um ex-aluno do PPGETI, que atualmente trabalha como engenheiro na multinacional Ericsson e um ex-aluno da UFC que criou o Programa de Apoio ao Intercambista (PAI), institucionalizado pela Universidade, totalizando, assim, seis discentes entrevistados.

Para resguardar suas identidades dos interlocutores, atribuí a eles nomes fictícios, como mostra a Figura 32:

Figura 32- Interlocutores da pesquisa

Fonte: Elaboração Própria (2025).

A percepção dos interlocutores e suas experiências com ações internacionalização serão apresentadas a partir das seguintes categorias: a) Trajetórias pessoais e experiências com ações de internacionalização; b) Concepções sobre a internacionalização da educação superior; e c) Percepções sobre o processo de internacionalização da UFC. Esse diálogo com os interlocutores possibilitou a construção da trama de sentidos que envolve a política de internacionalização, a partir das experiências e percepções de diferentes sujeitos envolvidos com esse processo na Universidade, como veremos a seguir.

7.1 Trajetórias pessoais e experiências com ações de internacionalização

Para compreendermos a influência das trajetórias de vida dos sujeitos institucionais com a trajetória da política de internacionalização da UFC, resgatamos a relação que Gussi (2005) faz entre a trajetória institucional de uma política e a trajetória biográfica de Bourdieu (2006). O entendimento é que a política, assim como a vida da gente, não segue um fluxo contínuo e regular, mas está sujeita a sucessivas transformações a depender da cultura institucional e dos sujeitos responsáveis por colocar a política em prática. Assim, conforme Bourdieu (2006, p. 190), não podemos compreender uma trajetória "sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo onde ela se desenrolou".

A partir dessa compreensão, para entendermos as concepções de internacionalização e a percepção dos sujeitos sobre o tema, faz-se necessário conhecer suas trajetórias de vida, suas experiências com ações de internacionalização a fim de formularmos uma melhor compreensão das subjetividades e sentidos atribuídos à internacionalização por esses sujeitos a partir de seus contextos (Gussi, 2005), uma vez que as experiências de vida influenciam a forma como elas interpretam o mundo.

Desse modo, inicialmente buscamos conhecer suas formações, trajetórias profissionais, experiências com ações de internacionalização, as motivações para viver essas experiências e como essa experiência contribuiu para suas formações, conforme sintetiza o Quadro 17:

Quadro 18 –Trajetórias pessoais e experiência com ações de internacionalização.

(continua)

Dimensões de análise	Evidências observadas
Trajetórias acadêmicas e profissionais	• Trajetórias de vida entrelaçam-se com os contextos institucionais, influenciando percursos acadêmicos e profissionais, por exemplo: com a redemocratização na década de 1990, iniciaram os concursos públicos para professor do magistério superior e servidores técnicos, mesmo que poucos. A partir dos anos 2000, sobretudo com o Programa de Reestruturação das Universidades, o REUNI, foi ampliada a oferta de vaga para professores e TAEs; • Apoios e incentivos recebidos das agências de fomento e da UFC para a qualificação docente a fim de ampliar a qualificação docente (nº de doutores); • Na maioria dos casos, experiências internacionais são parte das trajetórias de vida.

Quadro 19 –Trajetórias pessoais e experiência com ações de internacionalização.

(conclusão)

Dimensões de análise	Evidências observadas
Experiências com ações de internacionalização	• A mobilidade aparece como a principal ação de internacionalização; • A vivência da mobilidade ocorreu principalmente em cursos de doutorado e pós-doutorado; • Experiências pessoais com ações de internacionalização resultam em colaborações institucionais; • A experiência internacional vinculada a capital cultural e simbólico.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Ao analisar os relatos, observamos que as narrativas dos interlocutores evidenciam seus contextos sociais, históricos e afetivos que influenciaram em suas trajetórias, como vemos a seguir no relato do Prof. Cláudio, reitor da UFC entre 2019 e 2023:

> Fiz o curso de Direito, fui monitor de Direito Penal, participei do diretório acadêmico. Eu sempre tinha essa militância e tal. Depois, eu deixei a militância estudantil. Quando eu passei no concurso para monitor, porque eu trabalhava no escritório do advogado Jurandir Porto, Moacir Macedo de Albuquerque e Pedro Ángel, sabe? Minhas refeições foram feitas no restaurante universitário durante todo o meu período de faculdade. Aí, em 1986, eu fui ser professor da Unifor. [...] Aí fiz o curso de especialização na Federal, curso de especialização em Processo Civil de um ano. Em 1991, apareceu o primeiro concurso pós-Constituição para Direito Penal, porque antes não tinha concurso. As pessoas eram indicadas, ficavam lá e acabavam sendo efetivadas. Muita gente foi efetivada. Mas aí, em 1991, abriu o concurso para professor, que era meu sonho. Quando me tornei monitor, eu achei que dava bem como professor. Eu descobri ali que eu tinha vocação pra ser professor. E aí em 1991 eu fiz o concurso e fiz minha carreira toda lá dentro. Fui professor, fui chefe de departamento por muitos anos, coordenador de prática jurídica, fui responsável pelos monitores da Faculdade de Direito e, finalmente, em 2011, eu me tornei Diretor da Faculdade (Prof. Cláudio, 2025).

Da mesma forma, Lourdes, servidora técnico-administrativa do PPGS, conta que fez o concurso da UFC em 1989, mas, por questões político-econômicas, só tomou posse em 1993:

> O concurso tinha validade de dois anos, foi prorrogado por mais dois anos. Só que quando eu fui chamada, o Collor parou tudo durante um ano. Aí, quer dizer, demorou mais ainda para eu me assumir (Lourdes, 2025).

No contexto de reestruturação das universidades brasileiras a partir dos anos 2000, a Profª Ana, pró-reitora da PROINTER (2023-2025), o Prof. Antônio, pró-reitor da PROINTER (2019-2023) e o Prof. Otávio, coordenador do PPGS, relatam que:

> Eu fiz Engenharia Química aqui na UFC e concluí numa época no apagão da Engenharia, havia poucas oportunidades... e como eu fiz a faculdade toda dando aula de inglês e gostava muito de dar aula. Então, meu pai disse: "vá fazer mestrado enquanto os ventos do mercado melhoram. Quem sabe você não é professora." Então, seis meses depois de concluir a graduação, por causa de *timing*, que eu concluí no meio do ano e as seleções para pós normalmente são no começo do ano, para São Carlos, que era, ainda era uma universidade jovem, mas era muito jovem na época rsrs. E lá fiz o mestrado e ao final dos dois anos, próximo de defender, surgiu uma oportunidade... uma vaga para o concurso no Departamento de Engenharia Química. E eu confesso que eu fiquei muito na dúvida: Um, porque era um concurso com um setor de estudos amplíssimo e eu não ia ter tempo de me preparar adequadamente em todos os pontos, os tópicos. E dois, porque eu tinha sido aluna dois anos antes e eu sabia que era começar do zero e eu tinha gostado da experiência de pesquisa que o mestrado tinha proporcionado. E já tinha uma proposta de doutorado direto. Então, fiquei na dúvida, mas, poxa, uma oportunidade de voltar pra casa, pai, mãe, namorado rsrsr. Então, fiz o concurso sem muita expectativa por causa de todos esses fatores e fui aprovada. Então, comecei como professora assistente, que hoje já é mais raro, pelo menos na minha unidade, que é uma unidade consolidada. E, ao começar, o Centro de Tecnologia que você se refere, eu acho que estava passando por um divisor de águas, de fato. O diretor era o professor Antônio Nunes de Miranda e o vice-diretor era um professor meu, o professor Antônio Urico Belo Torres, que era um incentivador da consolidação da pesquisa no meu Departamento, que estava, assim, muito, muito, muito incipiente. Nós não tínhamos sequer um programa de pós-graduação. Então, quando eu entrei, ele me deu posse dizendo assim: "pode marcar a data do doutorado". Então, a instituição na época, o professor de pesquisa era o professor Lindbergh, estava imbuída em titular aceleradamente o seu corpo docente, que ainda tinha muitos mestres... e também graduados. E pra isso, o meu departamento, particularmente, fez todo um planejamento dos professores doutores segurarem a peteca, como a gente diz, porque não havia muita garantia de professor substituto. E, inclusive, fazer concursos com doutorandos e liberá-los imediatamente pra eles concluírem seus doutorados. Então, foi realmente, assim, ficar pele e osso, como a gente diz. Isso foi nos anos de 1993. A gente teve um planejamento estratégico em 1995, em que isso foi ponto pacífico dentro da unidade. Então, isso foi até 2002, mais ou menos, que quando a gente abriu o programa de pós-graduação. E eu me afastei para o doutorado de 1998 a 2001. E fui para a Universidade do Porto, em Portugal (Profª Ana, 2025).

> Eu sou engenheiro civil, formado pela UFC. Quando eu me formei, eu fiz a opção de não fazer um mestrado direto. Eu passei dois anos atuando como engenheiro, porque eu sempre quis ter uma experiência prática. Então, eu passei dois anos atuando e depois de dois anos, eu fiz o meu mestrado na USP de São Carlos. E voltei. Embora eu sempre quis ser professor da UFC, mas eu fiz uma opção arriscada na época, porque isso já era 1999 e estava sem ter concurso, mas as pessoas já diziam que quando abrissem concurso, os concursos já iriam exigir doutorado. Mas, eu como jovem, meio prepotente,

> arrisquei e voltei a atuar. E de fato, quando começaram a abrir os concursos, a partir de 2003, 2004, já exigiam doutorado. E aí eu, em 2005, eu disse "não, eu vou ter que fazer o doutorado". Aí, eu fui fazer o doutorado em São Carlos. Como eu trabalhava e nessa época já tinha família, já tinha filha, eu fiz só as disciplinas e voltei pra escrever o doutorado aqui. Aí eu fiquei trabalhando à distância, ia todo mês pra São Paulo e em 2006 eu tive a ideia de fazer um doutorado sanduíche, porque aí era mais um período que eu ficaria *full time* na tese, né? Porque quando eu tava aqui trabalhando, a coisa era muito puxada. E aí foi que eu tive a minha experiência internacional. Eu passei quatro meses nos Estados Unidos fazendo doutorado sanduíche. Foi super bacana, super enriquecedor em todos os aspectos. E aí voltei. Em 2007, eu concluí o doutorado. E na primeira oportunidade, em 2008, teve um concurso e eu entrei na UFC em 2009. Então, essa foi a minha trajetória. Você observa que, embora eu tenha me formado em 1994, eu consegui iniciar a minha vida acadêmica só em 2009. Mas foi muito rico por outro lado também, porque eu tive uma experiência profissional que hoje, para os cursos, por exemplo, de Engenharia, eu noto que começam a fazer falta, porque os professores cada vez entram na pós-graduação mais jovens. Então, os caras com 28 anos, eles já são doutores e tal, mas falta a vivência na área de Engenharia (Prof. Antônio, 2025).

> Então, como você sabe, eu sou italiano. Eu fiz toda a minha formação, minha trajetória na Itália. Fiz até o doutorado. Doutorado em Filosofia e Política. Naquela época, era 2009… como na Itália nós temos um problema de inserção no mercado do trabalho dos doutores, dos jovens doutores. Eu, na época, estava no colégio também e queria fazer pós-doutorado, assim, dar continuidade na minha trajetória. E consegui encontrar um professor da Universidade de São Paulo que estava muito interessado no meu projeto de pesquisa e que conseguiu uma bolsa de pós-doutorado para mim, junto com a Universidade de São Paulo, no Departamento de Ciências Sociais. Aí eu me mudei em 2009. E me dei bem nesse projeto, estava fazendo uma boa pesquisa interessante. Aí naquela época, em 2011, saíram muitos concursos para professores da universidade. Eu prestei concurso na Universidade Federal do Ceará, na área de Política, Departamento de Ciências Sociais. Fui aprovado e a escolha era: ou voltar para a Itália para o meu trabalho de professor no colégio ou tomar posse em Fortaleza. Eu resolvi tomar posse em Fortaleza porque gostava ser professor da universidade. Eu posso dizer que foi uma boa escolha, sem dúvidas. Agora faz treze anos que estou aqui como professor na Universidade Federal, também como coordenador agora do Doutorado em Sociologia, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (Prof. Otávio, 2025).

Observamos que, ao longo de distintos espaços e tempos, as histórias de vida dos sujeitos interligam-se com dimensões das políticas públicas e da própria Universidade. Relatos como o início de realização de concursos públicos para as universidades na década de 1990, durante a redemocratização, de inexistência de cursos de pós-graduação na Universidade e que a partir de 2011 foram realizados muitos concursos nas universidades federais no âmbito do Programa de Reestruturação das

Universidades, o REUNI, são exemplos de políticas educacionais ou a falta delas. Além disso, algumas dessas trajetórias são marcadas por experiências internacionais.

Na maioria dos relatos de trajetórias de vida, a experiência internacional está inserida, sobretudo mobilidade no sentido Sul-Norte. No movimento inverso, de vinda para o Brasil, destaco as trajetórias de vida de dois docentes efetivos estrangeiros da UFC: a do Prof. Jahad, palestino, vinculado ao PPGS, e a do Prof. Jamal, paquistanês, vinculado ao PPGETI/GTEL.

O Prof. Jahad nasceu em Jerusalém e foi para os Estados Unidos aos 16 anos para cursar graduação e pós-graduação. Lá, realizou doutorado em Ciência Política e ao terminar as disciplinas, ele conta que seu orientador, um economista político estadunidense que realizava estudos sobre a América Latina, incentivou-o a vir para o Brasil realizar parte de sua pesquisa. Ao aceitar o desafio, o Prof. Jahad chegou na UFC em 1986, sem saber falar português. Quase 40 anos depois e falando português perfeitamente, ele conta que:

> Quando eu terminei as disciplinas, o meu orientador falou que eu precisava escolher um campo de pesquisas de campo, uma pesquisa mais efetiva para elaborar minha tese de doutorado. Ele estava chegando no Brasil como professor Fulbright, no nosso departamento, em um programa de pós-graduação, na época era chamado Sociologia do Desenvolvimento. O meu orientador já havia sido professor visitante na Unicamp, na UFC, na Federal de Pernambuco. Eu expliquei para ele que nunca tive nenhuma experiência no Brasil, nem falava português, falava pouco espanhol, basicamente algumas palavras, e que seria muito difícil, basicamente, fazer uma tese de doutorado sobre o Nordeste, principalmente sobre o Ceará. Então ele falou "você não perde nada experimentando. Vamos fazer o seguinte, você vai, passa alguns meses, veja o que você pode fazer e dá certo, você continuar comigo. Se não, você vai procurar outro orientador, porque minha área é América Latina, principalmente no Brasil. Então, desse jeito, você vai ter outra opção no departamento ou numa outra universidade para você desenvolver sua tese de doutorado". Eu aceitei e cheguei aqui em fevereiro de 1986, em Fortaleza (Prof. Jahad, 2025).

Já o Prof. Jamal, docente estrangeiro do PPGETI, relata que depois de ter cursado graduação em Engenharia de Teleinformática e mestrado em Engenharia Elétrica no Paquistão, veio para o Brasil em 2016 para cursar doutorado em Engenharia de Teleinformática. Com um português não tão fluente ainda, ele conta que seu desejo inicial era ir para a Alemanha, desenvolver pesquisa com um professor referência na área. Contudo, como foi aceito primeiramente no Brasil, veio para a UFC. Coincidentemente,

um ano depois, o professor alemão por quem ele gostaria de ter sido orientado veio para a UFC como professor visitante e findou por orientar sua pesquisa.

> Minha experiência no UFC foi muito bom porque quando eu cheguei aqui o nosso Programa, o Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Teleinformática, ele contratou um professor da Alemanha que é famoso em mundo, não é só em Alemanha, mais em mundo. Então, quando eu cheguei, ele chegou no 2017 e eu cheguei aqui no 2016. Como ele tava falando em inglês e eu tava falando também em inglês. Então, por isso eu bastante conversei com ele sobre minha pesquisa e também trabalhei com ele bastante nas áreas avançadas. Então este uma oportunidade que esteve aí com internacionalização, não é. Que internacionalização no nosso departamento é forte. Por isso, eu consegui trabalhar com uma pessoa no Brasil, em Fortaleza, eu acho que para trabalhar com ele eu tenho que estudar lá no Alemanha. Mas eu trabalhei com ele no Brasil e além disso, todos os cursos que eu já estudei aqui e foram em inglês, eles… O programa ofereceu esses cursos para mim no inglês (Prof. Jamal, 2025).

Depois de conseguir revalidar seu diploma no Brasil e realizar algumas tentativas de seleção para professor do Departamento de Teleinformática, ele finalmente se tornou docente da UFC.

Nos relatos, observamos que a partir dessas experiências pessoais com internacionalização foram formadas parcerias que contribuíram para o processo de internacionalização da Universidade, como contam o Prof. Antônio, pró-reitor da PROINTER (2019-2023), a Profª Ana, pró-reitora da PROINTER (2023-2025), e a Profª Cristina, pró-reitora da PRPPG (2023-2027):

> Eu criei alguns vínculos à época que eu estive nos Estados Unidos. Então, hoje, eu mantenho contato com uma professora desta universidade. E o que a gente faz? A gente provoca os nossos alunos a fazerem trabalhos em conjunto. Então, por exemplo, esse mês mesmo eu vou dar uma palestra para os alunos dela sobre sistemas construtivos brasileiros. E há dois anos atrás ela deu palestras para os meus alunos sobre sistemas construtivos americanos e os alunos dela vieram para cá passar uma semana tendo workshops e seminários com os professores da UFC e os professores da Universidade de Nebraska. Atualmente a minha maior interação do ponto de vista da internacionalização é com essa Universidade do Nebraska e curiosamente a gente faz isso na graduação. Não é nem pesquisa não, é na graduação (Prof. Antônio, 2025).

> A partir daí (do doutorado), a gente foi construindo o programa muito em cima de relações internacionais, porque logo que eu voltei, o meu orientador de doutorado, ele coordenava um projeto de uma Rede Íbero-Americana. E aí ele me convidou e disse, você não quer ser um dos representantes dos grupos

> brasileiros? Era um organismo espanhol chamado CYTED, C-Y-T-E-D, que é Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento (Profª Ana, 2025).

> Então, foram três anos de doutorado lá, em Manchester, e assim, uma oportunidade única, né, principalmente na década de 1990, você poder sair e fazer o doutorado total no exterior. Foi uma experiência realmente única, né? A gente compartilhar as técnicas, novas técnicas e conhecer novas pessoas. Quando nós retornamos, nós participamos de diversos projetos com parceiros internacionais. Um dos primeiros foi o projeto Professor Visitante Especial do CNPq, em que nós tivemos colaboração com o professor Francisco Goycoolea, que naquela época estava na Universidade de Münster, na Alemanha. Depois… acho que foram quatro anos de projeto, foi muito produtivo, o professor veio para cá várias vezes, ajudou a formar vários estudantes de mestrado e doutorado (Profª Cristina, 2025).

Sobre experiências no exterior, é possível observar que uns tiveram a oportunidade de vivenciar a mobilidade acadêmica ainda na graduação, como o Prof. Anderson, coordenador do PPGETI e pesquisador no GTEL, que teve a oportunidade de cursar graduação na França por ocasião do doutorado de sua mãe, e Andile, que veio cursar graduação na UFC por meio do Programa PEC-G:

> Eu sou de Teresina, então, eu fiz o ensino médio e o ensino fundamental, uma boa parte lá. E aí, eu vim para Fortaleza em 1996. Eu fiz vestibular para Engenharia Elétrica. E aí, eu iniciei o curso de Engenharia Elétrica na UFC em 1996. E aí, bom, eu fiz o curso completo, terminei, me formei por aqui. Durante o período da graduação, eu tive um... eu passei um ano e meio, quase, na Espanha. Então, eu tive essa experiência internacional, mas não por conta de um convênio, não por conta de ter tido alguma coisa na Engenharia Elétrica que me levasse pra lá. Eu fui, na verdade, por um projeto familiar, porque a minha mãe, ela foi fazer um doutorado, ela é Socióloga, aí foi fazer um doutorado em Sociologia lá na Universidade de Salamanca, na Espanha (Prof. Anderson, 2025).

> Então, vamos lá. Primeiro, o porquê da escolha do Brasil. Eu tenho uma história de vida de muita globalização. A minha mãe é colombiana, meu pai é de Cabo Verde, e eles se conheceram na antiga União Soviética. E lá nasci, em Moscou, eu e minha irmã. E com um ano e meio, acho que minha idade era mais ou menos essa, segundo a minha mãe, eu vou pra Cabo Verde. Eu vou com meu pai primeiro, depois minha irmã vai pra Cabo Verde com minha mãe. Então assim começa a minha história lá em Cabo Verde, que eu permaneço até os meus 18. E com 18 anos eu vim pra Cabo Brasil. Então, a escolha do Brasil tinha muito a ver com a proximidade… com a suposta proximidade cultural, linguística, né? [...] Eu cheguei aqui em 2007 e pronto eu vim para fazer comunicação e o Programa que eu ingresso é o programa PEC-G e eles fazem a intermediação dos estudantes que pretendem vir para o Brasil (Andile, 2025).

Outros tiveram a oportunidade de vivenciar experiências de mobilidade somente no Doutorado e Pós-Doutorado, como parte de suas trajetórias acadêmicas, como se vê nos relatos do Prof. Paulo, diretor de Avaliação da CAPES, da Profª Gecilda, do PPGS, e de Flávio, estudante de doutorado do PPGS:

> A minha primeira experiência com internacionalização foi exatamente ainda como estudante de doutorado, onde eu, no ano 2000, tive a oportunidade de fazer um doutorado sanduíche, ter uma bolsa de doutorado sanduíche. Na época, eram muito restritas... assim, a universidade praticamente tinha 2 ou 3 cotas. É claro que a demanda também era bem mais baixa, mas a minha primeira experiência do ponto de vista de vivenciar a internacionalização foi como estudante de doutorado, fazendo um doutorado sanduíche. E aí, claro, depois que eu me formei, é, eu passei a ter outras experiências, outras vivências de internacionalização, porque por conta desse doutorado sanduíche, eu fiz uma rede de colaborações bastante interessante, e aí eu passei a participar de projetos de pesquisa comuns entre Brasil e outros países. E, portanto, esse foi o segundo momento que eu participei como pesquisador, integrando a equipes e realizando missões e até mesmo executando projetos normalmente apoiado pelas agências brasileiras, em parceria com as agências estrangeiras. Aí eu cito o CNPq e a CAPES (Prof. Paulo, 2025).

> Até meus 40 anos eu ainda era jornalista. Entrei na UFC em 2010 com uns 42 anos. Nessa época, optei por ter feito o concurso para as Ciências Sociais. Eu poderia ter tido mais chance se eu tivesse feito o concurso no Jornalismo já que eu era jornalista, mas eu sempre quis ser pesquisadora. Muito mais do que jornalista, eu sempre quis trabalhar com pesquisa. Foi uma ousadia que eu cometi já que eu concorri com outros candidatos que vinham das Ciências Sociais. E no começo quando eu entrei na UFC teve essa pecha: Ah ela é jornalista, ela não é cientista social. Teve até uma discussão na época e depois mudaram a regra do concurso para que não entrasse quem não fosse cientista social. Então, no começo quando eu entrei no Departamento me senti um pouco intimidada, pois eu não me achava cientista social como os outros eram. E também eu achava que a minha formação por ter sido muito dentro da própria UFC, apesar de eu ter tido a experiência com o Moacir, essa experiência não havia sido ainda suficiente. Então, eu tive a experiência de estudar na UFRJ. Fui várias vezes lá encontrar com ele, depois que ele foi embora daqui. Mas toda minha formação foi aqui na UFC. Então, eu tinha a sensação de insuficiência. [...] Eu sentia que me faltava algo. E aí eu tive uma conversa que foi decisiva com o coordenador da Pós-Graduação porque eu estava me sentindo insegura como professora da pós. E aí eu disse: “acho que tá na hora de eu fazer o pós-doutorado”. Na época, eu havia me divorciado fazia pouco tempo e eu achava que agora sim. Antes, eu não podia sair de Fortaleza como tinha sido meu sonho fazer meu doutorado fora, mas eu não podia porque meu marido na época trabalhava em Fortaleza e eu não podia deixar a cidade. Então, naquele momento eu tinha possibilidade, aí eu pedi sugestão a ele e ele disse que eu fosse para os Estados Unidos ou Inglaterra, que eram os lugares de excelência no mundo na Sociologia. Mesmo ele tendo feito a formação dele na França, ele achava que os países de língua anglófona seriam mais indicados pra mim. Então, eu optei por Nova York. Pesquisei em vários lugares, mas achei que Nova York seria mais estimulante pra mim, não só academicamente, mas em termos da cidade, do que a cidade oferecia (Profª Gecilda, 2025).

> Eu acho que eu só caí na real, que o doutorado sanduíche era uma coisa muito boa quando eu cheguei de fato, quando eu tava vivendo a coisa aqui. Porque até então eu não cogitava, né? Claro que a gente sempre falava. Desde o começo do doutorado, eu comecei em 2021, né? A minha turma é de 2021. Só que eu só vim olhar e cogitar o sanduíche de forma muito tardiamente, né? (Flávio, 2025).

Como se vê no caso da Profª Gecilda, a experiência internacional consiste em uma forma de elevação do capital cultural e do capital simbólico, especialmente no contexto universitário, onde as relações de poder e os diferentes tipos de capital estruturam posições, trajetórias e possibilidades (Bourdieu; Passeron, 2009). A internacionalização, ao proporcionar acesso a redes de pesquisa internacionais amplia o repertório cultural dos sujeitos, fortalecendo o que Bourdieu denomina capital cultural incorporado (saberes, disposições e competências adquiridos ao longo do tempo) e capital institucionalizado, expresso por títulos, certificações e prestígio socialmente reconhecidos.

Em relação aos TAEs, a experiências com ações de internacionalização ocorreram somente no exercício da função, como relatam Rafael, secretário no PPGETI, e Paula, servidora da PROINTER:

> [...] como secretário, né, fazendo esse meio de campo administrativo, pois a gente lida com alunos estrangeiros, professores também, pesquisadores que vêm de outros países, ou alunos nossos aqui do programa que vão fazer algum tipo de intercâmbio fora, em universidades estrangeiras (Rafael, 2025).

> [...] tive no momento que eu trabalhava na PROGEP. Quando eu entrei na UFC, eu fui é alocada na Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas. E lá eu fazia a contratação de professores visitantes, que são estrangeiros em sua maior parte, tem brasileiros também, mas a maior parte dos visitantes são estrangeiros. E aí eu fazia essa comunicação com eles, solicitava o visto de trabalho para que eles pudessem chegar ao Brasil e assinar o contrato.
> A partir desse momento, eu já encaminhava os professores para as coordenações dos programas de pós-graduação, porque eles vão trabalhar nas pós-graduações (Paula, 2025).

No âmbito da sala de aula, as experiências com ações de internacionalização normalmente são vivenciadas no desenvolvimento de pesquisas, no contato com pesquisadores estrangeiros, que culminam, em celebração de parcerias, e, em alguns

casos, em mobilidade acadêmica, como vemos nos relatos do Prof. Rogério, Coordenador Geral do GTEL, e do Kaio, estudante de doutorado do PPGETI.

> Quando eu estava terminando a defesa da tese, a Ericsson iniciou uma atividade de mapeamento no Brasil de áreas de interesses dela para fomentar pesquisa. E isso começou naturalmente no Sudeste, na USP, na UNICAMP, no RJ… e o fato de eu estar na UNICAMP, voltando pra UFC, mas ainda com o pé na UNICAMP, o tema da minha tese acabou entrando e foi colocado em alta prioridade porque de fato havia muitos trabalhos de pesquisa em telecomunicações, mas, por acaso, o meu tema de tese, eu não sabia, mas a escolha que eu fiz de tema, coincidiu com o momento que a empresa entendeu que aquilo era extremamente prioritário. Então, eu disse "eu não vou ficar em outro canto, eu vou voltar para a UFC". Eu estava voltando como pós-doc, não tinha feito concurso ainda. Mas a empresa disse "você volta e a gente vai aportar recursos para você fomentar um grupo de pesquisa lá, pra desenvolver seu trabalho de tese adiante", usando a tecnologia que continua evoluindo muito para o 3G, 4G, 5G (Prof. Rogério, 2025).

> Durante o Mestrado foi que começou a surgir essa oportunidade de fazer um intercâmbio fora, né? Então, desde o Mestrado eu já tava nos preparativos pra facilitar essa troca de conhecimento com outro grupo. Então, desde 2023 já haviam sido iniciadas as conversas com o grupo que ia me receber nos Estados Unidos. Não de forma oficial ainda, porque o projeto ainda estava sendo escrito. Aí, o projeto foi aceito no finalzinho de 2023. E aí terminei o Mestrado, mais ou menos na época que o projeto foi aceito, e já entrei no Doutorado um ou dois meses depois. Aí, eu conheci o professor que ia me receber no começo do ano passado. Ele veio aqui pra ser parte da banca de um aluno que tava terminando o doutorado. Então, ele foi convidado como membro da banca desse aluno e a gente acabou se conhecendo. Ele gostou do meu trabalho e fez o convite formal pra ir visitar ele durante esse período (Kaio, 2025).

Sobre as contribuições dessa experiência para a formação, os estudantes ressaltam a capacidade de inovação e enriquecimento acadêmico e cultural.

> Nessa nova forma de ver as coisas, de ver um problema de pesquisa de tentar resolver, formular matematicamente de forma elegante ou ter uma solução nova, usando técnicas que nunca foram usadas, mas a aplicabilidade dessa questão. E também, como a gente está constantemente com essas parcerias, eu consegui entender um pouco melhor o que eles acham interessante ou não, do ponto de vista da Ericsson. A gente já tinha um pouco dessa noção, por conta das reuniões. (Yago, 2025).

> É uma coisa maravilhosa, não só do ponto de vista acadêmico, mas pessoal, cultural, as amizades que você faz para além da universidade, claro que a maioria dos contatos são os contatos da universidade, os amigos que você faz na universidade, mas amigos fora da universidade também (Flávio, 2025).

As trajetórias dos sujeitos apresentadas revelam que as experiências com ações de internacionalização da UFC são permeadas por vivências plurais, marcadas por

contextos pessoais, históricos e institucionais distintos. Em muitas das trajetórias, a experiência internacional é inerente e são transformadas em pontes institucionais.

Desse modo, a partir das narrativas, compreendemos que a internacionalização da UFC não pode ser compreendida de forma dissociada das trajetórias de vida dos sujeitos que a vivenciam e a constroem cotidianamente. Suas experiências pessoais e profissionais, marcadas por deslocamentos geográficos, desafios institucionais, escolhas formativas e contextos históricos específicos, entrelaçam-se à própria constituição da internacionalização como política e prática universitária. Por essa razão, como nos ensinou Bourdieu (2006), assim como a vida e as políticas públicas (Gussi, 2008), a internacionalização não se apresenta como um processo homogêneo ou linear, mas como um fenômeno vivido e ressignificado de maneiras diversas por gestores, professores, TAEs e estudantes.

7.2 Concepções sobre a política de internacionalização universitária

Ao apresentar as definições de internacionalização universitária, vimos que as políticas de internacionalização são orientadas principalmente por organismos internacionais como a UNESCO e a OMC, podendo ser compreendida ora como cooperação solidária entre as instituições, ora como instrumento para a mercantilização da educação superior. Nesse sentido, não se pode analisar as concepções sobre a internacionalização sem compreender o entendimento dos sujeitos sobre o papel da Universidade na sociedade.

A compreensão sobre as concepções sobre a universidade e sobre internacionalização dos sujeitos é relevante, pois essas visões moldam e orientam as práticas e políticas de internacionalização. Desse modo, para analisar as concepções dos sujeitos sobre a política de internacionalização universitária, buscamos compreender: o entendimento deles sobre o papel da universidade no atual contexto social, político e econômico; o que significa internacionalizar a universidade; as principais motivações e interesses que envolvem os acadêmicos e a instituição na internacionalização de uma universidade; os países ou regiões, que deveriam ser o foco das políticas e ações de internacionalização das universidades; como eles compreendem a importância da

internacionalização para suas áreas de conhecimento; e a percepção sobre as políticas das agências de fomento.

Os relatos contribuíram para analisarmos a internacionalização a partir das dimensões dispostas no Quadro 18:

Quadro 20 – Concepções sobre a política de internacionalização universitária

Dimensões de análise	Evidências observadas
Concepções sobre a universidade	• Gestores, coordenadores e professores entendem que a universidade tem papel relevante para a transformação e solução dos problemas da sociedade; • Os estudantes relacionam a universidade às suas identidades, aos seus lugares no mundo, atribuindo a ela lugar de ascensão social e de laços de amizade; • Possibilidades de conjugação de pesquisas nas áreas de Engenharias e Humanidades para a solução dos problemas da sociedade.
Concepções sobre internacionalização	• Os gestores da Administração Superior compreendem a internacionalização de forma mais ampla e transversal, envolvendo um conjunto de ações e podendo atravessar o ensino, a pesquisa e a extensão; • Tanto gestores da Administração Superior quanto docentes, TAEs e estudantes compreendem internacionalização como a capacidade de interagir internacionalmente, de validar o conhecimento científico de realizar trocas de conhecimento e de trazer o global para o local; • Alguns gestores e estudantes atribuem à internacionalização um sentido cultural, de trocas não somente de conhecimento, mas cultural. Além de uma concepção institucional da internacionalização; • Começa a surgir entre gestores da Administração Superior e docentes o reconhecimento da internacionalização como prática fundamentada na colonialidade e um despertar para a necessidade de se ampliar a cooperação Sul-Sul.
Motivações para internacionalização	• Os gestores da Administração Superior e coordenadores compreendem que a motivação para internacionalizar surge da necessidade de interação com o mundo, de avançar e inovar na área da pesquisa e em metodologias; • Os TAEs compreendem que é a necessidade de qualificar o Programa de Pós-Graduação, elevando seu conceito perante a CAPES; • Os alunos compreendem como oportunidade de obter uma qualificação profissional e boa colocação no mercado de trabalho.
Relações com países e instituições estrangeiras	• Referências e relações predominantemente com o Norte Global; • Invisibilidade de cooperações com o Sul Global; • Início da sensibilização quanto à importância de relações com instituições do Sul Global; • Predominância de visão colonialista de relações sul-sul.
Papel das agências de fomento	• Os gestores consideram as políticas promovidas pelas agências de fomento como importantes e necessárias, mas para a Pró-Reitora da PROINTER essas políticas não alcançam todos. • Para os coordenadores e estudantes, o financiamento é insuficiente, o que dificulta executar ações de internacionalização, carecendo de políticas para estudantes de mestrado, bem como oportunidades para alunos hipossuficientes. • As políticas de internacionalização promovidas pelas agências de fomento são voláteis, marcadas por continuidades e rupturas a depender dos contextos institucionais.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Sobre o papel da universidade no atual contexto político, econômico e social, os gestores, coordenadores, docentes e TAEs entendem que as universidades têm um papel relevante para a solução dos problemas da sociedade e desenvolvimento do país.

> O papel das universidades é central. A gente tem aí grandes temas, né, como emergência de doenças. A gente tem uma grande crise ambiental em curso, né, que certamente vai impactar todos os outros processos, inclusive a própria saúde. E essas questões, elas precisam passar necessariamente pelo ambiente universitário, pra você ter o aprofundamento e o entendimento de cada uma das questões e como isso pode guiar as ações que mitigam e que em alguma medida, corrige os efeitos, corrige o rumo de algumas dificuldades que a gente tem. Então eu acho que é isso. A universidade nunca foi tão importante como ela é agora e como ela vai ser no futuro dada o tamanho dos desafios que a humanidade tem para enfrentar em várias, em várias áreas (Prof. Paulo, 2025).

> Bom, o papel da universidade é um papel decisivo, decisivo, e quando eu digo isso, eu digo isso tendo como referência é o que já aconteceu no mundo. Por exemplo, se a gente pensa qual é a importância da Universidade de Oxford para a Inglaterra? É total.
> A Universidade de Oxford, a Universidade de Cambridge da Inglaterra, essas universidades… eu estou falando dessas duas que são as mais importantes, mas as universidades, elas formam o futuro de uma nação, elas prospectam aquilo que o senso comum não consegue perceber, ajudam, portanto, a formar pessoas para assumir esses desafios do tempo, esses desafios do novo. E dá pra dizer a mesma coisa da importância da Universidade de Harvard para os Estados Unidos, o MIT para a tecnologia norte-americana tal como ela é, absolutamente fundamental. A Universidade de Paris, para a França, Sorbone e tal. Então, a universidade é uma instituição estruturante. Ela forma o que há de mais estável numa sociedade. Ela para o que há de mais estável, que é a formação humana, a qualificação das pessoas (Prof. Vitório, 2025).

> Bem, o papel da Universidade, em toda a sociedade moderna, é realmente de transformação. E de transformação no sentido de desenvolver todos os potenciais de inovação e de pesquisa para uma melhor justiça social, para um desenvolvimento sustentável, um desenvolvimento mais justo. Então, esse eu acho que é o fundamental. E eu acredito que a Universidade cumpre esse papel (Prof. Antônio, 2025).

> Em termos de pós-graduação, a formação de recurso humano eu acho que é prioritária para o desenvolvimento do país. Sem pesquisa, você não consegue alavancar a sociedade, a melhoria do ensino, a melhoria na indústria, a melhoria em todas as áreas. Então, é primordial ainda que o país invista realmente na formação de recurso humano e na formação da pesquisa. E isso tem que trazer soluções para a sociedade. Eu acho que nós precisamos mostrar à sociedade em tudo que a gente influencia para que ela perceba a importância da universidade, do que nós fazemos aqui como formadores. Infelizmente, eu acho que essa comunicação ainda não é tão fácil. Agora mesmo… vou falar relativa à pós-graduação, a CAPES lançou o PROEX-PG. O que é o PROEX-

PG? É um programa de extensão da pós-graduação. Não é curricularização da extensão, como foi feito na graduação. Mas é uma maneira de que os programas de pós-graduação mostrem pra sociedade o que é que eles estão produzindo pra eles. Acho que essa é uma dimensão muito importantes, tá? Porque muitas vezes ficamos nos nossos milhares de artigos publicados, mas que a sociedade em si não tem a noção porque não vai procurar esse tipo de resultado informado, né? (Profª Cristina, 2025).

Bom, eu vejo como um papel importantíssimo. Eu acho que a gente tem essas vertentes de Ensino, Pesquisa e Extensão, que é algo que é muito arraigado na Universidade e que a Administração está muito sensível a isso. A gente acabou de criar a Agência de Inovação, que é lá na PROINTER. Então, assim, internacionalização faz parte da universidade, pois no mundo globalizado, você não pode ficar isolado, você tem que ter relação internacional e saber relações com outras instituições do mundo afora. E... porque o conhecimento, ele é universal [...] Mas, voltando à parte principal da pergunta, a capacidade de investimento na sociedade, eu acho que aliada a ensino, pesquisa e extensão, a internacionalização é só um tema transversal e enxerga-se na sociedade a necessidade de inovação. Eu não preciso só... não tenho só que ensinar, não tenho só que pesquisar, não tenho só que ter projetos de extensão que interrelacionem com a comunidade. Eu tenho que inovar. Então, isso... isso já acontecia, só que você monta uma agência de inovação, você organiza as ideias e mostra pra sociedade. E eu acho que é muito importante as universidades, como um todo, saberem escutar a sociedade. A gente tem que prestar contas à sociedade, porque aí não importa o âmbito do Estado Público, mas é principalmente escutar as demandas da sociedade (Prof. Jorge, 2025).

A universidade tem um papel muito importante. A universidade é um lugar de troca de ideias. A universidade é o lugar da ciência, da circulação das ideias, da troca, do diálogo, também da democracia. [...] Eu acho que a universidade, além disso, que é o seu papel, natural assim, é um lugar também de troca de mobilidade internacional, a própria palavra universidade, universal. Então, nasceu como um lugar de troca de ideias, de circulação universal das ideias. Então, o lugar tem que alimentar a mobilidade acadêmica, em saída e em entrada, ter uma mobilidade internacional, uma agenda internacional. E hoje tem duas coisas que são muito importantes. Uma é a extensão. Precisa também alimentar a extensão. É um setor, um caminho muito interessante hoje. Porque a relação entre a universidade e a sociedade. Isso é muito importante. Você sabe que uma das críticas que sempre foram ouvidas da universidade é que ela era fechada. Fechada é autorreferencial. Mas hoje precisamos ter uma universidade mais aberta, menos referencial, menos elitista. Acho que isso é importante. A extensão pode ajudar, sem dúvida. E acho que esses são os pontos fundamentais E nós temos um papel pedagógico, não só didático, pedagógico (Prof. Otávio, 2025).

Eu acho que a universidade fica assim como os pés no chão, os pés no chão da sociedade, em todos os sentidos. Teve muito dentro da pandemia, a questão do negacionismo. Então, a universidade tinha esse papel de trazer o pessoal à realidade. Tem um papel importante de tentar aproximar a sociedade da universidade, trazer temas que são relevantes para a sociedade para serem pesquisados na universidade. Acho que essa talvez seja a preocupação primordial que eu acho que a universidade poderia dar como uma resposta à sociedade. Nem sempre é assim, fica cada um aqui no seu mundinho,

> pesquisando os seus temas. Às vezes o tema nem é tão relevante pro exterior, mas eu acho que o fomentador dessas pesquisas deveria ser a sociedade. Estudar esse tema aqui porque tem esse problema atual, tem solução, e isso deveria ser o drive aí das pesquisas da universidade (Prof. Wilmar, 2025).

> A UFC tem um papel essencial na mobilização do comércio, dos serviços no Ceará, eu posso dizer no Brasil, até chegando de forma internacional também, porque muitos dos nossos alunos eles vão para o exterior [...]. Principalmente na questão do interior, a universidade tem o papel de mudar a realidade daquela região, aquecer aquele comércio, dar oportunidade para os alunos que até então poderiam ficar trabalhando só, talvez, com turismo, mas não, a gente tem a questão, por exemplo, de Quixadá, é um polo muito importante de inovação (Paula, 2025).

Sobre a relação universidade-sociedade, o Prof. Jahad, vinculado ao PPGS, compreende que as universidades têm vivido uma crise existencial sobre a utilidade da ciência e ressalta a importância de as universidades dialogarem com a sociedade. Nesse sentido, ele ressalta sua experiência de pesquisa no âmbito do CAPES-PrInt, quando ele trabalhou em um projeto conjunto com docentes da Engenharia de Recursos Hídricos em busca de soluções para os problemas da seca no Estado do Ceará. Ele conta que a parceria começou por acaso, por intermédio de uma orientanda de doutorado:

> Eu tive uma orientanda de doutorado, que hoje é professora da UECE, que ela havia trabalhado como pesquisadora em vários projetos financiados por organismos internacionais sobre recursos hídricos aqui no Ceará. O Ceará tem uma tradição muito antiga de gerenciamento de águas. Então, a UFC criou um Departamento de Recursos Hídricos, tido como o melhor do país. Ele é nota 7 pela CAPES há muito tempo, ele é um departamento de ponta, inclusive, em nível internacional. Então, por acaso, eu conheci o A. [nome suprimido para evitar identificações], conheci ele pessoalmente, como uma pessoa muito agradável, mas não conheci ele como intelectual. Então, ele participou no nosso Seminário que nós organizamos, ele organizou, eu ajudei nessa organização. E, nesse diálogo, a gente começou a conversar e ver a possibilidade de fazer alguma pesquisa mais conjunta, que envolve também engenharia. [...] Isso cresceu, foi financiado pela COGERH, via FUNCAP. E nós também conseguimos o PrInt da CAPES para o projeto e vários alunos foram para o exterior e fizeram doutorado sanduíche. Eu tive, pelo projeto, uma temporada nos Estados Unidos. O A. foi para a França. Eu acho que o C. foi para a França também, para estudar o modelo francês. Então, é mais ou menos, começou desse jeito (Prof. Jahad, 2025).

A experiência de pesquisa do Prof. Jahad nos aponta para as possibilidades de áreas distintas como as Engenharias e Humanidades fundirem seus conhecimentos e suas pesquisas em prol de solução dos problemas sociais, para a redução das

desigualdades e enfrentamentos dos grandes desafios nacionais e regionais. Outro aprendizado que podemos obter a partir dessa experiência é que formação de redes de pesquisas locais também podem gerar importantes resultados de ordem internacional.

Ainda sobre a concepção acerca do papel das universidades, os estudantes relacionam a universidade às suas identidades, seus lugares no mundo e construção de relacionamentos.

> Bom, eu acho que o papel da universidade na minha vida foi muito definidor do que eu sou hoje, do que eu me tornei, do que eu venho me tornando enquanto pessoa, né? Eu acho que a universidade teve um papel de mobilidade mesmo na minha trajetória pessoal, que venho de uma classe social mais pobre, da ralação, porque tem essa ideia mesmo. Ou seja, eu sempre fui aquele estudante que era muito esforçado, que buscava muito estudar... Eu acho que eu entrei na universidade justamente num avanço já das políticas do governo dos trabalhadores, do Partido dos Trabalhadores, do PT, e eu acho que esses investimentos foram importantes para que a universidade fosse um pouco mais diversa, um pouco mais plural, e que os filhos da classe trabalhadora pudessem acessar um ensino superior, ter uma formação de excelência. Então, eu acho que a universidade foi muito importante de possibilidades de trabalho, de vida mesmo, de qualidade de vida, de acesso a capitais. Eu não tinha acesso a capital cultural tanto quanto tive quando comecei a vida acadêmica, desde a graduação. Acho que sou um outro Flávio, um Flávio muito mais intelectualizado, com acesso à cultura, com acesso a muita coisa (Flávio, 2025).

> Eu posso dizer que identidade, porque eu nunca me vi com uma pessoa pudesse ser pesquisador. Isso foi muito curioso, mas eu cheguei aqui sem ter noção nenhuma, tipo que era um mestrado. Meus pais estudaram, tiveram uma formação, mas eu sabia que era importante estudar, mas eu nunca fui um cara disciplinado para estudar. Às vezes, eu faço doutorado, o pessoal fala assim, pô, você é nerd, você deve estudar muito, não sei o que. Eu nem não me vejo nesse lugar. Acho que estudar mesmo, valendo, é que é muita disciplina, muita metodologia para se organizar. Eu acho que eu sou muito curioso. Então, a universidade foi meio que moldando a minha forma de ser, de me entender como pesquisador, que vai, pega livro, olha, começa a teorizar, problematizar as coisas. Então, a universidade me deu esse entendimento, que eu era capaz de ser um pesquisador. coisa que eu não tinha antes (Andile, 2025).

> Eu acho que é uma ferramenta pra mim ter um horizonte de perspectiva de vida melhor. Porque a gente sempre foi uma família bem humilde, né? E as coisas começaram a melhorar justamente quando eu entrei na universidade. Então, foram aparecendo outras oportunidades pra mim. Então, eu vejo isso como uma ferramenta pra melhorar a minha vida e a vida da minha família (Kaio, 2025).

> Então, meio que hoje em dia é, de certa forma, uma espécie de trabalho, né? Consumo toda boa parte do meu tempo para desenvolver essa pesquisa e também ali como é um ambiente que eu frequento diariamente, então tenho muitas amizades lá também, né? Os próprios integrantes do nosso grupo, que você conheceu, pessoas que convivem ali, que a gente convive no dia a dia,

> tem esse vínculo de amizade também. Se é universidade, você passa ali, vai de manhã, volta só de noite, passa o dia lá, sai pra almoçar, sai pra lanchar, acaba fazendo esses vínculos também, né? (Yago, 2025)

A partir dos relatos, observamos que há diferentes compreensões sobre a universidade entre os diferentes níveis hierárquicos. Os gestores da Administração Superior, coordenadores, professores e técnicos administrativos compreendem a universidade como lugar de transformação da sociedade, relacionando-a à inovação, a capacidade de solucionar demandas da sociedade; enquanto os estudantes relacionam a universidade às suas identidades, aos seus lugares no mundo, atribuindo a ela lugar de ascensão social e de estabelecimento de laços de amizade.

Quando perguntados sobre o que significa internacionalizar a universidade, o Prof. Paulo, diretor de Avaliação da Capes, respondeu que:

> Internacionalização é uma estratégia e sendo uma estratégia, a internacionalização é algo que tem que ser muito bem pensada pela instituição, colocado nos seus processos de autoavaliação e nos seus planejamentos estratégicos, né? Porque a primeira pergunta que a instituição tem que fazer é se ela quer fazer institucionalização, né? E se ela quer fazer como ela quer fazer, e como vai, como vai fazer pra quem vai fazer. Então, são questões de, digamos assim, que esbarram em decisões institucionais bastante estratégicas. Nem toda a universidade precisa utilizar no seu desenvolvimento a estratégia da internacionalização, isso é bom que fique claro, mas aquelas que escolhem é claramente a história já mostram que é uma estratégia bastante bem sucedida, porque é o fato de uma instituição ser mais internacionalizada e ter a internacionalização como parte da sua estratégia, significa naturalmente ela se abrir pro mundo, ou seja, ela compartilhar o que ela gera de conhecimento com o mundo e ao mesmo tempo, é também se apropriar, vamos dizer assim, do conhecimento que é gerado pelo mundo (Prof. Paulo, 2025).

Além disso, ele compreende que a internacionalização "é, antes de tudo, um processo de compartilhamento, ou seja, um processo de desenvolvimento mais colaborativo do que propriamente mais competitivo".

O Prof. Vitório, reitor (2023-2027), compreende a internacionalização como um critério para validação do conhecimento científico, pois em seu entendimento:

> A ciência é um saber compartilhado, é um saber coletivo. E é um saber que só se legitima publicamente. Ou seja, os congressos científicos existem para fazer as trocas e para fazer as validações, para trazer os reconhecimentos. Internacionalização é isso. Ou seja, na medida em que o mundo foi se globalizando, e nós fomos nos tornando, de fato, uma aldeia global, a

> internacionalização passou a ser um critério fundamental de validação do saber gerado na universidade, do conhecimento gerado na universidade. Então, a internacionalização não é um glamour, "eu sou internacional porque a gente tem relação com o exterior", não é isso. É que a validação hoje passa por isso. Ou seja, para você ter um conhecimento da UFC reconhecido como um conhecimento científico potente e importante para a humanidade, é fundamental que esse conhecimento seja reconhecido pelos pares que produzem conhecimento semelhante (Prof. Vitório, 2025).

Tanto o Prof. Antônio, pró-reitor da PROINTER (2019-2023), quanto o Prof. Rogério, coordenador-geral do GTEL e pró-reitor da PRPPG (2019-2023), percebem que a internacionalização desempenha tanto um papel técnico de contribuir para o avanço nas pesquisas da universidade, além de um papel cultural:

> Eu acredito que a internacionalização é um pilar deste papel. Primeiro, porque a gente observa claramente que a internacionalização das áreas do conhecimento, ela provoca uma potencialidade das descobertas, as descobertas são mais… avançam mais, as descobertas são mais significativas. Então, o fato das pessoas estarem interagindo com várias universidades fora do Brasil, a gente percebe que as pesquisas caminham mais rápido e caminham melhor. E segundo, porque a internacionalização ainda faz com que a pessoa veja o mundo com outros olhos. A gente perca um pouco as fronteiras do nosso mundo, as fronteiras da nossa bolha, por assim dizer, para usar uma palavra da moda, e vejam o mundo de uma maneira mais ampla, com suas dificuldades. Então você vê uma coisa simples como o programa do PEC-G, que é a universidade receber por ano 90 estudantes de graduação de países africanos ou da América Latina, como isso é importante para os nossos alunos enquanto cidadãos, conhecer realidades de outros países, outras culturas. Então, a internacionalização… a gente, além dessa questão técnica, de você... Quanto mais você interage, é como eu disse, você está num doutorado sanduíche, você vê que aquela pessoa está pesquisando uma coisa que, de repente, complementa a sua linha. Então, além dessa questão técnica, tem a questão cultural. A gente saber que tem países que estão num nível de organização melhor que o nosso, que tem países que estão num nível de organização anteriores ao nosso, e assim a gente consegue compreender as diferenças geopolíticas, as dificuldades que ainda existem no mundo hoje. Então eu acho que a internacionalização é muito importante. Resumindo, tanto ela é importante para o papel da universidade, como ela é importante para o papel da transformação do cidadão (Prof. Antônio, 2025).

> Buscar essas referências no âmbito internacional significa ampliar os nossos horizontes para entender o que está acontecendo no mundo da pesquisa, o que há de mais atual, o que há de mais apropriado, em termos de ferramentas, metodologias e mesmo de temáticas, embora as temáticas a gente possa sempre olhar, aí não há problema nenhum você olhar para as temáticas regionais, locais, nacionais e até utilizá-las, né? Não necessariamente você tem que ter uma agenda de pesquisa ditada pela dimensão internacional, mas em termos de metodologias, abordagens, ferramentas para abordar os problemas, sem dúvida que essa referência internacional é essencial (Prof. Rogério, 2025).

Segundo Streck e Abba (2018), apesar do discurso de que a questão cultural é relevante, na medida em que predomina uma lógica econômica e competitiva nas instituições, pouca atenção é dada à criação de condições para uma convivência e aprendizagem intercultural, sendo necessário atentar para a importância das trocas culturais nesse processo de internacionalização.

A maioria dos gestores da Administração Superior, dos coordenadores, técnicos administrativos e estudantes compreendem a internacionalização como um processo de troca de saberes e de busca pelo novo.

> Eu vou dar uma definição que eu acho que é muito geral. Eu acho que ela significa lançar mão de todos os dispositivos que você dispõe dentro da competência da universidade para que alunos e professores possam se comunicar internacionalmente dentro daquilo a que eles são chamados, da extensão, na própria graduação, na pesquisa, mas que eles possam dar e receber, eles têm as ferramentas para dar e receber, para de fato interagir. E aí eu confesso que muitos colegas, eu inclusive, tinha essa visão colonialista de internacionalização. Então internacionalização é eu publicar um periódico que seja em inglês. Ou é, no congresso que eu organizar aqui, eu convidar um bambambam, prêmio Nobel, que vem aqui dar uma palestra e ponto. Isso é muito pouco, isso é pedacinhos, pontinhos do iceberg. Eu penso que internacionalizar é eu ter condições de que a nossa comunidade possa ocupar espaços *high level*, como a gente chama em inglês, no nível dos olhos aqui, nem acima, nem abaixo, poder falar da sua prática, dar e receber. Então, foi bem filosófico, mas é só pra dizer que, eu dei aqueles exemplos que eu disse que são pedacinhos de internacionalização, que ela é muito mais ampla do que isso (Profª Ana, 2025).

> Eu enxergo internacionalização como uma forma de trocar ideias e se adaptar, assimilar ideias disseminadas em universidades do mundo, sejam elas de qualquer parte do mundo, porque a nossa realidade é muito peculiar. A situação, a região que nós vivemos, a situação geográfica, em algum momento, ela se assemelha à África. A gente está na América Latina, que tem os seus problemas socioeconômicos, mas, ao mesmo tempo, a gente tem tecnologias de ponta semelhantes aos países europeus e a Estados Unidos. Então, ao mesmo tempo, a gente está num... no grupo de países dos BRICS, que envolvem China e Índia, que despontam como polos tecnológicos importantes. Então, eu acho que o objetivo da internacionalização é assimilar ideias de diferentes lugares do mundo e também fazer com que nós possamos melhorar as nossas, e isso aí nos três níveis de ensino, pesquisa e instituição, e a partir também daí, nós formulamos ideias, em caso que eu fale agora sobre inovação em todas as áreas, para que essas ideias também possam ser disseminadas e colocadas internacionalmente e também possam ser, digamos assim, copiadas por outras instituições (Prof. Jorge, 2025).

> Eu acho que é se fazer conhecer lá fora, né? Trazer as boas experiências de fora. Hoje em dia, a Capes, ela está um pouco mais reticente com relação a...

principalmente essa parte de pós-docs e tal. Porque ela já... é verdade, não deixa de ser mentira. Já tem um certo conhecimento do país como um todo. Então, assim, não faz tanto sentido você mandar alguém pra fora com todos os gastos que inerentes a essa ida se você tem bons números aqui também. Ela tá bem mais restrita com relação a isso, né? Mas eu acho que é importante ter essa experiência pra você se fazer conhecer e também trazer as outras experiências. Se você ficar aqui, fechado no mundinho, né? Você não vai ter esse contato com as experiências externas, né? (Prof. Wilmar, 2025).

Acho que internacionalização quer dizer ter líderes e parcerias internacionais, com troca de professores, de professores, alunos também, fazer o doutorado sanduíche ou pós-doutorado fora, professores que entram, professores que saem. Contrapartida. Tipo estágios, missões, publicações. Não existe só um critério para dizer o que é internacionalização. Antes o critério era também um artigo científico em parceria com um colega estrangeiro. Sem dúvida isso tem muito peso, mas não é suficiente. Porque eu preciso que o processo seja um processo constante entre universidades, redes de universidades, e ter um projeto comum (Prof. Otávio, 2025).

Eu penso que internalizar a universidade hoje pode significar nos aproximar mais dos nossos vizinhos latino-americanos. Isso vai ser muito importante politicamente também, porque hoje a América Latina precisa se consolidar como um bloco para fazer frase à extrema direita do mundo, e isso sim vai significar liberdade para pesquisa, né? Então acredito que ver, por exemplo, o que está acontecendo hoje na Colômbia, no México, né? Com os presidentes. Líderes se colocando de modo muito explícito contra esse projeto trumpista, é um sinal pra gente também de que podemos e devemos fazer pesquisas e trabalhos e parcerias com os nossos colegas latino-americanos (Profª Gecilda, 2025).

Eu acho que sempre a busca do novo, a busca de conhecer outras universidades, você ampliar o seu horizonte, de você trazer nova ciência, se incorporar novas tecnologias, novas pesquisas, novas metodologias. Essa é a inovação. A inovação vem através da interação. Interação entre grandes organizações (Prof. Jahad, 2025).

Quando você fala em internacionalização, você fala, a meu ver, desse intercâmbio de ideias, desse intercâmbio de conhecimentos, de experiências, que é algo que vai agregar de diferentes formas em todas essas vertentes. Então, seja independente do projeto, da ação de internacionalização, acho que todas as ações de internacionalização, em alguma medida, elas vão contribuir para isso, para que você amplie essa bagagem, seja viajando para outro país, fazendo intercâmbio realmente de outra instituição, seja recebendo pesquisadores de outros países que venham aqui, seja fazendo um curso de idioma que vai te dar a possibilidade de ter acesso à literatura que é desenvolvida, que é feita em outras realidades, em outros âmbitos, em outras pesquisas também, em outros países (Rafael, 2025).

Quando uma universidade consegue atrair pessoas de outros lugares, ela engrandece, ela cresce culturalmente falando. [...] Ela engrandece a universidade, não só os professores, mas os alunos. Eu acho que, na verdade,

> é mais valioso que isso chegue mais nos alunos. Eu acho que todo professor que está aqui tem um dever de saber, de conhecer minimamente. Eu escuto histórias de professores, às vezes, que alunos africanos chegavam e diziam de onde eram porque o professor não sabia nem apontar no mapa. Eu acho isso grave. Mas quando é com os alunos, porque às vezes são pessoas que nunca saíram do Brasil, não têm condições, E aí, quando conhece alguém de outro lugar, acha massa contar pra família, convida pra ir pra casa. Ei, vamos conhecer minha família. Isso aconteceu muito aqui comigo, né? Então, eu acho que quando impacta nesse sentido, assim, de você conhecer outros estudantes, eu acho muito mais positivo. Mas é isso, eu acho que engrandece muito a universidade (Andile, 2025).

> Eu acredito que seja trazer a experiência do que está sendo feito ao redor do mundo, sendo desenvolvido no mundo inteiro de uma forma global, para o ambiente universitário em qual os alunos, mesmo que eles participem ou não de alguma dessas atividades, eles entendam como que, de certa forma, aquilo que eles estão fazendo, aquilo que eles estão vendo, aquilo que eles estudam, impacta ou impactou o mundo de alguma forma no dia a dia do cotidiano e atualmente, né? Então, quando cê tá estudando alguma disciplina, que tem alguma tecnologia e você começa a entender o como que isso é visto mundo afora, né? (Yago, 2025).

> A internacionalização da universidade ela é bem ampla, é a parte também de proporcionar experiências internacionais para os estudantes da instituição, para os professores e também para os funcionários da instituição, que a gente chama de staff. Então, a internacionalização é sair da zona de conforto, é saber que que a gente pode ir além. A gente pode sair um pouco da nossa zona de conforto, ter sempre um conhecimento adicional vindo de fora e também sendo compartilhado de dentro para fora (Ivo, 2025).

Além da troca de saberes, a pró-reitora da PRPPG (2023-2027) ressalta a importância da interculturalidade, que envolve o respeito à cultura do outro, entendido na Antropologia como relativismo cultural. Sobre essa questão, Freire (2021b, p. 39) compreende que:

> Um educador ou um administrador da educação implica em que se tem que, constantemente, aumentar e aperfeiçoar o seu próprio entendimento de outras culturas, para se ter mais e mais leituras de mundo mais abertas, mais críticas. E quando eu me refiro a outra cultura, eu não estou necessariamente me referindo a outro país. Nós podemos ter culturas diferentes no mesmo país, no mesmo estado, na mesma cidade.

Acrescento à fala de Freire (2021b) que podemos encontrar culturas diferentes dentro de uma mesma instituição, como temos visto no caso das distintas culturas de internacionalização da UFC.

Uma outra perspectiva de internacionalização apresentada pelo Prof. Jamal e pelo estudante Kaio, vinculados ao PPGETI/GTEL, foi uma visão mais institucional desse processo. Para Kaio:

> Eu entendo que sejam ações da parte administrativa em abrir a universidade para oportunidades, sejam de intercâmbios de alunos vindo para a universidade ou alunos saindo para a universidade. Eu acho que, por enquanto, a internacionalização da UFC parte muito de um ponto de enviar alunos pra fora, né? Eu acho que esse é o foco maior. Mas pouco se fala de oportunidades de chamarem alunos de fora pra cá, né? Eu conheço pouquíssimos alunos de... de fora que vieram pra UFC, né? Por exemplo. Mas eu acho que é uma coisa que vem mudando um pouco, porque mesmo na época que eu entrei na graduação sempre tinha um aluno... sempre tinha pelo menos ali um aluno nas turmas da graduação que era estrangeiro, né? Eu não sei como tá hoje em dia, mas mesmo naquela época em 2016 e 2017 já dava pra ver que tava mudando um pouco isso, né? Mas eu acho que o foco da internacionalização deveria ser abrir as portas dos dois caminhos, né? E por enquanto eu realmente entendo ou percebo que o foco maior é enviar alunos pra fora Só que é complicado, né? Complicado porque não oferece um bom ambiente (Kaio, 2025).

O Prof. Jamal, com base em sua experiência como estrangeiro na UFC, ressalta alguns aspectos que envolvem a internacionalização. Para ele, internacionalizar não envolve só trazer pesquisadores para fazerem pesquisas em nosso território, mas envolve, em primeiro lugar, fluência na língua inglesa a fim de viabilizar maior alcance da pesquisa, como vemos em seu relato:

> No meu pensamento, inter… como é que fala essa palavra? Então, para isso eu acho que tem várias coisas. Primeiramente, não precisamos que os professores de outro país ou alunos de outros países vem aqui estudar e desenvolver pesquisa aqui. Esse é uma parte. Outra parte que os cursos, por exemplo, o curso da graduação, do meu curso de pós-graduação, eles têm que usar os língua inglesa pra tese, pra TCC, pra artigos, essas coisas. Então, com isso curso vai ficar internacional. Quando você só publica em língua portuguesa e você escreve sua língua portuguesa, sua pesquisa fica até Portugal e Brasil. Não sai desse fronteiras. Então, quando você tenta em inglês. Então, o inglês, essa pesquisa fica acessível pelos outros países também, que não fala língua portuguesa. Então, esse é o primeiro passo e mínimo que os programas de graduação, do mestrado, eles têm que obrigar os alunos para escrever em inglês. Então, com isso, automaticamente, os suas pesquisas está reconhecida ou conhecida pelo outro nacionalidade. E faculdade ou universidade, automaticamente, passa uma etapa para internacionalização, então esse é primeiro (Prof. Jamal, 2025).

Ele ressalta também a necessidade de melhor acolhimento e orientação aos estrangeiros e compara a UFC com universidades estadunidenses e alemãs.

> Além disso, a segunda coisa é: você tem que chamar os alunos boas das outros universidades e quando chegam aqui, por exemplo, no UFC, quando o aluno chega, ele não tem nada ajuda de onde ele vai morar, onde ele vai ficar por algum tempo. Então, várias faculdades na Alemanha, nos Estados Unidos, eles têm residência para alunos ou para visitante, ou para alunos de outros países. Então, alunos certamente entra, só alunos entram e depois eles ficam, adaptam 6 meses, depois eles podem sair se quiser ou não quiser ficar lá Mas um aluno que chega no diretamente, como que ele vai fazer contrato que não tem CPF? Como que ele vai fazer? Abrir conta bancária se não tem CPF? Ele preciso chegar no Brasil com documentação. Quem vai agendar para ele? Então, sem ajuda do professor? As vezes professores não ajudam. Eles pensam que esse é uma Europa, Europa, está desenvolvida todo mundo sabe falar em inglês. Lá, tem o setor de abrir bancária muitas coisas. Aqui, não tem isso (Prof. Jamal, 2025).

Sobre essa questão, ele faz a crítica ao setor de relações internacionais da UFC, ao dizer que:

> Então, tem que ter um órgão numa cidade, que eu acho que tem na Reitoria. Ele fala da internacionalização, mas eu acho que nunca vi ele tão ativo nessas coisas. Eles só falam do França, de BRAFITEC, essas coisas. Mas de verdade, ele tem que pensar em responsabilidade mais amplas, não somente bem estreitas responsabilidade. Então é assim, eu acho que a minha opinião é isso (Prof. Jamal, 2025).

No tocante à concepção de internacionalização, os gestores da Administração Superior compreendem a internacionalização de forma mais ampla e transversal, envolvendo um conjunto de ações e podendo atravessar o ensino, a pesquisa e a extensão; para além disso, tanto gestores da Administração Superior quanto coordenadores, técnicos administrativos e estudantes compreendem internacionalização como a capacidade de interagir internacionalmente, de trazer o global para o local. A pró-reitora da PRPPG e alguns estudantes, ainda, atribuem à internacionalização um sentido cultural, de trocas não somente de conhecimento, mas de contato com culturas diversas.

É possível observar também, a partir do discurso da Profª Ana, pró-reitora da PROINTER (2023-2025), e da Profª Gecilda, coordenadora do Projeto Fulbright, que começa a surgir o reconhecimento de que a internacionalização tem sido orientada por

uma noção colonialista, havendo um despertar para a necessidade de maior aproximação com o Sul Global.

Sobre as motivações para internacionalizar a universidade, os gestores da Administração Superior e os coordenadores atribuem à necessidade de interação com o mundo, de avanço nas pesquisas e de acesso a mais recursos.

> Eu percebi o seguinte, que nossa universidade estava muito limitada às suas atividades internas, ou seja, dialogava muito pouco com as outras universidades. Então, a gente acabava (re)pesquisando as coisas. Ou seja, fazer uma pesquisa que já estava feita. Não evoluía nada. Então, eu achava que se tivesse com outras universidades, permitiria uma melhor formação com professores lá no exterior, levando professores lá e trazendo professores de lá. [...] Então, nós começamos esse processo de internacionalização para que a gente pudesse ver como é que as universidades estavam ensinando, pesquisando e fazendo extensão fora do Brasil. Eu achava isso fundamental. Eu tinha a concepção de que a Universidade do Brasil foi formada e ficou com esse raciocínio, pelo menos até a década de 1980, de que a universidade era lugar de ensinar. Quando, na verdade, o fundamental da universidade é a pesquisa. A pesquisa é fundamental. O professor universitário não é para ir para a sala de aula para ensinar o que ele sabe. Ele deve ir para a sala de aula construir conhecimento com os seus alunos. E em todas as áreas. Tem que pesquisar (Prof. Cláudio, 2025).

> Veja, eu acho que tudo parte da questão do conhecimento. As pessoas na universidade, tem muita gente boa. Muita gente boa que produz, pesquisa de altíssimo nível. Então, essas pessoas querem internacionalizar para interagir. Interagir com os pares de altíssimo nível. Às vezes, não basta eles interagirem com a turma de São Paulo, do Sudeste, eles querem estar com o pessoal da ponta, com o pessoal das universidades do Norte, as americanas, asiáticas, as universidades europeias. Então eu acho que essa é uma das motivações principais, mas eu acredito que a questão cultural dessa experiência é também um grande propulsor. A gente vê claramente também isso. E eu acho super válido também (Prof. Antônio, 2025).

> Nós já temos uma fatia significativa de pesquisa internacional, acho que 30% das nossas publicações são feitas por parceiros internacionais, isso é uma coisa muito boa. Eu acho que estamos na média nacional de publicação por parceiros internacionais, mas a gente pode ampliar, e eu acho que isso é o que move a universidade a fazer acordos com as outras universidades, né? (Profª Cristina, 2025).

> Em primeiro lugar, quanto mais você internacionaliza, tanto mais você tem acesso a recursos. Nosso caso é um caso muito interessante. Nós somos um programa nota 5, de excelência nacional. Há anos que nós queremos alcançar a nota 6, estamos sempre próximos, sempre faltando uma coisa. Agora, se a gente alcançar a nota 6, o nosso programa vai receber mais recursos da CAPES. Imagina se mais programas da UFC alcançasse o mesmo resultado nota 6, quanto mais recurso entraria nas Pró-Reitorias da UFC? E também, outra coisa,

> quanto mais você é internacional, quanto mais você pode participar também de eventos internacionais, de conseguir organizações de fora, ter mais visibilidade. É um processo que abre novas oportunidades (Prof. Otávio, 2025).

> Você tem uma necessidade muito grande de troca de conhecimento, o que é a própria necessidade de internacionalização. Então, eu diria as suas próprias voluntariamente as pessoas sentem, né? Conjuntamente, grupos de professores sentem essa necessidade. Se a gente for pegar os programas hoje que são nota 7, não fizeram isso só porque era uma necessidade da CAPES. Bem dos dois programas, física e matemática, pela própria natureza, que são programas da área de ciências, é uma necessidade básica de ter a troca de informações. Que são realmente, os programas que tem nota 7 na CAPES há mais tempo, são os programas de matemática e física. sem elevar-se muito pra pós-graduação, o nível de graduação em todos os níveis, a gente precisa ter essas relações pra que nós melhoremos os nossos níveis de ensino e de extensão também, não só falando em pesquisa (Prof. Jorge, 2025).

Os TAEs, por sua vez, compreendem que a motivação para internacionalizar decorre da necessidade de qualificar o Programa de Pós-Graduação, elevando seu conceito perante a CAPES.

> Acredito que seja qualificar cada vez mais o programa, enquanto o centro de formação de profissionais, de pesquisadores da área de engenharia de teleinformática, de produtores de conhecimentos, de tecnologias (Rafael, 2025).

> Eu acho que é o crescimento do programa mesmo, e subir o conceito perante a CAPES (Lourdes, 2025).

Já os estudantes compreendem que a experiência da internacionalização possibilita melhor colocação no mercado de trabalho, como se vê no relato de Kaio, estudante de doutorado do PPGETI:

> Eu entendo que vai ficar mais fácil futuramente conseguir posição depois do doutorado porque isso é uma coisa que, pelo menos pra minha área, acho que de uma forma geral pra alunos de doutorado, a gente tem pouca perspectiva de trabalhar fora do meio acadêmico. Aqui no Brasil, a gente não tem uma indústria que absorve um profissional especializado ainda, ou absorve muito pouco, né? Então, tenho um pouco mais de confiança de que essa experiência que eu tive lá vai abrir algumas portas para depois o meu doutorado. Seja pra conseguir posições na academia, que é o meu interesse, na real, ou pra conseguir posições na indústria. Porque, pelo menos, tem ali no meu hall de experiências que eu tive uma experiência internacional. (Kaio, 2025).

Sobre os países ou regiões que são o foco das relações internacionais da UFC, observa-se que o Norte Global é o lugar de referência e de predominância das colaborações.

> Então, assim, eu acho que Israel hoje é fundamental. Os Estados Unidos sempre foram fundamentais. França e Inglaterra, a Suécia fazem uma pesquisa muito boa. Então, assim, eu acho que nós temos que trabalhar com alguns países. Nós temos muita coisa, por exemplo, com o Canadá. Com o Canadá. Mas, assim, as fronteiras que eu abri mesmo assim, porque as outras eu reativei, mas a China e Israel, por exemplo, não. Aí eu fui atrás. Porque quando você vê, no final do ano, quem é que tá recebendo o prêmio Nobel? Quem é que tá ganhando os grandes prêmios internacionais? Israel e a China e os Estados Unidos. Tinha que ir atrás desses países, né? (Prof. Cláudio, 2025).

> Isso é tão difícil. Falando de colonização, acho que a gente não pode perder nem o contato com quem está acima. Quando eu digo estar acima, áreas que estão mais desenvolvidas do que nós, como com quem está menos desenvolvido do que nós. Eu penso que é um erro privilegiar ou apostar todas as fichas quer um, quer outro. Agora fala-se muito do Sul Global, e de fato, por exemplo, eu acho que a gente precisa se aproximar mais dos países da América do Sul, e da América Central. Então, o México, por exemplo, tem uma experiência maravilhosa em certas áreas. Muitas vezes, os países que estão no mesmo nível podem crescer juntos e ir de encontro a outros lugares do Sul Global menos favorecidos, como, por exemplo, são os territórios africanos. A própria América do Sul. Eu acho que ainda é muito tímida, assim, as nossas relações Colômbia, Chile, Argentina, para citar alguns exemplos.
> O Oriente, acho que a gente tem que estreitar relações com o Oriente para não perder o bonde da história e não pode deixar as relações que foram construídas ao longo do tempo, porque... isso que eu falava, no início, teve coisas que foram construídas a reboque do que a universidade podia ajudar. Estou falando especificamente lá do CT. Por exemplo, o pessoal da Engenharia Elétrica se consolidou ou consolidou uma linha direta com a Alemanha. Eu acho que isso deve ter continuado, independente dos eventos políticos. O pessoal dos recursos hídricos, tem...e o CCA, que é o Centro de Ciências Agrárias do lado, tem uma parceria, acho que da época do Martins Filho, bem antiga, com o Arizona, nos Estados Unidos. Eu acho que foi a primeira digna de nota, talvez esteja aí nos textos. Pois é, Pró-Reitor da PROINTER, na gestão passada, fez esse trabalho de "vamos reaproximar, vamos fazer", então acho que isso é interessante também. Aí outra parceria, por exemplo, que essa é polêmica diante dos ventos políticos que andam, com Israel, que também é uma parceria que extrapolou a universidade. Era muito com o BNB, com o DNOCS, com esses que eu citei, o Centro de Ciências Agrárias e o Centro de Tecnologia. Então, penso que a gente não pode deixar de apoiar, ainda que seja meramente politicamente, esses laços que já foram construídos, mas também olhando, que antes a gente não olhava, em que lugares a gente pode, de fato, colaborar e contribuir (Profª Ana, 2025).

> Pra onde é que esses alunos vão? Notadamente, Europa. E uma peculiaridade da UFC e de algumas universidades brasileiras, a UFC ser muito forte, é o programa BRAFITEC. É um programa que é cofinanciado pelo governo

> francês e cofinanciado pelo governo brasileiro. No ano passado foram enviados 32 alunos do Centro de Tecnologia e 8 alunos do Centro de Ciências Agrárias, que tem um programa também chamado BRAFAGRI, que tem os mesmos moldes. o maior foco internacional hoje é a França. Mas isso foi uma decisão não. Foi uma própria demanda da instituição. Se há um programa desses com a Alemanha o foco vai mudar para a Alemanha. Se tiver um programa desses com os Estados Unidos o foco vai mudar para os Estados Unidos. É uma demanda espontânea. Não existe uma base institucional. A gente quer aumentar as nossas colaborações com a Bélgica. Porque é uma decisão. Nenhum Reitor teve essa decisão (Prof. Jorge, 2025).

> A França já era um lugar que eu me sentia bem, já tinha muitos contatos. Então, eu busquei novas colaborações com grupos franceses. E aí foram vários projetos que a gente submeteu e que eu tive durante todos esses anos com a França e depois abrindo com a Alemanha, que também tinha um grupo lá que trabalhava na mesma área minha. Então, eu acabei desenvolvendo com a Alemanha também, a partir de 2017. [...] Suécia é natural, porque a Suécia, na verdade, não só eu, mas o grupo todo aqui, nossos outros professores aqui todos, por conta da Ericsson, que é uma empresa sueca. E a gente está abrindo agora com conta de um projeto recente, tentando montar uma parceria com os Estados Unidos, alguns grupos, mas ainda iniciante, algo bem mais recente, não tem ainda nada muito consolidado, mas essas parcerias são muito assim. (Prof. Anderson, 2025).

> Olha, o foco são os países europeus. França, nós recebemos alunos franceses. Muitos alunos espanhóis, também. Poucos alunos americanos. Não sei te dizer nesse momento o porquê. Não sei, mas alunos dos Estados Unidos, até o momento eu não sei nenhum. São mais da parte alunos europeus, a maior parte é da Europa (Paula, 2025).

A pró-reitora da PRPPG (2023-2027), Profª Cristina, reconhece essa hegemonia e menciona que a UFC está buscando ampliar as colaborações com o Sul Global. Segundo ela, "a grande maioria da nossa cooperação é com o Norte global. E nós agora tentamos ver como é que a gente inclui mais ou facilita essa interação com o Sul Global".

Além disso, ela relata que a partir de um edital lançado pela CAPES em abril de 2025 para adesão de instituições de ensino superior à Rede de Universidades BRICS, em um breve levantamento, a UFC descobriu que há na instituição quase uma centena de publicações com países pertencentes ao Sul Global, algo desconhecido pela Universidade. Ela conta que:

> Nesse edital do BRICS, no levantamento rápido em três temas, nós tivemos mais de 89 publicações nos últimos 6 anos, 5 anos com países como China, Rússia, Índia, Paquistão, Emirados Árabes…então, é muita coisa que a gente

> ainda tem, talvez assim, precisa ter mais conhecimento da nossa internacionalização. Vai muito mais, além de só dos acordos formais, que cada pesquisador tenta fazer os seus acordos e a sua cooperação em termos pesquisa [...] nós descobrimos que tem professores que têm, nesses últimos anos, mais de 40 artigos, professores da Índia e da China. E nós não tínhamos isso mapeado, entendeu? Quando houve esse edital do BRICS, para habilitar a universidade é que nós fomos atrás, nós só fomos atrás em três eixos. Nós tínhamos que escolher três. Pelo nosso conhecimento, alguns professores da instituição, a gente já sabia que fazia esse tipo de parceria, e nós começamos a partir daí. Mas em pouco tempo, a gente viu que tinha muito professor, muito mais professores nessa turma. Então, a gente precisa também se conhecer melhor em termos de internacionalização (Profª Cristina, 2025).

A partir do relato da Profª Cristina, compreendemos que as cooperações com o Sul Global existem e são inúmeras no âmbito institucional. Contudo, são invisibilizadas por falta de mapeamento institucional. Além disso, atribuo essa invisibilidade às orientações dos organismos internacionais e ao histórico das políticas fomentadas pelas agências nacionais, orientadas epistemologicamente pelo e para o Norte, induzindo o processo de internacionalização das universidades nesse sentido.

Essa hegemonia no estabelecimento de cooperações com o Norte Global justifica-se pela predominância de uma racionalidade euro norte centrada, que, nos termos de Grosfoguel (2008), privilegia o modelo de desenvolvimento do Ocidente e circunscreve um sentimento de superioridade/inferioridade epistêmica, cultural e acadêmica.

Como contraponto a essa perspectiva, na percepção de Yago, estudante de doutorado do PPGETI e pesquisador do GTEL, os alunos de doutorado do Brasil conseguem ser tão bem-preparados para a pesquisa quanto alunos de doutorado da Europa e dos Estados Unidos.

> Uma coisa que o pessoal sempre fala é que o aluno de doutorado brasileiro, aluno de pós-graduação do Brasil, é muito melhor do que os alunos, por exemplo, da Europa, dos Estados Unidos, porque o pessoal lá termina a graduação e tem muita indústria, tem mercado de trabalho para absorver esse pessoal que se formou. Então, o pessoal faz uma graduação qualquer, talvez só para ter um diploma, e aí os cursos duram menos tempo, acabam conseguindo algo como especialista, que seria uma espécie de mestrado... e aí o pessoal que entra para fazer pesquisa, de fato, são os interessados em pesquisa, basicamente. Aí, eles dizem que aqui no Brasil, um aluno de doutorado, comparado com um aluno que entrou no doutorado, acredito, na Europa, de forma geral, nos Estados Unidos, que é um dos locais que a gente tem mais parcerias... no Brasil ele já sabe andar com as próprias pernas, né, em questão

> de pesquisa, enquanto lá fora o pessoal tá aprendendo ainda como desenvolver pesquisa e tudo. Então é uma visão bem interessante que eu tive que é algo nesse sentido (Yago, 2025).

Ainda sobre a predominância nas relações com o Norte Global, a Profª Gecilda compreende que é necessário fortalecermos a cooperação com os países latino-americanos. "É um caminho que eu acho que nós podemos seguir em termos de internacionalização, que é justamente o de fortalecer parcerias com pesquisadores latino-americanos", disse ela. Contudo, não basta aumentar o número de cooperações com o Sul Global, é necessária uma mudança de concepção sobre a internacionalização para que essas relações ocorram de forma horizontal e solidária.

Observamos que há, na instituição, discursos que vão na contra hegemonia do que vinha sendo instituído e praticado na UFC, possivelmente orientados pela nova perspectiva da CAPES e do CNPq, durante o governo Lula (2023-2027), que têm promovido políticas de internacionalização com ênfase no fortalecimento de cooperações Sul-Sul.

O Prof. Jorge, coordenador de Internacionalização, ao abordar sobre o Programa Move La América, diz que a atração de latino-americanos para as universidades brasileiras não é novidade para a UFC. Segundo ele:

> Em 2020, nosso principal público de todos... o maior número de estrangeiros na UFC, na pós-graduação, era de colombianos. Então, pela própria natureza, geográfica e onde principalmente esses programas que são a nota 6 e 7. Por quê? Porque tem essa qualificação, na verdade, uma coisa é consequência da outra. Você já tem ali alguns pesquisadores que são reconhecidos internacionalmente. Hoje eu não saberia dizer. Na graduação eram os africanos, por conta do programa PEC-G, né? Os alunos vêm principalmente da África. Vêm da América Latina, mas vêm principalmente da África e a gente tem principalmente Cabo Verde e Angola, que são o nosso principal destino, a principal origem do nosso aluno em graduação é estrangeiro, mas na pós-graduação, eu não sei te dizer isso hoje, porque a gente está com uma certa dificuldade de fazer avaliação dos dados, mas até bem pouco tempo, está com essa dificuldade, mas vai resolver, daqui a dois meses a gente ter esses dados produzidos novamente, eram colombianos. E se a gente for pensar, a gente não tinha tanta relação com a Colômbia em graduação, mas na pós-graduação, pela própria natureza, a qualidade de pós-graduação atraía o colombiano (Prof. Jorge, 2025).

Porém, ainda se identificam marcas de colonialidade nos discursos, a exemplo da fala do coordenador de Internacionalização ao considerar que o Brasil pode exercer influência nas universidades do Sul, reproduzindo a lógica da superioridade/inferioridade.

> Eu vou conseguir exercer influência na universidade francesa? Provavelmente não. Eu vou exercer influência na universidade italiana, belga, portuguesa? Provavelmente não. Não tenho nenhuma colaboração. Mas onde a gente vai exercer influência é realmente na África e na América Latina. A China, a gente não tem como competir com a China. Compete em que? Com a língua, que a gente consegue na América Latina ter um... Embora a gente não fale a mesma língua em todos os países, a gente consegue, de certa forma, se entender, se compreender bem. Então, eu acho que o foco é... Porque é uma coisa que é importante que se diga, existe um foco para a colaboração com o Sul, mas as outras colaborações, elas não vão deixar de existir. O entendimento pessoal que eu tenho. A gente passou muito tempo colaborando com o Norte, mas olha que a possibilidade que nós temos consolidado, em várias áreas do conhecimento, de nós exercemos influência no Sul (Prof. Jorge, 2025).

Sobre essa percepção, Paulo Freire, em sua obra Pedagogias da Solidariedade, entende que "é um engano que uma nação, um estado pense que pode educar outras sociedades e outros povos" (Freire, 2021b, p. 27).

Quando questionados sobre o papel das agências de fomento na política de internacionalização universitária, encontramos percepções diversas. Os gestores da Administração Superior adotam um posicionamento institucional, evitando fazer críticas às agências de fomento.

> Eu acho que continua havendo incentivo por parte desses órgãos. Não saberia te dizer se os volumes estão aumentando ou estão diminuindo. Talvez, estejam atualmente maiores do que há três anos atrás, mas eu acho que é uma política muito assertiva. São investimentos muito assertivos. Então, você percebe hoje… como eu falei a CAPES, em geral, ela não oferta recurso para a pessoa fazer doutorado no exterior porque ela julga que os doutorados existem todos no Brasil, mas ela oferta o doutorado sanduíche. Tem a possibilidade de você tirar o título aqui mas passar um período no exterior. Para além disso, a gente observa que há editais visando a internacionalização hoje, olhando também pelo lado dos professores, e muito flexíveis. Você tem o financiamento para o pós-doc, que é para o professor passar um período na universidade estrangeira, bebendo ali daquele conhecimento, mas também produzindo conhecimento junto com outros grupos de pesquisa, que também é outra fonte financeiramente importante. Você percebe editais hoje de curta duração, que é fundamental, é um professor que vai, por exemplo, ele tem uma forte interação com grupo nos Estados Unidos, um grupo na França, na Itália, ele vai passar, por aquele grupo para discutir alguns resultados, conhecer o que está acontecendo ali. E às vezes o pessoal diz, não, mas isso poderia ser feito online, como a gente está conversando aqui, mas não, porque ele vai viver aquele dia a dia, né? Então, ele vai acompanhar quais são as pesquisas que estão se dando

> naquele grupo. Então, eu acho que do ponto de vista do financiamento, a gente tem muitas trilhas definidas e que eu vejo que essas agências, CAPES, CNPQ, até mesmo às vezes, aliás, a FINEP, né? FUNCAP... (Prof. Antônio, 2025).

> A impressão que eu tenho é que são super necessários os programas, mas eles acabam atingindo uma parcela, aquela história do "pregar para convertidos", uma parcela da comunidade científica que já está muito sensível pra isso, que gosta disso. Eles estão anunciando agora um programa que é um CAPES-PrInt melhorado, no sentido não só disso, de abarcar outra parte da comunidade científica que às vezes tá com o pé atrás, tá temeroso, acha que isso é coisa pra PQ1, programa nota 7 e tal. Então, abarcar um espectro maior da comunidade e ser algo mais interdisciplinar. Em geral, esses editais eram bem específicos e a gente já sabia quem aqui ia ganhar. Então ficam formando esses nichos, sem desmerecer de maneira alguma, mas eu acho que os órgãos de fomento... e a CAPES tem uma sinalização que quer caminhar nessa direção, vamos ver como é que vai funcionar. Quer fomentar uma internacionalização, primeiro que seja mais ampla, que não abarque sempre os mesmos atores e sempre as mesmas áreas. E como tudo que é novo, a gente está assim, será que vai dar certo? (Profª Ana, 2025).

> Quando governos mudam, as ideias mudam, mas eu acho que todas são louváveis. Todas as mudanças são louváveis porque eu acho as pessoas estão acima de governo. Pesquisadores que têm relações com o país A, B ou C, eles vão continuar tendo, independente disso. Mas, direcionamentos são importantes. Então, essa colaboração com isso, ela é importante porque, como eu te falei na outra resposta, a gente tem, historicamente, Europa e os Estados Unidos dominam, têm as melhores universidades do mundo há muitos anos. Isso vem tentando mudar. (Prof. Jorge, 2025).

A Profª Cristina, Pró-Reitora da PRPPG (2023-2027), concorda que as agências de fomento têm um papel relevante para o desenvolvimento de ações de internacionalização nas universidades brasileiras, pois sem investimento não há políticas. Ela relata, ainda, que se não fosse o Programa PrInt, criado ainda no governo do presidente Michel Temer (2016-2018) e que vigorou até outubro de 2024, a internacionalização das universidades teria estagnado, pois durante o governo Bolsonaro não houve incentivos à internacionalização. Segundo ela,

> Os editais que estão facilitando isso [a internacionalização], pois que a gente passou um tempo sem ter. Se não fosse o PrInt que foi feito durante... é, antes da mudança de governo, no passado, a gente teria ficado estagnado. Por exemplo, ninguém foi pra PSDE durante quase quatro anos, porque não tinha edital (Profª Cristina, 2025).

A fala da pró-reitora da PRPPG ratifica a volatilidade das políticas de internacionalização diante dos contextos políticos, sendo marcadas por continuidades e rupturas (Oliveira, 2019).

Por sua vez, os coordenadores, técnicos administrativos e estudantes fazem críticas à escassez de recursos, falta de oportunidades, principalmente em nível de mestrado, e aos valores da bolsa de estudo, como vemos nos relatos abaixo:

> Atualmente, assim, para graduação, o principal hoje em dia é o BRAFITEC. Dentro dele, tem a questão do duplo diploma. No final é o projeto BRAFITEC, mas devido a relação entre os coordenadores você pode pedir o duplo diploma, igual ao BRAFITEC, em geral até dois anos na França. Atualmente, é limitado a isso. Tem um projeto também com a CAPES, mas num nível bem menor com a Alemanha, que também fomenta a vinda de estudantes. Aí, assim, do ponto de vista de financiamento, se resume a isso. Mestrado, a gente não tem oportunidade. É uma... talvez uma crítica que eu faço, assim, porque eu tenho projetos, né, possibilidade de enviar aluno de graduação, mas no mestrado é um vácuo, não tem nada, não tem nada de financiamento. O aluno pode ir, mas, em geral, não tem financiamento público (Prof. Wilmar, 2025).

> Por um lado, elogio o esforço deles, mas por outro lado é difícil fazer internacionalização com o dinheiro que eles repassam… é muito pouco. A gente foi contemplado no programa FUNCAP de internacionalização, mas o dinheiro que a gente recebeu é pouco. É difícil fazer internacionalização com pouco recurso, a gente tem que inventar muito, ser muito criativo, sabe? (Prof. Otávio, 2025).

> Nós temos tido, e depois com o Bolsonaro isso piorou, um corte tremendo nas oportunidades que vem sendo dada tanto a docentes quanto a discentes de fazerem seus programas de intercâmbio, seja de pós-doutorado, seja de doutorado sanduíche. Mais recentemente, com o governo Lula, esses programas voltaram a existir, mas ainda de forma limitada. (Profª Gecilda, 2025).
>
> O CNPq me ofertou uma bolsa de US$1.700 pra viver lá. Isso é um valor extremamente defasado. Eu sei que muita gente comenta que a inflação não cresce de uma forma tão acelerada quanto no Brasil, lá nos países de fora, mas são 10 anos de defasagem. Para conseguir o visto para os Estados Unidos, por exemplo, você precisa comprovar uma renda mensal de pelo menos 2.000. Então, precisei juntar os pagamentos que eu recebo pela Ericsson, em torno de US$550, e precisou juntar o pagamento que eu recebi pela Universidade da Califórnia. Então, foram três pontos de renda para juntar e eu ter o mínimo pra conseguir o visto. Então, assim, eu acho que a maior dificuldade é justamente que a gente tá tentando nesse meu caso específico, né, que eu fui pra América do Norte, a gente tá tentando enviar alunos pra América do Norte, Canadá, Estados Unidos, com bolsas extremamente defasadas. E se por algum motivo, vamos dizer que um aluno consiga passar pelo procedimento do visto sem estar recebendo o mínimo que ele precisa. Qual é a qualidade de vida que ele vai ter lá? Eu consegui bater o mínimo porque precisou juntar outras duas fontes de renda. Então, isso foi um processo burocrático pra combinar com todo mundo, pra que eu não ficasse desamparado, né (Kaio, 2025).

Importa ressaltar que os valores das bolsas de pesquisa estavam sem aumento desde 2013. Apenas em 2023, durante o governo Lula (2023-2027), houve um aumento de 40% nos valores das bolsas. No caso do mestrado, o valor passou de R$ 1.500 para R$ 2.100. No doutorado, o valor passou de R$ 2.200 para R$ 3.100. E no caso de pós-doutorado, o acréscimo foi de 25%, saltando de R$ 4.100 para R$ 5.200 (Brasil, 2023c). Contudo, esses valores ainda são considerados insuficientes para pesquisadores que dedicam mais de 10 horas de trabalho às suas pesquisas, como conta Yago, estudante de doutorado PPGETI/GTEL:

> Um doutorado é algo que ocupa muito tempo, né? Então, é o que acaba sendo tanto o estudo e também, de certa forma, a profissão, né? Porque, ainda mais tendo esses projetos, a gente tem que sempre mostrar resultado, né? E acaba que, por a gente ter reuniões, interações constantes, acaba que a pesquisa desenvolve, eu não diria sem muito esforço, mas de forma natural, né? Você tá sempre ali sendo... um novo comentário, uma nova possibilidade de resolver um problema e você acaba trabalhando, meio que você nem perceber quando desenvolveu bastante coisa, né? Então, meio que hoje em dia é, de certa forma, uma espécie de trabalho, né? Consumo toda boa parte do meu tempo para desenvolver essa pesquisa (Yago, 2025).

Sobre a questão dos recursos, Lourdes, secretária do PPGS, relata que:

> Alguns alunos deixaram de ir para o doutorado sanduíche pela questão mesmo financeira, apesar de ter uma bolsa, tem a questão do seguro, não é barato. Então, alguns alunos nossos, em anos anteriores, deixaram de ir para o doutorado sanduíche justamente porque não terem condição de pagar o seguro (Lourdes, 2025).

Para tornar a mobilidade acadêmica mais democrática e inclusiva, Paula, servidora da PROINTER, sugere que sejam previstas nos editais recursos extras para alunos hipossuficientes a fim de viabilizar os estudos desses estudantes no exterior. Segundo ela,

> Os alunos que vão para o intercâmbio, eles têm que arcar com custo de manutenção e poucas oportunidades têm bolsa. A que eu lembro agora é só do Canadá. E aí, nessa edição desse ano, nenhum aluno da UFC, infelizmente, foi contemplado com bolsa (Paula, 2025).

Em relação ao financiamento das políticas de internacionalização, os pró-reitores da PROINTER consideram que as políticas têm um custo alto e que o país e a Universidade têm outras prioridades. Para eles:

> Esse caminho da internacionalização é um caminho em que é muito caro para eles. Então, do ponto de vista da política pública, isso tem que ter retorno. Então, eu acho que o fato de serem de tais com alta competitividade, eu acho certa essa política pública porque é caro você mandar um estudante ou um professor para o exterior. É caro, é caro. Você pode dizer "ah não mas nunca é caro para um investimento desse". Realmente. O problema é que o nosso orçamento ele é deficitário. Então, o país tem muitas desigualdades. Ora, onde tiver pessoas com fome a política pública tem que ser muito bem medida porque a gente sabe que tem outros investimentos e outras prioridades (Prof. Antônio, 2025).

> Quando você tem uma universidade que acolhe estudantes que são vulneráveis, é óbvio que você vai priorizar a manutenção desses estudantes. A pessoa está com fome e você vai pensar em falar inglês? Então, de fato, há prioridades a serem atendidas.
> Mas, no mundo ideal, a internacionalização deveria ter um aporte financeiro bem definido com um planejamento. A gente vai respondendo, em geral, ao que vai se apresentando. A gente vai reagindo ao que vai se apresentando externamente (Profª Ana, 2025).

O financiamento das universidades públicas, de modo geral, também foi destacado pelo Prof. Vitório, reitor (2023-2027):

> [A Universidade] É uma estrutura exitosa, mas ela precisa ser financiada, ela precisa ser garantida. Enquanto isso não acontece, a gente perde pessoas. Nas universidades do Brasil, por exemplo, a gente está já há bastante tempo perdendo excelentes quadros da universidade, sejam servidores docentes ou técnicos para outros campos melhores, porque a universidade está fragilizada do ponto de vista do financiamento. Mas, quando você investe, quando você garante isso, você tem resultados fantásticos (Prof. Vitório, 2025).

Sobre os programas de internacionalização fomentados pelas agências de fomento a Profª Cristina, pró-reitora da PRPPG, menciona o novo programa de internacionalização, chamado CAPES-Global.Edu, cujo formato que envolve a formação de redes de pesquisa em nível nacional e internacional, voltado a programas de pós-graduação com notas 6 e 7.

> E [a CAPES] pretende lançar esse novo edital, que se chama CAPES-Global, de uma maneira diferente, de você construir uma rede aqui e uma rede no exterior para desenvolver temas. Esses temas normalmente têm que estar ligados, isso aí envolve muito a sociedade. Os temas que nós sugerimos devem

> estar ligados ou a algum ODS [Objetivos de Desenvolvimento Sustentável] ou a algum planejamento estratégico do país, por exemplo, a "Nova Indústria Brasil", "IA para Todos" ... Então, você tem que estar ligada a uma política, né, voltada para a sociedade (Profª Cristina, 2025).

Segundo a pró-reitora, a PRPPG ficará responsável pela elaboração do projeto e implementação do novo programa e está capacitada a trabalhar com ele na instituição.

A partir dos relatos analisados, observa-se que a universidade cumpre um papel de transformação tanto coletiva quanto individual. Para os gestores e coordenadores, ela constitui-se em um pilar estratégico de desenvolvimento e de resposta aos grandes desafios contemporâneos da sociedade. Já para os estudantes, ela representa não apenas um lugar de formação intelectual, mas também de construção de identidades, mobilidade social e pertencimento.

No que diz respeito à internacionalização, observa-se um amadurecimento conceitual do termo. Se antes era concebida majoritariamente como envio de alunos ao exterior e publicações em periódicos estrangeiros, hoje ela é compreendida como um processo complexo, horizontal e solidário, que abrange a troca de saberes, o intercâmbio cultural e a aproximação entre diferentes realidades acadêmicas e geopolíticas.

Observa-se a emergência da ideia de que internacionalizar é também aprender com o Sul Global e fortalecer vínculos com países da América Latina, da África e da Ásia, embora ainda haja resquícios de uma visão colonialista nas práticas e discursos institucionais. Contudo, questões estruturais e orçamentários desafiam o processo de internacionalização da UFC. A burocracia, a falta de recursos, a insuficiência de bolsas, a baixa atratividade institucional, as dificuldades no acolhimento aos estrangeiros e a ausência de políticas de longo prazo dificultam a efetivação de uma internacionalização mais democrática e abrangente. Enquanto os gestores adotam um discurso mais institucional, reconhecendo os limites orçamentários do país, observa-se que os coordenadores, os técnicos administrativos e os estudantes apontam de forma mais crítica a necessidade de maior investimento e de políticas públicas que contemplem toda a comunidade acadêmica.

Assim, compreendo que o papel da universidade e, por conseguinte, da internacionalização estão intrinsecamente relacionados ao projeto de nação que se deseja construir.

7.3 Percepções sobre o processo de internacionalização da UFC

Para analisarmos as percepções dos sujeitos acerca do processo de internacionalização da UFC, buscamos compreender: suas percepções sobre a atuação da UFC nos níveis global, nacional e regional, o momento ou ação estratégica que consideram relevante para o processo de internacionalização da UFC e, sobretudo, os desafios que a UFC enfrenta hoje em seu processo de internacionalização, conforme sintetiza o Quadro 19:

Quadro 21- Percepções acerca do processo de internacionalização da UFC

Dimensões de análise	Evidências observadas
Atuação da UFC nos cenários global, nacional e local	• Os gestores da Administração Superior compreendem que a UFC se destaca nos *rankings* de internacionalização; enquanto alguns coordenadores, docentes e servidores técnicos compreendem que faltam recursos, estrutura física e um trabalho coletivo. • Compreensão de que a UFC sempre foi internacionalizada e cresceu muito em pouco tempo de existência.
Marcos no processo de internacionalização da UFC	• Os sujeitos, em geral, citam marcos relacionados às suas áreas de atuação. • Institucionalmente, os interlocutores citam a criação das Casas de Cultura Estrangeiras, a implementação do CAPES-PrInt e a gestão da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação no período de 2015 a 2019. O Diretor de Avaliação da CAPES menciona a criação da PROINTER e o Plano de Internacionalização como marcos do processo de institucionalização da internacionalização.
Desafios para a internacionalização da UFC	• Dentre os desafios elencados pelos interlocutores, destacam-se: a) a questão linguística, sendo necessário ampliar o ensino de línguas na Universidade e, principalmente, nos campi do interior; b) a falta de recursos; c) necessidade de melhoria na infraestrutura da Universidade; d) necessidade de maior aproximação com a comunidade estudantil, realizando atividades participativas, prestando orientação quanto às atividades de mobilidade etc.; e) Necessidade de uma estrutura de acolhimento aos estrangeiros na UFC; f) necessidade de padronização dos processos de gestão da internacionalização; g) necessidade de captação de recursos externos a fim de suprir as limitações orçamentárias; h) necessidade de ampliação do nº de servidores da PROINTER.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Sobre a atuação da UFC nos níveis global, nacional e regional, os gestores da Administração Superior baseiam-se nos ranqueamentos internacionais para avaliar o desempenho da UFC.

> Eu acho que a UFC, como eu digo a minha vivência na Pró-Reitoria foi uma satisfação muito grande porque cada vez mais que a gente se aprofunda em conhecer a UFC, a gente vê o quão rica a UFC é. Então, a gente vê que naquele programa CAPES-PrInt... Pronto, ali é uma experiência exitosa do governo federal, um edital de internacionalização, porque ali previa essas idas dos professores, idas flexíveis, para passar pouco ou muito tempo, mas os programas tinham que ter recurso para fazer isso e você fica impressionado com a quantidade de programas da UFC que conseguiram entrar naquele projeto. E aí, você veja o seguinte, se eles conseguiram, primeiro, é porque eles têm *feedback* das universidades parceiras, porque as universidades estrangeiras elas não entram num projeto desse para fazer número. Elas entram quando elas acreditam que aquele projeto vai ter impacto, vai ter resultados. Então, o fato da UFC ter sido escolhida um dos maiores programas CAPES-PrInt dentro das universidades brasileiras, o fato de tantas universidades estrangeiras aceitarem entrar nesses programas com a UFC e a gente que viu esses programas sendo executados, professores indo para a Europa, para a Ásia, para os Estados Unidos, para a América do Sul e trazendo professores de fora. Então, a gente vê que a UFC realmente é muito pujante. É como eu digo a UFC é um mundo. As pessoas que têm a oportunidade de conhecer, que saem das suas unidades acadêmicas e olham as outras, você toma um susto e vê quanta gente boa você tem na UFC (Prof. Antônio, 2025).

> Eu tenho um dado que já é do produto da internacionalização, acredito eu. Quando a gente olha para os *rankings*, quando eu falo em *rankings*, agora focando só em pesquisa e produtos de pesquisa, quando eu falo em análise bibliométrica, número de artigos, número de citações, quase sempre a UFC se destaca nacionalmente em número de citações. E número de colaborações estrangeiras, ou seja, percentual de artigos que tem participação estrangeira. E o número de citações por si também, ele não diz tudo, porque tem áreas que se citam pra caramba, tem outras áreas que já nem tanto. Então tem um negócio chamado FWCI, que é o Field Weighted Citation Impact. Ele pega as diferentes áreas e vê qual é a cultura de citação daquela área. E vê qual é a média mundial. Então, o número que você tiver acima de 1 significa que naquela área você está sendo mais citado que a média do mundo. E abaixo de 1, menos citado. E, invariavelmente, a UFC se destaca por ter esse índice nas áreas, digamos, mais competitivas de ciências, acima da média mundial. Então, pra mim, isso é um indício indireto de que, no cenário nacional, a UFC é uma das universidades que mais conversa com o resto do mundo. Você quer só um índice, mas ele é um índice composto, como a gente disse, ele não olha só pra uma coisa. Mas desse ponto de vista, da ciência que a gente gera, há indícios de que a UFC tem uma ciência mais internacionalizada do que, por exemplo, aqui na região Norte e Nordeste, é bem claro. Obviamente, é difícil competir com USP, Unicamp, até a Federal de Santa Catarina, mas mesmo em determinadas áreas específicas, e aí, obviamente, você olha as áreas em que nós temos programas de pós-graduação com as maiores notas, é... compete em pé de igualdade. Agora, eu vejo que isso é um mérito. E aí a gente tem que dar a César o que é de César, é um mérito muito grande dos pesquisadores e dos Pró-Reitores de

> Pesquisa e Pós-Graduação ao longo da história. A universidade, eu acho que nunca teve exatamente gás financeiro para ser protagonista nisso aí, mas sempre teve estímulo tem aqui esse programa, ou seja, fazendo esse papel de divulgador e incentivador que as pessoas colaborassem e se abrindo. Mas acho que tem uma dívida ainda institucional, infelizmente a gente hoje não tem perna para fazer fácil ela, mas tem essa dívida de dar uma maior estrutura para que essa internacionalização aconteça. (Profª Ana).

> Eu acho que local, nem se fala. Nós somos a primeira universidade aqui no Ceará. Foi a universidade que criou ou ajudou na criação das várias outras. Segundo o nosso Reitor, a universidade esteve presente nas comissões de constituição de quase todas as grandes universidades aqui do Ceará. A nível do Nordeste, eu vou falar da pós-graduação, eu não tenho os dados de graduação. A nível do Nordeste, nós temos a maior média de cursos de pós-graduação entre as universidades com mais de 80 programas, que é muito difícil. Você ter uma média de dois programas é fácil, mas você ter uma média elevada quando você tem 89 programas como nós temos, é um desafio enorme. Nós temos o maior número de programas, 107, do Norte- Nordeste. Então, e assim, mesmo em termos nacionais, recentemente, ontem, saiu um ranking da AD Scientific Index, que leva muito em consideração a pesquisa que a universidade faz. Então, nós estamos no décimo terceiro, se eu não me engano, no país. A pública, acho que vai para o décimo primeiro, se você ver a notícia da UFC. E no Norte, nós somos a primeira. Então, isso muda a qualidade da UFC. E a qualidade, eu acho que muito voltada à pesquisa e, por conseguinte, à formação de recursos humanos na pós-graduação (Profª Cristina, 2025).

> Então vamos lá, se você pensar o mapa do Brasil, Norte, Nordeste, Centro-Oeste, a gente é o número 1 pela Capes, com relação aos cursos 6 e 7. Mas se a gente for pensar na internacionalização, elas estão aí, transversalmente, nisso aí. A gente só não está superior a UNB… assim, os números do UNB são muito parecidos com o nosso. Aí a gente tem que dar um desconto a UNB porque imagina, você tá no quintal do MEC, né? Mas, enfim, é... assim, o fato de a gente ter números bem parecidos com a UNB, né? Então, eu diria que, em termos de internacionalização, né, se a gente for seguir esse parâmetro, se a gente for seguir o *ranking*, a gente vai estar lá. Pernambuco, Ceará e Bahia, praticamente juntos. Quem está acima da gente vai ser Santa Catarina, Paraná e UNB. E essas outras seis que eu falei, as três próximas, as outras três, vão estar mais pra cima. Então, quero dizer com isso o seguinte, das universidades federais, nós somos regionalmente... Puxa, a gente está num degrau acima de pós-graduação (Prof. Jorge, 2025).

Essa percepção acerca da atuação da UFC nos cenários global, nacional e local atrelada a *rankings* acadêmicos, no entendimento de Laus (2012), geram um cenário de concorrência entre as universidades, atribuindo um valor comercial ao conhecimento.

Na perspectiva do Prof. Jahad, professor palestino vinculado ao PPGS e que está na UFC desde 1986, a UFC cresceu muito desde sua fundação e sempre foi uma universidade internacionalizada. Para ele:

> A UFC sempre foi internacionalizada. Desde que eu conheço essa universidade, o nosso departamento, quando eu cheguei já tinha, dos 29 professores 5 estrangeiros. Então tinha um francês, Charles Belet, que era padre, o André Haguete, tinha o Dieter Brühl, tinha Renata Rotti, eu estava chegando. Não era restrito a Ciências Sociais. Isso era uma coisa muito comum na Medicina, porque a UFC tem um departamento muito forte na Medicina Tropical, que desde a década de 1950 que tem um convênio com a Harvard, muito bem. Então você teve muito trânsito entre as duas instituições. Você teve a professora Mary Nations, que era antropóloga da Medicina, e fazia convênios junto com outro professor. Então, você teve o Instituto Sanitar da Itália fazendo convênio com Medicina na área de saúde pública. Então, é assim, a UFC sempre foi internacionalizada e foi fundada na década de 1950 (Prof. Jahad, 2025).

De fato, como vimos no estudo sobre a trajetória histórica da política de internacionalização da UFC, desde antes de sua fundação, a Universidade pretendia ser internacional, o que justifica o seu lema "o universal pelo regional", elaborado pelo primeiro reitor da UFC, Prof. Antônio Martins Filho.

Por outro lado, o Prof. Otávio, coordenador do PPGS, a Lourdes, secretária do PPGS, e a Profª Gecilda, docente e coordenadora do Projeto Fullbright, consideram que a UFC precisa melhorar sua atuação:

> Muito esforço, muitas boas intenções, mas ainda poucos recursos. E também o problema é a burocracia. Vou dar um exemplo: A UFC tem um grande esforço de professores visitantes, que inclusive é bem pago. Mas como ele é contratado, isso envolve toda uma burocracia entre os dois países. E realmente é absurdo. É tão complicado contratar um professor visitante de outro país. É toda uma burocracia… abertura de conta bancária, é um monte de documentos. Eu já participei de várias reuniões das Pró-Reitorias e muitos coordenadores reclamaram. É preciso agilizar esses processos. Muita burocracia vai atrapalhar os processos (Prof. Otávio, 2025).

> Eu acho que ainda tá muito incipiente as ações da universidade, apesar de terem crescido muito em relação a isso. Houve um *boom* na época da primeira gestão do Lula, né? [quis se referir ao governo Dilma Rousseff]. Aquele Programa sem Fronteiras, né?
> Eu acho que isso aí também colaborou muito e agora, no caso, acabou, né? Mas eu acredito que a gente ainda tem que percorrer um bom caminho (Lourdes, 2025).

> Eu vejo notícias gerais que a UFC vem se destacando, não por nós especificamente, das Ciências Sociais, mas por várias áreas, na Química, em várias áreas de atuação, a UFC tem grandes pesquisadores, pesquisadoras de destaque, que conseguem parcerias internacionais, e nós não somos os únicos, de forma alguma, e eu acho que a Sociologia ainda está muito no início, sabe? Eu acho que a gente ainda precisa aprender muito, com outros programas que fazem isso de forma mais coletiva. Eu sei que em outros programas também existe, existem muitas disputas individuais, claro, questão do ego vai existir

> dentro da universidade, como qualquer lugar do mundo, principalmente quando envolve questão de méritos, reconhecimento de méritos acadêmicos, cada um tenta valorizar aquilo que faz. Mas me parece que outros programas têm um espírito mais coletivo (Profª Gecilda, 2025).

Diferentemente da Profª Gecilda, o Prof. Jahad, vinculado ao mesmo Programa de Pós-Graduação, tem uma perspectiva e experiência diferentes. Ele tem desenvolvido projetos coletivos com pesquisadores de distintas áreas acadêmicas, como ele relata:

> Nós tivemos um projeto multidisciplinar na UFC entre as Ciências Humanas, Sociais, Antropologia, Sociologia, Ciência Política e as Engenharias dos Recursos Hídricos, Agronomia, junto com algumas instituições governamentais, com a COGERH, com a Secretaria de Recursos Hídricos, um pouco do DNOCS. Foi uma pesquisa muito interessante, porque ela dialogou com a sociedade. Então, essa é uma tendência eu acho muito salutar você desenvolver e explorar, de você integrar a universidade internamente de trocar experiências, você criar diálogos internos e diálogos com a sociedade também. E diálogos não apenas nas conversas, mas fazer pesquisas conjuntas, publicações conjuntas, divulgação de ciência de conhecimento, uma ciência pública. Então, nesse sentido, eu achei essa uma experiência muito interessante. Estamos repetindo essa experiência novamente numa outra área. Agora, estamos trabalhando na área de águas, mas uma área de irrigação, desenvolvimento regional, que está envolvendo uma equipe muito grande da Ciência Política, da Antropologia, da Sociologia, do Direito, da Administração, das Engenharias, dos Recursos Hídricos, da Agronomia, a Engenharia Mecânica (Prof. Jahad, 2025).

Essa divergência evidencia que dentro de uma mesma área pode haver diferentes percepções, resultantes de distintas experiências, resultando, por conseguinte, em distintas trajetórias de internacionalização.

Em relação ao momento ou ação estratégica que merece destaque no que se refere ao processo de internacionalização da UFC, foi possível observar que eles mencionam eventos relacionados à suas atividades e que se relaciona com suas trajetórias na Universidade.

O pró-reitor da PROINTER (2019-2023), por exemplo, menciona a retomada com o Convênio do Arizona, pois, segundo ele, esse Convênio foi pioneiro no impulso da pesquisa na UFC.

> Sem dúvida o Arizona, sem dúvida, sem dúvida, porque veja o seguinte: depois da ida desses professores para o Arizona foi que começou a pesquisa na UFC. Depois da pesquisa ser iniciada no Centro de Ciências Agrárias os outros as

> outras unidades acadêmicas despertaram para isso. Então, imagine o seguinte: o primeiro doutor do Centro de Tecnologia foi no final da década de 1960, o primeiro. A turma já estava voltando do Arizona na Agronomia e, como eu disse, eram 150. Então, no mínimo, foram 100 professores do Centro de Ciências Agrárias para o Arizona. E muitos faziam mestrado e doutorado de uma vez só (Prof. Antônio, 2025).

Além disso, a parceria com o Arizona também tem um valor simbólico pessoal para o pró-reitor, pois seu pai estudou no Arizona por meio desse Convênio. “Eu conhecia muito essa história”, conta ele.

O pró-reitor da PRPPG (2019-2023) e coordenador geral do GTEL, Prof. Rogério, menciona a colaboração entre a UFC e a Ericsson, que, segundo ele, foi um “divisor de águas” para a Universidade.

> Sob a ótica da cooperação internacional universidade-empresa, eu coloco sim, a parceria com a Ericsson, iniciada no ano 2000, e continuada nesses 25 anos como um marco, porque essa é uma dimensão também importante da pesquisa internacional e com empresas estrangeiras também. Essa também é uma dimensão da internacionalização, não é só a formação, não é só pesquisa acadêmica, temos também essa dimensão internacional da pesquisa empresarial, que a universidade pode contribuir. Eu acho… eu não tenho certeza absoluta, mas muito provavelmente foi a primeira grande empresa multinacional a fechar uma parceria de pesquisa perene com a UFC nesses anos. Então, é um dos marcos, né, que pode se somar a outros (Prof. Rogério, 2025).

O Prof. Wilmar, professor do PPGETI, pesquisador do GTEL e diretor de Relações Interinstitucionais do Centro de Tecnologia, menciona o programa BRAFITEC e o Duplo Diploma, que são programas de mobilidade de estudantes de graduação para a França.

> A gente está até completando esse ano 25 anos do Programa Duplo Diploma. Então, assim, foi em 2000, né, que a UFC entrou nesses programas. Se você for pegar os números lá da PROINTER, o primeiro lugar de mobilidade acaba sendo a França porque tem esse programa que fomenta. Então, eu acho que a virada de chave é isso. Então, para o CT é importantíssimo essa parceria que a gente faz. Tivemos visitas, sempre tem visitas. Tivemos uma visita com uma professora francesa semana passada. Então, eu acho que a virada de chave é esse programa. É o BRAFITEC e o duplo diploma porque possibilitam o envio desses alunos. Acho que a virada de chave é isso (Prof. Wilmar, 2025).

Para a Profª Gecilda, professora do PPGS e coordenadora do Projeto Fulbright, o evento que merece destaque no processo de internacionalização da UFC foi o curso "Racismo e Branquitude", ofertado em 2019, em parceria com a Profª Ana Ramos-Zayas, da Universidade de Yale.

> Sem dúvida nenhuma foi o curso "Racismo e Branquitude", ofertado em 2019. Ele realmente foi muito estratégico porque não existem, nos Programas de Pós-Graduação em Sociologia, não existia nenhuma disciplina, nenhuma abordagem explícita da crítica, da branquitude nos estudos sobre racismo. Aliás, os Programas de Sociologia vinham negligenciando muito essa área de pesquisa sobre racismo, de um modo mais amplo. Com o ingresso por cotas raciais, especialmente na pós-graduação, isso começa a mudar. Mas aí, a partir de 2013, a gente passa a ter um interesse maior pelas questões raciais de um modo geral nas universidades, mas ainda assim com enfoques muito conservadores, muito tradicionais, sem ter a coragem, assim, a ousadia de fazer os estudos críticos da branquitude, porque é muito difícil estudar elites, né?
> E eu acho que foi muito estratégico, gerou muita polêmica, muitos colegas na época se opunham a esses estudos sobre branquitude, diziam que não fazia sentido estudar branquitude no Brasil, que isso era uma categoria importada dos Estados Unidos, que eu não ia ter público, que isso só fazia gerar divisão na classe trabalhadora... E depois que essa discussão foi se ampliando, eles começaram a perceber que fazia muito sentido, mas que eles próprios tinham dificuldade de reconhecer enquanto docentes brancos. Então, eu acho que teve um efeito não só em termos de criar novas formas de olhar para o racismo no Ceará, de pensar que existe sim uma branquitude no Ceará, e que ela não era reconhecida, mas que ela existe, como também uma questão política (Profª Gecilda, 2025).

Em termos institucionais, Paula, servidora da PROINTER, cita o Programa PrInt:

> Eu lembro, enquanto trabalhava na PROGEP, que a UFC ganhou o edital do CAPES-PrInt Lembro disso. E isso possibilitou receber mais professores estrangeiros. Então, deu um impacto positivo, gerou um impacto positivo na vinda de professores estrangeiros e, consequentemente, na internacionalização da universidade por conta desses recursos (Paula, 2025).

Da mesma forma, a Profª Cristina, pró-reitora da PRPPG, considera que o PrInt foi um marco para a internacionalização da UFC, pois, "o projeto conseguiu mostrar que a universidade tinha uma rede de cooperação e os resultados que vieram do PrInt foram muito bons".

Já o Prof. Jorge, coordenador de Internacionalização, cita a criação das Casas de Cultura.

> Vou dizer uma, primeiro de todos: o fato de você ter tido um visionário que criou a universidade, o professor Martins Filho, que paralelamente a criou a universidade, ele criou as casas de cultura. Isso aí é algo de uma pessoa que é muito visionária. Esse formato de casas de cultura só existe aqui. Em outras federais, você tem cursos de idioma. Mas com a qualificação dos nossos professores, não existe. Os professores, quase que a sua totalidade tem doutorado. Eles não têm a mesma carreira nossa, né? Eles são EBTT, mas eles têm os mesmos direitos. O professor orienta em pós-graduação, o professor vai fazer pós-docs exterior. Isso só existe na UFC (Prof. Jorge, 2025).

O Prof. Otávio, coordenador do PPGS, cita a gestão da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação no período de 2015 a 2019:

> Eu acho que o mais interessante foi, sem dúvida, aquela gestão da Pró-Reitoria, que ajudou muita gente, foi do nosso colega da Física, que depois continua trabalhando na CAPES. Ele é um cara internacional. Acho que aquele foi o mais interessante. Mas depois tivemos vários projetos que nós fizemos para colaboração, a pandemia. A pandemia parou tudo, voltamos. Depois da pandemia, voltamos a ter algumas estratégias internacionais interessantes. Mas eu diria que, talvez, o mais interessante foi essa gestão (Prof. Otávio, 2025).

O Prof. Paulo, atual diretor de Avaliação da CAPES, que é docente da UFC na área da Física, de fato, tem uma grande contribuição para o processo de internacionalização da UFC, tanto como pesquisador, quanto gestor. Em sua carreira acadêmica publicou mais de 252 artigos em periódicos internacionais especializados que atraíram, até novembro de 2020, 11.957 citações. Além disso, como pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, de 2016 a 2019, colaborou para a elaboração do Plano de Internacionalização da UFC, datado de 2017, como critério para participar do CAPES-PrInt.

Em relação ao marco institucional no processo de internacionalização da UFC, o Prof. Paulo afirma que a criação de uma Pró-Reitoria voltada à área e a elaboração de um plano de internacionalização foram momentos importantes para o processo de institucionalização de uma política de internacionalização para a Universidade:

> É difícil apontar marcos porque a gente é muito influenciado pelo momento que a gente vive, às vezes mais de perto, e sempre a gente corre um risco de ser injusto, inclusive quando prioriza um determinado momento em relação ao outro. Mas eu acho que assim, do ponto de vista simbólico, do ponto de vista da instituição realmente colocar a internacionalização como algo estratégico, eu tenho impressão que o grande divisor de águas foi exatamente a criação de uma Pró Reitoria de Relações Internacionais e a própria política de

> internacionalização. Eu acho que isso foi um momento importante porque, como eu falei, como a internacionalização é uma estratégia, ela não pode envolver só a pesquisa, ela não pode envolver só o ensino. Ela tem que permear também as atividades- meio. Ou seja, para que o processo seja eficiente, o ambiente universitário tem que ser o mais internacional possível. E isso passa por todo um processo de adaptação de rotinas, de habilidades linguísticas do corpo técnico envolvido (Prof. Paulo, 2025).

Sobre os desafios que a UFC enfrenta hoje em seu processo de internacionalização, os interlocutores mencionam principalmente a questão linguística, sobretudo nos *campi* do interior; a falta de recursos para fazer internacionalização; a infraestrutura da Universidade; a capacidade de atrair e acolher melhor os estrangeiros, bem como o estabelecimento de um relacionamento mais próximo da comunidade acadêmica.

> Bom, eu vejo que já existe uma... um desafio de mercado, sabe? O desafio de mercado é uma concorrência para a ocupação de espaços, para a ocupação de lugares. Talvez esse seja o grande desafio. O que significa que a gente precisa ser cada vez melhor para ser reconhecido e ocupar esses espaços.
> Então, por exemplo, porque é importante que a gente participe dos processos internacionais de avaliação, preencha formulários, preencha... Porque quando a gente é avaliado e a nossa colocação na avaliação é uma colocação boa, é uma pontuação boa, isso abre portas para os relacionamentos interinstitucionais e internacionais. Então, o desafio é um desafio da qualidade. A universidade precisa cada vez mais ser boa, produzir, fazer entregas qualitativas para poder ser aceita nesta mesa internacional de negociação.
> A língua é um desafio grande, a língua inglesa é um desafio muito grande, ou seja, nós ainda temos uma barreira muito grande que separa estudantes, pesquisadores e tal, pela falta de fluência na língua da comunicação, que é fluência. Então, língua é algo fundamental para quebrar as fronteiras que existem. Financiamento é um desafio também gigante, porque você precisa fazer intercâmbios, você precisa mandar pessoas para o exterior, você precisa receber pessoas para o exterior. E receber significa bancar essas pessoas aqui por um tempo, até que haja transferências de tecnologia, transferências de saberes. Então, a internacionalização depende de financiamento, de financiamento de bolsa, que os estudantes vão ter doutorado fora do país, professores fazerem pós-doutorado, isso é investimento em internacionalização, quanto parte para receber visitantes, trazer visitantes para fazer trabalhos, ou até mesmo convidar pessoas para fazer simpósios, porque a partir disso se constroem relações que podem gerar muitos frutos depois (Prof. Vitório, 2025).

> A barreira linguística já foi um problema maior, mas ainda continua, a gente tem um baixo grau de proficiência nas nossas universidades brasileiras, né, tanto na dimensão discente, quanto docente, como também na dimensão dos técnicos. Ou seja, o ambiente linguístico das universidades ainda não é muito preparado para esse movimento ser mais potente. Tem um outro grande desafio, que é o orçamento seja se integrar uma rede de internacionalização

exige um recurso, né? Não é de graça, né? E esses recursos, inclusive, às vezes, por relações que são é, né, razões relacionadas com as moedas, né? A nossa moeda nem sempre está valorizada em relação às outras, então. Você tem o desafio do investimento também, que tem o nosso grande procura, investimento real e tem um pouco importante também. Eu acho que nessa configuração, é muito importante o desafio das instituições estarem preparadas para acolher não só discentes estrangeiros, mas também docentes estrangeiros. O nosso ambiente é pouco diversificado em relação a esse número, né? A gente tem um percentual muito baixo de docentes estrangeiros nas nossas universidades, por exemplo. E obviamente temos um percentual muito baixo de estudantes. A nossa capacidade de atração ainda é muito limitada. Então, esse também é um grande desafio: Aumentar a atratividade das nossas universidades para estudantes estrangeiros é um grande desafio. E se a gente não for capaz de fazer isso, o processo de internacionalização, ele perde a eficiência, porque, como eu disse, para ele ser efetivo a gente tem que criar e fomentar nas instituições um ambiente internacional (Prof. Paulo, 2025).

Um desafio que a gente identificava desde a época da PROINTER é a questão da língua. Os estudantes principalmente têm muita dificuldade na língua. Então, por exemplo, a gente... Pronto, você que estudou o Ciência Sem Fronteira, né? O Ciência Sem Fronteira, muitos estudantes não passavam no TOEFL, né? E tinham que desviar para outros países porque não ingressaram na língua. Então, imagine, olha que obstáculo. O cara escolheu a universidade, muitas vezes já estava lá, não atingiu a prova de proficiência e teve que fazer um desvio para outro país. Quer dizer é um problema sério no programa. Então eu digo que talvez o maior desafio seja dos estudantes mais novos a questão da língua. [...] A Casa de Cultura está aí há mais de 50 anos e a Casa de Cultura dá uma formação excelente. Então, veja como é dicotômico, a gente tem o equipamento, mas ao mesmo tempo esse é um grande desafio. Institucionalmente, o maior desafio é angariar recursos, mas como eu disse, os recursos, aí eu acho que sai até um pouco da seara institucional, porque os grupos de pesquisas conseguem captar (Prof. Antônio, 2025).

Um grande desafio...é a própria questão linguística dos *campi* do interior. Porque nós temos nos *campi* do interior, se a gente for olhar assim, tirar os cursos de medicina, é horrível dizer isso, mas até agora basicamente Sobral é o *campus* com mais diversidade de áreas. Os outros quatro são eminentemente Engenharia e TI, que são carreiras em que urge que a gente converse com o mundo. Ninguém pode sobreviver nelas se não conversar com o mundo. Apesar de, obviamente, a vocação mais imediata seja o regional, mas é universal pelo regional. Então, de fato, esse é um desafio. Você dar as condições de proficiência linguística para o interior que não tem caso de cultura lá, fisicamente falando. Eu acho que esse é um grande desafio.
Outro grande desafio é ter mais orçamento para as atividades de internacionalização. Nós temos relativamente poucas bolsas, né? Temos um programa que é o programa de acolhimento do intercambista, o PAI. Mas o grupo de estudantes que trabalham e fazem um trabalho fantástico nessa lacuna que eu falava, de você estar esperando a pessoa no aeroporto, acolhê-la. Não tem coisa mais triste do que você chegar no aeroporto de uma cidade que você nunca foi e não tem absolutamente ninguém esperando lá e você "ai meu Deus, vou ter que tomar um táxi, onde é o táxi? Será que vão me roubar? E se eu pegar o metrô, mas com essa mala?" Então, desde acolher o pessoal do PEC-G, do PEC-PG e outros também que são acionados. [...] É um programa maravilhoso, só que é muito na base do voluntariado. Tem uns poucos bolsistas

e muitos voluntários. Essa parte de letramento, por exemplo, a Casa de Cultura também não dá conta de todo mundo que tem que letrar. Então, você, por exemplo, ter bolsistas que são alunos do curso de letras inglês, que sejam devidamente tutorados para eles, sim, darem as aulas. Esse é um Programa que existe, mas numa escala pequena ainda. E aí a gente está em conversações com o Centro de Humanidades para, inclusive, a partir do recolhimento das taxas de inscrição das Casas de Cultura, ter um programa mais amplo para o interior (Profª Ana, 2025).

Acho que o principal desafio é atrair estudantes estrangeiros pra cá, tá? Para cursar os nossos programas de pós-graduação. E esse desafio envolve várias coisas, por exemplo: seleções que possam ser feitas com alunos estrangeiros; envolve também o recebimento desses estudantes aqui; acomodações, que é coisa que a gente não tem como agora crescer, porque nós temos um déficit na graduação, né, para estudantes que estão. Não tem como você ser estudante que precisa, enquanto na pós-graduação você tem um curso, então não tem como fornecer nenhum tipo de auxílio moradia para um estudante estrangeiro aqui, tá? Ainda tem a política linguística. Eu acho que nós somos privilegiados na UFC por ter a Casa de Cultura, que fornece formação para a sociedade e para os nossos estudantes e professores em diversas línguas. Mas a gente tem que consolidar mais a questão do português para estrangeiro, para poder receber esses estudantes com a proficiência do português melhor. E além disso, nossos programas tentaram introduzir o inglês mais frequentemente na formação dos seus estudantes, de ter disciplinas em inglês, de ter seminários em inglês. Então, são vários desafios que nós temos nesse processo de internacionalização. Mas eu creio que a UFC está bem. Está seguindo bem nesse passo (Profª Cristina, 2025).

O desafio é, primeiro, financiamento. Financiamento, financiamento, financiamento. Quanto mais a gente conseguir financiamento para promover intercâmbios acadêmicos, realização de projetos internacionais conjuntos, para editais internacionais, editais com possível colaboração internacional, financiamento de intercâmbios para alunos de graduação e pós-graduação. (Prof. Jorge, 2025).

Em primeiro lugar, nós temos um programa de estrutura porque o PPGS, você viu, fica ao lado da Reitoria daquele prédio, que é um prédio administrativo bastante ruim, meio obsoleto. Então, nós precisamos de um prédio mais compatível com um departamento de Ciências Sociais, ter um equipamento melhor. Porque as grandes universidades internacionais têm tudo isso, laboratórios... A nossa ferramenta é prática. Por exemplo, ontem organizamos três dias de um seminário discente, mas nem todos os seminários estão sendo *online*. O objetivo seria que tudo fosse *online*. Presencial e *online*. Que tudo seja visível. Nas redes. Nós temos esse problema aqui. Entende? Além de muitos problemas de equipamento, de espaços que precisamos, esses são alguns dos pontos fracos. Agora, um ponto de força, sem dúvida, é um programa que tem bons professores, tem professores com uma boa trajetória, todos reconhecem isso. Tá, é um programa de referência no Brasil, no Ceará, agora, a universidade não ajuda muito a gente. Mas tem esse negócio de pra onde vamos e a gente resolve ficar lá e ir pra outro lugar. Melhorar a estrutura que a gente tem. São questões que nós precisamos avançar (Prof. Otávio, 2025).

> É assim, aproximar mais. Tipo, a gente vai ter o mês de maio, 25 de maio, dia da África. Será que você vai ter alguma coisa? Há interesse em fazer? Os estudantes africanos sempre querem que tenha alguma coisa, né? E aí, eu acho que é possível melhorar buscando mais diálogos, assim, né? Fazer ou promover alguma coisa, assim. Vamos chamar pra fazer debate. A gente nunca tem debate de nada, assim. E esperar só pra, também, pra chegar às vezes perto de maio, né, pra fazer debates? É complicado, a gente tem um ano todinho, porque a gente pode promover um intercâmbio cultural, né? Pensar alguma coisa. É porque, talvez, por estar no campo acadêmico, eu já penso sempre no debate, mas pode ser qualquer outra coisa: Oficina de dança, comida, enfim, dá pra fazer muita coisa. Os meninos sempre têm vontade, o que falta é estrutura mesmo. Estudantes, não tem dinheiro pra fazer alguma coisa. Então eu acho que é possível buscar uma conversa, sabe? Porque a gente não se sente tão acolhido, assim, né? A percepção que eu tenho é essa (Andile, 2025).

> Acredito que a falta de recurso, todo mundo acaba sempre batendo na mesma tecla, mas é difícil passar por cima desse problema. A falta de recurso é um grande limitante em todo o local que você vai. [...] pelo menos os professores do programa, vão bastante atrás disso, de colaborações, de tentar ter algum, até algum, talvez, colaboração financeira de alguma empresa e tudo, mas, nesse quesito, a universidade, durante as reuniões, muito se falou das questões de ter internet conectando todos e falta infraestrutura até básica para você ter certas atividades, até para receber professores, algo que os professores durante esse período dessas reuniões comentaram é que eles chamam professores de fora e não tem lá, pelo menos no DETI, ali nos laboratórios ao redor, não tem local para o professor visitante ficar, passar um período ali... fica uma semana ou duas e tem que dividir sala com alguém ou alguém tem que ceder uma sala para essa pessoa ficar. Às vezes a internet que era para ser uma rede internacional, lá no departamento não funciona bem. Então, tem essa questão de infraestrutura que acho que está mais relacionado à UFC, de fato, e que dá um entrave. Mas no quesito de internacionalizar, pelo menos pela minha visão da universidade, talvez seja que ela possa internacionalizar mais os cursos de graduação. O nosso programa também já tem algumas oportunidades, mas aí algo mais assim, se for um aluno bem acima da média, né? Então, ele consegue ter essas coisas. Para os alunos no geral, não sei se isso já é tão mais válido (Yago, 2025).

Os servidores técnicos administrativos também concordam que o maior desafio é a falta de recursos. Para superar esse desafio, Rafael, secretário do PPGETI, sugere que a Universidade faça mais parcerias com empresas privadas nos moldes da parceria entre a UFC e a Ericsson. Ele entende que:

> Talvez deva ter, por parte da Administração, uma abertura maior a possibilidade de parcerias público-privadas. Eu acho que oscila bastante a cada gestão. A gestão passada foi muito criticada pelo processo eleitoral, pela forma como foi conduzida, a legitimidade disso foi muito colocada em xeque, mas era uma gestão que tinha essa visão ali de estreitar mais as relações entre universidades, empresas, e é algo que, no geral, me parece positivo, desde que seja feito com cuidado. É algo que contribui muito para a universidade.
> Talvez, essa gestão pudesse olhar com mais carinho para isso, para essas parcerias para que esse impeditivo do orçamento, ele não seja um impeditivo, para que a gente consiga ali usufruir dos recursos que muitas vezes essas

> empresas, essas instituições privadas têm à exposição. [...] pensar em mais parcerias público-privadas seria um caminho. Mas como eu disse, é algo que eu percebo que esbarra em questões políticas, ideológicas até, a certos setores da Universidade. Aqui nas engenharias eu acho que nem tanto, mas acho que mais na área de Humanas há um certo preconceito em falar em instituição privada dentro da universidade. Muitas pessoas já veem isso como uma tentativa de privatização da cidade, como risco. É o capitalismo querendo engolir a universidade pública. Há muito receio por parte de alguns professores que também fazem parte da Administração Superior e isso de alguma forma talvez inviabilize que essas parcerias aconteçam com mais frequência. E eu penso que essas parcerias, claro que tomando todos os cuidados jurídicos, todos os cuidados legais, elas são positivas e nos ajudam a contornar as limitações orçamentárias. Talvez seja um caminho (Rafael, 2025).

Para Rafael, o GTEL é um exemplo de sucesso dessa parceria entre a Universidade e uma instituição privada, que contribui para o processo de internacionalização da UFC:

> E eu acredito que o GTEL é um *case* de sucesso desse modelo. Me parece que a própria longevidade do laboratório é uma prova disso. A quantidade de pesquisas que é produzida lá, de inovação, de patentes, muito embora haja um compartilhamento disso com a Ericsson, evidentemente, mas acredito que a universidade ganhou muito. A universidade saiu muito beneficiada, os alunos se beneficiam muito, os professores… muitos alunos que não teriam acesso a bolsas da Universidade, são beneficiados com bolsas oferecidas pela Ericsson. Então, eu entendo que esse modelo deveria ser mais explorado. Não sei se ele não é mais explorado por essas questões ideológicas, ou se tem algum outro empecilho aí. Mas é uma percepção geral que eu tenho. É um modelo que está mais próximo de mim, literalmente do meu lado. Estou falando aqui da sala do lado, onde está o GTEL. Muitos professores vêm de outros países visitar o laboratório, vêm fazer seminários, congressos, dar palestras. Agora em julho, a gente já vai ter um que vai vir da China pra cá. Dia 29, a gente vai ter um outro que vem da Suécia, que é inclusive um pesquisador egresso do nosso Programa. Atualmente, ele é professor de uma universidade na Suécia e ele foi pesquisador do GTEL (Rafael, 2025).

Para a servidora da PROINTER, Paula, considera que uma das lacunas existentes no processo de internacionalização da UFC é a insuficiência de servidores para atuar na área.

> Acho que é o primeiro grande *gap* é que nós somos apenas três pessoas trabalhando efetivamente com a internacionalização. Nós temos um coordenador de internacionalização que acumula a função agora de Pró-Reitor Adjunto. Então assim, ele não atua efetivamente com processos de recebimento de professor ou de alunos e tal. Apesar de se dedicar muito à questão de convênios. Convênios ele se dedica muito. Mas aí o resto sobra pra nós três. São três servidores no total, que atuamos fazendo os processos

> rodarem, tramitarem, até com relação à internacionalização. Até pensando aqui na gestão anterior, eram duas coordenadorias para trabalhar com a internacionalização e nessa gestão houve a fusão da Coordenadoria de Mobilidade com a Coordenadoria de Convênios Internacionais. Só é uma Coordenadoria agora e só são três servidores para fazer todo esse trabalho. Eu acredito que se houvesse mais servidores para trabalhar nessa área seria melhor, a gente poderia ter mais uma atuação mais ativa nessa forma de divulgar mais oportunidade de intercâmbio para os nossos alunos para que eles pudessem ir para fora, ter mais recursos para que a gente conseguisse bancar a ida de alunos hipossuficientes para que eles pudessem viajar, porque isso é muito importante (Paula, 2025).

Certamente, a falta de servidores compromete a prestação dos serviços de internacionalização à comunidade acadêmica, como relata o Prof. Wilmar, pesquisador do GTEL e diretor de Relações Interinstitucionais do Centro de Tecnologia da UFC, ao contar que tinha dificuldade em obter o suporte da PROINTER para mudar a condição do aluno que estava em mobilidade no sistema da UFC. Ele relata que:

> Era uma dificuldade que respingava aqui pra gente, pois o aluno que vem de fora, assim, eu não conseguia matricular o aluno. Tinha sempre que pedir a um terceiro, né? À PROINTER, que depois pedia à PROGRAD. Então, assim, a gente sofria muito... respingava aqui na gente porque faltava pessoal mesmo na PROINTER. Só tinha uma secretária. Hoje em dia, a PROINTER recebeu mais um. Então, assim, tá ficando mais facilitado. Porque... Olha a situação. A gente tinha 26 estudantes que iam sair. Então, precisava mudar o *status*, né? Tem que sair de uma matrícula pra um *status* de mobilidade. Então, assim, a gente não podia fazer isso diretamente. Tinha que pedir sempre ao terceiro e isso respingava e o aluno ficava impaciente. “Ah, eu tô aqui na França há dois meses e a minha matrícula ainda tá ativa.” Respingava em mim, na nossa secretária, a gente dizia assim, ó, a gente mandou esse processo faz dois meses, vou falar com a PROINTER (Prof. Wilmar, 2025).

Ainda no âmbito administrativo, Ivo, ex-estudante da UFC que criou o Programa de Apoio à Internacionalização (PAI), destaca que um dos principais desafios para a internacionalização da UFC é a padronização de seus procedimentos:

> Principalmente a padronização dos processos, porque cada nova gestão são 4 anos. Muda tudo, muda o gestor dos assuntos internacionais, mudam as estratégias de internacionalização, muda a estratégia de captação de convênios ou de renovação de convênios. Muda também a partir do envio de intercambistas está muito atrelado a bolsas e as bolsas são cada vez mais raras que eu posso falar. Saiu aquela mudança do CsF e agora as bolsas são bem raras. Então há um desafio maior pra mim realmente é a padronização dos processos, uma gestão dar continuidade, porque muitas vezes é um reset, então é tudo, é tudo construído em 4 anos, mas ele pode voltar pra estaca zero, pra

> estaca inicial também, dependendo do posicionamento. Agora, a PROINTER não é só mais internacionalização, é a parte de empreendedorismo, também parte de relações institucionais. Então fica uma salada mista às vezes. (Ivo, 2025)

Para o Prof. Cláudio, reitor entre 2019 e 2023, o grande desafio da Universidade é despolitizar as relações internacionais. Para exemplificar, ele cita o caso da relação UFC-Israel, em que a Universidade revogou o edital 2º *Innovation Challenge* Brasil-Israel, uma parceria entre a UFC e a Universidade de Ben-Gurion a fim de estimular a inovação entre alunos brasileiros e israelenses, após críticas da comunidade acadêmica nas redes sociais pela realização da parceria em meio ao conflito entre Israel e a Palestina (UFC, 2023). Na percepção dele,

> Um grande desafio que eu acho que nós temos nas relações internacionais é despolitizar o negócio. Aquele episódio com Israel, sinceramente me cortou a alma. Por que a UFC vai se meter num problema entre Israel e Hamas? Então não é, na minha avaliação, algo que esteja no horizonte da nossa (inaudível). Deixa a universidade institucionalmente fora. Eu acho que a gente pode dar uma contribuição pra paz e tal, mas fazer crítica, tomar partido, eu não concordo. Eu acho que, assim, o que eu vi ultimamente, eu achei isso muito ruim. Da mesma forma como em 2010. Qual foi a razão pra Universidade do Arizona não querer mais renovar o convênio? O que eu ouvi, de certa forma, foi um certo viés ideológico. Acabou incomodando. Então, eu acho que precisa romper (Prof. Cláudio, 2025).

Sobre essa questão político-ideológica, o Prof. Otávio, Coordenador do PPGS, também faz críticas:

> Eu fico muito preocupado quando se torna um lugar mais ideológico. Isso não quer dizer que não possa ser também um lugar ideológico ou político, porque nada está fora da política, nada, não tem, não existe nada que não tenha uma ideologia, não existe o cientista neutral, assim, é claro que, porém, às vezes, eu vejo que temos, estamos tendo uma radicalização desse processo. Não sei se isso é bom para a universidade. Porque ali tem também discriminação de quem não quem pensa diferente de você, entende? Aqui ninguém está da parte certa da história, enquanto os outros estão da parte errada. Eu não vejo isso. Eu não acho certo o lado errado da história, assim. Isso é muito radical (Prof. Otávio, 2025).

O discurso do Coordenador do PPGS se justifica, pois em 30 de outubro de 2024, uma Conferência organizada pelo PPGS com a finalidade de analisar o conflito

entre Palestina e Israel, abordando sobre o sionismo[87], e apontando suas vertentes, incluindo a consideradas mais radicais, foi interrompida por um grupo de militantes pró-Palestina, que se opunha à forma como o tema estava sendo tratado. Em entrevista ao jornal "O Povo", o Coordenador do PPGS, que estava compondo a mesa como debatedor, conta que trinta minutos após o início da palestra, um grupo de pessoas, algumas usando máscaras, entrou na sala portando cartazes, megafones máscara, acusando os membros da mesa de fascistas e citando frases como "pela vida das crianças palestinas". Em resposta, o Coordenador disse que a temática estava sendo abordada de forma científica. (Almeida, 2024).

A universidade sempre foi um lugar de diversidade e de debate de ideias. Contudo, com a crescente polarização de opiniões e posições políticas não somente no Brasil, com a chegada do Bolsonarismo ao poder, mas no mundo, de forma geral, com o avanço da extrema direita, o posicionamento das pessoas enrijeceu, sobretudo na área da Sociologia, cujas discussões têm um caráter mais político (Becker; Horowitz, 1977).

Em contraposição à ideia de "despolitizar" a universidade, Paulo Freire, na obra "Pedagogia da Solidariedade" ressalta que a educação nunca foi e nunca será neutra. No entendimento de Freire (2021b, p. 38):

> A educação não pode ser somente técnica, porque a educação tem como característica uma outra qualidade, que eu chamo de politicidade. A politicidade da educação é a qualidade que a educação tem de ser política. E um princípio relacionado com esta qualidade é que a educação nunca foi e nunca será neutra.

Nesse sentido, como vimos ao longo deste trabalho, existem dimensões políticas, como agendas de gestão, jogos de interesses, configurações de Estado que afetam as políticas educacionais e, consequentemente, as de internacionalização. Diante desse contexto, o Prof. Paulo, diretor de Avaliação da CAPES, entende que as universidades possuem um papel diplomático diante de conflitos, devendo usar a ciência como colaboração entre as instituições.

> Num mundo que tem diferentes culturas, diferentes países, alguns de conflito, etecétera, é sempre interessante que a ciência e a colaboração entre as

[87] Movimento político e ideológico que defende a criação de um Estado nacional judaico em Israel

> instituições, entre as universidades, funcionem também como uma diplomacia, né? Uma diplomacia por meio da ciência. Isso integra os povos, isso permite que diferentes países conheçam a cultura de outros países. Esse é um processo de muita irmandade, no sentido de que é a colaboração é muito maior do que a competição (Prof. Paulo, 2025).

Sob essa perspectiva, a internacionalização pode ser um instrumento para a diplomacia e a solidariedade entre os povos.

Em suma, os relatos dos gestores, coordenadores, TAEs e discentes entrevistados apontam que a UFC ocupa uma posição de destaque nos cenários regional, nacional e internacional, especialmente quando considerados os desafios históricos, estruturais e regionais enfrentados. No entanto, são mencionados obstáculos significativos, como questões burocráticas, insuficiência de recursos, dificuldades de infraestrutura e as barreiras linguísticas, sobretudo nos *campi* do interior, bem como as dificuldades no acolhimento aos estudantes estrangeiros, os quais limitam a ampliação das ações de internacionalização.

Diante do exposto, reafirma-se a importância de políticas públicas e institucionais contínuas e comprometidas com a valorização da ciência e da universidade como um espaço aberto ao diálogo intercultural e científico. Mesmo diante desses desafios, a UFC tem demonstrado que é possível construir uma presença internacional relevante.

7.4 Entre narrativas e experiências: uma síntese da política de internacionalização e suas ressignificações

Nesta seção, buscamos conhecer como gestores da Administração Superior, docentes, TAEs e discentes vinculados ao PPGS e ao GTEL compreendem e ressignificam a política de internacionalização da UFC.

O Quadro 20 sintetiza os eixos, as dimensões de análise e as evidências observadas sobre as narrativas e experiências dos interlocutores com a internacionalização da UFC:

Quadro 22- Síntese das narrativas dos interlocutores

(continua)

Eixos	**Dimensões de análise**	**Evidências observadas**
Trajetórias pessoais e experiências internacionais	Trajetórias acadêmicas e profissionais	• Trajetórias de vida entrelaçam-se com os contextos institucionais, influenciando percursos acadêmicos e profissionais, por exemplo: com a redemocratização na década de 1990, iniciaram os concursos públicos para professor do magistério superior, mesmo que poucos. A partir dos anos 2000, sobretudo com o Programa de Reestruturação das Universidades, o Reuni, foi ampliada a oferta de vaga para professores; • Apoios e incentivos recebidos das agências de fomento e da UFC para a qualificação docente a fim de ampliar a qualificação docente (nº de doutores); • Na maioria dos casos, vivências internacionais são parte das trajetórias de vida.
	Vivências com ações de internacionalização	• A mobilidade aparece como a principal ação de internacionalização; • A vivência da mobilidade ocorreu principalmente em cursos de doutorado e pós-doutorado; • Experiências pessoais com ações de internacionalização resultam em colaborações institucionais; • A experiência internacional vinculada a capital cultural e simbólico.
	Marcos no processo de internacionalização da UFC	• Os sujeitos, em geral, citam marcos relacionados às suas áreas de atuação. • Institucionalmente, os interlocutores citam a criação das Casas de Cultura Estrangeiras, a implementação do CAPES-PrInt e a gestão da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação no período de 2015 a 2019. O Diretor de Avaliação da CAPES menciona a criação da PROINTER e o Plano de Internacionalização como marcos do processo de institucionalização da internacionalização
Concepções de internacionalização	Concepções sobre internacionalização	• Os gestores da Administração Superior compreendem a internacionalização de forma mais ampla e transversal, envolvendo um conjunto de ações e podendo atravessar o ensino, a pesquisa e a extensão; • Tanto gestores da Administração Superior quanto docentes, TAEs e estudantes compreendem internacionalização como a capacidade de interagir internacionalmente, de validar o conhecimento científico de realizar trocas de conhecimento e de trazer o global para o local;

Quadro 20- Síntese das narrativas dos interlocutores

(continua)

Eixos	**Dimensões de análise**	**Evidências observadas**
Concepções de internacionalização	Concepções sobre internacionalização	• Alguns gestores e estudantes atribuem à internacionalização um sentido cultural, de trocas não somente de conhecimento, mas cultural. Além de uma concepção institucional da internacionalização; • Começa a surgir entre gestores da Administração Superior e pesquisadores o reconhecimento da internacionalização como prática fundamentada na colonialidade e um despertar para a necessidade de se ampliar a cooperação Sul-Sul.
	Motivações para internacionalização	• Os gestores da Administração Superior e coordenadores compreendem que a motivação para internacionalizar surge da necessidade de interação com o mundo, de avançar e inovar na área da pesquisa e em metodologias; • Os TAEs compreendem que é a necessidade de qualificar o Programa de Pós-Graduação, elevando seu conceito perante a CAPES; • Os alunos compreendem como oportunidade de obter uma qualificação profissional e boa colocação no mercado de trabalho.
	Relações com países	• Referências e relações predominantemente com o Norte Global; • Invisibilidade de cooperações com o Sul Global; • Início da sensibilização quanto à importância de relações com instituições do Sul Global; • Predominância de visão colonialista de relações sul-sul.
	Papel das agências de fomento	• Os gestores da Administração Superior consideram as políticas promovidas pelas agências de fomento como importantes e necessárias, mas para a Pró-Reitora da PROINTER essas políticas não alcançam todos. • Para os coordenadores e estudantes, o financiamento é insuficiente, o que dificulta executar ações de internacionalização de modo geral, carecendo de políticas para estudantes de mestrado, bem como oportunidades para alunos hipossuficientes; • As políticas de internacionalização promovidas pelas agências de fomento são voláteis, marcadas por continuidades e rupturas a depender dos contextos institucionais.
Percepções sobre a política de internacionalização da UFC	Atuação da UFC nos cenários global, nacional e local	• Os gestores da Administração Superior compreendem que a UFC se destaca nos *rankings* de internacionalização; enquanto alguns coordenadores, docentes e TAEs compreendem que faltam recursos, estrutura física e um trabalho coletivo. • Compreensão de que a UFC sempre foi internacionalizada e cresceu muito em pouco tempo de existência.

Quadro 20- Síntese das narrativas dos interlocutores

(conclusão)

Eixos	Dimensões de análise	Evidências observadas
Percepções sobre a política de internacionalização da UFC	Marcos no processo de internacionalização da UFC	• Os sujeitos, em geral, citam marcos relacionados às suas áreas de atuação. • Institucionalmente, os interlocutores citam a criação das Casas de Cultura Estrangeiras, a implementação do CAPES-PrInt e a gestão da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação no período de 2015 a 2019. O Diretor de Avaliação da CAPES menciona a criação da PROINTER e o Plano de Internacionalização como marcos do processo de institucionalização da internacionalização
	Desafios para a internacionalização da UFC	• Dentre os desafios elencados pelos interlocutores, destacam-se: a) a questão linguística, sendo necessário ampliar o ensino de línguas na Universidade e, principalmente, nos *campi* do interior; b) a falta de recursos; c) a falta de infraestrutura da Universidade; d) necessidade de maior aproximação com a comunidade estudantil, realizando atividades participativas, prestando orientação quanto às atividades de mobilidade, etc; e) Necessidade de uma estrutura de acolhimento aos estrangeiros na UFC; f) Necessidade de padronização dos processos de gestão da internacionalização; g) Necessidade de ampliação de parcerias entre a Universidade e empresas a fim de suprir as limitações orçamentárias; h) Necessidade de ampliação do nº de servidores da PROINTER.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Na construção da trajetória institucional, foi possível observar que as trajetórias de vida dos sujeitos entrelaçam-se com os contextos político-institucionais, influenciando seus percursos acadêmicos e profissionais, a exemplo do início da realização de concurso para professor universitário após a redemocratização na década de 1990; a ampliação do número de vagas e realização de mais concursos para professor a partir dos anos 2000, sobretudo com o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), criado em 2007 no governo Lula (2003-2011), que viabilizou a entrada de muitos desses docentes na UFC. Nesse processo, também houve

um incentivo maior à qualificação docente e financiamento de qualificação no exterior, sobretudo no sentido Sul-Norte, a fim de ampliar o número de doutores na Universidade.

Sobre a vivência internacional, observa-se que essa experiência está vinculada a suas trajetórias de vida, ocorrendo principalmente durante o doutorado e pós-doutorado. Muitas das pesquisas desenvolvidas resultaram em colaborações institucionais, contribuindo para o processo de internacionalização dos cursos de graduação e pós-graduação da UFC. Além disso, a experiencia internacional também é relacionada ao aumento do capital cultural e científico dos pesquisadores, o que nos leva a compreender o quanto a carreira acadêmica é moldada por uma lógica que valoriza capitais culturais e científicos obtidos no exterior, sobretudo no Norte Global. Essa valorização não é neutra, mas expressa a colonialidade do poder (Quijano, 2005), que hierarquiza conhecimentos e trajetórias, atribuindo maior prestígio ao que se produz "fora", sobretudo na Europa e nos EUA, do que ao que se produz no país e na América Latina.

No tocante à concepção sobre a política de internacionalização universitária, todos compreendem que a universidade tem um papel fundamental na solução dos problemas e demandas da sociedade, contribuindo para seu desenvolvimento. Alguns gestores da Administração Superior relacionam a internacionalização à inovação. Sobre essa questão, importa ressaltar que foi durante a gestão dos dois pró-reitores da PROINTER que a gestão da internacionalização aderiu a princípios considerados de mercado como empreendedorismo e inovação. Desse modo, é natural que eles compreendam a internacionalização como um desdobramento da inovação, pois essa compreensão envolve suas afiliações teóricas, valores, bem como o cargo que ocupam (Oliveira, 2014). Os estudantes, por sua vez, relacionam a universidade às suas identidades, aos seus lugares no mundo, atribuindo a ela lugar de ascensão social e de laços de amizade.

Sobre a concepção de internacionalização, também há variações de entendimentos. Alguns gestores da Administração Superior compreendem a internacionalização de forma mais ampla e transversal, envolvendo um conjunto de ações e podendo atravessar o ensino, a pesquisa e a extensão. Há representantes de todos os

grupos que compreendem internacionalização como a capacidade de interagir internacionalmente, de trazer o global para o local.

Foi possível observar entre os gestores e coordenadores a emergência do reconhecimento da internacionalização como prática fundamentada na colonialidade, bem como um despertar para a necessidade de se ampliar a cooperação Sul-Sul.

Encontram-se diferentes entendimentos sobre as motivações para internacionalizar, as quais estão vinculadas às posições dos sujeitos perante a instituição. Os gestores da Administração Superior e coordenadores entendem que a motivação para internacionalizar surge da necessidade de interação com o mundo e de avanços na área da pesquisa; os TAEs compreendem que a motivação para internacionalizar está relacionada ao desempenho do Programa de Pós-Graduação perante a avaliação da CAPES; enquanto os estudantes compreendem como oportunidade de obter uma qualificação profissional e boa colocação no mercado de trabalho.

As colaborações e parcerias são prioritariamente com países do Norte Global, o que atribuo a anos de uma racionalidade eurocentrista, resultado de relações coloniais históricas, bem como às políticas de internacionalização promovidas pelas agências de fomento, as quais induzem as relações internacionais das universidades públicas. Contudo, foi possível reconhecer que há inúmeras colaborações com instituições do Sul Global, porém essas estão invisibilizadas, desconhecidas por falta de um mapeamento institucional. Além disso, alguns discursos já apontam para uma conscientização da necessidade de aproximação com países do Sul Global.

Sobre o papel das agências de fomento, os gestores da Administração Superior consideram necessárias para a internacionalização universitária. Enquanto, os coordenadores, técnicos administrativos e estudantes consideram o financiamento como insuficiente, o que dificulta executar ações de internacionalização de modo geral.

Em relação à percepção dos interlocutores sobre a política de internacionalização da UFC, quanto à atuação da Universidade no cenário global, nacional e regional, os gestores da Administração Superior compreendem que a UFC se destaca nos *rankings* de internacionalização; enquanto alguns coordenadores, docentes e TAEs compreendem que faltam recursos e que a atuação da UFC ainda é incipiente.

Dentro da mesma área de conhecimento como as Ciências Sociais, foi possível encontrar divergências em relação ao entendimento de que falta de um trabalho mais cooperativo e coletivo, consequência de experiências pessoais dos pesquisadores.

Sobre os marcos que merecem destaque no processo de internacionalização da UFC, os sujeitos, em geral, citam eventos relacionados às suas áreas de atuação. Em termos institucionais, houve menção à criação das Casas de Cultura Estrangeiras, à implementação do CAPES-PrInt na UFC, à gestão da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação no período de 2015 a 2019, à criação da PROINTER e à elaboração do Plano de Internacionalização como eventos relevantes no processo de institucionalização da internacionalização.

Em relação aos desafios que a instituição enfrenta em seu processo de internacionalização, os sujeitos citam principalmente a questão linguística, sendo necessário ampliar o ensino de línguas na Universidade e, principalmente, nos *campi* do interior; a falta de recursos; a necessidade de melhoria na infraestrutura da Universidade; a necessidade de maior aproximação com a comunidade estudantil, realizando atividades participativas, prestando orientação quanto às atividades de mobilidade, etc; melhor estrutura para acolhimentos aos estrangeiros, a necessidade de padronização dos processos de gestão da internacionalização, necessidade de captação de recursos externos a fim de suprir as limitações orçamentárias e a necessidade de ampliar o número de servidores que atuam com internacionalização na PROINTER.

Em suma, a partir da análise das entrevistas, foi possível compreender como a internacionalização é compreendida e ressignificada pelos sujeitos na Universidade. Observa-se que a internacionalização da UFC não se desenvolve de maneira ordenada, seguindo um fluxo definido, mas segue um percurso dinâmico, em que sujeitos, agendas e interesses se conformam a partir de tensões e contradições que são próprias dos processos institucionais. Assim, vemos que a internacionalização da UFC está circunscrita por aspectos políticos, econômicos, geopolíticos, mas sobretudo por aspectos subjetivos dos sujeitos que compõem a instituição, sendo atravessada pela colonialidade, que reproduz hierarquias globais de poder, saber e ser. Contudo, observa-se a emergência de discursos e movimentos de ruptura e resistência, como as colaborações Sul-Sul, ainda invisibilizadas.

A fim de traçar uma análise mais densa acerca da política de internacionalização da UFC, articulo, na próxima seção, as descobertas etnográficas sobre a gestão da internacionalização, as práticas de internacionalização encontradas no PPGS e no GTEL e a trajetória institucional da política a fim de ampliar a compreensão sobre o campo de internacionalização da Universidade e, assim, seguir construindo a etnografia institucional na UFC.

8 ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS DA POLÍTICA DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFC

> Nós, na realidade, não somos: nós estamos nos tornando, vindo a ser (Freire, 2021b, p. 25).

Com base no referencial de trajetória institucional da política de Gussi (2008), entendo, tal qual Freire (2021b) em "A Pedagogia da Solidariedade", que a política, assim como a vida da gente, é um constante "vir a ser", isto é, um processo em constante construção e suscetível a transformações a depender dos contextos e sujeitos envolvidos em seu processo de implementação.

Nesse sentido, nesta seção, realizo uma análise das trajetórias da política de internacionalização da UFC a partir de uma tessitura sobre as descobertas etnográficas apresentadas nas seções anteriores, relativas à gestão da internacionalização, ao processo histórico da política institucional, às experiências e práticas de internacionalização vivenciadas no PPGS e no GTEL e às narrativas e experiências de internacionalização.

As trajetórias aqui apresentada tem como finalidade produzir uma análise mais densa e crítica do processo de internacionalização da Universidade Federal do Ceará, buscando elucidar de que modo as políticas de internacionalização são incorporadas no *locus* institucional da UFC, como os sujeitos ressignificam e modificam essas políticas e quais as compreensões que gestores, técnicos administrativos em educação e sujeitos-beneficiários têm da internacionalização, considerando toda a dinâmica institucional, bem como as relações de poder que se processam nas relações internacionais.

Trata-se de revisitar as situações sociais analisadas à luz da colonialidade, apresentando suas dimensões e evidências observadas nos eventos e em conversas com os interlocutores, conforme sintetiza o Quadro 21:

Quadro 23- Síntese das trajetórias da política de internacionalização da UFC

(continua)

Categorias	**Dimensões de análise**	**Evidências observadas**
Fundamentos epistemológicos e dinâmicas políticas	Orientações epistemológicas	• Fundamentadas em um paradigma científico moderno e capitalista, constituído basicamente no domínio das Ciências Naturais e na ideia de progresso advindo das ciências e tecnologias ao conceder maiores oportunidades de bolsas à área de tecnologia e engenharias, a exemplo do Programa CsF; • Racionalidade eurocêntrica, ao priorizar relações com o Norte Global, sobretudo com Europa e Estados Unidos, observado nos Programas CsF, CAPES-PrInt e Future-se; • Modelo de desenvolvimento ocidental; • Fundamenta-se em princípios capitalistas e neoliberais, voltados ao empreendedorismo, à competitividade e ao cumprimento de metas e critérios de produtividade, revelando dimensões do sistema-mundo capitalista, a exemplo do CAPES-PrInt e do Future-se; • Orientam-se pela oferta de "ajuda" nas colaborações, revelando uma relação de superioridade/inferioridade epistêmica, a exemplo do PEC-G e Move la América; • Surgimento de uma perspectiva regionalizada de internacionalização, com a criação do Move la América.
	Dinâmicas políticas	• Alternâncias de governos nacionais e internacionais afetam a continuidade das políticas, gerando "politicidade da internacionalização" (Freire, 2021). • As políticas elaboradas pelas agências de fomento induzem a visão de internacionalização das universidades.
Gestão da internacionalização institucional	Percurso histórico	• Perspectiva euro norte centrada ao se inspirar em um modelo de universidade europeu e, posteriormente, estadunidense a partir da Embaixada Clóvis Beviláqua (1949); • Busca de financiamento e parcerias com os EUA, o que culminou no convênio MEC-USAID, na participação no programa Aliança para o Progresso, no Projeto Morris Asimow, no Programa CsF, na retomada do Convênio com o Arizona em 2022 e instalação do *Education USA* em 2022, desvelando o exercício de um poder simbólico de dominação; • "O universal pelo regional" - a busca por conhecimento global para resolver problemas locais; • Internacionalização como instrumento para captação de recursos, formação de professores no exterior e atração de investimentos para pesquisa e infraestrutura;

Quadro 21- Síntese da trajetória institucional da política de internacionalização da UFC

(continua)

Categorias	Dimensões de análise	Evidências observadas
Gestão da internacionalização institucional	Percurso histórico	• Internacionalização acadêmica com foco na mobilidade e na cooperação científica (até 1990); • A partir de 2017, com a criação do Plano de Internacionalização (PIN) e a adesão ao PrInt, a UFC passou a estruturar sua internacionalização dentro de um modelo estratégico institucional; • Com a incorporação do empreendedorismo e da inovação (2020), a internacionalização passou a ser vista como uma ferramenta para prospecção de recursos financeiros, alinhando-se a tendências neoliberais.
	Estrutura Administrativa	• A estruturação administrativa aponta para os sentidos que a Gestão atribui à internacionalização; • De um setor vinculado ao DEC (1957) para um Departamento de Assuntos Internacionais (1975). • Transformação em Coordenadoria de Assuntos Internacionais (1987), depois em Pró-Reitoria de Relações Internacionais (2017). • Mudança para Pró-Reitoria de Relações Interinstitucionais (2023), e depois para Pró-Reitoria de Inovação e Relações Interinstitucionais (2024), demonstrando a perda de protagonismo da internacionalização na política institucional.
	Aspectos da internacionalização institucional	• Insuficiência de financiamento de políticas pelo Estado brasileiro, o que induz a UFC a buscar recursos junto a outras instituições e representações governamentais; • Conformação da política de internacionalização a das agências de fomento; • Promoção de eventos de divulgação de oportunidades de mobilidade acadêmica; • Recepção de representantes de instituições acadêmicas e governamentais estrangeiras; • Falta de reciprocidade nas relações internacionais; • UFC como cliente das instituições internacionais; • Uso da "cooperação" como um instrumento da colonialidade do saber.
Práticas acadêmicas de internacionalização	Aspectos da internacionalização acadêmica	• Parcerias predominantes com pesquisadores estrangeiros e empresas situados no Norte Global; • Maiores ofertas de mobilidade acadêmica na área de Engenharia e escassas oportunidades nas Humanidades; • Maiores fontes de recursos para internacionalização na área de Engenharias do que nas Humanidades, possivelmente ocasionada pelas notas dos PPGs junto à CAPES; • Existência de uma Diretoria específica para orientar docentes e discentes sobre ações de internacionalização no CT; enquanto no CH não há essa estrutura e direcionamento; • Subordinação de agendas de pesquisa a interesses exteriores;

Quadro 21- Síntese da trajetória institucional da política de internacionalização da UFC

(continua)

Categorias	Dimensões de análise	Evidências observadas
Práticas acadêmicas de internacionalização	Aspectos da internacionalização acadêmica	• Fuga de cérebros nas áreas de Engenharias por falta de oportunidades no mercado brasileiro; • Começa a surgir o interesse em aproximação com pesquisadores do Sul Global a partir de iniciativas próprias e estímulos das agências de fomento como os editais do CNPq e programas de internacionalização da CAPES.
	Práticas linguísticas	• Ensino da língua e da cultura como forma de reprodução da dominação cultural. • Cultura do uso da língua inglesa nas produções científicas; • No GTEL observa-se o uso do inglês como língua do cotidiano, nas reuniões, bancas de defesas de tese, trabalhos publicados etc; enquanto no PPGS, há carência no conhecimento de línguas estrangeiras; • Crítica à ausência de página institucional em outros idiomas, à falta de formulários trilíngues para professores visitantes estrangeiros; à baixa capacitação de servidores técnico-administrativos em línguas estrangeiras e à falta de vagas nas Casas de Cultura Estrangeiras que atenda a comunidade acadêmica, principalmente dos campi do interior.
Trajetórias pessoais e experiências com ações de internacionalização	Trajetórias acadêmicas e profissionais	• Trajetórias de vida entrelaçam-se com os contextos institucionais, influenciando percursos acadêmicos e profissionais, por exemplo: com a redemocratização na década de 1990, iniciaram os concursos públicos para professor do magistério superior, mesmo que poucos. A partir dos anos 2000, sobretudo com o Programa de Reestruturação das Universidades, o Reuni, foi ampliada a oferta de vaga para professores; • Apoios e incentivos recebidos das agências de fomento e da UFC para a qualificação docente a fim de ampliar a qualificação docente (nº de doutores); • Na maioria dos casos, vivências internacionais são parte das trajetórias de vida.
	Experiências com ações de internacionalização	• A mobilidade aparece como a principal ação de internacionalização; • A vivência da mobilidade ocorreu principalmente em cursos de doutorado e pós-doutorado; • Experiências pessoais com ações de internacionalização resultam em colaborações institucionais; • A experiência internacional vinculada a capital cultural e simbólico.
Concepções de internacionalização	Concepções sobre a Universidade	• Gestores, coordenadores, professores e TAEs entendem que a universidade tem papel relevante para a transformação e solução dos problemas da sociedade; • Os estudantes relacionam a universidade às suas identidades, aos seus lugares no mundo, atribuindo a ela lugar de ascensão social e de laços de amizade; • Possibilidades de conjugação de pesquisas nas áreas de Engenharias e Humanidades para a solução dos problemas da sociedade.

Quadro 21 - Síntese da trajetória institucional da política de internacionalização da UFC

(continua)

Categorias	Dimensões de análise	Evidências observadas
Concepções de internacionalização	Concepções sobre internacionalização	• Os gestores da Administração Superior compreendem a internacionalização de forma mais ampla e transversal, envolvendo um conjunto de ações e podendo atravessar o ensino, a pesquisa e a extensão; • Tanto gestores da Administração Superior quanto docentes, TAEs e estudantes compreendem internacionalização como a capacidade de interagir internacionalmente, de validar o conhecimento científico de realizar trocas de conhecimento e de trazer o global para o local; • Alguns gestores e estudantes atribuem à internacionalização um sentido cultural, de trocas não somente de conhecimento, mas cultural. Além de uma concepção institucional da internacionalização; • Começa a surgir entre gestores da Administração Superior e docentes o reconhecimento da internacionalização como prática fundamentada na colonialidade e um despertar para a necessidade de se ampliar a cooperação Sul-Sul.
	Motivações para internacionalizar	• Os gestores da Administração Superior e coordenadores compreendem que a motivação para internacionalizar surge da necessidade de interação com o mundo, de avançar e inovar na área da pesquisa e em metodologias; • Os TAEs compreendem que é a necessidade de qualificar o Programa de Pós-Graduação, elevando seu conceito perante a CAPES; • Os alunos compreendem como oportunidade de obter uma qualificação profissional e boa colocação no mercado de trabalho.
	Relações com países e instituições estrangeiras	• Relações predominantemente com o Norte Global; • Invisibilidade de cooperações com o Sul Global; • Início da sensibilização quanto à importância de relações com instituições do Sul Global; • Predominância de visão colonialista de relações Sul-Sul.
	Papel das agências de fomento	• Os gestores da Administração Superior consideram as políticas fomentadas pelas agências de fomento como importantes e necessárias, mas para a Pró-Reitora da PROINTER essas políticas não alcançam todos. • Para os docentes, TAEs e estudantes, o financiamento é insuficiente, o que dificulta executar ações de internacionalização de modo geral, carecendo de políticas para estudantes de mestrado, bem como oportunidades para alunos hipossuficientes. • As políticas de internacionalização promovidas pelas agências de fomento são voláteis, marcadas por continuidades e rupturas a depender dos contextos institucionais.

Quadro 21- Síntese da trajetória institucional da política de internacionalização da UFC (conclusão)

Categorias	Dimensões de análise	Evidências observadas
Percepções sobre a política de internacionalização da UFC	Atuação da UFC nos cenários global, nacional e local	• Os gestores da Administração Superior compreendem que a UFC se destaca nos *rankings* de internacionalização; enquanto alguns coordenadores, docentes e TAEs compreendem que faltam recursos, estrutura física e um trabalho coletivo. • Compreensão de que a UFC sempre foi internacionalizada e cresceu muito em pouco tempo de existência.
	Marcos no processo de internacionalização da UFC	• Os sujeitos, em geral, citam marcos relacionados às suas áreas de atuação. • Institucionalmente, os interlocutores citam a criação das Casas de Cultura Estrangeiras, a implementação do CAPES-PrInt e a gestão da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação no período de 2015 a 2019. O Diretor de Avaliação da CAPES menciona a criação da PROINTER e o Plano de Internacionalização como marcos do processo de institucionalização da internacionalização.
	Desafios para a internacionalização da UFC	• Dentre os desafios elencados pelos interlocutores, destacam-se: a) a questão linguística, sendo necessário ampliar o ensino de línguas na Universidade e, principalmente, nos campi do interior; b) a falta de recursos; c) necessidade de melhoria na infraestrutura da Universidade; d) necessidade de maior aproximação com a comunidade estudantil, realizando atividades participativas, prestando orientação quanto às atividades de mobilidade, etc; e) Necessidade de uma estrutura de acolhimento aos estrangeiros na UFC; f) necessidade de padronização dos processos de gestão da internacionalização; g) necessidade de captação de recursos externos a fim de suprir as limitações orçamentárias; h) necessidade de ampliação do nº de servidores da PROINTER.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Assim como a inauguração da ponte zululandesa, analisada por Gluckman (1984), permitiu interpretar as dinâmicas sociais e políticas do colonialismo na África, os eventos cotidianos e institucionais da internacionalização analisados nesta tese funcionam como "janelas" para interpretarmos relações de poder mais amplas que atravessam a universidade e que remetem ao colonialismo.

Por meio da análise de situações sociais foi possível compreender que a internacionalização da UFC não se apresenta como um processo linear, mas como um conjunto de eventos e práticas situados, em que se revelam tensões, contradições e disputas políticas, os quais desvelam estruturas globais de dominação que reproduzem a colonialidade do poder, do saber e do ser (Quijano, 2005; Mignolo, 2000).

Ao analisarmos os fundamentos epistemológicos que orientam tanto os discursos governamentais em torno da internacionalização quanto as políticas, os programas e as estratégias de internacionalização fomentados pelas agências de governo, observamos que, ao longo do tempo, essas políticas têm sido predominantemente fundamentadas em um paradigma científico moderno, capitalista, e euro norte centrado. As relações internacionais são voltadas principalmente para países e instituições situados no Norte Global, orientadas pela ideia de progresso e desenvolvimento advindo do modelo ocidental (Grosfoguel, 2008). É possível observar essas características no conteúdo de programas como o CsF e o CAPES-PrInt.

Essa lógica capitalista também se reflete na quantidade de bolsas ofertadas a estudantes das áreas de ciência, engenharias e tecnologias, áreas compreendidas como prioritárias para o desenvolvimento do país em detrimento das Ciências Sociais e Humanidades, como se observou no Programa CsF. O entendimento que permeia essas políticas é de que por meio da colaboração ocorre uma oferta de "ajuda" aos países considerados menos desenvolvidos, revelando uma relação de superioridade/inferioridade epistêmica (Grosfoguel, 2008), a exemplo do PEC-G e Move la América.

Em alguns períodos, sobretudo em governos progressistas como os do presidente Lula, foram estimuladas políticas de internacionalização voltadas à cooperação Sul-Sul, o que nos faz compreender que a internacionalização se constitui em um campo tensionado, suscetível a continuidades e rupturas, causadas pelas dinâmicas político-institucionais, afetando, assim, a trajetória dessas políticas. Isso ocorre não somente no âmbito nacional, mas também no internacional, a exemplo da censura realizada pelo governo de Donald Trump a políticas voltadas a temas como "direitos humanos", "promoção de justiça social", "gênero", "crise ecológica", sob a alegação de não serem de interesse nacional (Chade, 2025), que afetaram os projetos desenvolvidos no Brasil.

Essas orientações epistemológicas e dinâmicas políticas repercutem nas concepções e percepções acerca da internacionalização na instituição, cujas políticas são induzidas pelas agências de fomento. Aliada a essa ideia, vimos que a UFC é uma universidade que, historicamente, nasce fundamentada nesse paradigma eurocêntrico a partir da Embaixada Clóvis Beviláqua, em que o primeiro reitor da UFC, Prof. Antônio Martins Filho, levou um grupo de alunos para visitar universidades da Europa, em 1949, a fim de inspirar a criação da Universidade.

Os primeiros anos de constituição da UFC foram marcados por sucessivas aproximações e formalizações de convênios com instituições dos Estados Unidos e Europa, a exemplo do primeiro convênio da UFC com a Universidade do Arizona e de outros projetos, como o programa Aliança para o Progresso, uma forma de captar recursos para o "desenvolvimento" da região, evidenciando um alinhamento ao projeto geopolítico dos EUA na América Latina.

Nas décadas de 1970 a 1990, com o surgimento dos primeiros cursos de pós-graduação na Universidade essa cooperação internacional é intensificada, sendo marcada principalmente pela mobilidade acadêmica sobretudo de docentes que iam cursar doutorado no exterior. Nesse período, surge também o termo "internacionalização", idealizado por pesquisadores do Norte Global.

A partir dos anos 2000, a internacionalização passa a ser considerada uma estratégia de desenvolvimento para os países e para as instituições, quando as agências de fomento passaram a fomentar programas de estímulo à internacionalização universitária, a exemplo do Ciência sem Fronteiras e do CAPES-PrInt.

Em relação à estrutura administrativa, desde o início de sua fundação, a UFC tem um setor específico responsável pela condução das relações internacionais da Universidade, mais atrelado à ideia de educação e cultura. Como desdobramento do Programa CsF e de agendas de gestão, em 2017, a UFC criou uma Pró-Reitoria de Relações Internacionais, contribuindo para a institucionalização da internacionalização na Universidade. Em um curto período, essa Pró-Reitoria passou por sucessivas transformações que afetaram a relevância institucional da internacionalização. Em 2020, passou a se chamar Pró-Reitoria de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional; em 2023, foi transformada em Pró-Reitoria de Relações Interinstitucionais

e em 2024 passou a se chamar Pró-Reitoria de Inovação e Relações Interinstitucionais, desenvolvendo ações voltadas principalmente para atividades de empreendedorismo e inovação.

Essa associação da internacionalização à inovação e ao empreendedorismo a partir de 2019 além de ser uma importação de modelos europeus, como vimos nas visitas do reitor (2019-2023) ao Taguspark – Cidade do Conhecimento em Portugal e ao programa CompluEmprende, no Parque Científico de Madri na seção 4.2.2, inscreve a Universidade em uma lógica global capitalista de mercantilização do conhecimento, reforçando o caráter instrumental da internacionalização, subordinando-a a métricas de produtividade e impacto econômico.

A partir da análise de situações sociais (Gluckman, 1987) tanto no âmbito da Administração Superior quanto em duas unidades acadêmicas de áreas de conhecimento distintas, tendo como *loci* de análise o Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), vinculado ao Centro de Humanidades, e o Grupo de Pesquisa em Telecomunicações (GTEL), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Teleinformática (PPGETI) do Centro de Tecnologia (CT), além de realização de diálogos com interlocutores envolvidos com o processo de internacionalização da Universidade, foi possível ter uma compreensão mais aprofundada acerca dos processos de aderência institucional à política de internacionalização.

No âmbito da gestão da internacionalização da educação superior, as ações de internacionalização centraram-se na celebração de acordos de cooperação, a exemplo da instalação do *Education USA* na UFC em 2022; na recepção de representantes de instituições acadêmicas e governamentais estrangeiras e na promoção de eventos de divulgação de oportunidades de mobilidade acadêmica.

Em relação à ideia de internacionalização instituída, observa-se uma conformação às proposições das agências de fomento, as quais estão submetidas, em diferentes contextos, a agendas de governo e configurações de Estado. Desse modo, as universidades tendem a responder a esses estímulos, sem reflexões mais aprofundadas sobre como a internacionalização tem sido desenvolvida na universidade e como pode contribuir para a realidade local.

Observou-se também, a partir do discurso da pró-reitora da PRPPG, que a UFC possui inúmeras parcerias com o Sul Global. Contudo, essas colaborações são desconhecidas pela Gestão da Universidade, carecendo de um mapeamento institucional dessas ações.

Com a neoliberalização do Estado, e por conseguinte, a insuficiência de repasse orçamentário às instituições de ensino, estas são induzidas a captar recursos junto ao mercado, por meio do fornecimento dos serviços de seus pesquisadores a instituições estrangeiras, como ocorreu durante a visita do Cônsul-Geral da França em Recife (PE), realizada no dia 18 de novembro de 2021, e do Cônsul de Cultura, Educação e Imprensa dos Estados Unidos, no dia 15 de dezembro de 2021, quando o então reitor (2019-2023) ofereceu os "cérebros" da UFC para desenvolverem pesquisas na área de hidrogênio verde.

Ademais, observa-se também que a UFC se submete a uma pedagogia do mercado (Freire, 2021b), quando organismos internacionais vêm captar "clientes" para estudarem em seus países, como vimos no caso das palestras sobre oportunidades de estudo nos Estados Unidos e no Canadá e no *Europe Road Show.* Essas situações apontam para uma falta de reciprocidade nas relações internacionais da Universidade, em que a "cooperação" tem sido instrumentalizada para a manutenção da colonialidade do saber.

Mesmo com mudanças nos sujeitos que compõem a estrutura de gestão, os padrões simbólicos permanecem, constituindo o que Gluckman (1987) denominou de sistema social repetitivo.

No tocante às práticas acadêmicas, encontramos, em campo, distintas pedagogias, isto é, modos distintos de experienciar a internacionalização. Se, por um lado, o GTEL representa uma internacionalização marcada por performance e excelência técnica, por outro, alguns sujeitos do PPGS tensionam as epistemologias dominantes e constroem currículos com viés decolonial. Essa tensão revela que, mesmo dentro de uma mesma instituição, coexistem múltiplas pedagogias de internacionalização.

Enquanto no GTEL, encontram-se variadas fontes de recursos para mobilidade acadêmica e formalização de projetos de pesquisa; no PPGS, as oportunidades são escassas, gerando conflitos entre os docentes da unidade. Essa evidência pode ser observada na análise de conteúdo de programas CsF, na análise do programa CAPES-

PrInt, na palestra sobre oportunidades de estudo nos EUA e no Canadá, no *Europe Road Show* e na história de Flávio, estudante do doutorado do PPGS, que teve dificuldade em conseguir sua bolsa de doutorado sanduíche por falta de recursos.

As Engenharias dispõem de programas como Duplo Diploma, BRAFITEC e BRAFRAGRI que enviam estudantes desde a graduação em Engenharias para estudar na França. Além disso, o Centro de Tecnologia, onde se situa o GTEL, criou em sua estrutura uma Diretoria de Relações Interinstitucionais, responsável por conduzir as atividades de internacionalização da unidade e orientar docentes e discentes sobre esse processo. No caso do PPGS, além da carência de oportunidades, os estudantes relatam falta de orientação quanto aos procedimentos para mobilidade.

Em relação às práticas linguísticas, o inglês é a língua hegemônica nas produções científicas não somente nas unidades acadêmicas, mas também no âmbito da gestão. No caso do GTEL, o inglês também é a língua do cotidiano, utilizada em reuniões, defesas de teses etc.; enquanto no PPGS, observa-se a falta de domínio de línguas estrangeiras. Sobre a hegemonia da língua inglesa, Mignolo (2000) entende que há uma hierarquia linguística, que é parte da estrutura de poder do sistema-mundo moderno-colonial e que, além de privilegiar a comunicação e a produção de conhecimento e de teorias da primeira, subalterniza as últimas exclusivamente como produtoras de folclore e de cultura.

Tanto no âmbito da gestão, quanto das unidades acadêmicas, observa-se uma predominância de currículos e agendas de pesquisa euro-norte centrados, bem como parcerias principalmente com países do Norte Global como Estados Unidos e França, o que foi ratificado nas narrativas dos interlocutores durante as entrevistas. Por outro lado, conforme relato da pró-reitora da PRPPG, a UFC tem descoberto inúmeras parcerias com países do Sul Global, as quais estavam invisibilizadas na instituição.

Considerando que, durante o governo Lula (2023-2027), tem ocorrido uma valorização de políticas voltadas à formação de redes de cooperação Sul-Sul e inclusão de regiões e programas historicamente marginalizados pelas políticas tradicionais, observa-se na UFC o início de um despertar para essa perspectiva de internacionalização, como foi possível observar nos discursos do reitor (2023-2027) e da vice-reitora e pró-reitora da PROINTER (2023-2025) durante o I Seminário de Internacionalização da UFC,

sendo necessário observar, ainda, em que medida essa perspectiva mais regionalizada vai repercutir na mudança de cultura da política institucional.

No campo acadêmico, também começam a surgir movimentos de insurgência e contra hegemonia, como no caso do PPGS, em que a Profª Gecilda, coordenadora do Projeto Fulbright, alerta para a necessidade de maior aproximação com pesquisadores latino-americanos. Nessa unidade, foi possível identificar práticas contra hegemônicas que buscam ressignificar a internacionalização a partir da escuta, do cuidado, da interculturalidade e da construção coletiva de sentidos.

A partir dessas análises, observamos que a trajetória da política de internacionalização da UFC não é linear e contínua, mas apresenta continuidades, rupturas, ressignificações e transformações à medida que vai sendo colocada em prática por distintos sujeitos e em diferentes espaços institucionais. Assim, por meio da análise das trajetórias foi possível conhecer os percursos da política de internacionalização da UFC em diferentes níveis hierárquicos e distintas áreas de conhecimento, possibilitando encontrar elementos que evidenciem como a política tem sido incorporada na UFC, e como os sujeitos envolvidos representam, vivenciam e atuam diante das práticas institucionais, construindo múltiplas pedagogias de internacionalização, como se verá a seguir.

Desse modo, entendemos que a internacionalização universitária se constitui em um campo tensionado, em que a colonialidade se manifesta como estrutura de repetição (Gluckman, 1987), mas também como espaço de disputa, resistência e ressignificação, no qual novas pedagogias de internacionalização podem emergir. Nesse campo a internacionalização se configura como uma arena de disputa de sentidos, com estruturas e regras próprias, onde são travadas diversas lutas em busca de recursos, de capitais intelectual, simbólico, social (por meio de publicações internacionais, formação de redes de pesquisa, realização de doutorados no exterior, prestígio associado a parcerias com instituições estrangeiras e aos rankings), e, principalmente, de poder simbólico.

A estruturação da política de internacionalização da UFC corresponde à forma como esse campo foi organizado historicamente e como tem sido orientado pelas agências de fomento e organismos internacionais. Esses elementos definem percepções, geram práticas de prestígio e orientam decisões institucionais. Contudo, os sujeitos

institucionais podem transformar ou manter esse campo, uma vez que suas decisões e ações têm poder de impactar a dinâmica institucional. Por essa razão, compreendemos que esse campo não é neutro, mas tende a reproduzir as hierarquias e assimetrias de poder existentes, influenciando a forma como os indivíduos se posicionam e se relacionam.

A análise das trajetórias da internacionalização leva-nos a pensar sobre "o que" e "como" podemos aprender sobre a internacionalização universitária a partir das experiências dos sujeitos que a vivenciam na UFC. É nesse sentido que sou levada a pensar, a partir dos aprendizados do campo, em outras pedagogias possíveis de internacionalização.

9 CONSTRUINDO PEDAGOGIAS OUTRAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA

> "Seria horrível se apenas sentíssemos a opressão, mas não pudéssemos imaginar um mundo diferente, sonhar com ele como projeto e nos entregar à luta por sua construção" (Freire, 2000, p. 60).

Até aqui, construímos e analisamos a trajetória institucional da política de internacionalização da UFC. Para tanto, investigamos os fundamentos epistemológicos e as dinâmicas políticas que orientam a política de internacionalização da educação superior brasileira à luz da colonialidade; analisamos como a política de internacionalização é instituída e praticada na UFC em distintos contextos políticos-institucionais; e buscamos compreender como a política de internacionalização é ressignificada e modificada pelos sujeitos na UFC, configurando-se em distintas trajetórias e resultando em pedagogias de internacionalização.

Nesta seção, a partir da etnografia institucional realizada, apresento outras possibilidades de internacionalização universitária, novos modos de pensar e fazer internacionalização. Inicialmente, na seção intitulada "Em busca de outras pedagogias de internacionalização: a necessidade de inclusão de um pensamento institucional crítico, decolonial e solidário", discorro sobre a necessidade de emergência de um pensamento

institucional e práticas de internacionalização decolonial; na segunda seção intitulada "Como sulear a internacionalização universitária?" apresento características e princípios de uma internacionalização decolonial a partir da pedagogia de um dos maiores pensadores sobre a Educação no mundo, Paulo Freire. Na subseção "Tecendo novas pedagogias para a internacionalização da UFC", apresento proposições para a construção de uma política de internacionalização institucional própria e decolonial.

Trata-se, portanto, de proposições construídas de forma coletiva, a partir dos eventos observados e de diálogos com os interlocutores da pesquisa.

9.1 Em busca de outras pedagogias de internacionalização a partir de um pensamento institucional crítico, decolonial e solidário.

Ao final dessa aventura antropológica, em que desvelamos formas diversas de se pensar e fazer internacionalização na Universidade Federal do Ceará, importa retomar as razões de ter escolhido como título da tese o termo "pedagogias de internacionalização". Com base na perspectiva de educação de Paulo Freire a escolha do termo justifica-se pelo entendimento de que a internacionalização universitária, como se viu ao longo desta tese:

i) não possui um único sentido, mas está circunscrita a uma diversidade de sentidos e práticas a depender dos sujeitos e contextos em que ela se desenvolve;

ii) não é neutra, mas permeada por múltiplas dimensões (econômicas, culturais, políticas, simbólicas, geopolíticas, territoriais etc.) e disputas que podem ser compreendidas no que Freire denominou de "politicidade" na internacionalização (Freire, 2021b, p. 38);

iii) não é método, mas práxis transformadoras, como nos ensinou Paulo Freire, que pode contribuir para romper com a lógica colonial e euro-norte centrada que historicamente orienta as práticas e discursos da internacionalização.

É preciso considerar, contudo, que além dessas razões, esta tese foi construída com base em observações e reflexões construídas coletivamente com os interlocutores da pesquisa. É, portanto, o resultado de aprendizados obtidos tanto de minhas experiências em campo, quanto das experiências dos sujeitos; aprendizados entre o vivido e o narrado, e por mim interpretados, como propõe Gussi (2005). Por isso, configura-se como

pedagogias, na medida em que evoca uma série de aprendizados sobre a internacionalização universitária, gerados a partir do diálogo com o outro, da partilha de suas trajetórias e histórias de vida, de suas lutas, vivências, pensamentos, sentimentos e de seus modos próprios de saber, ser, ensinar e aprender.

Ao longo desta pesquisa etnográfica, vimos que a internacionalização da educação superior brasileira consiste em um campo denso e contraditório, enredada em uma matriz de poder colonial (Leal, 2020), marcada por um paradigma científico moderno, capitalista e euro norte centrado, resultante do processo de colonização a que nosso país foi submetida, tal qual os demais países latino-americanos.

Sob essa perspectiva, importa reconhecer as contribuições das relações internacionais estabelecidas com instituições do Norte Global para o desenvolvimento da Universidade Federal do Ceará, desde o seu processo de fundação. Não se pretende, aqui, gerar qualquer oposição ao estabelecimento de relações com o Norte. Fazê-lo seria cair no mesmo equívoco da colonialidade de advogar por uma "tradição epistêmica a partir da qual pode alcançar-se a Verdade e a Universalidade", como alertou Grosfoguel (2008, p. 117). Seria como escolher um fundamentalismo em detrimento de outro. Até mesmo porque relações com o Sul Global também podem reproduzir marcas da colonialidade.

Contudo, ao pensar sobre esses movimentos com o olhar de Paulo Freire, emerge uma série de questões: Para que estamos educando: para a manutenção da colonialidade do saber ou para a superação dos padrões de poder colonial? Como instituir um outro pensamento institucional acerca da internacionalização? Como podemos fazer internacionalização sem reproduzir relações de colonialidade? Como podemos dialogar com o Norte Global sem estabelecer uma relação de subserviência? Como decolonizar a internacionalização universitária? É possível fundar um outro pensamento institucional acerca da internacionalização? De que forma?

Buscamos, então, incidir luzes sobre o processo de internacionalização universitária em busca de pedagogias que interroguem o saber dito "universal", que valorizem outros saberes, saberes subalternos e perspectivas que emergem nas margens do sistema universitário, pois, como defende Freire (2001, p. 25) "Ninguém se torna local a partir do universal. O caminho é inverso". Assim, partimos do nosso "local", a UFC, para construir uma perspectiva própria e autônoma de internacionalização.

Nesse mesmo sentido, Laisner, Abba e Pavarina (2022, p. 29) propõem que:

> É essencial a construção de uma interpretação teórica da dimensão internacional da Educação Superior na América Latina, que possa constituir-se como um modelo para se afastar de padrões voltados a uma integração internacional subordinada e dependente, que referencia e reproduz, em sua maioria, autores e ideias de fora da região, em prol de um modelo crítico e dialogal, mas autônomo.

A ideia é construir relações mais simétricas, que contribuam verdadeiramente para a autonomia da instituição, tirando-nos da situação de subalternidade a qual fomos historicamente submetidos.

Para além disso, trata-se de construir pedagogias de solidariedade, por meio de práticas que unem, respeitando a diferença e preservando a diversidade (Freire, 2021b), com a finalidade de alcançarmos um mundo transmoderno pluriversal (Mignolo, 2000), constituído por múltiplos e diversos projetos ético-políticos em que poderia existir um diálogo e uma comunicação verdadeiramente horizontais entre todos os povos do mundo.

É nesse sentido que Freire (2021b) defende a solidariedade entre os povos, o direito de discutirmos a diferença, estimulando diferentes formas de pensar e de sonhar. Freire (2021b, p. 35) nos ensinou a motivar diferentes formas de pensar para que tenhamos possibilidades de escolhas no futuro, pois "quanto mais a universidade estimular diferentes formas de pensar, de sonhar, tanto mais os estudantes terão a possibilidade de fazer escolhas no futuro".

Partindo dessa perspectiva, uma relação intercultural dialógica e horizontalizada entre o Norte e o Sul Global pressupõe uma transformação nas estruturas de poder globais, nacionais e institucionais a fim de dar espaço à "pluriversidade" que somos (Mbembe, 2023, p. 33)[88].

Desse modo, por ser a UFC uma universidade composta por diferentes noções, práticas e experiências de internacionalização, como vimos por meio desta pesquisa etnográfica, propomos à instituição "abraçar" a elaboração de um pensamento institucional crítico, decolonial e solidário em relação à política de internacionalização,

[88] Para Mbembe (2023, p. 33) filósofo camaronês, pluriversidade consiste em um processo que não necessariamente abandona a noção de conhecimento universal para a humanidade, mas a abraça através de uma estratégia horizontal de abertura ao diálogo entre diferentes tradições epistêmicas.

por meio de uma agenda de políticas regionais orientadas a estimular uma internacionalização inclusiva, sustentada em vínculos cooperativos-solidários, orientada à redução das assimetrias institucionais e ao estabelecimento de relações mais simétricas com instituições tanto do Norte, quanto do Sul Global.

Esse processo de transformação começa pela descolonização do pensamento e das práticas institucionais, como propôs Mbembe (2023), ao dizer que nossas instituições devem passar por um processo de descolonização tanto do conhecimento como da universidade como instituição. Uma das propostas do filósofo camaronês para descolonizar as universidades é

> romper *el ciclo que tiende a convertir a los estudiantes en clientes y consumidores*. Estas tendencias son inherentes a una institución dirigida de acuerdo con principios empresariales: los estudiantes se han interesado cada vez menos en el estudio y el conocimiento por sí mismos y cada vez más en la recompensa material o utilidad que sus estudios y títulos tienen para el futuro. Mercado abierto. En este sistema, el estudiante se convierte en consumidor de produtos educativos vendibles, principalmente créditos de cursos, certificaciones y títulos. A partir de ahora, la tarea de la universidad será hacerles felices como clientes (Mbembe, 2023, p. 23).

Compreendemos que a universidade pública tem cada vez mais respondido à "pedagogia do mercado", nos termos de Freire (2021b, p. 121), que determina sua estrutura e funcionamento, como vimos nas mudanças estruturais ocorridas na PROINTER, que ao longo do tempo, foi se conformando a princípios empresariais, instituindo uma ideia de internacionalização mais próxima do mercado. Diante dessa lógica hegemônica, Arias (2010 p. 22) esclarece que

> una perspectiva de (re)pensamiento crítico decolonial implica portanto, un des prendimiento y descentramiento radical de los princípios que han regulado y regulan la esfera del saber académico institucional y de sus prácticas éticas y políticas, desprendimiento y descentramento de la matriz occidental de pensamiento colonizador que nos ha modelado una concepción del sujeto, del conocimiento, de la política, de la economía, de la sociedad, del mundo y de la vida lo que nos plantea la necesidad de hacer un cuestionamiento profundo sobre el sentido y el uso de las políticas del propio conocimiento, preguntar nos como lo hace Lander ¿Conocimiento para qué? ¿Conocimiento para quién? Y también Walsh ¿Qué conoci miento(s), ¿conocimientos de quién?, ¿conocimientos para quienes?

Face a essas questões, os desafios que agora enfrentamos são: Como a internacionalização pode contribuir para o processo de descolonização das universidades? Como sulear a internacionalização das universidades brasileiras?

Para respondê-las, encontramos em Freire (2021b, p. 59), para quem "a boniteza do processo educativo é exatamente a possibilidade de reaprender, de troca entre os dois polos", a fundamentação teórica necessária para construir uma internacionalização a partir do Sul e para o Sul, como veremos a seguir.

9.2 Como "sulear" a internacionalização universitária?

Ao advogar por uma internacionalização própria e regionalizada e propor a construção de novas pedagogias de internacionalização, não poderia deixar de continuar me amparando nas ideias de Freire. A inspiração para "sulear" a internacionalização universitária surge a partir da obra intitulada "Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido", em que Freire usa o verbo "sulear"[89] em contraposição ao termo comumente usado para indicar "orientação", o verbo "nortear. Nessa obra, Freire (1992, p. 8) diz:

> "(...) apesar de alguns anos de experiência como educador, com trabalhadores urbanos e rurais, eu ainda quase sempre partia de meu mundo, sem mais explicação, como se ele devesse ser o "Sul" que os orientasse. Era como se minha palavra, meu tema, minha leitura do mundo, em si mesmas, tivessem o poder de suleá-los".

O neologismo é utilizado por Freire (1992) para se referir à necessidade de compreender seus alunos a partir do lugar que ocupam no mundo. Consiste, na verdade, em uma forma de resistência à perspectiva dominante que tem o Norte como referência.

Em todas as suas obras, Freire formulou um pensamento educacional voltado à superação de heranças coloniais. Na perspectiva de Mota Neto e Streck (2019), Freire não foi só um crítico do colonialismo, mas se engajou na construção de propostas político-

[89] O termo "sulear" foi inicialmente trabalhado pelo físico brasileiro Márcio D'Olne Campos, que entende o "Sul" como um ponto de vista que se opõe aos determinismos, à dicotomização sujeito-objeto e aos preconceitos, indicando a relevância pela busca da descolonização da ciência (Campos, 2015).

pedagógicas descolonizadoras não somente em países do Sul Global, mas também nos Estados Unidos e Europa. De acordo com os autores,

> a biografia de Paulo Freire o conduziu a pensar a pedagogia a partir dos subalternos; que o oprimido não é o sujeito para quem fala Paulo Freire, mas com quem fala; que ele mesmo, nas lutas político-educacionais que vivenciou no Brasil, em outros países da América Latina, nos Estados Unidos, na Europa e na África, ocupou discursiva e geopoliticamente o lugar do oprimido; e que, portanto, isso marca fundamentalmente sua obra como um testemunho crítico da modernidade/colonialidade, logo, como um pensador decolonial (Mota Neto; Streck, 2019, p. 213)

Assim, tendo como base a pedagogia decolonial freiriana, compreendemos que uma internacionalização universitária decolonial, pensada a partir do Sul e para o Sul, pressupõe algumas características e princípios, como descreve o Quadro 22:

Quadro 24 – Características de uma internacionalização decolonial

(continua)

Características	**Princípios**
Emancipatória	• Compreende a educação superior como um bem público, um direito e um meio para emancipação; • Promove uma formação crítica, intercultural, voltada para transformação social; • Baseia-se em um processo dialógico, em que o conhecimento é construído coletivamente e não somente transmitido do professor ao aluno.
Solidária	• Estabelece relações internacionais baseadas na solidariedade e na reciprocidade e não na lucratividade ou competitividade; • Orientada a promover diálogos e trocas de experiências no ensino, na pesquisa e na extensão, fortalecendo as instituições universitárias; • Voltada à integração dos povos.
Regionalizada	• Reconhece e afirma nossa identidade e saber local; • Busca as particularidades locais, em busca coletiva por soluções para os problemas regionais; • Valoriza referenciais e conceitos próprios; • Promove a ampliação da cooperação Sul-Sul; • Avalia a qualidade pela relevância social, impacto comunitário e transformação local, em vez de *rankings* e índices de prestígio internacional.

Quadro 24 – Características de uma internacionalização decolonial

(conclusão)

Características	Princípios
Horizontal	• Estabelece relações horizontalizadas de cooperação internacional; • Compreende que o outro não é superior ou inferior; • Rompe com hierarquias de poder acadêmico global.
Inclusiva e Democrática	• Promove oportunidades de experiências de internacionalização a sujeitos historicamente marginalizados como estudantes de origem popular, indígenas, negros, pessoas com deficiência, refugiados, dentre outros; • Dá voz a estudantes, professores e técnicos administrativos de diferentes origens, culturas, gêneros e classes sociais no processo de formulação e implementação de políticas públicas, garantindo uma participação coletiva; • Fomenta experiências interculturais acessíveis, promovendo práticas como "internacionalização em casa", experiências curtas de mobilidade, intercâmbios virtuais, internacionalização do currículo, aulas remotas com participação de professores estrangeiros, projetos de cooperação remota, etc.
Simétrica	• Valoriza a cooperação mútua e a reciprocidade; • Promove políticas que visam a diminuir as disparidades de internacionalização entre as regiões e desigualdades sociais; • Busca reduzir as assimetrias existentes entre os programas de graduação e pós-graduação da instituição; • Busca a equidade nos fluxos acadêmicos, visando não somente enviar, mas também receber estudantes e pesquisadores estrangeiros.
Plural	• Reconhece e promove a diversidade epistêmica, cultural, linguística etc; • Valoriza outros saberes e epistemologias, não apenas os produzidos na escola ou na universidade; • Valorização do multilinguismo e respeito às línguas locais.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Encontramos, pois, em Freire os princípios que podem ser o “Sul” de uma internacionalização decolonial. Um dos elementos constitutivos de suas obras é a compreensão de que a educação é um bem público e um caminho para a transformação e emancipação social, e não uma mercadoria a serviço da manutenção da subalternidade. Em sua obra “A Pedagogia do Oprimido”, Freire (2020) discute sobre a concepção “bancária” de educação versus a concepção problematizadora e libertadora de educação

e critica o método de ensino em que o educador é o sujeito que conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado, depositando o conteúdo, sem uma reflexão crítica sobre a realidade em que os alunos estão inseridos. Para Freire (2020, p. 92),

> "O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo".

Esse processo de emancipação é contínuo, pois nunca estamos completamente livres, estamos sempre resistindo às lógicas opressores da colonialidade que se mantém viva, de acordo com Maldonado-Torres (2007, p. 131), "em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna". Nesse sentido, estamos "sempre em processo de libertação", dizia Freire (2021a, p. 39).

A compreensão da educação superior como meio para emancipação e transformação social contribui para orientar a formulação de políticas de internacionalização emancipatórias, libertadoras da opressão colonial, além de políticas inclusivas, democráticas, que envolvam negros, indígenas, mulheres, refugiados, dentre outros grupos minoritários, historicamente marginalizados, o que requer o reconhecimento de uma sociedade diversa e plural.

Quando se pensa em uma trajetória acadêmica ou profissional internacionalizada, a tendência é relacioná-la à vivência de uma experiência no exterior. Entretando, essas práticas, na maioria das vezes, atendem a classes privilegiadas, não sendo acessíveis a todos. Desse modo, uma internacionalização inclusiva e democrática promove oportunidades de trocas internacionais a todos os grupos, podendo se realizar por meio de intercâmbios virtuais; experiências mais curtas de mobilidade, principalmente para mulheres; internacionalização do currículo; aulas remotas com participação de professores estrangeiros; projetos de cooperação remota e projetos interculturais, a exemplo do PAI na UFC.

Uma internacionalização emancipatória, solidária e horizontal também envolve o reconhecimento e afirmação de nossa identidade cultural. Sobre essa questão, Paulo Freire, na obra "À Sombra dessa Mangueira", escrito no final da vida do autor, dentre inúmeras reflexões, reitera a importância de afirmarmos nosso lugar de pertencimento. Freire compreendia que antes de sermos reconhecidos como "cidadãos do mundo", alcunha muitas vezes utilizada para definir um sujeito globalizado, devemos afirmar nossa identidade. Em suas palavras:

> Antes de tornar-me cidadão do mundo, fui e sou um cidadão do Recife, a que cheguei a partir do meu quintal, no bairro de Casa Amarela. Quanto mais enraizado na minha localidade, tanto mais possibilidades tenho de me espraiar, me mundializar. Ninguém se torna local a partir do universal. O caminho existencial é inverso. Eu não sou antes brasileiro, para depois ser recifense. Sou primeiro recifense, pernambucano, nordestino. Depois, brasileiro, latino-americano, gente do mundo. (Freire, 2001, p. 25).

Da mesma forma, em "A África ensinando a gente", Freire (2021, p. 43-44) reitera essa ideia ao dizer que:

> Eu me sinto profundamente latino-americano, mas, necessariamente, para ser latino-americano, tenho que primeiro ser alguma coisa dentro do contexto geral da América Latina. Essa "qualquer coisa" é: brasileiro. Para que eu pudesse me sentir latino-americano; para que, em me sentindo latino-americano, eu pudesse me sentir depois mundial, um ser do mundo, era preciso que eu tivesse sobretudo, em primeiro lugar, um local. Esse local é o Recife, com memória eu ando pelo mundo. Carrego comigo as marcas da minha cidade. Até num parênteses, eu diria a vocês: se eu não cuidasse muito bem das marcas que o meu local me deu, a minha andarilhagem hoje seria um andar sem destino.

Essa compreensão nos conduz a uma internacionalização voltada para o regional, que reconhece e afirma nossa identidade e saber local, que busca as particularidades locais para a construção coletiva de soluções para os problemas regionais, valoriza referenciais e conceitos próprios. Desse modo, uma internacionalização regionalizada busca reduzir as assimetrias no fluxo de cooperação ao ampliar a cooperação Sul-Sul. Sua qualidade não se pauta em *rankings*, mas é medida pela relevância social, pelo impacto comunitário e transformação local.

Uma concepção de internacionalização regionalizada requer a inversão de "o universal pelo regional" para "o regional pelo universal", pois, nos termos de Freire

(2001, p. 25), “ninguém se torna local a partir do universal”, é o contrário. Essa valorização do nosso local resulta em práticas de internacionalização solidárias, horizontais e simétricas ao compreender quem nenhum lugar é melhor ou pior que outro, como relata Freire (2001, p. 28):

> Nunca pensei minha Terra de modo piegas: ela não é superior ou inferior a outras terras. A Terra da gente é sua geografia, sua ecologia, sua topografia e biologia; mas é também o que mulheres e homens fazemos dela. Ela é como organizamos sua produção, fazemos sua História, sua educação, sua cultura, sua comida e ao gosto dela nos fixamos. A Terra da gente envolve luta por sonhos diferentes, às vezes antagônicos, como os de suas classes sociais. Minha Terra não é, afinal, uma abstração.

Nesse sentido, precisamos estar abertos para aprender sobre a realidade local, não somente a do nosso Ceará, mas a do Brasil e da América Latina, onde nos situamos.

Por estarmos imersos em uma matriz de poder colonial, o imaginário que se desenvolve na Academia é de que é melhor fazer mobilidade em países do Norte Global, como Estados Unidos, França, dentre outros, como vimos nos relatos dos interlocutores. A Profª Gecilda, por exemplo, relatou que a orientação de seu coordenador era ir para Estados Unidos; o Prof. Jamal, docente estrangeiro do PGETI conta que seu plano era ir para a Alemanha e não conhecia as diferenças existentes entre as regiões do Brasil; o estudante de doutorado do PPGS, Flávio também foi orientado a ir para Inglaterra, mas escolheu ir pra Colômbia e se sentiu maravilhado com sua experiência. É como se locais situados no Sul Global não possam nos ensinar e não possuam saberes inovadores.

Outro princípio elementar de uma internacionalização decolonial é a pluralidade, que envolve o reconhecimento e a promoção da diversidade epistêmica, cultural e linguística existente, valoriza outros saberes e epistemologias, não apenas os produzidos na escola ou na universidade, bem como o multilinguismo e respeito às línguas locais.

Freire (2021a) conta que os colonizadores que chegaram aqui disseram que os nativos não tinham história até a chegada dos colonizadores porque eles não tinham uma linguagem, mas dialetos. Então, assumiu-se que eles não tinham cultura. Cultura, no entendimento de Freire (2021a), é o resultado das diferenças entre os seres humanos. Para ele, “o multilinguismo implica respeito por todas as culturas, e este respeito implica que

a cultura primária ou que se considera primária não imponha seus valores às outras culturas" (Freire, 2021a, p. 104).

Sobre esse aspecto retomo o discurso do Prof. Vitório, reitor da UFC entre 2023 e 2027), em seu primeiro dia de trabalho, quando comunicou à comunidade sua intenção de criar as Casas de Culturas Indígena e Africana, iniciativa relevante para a promoção da cultura brasileira e do multilinguismo. Lembro também da resistência do povo africano, como nos mostrou Andile com sua história de vida, ao manterem suas identidades culturais e linguísticas, não assumindo a língua do colonizador.

Diante das questões expostas, buscamos pensar aqui uma política de internacionalização nas margens, para além das configurações de poder existentes, por meio de novas formas de fazer colaborações, pedagogias outras, para além da pedagogia do mercado, voltadas para a solidariedade, sejam quais forem os seus obstáculos epistemológicos e práticos para sua institucionalização.

Assim, ao reconhecer o que há de pedagógico nas situações sociais descritas ao longo desta, buscamos, na próxima seção, propor novas pedagogias para uma política de internacionalização própria, contra hegemônica e decolonial.

9.3 Tecendo pedagogias outras para uma internacionalização própria e decolonial na Universidade Federal do Ceará

À medida que esta pesquisa etnográfica, suas análises e conclusões foram se consolidando, senti a necessidade de incluir um quarto objetivo específico à tese: "apresentar proposições para o processo de internacionalização da UFC, incluindo possibilidades de uma internacionalização própria e decolonial". Assim, como forma de contribuir para os processos da instituição onde trabalho, apresento, nesta subseção, propostas de ações que subsidiem a formulação de uma política de internacionalização própria e decolonial.

Tal qual o trabalho artesanal das mulheres rendeiras, cujo produto se dá a partir das tessituras, isto é, do encadeamento das partes (Carvalho, 2024), fui tecendo a teoria, as questões trazidas pelos interlocutores, as descobertas realizadas nas situações sociais com a finalidade de produzir outras pedagogias de internacionalização para as

universidades brasileiras, mais especificamente para a UFC, a fim de gestar alternativas à pedagogia do mercado.

Não se trata de um pacote de medidas a ser aplicado sem a realização de um processo de análise e reflexividade, mas sim de recomendações aos gestores da Universidade, sobretudo da Administração Superior, as quais são plenamente exequíveis, caso haja interesse institucional, para que possam "gestar", nos termos de Souza Lima (2022), políticas institucionais mais efetivas.

Ademais, ressaltamos que a internacionalização não pode ser vista como uma atribuição de apenas um setor da instituição, mas de um conjunto de atores (gestores, docentes, técnicos administrativos, estudantes, terceirizados), que, coletivamente, delineiam estratégias de internacionalização, pois a transformação institucional passa pela escuta ativa das vozes subalternizadas que integram esse processo.

Trata-se de um processo construído na dialogicidade com os interlocutores da pesquisa, com ênfase na superação dos desafios elencados neste trabalho e em busca de uma internacionalização emancipatória, solidária, regionalizada, simétrica, plural, inclusiva e democrática.

Para tanto, apresentamos ações com seus respectivos objetivos, metas, indicadores, os quais podem ser quantitativos ou qualitativos, e a unidade responsável pela implementação da ação, conforme disposto a seguir:

9.3.1- Proposições para a estrutura administrativa da gestão da internacionalização da UFC

Diante das mudanças observadas ao longo do tempo na estrutura da gestão da internacionalização da UFC, que passou por inúmeras transformações, passando, a partir de 2019, a ser mais associada com princípios de mercado, como empreendedorismo e inovação, bem como à recomendação da FAUBAI (2021, p. 1), que indica "a necessidade das Relações Internacionais estarem integradas à Reitoria ou gestão superior da IES, garantindo a prioridade institucional e a dimensão transversal da internacionalização", compreendemos que a atual estrutura administrativa da gestão da internacionalização da UFC tem se mostrado insuficiente para atender à complexidade, ao crescimento e à diversidade das demandas institucionais na área da internacionalização.

As constantes mudanças de nomenclatura e funções da unidade responsável pela internacionalização nos últimos anos evidenciam a perda da prioridade institucional da internacionalização, bem como a falta de consolidação de uma política institucional estável, o que fragiliza sua relevância estratégica.

Além disso, em conversa com os interlocutores, observou-se uma carência de servidores lotados na Coordenadoria de Internacionalização, sobretudo com perfis compatíveis com as atividades da área, o que compromete a eficiência dos processos e a capacidade de planejamento de longo prazo.

Outro aspecto identificado foi a falta de dados atualizados sobre a internacionalização, o que dificulta a realização de diagnósticos sobre o processo de internacionalização da Universidade, compromete a tomada de decisão baseada em evidências e o planejamento de ações estratégicas.

Compreendemos que uma estrutura administrativa sólida, com funções bem definidas, recursos humanos adequados e voltada à cooperação solidária é fundamental para fortalecer a institucionalização da internacionalização, garantindo maior articulação entre ensino, pesquisa e extensão e possibilitando que a UFC responda de forma mais consistente às demandas locais, nacionais e globais.

Desse modo, para otimizar a estrutura administrativa de gestão da internacionalização da UFC, proponho as seguintes ações:

1) Criar uma Secretaria de Internacionalização (SEINTER), vinculada à Reitoria, separando a Coordenadoria de Internacionalização da PROINTER

Objetivo: Dar maior visibilidade e centralidade à internacionalização da UFC, favorecendo a articulação transversal entre ensino, pesquisa e extensão.

Meta(s): Implementar, até o próximo semestre, uma estrutura organizacional dedicada à internacionalização, com equipe que atenda as demandas da unidade, regimento interno e plano de ação plurianual estabelecidos.

Indicador: Secretaria oficialmente criada com estrutura funcional definida.

Responsável: Reitoria

2) Prever no próximo concurso público da UFC vagas para servidor técnico-administrativo da SEINTER, incluindo tradutores para língua espanhola.

Objetivo: Fortalecer a estrutura técnico-administrativa da Secretaria de Internacionalização (SEINTER), garantindo suporte qualificado e contínuo às ações de internacionalização da UFC.

Meta(s): Incluir no edital do próximo concurso público da UFC, previsto para 2025.2, pelo menos 2 vagas específicas para atuação na SEINTER.

Indicador: Inclusão de vagas destinadas à SEINTER no edital do concurso.

Responsável: Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP)

3) Incluir no edital de seleção interna da UFC disponibilidade de vagas para servidores da SEINTER, com perfis compatíveis com as demandas da internacionalização universitária.

Objetivo: Fortalecer a estrutura técnico-administrativa da Secretaria de Internacionalização (SEINTER), garantindo suporte qualificado e contínuo às ações de internacionalização da UFC.

Meta(s): Incluir no edital de seleção interna, previsto para 2025.2, pelo menos 2 vagas específicas para atuação na SEINTER, para seleção de servidores com perfis compatíveis com as demandas da internacionalização universitária.

Indicador: Inclusão de vagas destinadas à SEINTER no edital de seleção interna

Responsável: Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP)

4) Atualizar e consolidar os dados institucionais sobre internacionalização na página institucional e no Painel de Internacionalização da UFC.

Objetivo: Promover maior transparência, planejamento estratégico e tomada de decisão baseada em evidências.

Meta(s):

- Mapear e revisar, até o final do semestre letivo, todas as bases de dados institucionais relacionadas à mobilidade acadêmica, acordos de cooperação internacional, programas de fomento e produção científica internacionalizada;

- Disponibilizar, até o fim do ano, as informações atualizadas no Painel de Internacionalização.

Indicador: Painel de Internacionalização atualizado.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/ SEINTER

5) Realizar, anualmente, o monitoramento e a avaliação qualitativa dos dados institucionais sobre internacionalização da UFC

Objetivo: Aprimorar a gestão da internacionalização da UFC por meio do monitoramento sistemático e da avaliação qualitativa anual dos dados institucionais, garantindo maior precisão, transparência e uso estratégico das informações para tomada de decisão.

Meta(s):

- Consolidar anualmente os dados institucionais de internacionalização provenientes das unidades acadêmicas e administrativas;
- Realizar uma análise qualitativa dos indicadores de internacionalização;
- Implementar recomendações de melhoria decorrentes da avaliação qualitativa em, no mínimo, duas dimensões estratégicas por ano;
- Elaborar relatório anual de internacionalização da UFC.

Indicador: Relatório anual produzido.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/ SEINTER

9.3.2 - Proposições para a insuficiência de recursos para financiamento de políticas de internacionalização.

A análise das trajetórias da política de internacionalização da UFC evidenciou que desde sua fundação a Universidade enfrenta dificuldades orçamentárias para sua ampliação, bem como para o desenvolvimento de ações de internacionalização, a exemplo da Embaixada Clóvis Beviláqua, que consistiu em uma excursão de estudantes da Faculdade de Direito à Europa a fim de conhecer os centros universitários europeus, a

qual foi financiada pelo primeiro reitor da UFC, Prof. Antônio Martins Filho, como vimos na seção 5.2.

Além disso, observou-se ao longo das análises o quanto a UFC é dependente dos programas de internacionalização fomentados pelas agências de fomento, gerando disputas de recursos entre sujeitos institucionais e assimetrias entre distintas áreas do conhecimento.

A limitação orçamentária, além de impactar diretamente a capacidade de inserção internacional da Universidade, induz a gestão a aproximar a internacionalização de valores mercadológicos, como vimos ocorrer a partir de 2019 na UFC, com a adesão da PROINTER a princípios como empreendedorismo e inovação.

Desse modo, com a finalidade de dar maior autonomia financeira à gestão da internacionalização da UFC, propomos alguns mecanismos alinhados às demandas institucionais, os quais já têm sido desenvolvidos na instituição:

1) Retomar o Programa Institucional de Bolsas de Internacionalização da UFC, conforme previsto no Anexo XXVIII da Resolução nº 08/CEPE, de 26 de abril de 2013.

Objetivo: Fomentar a mobilidade internacional e a formação acadêmica intercultural de estudantes, servidores docentes e técnico-administrativos, por meio da concessão de bolsas e auxílios financeiros que promovam a inserção da Universidade em redes globais de ensino, pesquisa e extensão.

Meta(s): Atribuir à unidade linha orçamentária própria voltada ao atendimento do Programa.

Indicador(es): Existência de dotação orçamentária específica para o Programa de internacionalização da UFC no PDI e LOA institucional.

Responsável: Reitoria/ Pró-Reitoria de Planejamento e Administração (PROPLAD).

2) Criar um Projeto de Desenvolvimento Institucional (PDI) de fomento à internacionalização universitária.

Objetivo: Estruturar e viabilizar atividades como mobilidade acadêmica, eventos internacionais, apoio linguístico, cooperação científica e acolhimento de estrangeiros.

Meta(s): Elaborar e aprovar, até o final do próximo semestre, um Projeto de Desenvolvimento Institucional (PDI-Internacionalização) que integre metas, diretrizes e estratégias voltadas à promoção da internacionalização no ensino, na pesquisa e na extensão, com participação de unidades acadêmicas e administrativas.

Indicador(es): Publicação do documento oficial no portal institucional / Ata de aprovação pelo Conselho Universitário da UFC.
Responsável: Reitoria/ Coordenadoria de Internacionalização/ SEINTER.

3) Promover Escolas de Verão.

Objetivo: Fortalecer a internacionalização acadêmica por meio da oferta de programas intensivos de curta duração, que promovam o intercâmbio de conhecimentos, culturas e experiências entre estudantes e docentes nacionais e estrangeiros, podendo configurar-se como uma oportunidade para atrair docentes e pesquisadores estrangeiros para a UFC.

Meta(s): Implementar, até 2027, pelo menos 2 edições anuais de Escolas de Verão em diferentes áreas do conhecimento nos meses de julho/janeiro.

Indicador(es): Número de Escolas de Verão realizadas por ano.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/ SEINTER.

Para as ações supracitadas, recomenda-se, a critério da administração, destinação total ou definição de um percentual de vagas voltadas para alunos hipossuficientes, conforme sugerido pela servidora da PROINTER, Paula, e/ou para alunos de áreas como Ciências Sociais e Humanidades, visando reduzir as desigualdades de oportunidades de bolsas entre as áreas de conhecimento.

9.3.3 - Proposições para o enfrentamento à hegemonia de relações e cooperações com instituições e países do Norte Global.

Identificamos que a internacionalização da UFC, desde sua fundação, tem sido orientada por uma perspectiva euro norte centrada, por um modelo de desenvolvimento ocidental, predominando relações e cooperações predominantemente com países como Estados Unidos e França, resultado de um processo histórico de colonialidade do saber, no qual epistemologias eurocêntricas foram tomadas como referência universal de ciência, progresso e desenvolvimento.

Essa racionalidade hegemônica também resulta no sentimento de superioridade/inferioridade epistêmica (Grosfoguel, 2008), observado por exemplo nas indicações de orientadores para que docentes e alunos realizassem mobilidade acadêmica em países europeus ou Estados Unidos.

Além disso, a concentração de parcerias com países do Norte reproduz uma lógica de dependência acadêmica e científica, invisibilizando outras possibilidades de produção de conhecimento, intercâmbio e cooperação mais horizontais. Enfrentar essa hegemonia implica diversificar as redes internacionais da universidade, ampliando diálogos com instituições latino-americanas, africanas e asiáticas, fortalecendo a cooperação Sul-Sul e promovendo uma internacionalização mais solidária, inclusiva e comprometida com as demandas locais e regionais.

Desse modo, para enfrentar essa hegemonia, propomos ações que contribuam para fomentar as ações de cooperação Sul-Sul da UFC e valorizar o regional, como:

1) Aderir a redes e programas de internacionalização latino-americanos como: Programa de Intercâmbio Acadêmico Latino-Americano (PILA), Unión de Universidades de América Latina y el Caribe (UDUALC), do Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), Rede de Universidades de Fronteiras (Unifronteiras), dentre outras.

Objetivo: Ampliar a inserção internacional da UFC por meio da participação ativa em redes e programas de cooperação acadêmica latino-americanos, fortalecendo a integração regional e a internacionalização decolonial.

Meta(s):

- Formalizar, até o final do próximo ano, a adesão institucional da UFC a pelo menos 3 redes latino-americanas de internacionalização (como PILA, UDUALC, CLACSO, Unifronteiras etc.);
- Participar de pelo menos 2 eventos, editais ou iniciativas promovidas por essas redes por ano (ex: chamadas de mobilidade, congressos, publicações conjuntas).

Indicador(es):

- Número de redes/programas latino-americanos com adesão formal da UFC;
- Número de participações efetivas em eventos, chamadas ou ações promovidas pelas redes.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER.

2) Ampliar a divulgação de cooperações Sul-Sul nos canais institucionais.

Objetivo: Reforçar a cultura institucional voltada para o Sul por meio de estratégias de comunicação institucional, valorizando experiências decoloniais, parcerias regionais e produções de saberes plurais.

Meta(s):

- Publicar, ao longo de cada ano, pelo menos 6 matérias, reportagens ou conteúdos multimídia sobre cooperações Sul-Sul nos canais oficiais da UFC (site, redes sociais, boletins etc.);
- Incluir as publicações na página institucional da Coordenadoria de Internacionalização /SEINTER com essas notícias.

Indicador(es):

- Número de conteúdos publicados sobre cooperação Sul-Sul nos canais institucionais;
- Existência de seção dedicada no site institucional da SEINTER.

Responsável: UFC Informa/ Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER.

3) Incentivar a internacionalização dos currículos, por meio da inclusão de autores e pensadores do Sul Global na política de leitura e produção científica.

Objetivo: Promover a internacionalização crítica e plural dos currículos da UFC, valorizando epistemologias diversas e contextos latino-americanos, africanos e asiáticos.

Meta(s): Incluir a recomendação formal da adoção de autores do Sul Global na política institucional de internacionalização curricular e nos documentos orientadores da graduação e da pós-graduação.

Indicador(es):

- Existência de recomendação formal nos documentos institucionais de ensino;
- Percepção docente e discente sobre a presença de autores do Sul Global nos currículos.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER/ Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD)/ Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG).

4) Conhecer experiências de outras universidades locais e nacionais, as quais desenvolvem uma internacionalização sob uma perspectiva contra hegemônica, como UNILAB e UNILA.

Objetivo: Trocar experiências sobre práticas que contribuam para o desenvolvimento da internacionalização da UFC.

Meta(s): Realizar, até o final do próximo semestre, visitas técnicas a pelo menos 2 universidades referenciadas

Indicador(es): Realização visita a pelo menos 2 universidades *em um ano.*

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER

5) Criar um programa próprio de fomento à internacionalização Sul-Sul, por exemplo: "Programa UFC Internacional", envolvendo concessão de bolsas de mobilidades, concessão de passagens e diárias para participação em eventos

internacionais de relevância institucional sobretudo em países localizados no Sul Global.

Objetivo: Promover e fortalecer a cooperação Sul-Sul na UFC.

Meta(s):

- Criar um edital anual do programa com número de bolsas e linhas específicas voltadas ao desenvolvimento regional, envolvendo áreas distintas de conhecimento;
- Lançar oficialmente o Programa UFC Internacional até o final do próximo ano.

Indicador(es): Programa lançado.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER.

9.3.4 - Proposições para o enfrentamento da invisibilidade de cooperações com o Sul Global na UFC

A ideia de propor ações que superem a invisibilidade de cooperações com países do Sul Global surgiu a partir do sentimento de frustação que me acometeu quando eu estava em busca de um *locus* de pesquisa na UFC que desenvolvesse atividades com instituições do Sul Global, dentro de uma perspectiva contra hegemônica de internacionalização, como relatei na seção 3.1.

Além disso, em conversa com a Profª Cristina, pró-reitora da PRPPG (2023-2027), verificamos que a UFC possui inúmeras cooperações com países do Sul Global, o que foi possível identificar institucionalmente a partir da participação da UFC no edital da Rede de Universidades do BRICS, lançado pela CAPES. Contudo, a Universidade não tinha conhecimento acerca dessas parcerias.

Essa invisibilidade das cooperações com o Sul Global na UFC revela não apenas uma lacuna de registro e sistematização institucional, mas também a persistência de um imaginário eurocêntrico que associa prestígio e excelência acadêmica às parcerias com o Norte Global, limitando, assim, o reconhecimento das cooperações Sul-Sul e dificultando o fortalecimento de redes regionais que poderiam ampliar a circulação de saberes, valorizar epistemologias plurais e responder a desafios comuns do Sul Global.

Desse modo, com a finalidade de legitimar práticas de internacionalização mais horizontais, enraizadas em realidades compartilhadas e capazes de tensionar a lógica hierárquica que sustenta a colonialidade, proponho ações que visem mapear e ampliar as cooperações Sul-Sul, tais quais:

1) Realizar um mapeamento das cooperações, projetos de pesquisa desenvolvidos em cada unidade acadêmica da UFC por meio de formulário google ou sistema SI3

Objetivo: Obter um diagnóstico institucional das parcerias internacionais, projetos de pesquisa e ações de cooperação desenvolvidas pelas unidades acadêmicas da UFC, com a finalidade de conhecer melhor a instituição e subsidiar o planejamento estratégico.

Meta(s): Aplicar um instrumento de coleta de dados em todas as unidades acadêmicas da UFC até o final do próximo semestre.

Indicador(es): Relatório final publicado e divulgado institucionalmente.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER.

2) Criar metas específicas de cooperação Sul-Sul no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e nos relatórios de internacionalização.

Objetivo: Integrar, de forma explícita, a cooperação Sul-Sul no PDI e nos instrumentos de monitoramento e avaliação da internacionalização, assegurando sua visibilidade e acompanhamento sistemático.

Meta(s): Incluir no PDI e no Plano de Internacionalização, pelo menos 3 metas específicas relacionadas à cooperação Sul-Sul, com indicadores próprios, nos documentos oficiais de planejamento e nos relatórios anuais de internacionalização da UFC.

Indicador(es): Presença de indicadores de cooperação com o Sul Global no planejamento estratégico.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER.

3) Produzir uma série de conteúdos nas redes e portais oficiais (entrevistas, vídeos curtos, depoimentos, cards) intitulada "Saberes do Sul", destacando cooperações com África, América Latina, Caribe e Ásia.

Objetivo: Engajar a comunidade acadêmica e ampliar o alcance simbólico.

Meta(s): Realizar pelo menos 1 publicação (textos, vídeos, cards ou entrevistas) por mês nos canais oficiais da UFC

Indicador(es): Alcance e engajamento nas redes sociais.

Responsável: UFC Informa.

9.3.5 - Proposições para a falta de reciprocidade nas relações internacionais.

Como vimos nas análises, sobretudo durante visitas de representantes governamentais, a UFC tende a se posicionar como receptoras ou prestadoras de serviços acadêmicos. Essa falta de reciprocidade nas relações internacionais da universidade reforça a colonialidade do saber e a reprodução de hierarquias globais, uma lógica que contribui para a dependência institucional, limitando a construção de projetos conjuntos que respondam a interesses compartilhados e às necessidades regionais.

Para superar essas relações desiguais é fundamental que a internacionalização cumpra um papel emancipatório e autônomo, permitindo a valorização dos saberes locais, a construção de redes de cooperação equitativas e o fortalecimento da universidade como sujeito ativo nas dinâmicas internacionais. Nesse sentido, torna-se fundamental a proposição de ações institucionais que promovam o diálogo horizontal, a escuta mútua e a negociação de pautas comuns, assegurando relações mais simétricas e socialmente comprometidas. A fim de superar essas assimetrias, proponho:

4) Criar diretrizes institucionais para parcerias internacionais baseadas na horizontalidade e na reciprocidade.

Objetivo: Estabelecer parâmetros institucionais que orientem a celebração e a avaliação de acordos internacionais, priorizando parcerias que promovam trocas equilibradas, diálogo intercultural e benefícios mútuos.

Meta(s): Incluir no Plano de Internacionalização da UFC uma seção com diretrizes de reciprocidade em cooperação internacional, a serem adotadas pela SEINTER a fim de dar ampla divulgação à comunidade.

Indicador(es): 100% dos novos convênios ou parcerias avaliados sob o critério de reciprocidade a partir da aprovação das diretrizes.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER.

2) Estabelecer diálogos de reciprocidade com representantes governamentais e instituições estrangeiras, por meio de uma pauta de interesses compartilhados e evitando discursos unilaterais.

Objetivo: Promover relações internacionais baseadas na reciprocidade e no diálogo horizontal, superando práticas unilaterais e assimétricas.

Meta(s): Desenvolver e adotar, até o final do próximo semestre, um modelo institucional de pauta colaborativa para visitas internacionais, com foco em escuta mútua, cooperação horizontal e justiça epistêmica.

Indicador(es): Existência de pauta colaborativa institucional formalizada.

Responsável: Reitoria e Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER

9.3.6 - Proposições para a superação das dificuldades linguísticas

Como vimos nas análises dos eventos e nas conversas com os interlocutores, as dificuldades linguísticas representam uma das principais barreiras no processo de internacionalização da UFC, dificultando a participação da comunidade acadêmica em mobilidades acadêmicas, participação em aulas em outros idiomas, o acolhimento a estrangeiros na UFC etc. Além disso, a predominância do inglês como língua hegemônica

reforça desigualdades, ao desconsiderar a importância de outros idiomas, sobretudo o português e o espanhol, línguas da nossa região.

Apesar dessa fragilidade, dispomos na UFC de um relevante equipamento, que se constitui em uma força no processo de internacionalização, que são as Casas de Cultura Estrangeiras. Desse modo, a fim de superar as dificuldades linguísticas, proponho uma articulação da Coordenadoria de Internacionalização com as Casas de Cultura para o desenvolvimento das seguintes ações:

1) Implementar a política linguística que está em fase de aprovação pelo Conselho Universitário da UFC.

Objetivo: Fortalecer a política institucional de internacionalização por meio da implementação de uma política linguística que valorize o multilinguismo, a inclusão e a diversidade cultural no ensino, pesquisa e extensão.

Meta(s): Colocar em prática, no prazo de 12 meses, o plano de ação da política linguística, incluindo a oferta de cursos, oficinas e materiais de apoio em diferentes línguas, bem como estratégias de incentivo ao ensino e uso do português como língua de acolhimento.

Indicador(es): Percentual de ações do plano de política linguística efetivamente implementadas no período de 12 meses.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER

2) Articular ações entre a Coordenadoria de Internacionalização, as Casas de Cultura Estrangeira e os cursos de Letras da UFC.

Objetivo: Ampliar oportunidades de aprendizado de línguas estrangeiras na UFC.

Meta(s): Desenvolver e divulgar, até o final do próximo ano, um plano colaborativo de oferta de ações de internacionalização linguística, voltado tanto para estudantes brasileiros quanto estrangeiros.

Indicador(es):

- Existência e publicação de um plano conjunto de internacionalização linguística;

- Número de estudantes beneficiados pelas ações integradas (brasileiros e estrangeiros)

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER.

3) Criar turmas de ensino híbrido de línguas estrangeiras para atender os campi do interior.

Objetivo: Ampliar o acesso ao ensino de línguas estrangeiras nos campi do interior da UFC promovendo a inclusão linguística e a integração multicampi.

Meta(s): Implantar, até o final do próximo ano, pelo menos 3 turmas-piloto de ensino híbrido de línguas estrangeiras (como inglês, espanhol ou francês) voltadas aos *campi* do interior.

Indicador(es): Número de turmas híbridas de línguas criadas para o interior

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER.

4) Criar uma versão da página institucional pelo menos em língua inglesa e espanhola.

Objetivo: Ampliar a acessibilidade e a visibilidade internacional da UFC, promovendo a inclusão linguística e o fortalecimento da comunicação com públicos estrangeiros.

Meta(s): Publicar, até o final do próximo semestre, uma versão funcional da página institucional da SEINTER (ou da Reitoria) com informações-chave em inglês e espanhol.

Indicador(es): Existência de versões ativas do site em inglês e espanhol.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER/ UFC Informa.

5) Criar formulários trilíngues para professores visitantes estrangeiros.

Objetivo: Facilitar e padronizar o acolhimento de professores visitantes internacionais, assegurando acessibilidade, clareza e acolhimento linguístico.

Meta(s):

- Traduzir e disponibilizar, até o final do ano, os formulários institucionais em três idiomas (português, inglês e espanhol), com validação da Coordenadoria de Internacionalização e das Casas de Cultura/Letras;
- Integrar os formulários trilíngues ao site institucional da SEINTER e aos fluxos administrativos utilizados por secretarias e unidades acadêmicas.

Indicador(es):

- Formulários traduzidos e disponíveis nos três idiomas;
- Inclusão dos formulários trilíngues na página institucional.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER/ PROGEP.

6) Apoiar e incentivar servidores técnicos-administrativos a realizarem Casas de Cultura Estrangeiras (principalmente de áreas estratégicas como a da internacionalização e PROGEP), promovendo algum incentivo, como a liberação da carga horária caso coincida com o horário de trabalho.

Objetivo: Promover a qualificação linguística dos servidores técnico-administrativos da UFC.

Meta(s):

- Instituir, até o próximo semestre, uma normativa interna que permita a liberação parcial da carga horária para servidores cursando Casas de Cultura Estrangeiras, desde que a formação esteja alinhada ao plano de desenvolvimento institucional;
- Realizar anualmente uma chamada interna de incentivo à formação linguística, com divulgação ampla e apoio da PROGEP.

Indicador(es):

- Existência de normativa institucional aprovada que prevê liberação de carga horária para cursos de línguas;
- Número de servidores contemplados com liberação de horário para frequentar Casas de Cultura.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER e PROGEP.

9.3.7 - Proposições para o enfrentamento das assimetrias no desenvolvimento de ações de internacionalização dos Programas de Pós-Graduação da UFC

Ao longo da pesquisa, identificamos que as assimetrias existentes no campo da internacionalização não ocorrem somente entre o Norte e o Sul Global, como vimos nas discussões da CRES+5, mas também dentro de nossa própria instituição.

As análises situacionais tanto no GTEL quanto no PPGS do PPGS evidenciaram desigualdades entre ambos os programas que precisam ser trabalhadas institucionalmente. Enquanto, o GTEL configura-se como um "ponto fora da curva", com uma cultura de internacionalização consolidada, o uso do inglês como segunda língua no cotidiano, tem facilidade para atrair recursos e participar de editais das agências de fomento, o PPGS tem desenvolvido esforços em busca de melhoria em seu processo de internacionalização, enfrentando dificuldades em acessar oportunidades, seja pela limitação de recursos, barreiras linguísticas, falta de parcerias ou ausência de estratégias específicas de internacionalização.

Essas desigualdades reproduzem hierarquias internas e comprometem a construção de uma política institucional equitativa e inclusiva, dificultando que a Universidade avance de forma integrada em direção a uma internacionalização mais democrática e alinhada às suas diversas realidades acadêmicas.

Como alertaram Garcia e Gussi (2024, p. 273), pensar em um outro paradigma de internacionalização requer, antes de tudo, olhar para nossos problemas internos, "sendo necessário elaborar políticas que busquem reduzir as assimetrias e desigualdades dentro do nosso próprio país, em nossas instituições de ensino e em nossos programas de graduação e pós-graduação".

Assim, em busca de criar um processo colaborativo na instituição a fim de reduzir as disparidades institucionais, proponho ações de aprendizado coletivo, tais quais:

1) Realizar diagnóstico situacional da internacionalização nos PPGs da UFC específicas para cada realidade.

Objetivo: Identificar os níveis de internacionalização, os desafios e as potencialidades dos PPGs da UFC, com vistas a propor estratégias.

Meta(s): Aplicar, até o fim do próximo semestre, um instrumento diagnóstico (questionário ou matriz avaliativa) em todos os PPGs.

Indicador(es): Relatório analítico do diagnóstico.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER e PRPPG.

2) Promover capacitações, seminários para trocas de experiências e redes de apoio entre os PPGs.

Objetivo: Fortalecer capacidades institucionais dos programas por meio de oficinas, mentorias e trocas de experiências entre PPGs mais e menos internacionalizados.

Meta(s): Realizar, pelo menos uma vez no ano momentos de formação em internacionalização para coordenadores e secretarias dos PPGs.

Indicador(es): Número de atividades de formação realizadas.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER e PRPPG.

9.3.8 - Proposições para a melhoria na infraestrutura da Universidade, sobretudo para um melhor acolhimento dos estrangeiros.

Um dos desafios apontados pelos interlocutores refere-se à dificuldade de acolhimento de docentes e estudantes estrangeiros na UFC, seja em função da limitação da infraestrutura, seja devido à barreira linguística. Um indicativo de avanço nesse sentido foi a institucionalização do Programa de Apoio à Internacionalização (PAI), ocorrida em 2017. No entanto, gestores da Universidade reconhecem que ainda é necessário avançar para atrair um número maior de estrangeiros.

Nesse contexto, a melhoria da infraestrutura universitária é fundamental para proporcionarmos um ambiente acadêmico inclusivo, que promova integração cultural, acadêmica e social. Estruturas físicas acessíveis, sinalização bilíngue, áreas de convivência e suporte administrativo adequado contribuem para a permanência, o bem-estar e o engajamento dos estudantes estrangeiros, refletindo, por conseguinte, na qualidade das experiências educacionais e na reputação da UFC no cenário global.

Nesse sentido, para melhorar a estrutura de acolhimento aos estrangeiros na UFC, proponho:

1) Criar um Plano de acolhimento institucional para docentes e discentes estrangeiros.

Objetivo: Estruturar ações articuladas de acolhimento físico, cultural e informativo, envolvendo múltiplos setores da universidade.

Meta(s): Elaborar, até o final do próximo ano, um Plano Institucional de Acolhimento ao Estrangeiro, com protocolos para recepção, apoio em saúde, moradia, transporte, comunicação e integração cultural.

Indicador(es): Documento final aprovado.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER e PRPPG.

2) Elaborar e disponibilizar, em formato digital e impresso, um Guia de Acolhimento Trilíngue.

Objetivo: Facilitar a adaptação dos visitantes internacionais com informações básicas sobre a universidade, cidade, transporte, serviços de saúde, cultura e contatos úteis.

Meta(s): Publicar, até o fim do próximo semestre, um guia trilíngue (PT-EN-ES), com versão digital acessível e versão impressa para entrega presencial.

Indicador(es): Guia publicado nos três idiomas.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER e PRPPG.

3) Ampliar o número de bolsistas do Programa de Apoio à Internacionalização (PAI).

Objetivo: Fortalecer o PAI, garantindo maior cobertura no acolhimento de estudantes estrangeiros, integração intercultural e formação cidadã dos estudantes da UFC.

Meta(s):

- Ampliar, até o final do próximo ano, em pelo menos 50% o número de bolsistas ativos do PAI, em relação ao número atual;
- Garantir a presença de bolsistas do PAI em todos os *campi* que recebem estudantes estrangeiros, assegurando cobertura institucional multicampi.

Indicador(es):

- Número de bolsistas ativos no PAI por semestre;
- Cobertura territorial do PAI (número de campi com bolsistas atuando).

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER.

4) Planejar e construir uma residência para docentes e estudantes estrangeiros na UFC.

Objetivo: Garantir condições adequadas de moradia e acolhimento para estudantes e docentes estrangeiros.

Meta(s):

- Incluir a construção da residência no Plano Plurianual de Investimentos (PPI) da UFC e buscar financiamento junto a fontes federais (MEC, Capes, Emendas Parlamentares) e parcerias estratégicas;
- Iniciar as obras da residência até o segundo ano de planejamento, com previsão de capacidade mínima para 30 residentes, entre estudantes e docentes.

Indicador(es):

- Inclusão da obra no Plano Plurianual ou em proposta de financiamento institucional;
- Início da obra da residência internacional.

Responsável: Superintendência de Infraestrutura (UFC Infra)

9.3.9 - Proposições para uma maior interlocução entre a PROINTER e a comunidade acadêmica.

A proposta de ações voltadas à aproximação entre a PROINTER e a comunidade acadêmica surge a partir do diálogo com os interlocutores. Um exemplo é o relato de Andile, estudante de doutorado no PPGS, que apontou a ausência de atividades relacionadas à Semana da África na UFC, bem como os depoimentos de alguns docentes acerca das dificuldades de comunicação com a PROINTER, possivelmente decorrentes da insuficiência de servidores na unidade para atender a todas as demandas da área.

Nesse sentido, entendemos que a ampliação do diálogo com a comunidade acadêmica é fundamental para assegurar que as políticas e ações de internacionalização da Universidade sejam construídas de forma participativa, contemplando as necessidades e expectativas de estudantes, docentes e técnicos-administrativos. Uma comunicação mais próxima e contínua permite identificar desafios, oportunidades e demandas específicas, promovendo maior transparência e engajamento nos processos decisórios e fortalecendo a integração institucional e os resultados da internacionalização da Universidade.

Nesse sentido, considerando a necessidade de uma aproximação mais efetiva com a comunidade acadêmica, por meio de atividades participativas, orientações sobre mobilidade acadêmica, entre outros, proponho como ações:

1) Criar um calendário anual de eventos na área de internacionalização, como o Seminário de Internacionalização, Semana da África, envolvendo a participação de docentes, técnicos administrativos e discentes.

Objetivo: Consolidar uma agenda permanente de eventos sobre internacionalização na UFC, promovendo espaços de formação, diálogo intercultural e participação ativa de docentes, técnicos e estudantes**.**

Meta(s): Elaborar, até o final do semestre, um calendário anual de eventos de internacionalização, com participação de diferentes setores da universidade e diversidade temática (ex: África, América Latina, mobilidade, línguas, descolonização, parcerias).

Indicador(es): Publicação oficial dos eventos no calendário universitário.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER.

2) Criar um canal digital interativo para orientação da comunidade acadêmica, que funcione com eficiência.

Objetivo: Oferecer um espaço digital centralizado, interativo e atualizado com informações sobre mobilidade, editais, depoimentos de ex-participantes e perguntas frequentes.

Meta(s): Lançar o canal até o final do próximo semestre, com atualizações mensais e espaço para envio de dúvidas.

Indicador(es): Existência do canal criado: Sim/Não**.**

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER e Superintendência de Tecnologia da Informação (STI).

3) Instituir um Agente de Internacionalização em cada unidade acadêmica, capacitado para prestar orientação e informações e orientação aos docentes e discentes.

Objetivo: Descentralizar e fortalecer a política de internacionalização da UFC.

Meta(s):

- Designar, até o final do próximo ano, um agente de internacionalização em todas as unidades acadêmicas da UFC, com apoio da SEINTER e da direção local;

- Realizar, anualmente, pelo menos 2 capacitações institucionais com os agentes designados;
- Criar um canal de comunicação institucional entre a SEINTER e os agentes, para alinhamento, compartilhamento de boas práticas e disseminação de informações.

Indicador(es):

- Percentual de unidades acadêmicas com agente de internacionalização designado;
- Número de capacitações realizadas por ano com os agentes;

Grau de participação dos agentes nas ações institucionais (presença em reuniões, formações, apoio a eventos).

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER.

4) Criar um projeto de extensão voltado à formação de técnicos administrativos para Internacionalização

Objetivo: Capacitar os servidores técnicos administrativos para atuarem de forma qualificada e estratégica, por meio de oferta de um curso que envolva conteúdos como conversação em língua estrangeira, interculturalidade, cooperação internacional, diplomacia universitária etc.

Meta(s): Implementar o programa de extensão até 2026, com a capacitação de técnicos administrativos, sobretudo secretários de cursos de pós-graduação

Indicador(es): Percentual de técnicos administrativos capacitados em relação ao total do público-alvo.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER.

9.3.10 - Proposições para a padronização dos processos de gestão da internacionalização da UFC

A proposição de ações voltadas à padronização de processos de gestão da internacionalização da UFC surge não somente do diálogo com os interlocutores, mas de minha própria vivência como servidora na Universidade. Em conversa com Ivo, ex-estudante da UFC e criador do PAI, ele relata que um dos maiores desafios da UFC é a padronização de seus procedimentos de internacionalização, algo que pude vivenciar na prática em dois momentos em que precisei orientar docentes sobre a formalização de convênios com instituições estrangeiras. Nessa ocasião, precisei recorrer à Universidade de São Paulo (USP) a fim de obter um modelo de convênio internacional, já que a UFC não disponibiliza em sua página institucional.

Diante do exposto, compreendemos que a padronização dos processos de internacionalização na UFC, de forma clara e uniforme, é fundamental para garantir eficiência, transparência e consistência na implementação de políticas de cooperação institucional. Com a finalidade de padronizar esses procedimentos, proponho as seguintes ações:

1) Elaborar e publicar um Manual de Procedimentos da Internacionalização da UFC

Objetivo: Padronizar fluxos, documentos e orientações sobre mobilidade acadêmica, acordos internacionais, acolhimento de estrangeiros, submissão de projetos e outros processos

Meta(s): Publicar, até o final do próximo ano, um manual institucional digital e impresso, validado com a participação da SEINTER, unidades acadêmicas, PRPPG e demais setores envolvidos.

Indicador(es): Manual elaborado e aprovado.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER.

2) Criar um sistema unificado de acompanhamento dos processos de internacionalização.

Objetivo: Centralizar e digitalizar os processos relacionados à internacionalização (ex: mobilidade, acordos, apoio linguístico), permitindo acesso transparente a dados, documentos e tramitações.

Meta(s): Implantar, até o segundo ano, uma plataforma institucional online de gestão da internacionalização, integrada ao SIGAA ou sistema próprio, com acesso para SEINTER, PPGs, unidades e estudantes.

Indicador(es): Sistema implantado.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER e Superintendência de Tecnologia da Informação (STI).

3) Criar um repositório institucional de documentos e modelos padronizados.

Objetivo: Disponibilizar, em um único local, modelos atualizados de documentos (termos de compromisso, minutas de acordo, formulários, planos de atividades, etc.) para uso por docentes, técnicos e discentes.

Meta(s): Lançar o repositório até o próximo semestre, com acesso público via site da SEINTER e atualização semestral.

Indicador(es): Repositório criado.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/SEINTER, Superintendência de Tecnologia da Informação (STI) e Biblioteca Universitária.

4) Atualizar o portal da PROINTER, na área "Internacional" para disponibilizar informações sobre procedimentos para realização de mobilidade acadêmica e convênios internacionais, bem como disponibilizar minutas de Acordos, Convênios e Protocolos de Intenções em português, inglês e espanhol para preenchimento.

Objetivo: Orientar a comunidade acadêmica e padronizar a formalização de parcerias internacionais por meio da disponibilização de informações sobre procedimentos para realização mobilidade acadêmica e convênios internacionais, bem como de minutas

trilingues (português, inglês e espanhol) de Acordos, Convênios e Protocolos de Intenções no portal da PROINTER.

Meta(s):

- Disponibilizar no portal da PROINTER até o final do semestre informações atualizadas para formalização de convênios e mobilidade acadêmica, bem como modelos de documentos (Acordo de Cooperação, Convênio e Protocolo de Intenções) em português, inglês e espanhol.
- Divulgar a existência dos modelos trilingues à comunidade acadêmica.

Indicador(es): Portal atualizado até o final do semestre.

Responsável: Coordenadoria de Internacionalização/ SEINTER.

9.4 Notas Finais: lições para o momento e o porvir

As discussões e proposições aqui apresentadas não se configuram apenas como medidas administrativas ou técnicas, mas como gestos político-pedagógicos que refletem a compreensão da universidade como um espaço de diálogo, convivência e construção coletiva do conhecimento.

Inspiradas na perspectiva freiriana, essas iniciativas buscam não somente "sulear" ou descolonizar a internacionalização universitária, mas humanizar os processos de internacionalização, reconhecendo que cada decisão da gestão institucional repercute na vida de estudantes, docentes e técnicos administrativos, e pode promover solidariedade, participação e a expansão de horizontes acadêmicos. Nesse sentido, em vez de ser utilizada como um instrumento para exercício de um poder simbólico para manutenção da colonialidade, a internacionalização pode ser utilizada como um instrumento para diminuir as assimetrias de poder e para descolonizar saberes.

Para descolonizar os saberes, a universidade e as políticas públicas e institucionais, como nos ensinou Mbembe (2023), é necessário fundar um outro paradigma de gestão universitária, distanciado da pedagogia do mercado, priorizando o acolhimento, a inclusão e o respeito à diversidade cultural, promovendo solidariedade e cuidado, princípios centrais na pedagogia de Paulo Freire. A gestão institucional e essa

outra prática pedagógica não podem caminhar separadas.

Desse modo, fortalecer a internacionalização universitária não significa apenas abrir portas para o mundo, mas transformar o conhecimento em ponte que conecta conhecimentos, culturas, ideias, instituições e pessoas, promovendo uma educação superior mais solidária, inclusiva, humanizadora, regionalizada e, por conseguinte, na contra hegemonia da perspectiva global.

A partir do conhecimento produzido nesta pesquisa etnográfica, construído a partir de reflexões coletivas com a comunidade acadêmica da UFC, compreendemos que a internacionalização universitária pode ser definida como um processo crítico, construído dialogicamente, tendo como objetivos a superação das marcas colonialidade do poder, do saber e do ser no mundo, o incentivo à pluralidade epistêmica e o desenvolvimento de uma educação intercultural, reafirmando a universidade como uma comunidade de aprendizagem comprometida com a construção de um mundo mais justo, equitativo e solidário.

Partindo da concepção de que a educação superior é uma construção coletiva, fortalecedora do espírito de comunidade, devendo ser humanizadora e fomentadora de solidariedade (Freire, 2021b), findamos aqui reafirmando o desejo utópico de construirmos pedagogias de solidariedade não somente na UFC, mas em outras universidades latino-americanas e do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> "Não podemos renunciar à luta pelo exercício de nossa capacidade e de nosso direito de *decidir* e de *romper*, sem o que não reinventamos o mundo" (Freire, 2001, p. 23).

Nesta tese, analisamos as trajetórias i da política de internacionalização da UFC, a partir dos discursos, práticas e experiências de gestores, docentes e discentes envolvidos com esse processo na Universidade por meio de uma etnografia institucional. Para tanto, investigamos os fundamentos epistemológicos e as dinâmicas políticas que orientam a política de internacionalização da educação superior brasileira; analisamos

como a política de internacionalização é instituída em distintos contextos políticos-institucionais; buscamos compreender como a política de internacionalização é compreendida e ressignificada pelos sujeitos na UFC; e apresentamos proposições para o processo de internacionalização da UFC, incluindo possibilidades de uma internacionalização própria e decolonial.

O percurso teórico-metodológico, inspirado na trajetória institucional de uma política desenvolvida por Gussi (2008), na etnografia institucional de Smith (2005) e na análise de situações sociais, de Gluckman (1987), bem como nas leituras decoloniais de autores como Quijano, Grosfoguel, Spivak, Fals Borda e principalmente Paulo Freire, possibilitou um (re)pensar sobre a internacionalização universitária que respeita a complexidade das relações sociais e institucionais e possibilita construir pedagogias outras de internacionalização.

A escolha pela etnografia do processo de internacionalização da UFC possibilitou captar contradições, conflitos e dinâmicas que atravessam a prática das políticas na Universidade e viabilizou caminhos possíveis que permitem escutar e valorizar as vozes e experiências dos sujeitos envolvidos e compreender as variadas dimensões que circunscrevem a internacionalização universitária.

Etnografar o processo de internacionalização da UFC implicou em pensar não somente na política institucional, mas desvelar políticas governamentais, relações de poder assentadas na colonialidade, o racismo entranhado em nossas instituições, a exploração e expropriação de saberes, a posição periférica do Brasil e da América Latina na divisão internacional do trabalho, que nos mantém como exportadores da mercadoria "conhecimento".

Em busca de compreender os discursos, práticas e experiências de gestores de políticas públicas, de docentes e discentes, analisamos situações sociais desenvolvidas em evento promovido pela UNESCO e pela CAPES e no âmbito da Gestão Universitária, abrangendo a gestão de dois reitores da UFC no período de 2021 a 2025, além de duas áreas de conhecimento distintas: o Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), vinculado ao Centro de Humanidades e do Grupo de Pesquisa em Telecomunicações (GTEL), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Teleinformática (PPGETI) do Centro de Tecnologia, o que nos possibilitou conhecer como a

internacionalização é praticada no ensino e na pesquisa em duas áreas de conhecimento distintas.

Além disso, no decorrer do trabalho etnográfico, conhecemos a história do Programa de Apoio à Internacionalização (PAI), criado por um estudante de graduação a partir de sua vivência com alunos estrangeiros na UFC e de sua experiência durante a mobilidade acadêmica na Alemanha. A partir do PAI, foi possível compreender como a internacionalização pode ser praticada na extensão universitária, contribuindo para a prática da interculturalidade e suprindo uma demanda institucional.

Por meio dessas análises, apresentamos como a internacionalização é instituída por organismos internacionais como a UNESCO, pelas agências de fomento, como a CAPES e o CNPq, pela gestão da Universidade e como ela atravessa o tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão. Essas análises evidenciaram que a internacionalização não pode ser compreendida apenas como um conjunto de estratégias voltadas à inserção da universidade em *rankings*, indicadores ou cooperações formais, mas sim como um campo de disputas simbólicas de poder e estabelecimento de capital (político, econômico, cultural), mas também permeado por ideias, relações, saberes, afetos e solidariedades que atravessam o cotidiano universitário.

Ao investigar a UFC por dentro, por meio da escuta atenta de gestores, servidores docentes e técnicos e estudantes, além da análise de documentos, eventos e espaços institucionais, foi possível observar uma pluralidade de pensamentos e práticas de internacionalização, algumas invisibilizadas pelos discursos oficiais. Mais do que uma política homogênea e tecnicamente planejada, o que se revela é uma política viva, tensionada por assimetrias históricas, desigualdades estruturais e por diferentes visões de mundo.

A internacionalização institucional ainda é, majoritariamente, marcada pela lógica do Norte Global: tanto na escolha das línguas de circulação, dos parceiros institucionais, das métricas de avaliação quanto nos modelos de excelência acadêmica. Esta hegemonia, como discutido ao longo da tese, reproduz formas de colonialidade do saber que insistem em hierarquizar conhecimentos, práticas e sujeitos, as quais ensejam formas contra hegemônicas de internacionalização, tensionando esta hegemonia.

No âmbito da internacionalização acadêmica, foi possível conhecer distintas pedagogias de internacionalização, com modos de pensar, fazer e aprender a internacionalização. Apesar de reproduzir o discurso institucional, em que predomina a lógica colonial, identificamos no campo acadêmico resistências que constroem outras formas de internacionalização, como iniciativas de cooperação Sul-Sul, programas como o PAI, um projeto de extensão com enfoque intercultural, experiências de acolhimento horizontal e movimentos de afirmação identitária e epistêmica que se contrapõem a esse modelo dominante.

A tese evidencia a necessidade de superar a ideia de que internacionalizar é apenas firmar acordos, enviar alunos para fora ou receber visitantes de forma pontual. Internacionalizar, em sua dimensão mais profunda, é questionar para quem e para que serve a universidade, e com quais epistemologias ela dialoga; significa reconfigurar currículos, práticas pedagógicas, formas de acolhimento, políticas linguísticas, estratégias de comunicação e, sobretudo, relações de poder.

A UFC, ao buscar se internacionalizar, poderia, como uma possibilidade, reconhecer sua própria diversidade interna, sua potência enquanto universidade pública brasileira do Nordeste e sua responsabilidade histórica na construção de um projeto de internacionalização regionalizado, solidário, simétrico, plural, democrático e transformador.

A proposta de uma internacionalização decolonial, articulada ao fortalecimento das cooperações Sul-Sul, à valorização dos saberes periféricos, ao acolhimento com escuta e à formação crítica, aponta caminhos possíveis para uma política que não apenas responda a demandas externas, mas que seja parte de um projeto de universidade socialmente referenciada. Nesse sentido, a UFC tem muito a contribuir e a aprender com os países e instituições do Sul Global, em relações construídas não com base na hierarquia, mas na solidariedade, no diálogo e na partilha.

A tese me leva a pensar que a institucionalização de práticas de internacionalização não deve ocorrer de forma alheia às necessidades e demandas da comunidade universitária. Nesse sentido, a construção de uma proposta coletiva, a partir da escuta dos sujeitos, para uma política contra hegemônica é um dos principais resultados desta tese. O que pensam, sentem, esperam e constroem os gestores,

professores, estudantes e técnicos administrativos é fundamental para que a internacionalização não seja um processo elitista, descolado das realidades locais ou refém de interesses globais impostos pela pedagogia do mercado, como denominou Freire (2021).

Ao longo da pesquisa, fui atravessada não somente por descobertas e reflexões, mas também por sentimentos que são próprios do fazer etnográfico. Encontrei, em alguns contextos, portas fechadas, em outros portas abertas e precisei, ao longo do processo, encontrar estratégias metodológicas para adentrar por essas portas e para lidar com os desafios.

Como resultado deste percurso etnográfico, construí, a partir das observações e diálogos com os interlocutores, proposições concretas de ações, objetivos, metas e indicadores (qualitativos e quantitativos) que podem contribuir para o aperfeiçoamento da política institucional de internacionalização da UFC. Essas proposições, longe de pretenderem encerrar o debate, devem ser entendidas como pontos de partida para diálogos coletivos, abertos e permanentes. A construção de uma universidade verdadeiramente internacionalizada exige coragem institucional para reconhecer desigualdades, disposição para enfrentar as heranças coloniais e compromisso com uma educação verdadeiramente emancipatória.

Ao final desta "viagem", posso afirmar que, para além de propor transformações no processo de internacionalização da UFC, eu mesma saí transformada: conheci melhor a universidade onde trabalho desde 2011, aprendi a ver o mundo acadêmico a partir de outras lógicas culturais, abandonei certezas, conheci pesquisadores exemplares, aprendi na prática conceitos da Antropologia como etnocentrismo, relativismo cultural e alteridade, mudei a minha forma de ser e estar no mundo, mais crítica, mais compromissada com a minha realidade social e com o meu lugar de pertencimento.

Afinal, como me ensinou Freire (2021), sou minha linguagem, sou minha comida, sou meu clima, sou cearense, sou brasileira, sou latino-americana, cidadã do mundo. A prática etnográfica foi, assim, um processo de formação humana para mim, um exercício intelectual e pessoal que transformou minha forma de perceber o cotidiano, a educação e até a mim mesma.

Retorno à mesma realidade de onde parti como novos olhares, enriquecida por ter vivenciado tantas experiências, por ter conhecido tantas histórias e pessoas. Retorno, também, com outras questões a serem aprofundadas em pesquisas posteriores:

a) No campo das políticas públicas, quais serão os desdobramentos da nova política das agências de fomento do governo Lula (2023-2027), que busca fortalecer a cooperação Sul-Sul, para afirmar a cultura de internacionalização da UFC?

b) No campo da avaliação, como o novo modelo de avaliação da CAPES, para o quadriênio 2025-2028, afetará a trajetória da política de internacionalização das universidades, e mais especificamente da UFC?

c) No campo dos estudos antropológicos sobre elites, por que pesquisadores situados no Norte Global voltam seus estudos para a região da América Latina? Será que não é chegado o momento de fazermos o caminho inverso, buscando compreender o pensamento da elite intelectual do Norte a partir do Sul?

Diante dessas ponderações, reforço a convicção de que a política, como a vida da gente, é um constante "vir a ser" (Gussi, 2008), um processo em constante construção, marcado por variadas dimensões políticas, econômicas, geopolíticas, culturais, territoriais, conformando distintas trajetórias. Isso encaminha para que a Universidade Federal do Ceará, como utopia, possa reconhecer essas tantas trajetórias que marcam esta instituição e venha, como possibilidade, assumir o desafio de traçar uma política de internacionalização com criticidade e coragem, afirmando a função social da educação pública e produzindo conhecimento no Ceará, a partir do Sul, com o Sul e para o mundo.

REFERÊNCIAS

A FULBRIGHT nos EUA, no Brasil e no mundo. Fulbright Brasil, s.d, 2025. Disponível em: https://fulbright.org.br/quem-somos/#:~:text=A%20Fulbright%20oferece%20bolsas%20de,da%20pesquisa%20e%20do%20conhecimento. Acesso em 25 fev. 2025.

ABBA, Maria Julieta. **Límites y potencialidades para el desarrollo de una internacionalización de la educación superior necesaria**: estudio de caso de la UNILA (Brasil) y la ELAM (Cuba). Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2018.

ABRANTES, Carla Susana Alem. Reunidos na universidade: projetos nacionais, alteridade e as mediações da antropologia. **Etnográfica** [Online], 27(1), 2023. Disponível em: https://journals.openedition.org/etnografica/13140#quotation . Acesso em 17 jul. 2025.

ABRANTES, Carla Susana Alem. **Os futuros portugueses**: um estudo antropológico sobre a formação de especialistas coloniais para Angola (1950-1960). 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2022.

AGIER, Michel. **Encontros etnográficos**. São Paulo: UNESP, 2015.

AGOSTINI, Renata. MEC cortará verba de universidades por "balbúrdia"e já enquadra UnB, UFF e UFBA. **O Estado de São Paulo**, 30 de abril de 2019. Disponível em https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579 Acesso 25 ago 2022.

AGUIAR, Ítalo Cavalcante (et al.). A Fase de Pré-Institucionalização do Programa de Apoio ao Intercambista (PAI) e os entraves à sua objetivação. **Revista Alcance**, vol. 25, núm. 3, pp. 315-329, 2018. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/4777/477758863003/html/ Acesso em: 17 abr. 2025.

AGUIAR, Monique Florêncio de. "Querem Destruir": Entre "Cortes" e "Ingerências", o "Esvaziamento" das Instituições de Fomento do MCTI. In: **Assédio institucional no Brasil [livro eletrônico]**: avanço do autoritarismo e descontrução do Estado / organização José Celso Cardoso Junior [et al.]. - Brasília, DF: Associação dos Funcionários do Ipea: EDUEPB, 2022.PDF.

ALMEIDA. Gabriela. Palestra na UFC sobre conflito palestino-israelense termina em tumulto. **Jornal O Povo**, 31 de outubro de 2024. Disponível em: https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2024/10/31/palestra-na-ufc-sobre-conflito-palestino-israelense-termina-em-tumulto.html Acesso em: 11 abr. 2025.

ALTBACH, Philip G. **Globalization and the University**: Myths and Realities in an Unequal World. Tertiary Education and Management, n. 1, s/p, 2004.

ANDRADE, Robson Braga de. Reversão da desindustrialização é crucial para o Brasil crescer de forma sustentável. **Agência de Notícias da Indústria**, 21 de outubro de 2022. Disponível em: https://noticias.portaldaindustria.com.br/artigos/robson-braga-de-andrade/reversao-da-desindustrializacao-e-crucial-para-o-brasil-crescer-de-forma-sustentavel/ Acesso em 31 mar. 2025.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS. Edital de Seleção de Propostas do Programa ANPOCS-FULBRIGHT. **ANPOCS**, 19 de outubro de 2021. Disponível em: https://fulbright.org.br/wp-content/uploads/2021/10/EDITAL-ANPOCS-versao-final_07Set-merged-compressed-1.pdf Acesso em: 18 mar. 2025.

ARIAS, Patrício Guerreiro. **Corazonar una antropologia comprometida com la vida**: Miradas otras de de Abya-Yala para la decolonización del poder, del saber y del ser. Universidad Politécnica Salesiana del Ecuador, Ediciones ABYA-YALA: Quito, Ecuador, 2010.

ASSOCIAÇÃO DE UNIVERSIDADES DO GRUPO DE MONTEVIDÉU. **Apresentação.** Montevidéu: AUGM, 2025. Disponível em: https://grupomontevideo.org/site/institucional/presentacion/ Acesso em: 18 mar. 2025.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. Rev. Bras. Ciênc. Polít., 2013 (11), maio 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/abstract/?lang=pt# Acesso em 22 jan. 2023.

BECKER, Howard. De que lado nós estamos. **Uma Teoria da Ação Coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

BECKER, Howard; HOROWITZ, Irving Louis. Política Radical e Pesquisa Sociológica: Observações sobre Metodologia e Ideologia. **Uma Teoria da Ação Coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

BENEITONE, Pablo. Internacionalización del currículo: una respuesta democratizadora a las desigualdades resultantes de la movilidad académica elitista. **Revista Educación Superior y Sociedad**, 34(1), 422-444, 2022.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** Lembranças de Velhos. São Paulo: Edusp, 1987.

BOURDIEU, Pierre. As formas de capital. In: RICHARDSON, J. (org.). **Manual de Teoria e Pesquisa para a Sociologia da Educação**. Nova York: Greenwood, 1986. p. 241-258.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral.** (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo:** metodologia da pesquisa na sociologia (8a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BRASIL. **Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de regulamentação do Programa Ciência sem Fronteiras e de anúncio de chamadas públicas para bolsas de estudo no exterior** [áudio]. Brasília, 2011a. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-regulamentacao-do-programa-ciencia-sem-fronteiras-e-de-anuncio-de-chamadas-publicas-para-bolsas-de-estudo-no-exterior-brasilia-df. Acesso em 24 jan. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 7642, de 13 de dezembro de 2011**. Institui o Programa Ciência sem Fronteiras. Brasília, DF: Casa Civil, 2011b. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7642.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%207.642%2C%20DE%2013,que%20lhe%20confere%20o%20art. Acesso em: 23 jan. 2023.

BRASIL. **Portaria Interministerial nº 01, de 09 de janeiro de 2013**. Brasília, DF, jan, 2013. Disponível em: http://csf-adm.cienciasemfronteiras.gov.br/documents/214072/5058435/MEC_MCTI_temas+prioritarios_Csf.pdf Acesso em 09 out. 2022.

BRASIL. Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática: Programa Ciência sem Fronteiras. **Relatório nº 21- CCT, 2015**. Brasília, Senado Federal, 2015. Disponível em: http://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=3789268&disposition=inline. Acesso em: 03 dez. 2022.

BRASIL. **Portaria nº 220, de 03 de novembro de 2017**. Institui o Programa Institucional de Internacionalização de Instituições de Ensino Superior e de Institutos de Pesquisa do Brasil e dispõe sobre as diretrizes gerais do Programa. Brasília, DF, CAPES, 2017. Disponível em: http://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=156#anchor Acesso em: 23 out. 2022.

BRASIL. Portal da Transparência da Controladoria-Geral da União. **Ciência sem Fronteiras.** Brasília, DF: CGU, 2018. Disponível em: https://portaldatransparencia.gov.br/programas-de-governo/08-ciencia-sem-fronteiras?ano=2018 Acesso em 28 jan. 2023.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 3076, de 02/06/2020**. Institui o Programa Universidades e Institutos Empreendedores e Inovadores - Future-se. Brasília, DF, 2020. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2254321. Acesso em 13 jan. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 10.889, de 09 de dezembro de 2021**. Regulamenta o inciso VI do caput do art. 5º e o art. 11 da Lei nº 12.813, de 16 de maio de 2013, dispõe sobre a divulgação da agenda de compromissos públicos e a participação de agentes públicos, no âmbito do Poder Executivo federal, em audiências e sobre a concessão de hospitalidades por agente privado, e institui o Sistema Eletrônico de Agendas do Poder Executivo federal - e-Agendas. Brasília, DF, dez, 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/decreto/d10889.htm#:~:text=II%20do%20caput.-,Art.,2013%2C%20e%20por%20este%20Decreto. Acesso em 20 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**. 2023a. Disponível em https://covid.saude.gov.br/ Acesso em 08 jan 2023.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Sobre o Programa PEC-G** (Graduação). Brasília, DF, 2023b. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/cultura-e-educacao/temas-educacionais/programas-de-estudo-para-estrangeiros/pec-g Acesso em 23 jan. 2023.

BRASIL. Lula reajusta bolsas de estudo e pesquisa e reforça: “Educação é o melhor investimento”. **Agência Gov**. 17 de fevereiro de 2023c. Disponível em: https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2023/02/lula-reajusta-bolsas-de-estudo-e-pesquisa-e-reforca-201ceducacao-e-o-melhor-investimento201d Acesso em: 09 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **PDSE muda critérios para comprovação de fluência linguística**. CAPES, 22 de novembro de 2023d. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/pdse-muda-criterios-para-comprovacao-de-fluencia-linguistica#:~:text=A%20CAPES%20alterou%20os%20crit%C3%A9rios,do%20exterior%20que%20receber%C3%A1%20estudante. Acesso em: 05 mar. 2025.

BRASIL. **Decreto nº 11.923, de 15 de fevereiro de 2024.** Dispõe sobre o Programa de Estudantes-Convênio. Brasília, DF: Casa Civil, 2024. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2024/decreto-11923-15-fevereiro-2024-795318-publicacaooriginal-171052-pe.html Acesso em: 04 maio 2025.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Sobre o Programa PEC-G (Graduação).** Brasília, DF, 2025a. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-

br/assuntos/cultura-e-educacao/temas-educacionais/programas-de-estudo-para-estrangeiros/pec-g/sobre Acesso em: 05 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Programas, Projetos e Ações 2024**. CAPES, 03 de fevereiro de 2025b. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/transparencia-e-prestacao-de-contas/programas-projetos-e-acoes/internacionalizacao/programas-projetos-e-acoes/programas-projetos-e-acoes-2024#daad Acesso em: 18 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Portaria nº 74, de 28 de março de 2025**. Institui o Programa Redes para Internacionalização Institucional - CAPES-Global.Edu e dispõe sobre as diretrizes gerais do Programa. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 62, p. 70–71, 1 abr. 2025c. Disponível em: https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=17766. Acesso em: 16 jul. 2025.

BRASIL. Planalto. **Governo lança Plano Brasil Soberano para proteger exportadores e trabalhadores de sobretaxas dos EUA.** Brasília, DF, 13 de agosto de 2025d. Disponível em: https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2025/08/governo-lanca-plano-brasil-soberano-para-proteger-exportadores-e-trabalhadores-de-sobretaxas-dos-eua. Acesso em: 14 set. 2025.

BRAUN, Júlia. Trump x Brics: por que o bloco incomoda tanto o presidente dos EUA? **BBC News Brasil**, 06 de agosto de 2025. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/crevw3j84dlo Acesso em 30 set. 2025.

BRICS. **Sobre o BRICS**. Brasília, DF: BRICS Brasil, s.d. Disponível em: https://brics.br/pt-br/sobre-o-brics. Acesso em: 27 jul. 2025.

BRITO, Renato de Oliveira. **Internacionalização da educação básica e superior:** desafios, perspectivas, experiências. Brasília: Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade; Universidade Católica de Brasília, 2020.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Leia o discurso do presidente Lula na íntegra. **Agência Câmara de Notícias**, 01 de janeiro de 2023. Disponível em: https://www.camara.leg.br/noticias/932450-leia-o-discurso-do-presidente-lula-na-integra/ Acesso em 04 out. 2024.

CAMPOS, Márcio D'Olne. SURear, NORTEar y ORIENTar: puntos de vista desde los hemisferios, la hegemonía y los indígenas. In: SOLANO, X. L. et al (Orgs.). **Prácticas otras de conocimiento(s). Entre crises, entre guerras (Tomo II)**. Chiapas, México: Cooperativa Editorial Retos, 2015.

CARVALHO, Alba Maria Pinho de. **"Tú me ensinas a fazer renda que eu te ensino a namorar": tecendo rendas na descoberta do mundo nosso de cada dia**: reflexões sobre o ofício da pesquisa. 2004. Texto elaborado para discussão com integrantes 226

de movimentos sociais do Curso Análise da Realidade Brasileira a partir de autores brasileiros, [São Luís], 2004.

CARVALHO, Alba Maria Pinho; GUSSI, Alcides Fernando. In: **Perspectivas contemporâneas em Avaliação de Políticas Públicas**. Seminário "Avaliação de Políticas Públicas em Tempos Contemporâneos". Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas. Fortaleza: UFC, 2011 (inédito).

CASTILHO, Sérgio; TEIXEIRA, Carla Costa; SOUZA LIMA, Antônio Carlos de (org.). **Antropologia das práticas de poder**: reflexões etnográficas entre burocratas, elites corporações. Rio de Janeiro: Contra Capa; Faperj, 2014.

CASTRO, Alda Maria Duarte Araújo; MAUÉS, Olgaíses; ANDRADE, Antônia Costa. O cenário da internacionalização em programas de pós-graduação em educação nas regiões Norte e Nordeste (2018-2020). **Revista em Aberto - INEP**, v. 36, p. 117-132, 2023.

CEARÁ. Secretaria do Desenvolvimento Econômico e do Trabalho. **Protagonismo da Economia do Nordeste**. SEDET, 2019. Disponível em https://www.sedet.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/15/2021/07/Protagonismo-da-Economia-do-Nordeste.pdf Acesso em 29 set 2022.

CHADE, Jamil. Censura de Trump atinge projetos no Brasil; ordem veta clima, gênero e raça. **Portal Geledés**, 11 de fevereiro de 2025. Disponível em: https://www.geledes.org.br/censura-de-trump-atinge-projetos-no-brasil-ordem-veta-clima-genero-e-raca/ Acesso em: 18 mar. 2025.

CHAUI, Marilena. A Universidade Operacional. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 4, n. 3, 1999. Disponível em: https://periodicos.uniso.br/avaliacao/article/view/1063. Acesso em: 18 maio. 2023.

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a Universidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

CHAUÍ, Marilena. Apresentação: os trabalhos da memória. In BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHINA: Número de Institutos Confúcio no mundo ascende aos 511. **Diário do Povo Online**, 19 de julho de 2017. Disponível em: http://portuguese.people.com.cn/n3/2017/0719/c309806-9243524.html Acesso em: 15 fev 2025.

CIÊNCIA Sem Fronteiras chega ao fim por falta de dinheiro. **G1,** 04 de abril de 2017. Disponível em: http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2017/04/ciencia-sem-fronteiras-chega-ao-fim-por-falta-de-dinheiro.html. Acesso em: 03 dez. 2022.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. 320p.

COELHO, Maria Cláudia. As emoções e o trabalho intelectual. **Horizontes Antropológicos**, v. 25, n. 54, p. 273–297, maio 2019.

CONFERÊNCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **Declaração CRES+5:** compromisso com a democratização e a universalização da educação superior como um motor de desenvolvimento. Brasília, DF: CRES+5, 2024. Disponível em: https://cres2018mas5.org/pt/2024/04/16/cres5-termina-com-planos-tracados-para-proxima-conferencia/ Acesso em: 24 mar. 2025.

COORDENADORIA DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Programa CAPES/Brafitec**. Brasília, DF: CAPES, 12 de setembro de 2019. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/bolsas-e-auxilios-internacionais/encontre-aqui/paises/franca/programa-capes-brafitec Acesso em: 11 dez. 2024.

COORDENADORIA DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **PDSE muda critérios para comprovação de fluência linguística**. Brasília, DF: CAPES, 22 de novembro de 2023. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/pdse-muda-criterios-para-comprovacao-de-fluencia-linguistica Acesso em 14 abr. 2025.

COORDENADORIA DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Portaria nº 84, de 19 de março de 2024**. Institui o Programa Move La América com a finalidade de complementar os esforços de internacionalização das Instituições de Ensino Superior brasileiras por meio da atração de discentes vinculados a instituições de ensino e pesquisa estrangeiras da América Latina e Caribe. Brasília, DF: CAPES, 21 de março de 2024a. Disponível em: https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=14443#anchor Acesso em: 24 mar. 2025.

COORDENADORIA DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Programa Institucional de Internacionalização – CAPES - PrInt**. Brasília, DF: CAPES, 09 de abril de 2024b. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/bolsas-e-auxilios-internacionais/informacoes-internacionais/programa-institucional-de-internacionalizacao-capes-print Acesso em 12 mar. 2025.

COORDENADORIA DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **CAPES destaca relações com o Sul Global e o Move La América**. Brasília, DF: CAPES, 15 de agosto de 2024c. Disponível em https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/capes-destaca-relacoes-com-o-sul-global-e-o-move-la-america Acesso em 06 out. 2024.

COORDENADORIA DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Probral**. Brasília, DF: CAPES, 10 de dezembro de 2024d. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/bolsas-e-auxilios-internacionais/encontre-aqui/paises/alemanha/probral Acesso em 11 dez. 2024.

COORDENADORIA DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR**. Resultado final dos aprovados no Edital nº 07/2024 – Programa Move La América.** Brasília, DF: CAPES, 2024e. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/resultados-dos-editais/20122024_Lista_Listagem_2515536_Resultado_Final___Move_la_America_1812.pdf. Acesso em: 24 mar. 2025.

COORDENADORIA DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Programa CAPES/Cofecub**. Brasília, DF: CAPES, 09 de abril de 2025a. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/bolsas-e-auxilios-internacionais/encontre-aqui/paises/franca/cofecub Acesso em: 11 dez. 2024.

COORDENADORIA DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Programa CAPES-Global.Edu.** CAPES, 15 de abril de 2025b. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/bolsas-e-auxilios-internacionais/encontre-aqui/paises/multinacional/programa-capes-global.edu Acesso em: 04 maio 2025.

COORDENADORIA DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Programa de Doutorado-sanduíche no Exterior (PDSE).** Brasília, DF: CAPES, 13 de maio de 2025c. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/bolsas-e-auxilios-internacionais/encontre-aqui/paises/multinacional/programa-de-doutorado-sanduiche-no-exterior-pdse Acesso em 14 abr. 2025.

COORDENADORIA DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Edital do Programa CAPES Global.edu é publicado**. Brasília/DF: CAPES, 14 jul. 2025d. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/edital-do-programa-capes-global-edu-e-publicado . Acesso em: 16 jul. 2025.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Edital nº 13/2025** – **Programa Redes para Internacionalização Institucional – CAPES-Global.edu.** Brasília, 15 jul. 2025e. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/editais/14072025_Edital_2636183_SEI_2634820_Edital_N__13_2025.pdf . Acesso em: 16 jul. 2025.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Chamada Pública MCTI/CNPq nº 16/2024 - Apoio a Projetos Internacionais de Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação**. Brasília, DF: CNPq, 19 de junho de 2024a. Disponível em: http://memoria2.cnpq.br/web/guest/chamadas-publicas?p_p_id=resultadosportlet_WAR_resultadoscnpqportlet_INSTANCE_0ZaM&filtro=abertas&detalha=chamadaDivulgada&idDivulgacao=12085 Acesso em 06 out. 2024.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Portaria CNPq nº 1708, de 09 de abril de 2024.** Brasília, DF: CNPQ, 09 de abril de 2024b. Disponível em: http://memoria2.cnpq.br/web/guest/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/21594631 Acesso em 22 mar. 2025.

COSTA, Maria Luiza Calim de Carvalho. O mapa de ponta-cabeça. **Anais do World Congress on Communication and Arts**. São Paulo, 17 a 20 de abril. 2011. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/134669/ISSN2317-1707-2011-01-01-193-197.pdf. Acesso em: 24 nov. 2024.

DE WIT, Hans. Internationalization in higher education: a critical review. **SFU Educational Review**, v. 12, n. 3, p. 9-17, Dec. 2019.

DIDOU AUPETIT, Sylvie. La internacionalización de la educación superior en América Latina : transitar de lo exógeno a lo endógeno. **Cuadernos de Universidades**; Vol. 1. Cidade do México: UDUAL, 2017.

DOUGLAS, Mary. **Como as Instituições Pensam**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

DOURADO, Carina. Fuga de cérebros, a diáspora de cientistas brasileiros. **Empresa Brasileira de Comunicação (EBC)**, 30 de abril de 2023. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-04/fuga-de-cerebros-diaspora-de-cientistas-brasileiros Acesso em: 03 maio 2025.

DUPRAT, Débora. Gênese e Funcionamento do Governo Bolsonaro e o Assédio Institucional no Brasil. In: **Assédio institucional no Brasil** [livro eletrônico]: avanço do autoritarismo e descontrução do Estado / organização José Celso Cardoso Junior...[et al.]. -- Brasília, DF : Associação dos Funcionários do Ipea: EDUEPB, 2022.PDF.

ENCONTROS UNIVERSITÁRIOS 2021 UFC. **Palestra: Oportunidade de estudos nos Estados Unidos**. YouTube, 01 de dezembro de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3-_MepWiir8&t=2324s Acesso em 12 maio 2025.

ENCONTROS UNIVERSITÁRIOS 2021 UFC. **Palestra: Oportunidade de estudos no Canadá**. YouTube, 02 de dezembro de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ne1Z-IFlxj8 Acesso em 12 maio 2025.

ESTUDANTES da UFC bloqueiam acessos à reitoria e Av. da Universidade em ato contra novo reitor. **Diário do Nordeste**, 23 de agosto de 2019. Disponível em: https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/estudantes-da-ufc-bloqueiam-acessos-a-reitoria-e-av-da-universidade-em-ato-contra-novo-reitor-1.2139603 Acesso em 16 jun. 2023.

FACULDADE DE DIREITO DO CEARÁ. Embaixada Acadêmica Clóvis Beviláqua. In: **Revista da Faculdade de Direito do Ceará**, vol III, 1949. III. Editora Instituto do Ceará: Fortaleza, 1949.

FALS BORDA, Orlando. Ciencia Propia y Colonialismo Intelectual. Bogotá: Editorial Oveja Negra, 1971.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

FAUBAI. Associação Brasileira de Educação Internacional. **Carta aberta aos reitores e reitoras e aos responsáveis pelas Relações Internacionais das Instituições de Ensino Superior Associadas à FAUBAI**. FAUBAI, 14 de julho de 2021. Disponível em: https://faubai.org.br/wp-content/uploads/2021/07/FAUBAI-Carta-Aberta-Open-Letter-PT-EN.pdf Acesso em 28 nov. 2023.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de campo (USP)**, São Paulo, n. 13, p.155-61, 2005.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO CEARÁ. Por uma nova Universidade Federal do Ceará. In: **Publicação do Sistema Federação das Indústrias do Estado do Ceará**. FIEC, 2020. Ano XIII, nº 136, Set 2020, p.44-52.

FINARDI, Kyria Rebeca. As línguas e rankings no Oscar da internacionalização das produções científicas latino-americanas: Languages and Oscar rankings of the internationalization of Latin American scientific productions. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, [S. l.], v. 51, n. 1, p. 147–161, 2022. DOI: 10.21165/el.v51i1.3180. Disponível em: https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3180. Acesso em: 4 mar. 2025.

FORTE, Vinícius Limaverde. As tensões eurocêntricas no pensamento de Mariátegui e os dilemas da constituição do marxismo na América Latina. **Revista de Estudos Antiutilitaristas e Poscoloniais - REALIS**, v.7, n. 01, Jan-Jun. 2017. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/realis/article/view/15220 Acesso em: 24 nov. 2024.

FREIRE, Paulo. **A África ensinando a gente:** Angola, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Solidariedade**. 4 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 67ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 75 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14. ed. rev. atual. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **À Sombra dessa Mangueira.** Ed. Olho d'Água: São Paulo, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREITAS NETO, José Alves de. A reforma universitária de Córdoba (1918): um manifesto. **Revista Ensino Superior UNICAMP**, 2011. Disponível em: https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/a-reforma-universitaria-de-cordoba-1918-um-manifesto. Acesso em: 09 fev. 2025.

FUNDAÇÃO CEARENSE DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO TECNOLÓGICO. **Programa de Cooperação Internacional**. FUNCAP, 2025. Disponivel em: https://www.funcap.ce.gov.br/programa-de-cooperacao-internacional/ Acesso em: 21 mar. 2025.

GACEL-ÁVILA, Jocelyne. **Educación superior, internacionalización e integración en América Latina y el Caribe: balance regional y prospectiva**. Caracas: UNESCO – IESALC; Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2018. (Colección CRES 2018).

GACEL-ÁVILA, Jocelyne. **La internacionalización de la educación superior:** paradigma para una Educación Global. Guadalajara, México: CUSCH-Universidad de Guadalajara, 2003.

GARCIA, Márcia Monalisa de Morais Sousa. **Trajetórias da Internacionalização da Universidade Pública**: avaliação do Programa Ciência sem Fronteiras à luz da experiência da Universidade Federal do Ceará. 2020. 223f. Dissertação. (Mestrado

Profissional em Avaliação de Políticas Públicas). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

GARCIA, Márcia Monalisa de Morais Sousa; GUSSI, Alcides Fernando. Hegemonias e Disputas da Internacionalização da Universidade sob a Égide do Neoliberalismo: olhares sobre as políticas de internacionalização da educação superior no Brasil (2011 a 2021). In: **X Jornada Internacional de Políticas Públicas** (X JOINPP), 2021, Virtual. Anais da X Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2021.

GARCIA, Márcia Monalisa de Morais Sousa; GUSSI, Alcides Fernando. Reflexões acerca do desenho das políticas de internacionalização das universidades brasileiras à luz da colonialidade do saber. In: Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas, 2023, Minas Gerais. **Anais do Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas**, volume 5, 2023, 2023. v. 5. p. 1-22.

GARCIA, Márcia Monalisa de Morais Sousa; CORDEIRO, Camila de Souza; GUSSI, Alcides Fernando. Avaliando a trajetória institucional do Programa Ciência sem Fronteiras na Universidade Federal do Ceará a partir da experiência dos sujeitos. **Anais do Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas - ENEPCP**, volume 5, 2023. Disponível em: https://anepecp.org/ojs/index.php/br/article/view/66 Acesso em 27 nov. 2024.

GARCIA, Márcia Monalisa de Morais Sousa; GUSSI, Alcides Fernando. Discutindo a internacionalização das universidades latino-americanas e caribenha: uma análise a partir da Reunião de Acompanhamento da Conferência Regional de Educação Superior, CRES+5. **Interfaces da Educação**, [S. l.], v. 15, n. 43, p. 256–276, 2024. DOI: 10.61389/inter.v15i43.8771. Disponível em: https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/8771. Acesso em: 24 mar. 2025.

GARCIA, Márcia Monalisa de Morais Sousa; GUSSI, Alcides Fernando; DA MOTA NETO, João Colares. "Suleando" a política de internacionalização universitária brasileira a partir das contribuições de Paulo freire para a educação. **Revista Contexto & Educação**, *[S. l.]*, v. 40, n. 122, p. e16534, 2025. DOI: 10.21527/2179-1309.2025.122.16534. Disponível em: https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/16534. Acesso em: 30 ago. 2025.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GEERTZ, Clifford. O dilema do antropólogo entre "estar lá" e "estar aqui". **Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)**, São Paulo, Brasil, v. 7, n. 7, p. 205–235, 1998. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v7i7p205-235. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/52621.. Acesso em: 27 abr. 2025.

GEERTZ, Clifford. Estar lá: A antropologia e o cenário da escrita. In: **Obras e vidas:** O antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005, pp. 11-39.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In. Feldman-Bianco (ed). **Antropologia das sociedades contemporâneas**: métodos. São Paulo: Global, 1987.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**. 2ª ed. 9ª impressão. São Paulo: Contexto, 2019.

GOMES, Assis Daniel. **Cotejos da Ciência:** o projeto norte-americano R.I.T.A no nordeste brasileiro (Brasil e EUA, anos 1960). 2020. 440 p. Tese (doutorado em História). Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2020.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 25–49, 2016. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6078. Acesso em: 22 jan. 2023.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, 2008. Disponível em: https://journals.openedition.org/rccs/697. Acesso em: 22 jan. 2023.

GRUPO DE PESQUISA EM TELECOMUNICAÇÕES SEM FIO. Sobre o GTEL. **GTEL**, 2025. Disponível em: https://gtel.ufc.br/sobre-o-gtel/#:~:text=O%20GTEL%20%C3%A9%20composto%20por,a%20camada%20f%C3%ADsica%20%C3%A0%20aplica%C3%A7%C3%A3o. Acesso em 10 mar. 2025.

GUBER, Rosana. **La etnografía, método, campo y reflexividad**. Bogotá: Grupo Editorial, Norma, 2001.

GUSSI, Alcides Fernando. Apontamentos teóricos e metodológicos para a avaliação de programas de microcrédito. **AVAL**: Revista Avaliação de Políticas Públicas, 1 (1), 29-39, 2008.

GUSSI, Alcides Fernandes. **Pedagogias da experiência no mundo do trabalho**: narrativas biográficas no contexto de mudanças de um banco público estadual. 2005. 356f. - Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Programa de Doutorado na área de Educação,Sociedade, Política e Cultura, Campinas (SP), 2005.

HAMEL, Rainer. Enrique. Enfrentando las estrategias del imperio: hacia políticas del lenguaje en las ciencias y la educación superior en América Latina. **Poéticas e políticas da linguagem em vias de descolonização.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. p. 229-261.

HELETA, Savo; CHASI, Samia. Why we need a definitive change in internationalisation. **University World News: the global window on higher education** [online]. 2023. Disponível em: https://www.universityworldnews.com/post.php?story=20230124075053390 Acesso em 30 mar. 2025.

HUDZIK, John. **Comprehensive Internationalization:** from Concept to Action. Washington: NAFSA Association of International Educators, 2011.

IDIOMA SEM FRONTEIRAS. **O Programa.** Disponível em https://isf.mec.gov.br/programa-isf/entenda-o-isf Acesso em: 01 fev. 2023.

KNIGHT, Jane. Internationalization: elements and checkpoints. **CBIE Research**, n. 7, 1994. Disponível em: https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED549823. pdf. Acesso em 19 jun 2022.

KNIGHT, Jane. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. **Journal of Studies in International Education**, v. 8, n. 1, p. 5-31, 2004.

KORSUNSKY, Lionel; PATTACINI, Valeria. Articulaciones para pensar una internacionalización universitaria propia e inclusiva desde los procesos de gestión institucional y la virtualización de las actividades en el contexto actual. **Revista REDALINT**, v. 1, n. 3, p. 8–19, out./nov. 2022.

KREIMER, Pablo. ¿Dependientes o integrados? La ciencia latinoamericana y la división internacional del trabajo. **Nómadas**, n. 24, pp. 199-212, 2006. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/1051/105116598017.pdf Acesso em 31 mar. 2025.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LAGE, Ilza Maria Granjeiro Xavier. **Relações Brasil-Estados Unidos**: o caso da Aliança para o Progresso. 2001. 144 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Pernambuco, Programa de Pós-graduação em História, Recife, PE, 2001.

LAISNER, Regina; ABBA, María Julieta; PAVARINA, Paula Regina de Jesus Pinsetta. Internacionalização da educação superior: olhares desde o Sul. In: FLORES, Maria José; SILVA, Denise Bianca Maduro; TORO, Luisa Mejia (org.). **Educação para a democracia e os direitos.** 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019.

LANDER, Edgardo. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Edgardo Lander (org). **Colección Sur Sur,** CLACSO, Ciudad Autônoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

LATORRE, Paulina; CRĂCIUN, Daniela**.** Universidades periféricas y sus prácticas de internacionalización. **Journal of International Students**, v. 13, n. S1, p. 155–174, 2023. Disponível em: https://ojed.org/jis. Acesso em: 11 maio 2025.

LAUS, Sonia Pereira. **A internacionalização da educação superior:** um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Catarina. 319 f. Tese (Doutorado em Administração). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

LAVERGNE, Rémi Fernand; BESERRA, Bernadete de Lourdes Ramos. Exercício para a construção de uma antropologia do ensino superior. In: **Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste e Pré–Alas do Brasil**, 15., 4–7 set. 2012, Teresina. Anais ... Teresina: UFPI, 2012.

LEAL, Fernanda Geremias. **Bases Epistemológicas dos Discursos Dominantes de Internacionalização da Educação Superior**. 2020. 350p. Tese (doutorado em Administração). Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2020.

LEAL, Fernanda Geremias.; SOUZA, Stefani.; MORAES, Mário César Barreto Morais. Internacionalização e extensão universitárias em diálogo: Estado do conhecimento e perspectivas futuras. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 31, n. 6, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.14507/epaa.31.7389. Acesso em: 27 abr. 2025.

LEASK, Betty. Internationalisation of the curriculum: teaching and learning. En J. Carroll & J. Ryan (Eds.), **Teaching international students**: Improving learning for all, Routledge, 2015.

LEASK, Betty; BEELEN, Jos. **Enhancing the engagement of academic staff in international education.** Paper presented in Advancing Europe-Australia cooperation in international education: Symposium background papers, Melbourne, Australia, 2009.

LEHER, Roberto. Universidade Pública Federal Brasileira: Future-Se e "Guerra Cultural" como expressões da autocracia burguesa. **Educação & Sociedade** [online]. 2021, v. 42. Disponível em: https://doi.org/10.1590/ES.241425. Acesso em: 12 jan. 2022.

LIMA, Manolita Correia; CONTEL, Fábio Betioli. **Internacionalização da educação superior**: nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento. São Paulo: Alameda, 2011.

LISSARDY, Gerardo. EUA com Trump vivem 'situação mais aterrorizante desde a guerra civil', diz autor de 'Como as Democracias Morrem'. **BBC News Brasil**, 07 de

março de 2025. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/c5yr2pm18zpo Acesso em: 24 abr. 2025.

LOBO, Andrea; TEIXEIRA, Carla Costa. Pesquisando "entre" pesquisadores. Novos desafios ao fazer etnográfico? In: **IPEA – Etnografia de uma instituição**: entre pessoas e documentos / Carla Costa Teixeira e Sergio Castilho. -- Rio de Janeiro: ABA Publicações; AFIPEA, 2020.

MAIA, José Nelson Bessa; FARIAS, Déborah Barros Leal. **Do nacional-desenvolvimentismo à internacionalização no Brasil subnacional**: o caso do Ceará. Fortaleza: IBRI/Livro Técnico, 2005, 159 p.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Pensamento crítico desde a subalteridade:** os estudos étnicos como ciências descoloniais ou para a transformação das humanidades e das Ciências Sociais no século XXI Afro-Ásia, núm. 34, pp. 105-129, 2006.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GOMÉZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramon (org.). **El giro decolonial:** reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana. Instituto Pensar, 2007. p. 127-159.

MARTINEZ, Juliana Zeggio. **Entre fios, pistas e rastros**: os sentidos emaranhados da internacionalização da Educação Superior. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.8.2017.tde-07082017-162157. Acesso em: 11 maio 2022.

MARTINS, Joira Aparecida Leite de Oliveira. **Programa Ciência sem Fronteiras no Contexto da Política de Internacionalização da Educação Superior Brasileira**. 2015. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2015.

MARTINS FILHO, Antônio. **História Abreviada da UFC**. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1996.

MARTINS FILHO, Antônio. Uma universidade para o Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, n. 63, 1949. (Conferência proferida em 11 de novembro de 1948, no Instituto Brasil-Estados Unidos, de Fortaleza). Disponível em https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1949/1949-UmaUniversidadeparaoCeara.pdf. Acesso em: 19 abr. 2023.

MARTINS FILHO, Antônio. **"O Universal pelo Regional":** Definição de uma política universitária. Ed. Imprensa Universitária, 1965.

MATTA, Roberto da. O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues. **Boletim do Museu Nacional**: Antropologia, n. 27, mai., 1978. p.1-12.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte e Ensaios**, n. 32, dez. 2016.

MBEMBE, Achille. **Descolonizar la universidad**. Tradução de Leandro Sánchez Marín. Medellín: Ennegativo Ediciones, 2023.

MENDES, Conrado Hübner et al. **Academic Freedom in Brazil:** a case study on recent developments. Global Public Policy Institute, September, 1st, 2020. Disponível em: https://www.gppi.net/2020/09/01/academic-freedom-in-brazil. Acesso em 10 jun. 2023.

MENECHELLI FILHO, Paulo Roberto Tadeu. **Diplomacia cultural chinesa**: instrumentos da estratégia de inserção internacional da China no século XXI. 2018. 129 f., il. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** [online]. 2017, v. 32, n. 94. Disponível em: <https://doi.org/10.17666/329402/2017>. Epub 22 Jun 2017. ISSN 1806-9053. https://doi.org/10.17666/329402/2017. Acesso em 8 jan. 2023.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais:** colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Portaria n° 1.466, de 18 de dezembro de 2012**. Institui o Programa Inglês sem Fronteiras. Brasília, DF, MEC, 2012. Disponível em: https://isf.mec.gov.br/images/pdf/portaria_normativa_1466_2012.pdf Acesso em: 01 fev. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Portaria n° 973, de 14 de novembro de 2014**. Institui o Programa Idioma sem Fronteiras. Brasília, DF, MEC, 2014. Disponível em: https://isf.mec.gov.br/images/pdf/novembro/Portaria_973_Idiomas_sem_Fronteiras.pdf Acesso em: 01 fev. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. MEC lança programa para aumentar a autonomia financeira de universidades e institutos. **MEC**, 17 de julho de 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/component/content/index.php?option=com_content&view=article&id=78211:mec-lanca-programa-para-aumentar-a-autonomia-financeira-de-universidades-e-institutos&catid=212&Itemid=86 Acesso em: 01 fev. 2023.

MOTA NETO, João Colares da. Paulo Freire e Orlando Fals Borda na genealogia da pedagogia decolonial latino-americana. **Folios**, 48, 3-13, 2018.

MOTA NETO, João Colares da; STRECK, Danilo Romeu. Fontes da educação popular na América Latina: contribuições para uma genealogia de um pensar pedagógico decolonial. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 78, p. 207-223, nov./dez. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/Y3SNBNzjzkW9QxCQLp7PW6b/?format=pdf Acesso em: 27 abr. 2025.

NADER, Laura. Para cima, Antropólogos: perspectivas ganhas em estudar os de cima. Antropolítica - **Revista Contemporânea de Antropologia**, n. 49, 11 ago. 2020.

NAIDORF, Judith. Relaciones académicas internacionales. Formas de enriquecer las relaciones bilaterales. In: **III Seminario Interuniversitario de estudios canadienses en América Latina**. Habana, Cuba, 2005.

NAKAMURA, João. Trump anuncia tarifa de 50% para Brasil. **CNN**, 09 de julho de 2025. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/trump-anuncia-tarifa-de-50-para-brasil/ Acesso em 11 jul. 2025.

NAYAR, Pramod. **The postcolonial studies dictionary**. Oxford, UK: John Wiley & Sons, 2015.

NETO, Lira. **UFC: biografia de uma universidade**. Fortaleza: Editora UFC, 2025.

NUNES, Francisca Waleska Bruno. **O processo de internacionalização do ensino superior:** um estudo de caso na Universidade Federal do Ceará. 2018. 170 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Programa de Pós-graduação em Administração e Controladoria, Fortaleza-CE, 2018.

OLIVEIRA, Amurabi. Por que etnografia no sentido estrito e não estudos do tipo etnográfico em educação? **Revista FAEEBA**, v. 22, n. 40, p. 69-82, 2013.

OLIVEIRA, Breynner Ricardo de. Evaluar desde a América Latina e a contra hegemonia no campo da Avaliação de Políticas Públicas. **Revista Aval**, Fortaleza, v. 1, n. 15, p. 50-64, jan./jun. 2019.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 39, n. 1, p. 13–37, 1996. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.1996.111579. Disponível em: https://revistas.usp.br/ra/article/view/111579.. Acesso em: 15 nov. 2024.

ORTIZ, Renato. **A diversidade dos sotaques:** o inglês e as ciências sociais. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

PAIKIN, Damian; PERROTA, Daniela; PORCELLI, Emanuel. Pensamento latino-americano para la Integración. Crítica y Emancipación: **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales.** Año VIII, nº 15, Primer Semestre, 2016.

PAVARINA, Paula Regina de Jesus Pinsetta; LAISNER, Regina Claudia; ABBA, Maria Julieta.; ELÍAS, Silvina; STRECK, Danilo Romeu; KORSUNSKY, Lionel. "Universidad, Internacionalización, regionalización: notas para a linha editorial e apresentação". **Revista REDALINT**. Universidad, Internacionalización e Integración Regional, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 14–22, 2021. Disponível em: https://revele.uncoma.edu.ar/index.php/redalint/article/view/3087. Acesso em 15 jan. 2023.

PEIRANO, Mariza. **O Dito e o Feito:** ensaios de antropologia dos rituais / Mariza Peirano (org.). – Rio de Janeiro: Relume Dumará : Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

PEIRANO, Mariza. Etnocentrismo às avessas: o conceito de sociedade complexa. In: **Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, vol. 26, nº 1, 1983, p. 97 a 115.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia, ou a teoria vivida**. Ponto urbe. Ano 2, Versão 2.0, fevereiro de 2008. Disponível em: https://journals.openedition.org/pontourbe/1890#authors. Acesso em 21 jun. 2023.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. Universidade no contexto da América Latina: 90 anos da reforma de Córdoba e 40 anos da reforma universitária brasileira. **Políticas Educativas** – PolEd, [S. l.], v. 2, n. 1, 2011. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/Poled/article/view/18352. Acesso em: 16 feb. 2025.

PERROTA, Daniela. **La internacionalización de la Universidad:** Debates globales, acciones regionales. Buenos Aires: IEC CONADU. Universidad Nacional General Sarmiento, 2016.

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO. **Internacionalização Universitária**. Fortaleza, CE: PREX, 2025a. Disponível em: https://prex.ufc.br/pt/int-universitaria/#:~:text=3.,com%20participa%C3%A7%C3%A3o%20de%20palestrantes%20estrangeiros. Acesso em 27 abr. 2025.

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO. **Resposta ao pedido de informação nº 23546.042693/2025-11, registrado na Plataforma Fala.BR.** PREX, 2025b. Fortaleza, 23 de maio de 2025.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **A colonialidade do saber. Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**, p. 227–278, 2005.

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica e etnografia: o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, sua crise e o protagonismo juvenil.** 2008. 332p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2008. Disponível em: https://www.ciespi.org.br/media/files/fcea049a8ec4d511ecbe6e5141d3afd01c/f0f07f33bc4d711ecbe6e5141d3afd01c/Analise%20de%20discurso%20critica%20e%20etnografia.pdf Acesso em 27 abr. 2025.

RESENDE, Viviane de Melo. (Org.) **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

RETAMOZO, Martín. Esbozos para una epistemología de los sujetos y movimientos sociales. [en línea]. 1ª ed. Santiago [CL]: **UCSH. (Cuadernos de ideas; 16)** En Memoria Académica. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/libros/pm.363/pm.363.pdf Acesso em: 27 abr. 2025

RESTREPO GARCIA, Robinson. Internacionalización e interculturalidad en la educación superior: un encuentro humano y digno con la diversidad. **Revista Educación y Sociedad,** 3(5), 2-8, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.53940/reys.v3i5.79 Acesso em: 05 mar. 2025.

RIBEIRO, Claudio Oliveira; MENEZES, Roberto Goulart. A cooperação Sul-Sul revisitada: A política externa do governo Lula da Silva e o desenvolvimento africano. In: **Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos**. Ipea: 2011. 14p. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area10/area10-artigo12.pdf> Acesso em 03 dez. 2022.

ROMÃO, José Eustáquio. **Paulo Freire e Amílcar Cabral**: a descolonização das mentes. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.

RUDZKI, Romuald Edward John. **Strategic management of internationalization: towards a model of theory and practice**. Newcastle University, Reino Unido, 1998.

SAAD FILHO, Alfredo & MORAIS, Lécio. **"Introdução", "Conclusão" e "Posfácio". Brasil:** neoliberalismo versus democracia. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

SALDAÑA, Paulo. Bolsonaro desconsiderou 1º da lista em 40% de nomeações para reitor de universidades federais. **Folha de São Paulo**, 27 de julho de 2021. Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/07/bolsonaro-desconsiderou-1o-da-lista-em-40-de-nomeacoes-para-reitor-de-universidades-federais.shtml Acesso em 19 set. 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Emily. Inep: Entenda a crise que levou à saída de 37 servidores do órgão responsável pelo Enem e como isso pode afetar o exame. **G1**, 09 de novembro de 2021. Disponível em https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/11/09/inep-entenda-a-crise-no-orgao-responsavel-pelo-enem-e-como-isso-pode-impactar-o-exame.ghtml Acesso em 19 set. 2022.

SANTOS, Renata Conceição dos. **Os caminhos da internacionalização universitária: o caso da UFRB**. 2017. 178 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SARAIVA, José Leite. **Papel da Extensão Universitária na Formação de Estudantes e Professores**. Brasília Médica, Brasília, v. 44, n. 3, p. 220-225, 2007.

SCHERER, Lucas Mondin. **A política externa do governo Bolsonaro:** a autonomia pelo distanciamento. Relações Exteriores, Brasília/DF, 26 de julho de 2022. Disponível em: https://relacoesexteriores.com.br/politica-externa-governo-bolsonaro/ Acesso em: 01 out. 2024.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. Brasil retorna à Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos. **SECOM**, 09 de abril de 2023. Disponível em: https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/obrasilvoltou/respeito-e-dialogo/brasil-retorna-a-comunidade-dos-estados-latino-americanos-e-caribenhos#:~:text=No%20dia%205%20de%20janeiro,Latina%20e%20Caribe%20(CALC). Acesso em: 24 mar. 2025.

SGISSARDI, Valdemar. Um projeto neoliberal de heteronomia das Federais e um passo a mais rumo a sua privado-mercantilização. In: **Future-se:** ataque à autonomia das instituições federais de educação superior e sua sujeição ao mercado / Jaime Giolo, Roberto Leher, Valdemar Sguissardi ; ilustrado por Rafael Leme. - São Carlos, SP : Diagrama Editorial, 2020.

SILVA, Anderson Vicente da; SILVA, Kalina Vanderlei da. Etnografia na educação: contribuições metodológicas na compreensão da realidade educacional. In: **Revista Interações Sociais** [recurso eletrônico]: REIS / Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande. – Dados eletrônicos. – Vol. 5, n. 2 (Jul./Dez. 2021) – Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2022.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher". **Ciência & Educação** (Bauru), v. 20, n. 2, p. 449–466, 2014.

SILVA, Pedro. **Valnir Chagas, um educador a serviço da ditadura brasileira.** Brasil de Fato, 16 de junho de 2021. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/colunista/pedro-silva/2021/06/16/valnir-chagas-um-educador-a-servico-da-ditadura-brasileira/ Acesso em 16 maio 2025.

SINDICATO DOS DOCENTES DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DO ESTADO DO CEARÁ. **Intervenção na Universidade Federal do Ceará (2019-2023)**: Autoritarismo e Resistência. ADUFC, agosto de 2023. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/113tTfjZ9gyO7cHK-toe6tqge93lWnLyP/view Acesso em 23 maio 2025.

SMITH, Dorothy Edith. **Institutional Ethnography**: a sociology for people. Lanham: Alta Mira Press, 2005.

SOUZA LIMA, Antônio Carlos de. **Gestar e Gerir:** estudos para uma antropologia da administração pública no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, v. 2, n. Estud. av., 1988 2(2), maio 1988. Disponível em https://www.scielo.br/j/ea/a/YgSSRgJjZgtbpBLWxr6xPHr/?lang=pt# Acesso em: 06 fev. 2023.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências** - 5. ed. - São Paulo: Cortez, 2008.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STEIN, Sharon. **Contested imaginaries of global justice in the internationalization of higher education**. [s.l.] The University of British Columbia, 2017

STRECK, Danilo; ABBA, Julieta. Internacionalização da educação superior e herança colonial na América Latina. In: KORSUNSKY, L. et al. (comp.). **Internacionalización y producción de conocimiento: el aporte de las redes académicas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: IEC-CONADU; Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

TEIXEIRA, Carla Costa. Pesquisando instâncias estatais: reflexões sobre o segredo e a mentira. In: CASTILHO, Sérgio; SOUCA LIMA, Antônio Carlos de; TEIXEIRA, Carla Costa (Orgs.). **Antropologia das Práticas de Poder:** reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. Rio de Janeiro, Contra Capa/FAPERJ, p. 43-70, 2014.

TEIXEIRA, Carla Costa**. IPEA – Etnografia de uma instituição**: entre pessoas e documentos / Carla Costa Teixeira e Sergio Castilho. -- Rio de Janeiro: ABA Publicações; AFIPEA, 2020. 450 p.

TEIXEIRA, Carla Costa; LOBO, Andréa, ABREU, Luiz Eduardo (Orgs). **Etnografias das instituições, práticas de poder e dinâmicas estatais**. Brasília: ABA Publicações, 2019. 490 p.

TEIXEIRA, Carla Costa; LOBO, Andréa. Pesquisa como função de estado? reflexões etnográficas sobre uma instituição *in between*. **Mana**, v. 24, n. 2, p. 235–277, maio 2018.

TORKANIA, Mariana. Capes: 96 brasileiros desistiram de doutorado sanduíche nos EUA. **Agência Brasil**, 12 de julho de 2025. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2025-07/capes-96-brasileiros-desistiram-de-doutorado-sanduiche-nos-eua. Acesso em 15 jul. 2025.

TORRES GARCÍA, Joaquin. **La Escuela del Sur.** Museo de Bellas Artes Juan Manual Blanes, Montevideo, 1935. Disponível em: https://icaa.mfah.org/s/es/item/1245960#?c=&m=&s=&cv=2&xywh=-1116%2C0%2C3930%2C2199 Acesso em: 03 jun. 2024.

TRUMP ordena pausa na concessão de vistos de estudantes e considera analisar redes sociais de solicitantes. **G1**, 27 de maio de 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/05/27/governo-trump-ordena-pausa-concessao-de-vistos-de-estudantes-e-considera-analisar-redes-sociais-de-solicitantes.ghtml Acesso em 11 jul. 2025.

TURNER, Víctor W. **O Processo Ritual**: estrutura e anti-estrutura; tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes, 1974.

UFC anuncia rompimento de acordo de intercâmbio com universidade de Israel por guerra em Gaza. **G1**, 07 de outubro de 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2025/10/07/ufc-anuncia-rompimento-de-acordo-de-intercambio-com-universidade-de-israel-por-guerra-em-gaza.ghtml Acesso em: 08 out. 2025.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação superior no Século XXI:** visão e ação, Paris, 1998. Disponível em: http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educa%C3%A7%C3%A3o/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-xxi-visao-e-acao.html. Acesso em: 05 dez. 2021.

UNESCO. **Conferência Mundial sobre Ensino Superior 2009:** As Novas Dinâmicas do Ensino Superior e Pesquisas para a Mudança e o Desenvolvimento Social. UNESCO, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=4512-conferencia-paris&Itemid=30192. Acesso em 15 jan. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Boletim nº 1, jul**., 1956. Fortaleza, CE: UFC, 1956. PDF. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/57809. Acesso em 08 set 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Boletim nº 5**, mar-abr., 1957. Fortaleza, CE: UFC, 1957. PDF. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/57809. Acesso em 08 set 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Boletim nº 8**, jan-fev, 1958. Fortaleza, CE: UFC, 1958a. PDF. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/57810. Acesso em 08 set 2022.
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Boletim nº 11**, mar-abril, 1958. Fortaleza, CE: UFC, 1958b. PDF. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/57810. Acesso em 08 set 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Boletim nº 17**, mar-abr., 1959. Fortaleza, CE: UFC, 1959a.PDF. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/57843. Acesso em 15 set 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**. Boletim nº 20**, set-out, 1959. Fortaleza, CE: UFC, 1959b.PDF. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/57843. Acesso em 15 set 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Relatório Final do Primeiro Seminário Anual da Universidade**. Fortaleza, CE: UFC, 24 de junho de 1959c. Departamento de Educação e Cultura da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1959c.PDF

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Boletim nº 41**, mar-abr., 1963. Fortaleza, CE: UFC, 1963a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Boletim nº 44**, set-out., 1963. Fortaleza, CE: UFC, 1963b.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Plano de Desenvolvimento da Universidade Federal do Ceará 1966 a 1970**. Fortaleza, CE: UFC, 1966.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Boletim nº 86**, set-out, 1970. Fortaleza, CE: UFC, 1970.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Boletim número especial**, 15 de outubro de 1975. Fortaleza, CE: UFC, 1975.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2007 a 2011**. Fortaleza, CE: UFC, 2007. Disponível em

https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/plano_desenvolvimento_institucional/pdi_ufc_2007-2011.pdf Acesso em 12 jul 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2012.** Fortaleza, CE: UFC, 2012. Disponível em https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/plano_desenvolvimento_institucional/pdi_ufc_2012.pdf Acesso em 12 jul 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2013 a 2017**. Fortaleza, CE: UFC, 2013. Disponível em https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/plano_desenvolvimento_institucional/pdi_ufc_2013-2017.pdf Acesso em 12 jul 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Provimento nº 01, de 20 de janeiro de 2017.** Altera o artigo 28 do Estatuto, que trata das Pró-Reitorias desta Universidade, para integrar numa só as Pró-Reitorias de Planejamento e de Administração, sob a denominação de PróReitoria de Planejamento e Administração, e criar a Pró-Reitoria de Relações Internacionais. Fortaleza, CE: UFC, 2017a. Disponível em: https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/consuni/provimento_consuni_2017/provimento01_consuni_2017.pdf Acesso em: 17 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Plano de Internacionalização da UFC**. Fortaleza, CE: UFC, 2017b. Disponível em https://www.ufc.br/a-universidade/documentos-oficiais/10695-plano-de-internacionalizacao-da-ufc. Acesso em 26 jan. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Resolução nº 45/CONSUNI, de 11 de setembro de 2017**. Aprova o Plano de Internacionalização (PIN) da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, CE: UFC, 2017c. Disponível em https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/consuni/resolucao_consuni_2017/resolucao45_consuni_2017.pdf Acesso em 16 ago 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Resolução nº 46/CONSUNI, de 11 de setembro de 2017**. Cria o Comitê de Internacionalização (COMINTER) na Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, CE: UFC, 2017d. Disponível em https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/consuni/resolucao_consuni_2017/resolucao46_consuni_2017.pdf Acesso em 16 ago 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Consuni aprova Plano de Internacionalização e institui comitê específico para a área.** Fortaleza, CE: UFC, 2017e. Disponível em< http://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2017/10184-consuni-aprova-plano-de-internacionalizacao-e-institui-comite-especifico-para-a-area> Acesso em 03 dez. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Anuário Estatístico da UFC 2018, Base 2017**. Fortaleza, CE: UFC, 2018a. Disponível em: http://www.proplad.ufc.br/wp-

content/uploads/2018/12/anuario-estatistico-ufc-2018-base-2017.pdf. Acesso em 23 jan. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Projeto Institucional Capes-PrInt**. Fortaleza, CE: UFC, 2018b. Disponível em: https://prointer.ufc.br/wp-content/uploads/2020/02/print-pt-site.pdf. Acesso em 03 fev. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2018 a 2022**. Fortaleza, CE: UFC, 2018c. Disponível em https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/plano_desenvolvimento_institucional/pdi_ufc_2018-2022.pdf Acesso em 12 jul 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Instituto facilitará parcerias entre Ceará e China**; veja entrevistas. Fortaleza, CE: UFC, 11 de abril de 2019. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/12800-instituto-facilitara-parcerias-entre-ceara-e-china-assista-entrevistas Acesso em 18 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Provimento nº 01/CONSUNI, de 07 de fevereiro de 2020**. Altera o art. 28 do Estatuto da UFC e o art. 11, seção V, do Regimento da Reitoria, para dar nova estrutura e atribuições à Pró-Reitoria de Relações Internacionais. Fortaleza, CE: UFC, 2020. Disponível em: https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/consuni/provimento_consuni_2020/provimento01_consuni_2020.pdf Acesso em: 14 out. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Administração superior e pesquisadores da UFC iniciam reuniões para instalação do hub de hidrogênio verde**. Fortaleza, CE: UFC, 26 de fevereiro de 2021a. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2021/15495-administracao-superior-e-pesquisadores-da-ufc-iniciam-reunioes-para-instalacao-do-hub-de-hidrogenio-verde Acesso em: 15 out. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **UFC integra missão a usina de hidrogênio verde na Espanha**; iniciativas empreendedoras de universidade foram visitadas. Fortaleza, CE: UFC, 08 de outubro de 2021b. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2021/16221-ufc-integra-missao-a-usina-de-hidrogenio-verde-na-espanha-iniciativas-empreendedoras-de-universidade-foram-visitadas Acesso em 15 out. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Representantes da UFC reúnem-se com cônsul-geral da França para discutir estreitamento de relações**. Fortaleza, CE: UFC, 19 de novembro de 2021c. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2021/16355-representantes-da-ufc-reunem-se-com-consul-geral-da-franca-para-discutir-estreitamento-de-relacoes Acesso em: 02 dez. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Reitor recebe embaixador da União Europeia e discute parcerias entre UFC e bloco europeu**. Fortaleza, CE: UFC, 26 de

novembro de 2021d. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2021/16388-reitor-recebe-embaixador-da-uniao-europeia-e-discute-parcerias-entre-ufc-e-bloco-europeu Aceso em: 03 dez. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Administração superior vai a Cabo Verde e Portugal para missão com foco em meio ambiente, formação médica e inovação**. Fortaleza, CE: UFC, 03 de dezembro de 2021e. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2021/16414-administracao-superior-vai-a-cabo-verde-e-portugal-para-missao-com-foco-em-meio-ambiente-formacao-medica-e-inovacao Acesso em: 03 dez. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Convênio entre UFC e Universidade do Arizona, nos Estados Unidos, é retomado após 11 anos**. Fortaleza, CE: UFC, 11 de abril de 2022a. Disponível em https://www.ufc.br/noticias/16809-convenio-entre-ufc-e-universidade-do-arizona-nos-estados-unidos-e-retomado-apos-11-anos. Acesso em 21 nov. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**. UFC e Governo dos EUA inauguram escritório do EducationUSA mirando intercâmbios e parcerias**. Fortaleza, CE: UFC, 06 de maio de 2022b. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2022/16905-ufc-e-governo-dos-eua-inauguram-escritorio-do-educationusa-mirando-intercambios-e-parcerias Acesso em: 17 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **UFC e Universidade Ben-Gurion, de Israel, firmam acordo para programa de intercâmbio acadêmico e de cooperação**. Fortaleza, CE: UFC, 13 de dezembro de 2022d. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2022/17443-ufc-e-universidade-ben-gurion-de-israel-firmam-acordo-para-programa-de-intercambio-academico-e-de-cooperacao. Acesso em 05 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2023 a 2027**. Fortaleza, CE: UFC, 2023a. Disponível em https://pdi.ufc.br/wp-content/uploads/2022/12/pdi-completo-revisado-timbrado-28-12-22.pdf Acesso em 26 jan. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. **Estudos Críticos da Branquitude**. Fortaleza, CE: UFC, 29 de maio de 2023b. Disponível em: https://posgradsoc.ufc.br/pt/estudos-criticos-da-branquitude/ Acesso em 18 mar. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Painel de Internacionalização**. Fortaleza, CE: UFC, 22 de junho de 2023c. Disponível em https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiY2E2MjM4MTgtYjhlOS00Mzg1LTgwOWMtZWQ3ZTMzYWVmNDNhIiwidCI6ImI1OTFhZTU0LTMzYzItNDU4OS1iZTY2LTkwMjFhNDE5NmM3YyJ9&pageName=ReportSection428c1fe6c84933037095 Acesso em 07 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Prof. Custódio Almeida é nomeado pelo presidente da República como novo reitor da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza, CE: UFC, 03 de agosto de 2023d. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2023/18023-prof-custodio-almeida-e-nomeado-pelo-presidente-da-republica-como-novo-reitor-da-universidade-federal-do-ceara#:~:text=Prof.-,Cust%C3%B3dio%20Almeida%20%C3%A9%20nomeado%20pelo%20presidente%20da%20Rep%C3%BAblica%20como,da%20Universidade%20Federal%20do%20Cear%C3%A1&text=O%20decreto%20de%20nomea%C3%A7%C3%A3o%20do,no%20Di%C3%A1rio%20Oficial%20da%20Uni%C3%A3o. Acesso em 05 ago 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Salão Dourado da Reitoria é reinaugurado depois de obras de reforma e restauro**. Fortaleza, CE: UFC, 11 de agosto de 2023e. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2023/18054-salao-dourado-da-reitoria-e-reinaugurado-depois-de-obras-de-reforma-e-restauro Acesso em: 11 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Resolução nº 37/CONSUNI, de 23 de agosto de 2023**. Altera o Regimento da Reitoria da Universidade Federal do Ceará para modificar a estrutura administrativa da Administração Superior. Fortaleza, CE: UFC, 2023f. Disponível em: https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/consuni/resolucao_consuni_2023/resolucao37_consuni_2023.pdf Acesso em 23 ago 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Vice-reitora apresenta balanço de missão internacional a Israel realizada no início de setembro**. Fortaleza, CE: UFC, 15 de Setembro de 2023g. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/noticias-da-reitoria/18156-vice-reitora-apresenta-balanco-de-missao-internacional-a-israel-realizada-no-inicio-de-setembro Acesso em: 05 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Vice-reitora recebe embaixador da Ucrânia no Brasil**; UFC e universidades ucranianas vão mapear grupos de pesquisa com interesses afins. Fortaleza, CE: UFC, 14 de dezembro de 2023h. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/noticias-da-reitoria/18449-vice-reitora-recebe-embaixador-da-ucrania-no-brasil-ufc-e-universidades-ucranianas-vao-mapear-grupos-de-pesquisa-com-interesses-afins Acesso em 09 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**. A Universidade**. Fortaleza, CE: UFC, 2023j. Disponível em: https://www.ufc.br/a-universidade. Acesso em 15 jun. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Nota da Reitoria:** revogado edital do 2º Innovation Challenge Brasil-Israel. Fortaleza, CE: UFC, 08 de janeiro de 2024a. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/noticias-da-reitoria/18502-nota-da-reitoria-revogado-edital-do-2-innovation-challenge-brasil-israel. Acesso em: 05 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Com 514 cientistas entre os melhores do mundo, UFC é 1ª do Norte-Nordeste e 13ª da América Latina em ranking internacional**. Fortaleza, CE: UFC, 27 de fevereiro de 2024b. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/18651-com-514-cientistas-entre-melhores-do-mundo-ufc-e-1-do-norte-nordeste-e-13-da-america-latina-em-ranking-internacional Acesso em 11 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Cônsul da França no Recife é recebido pela vice-reitora**; encontro reuniu iniciativas linguísticas e pesquisadores parceiros do país europeu. Fortaleza, CE: UFC, 28 de fevereiro de 2024c. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/noticias-da-reitoria/18653-consul-da-franca-no-recife-e-recebido-pela-vice-reitora-encontro-reuniu-iniciativas-linguisticas-e-pesquisadores-parceiros-do-pais-europeu Acesso em 15 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Cerimônia de boas-vindas reúne estudantes estrangeiros para aprender sobre a UFC e confraternizar**. Fortaleza, CE: UFC, 06 de março de 2024d. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/18669-cerimonia-de-boas-vindas-reune-estudantes-estrangeiros-para-aprender-sobre-a-ufc-e-confraternizar Acesso em: 17 abr. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Embaixador da Itália no Brasil e comitiva visitam Reitoria e Casa de Cultura Italiana da UFC**. Fortaleza, CE: UFC, 21 de março de 2024f. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/noticias-da-reitoria/18699-embaixador-da-italia-no-brasil-e-comitiva-visitam-reitoria-e-casa-de-cultura-italiana-da-ufc Acesso em 09 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Cônsul-geral da China no Recife e comitiva visitam Reitoria e Instituto Confúcio da UFC**. Fortaleza, CE: UFC, 18 de abril de 2024g. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/noticias-da-reitoria/18715-consul-geral-da-china-no-recife-e-comitiva-visitam-reitoria-e-instituto-confucio-da-ufc. Acesso em: 09 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Relatório de gestão** [recurso eletrônico]: UFC 2024h / Universidade Federal do Ceará. Organizadores: Roberta Queirós Viana Maia et al. - 1. ed. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2025.18.383 kb: il. color.; PDF. Disponível em: https://proplad.ufc.br/pt/transparencia-e-prestacao-de-contas/relatorio-de-gestao/relatorio-de-gestao-base-2024/ Acesso em: 18 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Portaria nº 233, de 29 de julho de 2024**. Dispõe sobre os membros da Comissão, responsável pela elaboração e implantação da Política Linguística no âmbito desta Universidade. Sistema Eletrônico de Informações, UFC, 2024i.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **UFC realiza 1º Seminário de Internacionalização nos dias 13 e 14 de agosto**. Fortaleza, CE: UFC, 09 de agosto de 2024j. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2024/18846-ufc-realiza-

1-seminario-de-internacionalizacao-nos-dias-13-e-14-de-agosto Acesso em 16 ago 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Sobe para 15 o número de cientistas da UFC na lista dos mais influentes do mundo**; entre os destaques de 2023, instituição tem 18 nomes. Fortaleza, CE: UFC, 27 Setembro 2024k. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2024/18952-sobe-para-15-o-numero-de-cientistas-da-ufc-na-lista-dos-mais-influentes-do-mundo-entre-os-destaques-de-2023-instituicao-tem-18-nomes Acesso em: 31 mar. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Resolução nº 49/CONSUNI, de 30 de setembro de 2024**. Altera o Regimento da Reitoria da Universidade Federal do Ceará para modificar a estrutura administrativa da Administração Superior. Fortaleza, CE: UFC, 2024l. Disponível em: https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/consuni/resolucao_consuni_2024/resolucao49_consuni_2024.pdf Acesso em: 15 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **PROINTER é reestruturada com a integração da Coordenadoria de Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia**. Fortaleza, CE: UFC, 06 de novembro de 2024m. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/19047-pro-reitoria-de-inovacao-e-relacoes-interinstitucionais-prointer-e-reestruturada-com-a-integracao-da-coordenadoria-de-propriedade-intelectual-e-transferencia-de-tecnologia. Acesso em 06 nov. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Histórico das Casas de Cultura Estrangeira**. Fortaleza, CE: UFC, 2024m. Disponível em: https://casasdeculturaestrangeira.ufc.br/pt/sobre-a-coordenadoria/historico-das-casas-de-cultura-estrangeira/ Acesso em 15 set. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Estrutura Organizacional e Instâncias de Decisão**. Fortaleza, CE: UFC, s.d., 2025a. Disponível em: https://www.ufc.br/a-universidade/administracao-da-ufc/85-estrutura-organizacional-e-instancias-de-decisao. Acesso em: 03 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. **Apresentação.** Fortaleza, CE: UFC, 2025b. Disponível em: https://posgradsoc.ufc.br/pt/sobre/apresentacao/ Acesso em: 17 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Departamento de Engenharia de Teleinformática. **Apresentação do DETI**. Fortaleza, CE: UFC, 2025c. Disponível em: https://deti.ufc.br/pt/sobre-o-departamento-de-engenharia-de-teleinformatica/apresentacao-do-deti/. Acesso em: 10 mar. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Departamento de Engenharia de Teleinformática. **Pós-Graduação**. Fortaleza, CE: UFC, 2025d. Disponível em: https://deti.ufc.br/pt/pos-graduacao/ Acesso em: 10 mar. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Sobre o Instituto Confúcio. **Apresentação.** Fortaleza, CE: UFC, 2025d. Disponível em: https://institutoconfucio.ufc.br/pt/instituto-confucio-na-ufc/apresentacao/ Acesso em 16 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Relatório de gestão [recurso eletrônico]**: UFC 2024 / Universidade Federal do Ceará. Organizadores: Roberta Queirós Viana Maia et al. - 1. ed. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2025e.18.383 kb: il. color.; PDF.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Programa de Pós-Graduação em Educação. **Linhas de Pesquisa**. Fortaleza, CE: UFC, 2025f. Disponível em: https://ppge.ufc.br/linhas Acesso em 10 jul. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG). **Edital nº 9/2025 – Seleção de Projetos Temáticos para o Programa Redes para Internacionalização Institucional – CAPES-Global.Edu (Edital nº 13/2025)**. Fortaleza, CE, 4 ago. 2025g. Disponível em: https://prppg.ufc.br/wp-content/uploads/2025/08/sei-5790431-prppg-edital-9.pdf. Acesso em: 6 ago. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **UFC sediará representação do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD).** Fortaleza, CE: UFC, 14 de maio de 2025h. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/19415-ufc-sediara-representacao-do-servico-alemao-de-intercambio-academico-daad Acesso em 18 ago. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **UFC terá Agência de Inovação para impulsionar impacto de suas pesquisas e estimular o empreendedorismo** Fortaleza, CE: UFC, 12 de março de 2025i. Disponível em: https://prointer.ufc.br/pt/ufc-tera-agencia-de-inovacao-para-impulsionar-impacto-de-suas-pesquisas-e-estimular-o-empreendedorismo/ Acesso em: 14 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Cooperação acadêmica internacional: UFC participa de Fórum dos Reitores do Brics+ no Rio de Janeiro.** Fortaleza, CE: UFC, 05 de junho de 2025j. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/19477-cooperacao-academica-internacional-ufc-participa-de-forum-dos-reitores-do-brics-no-rio-de-janeiro. Acesso em: 14 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **UFC articula acordos internacionais durante Fórum de Reitores das Universidades do Brics+**. Fortaleza, CE: UFC, 11 de junho de 2025k. Disponível em: https://www.ufc.br/noticias/19486-ufc-articula-acordos-internacionais-durante-forum-de-reitores-das-universidades-do-brics. Acesso em: 14 set. 2025.

VAN DER WENDE, Marijk. Missing links: the relationship between national policies for internationalisation and those for higher education in general. **Higher Education Policy,** [s.l.], v. 10, n. 3-4, p. 233–248, Jan. 1997. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330132050. Acesso em: 11 maio 2025.

VAN VELSEN, Jaap. A análise situacional e o método de estudo detalhado. In. Feldman-Bianco (ed). **Antropologia das sociedades contemporâneas**: métodos. São Paulo: Global, 1987.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 1 – 13.

VELHO, Léa. Prefácio. In: SANTOS, Lucy. Woellner. **Ciência, tecnologia e gênero:** desvelando o feminino na construção do conhecimento. Londrina: IAPAR, 2006.

VELOSO, Mariza. José Martí: modernidade e utopia. **Sociedade e Estado**, v. 26, n. 2, p. 133–153, maio 2011.

VERAS, Renata Maira. **Etnografia institucional**: conceito, usos e potencialidades em pesquisas no campo da Saúde. Saúde & Transformação Social/Health & Social Change, v. 1, n. 2, 2011.

VERAS, Renata Maira. **Introdução à Etnografia Institucional**: mapeando as práticas na assistência à Saúde. Salvador: EDUFBA, 2014.

VIANNA, Adriana de Barreto Resende. Etnografando documentos: Uma antropóloga em meio a processos judiciais. In: CASTILHO, Sérgio; SOUCA LIMA, Antonio Carlos de; TEIXEIRA, Carla Costa (Orgs.). **Antropologia das Práticas de Poder:** reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. Rio de Janeiro, Contracapa/FAPERJ, p. 43-70, 2014.

VIEIRA, Maria Josiane. **Itinerários no acervo do instituto de antropologia da Universidade do Ceará (1958-1968)**: a coleção Arthur Ramos como discurso. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; MAST, Rio de Janeiro, 2012.

WALSH, Catherine. La interculturalidad en el Ecuador: Visión, princípio y estrategia indígena para un nuevo país. **Revista Identidades** (IADAP/Convenio Andrés Bello, Quito), 20, 1999. Disponível em: http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libreria/40.pdf Acesso em 05 mar. 2025.

WALSH, Catherine. **Pedagogias Decoloniales:** Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir TOMO II. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017.

WORLD TRADE ORGANIZATION. Education Service – nota documental de la secretaria. 1998.

APÊNDICE A – PESQUISAS SOBRE INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Nº	Autor	Título	Tipo	Programa	Instituição
1	TREVISOL, Marcio Giusti	A educação superior no contexto da sociedade contemporânea: os sentidos e intencionalidades da internacionalização no PNPG (2011-2020)	Tese	Educação	FUPF
2	BERTOLOTTI, Diovana Paula de Jesus	Internacionalização da educação superior: uma análise das estratégias, contextos e práticas da UNILAB	Tese	Educação	UFJF
3	LAUS, Sonia Pereira	A internacionalização da educação superior: um estudo da Universidade Federal de Santa Catarina	Tese	Administração	UFBA
4	BARBOSA, Mellissa Moreira Figueiredo	Mapeando o processo de desenvolvimento de políticas e planejamento linguístico na ciência e na educação superior para a internacionalização: o caso da UEFS	Dissertação	Língua e cultura	UFBA
5	JUNIOR, Jose Benedito Caparros	Institucionalização da internacionalização da educação superior: estudo de aplicação prática à luz do círculo de internacionalização de KNIGHT de 1994	Dissertação	Educação e novas tecnologias	UNINTER
6	COSTA, Bianca Silva	Viagem de (auto)descobrimento: Experiências de Mobilidade Estudantil de Graduação No Programa Escala/AUGM/UFRGS	Tese	Educação	UFRGS
7	SOUSA, Alzira Dias de	O Programa de Estudantes-convênio de Graduação na Universidade Federal da Bahia: Percepção dos estudantes PEC-G oriundos de países de língua oficial portuguesa - anos 2009-2013	Dissertação	Estudos interdisciplinares sobre a universidade	UFBA
8	LEAL, Fernanda Geremias	Bases epistemológicas dos discursos dominantes de ‘internacionalização da educação superior’ no Brasil	Tese	Administração	UDESC

9	CASTILHO, Katlin Cristina de	Espaço latinoamericano e caribenho de educação superior (EESALC): pontos e estratégias predominantes para a sua constituição	Dissertação	Educação	UFSCAR
10	SANTOS, Raquel Da Silva	Internacionalização da educação superior no Brasil - estudo exploratório sobre a política institucional da universidade federal do ABC (UFABC)	Dissertação	Educação	UNINOVE
11	LONGHI, Fernanda Luiza	Cursos de bacharelado em direito: uma análise do processo de internacionalização.	Dissertação	Desenvolvimento regional	UTFPR
12	MAZZETTI, Antonio Carlos	Experiências de internacionalização da educação superior de/em casa no contexto de uma rede de pesquisa latino-americana	Tese	Desenvolvimento regional	UTFPR
13	MOURA, Helena Lima de	Financiamento da educação superior: um *print* da internacionalização no Instituto Federal da Paraíba (2010-2019)	Dissertação	Políticas públicas, gestão e avaliação da educação superior	UFPB-JP
14	SCHULTZ, Jaqueline Pinheiro	Internacionalização da educação superior no Brasil: a mobilidade estudantil em uma Universidade Federal mineira	Dissertação	Administração pública em rede nacional	UFV
15	LIMA, Rubem Alves de	Internacionalização dos programas de pós-graduação Stricto Sensu: o caso da Universidade Federal da Paraíba	Dissertação	Políticas públicas, gestão e avaliação da educação superior	UFPB-JP
16	NEVES, Debora Valim Sinay	A internacionalização da educação superior na Bahia e suas potencialidades na formação continuada docente	Tese	Ensino	UNIVATES
17	VIEIRA, Alice Gravelle	A internacionalização da educação na América Latina: uma análise das instituições de ensino superior lassalistas	Tese	Educação	UFF
18	VIEIRA, Andrea Carvalho	Internacionalização da educação superior brasileira	Dissertação	Desenvolvimento, sociedade e	UNB

				cooperação internacional	
19	BARROS, Hellen Christina Justino	A internacionalização da pós-graduação: um olhar a partir da Universidade Federal de Pernambuco	Dissertação	Educação	UFPE
20	WOICOLESCO, Vanessa Gabrielle	Pedagogia da internacionalização da educação superior: a docência na unila	Tese	Educação	PUC/RS
21	TAVARES, Carolina Silva	How to make fgv more attractive to international student: a consultancy project for eaesp	Dissertação	Gestão internacional	FGV/SP
22	FREITAS, Silmara Terezinha	Limites e perspectivas da internacionalização da educação superior em Universidades comunitárias do interior do país: um estudo a partir da unoesc	Dissertação	Educação	UNOESC
23	DIAS, Filipe Jose	Indicadores para acompanhamento da internacionalização da educação superior	Dissertação	Administração universitária	UFSC
24	ALVES, Mariana de Souza	Políticas de internacionalização na educação superior pública Federal: estudo de caso da UFPE	Dissertação	Educação, culturas e identidades	UFRPE
25	ABBA, Maria Julieta	Límites y potencialidades para el desarrollo de una internacionalización de la educación superior necesaria: estudio de caso de la UNILA (Brasil) y la ELAM (Cuba)	Tese	Educação	UNISINOS
26	KROETZ, Camila	A internacionalização da educação superior no contexto da cooperação sul-sul: uma análise do programa estudantes convênio de pós-graduação (PEC-PG)	Dissertação	Desenvolvimento regional	UTFPR
27	PASSOS, Christiane Guimaraes Dos Santos Dos	Internacionalização *at home* por meio da mobilidade virtual nas instituições de educação superior federais de Santa Catarina	Dissertação	Administração universitária	UFSC

28	PONTES, Luma Barbalho	O Ciência sem Fronteiras na Universidade Federal Rural da Amazônia: perspectivas entre a internacionalização da educação superior e a política de ciência, tecnologia e inovação	Dissertação	Educação	UFPA
29	MACHADO, Karen Graziela Weber	Os MOOCS como possibilidade para internacionalização da educação superior em casa	Dissertação	Educação	PUC/RS
30	GRABINSKI, Claudia	Redes internacionais de pesquisa e excelência da pós-graduação: visão de pesquisadores da área da medicina	Dissertação	Educação	PUC/RS
31	VIEIRA, Rosilene Carla	China: estado, universidade e empresa e sua relação com o recente desenvolvimento econômico	Tese	Administração	ESPM
32	LEGG, Ana Paula Roesler	O papel da competência simbólica no processo de internacionalização da educação superior brasileira: fronteiras linguísticas e idiomas sem fronteiras	Dissertação	Letras	UFPEL
33	MENTGES, Manuir Jose	Internacionalização e organização em rede: uma proposta para a rede internacional marista de educação superior	Tese	Educação	PUC/RS
34	PINTO, Patricia Nogueira de Carvalho	Internacionalização da educação superior: um estudo sobre o programa Ciência sem Fronteiras no IFPB	Dissertação	Políticas públicas, gestão e avaliação da educação superior	UFPB-JP
35	MARTINS, Priscila	Internacionalização NA/DA UNIFAL-MG: da concepção à prática	Dissertação	Educação	UNIFAL-MG
36	NOGUEIRA, Fabiana Araujo	Internacionalização da Pós-graduação *stricto sensu* no Brasil: um estudo da mobilidade estudantil no período de 2003 a 2016	Dissertação	Educação	UFRN

37	HOTZ, Celso	a internacionalização da educação superior na pós-graduação das universidades do sudoeste do Paraná (UNIOESTE/UTFPR/UFFS): qual(is) perspectiva(s)?	Tese	Educação	UNIOESTE
38	NOGUEIRA, Joyce Mesquita	Internacionalização da educação superior no Brasil: políticas em dimensão nacional	Dissertação	Educação (currículo)	PUC/SP
39	BISCHOFF, Viviane	As ações públicas de internacionalização da educação superior no Brasil e o seu alinhamento com a política externa brasileira no governo Dilma Rousseff 2011-2014	Tese	Estudos estratégicos internacionais	UFRGS
40	FRANCO, Maria Wanessa Do Nascimento Barbosa	Internacionalização da educação superior e governança corporativa: implicações no trabalho docente da Universidade Potiguar - Laureate International Universities (2008-2020)	Tese	Educação	UFRN
41	OLIVEIRA, Karen Da Rocha	Internacionalização da educação superior: os fatores de influência no processo decisório de estudantes internacionais da UFPI	Dissertação	Administração pública em rede nacional	FUFPI
42	TAVARES, Marcelo	Internacionalização da educação superior: estratégias e ações da Universidade tecnológica Federal do Paraná	Dissertação	Desenvolvimento regional	UTFPR
43	MACHADO, Karen Graziela Weber	A mobilidade acadêmica virtual internacional: um estudo de caso a partir das percepções dos estudantes universitários sobre as suas experiências	Tese	Educação	PUC/RS
44	ALMEIDA, Felipe Cordeiro de	Universidades federais de missão institucional internacional e seu papel para a política externa brasileira	Tese	Relações internacionais (UNESP - UNICAMP - PUC-SP)	PUC/SP
45	BARANZELI, Caroline	Internacionalização da educação superior e o desenvolvimento de competências: perspectivas docentes em distintos contextos	Tese	Educação	PUC/RS

46	ARAUJO, Fernando Lajus	Internacionalização da educação superior e novas migrações: as mobilidades de estudantes brasileiros de medicina para Universidades na Argentina	Dissertação	Sociologia	UFPR
47	ROBERTS, Jhamille Santos	Língua inglesa, tecnologia e internacionalização da educação superior: evidências e reflexões a partir da análise de MOOCS	Dissertação	Educação	UFES
48	NETO, Mario Teixeira Dos Santos	Internacionalização da educação superior: uma análise das teses e dissertações produzidas pelos programas de pós-graduação em educação da região norte do Brasil entre os anos de 2015 e 2019	Dissertação	Educação	UNIFAP
49	MARTINS, Joira Aparecida Leite de Oliveira Amorim	Mulheres, ensino superior e internacionalização na Universidade Federal de Mato Grosso (1970-2016)	Tese	Educação	UFMT
50	ROBL, Fabiane	*Quo Vadis* educação superior da Colômbia? Expansão, acreditação e internacionalização	Tese	Educação	USP
51	BRITO, Elaine Pereira de	Financiamento da educação superior: um estudo sobre a internacionalização no Instituto Federal Da Paraíba (IFPB)	Dissertação	Políticas públicas, gestão e avaliação da educação superior	UFPB-JP
52	MENDES, Fernanda Ziani	Cooperação e integração regional na perspectiva sul-sul: contribuições à internacionalização da educação superior	Dissertação	Políticas públicas e gestão educacional	UFSM
53	BARBOSA, Mellissa Moreira Figueiredo	Mapeando o processo de desenvolvimento de políticas e planejamento linguístico na ciência e na educação superior para a internacionalização: o caso da UEFS	Dissertação	Língua e cultura	UFBA
54	BERTOLOTTI, Diovana Paula de Jesus	Internacionalização da educação superior: uma análise das estratégias, contextos e práticas da UNILAB	Tese	Educação	UFJF

55	LAGE, Thelma Silva Rodrigues	Políticas de internacionalização da educação superior na região norte do Brasil: uma análise do programa Ciência Sem Fronteiras na Universidade Federal do Tocantins	Dissertação	Desenvolvimento regional	UFT
56	SILVA, Talita Guimaraes Da	Inglês para quem? As implicações do programa Inglês sem Fronteiras no processo de internacionalização da educação superior brasileira	Dissertação	Linguagens, mídia e arte	PUCCAMP
57	NOBREGA, Gilmara de Lima	Financiamento da educação superior e políticas de internacionalização na Universidade Federal da Paraíba	Dissertação	Políticas públicas, gestão e avaliação da educação superior	UFPB-JP
58	SOUZA, Itamara Martins de	O processo de internacionalização na Universidade Federal do Pampa	Dissertação	Políticas públicas	UNIPAMPA
59	VALE, Lindalva Regina Da Nobrega	Internacionalização da educação superior: um estudo sobre o programa doutorado sanduíche no exterior (PDSE) na Universidade Federal da Paraíba	Dissertação	Políticas públicas, gestão e avaliação da educação superior	UFPB-JP
60	GUERRA, Lizangela	Setores de relações internacionais em instituições de educação superior no Brasil: estruturas, práticas e razões subjacentes	Dissertação	Engenharia de produção	UFRGS
61	SOUZA, Itamara Martins de	O processo de internacionalização na Universidade Federal do Pampa	Dissertação	Políticas públicas	UNIPAMPA
62	LIMA, Lucas Borges de	A internacionalização da educação superior do sistema ARCU-SUL do Mercosul educativo: o que revelam as diretrizes de avaliação da graduação?	Dissertação	Educação	UNIFAP
63	LEITE, Marcelo Da Silva	Processo de internacionalização de uma Universidade privada no estado de Nova Iorque dos Estados Unidos	Tese	Educação	UNIMEP

64	ANDRADE, Bruno Pereira de Souza	O “Ciência sem Fronteiras” pelo olhar da comunidade acadêmica: o caso da UNIFAL-MG e da UNIFEI	Dissertação	Divulgação científica e cultural	UNICAMP
65	ARNDT, Angela Barbosa Montenegro	Percepções sobre as prioridades da internacionalização da educação superior: caminhos para o multiálogo	Tese	Educação	UCB
66	OLIVEIRA, Eduardo Mariano de	Problemas nas “fronteiras” — um caso para ensino sobre o programa Ciência sem Fronteiras	Dissertação	Administraçã o	FGV/RJ
67	RODRIGUES, Diego Palmeira	Políticas e processos de internacionalização de universidades ibero-americanas: mercado versus formação	Tese	Educação	UNOESC
68	NUNES, Francisca Waleska Bruno	O processo de internacionalização da educação superior: um estudo de caso na Universidade Federal do Ceará.	Dissertação	Administraçã o e controladoria	UFC
69	PEDROSA, Ricardo Da Silva	O programa de estudantes-convênio de graduação: (re)construção de identidades étnico-raciais no âmbito das políticas públicas de internacionalização da educação superior no Instituto Federal do Ceará	Dissertação	Avaliação de políticas públicas	UFC
70	JUNIOR, Jose Alves Pereira	Letramentos transculturais: internacionalização, mobilidade discente e formação de professores de língua inglesa	Dissertação	Estudos linguísticos	UFMG
71	NOGUEIRA, Celio Vieira	Política de educação superior e internacionalização: ações institucionais desenvolvidas pelas universidades federais da região centro-oeste no período de 2006 a 2020	Tese	Educação	UFMS
72	ARAUJO, Fernando Lajus	Internacionalização da educação superior e novas migrações: as mobilidades de estudantes brasileiros de medicina para universidades na Argentina	Dissertação	Sociologia	UFPR

73	LIMA, Claudio de	Redes colaborativas como dinâmica de internacionalização da educação superior: um modelo para avaliar o potencial de compartilhamento de conhecimento	Tese	Engenharia, gestão e mídia do conhecimento	UFSC
74	LOPES, Renata Lukasczuk	Internacionalização de uma escola de negócios: desafios, iniciativas e resultados	Dissertação	Administraçã o	PUC/PR
75	ROCHA, Rosimere Gomes	Formação inicial superior e a internacionalização na perspectiva solidária: UNILA e UNILAB em foco	Dissertação	Educação e contemporane idade	UNEB
76	SANTOS, Margareth Guerra Dos	Teias do pensar democrático presente nos discursos dos atores das redes de agências de acreditação e avaliação da qualidade da educação superior na América Latina: as vozes do lado de lá ...	Tese	Educação	UFRGS
77	BARANZELI, Caroline	Internacionalização da educação superior e o desenvolvimento de competências: perspectivas docentes em distintos contextos	Tese	Educação	PUCRS
78	CHAVES, Gerlia Maria Nogueira	Internacionalização da educação superior e efeitos do Programa Ciência sem Fronteiras	Tese	Educação em ciências química da vida e saúde (UFSM - FURG)	UFRGS
79	BANDEIRA, Joao de Sousa	Internacionalização da educação superior: o programa ciência sem fronteiras no curso engenharia elétrica da UFPB	Dissertação	Políticas públicas, gestão e avaliação da educação superior	UFPB-JP
80	OLIVEIRA, Paula Souza de	Internacionalização da educação superior: um estudo de caso em instituições públicas de ensino superior do estado da Bahia	Dissertação	Educação	UFBA
81	SILVA, Carla Camargo Cassol Da	O processo de internacionalização do currículo em uma IES brasileira	Tese	Educação	PUCRS
82	MARTINS, Joira Aparecida Leite de Oliveira Amorim	Programa Ciência sem Fronteiras no contexto da política de internacionalização da educação superior brasileira	Dissertação	Educação	UFMT

83	SAES, Klarissa Valero Ribeiro	Efeitos das políticas de internacionalização sobre a produção científica: estudo de caso do programa de pós-graduação em ciências (bioquímica) da Universidade Federal do Paraná.	Dissertação	Políticas públicas	UFPR
84	NOBREGA, Lutecia Maciel	Internacionalização da educação superior: estudo de caso dos cursos de pós-graduação da Universidade Federal do Vale do São Francisco.	Dissertação	Administração	UFBA
85	STOECKL, Bianca Petermann	As universidades de integração brasileiras (2003-2010): entre a política externa e a adaptação às agendas internacionais para a educação superior	Dissertação	Relações internacionais	UNILA
86	LINDEMANN, Julio Cesar	A internacionalização da educação superior, no âmbito da graduação, como um indicativo de qualidade educacional	Tese	Educação	UNILASALLE
87	CABEZAS, Caroline Vidal	Internacionalização da educação superior e o desenvolvimento social: a produção científica entre 2000 e 2020	Dissertação	Políticas sociais e dinâmicas regionais	UNOCHAPECÓ
88	NEVES, Thayse Kiatkoski	*Strategizing* no contexto da internacionalização universitária: uma análise do processo de elaboração do projeto institucional de internacionalização de uma universidade pública federal	Dissertação	Administração	UFSC
89	LIMA, Claudio de	Redes colaborativas como dinâmica de internacionalização da educação superior: um modelo para avaliar o potencial de compartilhamento de conhecimento	Tese	Engenharia e gestão do conhecimento	UFSC
90	SOUSA, Orleans Silva	Internacionalização da educação superior brasileira: a inserção da Universidade Federal do Amapá no contexto global (2013 – 2020)	Dissertação	Educação	UNIFAP

91	MACHADO, Marilia Ribas	Programa estudante-convênio de pós-graduação (PEC-PG) no contexto da internacionalização da educação superior: um estudo em instituições de ensino superior do sul do país	Tese	Administraçã o	UDESC
92	TOLEDO, Sandra Odete de	Estudo do mapa cultural de Erin Meyer e sua influência nas negociações dos processos de internacionalização da educação superior - uma comparação entre uma instituição nos E.U.A e outra no Brasil	Dissertação	Administraçã o	UNIMEP
93	SILVA, Bruno Maiorquino	A internacionalização da educação superior no âmbito do programa idiomas sem fronteiras sob a perspectiva da política linguística	Dissertação	Linguística	UFPB-JP
94	FRANZOSO, Ileana Celeste Fernandez	Saberes em trânsito: um estudo sobre alunos estrangeiros da pós-graduação da Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF	Dissertação	Cognição e linguagem	UENF
95	SILVA, Avaneide Rodrigues Da	Estratégias de internacionalização desenvolvidas pelos programas de pós-graduação nota 7	Dissertação	Educação	UNB
96	SILVA, Carla Camargo Cassol Da	O processo de internacionalização do currículo em uma IES brasileira	Tese	Educação	PUC/RS
97	ARANA, Roberta Soato	Diretrizes para elaborar indicadores de desempenho de internacionalização da educação superior: um estudo de caso na UNILA	Dissertação	Tecnologias, gestão e sustentabilida de	UNIOESTE
98	FERREIRA, Kleyton Carlos	Projeto *Tuning* América Latina em universidades brasileiras: uma análise da afinação educacional superior ao modelo europeu	Dissertação	Educação	UFGD
99	PAIVA, Raquel Soprani Dos Santos	Acordos para cooperação acadêmica internacional: análise e proposta técnico-administrativa para uma instituição de ensino superior.	Dissertação	Gestão pública	UFES

100	FEIJO, Rosemeri Nunes	A internacionalização da educação superior: um estudo de caso de alunos estrangeiros do programa de pós-graduação em antropologia social/UFRGS	Dissertação	Educação	UFRGS

Fonte: Plataforma Sucupira (2025).

APÊNDICE B – PESQUISAS SOBRE INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NA UFC

Nº	Ano	Autor	Título	Natureza
1	2014	SILVA, Lucas Melgaço da	A atual (des)credibilidade da educação brasileira ante a internacionalização da educação superior.	Artigo de evento
2	2016	FERNÁNDEZ, Daniela Tamara	A cooperação internacional e o processo de internacionalização das Instituições De Educação Superior–IESNO Brasil.	Artigo de evento
3	2016	SUDBRACK, Edite Maria; Nogaro, Arnaldo	Políticas educacionais e internacionalização da educação superior: complexidade, impactos e desafios.	Artigo de Periódico
4	2014	OLIVEIRA, Raul Caio de Mesquita	Internacionalização educacional: contribuições para a formação acadêmica e profissional na educação superior.	Trabalho de Conclusão de Curso (Secretariado)
5	2018	MORAES, Beatriz Barbosa	Mobilidade acadêmica internacional por meio de um programa de internacionalização de uma instituição financeira privada.	Trabalho de Conclusão de Curso (Administração)
6	2018	PEDROSA, Ricardo da Silva	O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação: (re)construção de identidades étnico-raciais no âmbito das políticas públicas de internacionalização da educação superior no Instituto Federal do Ceará.	Dissertação (Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas)
7	2019	SOUZA, Francisca Sidma Ferreira de	Acolhimento e integração dos estudantes internacionais na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.	Dissertação (POLEDUC)
8	2018	NUNES, Francisca Waleska Bruno	O processo de internacionalização do ensino superior: um estudo de caso na Universidade Federal do Ceará.	Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Administração, Controladoria e Auditoria)
9	2018	SANTOS, Margareth Guerra dos	Dinâmicas do Ensino Superior no Brasil: arranjos e performances de uma Faculdade Amapaense empenhada em obter avaliação positiva nos Ciclos do SINAES.	Tese (Programa de Pós-Graduação em Sociologia)
10	2019	FERNANDES, Jardênia de Souza	Avaliação da internacionalização na pós-graduação stricto sensu: um estudo na área de administração pública e de empresas, ciências contábeis e turismo.	Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Administração, Controladoria e Auditoria)
11	2020	LIMA, Ruy Ferreira	Papel das casas de cultura estrangeira para a implementação das políticas linguísticas no processo de internacionalização da Universidade Federal do Ceará.	Dissertação (POLEDUC)
12	2021	CASTRO, Davi Thomaz de	Proposta de melhorias nos sistemas estratégicos de avaliação da internacionalização na Universidade Federal do Ceará a partir da abordagem analítica do balanced scorecard.	Dissertação (POLEDUC)

Fonte: Repositório Institucional da UFC (2023).

APÊNDICE C – CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFC PARTICIPANTES DO CAPES-PRINT (2018 - 2024)

Nº	Cursos de Pós-Graduação	Centro/Instituto	Nota Capes	Temas do Print
1	Engenharia de Teleinformática	Centro de Tecnologia	6	- Ciência de Dados e Sistemas Complexos; - Geometria e Métodos não lineares.
2	Ciência da Computação	Centro de Ciências	5	- Ciência de Dados e Sistemas Complexos; - Geometria e Métodos não lineares.
3	Física	Centro de Ciências	7	- Ciência de Dados e Sistemas Complexos; -Novos produtos químicos, biológicos e suas aplicações; -Materiais e fenômenos em nanoescala.
4	Economia	Faculdade de Economia, Administração, Atuárias e Contabilidade	5	-Geometria e Métodos não lineares.
5	Engenharia Agrícola	Centro de Ciências Agrárias	5	-Ciência de Dados e Sistemas Complexos; -Gestão e segurança hídrica e de resíduos frente às mudanças climáticas.
6	Matemática	Centro de Ciências	7	-Geometria e Métodos não lineares.
7	Odontologia	Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem	5	-Novos produtos químicos, biológicos e suas aplicações.
8	Bioquímica	Centro de Ciências	5	-Novos produtos químicos, biológicos e suas aplicações; -Materiais e fenômenos em nanoescala.
9	Microbiologia Médica	Faculdade de Medicina	5	-Novos produtos químicos, biológicos e suas aplicações.
10	Ciências Médicas	Faculdade de Medicina	6	-Novos produtos químicos, biológicos e suas aplicações; -Doenças infecciosas, imunoinflamatórias e degenerativas.

11	Farmacologia	Faculdade de Medicina	6	-Novos produtos químicos, biológicos e suas aplicações; -Doenças infecciosas, imunoinflamatórias e degenerativas.
12	Química	Centro de Ciências	6	-Novos produtos químicos, biológicos e suas aplicações; -Materiais e fenômenos em nanoescala; -Gestão e segurança hídrica e de resíduos frente às mudanças climáticas.
13	Ciências Farmacêuticas	Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem	4	-Tecnologias Sociais.
14	Ciências Marinhas Tropicais	Instituto de Ciências do Mar	4	-Tecnologias Sociais; -Gestão e segurança hídrica e de resíduos frente às mudanças climáticas.
15	Sociologia	Centro de Humanidades	5	-Tecnologias Sociais; -Gestão e segurança hídrica e de resíduos frente às mudanças climáticas.
16	Direito	Faculdade de Direito	4	-Tecnologias Sociais.
17	Enfermagem	Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem	6	-Tecnologias Sociais.
18	Geografia	Centro de Ciências	6	-Tecnologias Sociais.
19	Engenharia Química	Centro de Tecnologia	6	-Materiais e fenômenos em nanoescala; -Gestão e segurança hídrica e de resíduos frente às mudanças climáticas.
20	Biotecnologia de Recursos Naturais	Centro de Ciências Agrárias	4	-Materiais e fenômenos em nanoescala; -Gestão e segurança hídrica e de resíduos frente às mudanças climáticas.
21	Engenharia Civil (Recursos Hídricos)	Centro de Tecnologia	7	-Gestão e segurança hídrica e de resíduos frente às mudanças climáticas.
22	Engenharia e Ciência de Materiais	Centro de Tecnologia	5	-Gestão e segurança hídrica e de resíduos frente às mudanças climáticas.
23	Ecologia e Recursos Naturais	Centro de Ciências	4	-Gestão e segurança hídrica e de resíduos frente às mudanças

				climáticas.
24	Ciências Morfofuncionais	Faculdade de Medicina	4	-Doenças infecciosas, imunoinflamatórias e degenerativas.
25	Ciências Médico-Cirúrgicas	Faculdade de Medicina	5	-Doenças infecciosas, imunoinflamatórias e degenerativas.

Fonte: Projeto CAPES-PrInt da UFC (2017).

APÊNDICE D – PROGRAMAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO COORDENADOS PELA CAPES VIGENTES ATÉ 2025

Nº	Programa	Descrição
1	Programa Institucional de Internacionalização (CAPES - PrInt)	Estimular o avanço institucional na internacionalização da pós-graduação das instituições de Ensino Superior (IES) e Instituições de Pesquisa (IP) brasileiras, resultando em maior impacto da produção cientifica da IES no cenário internacional, visando: **1.** Fomentar a construção, a implementação e a consolidação de planos estratégicos de internacionalização das instituições contempladas nas áreas do conhecimento por elas priorizadas; **2.** Estimular a formação de redes de pesquisas internacionais com vistas a aprimorar a qualidade da produção acadêmica vinculadas à pós-graduação; **3.** Ampliar as ações de apoio à internacionalização na pós-graduação das instituições contempladas; **4.** Promover a mobilidade de docentes e discentes, com ênfase em doutorandos, pós-doutorandos e docentes para o exterior e do exterior para o Brasil, vinculados a programas de pós-graduação *stricto sensu* com cooperação internacional.
2	Doutorado CAPES/DAAD	Acordo CAPES e Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico – DAAD para apoiar a formação de pesquisadores de alto nível e ampliar a cooperação acadêmica entre IES e Centros de Pesquisa brasileiros e alemães por meio de mobilidade acadêmica de discentes nas modalidades doutorado pleno, doutorado sanduíche e doutorado sanduíche com cotutela, na Alemanha.
3	Cátedra Brasil da Universidade de Münster	Aprofundar a cooperação acadêmica entre Instituições de Ensino Superior e centros de pesquisa brasileiros e alemãs; incentivar a criação de novas parcerias ou a consolidação de rede internacional de pesquisa existente entre a instituição de vínculo do bolsista e a instituição anfitriã; e proporcionar maior visibilidade internacional à produção científica, tecnológica e cultural dos catedráticos brasileiros
4	Programa Bolsas para Pesquisa CAPES/Humboldt	Acordo CAPES com a Fundação Alexander von Humboldt (AvH), da Alemanha, para mobilidade de pesquisadores, que possuam vínculo, empregatício ou não, em Instituições de Ensino ou Pesquisa do Brasil em todas as áreas do conhecimento.
5	Programa de Iniciativa de Pesquisa Colaborativa (PIPC)	Acordo CAPES com a *Deutsche Forschungsgemeinschaft* (DFG), Fundação Alemã de Amparo à Pesquisa, para fomentar projetos conjuntos de pesquisa prioritariamente nas áreas de Engenharias, com missões de estudo (doutorado sanduiche) e missões de trabalho, visando aprofundar a cooperação entre pesquisadores e educadores de instituições de pesquisa e ensino superior no Brasil e seus pares na Alemanha; apoiar projetos conjuntos de pesquisa desenvolvidos por grupos brasileiros e alemães; e incentivar a criação de redes de pesquisa.
6	Probral	Acordo entre a CAPES e o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD). O PROBRAL apoia projetos conjuntos de pesquisa desenvolvidos por grupos brasileiros e alemães vinculados a Instituições de Ensino Superior e/ou Pesquisa, com missões de estudo (doutorado sanduiche) e missões de trabalho, visando aprofundar a cooperação entre pesquisadores e

		educadores de instituições no Brasil e na Alemanha; apoiar projetos conjuntos de pesquisa desenvolvidos por grupos brasileiros e alemães; Incentivar a criação de redes de pesquisa
7	Bragfost	O BRAGFOST (Simpósio Brasil-Alemanha em Fronteiras da Ciência e Tecnologia) é um programa que conta com o apoio da Fundação Alexander von Humboldt. Visa ampliar as ações de apoio à internacionalização da pós-graduação.
8	Programa CAPES/PURDUE de doutorado em agricultura	Acordo entre a CAPES e a Universidade de Yale para mobilidade de estudantes, para doutorado pleno, na área de Agricultura.
9	Programa Brasil-Estados Unidos de modernização da educação superior na graduação (PMG - EUA)	fomentar a formação de líderes que possam contribuir significativamente para a pesquisa no Brasil e no mundo na área relacionada ao Programa; Fortalecer as áreas de conhecimento em consolidação no Brasil; Ampliar o acesso de pesquisadores de alto nível com experiência na área prioritária do Edital a Centros internacionais de excelência; Ampliar o nível de colaboração e de publicações conjuntas entre pesquisadores que atuam no Brasil e no exterior; e Proporcionar maior visibilidade internacional à produção científica, tecnológica e cultural brasileira.
10	Programa CAPES – Fulbright de Doutorado Pleno nos EUA	Acordo entre a CAPES e a Fulbright, para mobilidade de estudantes, em doutorado pleno, para propostas de pesquisa, que não possam ser realizadas total ou parcialmente no Brasil, em universidades de excelência dos EUA (*Carnegie List),* visando formar recursos humanos de alto nível nos EUA, como alternativa complementar às possibilidades ofertadas pela pós-graduação no Brasil. 20 bolsistas por edital (2019, 2020) para formação em Doutorado Pleno em Universidades Americanas da relação "*The Carnegie Classification* - categoria *Doctoral Universities: Highest Research Activity* (R1)" nas áreas de: Ciências Exatas e da Terra; Ciências Biológicas; Engenharias; Ciências da Saúde; Ciências Agrárias; Ciências Sociais Aplicadas; Ciências Humanas; e Linguística, Letras e Artes
11	Programa *Master of Fine Arts (MFA) in Screenwring* - Mestrado Profissional de Formação de Roteiristas nos Estados Unidos da América (EUA)	Acordo entre a CAPES e a Fulbright, para mobilidade de estudantes de Mestrado Profissional de Formação de Roteiristas nos EUA, visando fomentar a qualificação técnica e especializada na área prioritária de formação de roteirista para produção cinematográfica. O apoio financeiro se dá por bolsas no exterior na modalidade Mestrado Pleno, com duração de até vinte e um meses.
12	Programa CAPES/Brafagri	Cooperação entre a CAPES e o CDEFI para projetos conjuntos de pesquisa universitárias nas áreas de ciências agronômicas, agroalimentares e veterinária, disciplinas correlatas, exclusivamente em nível de graduação, para fomentar o intercâmbio em ambos os países e estimular a aproximação das estruturas curriculares, inclusive a equivalência e o reconhecimento mútuo de créditos obtidos nas instituições participantes.
13	Programa CAPES/Cofecub - Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil	O Programa fomenta projetos conjuntos de pesquisa entre Instituições de Ensino Superior e institutos ou centros de pesquisa e desenvolvimento públicos brasileiros e franceses, visando apoiar financeiramente projetos conjuntos de pesquisa entre o Brasil e a França em todas as áreas do conhecimento Missões de Trabalho, Bolsas (Doutorado Sanduíche e Pós-doc) e

		Custeio, durante a vigência de até quatro anos dos projetos aprovados em editais
14	Programa CAPES/Brafitec	Cooperação entre a CAPES e o CDEFI (*Conférence des Directeurs des Ecoles Françaises d'Ingénieurs*) para projetos conjuntos de pesquisa universitárias nas áreas de engenharias, disciplinas correlatas, exclusivamente em nível de graduação, para fomentar o intercâmbio em ambos os países e estimular a aproximação das estruturas curriculares, inclusive a equivalência e o reconhecimento mútuo de créditos obtidos nas instituições participantes e para fomentar parcerias universitárias (projetos bilaterais de pesquisa com concessão de bolsas de graduação-sanduíche vinculadas aos projetos na área de engenharia
15	Programa Move La América	Promover a internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, fortalecendo a cooperação acadêmica, a produção científica e a visibilidade internacional por meio da oferta de cotas institucionais para bolsas de estágio em pesquisa de doutorado no Brasil, de forma a complementar os esforços de internacionalização das IES brasileiras por meio da atração de discentes estrangeiros, permitindo o fortalecimento dos PPGs e a criação de um ambiente institucional internacional.
16	Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG)	Protocolo entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Ministério das Relações Exteriores (MRE) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento, Científico e Tecnológico (CNPq), em 5 de maio de 2006, para a concessão de bolsas de doutorado pleno, em IES brasileiras, a professores universitários, pesquisadores, profissionais e graduados do ensino superior dos países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém Acordo de Cooperação Educacional, Cultural ou de Ciência e Tecnologia visando o aumento de qualificação necessária para que o estudante possa contribuir para o desenvolvimento de seu país
17	Programa CAPES MATH-AMSUD	Programa de cooperação regional em que França, Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela, implementam projetos conjuntos, a fim de promover e fortalecer a colaboração e a criação de redes de investigação e desenvolvimento no campo da matemática. Os projetos aprovados têm uma duração de dois anos e envolvem pelo menos dois países da região sul-americana e uma ou mais equipe(s) de cientistas franceses.
18	Programa CAPES STIC-AMSUD	Programa de cooperação regional em ciência e tecnologia em que França, Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela participam. O objetivo do programa é implementar projetos conjuntos, a fim de promover e fortalecer a colaboração e a criação de redes de investigação e desenvolvimento no domínio das tecnologias de informação e comunicação (TIC). Os projetos aprovados têm uma duração de dois anos e envolvem pelo menos dois países da região sul-americana e uma ou mais equipe(s) de cientistas franceses.
19	Programa CAPES CLIMAT/AMSUD	Programa de cooperação regional em mudanças climáticas em que França, Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Chile, Paraguai, Peru e Uruguai. participam. O objetivo do programa é implementar projetos conjuntos, a fim de promover e fortalecer a colaboração e a criação de redes de investigação e desenvolvimento nas áreas de vairação e mudanças climáticas. Os projetos aprovados têm uma duração de dois anos e envolvem

		pelo menos dois países da região sul-americana e uma ou mais equipe(s) de cientistas franceses
20	Programa Leitorado Guimarães Rosa	O Programa Leitorado financia professores interessados em divulgar a cultura brasileira em instituições universitárias estrangeiras. As vagas para leitor, função regulamentada pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE) desde 1999, é uma parceria da CAPES com o MRE.
21	Programa de Doutorado-Sanduíche no Exterior (PDSE)	Apoiar a formação de recursos humanos de alto nível por meio da concessão de bolsas de doutorado sanduíche no exterior aos cursos de Doutorado reconhecidos pela CAPES.
22	Programa COOPBRAS	Contempla projetos conjuntos de pesquisa no âmbito do Programa de Cooperação Científica Estratégica com o Sul Global / COOPBRASS, para fomentar o intercâmbio científico e a mobilidade acadêmica entre Instituições de Ensino Superior (IES) ou Instituições Científicas, Tecnológicas e de Inovação (ICT) brasileiras, sejam públicas ou privadas sem fins lucrativos, que possuam programas de pós-graduação em nível de doutorado com nota igual ou superior a quatro na Avaliação Quadrienal e Instituições similares sediadas em países em desenvolvimento com o qual o Brasil mantenha Acordo ou Memorando de Entendimento na área de Cooperação Educacional, Cultural ou de Ciência e Tecnologia.
23	Cátedra Brasil na Universidade de Tübingen	Aprofundar a cooperação acadêmica entre Instituições de Ensino Superior e centros de pesquisa brasileiros e alemães, aumentar o conhecimento na instituição anfitriã sobre as contribuições de notáveis pesquisadores e educadores do Brasil, especialistas nas áreas de conhecimento prioritárias do Programa. Incentivar a criação de novas parcerias, consolidação de uma rede internacional de pesquisa, ampliar o acesso de pesquisadores e docentes brasileiros de alto nível a centros alemães de excelência. Proporcionar maior visibilidade à produção científica, tecnológica e cultural de professores e pesquisadores de alto nível brasileiros. Ampliar o nível de colaboração e de publicações conjuntas entre pesquisadores que atuam no Brasil e no exterior, por meio do fomento a execução de atividades conjuntas.
24	Cátedra Brasil na Universidade de Salamanca	Avançar no desenvolvimento de ações conjuntas que promovam a integração efetiva nas atividades de pesquisa e ensino das universidades brasileiras e da Universidade de Salamanca. Tal Acordo incorpora a estratégia da Universidade de Salamanca de promover a cooperação entre a Espanha e o Brasil nas áreas de ensino e pesquisa, e também de aprimorar o conhecimento sobre o Brasil na Espanha.
25	Cátedra Brasil na Universidade de King´s College	Avançar no desenvolvimento de ações conjuntas que promovam a integração efetiva nas atividades de pesquisa e ensino das universidades brasileiras e da Universidade de King´s College. Tal Acordo incorpora a estratégia da Universidade de King´s College de promover a cooperação entre o Reino Unido e o Brasil nas áreas de ensino e pesquisa, e também de aprimorar o conhecimento sobre o Brasil no Reino Unido.
26	Programa CAPES/Cátedra Chico Mendes (Universidade de Birmingham)	Tem como objetivo o intercâmbio de alunos de pós-graduação, especificamente doutorandos sanduíche e pós-doutorandos na Universidade de Birmingham nas áreas de Ciências Ambientais, Mudanças Climáticas, Ecossistemas, Sustentabilidade, Sociedades e Meio Ambiente, além de outras que haja interesse

		comum entre ambas as Partes, para fomentar a pesquisa e a formação de recursos humanos de alto nível.
27	Acordo entre a Capes e a AUGM	Visa estabelecer o Programa CAPES/AUGM, destinado a apoiar projetos conjuntos de pesquisa com mobilidade acadêmica entre Instituições de Ensino Superior brasileiras e universidades membros ou vinculadas à AUGM, apoiando a execução das atividades necessárias para a seleção e implementação de projetos conjuntos de pesquisa com mobilidade acadêmica.
28	Programa Abdias Nascimento	Destina-se à formação e capacitação de estudantes autodeclarados pretos, pardos, indígenas e estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, com elevada qualificação em universidades, instituições de educação profissional e tecnológica e centros de pesquisa no Brasil e no exterior.
29	Programa Caminhos Amefricanos	Programa de Intercâmbios Sul-Sul - Edição Moçambique, desenvolvido em parceria com o Ministério da Igualdade Racial (MIR) tem por finalidade de estimular e promover a socialização de conhecimentos, de experiências e de políticas públicas que contribuam com o combate e a superação do racismo no Brasil e para a Educação das Relações Étnico-Raciais, viabilizando a implementação de ações de intercâmbio internacional de curta duração.
30	Programa de Desenvolvimento de Profissionais da Educação Básica na Irlanda	Programa conjunto entre a Diretoria de Relações Internacionais – DRI e a Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica – DEB. A iniciativa é parte do Programa de Desenvolvimento Continuado (CPB), parceria entre a CAPES e o Mary Immaculate College e prevê a submissão de propostas por meio do Sistema de Inscrições da CAPES (SICAPES), cujo aspecto técnico-documental será analisado pela selecionar até 28 profissionais da educação que atuem na rede pública de educação básica para realizarem curso de pós-graduação (lato sensu) em liderança e gestão educacional oferecido pelo Mary Immaculate College - MIC, na cidade de Limerick, Irlanda.
31	Programa de Desenvolvimento Profissional para Professores de Língua Inglesa nos Estados Unidos (PDPI)	Programa conjunto entre a Diretoria de Relações Internacionais – DRI e a Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica – DEB, em parceria com a Embaixada dos Estados Unidos da América no Brasil e com a Comissão Fulbright. A iniciativa oferece curso intensivo em universidade nos Estados Unidos, com atividades acadêmicas e culturais, para professores de língua inglesa em efetivo exercício nas escolas públicas de educação básica
32	Programa de Redução de Assimetrias da Pós-Graduação (PRAPG)	Visa redução das assimetrias identificadas no Sistema Nacional da Pós-Graduação e por atender ao disposto no inciso II, do art. 4º da Portaria nº 34, de 9 de março de 2020 por meio do financiamento de até 100 projetos, nas seguintes modalidades: Professor Visitante no Exterior Sênior, com vigência de 3 a 12 meses, Professor Visitante no Exterior Júnior, com vigência de 3 a 12 meses e Professor Visitante no Brasil, com vigência até 12 meses.
33	Assinatura do Acordo de Cooperação entre a CAPES e Ministério de Educação Superior da República de CUBA (MES-CUBA)	Avançar no desenvolvimento de ações conjuntas que se enquadrem no Programa CAPES/MES-CUBA Docentes que promove o intercâmbio de alunos de pós-graduação, especificamente doutorandos sanduíche e pós-doutorandos e também no Programa CAPES/MES-CUBA Projetos que prevê o apoio de projetos conjuntos de pesquisa por edital em áreas do

		conhecimento, relevantes para a comunidade científica de ambos os países.
34	Programa CAPES/Fulbright - English Teaching Assistant (ETA) para Projetos Institucionais)	Acordo entre a CAPES e a Fulbright, para selecionar projetos de Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, com alocação de assistentes de ensino de língua inglesa (cidadão estadunidense – falante nativo), em cursos de bacharelado e/ou licenciatura em Letras, Língua Inglesa.
35	Política de Novação para Bolsistas e Ex-Bolsistas no Exterior	Tem como objetivo selecionar propostas de bolsistas e ex-bolsistas, com o intuito de regularizar a obrigação de retorno ao Brasil e de permanência por um período equivalente ao da bolsa recebida no exterior.
36	Programa Redes para Internacionalização Institucional (CAPES-Global.Edu)	Tem como finalidade fomentar a criação de redes de cooperação entre instituições nacionais com estágios de internacionalização diversos para promover, por meio da cooperação internacional, o desenvolvimento de atividades estratégicas de pesquisa e pós-graduação dos participantes.

Fonte: CAPES (2025).

APÊNDICE E – VAGAS OFERTADAS PELA UFC AO PROGRAMA MOVE LA AMÉRICA

Nº	Área	Grau Acadêmico	Nome do Programa	Vagas Ofertadas	Línguas aceitas
1	Astronomia / Física	Doutorado	Física	2	Espanhol e inglês
2	Astronomia / Física	Mestrado	Física	1	Espanhol e inglês
3	Biodiversidade	Doutorado	Sistemática, Uso e Conservação da Biodiversidade (Ppg-Sis)	1	Espanhol, português e inglês
4	Biodiversidade	Mestrado	Sistemática, Uso e Conservação da Biodiversidade (Ppg-Sis)	1	Espanhol, português e inglês
5	Biotecnologia	Mestrado	Biotecnologia	1	Português e inglês
6	Biotecnologia	Mestrado	Biotecnologia de Recursos Naturais	2	Espanhol, português e inglês
7	Ciência da Computação	Doutorado	Ciência da Computação	1	Português, inglês, espanhol
8	Ciências Agrárias	Doutorado	Ciências do Solo	1	Inglês e espanhol
9	Ciências Agrárias	Doutorado	Engenharia Agrícola	2	Português, inglês, espanhol
10	Ciências Agrárias	Mestrado	Engenharia Agrícola	2	Português, inglês, espanhol
11	Ciências Agrárias	Mestrado	Ciências do Solo	1	Inglês e espanhol
12	Ciências Ambientais	Doutorado	Ciências Marinhas Tropicais	6	Inglês e espanhol
13	Ciências Ambientais	Mestrado	Ciências Marinhas Tropicais	10	Inglês e espanhol
14	Ciências Biológicas II	Mestrado	Bioquímica	2	Português, espanhol ou inglês
15	Ciências Biológicas II	Doutorado	Ciências Morfofuncionais	4	Português e espanhol
16	Ciências Biológicas II	Doutorado	Bioquímica	6	Inglês e espanhol
17	Ciências Biológicas II	Mestrado	Ciências Morfofuncionais	8	Português e espanhol
18	Ciências Biológicas II	Doutorado	Farmacologia	2	Espanhol
19	Ciências Biológicas II	Doutorado	Microbiologia Médica	2	Espanhol e inglês
20	Comunicação e Informação	Mestrado	Ciência da Informação	4	Inglês, francês, espanhol, alemão e italiano
21	Comunicação e Informação	Doutorado	Comunicação	5	Português e espanhol
22	Comunicação e Informação	Mestrado	Comunicação	4	Português e espanhol
23	Economia	Mestrado	Economia Rural	1	Inglês e espanhol

24	Educação Física	Mestrado Profisisonal	PROEF - Educação Física em Rede Naciona	3	Inglês, francês e espanhol
25	Educação Física	Mestrado	Fisioterapia e Funcionalidade	7	Inglês, espanhol e Português
26	Enfermagem	Doutorado	Enfermagem	10	Espanhol
27	Enfermagem	Mestrado	Enfermagem	10	Espanhol
28	Engenharias I	Mestrado	Engenharia Civil: Estruturas E Construção Civil	3	Português, inglês e espanhol
29	Engenharias I	Mestrado	Engenharia Civil	3	Inglês, espanhol, italiano
30	Engenharias I	Doutorado	Engenharia de Transportes	1	Espanhol e inglês
31	Engenharias I	Mestrado	Engenharia de Transportes	1	Espanhol e inglês
32	Engenharias II	Mestrado	Engenharia Química	2	Espanhol e inglês
33	Engenharias II	Doutorado	Engenharia Química	4	Espanhol e inglês
34	Engenharias III	Mestrado	Engenharia Mecânica	5	Espanhol e inglês
35	Engenharias IV	Mestrado	Engenharia de Teleinformática	2	Inglês e português
36	Engenharias IV	Doutorado	Engenharia de Teleinformática	2	Inglês e português
37	Ensino	Doutorado	Rede Nordeste de Ensino - RENOEN	2	Espanhol e português
38	Farmácia	Doutorado	Desenvolvimento e Inovação Tecnológica em Medicamentos	7	Espanhol
39	Farmácia	Doutorado	Ciências Farmacêuticas	6	Português, espanhol e inglês
40	Farmácia	Mestrado	Ciências Farmacêuticas	5	Português, espanhol e inglês
41	Filosofia	Doutorado	Filosofia	2	Inglês, espanhol e francês
42	Geociências	Mestrado	Geologia	3	Espanhol, inglês, francês e libras
43	Geociências	Doutorado	Geologia	3	Espanhol, inglês, francês e libras
44	Geografia	Doutorado	Geografia	2	Português, espanhol e frances
45	Geografia	Mestrado	Geografia	2	Português, espanhol e frances
46	História	Mestrado	História	2	Espanhol, francês ou inglês.
47	História	Doutorado	História	2	Espanhol, francês ou inglês.
48	Interdisciplinar	Mestrado	Avaliação de Políticas Públicas - Ppgapp	5	Espanhol
49	Interdisciplinar	Mestrado	Gastronomia	3	Espanhol e português

50	Interdisciplinar	Mestrado	Modelagem e Métodos Quantitativos	7	Português, inglês, espanhol
51	Linguística e Literatura	Mestrado	Estudos Da Tradução	5	Português, espanhol, italiano, inglês, francês
52	Linguística e Literatura	Doutorado	Letras	1	Espanhol; inglês; italiano
53	Linguística e Literatura	Mestrado	Letras	1	Espanhol; inglês; italiano
54	Linguística e Literatura	Doutorado	Linguística	2	Espanhol e português
55	Linguística e Literatura	Mestrado	Linguística	1	Espanhol e português
56	Linguística e Literatura	Doutorado	Estudos Da Tradução	5	Português, espanhol, italiano, inglês, francês
57	Matemática / Probabilidade e Estatística	Mestrado	Matemática	1	Inglês e português
58	Matemática / Probabilidade e Estatística	Doutorado	Matemática	1	Inglês e português
59	Materiais	Mestrado	Engenharia e Ciência de Materiais	10	Inglês e espanhol
60	Materiais	Doutorado	Engenharia e Ciência de Materiais	10	Inglês e espanhol
61	Odontologia	Mestrado	Odontologia	1	Inglês e português
62	Odontologia	Doutorado	Odontologia	2	Espanhol e inglês
63	Psicologia	Doutorado	Psicologia	2	Espanhole Português
64	Saúde Coletiva	Mestrado Profissional	Saúde da Família	8	Espanhol
65	Saúde Coletiva	Doutorado Profissional	Saúde da Família	4	Espanhol
66	Saúde Coletiva	Mestrado	Saúde Pública	5	Espanhol e inglês
67	Saúde Coletiva	Doutorado	Saúde Pública	4	Espanhol e inglês
68	Saúde Coletiva	Mestrado	Saúde da Família	1	Espanhol
69	Zootecnia/Recursos Pesqueiros	Doutorado	Engenharia de Pesca	1	Português, espanhol e Inglês
70	Zootecnia/Recursos Pesqueiros	Mestrado	Engenharia de Pesca	2	Português, espanhol e Inglês
Total de vagas ofertadas				**240**	

Fonte: Anexo I - Edital nº 07/2024 - Lista de vagas disponíveis por Instituição brasileira - Programa Move la America

APÊNDICE F - EQUIPAMENTOS INSTITUCIONAIS VOLTADOS À INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFC ATÉ 2025

	Descrição
Pró-Reitoria de Inovação e Relações Interinstitucionais (PROINTER)	A PROINTER é a unidade responsável por promover e coordenar as relações da UFC com instituições estrangeiras de educação, ciência e cultura, pelo suporte à execução de convênios e acordos internacionais, e, desde meados de 2019, pela articulação de esforços que fomentem o empreendedorismo e a inovação no âmbito institucional.
Casas de Cultura Estrangeiras	As Casas de Cultura Estrangeira foram criadas na década de 1960 e têm como finalidade promover a difusão de conhecimentos e a divulgação dos valores artísticos e culturais, bem como a internacionalização da instituição. Atualmente, são vinculadas ao Centro de Humanidades e funcionam como um projeto de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão, desenvolvendo ações junto à comunidade sob a forma de programas, projetos, cursos e eventos.
Instituto Confúcio	O Instituto Confúcio é uma instituição educacional sem fins lucrativos, vinculado ao Ministério da Educação da China, instalado na UFC em 2018 a partir de um convênio entre a UFC e a Sede Central do Instituto Confúcio (Hanban), em parceria com a Universidade de Nankai, em Tianjin-China. Tem como objetivos apoiar e promover o ensino da língua e cultura chinesas, assim como melhorar a compreensão bilateral e a amizade entre os povos, intensificar a cooperação e intercâmbio na área educacional e cultural, desenvolver as relações amigáveis entre a China e os países estrangeiros e estimular a multiculturalidade. Foi instalado na UFC em 2019, como resultado de um Acordo de Cooperação entre a UFC e a Universidade de Nankai, na China, celebrado em 2018.
Education USA	O *Education USA* é uma rede global de Centros de Orientação do Departamento de Estado Americano, que tem como missão promover o ensino superior dos Estados Unidos oferecendo informações sobre graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado, cursos de extensão, cursos de pequena duração, parcerias entre universidades brasileiras e universidades americanas. Foi instalado na UFC em 2022 como resultado de uma Acordo de Cooperação com a Embaixada dos Estados Unidos no Brasil.
Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD)	O DAAD é uma organização de fomento ao intercâmbio de estudantes, professores e pesquisadores, constituída por 241 instituições de ensino superior e 104 representações estudantis da Alemanha. Além de uma rede de professores

	visitantes (*Lektoren*) em diversas universidades federais brasileiras, o DAAD possui um escritório regional no Rio de Janeiro, um de atendimento em São Paulo e uma representação na Universidade Federal do Ceará (UFC), inaugurado em maio de 2025.
Programa de Apoio à Internacionalização (PAI)	O PAI consiste um programa que auxilia os estudantes estrangeiros em mobilidade acadêmica internacional em questões burocráticas, como emissão de documentos e realização da matrícula na universidade; e interpessoais, como a recepção no Brasil, a apresentação da universidade e da cidade. As ações são desenvolvidas pela equipe PROINTER e pelos bolsistas do Projeto. As atividades fomentam a troca cultural simultânea entre estudantes de variadas nacionalidades e representam grande impulso à internacionalização da UFC. O PAI iniciou como um projeto de extensão criado em 2011 e foi institucionalizado em 2023, ficando sob responsabilidade da PROINTER.
Programa Idioma sem Fronteiras (IsF)	O Programa IsF foi criado pelo Ministério da Educação (MEC) em 2012 como desdobramento do Programa CsF a fim de promover ações em prol de uma política linguística para a internacionalização da educação superior, envolvendo tanto a formação de professores, quanto à capacitação em língua estrangeira. As ações do Idioma sem Fronteiras são coordenadas pelo Centro de Humanidades da UFC.

Fonte: Elaboração própria (2025).

APÊNDICE G – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Eixo 1: Trajetórias pessoais e experiências com ações de internacionalização

1. Você poderia falar sobre sua formação acadêmica, especificamente sobre sua área de conhecimento?
2. Conte-me sobre sua trajetória profissional (antes da UFC e na UFC).
3. Relate-me sobre suas experiências com ações de internacionalização (antes da UFC e na UFC).
4. O que o motivou a viver essa experiência?
5. Como essa experiência contribuiu para sua formação?

Eixo 2: Percepções sobre a internacionalização na universidade?

6. Para você, qual o papel da universidade no atual contexto social, político e econômico?
7. Dentro desse papel, o que significa internacionalizar a universidade?
8. Na sua percepção, quais as principais motivações e interesses que envolvem os acadêmicos e a instituição na internacionalização de uma universidade?
9. Na sua opinião, quais países ou regiões, em nível global, deveriam ser o foco das políticas e ações de internacionalização das universidades?
10. Especificamente na sua área de pesquisa/de conhecimento, como você vê a importância da internacionalização?
11. Qual sua percepção sobre a atual política de internacional dos órgãos de fomento (CAPES, CNPq etc). Você percebe alguma diferença em relação aos anos anteriores?

Eixo 3: O processo de internacionalização da Universidade

12. Como você percebe a atuação da UFC nos níveis global, nacional e regional? Observa alguma diferença em relação aos anos anteriores?
13. Em relação à UFC, como você compreende o papel da internacionalização na universidade atualmente? Você observa alguma mudança em relação a anos anteriores? Em que sentido?
14. Ao longo da sua trajetória na UFC, qual momento ou ação estratégica você considera que merece destaque no que se refere ao processo de internacionalização da UFC? Como isso afetou o seu departamento ou área de atuação, seu tema de pesquisa?
15. No seu entendimento, quais os desafios que a UFC enfrenta hoje em seu processo de internacionalização?